



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ARAGUAÍNA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA E LITERATURA -
PPGLLIT**

FRANCISCA VERONICA FEITOSA ANDRADE

**ENTRE CONTADORES DE HISTÓRIA TRADICIONAIS E CONTEMPORÂNEOS:
MEMÓRIAS, NARRATIVAS, AQUISIÇÃO DE SABERES E PERFORMANCES**

Araguaína/TO
2023

**ENTRE CONTADORES DE HISTÓRIA TRADICIONAIS E CONTEMPORÂNEOS:
MEMÓRIAS, NARRATIVAS, AQUISIÇÃO DE SABERES E PERFORMANCES**

FRANCISCA VERONICA FEITOSA ANDRADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura – PPGLIT, da Universidade Federal do Norte do Tocantins como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística e Literatura.

Orientadora: Dra. Luiza Helena Oliveira da Silva
Coorientadora: Dra. Naiane Vieira dos Reis Silva.

Araguaína/TO

2023

FRANCISCA VERONICA FEITOSA ANDRADE

**ENTRE CONTADORES DE HISTÓRIA TRADICIONAIS E CONTEMPORÂNEOS:
MEMÓRIAS, NARRATIVAS, AQUISIÇÃO DE SABERES E PERFORMANCES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura – PPGLIT, da Universidade Federal do Norte do Tocantins. Foi avaliada para a obtenção de título de Mestra em Linguística e Literatura e aprovada em sua forma final pelo orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 28 de fevereiro de 2023.

Banca Examinadora:



Documento assinado digitalmente
LUIZA HELENA OLIVEIRA DA SILVA
Data: 01/03/2023 11:41:34-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Profa. Dra. Luiza Helena Oliveira da Silva (UFNT)



Documento assinado digitalmente
NAIANE VIEIRA DOS REIS SILVA
Data: 01/03/2023 11:47:17-0300
Verifique em <https://verificador.iti.br>

Profa. Dra. Naiane Vieira dos Reis Silva (IFMA)

Profa. Dra. Eliane Pereira Machado Soares (UNIFESSPA)

Profa. Dra. Eliane Aparecida Miqueletti (UFGD)

Prof. Dr. Wallace Rodrigues (UFNT)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- A553e Andrade, Francisca Verônica Feitosa.
Entre contadores de história tradicionais e contemporâneos: memórias,
narrativas, aquisição de saberes e performances. / Francisca Verônica Feitosa
Andrade. – Araguaína, TO, 2023.
299 f.
- Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins
– Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Pós-Graduação (Mestrado)
em Letras Ensino de Língua e Literatura, 2023.
Orientadora : Luza Helena Oliveira da Silva
Coorientadora : Naiane Vieira dos Reis Silva
1. Contação de história. 2. Memória. 3. Semiótica discursiva. 4. Narrativa.
I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer
forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte.
A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184
do Código Penal.

**Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os
dados fornecidos pelo(a) autor(a).**

*À minha mãe, Maria Dalila Giló Feitosa,
que me ensinou os primeiros passos,
ensinou sobre afetos,
ensinou a contemplar a lua e suas fases,
ver São Jorge e seu dragão;
contou-me histórias fabulosas.
A ela, todo meu carinho, amor e gratidão.
Mesmo estando em outra dimensão, acolhe-me e diz:
Força, fé e não desista nunca!*

A História das histórias

“Há muito tempo atrás, as pessoas não tinham nenhuma história. À noite, as crianças sentavam-se em torno das fogueiras, chegavam para os velhos e pediam: – Conta-nos uma história!”

Mas eles não podiam contar.

– As histórias – diziam – pertencem todas a Nyame, o Deus do Céu, e ele as guarda no seu baú de ouro, ao lado do seu trono dourado.

Um dia, Ananse, o tecelão da aldeia, decidiu que iria subir até o céu para negociar as histórias. Então, ele levantou cedo e teceu uma teia imensa de prata, que se estendia até o céu, e por ela subiu.

Ao chegar ao céu, Ananse falou a Nyame, que desejava comprar suas histórias. Ao ouvir aquilo Nyame riu muito de Ananse, falando em seguida:

– O preço das minhas histórias, é que você me traga Osebo, o leopardo de dentes terríveis, Mmboro, os marimbondos que picam como fogo e Moatia, a fada que nenhum homem viu.

Nyame imaginava, que desta forma, faria Ananse desistir da ideia, mas Ananse apenas respondeu:

-Pagarei seu preço com prazer, ainda lhe trago Ianysíá, minha velha mãe, a sexta filha de minha avó.

Outra vez o Deus do Céu riu muito e respondeu:

-Ora Ananse, como pode um velho fraco como você, tão pequeno, pagar meu preço?

Desta vez, Ananse não respondeu, virou-se e desceu pela sua teia de prata que ia do chão até o céu. Foi pegar as coisas que Nyame exigia. Correndo por toda selva, finalmente encontrou Osebo, o leopardo de dentes terríveis. Que falou assim quando percebeu sua chegada:

-Ah, Ananse! Você chegou na hora certa para ser o meu almoço.

-O que tiver de ser será. – disse Ananse, que continuando ainda disse:

– Mas primeiro vamos brincar de jogo de amarrar?

Osebo que adorava jogos e brincadeiras, logo se interessou.

– Mas como se joga este jogo?

– Com cipós, eu amarro você pelo pé com o cipó, depois desamarro, aí, é a sua vez de me amarrar. Ganha aquele que amarrar e desamarrear mais depressa. – disse Ananse, respondendo a pergunta do leopardo.

– Muito bem, rosnou o leopardo já planejando devorar o Homem Aranha assim que o amarrasse.

Ananse, então, rapidamente amarrou Osebo pelo pé, e quando o leopardo estava bem preso, pendurou-o amarrado a uma árvore dizendo:

– Agora Osebo, você está pronto para encontrar Nyame.

Ananse cortou uma folha de bananeira, enchendo uma cabaça com água e atravessou o mato até a casa de Mmboro. Ao chegar, colocou a folha de bananeira sobre sua cabeça, derramando um pouco da água sobre si, e o resto sobre a casa de Mmboro dizendo:

– Está chovendo, chovendo, chovendo, vocês não gostariam de entrar na minha cabaça para que a chuva não estrague suas asas?

– Muito obrigado! Zumbiram os marimbondos entrando dentro da cabaça do Homem Aranha, que a tapou rapidamente. Após prender Mmboro na cabaça, ele a pendurou
mesma árvore que prendera Osebo, bem ao lado do leopardo dizendo:

– Agora Mmboro, você está pronto para encontrar Nyame.

Depois, foi esculpir uma boneca de madeira, cobrindo-a de cola, da cabeça aos pés, foi e a colocou aos pés de um flamboyant onde as fadas costumam dançar. À sua frente, colocou uma tigela de inhame assado, amarrando um cipó em sua cabeça, e foi se esconder em um arbusto próximo, onde esperando, segurava a outra extremidade do cipó. Passados alguns minutos chegou Moatia, a fada que nenhum homem viu, o último item pedido por Nyame. Ela veio dançando de uma forma que só as fadas africanas sabem dançar, indo até os pés do flamboyant. Lá, ela avistou a boneca e a tigela de inhame e disse:

– Bebê de borracha. Estou com muita fome, poderia me dar um pouco do seu inhame?

Ananse puxou o cipó de forma que parecesse que a boneca sinalizava um sim com a cabeça, com o sinal de aprovação, Moatia comeu todo inhame, agradecendo após o banquete.

– Bebê de borracha, muito obrigada.

Mas a boneca não respondeu. A ausência de resposta deixou Moatia brava, que em tom de ameaça falou:

– *Bebê de borracha, se você não me responder, eu, eu vou te bater.*

E como a boneca continuo parada, já que Ananse não puxara o cipó, Moatia deu-lhe um tapa na boneca, ficando com a sua mão presa na bochecha cheia de cola. O que só serviu para aumentar a irritação da fada, que novamente ameaça

– *Bebê de borracha, se você continuar a não me responder, eu vou lhe dar outro tapa.*

Como Ananse continuava sem mexer o cipó, a boneca continuo parada. Moatia deu-lhe um outro tapa, ficando agora com as duas mãos presas. Mais irritada ainda, a fada tentou se livrar com os pés, que também ficaram presos. Ananse então saiu de trás do arbusto, carregou a fada até a árvore onde se encontravam presos Osebo e Mmboro e disse:

– *Moatia, você está pronta para encontrar Nyame.*

Após deixar Osebo, Mmboro e Moatia, Ananse foi até a casa de Ianysia, sua mãe, sexta filha de sua avó. Ao chegar, olhou para sua mãe e disse:

– *Ianysia, venha comigo, irei te dar a Nyame em troca de suas histórias.*

Ananse começou a tecer uma imensa teia de prata em volta do leopardo, dos marimbondos e de Moatia, depois uma outra teia, que ia do chão até o céu, quando terminou, subiu por ela carregando seus tesouros. Caminhou até os pés do trono de Nyame e o saudou:

– *Nyame! Aqui está o preço que você pediu por suas histórias, Osebo, o leopardo de dentes terríveis, Mmboro, os marimbondos que picam como fogo e Moatia, a fada que nenhum homem viu. E como prometido, ainda lhe trouxe Ianysia, minha velha mãe, sexta filha e minha avó.*

Nyame ficou maravilhado, quase não acreditando no que via. Chamou todos de sua corte dizendo:

– *O pequeno Ananse, trouxe o preço que peço por minhas histórias, de hoje em diante, e para sempre, elas passam a pertencer a Ananse e serão chamadas de histórias do Homem Aranha! Cantem em seu louvor!*

Ananse, ficou maravilhado, desceu por sua teia de prata carregando o baú das histórias de Nyame, histórias que ele conquistara e passavam a ser suas. Chegando em sua aldeia, o Homem Aranha abriu o seu baú, e desta forma as histórias se espalharam pelos quatro cantos do mundo.

Narrativa do povo Ashanti, Gana, África Ocidental (PRESTES, 2013, p. 3 -12)

AGRADECIMENTOS

Aqui trago a minha gratidão a todos aqueles que compartilharam comigo o precioso tempo durante a minha formação pessoal, profissional e acadêmica. Para isso não serei breve, pois tenho aqui a oportunidade de dizer das pessoas queridas que de maneira muito especial estiveram presentes e incluídas neste processo que muitas vezes foi doce, mas, também, levemente amargo.

Pensando assim, meu agradecimento primeiro é a Cristo, por Ele e para Ele todas as coisas, sem quais eu não estaria realizando este sonho nutri ainda na adolescência. Como diz o conto popular: “Viva a Deus e nada mais, quando Deus não quer, ninguém nada faz!”

À Professora Dra. Luiza Helena Oliveira da Silva, agradeço pela acolhida e pelo olhar sempre afetuoso e atento comigo. Pela boniteza e o tratamento respeitoso para conduzir a orientação deste trabalho e por me emprestar seu colo e ouvidos para entender meus medos, insegurança e angústias, por me ensinar a namorar meu texto e principalmente por compartilhar comigo a vida. A você Luiza, minha admiração, respeito em acolher minha pesquisa possibilitando discutir sobre os contadores da tradição oral e os contadores contemporâneos.

Aos meus filhos, por serem geniais no amor comigo, fontes de inspiração para tudo que empreendo na vida.

Ao Pedro, agradeço pelas orações, pelo modo como encara a vida, uma fonte inspiradora para continuar e não desistir.

À Sofia, que quase nunca se propôs preparar a comida, nos dias em que eu mais precisei. (Eita, ela vai ficar aborrecida). Mas, por outro lado, soube muito bem pedir um “pix” para comprar comida pronta. Foi uma grande incentivadora para que eu fizesse atividade física e me presenteava com massagens nos pés, para melhorar as tensões do trabalho acadêmico.

À Victória, por ser amiga, companheira de todas as horas, pela paciência comigo, ao chamá-la toda hora para me ajudar na parte tecnológica (Risos).

Ao Araripe Neto, meu amado companheiro, que há quase 30 anos compartilha a vida comigo, muito obrigada, pelas gentilezas em forma de lanches, cafés e massagens relaxantes. Agradeço pelo barulho que fazia em casa, das lives infinitas e em alto tom enquanto eu estudava e escrevia, você me ensinou a escrever no caos (risos).

À Eliane Soares, Eró Cunha, Jô Santos, Karine Melo, Symone Elias, Cláudia Borges, Antonio Aires e Noé Lessas, por ouvi-los e conhecê-los mais profundamente me causou grande alegria e satisfação. Vocês são o coração deste trabalho.

Às queridas Naiane Vieira dos Reis Silva, minha coorientadora, e Érica de Cássia,

amigas que me deram suporte emocional e que por várias vezes me acolheram em forma de companhia, afeto e me mostraram os melhores percursos para que eu desse conta de construir esse documento.

À Rosélia Silva e Priscila Venâncio, que com toda sabedoria, competência e ousadia me deram apoio em momentos em que a lentidão afluía meu corpo e alma. Elas estiveram pensando, refletindo, e costurando comigo as ideias para boniteza do texto.

Ao GESTO – Grupo de Estudos do Sentido, pelos momentos de estudos e conhecimento teórico. Destaco as colegas e amigas Jaciele e Elda Hipólito, com as quais falamos sobre nossas vidas, alegrias, descontentamentos e saberes construídos juntas, resultado de artigos e memórias.

À Secretaria Estadual de Educação do Estado do Tocantins, por me permitir ficar afastada para aperfeiçoamento profissional e aos colegas da Diretoria Regional de Educação, que direta ou indiretamente contribuíram comigo nesta jornada bonita de se ver, sentir e viver.

RESUMO

O presente estudo investiga a trajetória de vida de contadores e contadoras de histórias que residem nas cidades de Araguaína (TO), Marabá (PA) e Imperatriz (MA), com vistas a registrar suas histórias de formação como contadores e experiências com narrativas orais. A pesquisa nasceu de estudos sobre a memória no decorrer do “Seminário de Semiótica e Ensino”, de discussões no âmbito do Grupo de Estudos do Sentido (GESTO) e do Coletivas Raimundas, grupo de mulheres professoras, pesquisadoras e escritoras. Além disso, está ligada às experiências docentes e da atuação da pesquisadora como sujeito da prática de contação de histórias. Como metodologia de geração de dados, foi mobilizada a História Oral, levando em conta tanto os pressupostos teóricos que privilegiam atores sociais das classes populares, como o de registro da memória dos sujeitos e da história a partir de relatos orais. De caráter interdisciplinar, do ponto de vista dos fundamentos teóricos relativos à memória, à prática docente e à contação de história, subsidiam a pesquisa estudos advindos da contação de histórias e da memória. Para a análise dos relatos são mobilizadas categorias da semiótica discursiva, pelo viés dessa abordagem teórica, mobilizando sobretudo categorias relativas à sintaxe narrativa, são analisados os relatos dos e das participantes que narraram suas histórias de vida e foram construindo, para o vivido, sentidos na e pela memória. O *corpus* do trabalho é composto por relatos advindos de oito pessoas entrevistadas, homens e mulheres, maiores de 35 anos, sendo quatro residentes em Araguaína, dois residentes em Imperatriz e dois residentes em Marabá. A geração de dados se deu por meio de entrevistas semiestruturadas realizadas em duas etapas: entrevistas pré-testes e de aprofundamento. O trabalho evidencia a continuidade das práticas ligadas à contação de história, tendo como referência comum para sua formação como contadores (fase da narrativa que corresponde à aquisição da competência demandada pela performance) a experiência com familiares como pais ou avós, não advindo de práticas escolares. Seriam eles, portanto, os destinadores, responsáveis pela doação do saber contar. Com relação a sua performance, estes foram organizados em dois grupos, que denominamos como contadores tradicionais, que reproduzem narrativas da tradição oral e situam seu fazer no espaço mais familiar, e contadores contemporâneos, que incorporam mídias contemporâneas, participam de formação para aprimoramento das técnicas para o ato de contar, usam o ciberespaço como suporte para contar histórias. Esse segundo grupo é constituído em parte por docentes, que empregam a contação de história em sua prática pedagógica como modo de seduzir jovens leitores para uma forma específica de experiência com o literário. O que a pesquisa revela é a forte presença dessa tradição nessa microrregião, ainda que reformatada por estratégias da tecnologia, considerando o encanto que a escuta narrativa exerce sobre os destinatários: espectadores e ouvintes de toda natureza.

Palavras-chaves: contação de história; memória; semiótica discursiva.

ABSTRACT

This study investigates the life trajectory of male and female storytellers who live in the cities of Araguaína (TO), Marabá (PA) and Imperatriz (MA), with a view to recording their training stories as storytellers and experiences with oral narratives. The research was born from studies on memory during the “Seminar on Semiotics and Teaching”, from discussions within the scope of the Grupo de Estudos do Sentido (GESTO) and Coletivas Raimundas, a group of women teachers, researchers and writers. In addition, it is linked to the teaching experiences and the researcher's role as a subject in the practice of storytelling. As a methodology for generating data, Oral History was mobilized, taking into account both the theoretical assumptions that favor social actors from the popular classes, and the recording of the subjects' memory and history from oral reports. Of an interdisciplinary character, from the point of view of the theoretical foundations related to memory, teaching practice and storytelling, studies based on storytelling and memory support the research. For the analysis of the reports, categories of discursive semiotics are mobilized, through the bias of this theoretical approach, mobilizing above all categories related to narrative syntax, the reports of the participants who narrated their life stories and were building meanings in and through memory for the experience are analyzed. The corpus of the work is composed of reports from eight people interviewed, men and women, over 35 years old, four residing in Araguaína, two residing in Imperatriz and two residing in Marabá. Data generation took place through semi-structured interviews carried out in two stages: pre-test and in-depth interviews. The work highlights the continuity of practices linked to storytelling, having as a common reference for their training as storytellers (narrative phase that corresponds to the acquisition of the competence demanded by performance) the experience with family members such as parents or grandparents, not arising from school practices. They would, therefore, be the addressees, responsible for donating the know-how to count. With regard to their performance, they were organized into two groups, which we call traditional storytellers, who reproduce oral tradition narratives and place their work in the most familiar space, and contemporary storytellers, who incorporate contemporary media, participate in training to improve techniques for the act of telling, use cyberspace as a support for storytelling. This second group is partly made up of professors, who use storytelling in their pedagogical practice as a way of seducing young readers to a specific form of experience with literature. What the research reveals is the strong presence of this tradition in this micro-region, even if reformatted by technology strategies, considering the charm that narrative listening exerts on the recipients: spectators and listeners of all kinds.

Keywords: storytelling; memory; discursive semiotics.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Tela: O contador de história, de Eduardo Lima.....	33
Figura 2 - Contação de histórias na Internet.....	46
Figura 3 - Antonio Aires.....	65
Figura 4 - Cláudia Borges.....	66
Figura 5 – Página do Instagram do Baú da Claudinha	67
Figura 6 - Eliane Soares	67
Figura 7 - Eró Cunha	68
Figura 8 - Joaires Maria dos Santos Souza.....	70
Figura 9 – Karine Moreira Melo Souza	71
Figura 10 – Noé Lessas.....	72
Figura 11 – Symone Elias Souza Vieira	72
Figura 12 - Mapa da localidade dos entrevistados.....	76

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Participantes da pesquisa, local e tempo de entrevista.....	60
Quadro 2 – Caracterização dos participantes da pesquisa.....	65

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PPGLLIT	Programa de Pós-Graduação em Linguística e Literatura
UFNT	Universidade Federal do Norte do Tocantins
UFGD	Universidade Federal da Grande Dourados
UNITPAC	Centro Universitário Tocantinense Presidente Antonio Carlos
HO	História Oral
APIB	Articulação dos Povos Indígenas do Brasil
UNIFESSPA	Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 HISTÓRIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS	26
2.1 Os griôs: surgimento, difusão e manutenção da contação de histórias	28
2.2 A arte dos contadores tradicionais.....	32
<i>2.2.1 Antonio e Noé na escola: aspectos dos contadores tradicionais quanto às suas formações escolares.....</i>	<i>34</i>
2.3 A contação de história na cultura indígena.....	37
2.4 As narrativas orais e seu nascedouro no Brasil	39
<i>2.4.1 A Velha Totonha, de José Lins do Rego.....</i>	<i>41</i>
<i>2.4.2 Alexandre, de Graciliano Ramos</i>	<i>42</i>
<i>2.4.3 Joana Xaviel, de João Guimarães Rosa.....</i>	<i>43</i>
<i>2.4.4 Cachorro Velho, de Teresa Cárdenas</i>	<i>43</i>
2.5 O Contador Contemporâneo	45
2.6 Contos e causos	52
3 DOS LUGARES, SUJEITOS E SUJEITAS DA PESQUISA E GERAÇÃO DE DADOS	55
3.1 Elos da memória	59
3.2 A palavra poética do contador (a) de histórias	62
<i>3.2.1 Antonio Aires de Andrade – 92 anos – “Os bichos, eles falavam!”</i>	<i>63</i>
<i>3.2.2 Cláudia Borges – 43 anos – “Gente, as histórias curam, curam e nos conectam uns com os outros”</i>	<i>64</i>
<i>3.2.3 Eliane Pereira Machado Soares – 53 anos – “A gente tá vivendo um avivamento da contação de histórias”</i>	<i>66</i>
<i>3.2.4 Eronilde dos Santos Cunha – 50 anos – “Nossa relação não é social... a nossa relação é racial... nunca ouvi história de negros e negras... nessa minha infância”</i>	<i>67</i>
<i>3.2.5 Joaires Maria dos Santos Souza (Jô Santos) – 44 anos – “Cheguei à conclusão...fazer ser com prazer, a história tem que estar em mim.”</i>	<i>68</i>
<i>3.2.6 Karine Moreira Melo Souza – 35 anos – “eu precisava investir na leitura mesmo...na contação de histórias... muitas vezes eu contava a história de um livro... mas a maior parte do tempo saía daqui ó... ((risos))”</i>	<i>69</i>
<i>3.2.7 Noé Gonçalves Lessas - 100 anos e sete meses – “história de Trancoso...isso é inventada...((risos)) mais ou menos tem uma guia...né um conta... outro conta...”</i>	<i>70</i>

3.2.8 <i>Symone Elias – 44 anos – “Ah, eu gosto de contar histórias dos livros”</i>	71
3.3 Mulheres: do silêncio à arte de contar	72
3.4 Lócus da pesquisa e seus contadores de histórias	74
3.4.1 <i>Araguaína – TO</i>	75
3.4.2 <i>Marabá – PA</i>	77
3.4.3 <i>Imperatriz - MA</i>	78
4 PRODUÇÃO DE SENTIDOS NAS EXPERIÊNCIAS DE VIVER E DE CONTAR...	81
4.1. Percurso gerativo do sentido	82
4.1.1 <i>Transformações na narratividade: relação sujeito-objeto</i>	83
4.1.2 <i>A sintaxe narrativa: enunciados e as fases da narrativa</i>	85
4.2 Fases das narrativas dos contadores tradicionais	87
4.3 Contadoras contemporâneas	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS	Erro! Indicador não definido.1
REFERÊNCIAS	1145
APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTAS	1189
APÊNDICE B - ENTREVISTAS COM CONTADORES TRADICIONAIS E	
CONTEMPORÂNEOS	1212
Entrevista com Antonio Aires de Andrade	1214
Entrevista com Noé Gonçalves Lessas	1257
Entrevista com Cláudia Borges	1323
Entrevista com Eliane Soares	1589
Entrevista com Eró Cunha	17980
Entrevista com Karine Melo	2323
Entrevista com Symone Elias	252

1 INTRODUÇÃO

E de noite em casa, enquanto cerzia meias, pregava botões, fazia bainhas, na sua voz contava as histórias que tinha ouvido de outros fiapos de voz. Montes de histórias de mulheres e fiapos e fios e linhas de todo tipo, ponto a ponto se tecendo e virando novas tramas (MACHADO, 2015, p.47).

Embora deleitando empatias por uma perspectiva muito comum que se propõe a considerar que toda boa história começa com *Era uma vez...*, inicio esta, primeiramente, com esses versos que dizem

*Prepare o seu coração
Pras coisas que eu vou contar
Eu venho lá do sertão
Eu venho lá do sertão
Eu venho lá do sertão
E posso não lhe agradar¹*

Sim, utilizo esse trecho da canção porque me representa muito bem. Eu venho do Sertão do Ceará, mais precisamente da região dos Inhamuns, uma região socioeconômica que compreende municípios como Arneiroz, Aiuaba, Tauá, Parambu e Quiterianópolis. A palavra Inhamuns vem do Tupi, que significa sertão. O sertão dos Inhamuns é de clima semiárido, altas temperaturas e grande escassez de água, fator determinante para a vulnerabilidade econômica do nosso sertão, a que se unem fatores de ordem política e fundiária.

Nasci na fazenda Floresta, de propriedade do vovô Águido, meu avô paterno. A casa grande ficava num alto bonito, entre dois açudes, um onde as cabras, os bodes, os jumentos e os animais em geral saciavam sua sede; o outro de água boa para o preparo da alimentação e para a bebida fria do pote. Ao lado esquerdo da casa, numa várzea, havia um grande plantio de cana e o engenho que produzia mel, rapadura e doçuras para nossas vidas o ano inteiro.

As lembranças da infância, como uma clareira iluminada pela memória, remetem-me à experiência vivida na fazenda Floresta, na casa da avó paterna, onde as mulheres mais velhas contavam histórias à beira do fogão, enquanto preparavam as comidas, que mais tarde seriam servidas aos trabalhadores. No Engenho, no zum, zum das abelhas, nos tachos de cobre, o caldo da cana se transformava em melaço, enquanto os bois, cada qual com seus nomes – porque no Nordeste é assim, os homens falam com os animais – rodeavam as engrenagens do

¹ Trecho da canção “Disparada” dos compositores Geraldo Vandré e Théo De Barros.

engenho por horas a fio. A cana ia sendo, então, torcida e transformada em caldo, que após o processo de fervura, que durava horas, entrava em cena o mestre, aquele personagem que dava o ponto para o melão se transformar em rapadura, cocada com amendoim e gergelim, ou alfenins, sendo estes doces que se desfazem na boca suavemente.

À noite, em volta da fogueira, as crianças comiam “mel de dedo” enquanto ouviam histórias sobre lobisomem, saci Pererê, histórias de calango que se transformava em príncipe. Tudo isso abria as portas para um mundo repleto de encantamento, na escuta de narrativas passadas de boca em boca, contadas pelas mulheres mais experientes, mais vividas, espelhadas na Velha Totonha². E, assim, essas histórias ficaram enraizadas em nós; em mim.

Nasci pelas mãos da parteira Albertina, que acompanhou e deu forças à minha mãe para que eu viesse à luz. Ao nascer, houve uma grande comemoração, quando fui iluminada pela alegria contagiante daquele momento tão esperado. Meu pai soltou três foguetes de artifício que brilhavam no céu e anunciavam a toda vizinhança que havia nascido a tão esperada menina, depois de oito irmãos meninos. Tudo isso era ritual próprio daquele lugar, pequena comunidade com poucas possibilidades de comunicação para além de suas fronteiras.

Ganhei o nome de Francisca, pois nasci envolta ao cordão umbilical. A justificativa se acha na crença dos devotos de São Francisco da Chagas, que em seu manto traz um cordão de puro algodão enlaçado em sua cintura. Segundo a crença, esse rito do nome traz desembaraço para a vida toda. Todas essas informações foram coletadas pelas perguntas da menina curiosa que tinha hábitos diários de indagar ao pai, à mãe, à avó e ao avô: o que é isto? E aquilo? Como aconteceu? Você viu? E estão guardadas na memória desta que agora, como pesquisadora, ousa registrar partes de sua própria história como relevante para a introdução deste trabalho.

A minha infância foi povoada de muitas histórias. Meu avô materno era poeta e quase sempre aos domingos visitava nossa casa. É só fechar os olhos que rememoro minha mãe ao pé do fogão, preparando os quitutes para o almoço de domingo, enquanto meu avô, Zeca, sentado em uma cadeira de encosto de madeira e assento de couro, contava-nos histórias. Eu, menina atenta, e meus irmãos ouvíamos as histórias narradas pela voz do nosso avô, José Ferreira Giló, com uma melodia que se aproximava da canção. Eram histórias da saudade dos filhos que moravam longe, histórias da carochinha, de encantamento e, para finalizar, com uma voz que mais parecia bailar, passava a recitar um poema de sua autoria:

² Uma personagem do escritor José Lins do Rego do livro *Menino do Engenho*, descrita como uma ex-escrava andarilha.

Agora eu vou falar de Modestina Feitosa
Uma mulher que estimo e quero bem
Por ser muito caprichosa
Mas agora depois de velha
Arrumou uma ideia,
Tá danada de teimosa
Não estou falando mal dela
Porque não falo de ninguém
Quanto mais de uma pessoa
Que estimo e quero bem
Modestina Feitosa,
deixando de ser teimosa,
outro defeito não tem.
(GILÓ, 1978, s/p)

O crepúsculo trazia prenúncios da noite escura, mas não era só isso. Trazia consigo as histórias aprendidas “de boca”, contadas pela mãe amorosa que, ao pegar o fio da meada para remendar as roupas das crianças e fazer bainha na calça nova, recontava as histórias aprendidas com o pai poeta e contador de histórias. Os meninos ficavam encarregados de fazer a fogueira, que era para nós como uma tocha acesa que aquecia nossos corações, como uma clareira no meio daquele sertão de “nós”. Na Barra do Imbuzeiro não havia luz elétrica. Ouvir histórias e brincar era nossa diversão de todo entardecer, quando de toda parte, como um formigueiro, meninas e meninos, sedentos da palavra contada, vinham de todos os lados e iam se acomodando na calçada escaldante pelo sol a pino que se batia em retirada para dar lugar às histórias que davam asas à imaginação de quem as escutava. Como um tapete voador, ficávamos altos do chão nesses encontros que eram pura diversão, ficando para sempre guardados na memória.

Na soleira da porta, minha mãe contava histórias maravilhosas de encantamento, de assombração, de bois encaretados, de lobisomem e de rapazes bocós e moças espertas. Depois das histórias, continuava a cerzir meias, pregar botões e a nos vigiar nas brincadeiras na rua; peteca, corda, mãe da rua, três Marias, macaca (hoje conhecida como amarelinha), cantigas de roda, adivinhações. Era entrar na roda, dizer um verso bem bonito, dizer adeus e ir embora. É certo que, muitas vezes, conseguíamos fugir do seu olho biônico de mãe e incluíamos ao nosso repertório brincadeiras proibidas, como esconde-esconde e caí no poço.

Cresci entre as narrativas contadas pela mãe, pelo avô, pelo pai, pela tia e outras pessoas que contribuíram para que eu também me tornasse uma contadora de histórias e adulta que preserva o gosto por brincar.

As histórias semearam minha infância, brotaram e deram bons frutos; influenciaram-me na forma como vejo o mundo e as pessoas; fortaleceram-me para eu chegar até onde estou, nutrida de força e de esperança para continuar trilhando a trajetória de vida que não se encerra por aqui. Essas narrativas ouvidas ficaram guardadas na cacimba de nossa memória e são como a areia das ribanceiras das cacimbas que ficam lá quietas, tranquilas, mas quando as tocamos logo são revolvidas e entram em movência.

As narrativas orais de encantamento, os contos de fadas, os mitos, as lendas, as fábulas e os contos populares daquela região árida aqueciam os nossos corações, acendiam fagulhas de sentimentos de pertencimento. Sentíamos vontade de sorrir, de chorar, de nos afagarmos, sentindo-nos fortalecidos pela generosidade uns dos outros. Assim reafirmo que, ainda hoje, rememoro as histórias maravilhosas contadas por minha mãe, sobre bichos do sertão, assombração, encantamento, tudo contado de memória, sem autoria definida, cada contador acrescentando suas nuances de criação. Às vezes, lia-se também literatura de cordel e, outras vezes, as histórias contadas nos livros didáticos. Minha mãe era minha “Sherazade”, a professora, a contadora de histórias e escrevedora de cartas, que escrevia para acalantar os corações dos que tinham suas filhas e seus filhos distantes. Ao final de cada escrita em voz audível, ela fazia a leitura. Não era apenas uma carta. Para mim, era sempre canção, texto/voz/tecido de informações em forma de amor e afeto.

Lembrar a infância é poder se alegrar com tanta boniteza vivida, a partir de experiências que todos deveriam ter. Ah, como seria bom se todos pudessem ter um encantador de histórias para sentir o que sinto agora! Eram momentos únicos, tempo de encantamento e afetuosidade, quando ouvia as histórias narradas por minha mãe ao pé do fogão, antes de dormir e na soleira da porta da minha casa. Sinto o cheiro bom daquelas noites. Agora, encontro-me embebida com as lembranças e recordações boas da infância que foram tecidas por fios de muitas vozes. Através das histórias narradas pela minha mãe, eu lia o mundo e ia construindo a minha história. As experiências que tive com a literatura oral foram importantes para o caminho profissional que decidi trilhar. Essas narrativas e vivências, que nutriram minha infância, levaram-me a enveredar pelo caminho da contação de histórias.

Em 1987, comecei a contar histórias para crianças na igreja onde eu congregava. Eram histórias com mensagens bíblicas. Na ocasião, no interior da Bahia, em Feira de Santana, conheci uma contadora de histórias; nós saíamos pelos municípios a narrar em congressos e

festas de crianças.

Em 1989, trouxe para o meu repertório as histórias da tradição oral e passei a recontar as histórias narradas por minha mãe: *O anel*, *O rei e o pescador*, *O calango que se transformou em príncipe* e alguns contos de fada, tais como *Bela adormecida*, *Chapeuzinho vermelho*, dentre outras.

Em 1990, ao me tornar professora do ensino fundamental, trabalhava em uma escola particular, numa turma de segundo ano, na qual contava histórias para os estudantes. Minha prática era como uma colcha de retalho, pois contava histórias aprendidas de boca em boca, adquirindo discos de vinil com gravação de histórias. Comprei livros com contos infantis e montei uma coletânea de histórias retiradas das páginas da revista *Nova Escola*, entre outras narrativas que aprendi vendo e ouvindo uma colega professora, parceira de trabalho. As histórias eram contadas na roda e era fascinante ver as crianças com olhos atentos, esperando as palavras que iam tocar direto no coração, como se fosse um baú secreto que armazenava narrativas. Simplesmente contava, para ver o brilho nos olhos, como uma recompensa boa. Era assim que eu percebia no gesto de cada criança.

Em 1994, ingressei na Universidade Estadual do Tocantins (UNITINS) para cursar Letras e suas respectivas Literaturas. O currículo da universidade contemplava a disciplina de Literatura Infantil, ministrada pela professora Rosa Maria. Assim, mais uma vez, tive a oportunidade de, junto com os colegas da turma contar, e encenar vários contos infantis, principalmente os contos de fada *Branca de Neve*, *A princesa e o sapo*. Então, passados quatro anos, estava formada em Letras.

No ano de 1996, fui convidada para participar de um encontro de formação continuada para professores da rede municipal de ensino da cidade de Xambioá, estado do Tocantins. O evento teve duração de três dias e, durante a programação, desenvolvi oficinas sobre como trabalhar o teatro, a mediação de leitura e a contação de histórias na escola para os alunos da primeira fase do ensino fundamental. Durante a formação, trabalhei com os professores diferentes metodologias a fim de que pudessem compreender o processo, que depois seria colocado em prática na escola; aquela estratégia pedagógica. Após o desenvolvimento das oficinas, fizemos a culminância às margens do Rio Araguaia, onde os professores e as professoras fizeram apresentações de teatro, contaram histórias e recitaram poesia, colocando em prática o que foi aprendido durante o encontro formativo, que teve como público os pais, os alunos e outras pessoas da comunidade.

Mais tarde, em 2005, como professora da rede estadual de ensino do Estado do Tocantins, atuei como gestora na escola José Alves de Assis, localizada no município de

Araguaína, em parceria com a professora Ilma Ribeiro, uma contadora de histórias que fazia parte da coordenação pedagógica da instituição. Desenvolvemos um projeto de contação de histórias com o título “Quem conta seus males espanta” para as turmas do ensino fundamental, primeira fase. Essa ação contribuiu para que pudéssemos reviver o prazer de ouvir e contar histórias e refletir sobre a importância de recontar os contos da tradição oral na escola, como atividade assegurada e inserida no Projeto Político Pedagógico (PPP), a fim de preservar e valorizar a memória de um povo. Privilegiamos, na ação, contar os mitos e as lendas, com destaque na história da *Cobra Gil*, uma cobra gigante que saía à noite de seu buraco casa, descia pelo Rio Amazonas e, no percurso, ia dando carona para vaga-lumes, borboletas e besouro. Era tão assombrosa que até os pescadores saíam correndo quando viam aquele bicho com cabeça de fogo, parecendo um trem de assombração.

Enfim, quando dei por mim, estava contando histórias por outros lugares, nos auditórios, em abertura de eventos, nas praças, no Parque Cimba (região central de Araguaína), nas bibliotecas, nas soleiras das portas, debaixo das árvores, nas escolas das redes estadual e municipal da cidade de Araguaína, lugar que me acolhe e onde muitas portas foram abertas para mim.

Foi, porém, em 2019, atuando como coordenadora pedagógica da Diretoria Regional de Educação de Araguaína (DREA), quando tive o privilégio de conhecer a professora Érica de Cássia Maia, doutoranda pelo Programa de Pós Graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal do Norte do Tocantins, que, através de um especial convite, me levou a retornar à universidade, primeiro como aluna ouvinte e logo depois como aluna especial, matriculada na disciplina Seminário de Semiótica e Ensino, ministrada pela professora Luiza Helena Oliveira Silva. No segundo semestre de 2020, parti em busca do meu sonho de menina e me inscrevi no processo seletivo para o mestrado. Após a seleção, iniciei a mais bela e árdua história que poderia viver para ver, estudar e aprender. Elegi como tema de investigação tratar dessa prática de vivência literária e de matriz popular que atravessa a história da minha vida, unindo-me para isso a outros contadores que colaboraram com este trabalho compartilhando relatos de suas experiências.

Contar essa história me fez revisitar memórias de experiências boas e ruins, vividas na “Barra”, distrito do município de Aiuaba, no estado do Ceará; por mim e por outras crianças. Lá nem tudo é boniteza. Inhamuns é uma região violenta, de coronéis, lugar “das negras da Leó³”, da “Preta” ao pé do fogão, da morte ensanguentada. Sobre esta história

³ Mulheres negras, fiandeiras, filhas da Leó, uma viúva moradora do distrito Barra.

tenho fastio de contar.

Como se evidencia por essa nossa grande imersão no passado, o interesse pela contação de história advém inicialmente do fato de ter vivido numa comunidade em que a prática da narrativa oral era muito comum. A prática como professora da educação básica e os estudos nas disciplinas de semiótica na UFNT, somadas à experiência com a contação de histórias e à escuta na infância pelas vozes afetivas, fez emergir o desejo por investigar a história de vida de contadores e contadoras de histórias nesse espaço de fronteira em que Norte e Nordeste se confundem. O objetivo central foi, pois, registrar as histórias de vida de cada contador e contadora, analisando as experiências com a narrativa oral e o repertório adotado. Para tanto, adotamos como instrumento de geração de dados as entrevistas, que foram realizadas principalmente pela plataforma do *Google Meet*, gravadas e posteriormente transcritas, observando sempre os procedimentos éticos da pesquisa. Justifica-se o uso dessa plataforma pela coincidência entre o período de geração de dados e o da pandemia da Covid-19, que nos impossibilitou uma relação presencial, de fato, mais face a face. O uso de tal plataforma garantia, porém, a sincronia entre nós e os participantes, contadores e contadoras de história, reunindo-nos no tempo, ainda que não espacialmente.

Os participantes foram selecionados a partir de relações acadêmicas, profissionais e sociais e outras características específicas que estão melhores explanadas no capítulo dedicado, qual seja, o terceiro. Por meio de seus relatos autobiográficos, compreendemos sobre a formação dos contadores de histórias tradicionais e contemporâneos, dando visibilidade não só ao repertório, mas também evidenciando esses contadores e contadoras de histórias que contribuem para conservar e continuar a tradição oral nas cidades onde vivem e narram, situadas nas regiões Norte e Nordeste. Foram então entrevistadas oito (08) pessoas entre homens e mulheres, maiores de 35 anos, sendo 4 (quatro) residentes em Araguaína, estado do Tocantins, 2 (dois) residentes em Imperatriz, estado do Maranhão, e 2 (dois) residentes em Marabá, estado do Pará. A geração de dados deu-se por meio de entrevistas semi estruturadas em duas etapas: entrevistas pré-testes e de aprofundamento.

Elegemos como teoria e procedimento de pesquisa a História Oral (HO). Subsidiarmos o trabalho os estudos advindos da contação de histórias a partir de Busatto (2008; 2013), da memória em Bosi (2003), sobre a tradição oral em Hampâté Bâ (2010), sobre a palavra do contador de história em Mattos (2014), além de publicações sobre contadores contemporâneos como Machado (2004; 2015) e Santos (2018), sobre contação de histórias na escola em Girardello (2014).

Como teoria de análise, este estudo filia-se à semiótica discursiva, compreendida

como teoria da significação. Mobilizamos, então, categorias relativas ao nível narrativo do percurso gerativo de sentido, embasados em Greimas e Courtés (2008), Fiorin (1999), Silva (2015), Bertrand (2013), além de aspectos relativos à memória em Silva (2017).

Desde tempos mais remotos, a contação de história era atração ao redor das fogueiras. Ali, contavam-se lendas e contos, histórias do imaginário popular, pertencentes à memória coletiva e individual, a ouvintes adultos e crianças, sem haver separação de público que, na maioria das vezes, não sabia ler. Contudo, esses contadores e contadoras construíam uma rede de afeto e encantamento provocado pela narrativa oral, repassada e preservada de geração em geração. Parafraseando Thompson (1992), esse é um compromisso político, social e cultural de mulheres e homens contadores e contadoras de histórias: contar e recontar para preservar a memória física e espacial, valorizando a memória do homem.

A narração oral é uma performance que revela um ato coletivo e interativo, em que o emissor e receptor entram em consonância no momento presente, envolvidos por sons e silêncios, movimentos e quietudes, num pulsar de afetos que transcendem o espaço físico onde ocorre a ação. (BUSATTO, 2013, p. 36)

Diante da inquietação em conhecer, pesquisar e registrar cientificamente e, assim, dar visibilidade sobre a existência, a formação e a atuação de contadores de história, tomamos como objetivo geral para esta pesquisa investigar a trajetória de vida de contadores e contadoras de histórias que residem nas cidades de Araguaína (TO), Marabá (PA) e Imperatriz (MA), com vistas a registrar suas histórias de vida e experiências com narrativas orais, observando possíveis contribuições para a prática de formação do gosto pela literatura e implicações para a escolarização.

Para o alcance do propósito principal da pesquisa, delineamos os seguintes objetivos específicos:

- perceber na leitura do percurso de vida da pesquisadora exemplo de como se dá a formação de um contador(a) de história e a permanência dessa arte no seio familiar, na comunidade e nas atuações profissionais;
- discorrer sobre a história da contação de história, expondo algumas categorias de contadores, algumas literaturas importantes para eles na atuação, bem como, a conceituação e reflexão sobre gêneros literários da oralidade;
- apresentar os entrevistados do trabalho e o *lôcus* da pesquisa, descrevendo brevemente suas histórias de vida e analisando seus relatos autobiográficos;
- realizar a análise dos dados, à luz da semiótica discursiva, buscando verificar

competências e performances que constituem a atuação dos participantes da pesquisa.

Diante do que está colocado, o estudo apresentará um percurso sobre a contação de história desde as suas origens, antes da escrita, tempo em o que conhecimento era transmitido oralmente de boca em boca, de geração a geração, até o surgimento da escrita e das narrativas literárias.

O estudo está dividido em três capítulos, compostos de seções ou subtítulos, além deste capítulo de introdução e o de considerações finais. Neste capítulo apresento a minha vivência e implicações com a temática em estudo, bem como a problematização e o objetivo geral que orientaram a pesquisa.

No segundo capítulo, abordamos sobre a gênese da contação de história, como se constituíram os contadores da tradição oral e da contemporaneidade, as narrativas orais no Brasil, a contação de história como herança cultural e, ainda, sobre o conto, a memória e a oralidade.

No terceiro capítulo, retratamos o caminho metodológico trilhado na pesquisa e apresentamos os sujeitos e sujeitas que contribuíram e deram vida a este estudo: são homens e mulheres que atuam nas cidades de Araguaína - TO, Imperatriz - MA e Marabá - PA.

O quarto é o capítulo de análise, realizado à luz da semiótica de linha francesa, que apresenta uma análise da história de vida de 8 contadores de histórias, como também o percurso que fizeram para se tornarem contadores e contadoras de narrativas da tradição oral ou contemporâneas. Através da escuta das entrevistas audiovisuais e das que foram concedidas pessoalmente, foi possível saber sobre suas experiências de vida, formação e profissão.

2 HISTÓRIA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS

A contação de história, como uma das atividades mais antigas de que se tem notícia, remonta à época do surgimento do homem há milhões de anos e ainda é uma atividade importante que povoa o imaginário de crianças e adultos.

No tempo do encantamento, o “Era uma vez...” transporta-nos para o lugar do compartilhar, da voz que embala as fantasias de crianças, de ouvidos generosos para acolher as narrativas fantásticas de contadores de histórias cumprindo o desígnio ancestral de narrar o que ouviram dos outros, no fio condutor da trama da própria existência humana. O “Era uma vez...” abre as portas para um repleto de encantamento. A história lida ou contada gera várias situações de aprendizagem (COZZI; SANTOS, 2012, p. 08).

Neste capítulo, apresentamos elementos da tessitura de um fazer ancestral e, para tal, chamamos autores que dialogam com a arte de contar histórias, movimento que contagiou pessoas de todos os tempos, que resiste como prática no presente.

A contação de história é uma das atividades mais antigas de que se tem notícia. Essa arte remonta à época do surgimento do homem há milhões de anos. Contar e declamar versos constitui-se como prática da cultura humana que antecede ao aparecimento da escrita. Pode-se dizer que a contação de história tem suas raízes firmadas junto às águas das cacimbas que, mesmo em tempo de sequeidão e escassez, continua dando seus frutos. É nesse cenário que o contador consegue preservar viva a contação de história, ocupando ainda hoje o lugar de expressão nas soleiras das portas, debaixo das árvores, nas ruas e nas escolas. Diante disso, é preciso ouvir essa voz que permanece viva, marcando as gerações, com histórias contadas e recontadas por homens e mulheres que entregam a palavra regada de silêncio, gargalhadas, medos, alegrias, ensinamentos.

A narrativa oral faz parte da história de cada povo (BUSATTO, 2008), com produções sem autoria definida, resultando de um processo coletivo passado de geração a geração. Antes mesmo do domínio da escrita, essas narrativas ganharam vida, sendo transmitidas de boca em boca. Por se tratar de uma produção oral, tendo a memória como arquivo, as narrativas não se apresentam sempre iguais e o contador opera como uma espécie de autor, acrescentando elementos que advêm da sua capacidade de narrar, aliados a sua performance particular. A partir desse processo de mutação das narrativas tradicionais, surge o famoso ditado: “Quem conta um conto aumenta um ponto”. Cada narrador imprime seu jeito pessoal de contar e envolver seu público, ou seja, cada vez que uma história é contada, aquele que narra se encarrega de atribuir novos elementos à narrativa.

A oralidade é o fio condutor para alinhar e tecer as narrativas. Por meio dessa expressão cultural, traduz-se a dinâmica de preservar a memória e exprimir valores e experiências no meio social, em que os atores e as narrativas se entrecruzam, formando uma grande teia de afeto e camaradagem. Além disso, a oralidade não se resume somente às histórias e aos mitos, mas constitui-se como uma expressão, um modo de vida. Nesse sentido, Hampâté Bâ (2010) reconhece a oralidade como fonte legítima de conhecimento histórico, presenteando-nos com os tesouros da literatura oral do oeste da África para o mundo. O autor afirma que “as primeiras bibliotecas foram os cérebros humanos e que a tradição oral é uma grande escola da vida” (HAMPÂTÉ BÂ, 2010, p. 183).

Figura 1 - Tela *O Contador de história*, de Eduardo Lima



Fonte: LIMA, 2022.

A contação de história, em sua grande maioria iniciada dentro das próprias famílias, afeta positivamente e constroem memórias, imaginários, elos, afetos, aprendizados, sentimentos, conhecimentos. A figura acima nos remete a esse momento mágico onde, através de uma experiência e ação afetuosa de um membro mais velho, sentado e rodeado pelas crianças que, atentas e unidas, escutam, se unem, conhecem e crescem.

Na ilustração de Lima (2022), notamos que o momento de contar histórias é de total atenção, especialmente dos mais novos, que atentos escutam os causos. Até os animais param para ouvir, observamos um cachorro preto sentado e inclusive uma lagartixa, ousado pensar que até o pássaro na gaiola silenciou-se nesse momento. Uma característica do contador

tradicional é que ele não decora um painel ou adornos onde vai narrar seus causos, mas ao contrário, está em sua casa que é de barro, num banco de madeira e as crianças com pés no chão, na simplicidade há um evento.

2.1 Os griôs: surgimento, difusão e manutenção da contação de histórias

No percurso histórico da contação de história, os griôs assumem importância preliminar. Partimos dessa referência porque as culturas nortista e nordestina são as regiões *locus* deste estudo. Vindos da tradição africana, os griôs são contadores de histórias muito sábios e respeitados nas comunidades onde vivem, pois contam histórias que trazem ensinamentos de vida e tratam de uma grande diversidade de assuntos, tais como costumes, saberes, modos de viver, saúde, eventos históricos, coisas do passado e do presente, responsáveis pela continuidade de tradições e ideologias. Assim, os griôs são considerados bibliotecas vivas de todas as histórias, que são passadas de uma geração à outra, através da oralidade.

Os griôs são aqueles que há muitos séculos transmitem e preservam saberes de natureza diversa (arte, conhecimentos sobre plantas, tradições) e histórias, que se diversificam conforme a comunidade ou lugar em que vivem. Contam histórias sobre seu povo, enquanto cada um escolhe sua maneira de se expressar, podendo ser através de poemas, canções, encenações: "os contadores de histórias, que narram de forma falada ou cantada as tradições e os acontecimentos de um povo, são anciãos, que em algumas partes da África são chamados de griôs" (SANTOS; COSTA, 2020, p. 537).

Nessa perspectiva, são os griôs os guardiões e transmissores das memórias e ensinamentos que, nessa processualidade, unem idosos, adultos e crianças, interligando passado, presente e futuro. Os *griôs* africanos contam história, tocam instrumentos musicais e dramatizam as histórias que narram. Por isso, também são considerados artistas completos. Os griôs são homens e griotes⁴ são mulheres da palavra e que têm um fino trato para contar uma história. A forma griô corresponde a um abasileiramento do termo empregado por comunidades da África Ocidental, como corruptela da palavra *creole*, crioulo na língua geral de negros na diáspora forçada para as Américas.

Na África antiga até os dias de hoje, são os contadores de histórias que se encarregam

⁴ Os griôs eram quase uma casta, inclusive costumam casar-se somente com outros *griots* ou *griottes* (*em francês*), seu equivalente feminino, assumindo uma posição social de destaque em seu meio, uma vez que eles eram muito mais do que meros artistas. O griô é antes de tudo o guardião da tradição oral de seu povo, um especialista em genealogia e na história de seu povo. (SANTIAGO, 2023)

de exercer o papel de mensageiros e guardiões das tradições milenares, responsáveis por passar aos jovens os ensinamentos culturais.

Aqui no Brasil, a palavra griô teve seu sentido ampliado ao ser incorporado em suas atividades outras manifestações artísticas como as danças de roda, a contação de história, as cantorias e outras atividades, mas sempre pensando em preservar e valorizar a transmissão dos saberes referenciados na tradição oral. Essa busca e interesse pela preservação da memória são relatados nos depoimentos de cada contador de história e, ainda, de cada especialista que pesquisa o tema, como vimos nas múltiplas vozes que compõem a obra de Lima e Hernandez (2010):

Foi o pai de meu pai quem me ensinou não ser suficiente apenas aprender as histórias para depois contá-las. Que não bastava apenas reviver cada guerreiro, cada atmosfera para demonstrar a astúcia, a coragem, a honra e o poder dos soberanos ou como batia o coração do povo. Era preciso fazer com que permanecessem vivas na memória das novas gerações (LIMA; HERNANDEZ, 2010, p. 10).

Os estudos de Lima e Hernandez (2010) refletem acerca do ofício dos griôs e trazem o entendimento de que são os mestres em despertar ouvintes, utilizando gestos, jeitos, corpos que prendem o olhar e o escutar. Os griôs contam, cantam, tocam e emocionam, como faziam também seus anciãos e anciãs, mantendo viva a história na memória de cada nova geração.

Como sangue que corre dentro de seus descendentes, dando vida, os/as griôs narram suas histórias, fazem circular a memória que mantém vivos os povos tradicionais quilombolas; iniciam seus sucessores pela arte da transmissão de conhecimentos. E "as transmissões de memórias através das oralidades, em que os anciãos repassam aos mais jovens, fazem com que seus sistemas culturais sejam preservados" (SANTOS; COSTA, 2020, p. 538).

Com o passar dos tempos e com as mudanças inevitáveis, as narrativas tradicionais vão tomando novas formas de dizer e de se adaptar ao mundo contemporâneo. Contudo, temos em gente como os griôs a preservação e a continuidade dessa cultura de transmissão do conhecimento através do hábito de contação de história. Santos e Costa (2020) tratam de uma dessas personalidades no Tocantins, Dona Juscelina, liderança política e cultural de uma comunidade quilombola no norte do estado, município de Muricilândia. Falecida em 2021, romeira devota de Padre Cícero, era também benzedeira, lavradora, parteira, quebradora de coco⁵:

Dona Juscelina é líder e matriarca da comunidade quilombola que recebeu seu nome, seu grande mentor foi seu tio Claro Preto do Saco, foi ele quem repassou

⁵ Dona Juscelina recebeu o título de Doutora honoris causa pela Universidade Federal do Tocantins.

pra ela e para outras crianças e jovens a memória do cárcere que a matriarca carrega e atualmente também repassa aos mais jovens (...), assim entendemos que os anciãos carregam naturalmente o ofício de ser griôs (SANTOS; COSTA, 2020, p. 539).

No Norte e no Nordeste, podemos ver artistas que desenvolvem atividades semelhantes aos griôs, são eles os repentistas, artistas da palavra cantada que se apropriam da oralidade para contar de sua cultura. Dentre eles, também destacamos os artistas contadores de histórias participantes deste estudo: Senhor Noé Lessas, 100 anos e sete meses, e meu pai, Antonio Ayres de Andrade, 92 anos, que ainda hoje contam história de Trancoso⁶, fábulas e recitam literatura de cordel, tudo aprendido pela tradição oral, passado de boca em boca. Os *griôs* estão presentes nas lembranças afetivas, que nos trazem à memória a imagem e a experiência de velhos sábios sentados à mesa na hora do jantar, em uma ciranda no terreiro de casa, debaixo de uma mangueira ou debaixo de um pé de umbu, contando experiências vividas, histórias inventadas ou herdadas das vivências ou da imaginação de seus ancestrais.

Em suma, ainda em conformidade com as autoras Santos e Costa (2020), o *griô* é o ser que carrega consigo segredos profundos, conhece bem a vida e as verdades tradicionais de suas linhagens, sabe não só as técnicas de resguardar, mas também as de passar as histórias adiante, sabe receber e passar conhecimento por meio da palavra. Usam eles a memória para recontar as façanhas dos povos, levando-as adiante, gravam na memória todos os acontecimentos tanto da vida, como as histórias que aprendem uns com os outros; representam a memória viva da sociedade africana.

Ouvir e contar uma boa história, seja na prática familiar ou no espaço público, é uma maneira de adiar e prolongar o tempo precioso. Tudo o que está oculto em nós começa a aparecer; vai sendo revelado pela palavra prazerosa, misturando o público que ouve com a magia e o encantamento de quem narra. Sisto (2013), em suas discussões sobre a arte de contar história, enfatiza que:

Contar é ritualizar. É dar voz ao ancestral. É abrir o corpo para o sagrado. É compactuar com a visão mágica. Palavra lapidada na boca do velho griô é palavra fulgurante. Joia de mil brilhos. Pedra multifacetada. Ele tem muitos corpos: feiticeiro, bicho, caçador, sacerdote, rei, bruxo, chefe, guerreiro. O mundo começa na sua palavra. Dançar o céu, o mar, o rio, a nuvem, a sombra. Conta os velhos ensinamentos. Narra a natureza, o clã, a aldeia, os símbolos, as florestas, a savana, o deserto. Seu itinerário é reforçar laços. Ordenar o mundo. Perfumar a memória. Virar história (SISTO, 2012, p. 2).

⁶ Termo empregado em grande parte do Nordeste brasileiro como referência a narrativas orais, de origem popular

Os griôs são como canais condutores do rito de ouvir, ver, imaginar e criar. É provável que quem empresta seus ouvidos a um contador da tradição oral terá o privilégio de ser afetado sensivelmente por quem conta. Essa relação com o mar, com o rio, que é mencionada na citação acima, faz-nos pensar que, enquanto ouvimos uma história, gotículas de água são aspergidas sobre os que ouvem. Há uma relação forte do contador africano com as águas. São as águas dos mares e das chuvas, como uma correnteza que deságua nos olhos de quem ouve uma história, o que se transforma dessa cumplicidade no elo entre a narrativa e quem a escuta.

Amadeu Hampâté Bâ, um dos mais famosos griôs, tem sua origem em Bandiagara, nas savanas africanas do Oeste. Foi educado espiritualmente na religião islâmica, sendo fortemente influenciado pela sua ancestralidade. Firmado nessas raízes, tornou-se um tradicionalista que, desde muito cedo, dedicou-se a pesquisar e reunir as narrativas, um mestre da arte de contar histórias, além de ter estudado e se formado um especialista, quando o assunto é sociedade africana da savana. Como um bom griô, ele conta em sua trajetória de vida sobre a infância marcada por tudo o que aprendeu na sociedade da tradição oral: “quase sempre os grandes serões ocorriam no pátio da casa de meus pais, onde se reuniam os melhores contadores de histórias, poetas, músicos e tradicionalistas tanto fulos quanto bambaras” (HAMPÂTÉ BÂ, 2010, p. 172.)

Hampâté Bâ (2010) esclarece sobre os domas, homens reconhecidos como “homens de conhecimento”. Existem domas para cada área do conhecimento, como se fosse um especialista em determinado assunto, os quais conhecem muito a respeito da história, da religião e das ciências humanas e naturais. Outros são excelentes poetas, músicos e extraordinários na arte de contar histórias, carregando em sua bagagem mitos, contos, lendas e provérbios.

Os tradicionalistas domas são reconhecidos, conforme Hampâté Bâ (2010), como pessoas que tomam a palavra com muita disciplina e prudência. Por exemplo, se os mestres contam uma mentira sobre religião ou algo sagrado, “(...) devem admitir o erro publicamente sem desculpas calculadas ou evasivas. Para eles, reconhecer quaisquer faltas que tenham cometido é uma obrigação, pois significa purificar-se da profanação” (HAMPÂTÉ BÂ, 2010, p. 178).

Nas culturas que apresentam a figura do griô, além do ensino a eles ministrado, as crianças têm como mestres, no seio da família, os pais, as mães e as pessoas idosas que ensinam muito sobre as tradições, antes mesmo do ensino ministrado nas escolas: “São eles que ministram as primeiras lições da vida, não somente através da experiência, mas por meio de histórias, lendas, máximas, adágios. Os provérbios são as missivas legadas à posteridade pelos ancestrais” (Hampâté Bâ, *apud*, MATOS, 2014, p. 13).

Para Matos (2014, p. 1), “os contadores de histórias são guardiões de tesouros feitos de palavras, que ensinam a compreender o mundo e a si mesmos. Eles semeiam sonhos e esperança. São carinhosamente chamados de ‘gente das maravilhas’ pelos árabes”. Contam histórias de encantamento, de calango que se transforma em príncipe, gênios do mal, de velhas sábias e até de animais que falavam e se comportavam como humanos.

Nos dias atuais, com o advento da tecnologia, em que a necessidade de se comunicar se torna cada vez mais rápida, as pessoas vivem em torno da tecnologia e parecem depender dela para tudo. Essa configuração faz com que, aparentemente, a tradição da contação de história fique ameaçada, embora a palavra na voz do contador de histórias não tenha ainda se tornado obsoleta, resistindo, sobretudo, em comunidades quilombolas. Para Hampâté Bâ, em relação ao repertório da tradição oral:

Os mitos, os contos, as lendas (...) frequentemente constituem para os sábios dos tempos antigos um meio de transmitir, ao longo dos séculos, de uma maneira mais ou menos velada, pela linguagem de imagem, os conhecimentos que, recebidos desde a infância, ficarão gravados na memória profunda do indivíduo, para ressurgirem, talvez, no momento apropriado e iluminado por um novo sentido (...). Eles são a mensagem de ontem, destinada ao amanhã, transmitida no hoje (HAMPÂTÉ BÂ *apud* MATOS, 2014, p. 248).

Como vimos, os contos têm sua origem na tradição oral, são lendas, das fábulas e mitos. No entendimento de Câmara Cascudo (2004, p.13), o conto precisa ser “velho na memória do povo, anônimo em sua autoria, divulgado em seu conhecimento e persistente nos repertórios orais. Que seja omissos nos nomes próprios, localizações geográficas e datas fixadoras do caso no tempo”. Os contos possuem a palavra falada como seu veículo de divulgação e não conhecem fronteiras geográficas, culturais ou linguísticas que os barrem.

2.2 A arte dos contadores tradicionais

Quando a Terra e as leis da natureza cósmica e terrena foram criadas, os anciões da sabedoria fizeram uma roda e as narraram diante de uma fogueira, de modo que todo fogo gravou na memória todas as leis e o calor da sabedoria dos anciões. Por isso, qualquer uma fogueira se acender em um círculo de pessoas se unirem em torno do fogo, as leis serão aquecidas novamente no coração humano. (JACUPÉ, 1998)

O contador tradicional traz na sua memória um repertório de histórias nutridas na ancestralidade. São histórias conhecidas, aprendidas e memorizadas pela oralidade no seio da comunidade à qual pertence. Esse contador genuíno aprendeu a contar histórias ouvindo outras

peessoas em seu entorno, sendo narrativas contadas à boca da noite, depois de um dia de trabalho duro, em que homens, mulheres e crianças entram na ciranda, de maneira bem democrática. Em círculo, passam a ouvir o encanto das histórias narradas pela voz do contador, que conta como se estivesse ofertando um presente ao que ouve. O principal interesse do contador tradicional é eternizar o conto e encantar o público que o assiste, de modo que este se aproprie da história e que por meio da memória possa passar adiante essa arte milenar.

O fato de o contador tradicional aprender as histórias pela via da oralidade não significa que seu repertório seja constituído somente a partir das narrativas orais. Estas podem trazer reminiscências de elementos literários do passado, pois não há necessariamente uma separação hierarquizada entre a oralidade e a escrita. Por outro lado, para Câmara Cascudo (2006, p. 22), a literatura oral no Brasil é mantida viva por duas fontes contínuas: a oralidade e a “reimpressão dos antigos livrinhos, vindos da Espanha ou de Portugal e que são divergências de motivos literários nos séculos XIII, XIV, XV, XVI (...)”. Os temas narrados nesses livrinhos passam a ser oralizados e transmitidos pela comunicação oral e depois são incorporados ao repertório dos contadores de histórias.

Os contadores tradicionais de comunidades ágrafas habitam uma sociedade oral e produzem o que Zumthor (1993) chamou de “oralidade primária e imediata”. A principal característica desse tipo de oralidade é justamente a ausência da escritura. Os contos que os contadores narram se deram via audição, ouvindo outros contarem; via transmissão oral. Já nas comunidades de oralidade mista, segundo o mesmo autor, o discurso oral vive lado a lado com a escritura, sendo, portanto, o repertório desses contadores influenciado pela escrita.

Nesse sentido, a tradição oral é definida pela sua permanência duradoura durante o passar dos tempos, sendo os saberes conservados e passados de uma geração a outra (ZUMTHOR, 1993). Então, o contador tradicional é aquele que conta o que advém da tradição oral, em que o ato de contar história envolve somar a cultura popular às experiências do cotidiano de cada comunidade, como se quem narra estivesse ofertando um presente valioso para o ouvinte.

Walter Benjamin (1994), no ensaio *O narrador*, estabelece que o contador de história tradicional pertence a dois grupos: o narrador sedentário, aquele inserido em uma determinada comunidade, que conhece o povo do lugar onde vive, suas histórias e tradições; e o narrador viajante, aquele que sempre tem muito o que contar, viajando por vários lugares e trazendo de suas andanças muitas novidades para narrar.

O contador tradicional, segundo Benjamin (1994), “é um mestre, um sábio”; sabe bem atribuir ao ato de narrar um fim instrumental, pois transmite conhecimento, ensina e dá

conselhos enquanto narra. Diante disso, o mais interessante é que a história seja contagiante e quem a ouve sintam-se totalmente envolvidos com a narrativa.

Nessa perspectiva, o estudioso afirma que “a reminiscência funda a cadeia da tradição que transmite os acontecimentos, de geração em geração” (BENJAMIN, 1994, p. 211). Assim, cabe à memória, essa rainha de fonte inesgotável, ocupar o posto principal de companheira inseparável e fiel dos contadores de histórias, não só dos tradicionais, mas também dos contemporâneos, pois muitos se apropriam dos contos da tradição oral para narrar suas histórias nos dias atuais.

2.2.1 Antonio e Noé na escola: aspectos dos contadores tradicionais quanto às suas formações escolares

Começamos esta seção pensando como era a educação na década de mil novecentos e quarenta, década em que talvez Noé Lessas e Antonio Aires, um dos contadores ouvidos em nossa pesquisa, estivessem no período escolar. Assim, a partir de uma pesquisa aligeirada no site do Ministério da Educação (MEC), vimos que se tratava de um período que predominava o não saber letrado, quando a educação não era tida como necessidade básica para todos os cidadãos, ou melhor, sem um projeto para as massas, alguns estudavam e outros não tinham acesso à educação. Havia poucas escolas e eram raras as que ofereciam o ensino primário, as escolas existiam mais nas cidades grandes, e era destinadas, principalmente, para aqueles que de algum modo tivessem um certo destaque econômico.

Paralelo ao que foi exposto, havia uma mobilização em favor da educação popular, pautada nos ideais de Paulo Freire, que travou uma luta em favor de que fosse mudada a visão de que o analfabeto era uma pessoa incapaz, que sequer tinha o direito de votar e que a educação atuasse como um ato de liberdade totalmente capaz de emancipar as pessoas. O pensamento freiriano discute que “o subordinado, embora, à prática ‘bancária’, o educando mantenha vivo em si o gosto da rebeldia que, aguçando sua curiosidade, capaz de arriscar-se, de aventurar-se, de certa forma o ‘imuniza’ contra o poder apassivador do ‘bancarismo’” (FREIRE, 2020, p. 27). Nas palavras de Rodrigues (2021), podemos visualizar um pouco mais esse contexto e a busca de Paulo Freire que consistia em:

contextualizar o ensino a partir das realidades dos educandos [...] Freire tentava ensinar com um método simples e a partir das coisas (animais, situações, objetos etc) que os seus estudantes conheciam e com as quais estavam acostumados. Neste sentido, o ato educativo de ensinar a partir das vivências dos educandos, sempre tentando formar uma consciência crítica das situações de opressão vividas pelos mais pobres,

acabou por levar a educação para um patamar mais reflexivo e de compreensão das lutas políticas em jogo (RODRIGUES, 2021, p.36).

A rebeldia de Antonio Aires e de Noé Lessas parece ter nascido da coragem dos pais deles que, mesmo morando na zona rural, pela realidade em que viviam, na pobreza das brenhas do sertão, poderiam estar sujeitos a não ter acesso à educação. No entanto, vemos em seus relatos que os pais, embora pobres, procuraram a condição de empreender na educação dos filhos que, mesmo com pouco estudo, conseguiram ir além do que estava condicionado e destinado para eles. Vejamos o que relatam Noé e Antonio sobre seus estudos:

Enunciado 01

Eu estudo/ assim... estudava dois meses... a roça não deixava... aí tinha que voltar pra roça... porque fui criado na roça... né? com meu pai... e aí... às vezes no outro verão... outros dois meses... aí já era... aí (...) que eu fui até... os livros daquela data não tem mais hoje... é::: tem o ABC... a carta de ABC que hoje não tem mais... ((inaudível)) ... a carta de ABC não tem mais... o ABC... estudava o ABC... primeiramente... depois uma cartilhazinha mais fina do que um dedo... mais ou menos... das letras graúdas também... e depois passava por livros ... aí os livros tinha certos nome... tinha/ eu estudei um livro... não sei se você já leu ele... ou já viu... não era/ já era lá no segundo ano... chamado João Pergunta... já viu?Ele é assim... ele era/ o João pergunta era um menino... que ele tudo que perguntava a ele... ele igualmente respondia... aí chamava assim João pergunta... queria alguma coisa a ele... ele dizia... ele era um menino/ era assim... de aula também. (NOÉ LESSAS, 2020).

Enunciado 02

Tinha a professora Nadir e o professor Tancredo, Tancredo era um homem formado, passou dois anos lá em casa. É, o professor morava na nossa casa, a aula era na sala grande, os alunos estudavam lá, tinha cadeira pra todo mundo lá. E outro bocado vinha da Vaz da Onça,, era um lugar que vivia uns parentes, ia tudo estudar lá em casa. (ANTONIO AIRES, 2021).

Enunciado 03

Eu aprendi a ler, foi só o nome e mais nada. Eu fazia... fazia uma conta. Hoje não faço mais nada. Hoje a cabeça tá ruim. E aprendi fazer o nome, pronto. Meus irmãos aprenderam, Sofia, Raimundo e Aldenora, sabia muito. Pai dizia: meu filho, você vai pro campo, aí chegava só de noite, enfadado, cansado. Passava o dia no campo. Aí, ah, daqui a poucas horas, achava melhor ir me deitar. Aí eu disse “não pai, eu tô enfadado, eu não posso estudar, cansado, perdi tudo”. Aprendi fazer meu nome e conta e pronto! (ANTONIO AIRES, 2021).

Enunciado 04

Eu acho que aprendi fazer tudo, muitas coisas, trabalhar e na escola aprendi só assinar o nome. Moacir meu irmão, sabia ler, contar, lia pra todo mundo, sabia tudo, mas ele morreu. Raimundo sabe ler, Aldenora era professora, sabe ler, estudou, mas, Geraldo era rudo, Odilon, sabe pouco geraldo foi o pior de todos, esse é ruim, Maria, nem o nome não faz...(segundo de silêncio) (ANTONIO AIRES, 2021).

Enunciado 05

Hoje vivo, vivo no município de Aiuaba, Barra. Uma cidadezinha pequena, três mil pessoas, só. Três mil morador, né. Mas tem aula, tem escola, tem tudo. Eles hoje tão fazendo...fizeram, o Ramilson Maia, prefeito do lugar, fez um prédio para as crianças

estudar separando as crianças dos adultos. (ANTONIO AIRES, 2021).

Embora com escolaridade precária, Antonio Aires e Noé Lessas tiveram acesso à escola do campo, em condições sem muita infraestrutura, embora isso configurasse um outro tipo de relação no espaço escolar, conforme Antonio salienta: “o professor morava na nossa casa, a aula era na sala grande, os alunos estudavam lá, tinha cadeira pra todo mundo lá”. Nesse sentido, relata tal interação como se já fosse uma vantagem, um privilégio ter uma sala grande e cadeiras para todos, quando deveria ser um direito deles também, ainda enfatizando que outros colegas que vinham da Vaz da Onça (uma localidade que ficava no mesmo território que Antonio vivia) tinham que se deslocar andando a pé, de longe, até chegar à escola.

Por vezes, tiveram que abandonar os estudos, pelo *dever-fazer* do trabalho braçal rural, como diz Noé: “Eu estudo/ assim... estudava dois meses... a roça não deixava... aí tinha que voltar pra roça... porque fui criado na roça... né?”). Nesse mesmo sentido, Antonio se qualifica como sujeito do *não-poder-fazer* na aquisição do objeto-valor educação, tendo em vista as intercorrências de suas outras performances como ator social do campo, narrando a dificuldade para estudar diante do cansaço exaustivo do trabalho rural: “aí chegava só de noite, enfadado, cansado. Passava o dia no campo. Aí, ah, daqui a poucas horas, achava melhor ir me deitar... não pai, eu tô enfadado, eu não posso estudar, cansado, perdi tudo”. Então, embora tivesse a oportunidade de estudar, o trabalho, principalmente em tempos de colheita, agia como um antissujeito para esses dois contadores de histórias que, para ajudarem seus pais a cuidar das roças, o único meio de trabalho que tinham, foram por diversas vezes afastados dos estudos para irem em busca de garantir a subsistência e a manutenção alimentar da família.

A escola para eles parecia ser lugar de garantir a oportunidade de um *querer-fazer* e um *poder-saber*, que lhes deu a competência de aprender a assinar, escrever o nome e serem capazes de resolver as quatro operações aritméticas. Pareciam, talvez por falta de oportunidade de tempo para estudar, até pensar a educação não como objeto-valor de ascensão, mas sim como um espaço mais voltado para a sociabilidade, também essencial e fundamental para a vida.

Ainda tomando os relatos de Antonio e Noé, é importante refletirmos sobre o que dizem e como dizem, quanto a não terem aprendido a ler e somente terem aprendido a assinar o nome e fazer contas. Mas é importante enfatizar o vasto conhecimento que eles adquiriram e sobre a leitura de mundo e as experiências aprendidas não só na escola, mas também fora dela. No que se refere à conhecimento linguístico, é válido dizer: um contador de histórias também conhece e opera com êxito em/de sua língua. Há um saber construído sobre a oralidade; os gestos, as expressões, organização e coerência com o enredo, dentre outros aspectos.

2.3 A contação de história na cultura indígena

O recorte que trazemos aqui trata-se de uma experiência vivida em uma escola indígena da rede estadual da educação localizada na Terra Indígena Kraolândia, no estado do Tocantins. Nas sociedades indígenas, cabe ao contador de histórias socializar os saberes nos grupos que pertencem e, enquanto narram, ensinam sobre mitologia e tradições que são normalmente ensinadas pelos mais velhos. Esse ritual é costumeiro e acontece no centro das aldeias, nos chamados espaços de convivência. Ali, é discutido sobre a organização da programação dos eventos culturais, como corrida da tora, festa da batata e outras atividades festivas da etnia Krahô.

A coordenação pedagógica da Diretoria Regional de Educação de Araguaína (DREA), situada na cidade de Araguaína, no estado do Tocantins, no ano de 2019 contava com uma equipe de mais ou menos 35 servidores que realizavam acompanhamento e orientações pedagógicas e culturais das 78 escolas, indígenas e não indígenas, localizadas na região norte do estado do Tocantins, compreendendo 17 municípios.

Nas várias idas à aldeia, teve-se a experiência de conviver com os povos indígenas da etnia Krahô, habitantes do território denominado Kraholândia, área que compreende as fronteiras dos estados do Maranhão, Piauí e Tocantins. Como outros povos indígenas, os Krahô conservam a prática tradicional de contar histórias até hoje. No final das tardes, após o banho no Rio Vermelho, os indígenas da aldeia Capitão do Campo reúnem-se em volta da fogueira, ali contando histórias e ensinando aos mais novos sobre as matas, as plantas medicinais e as caças. A área de convivência é o espaço privilegiado onde acontecem todas as práticas culturais, como danças, cânticos e algumas atividades recreativas como a festa das batatas e a corrida com toras. Tudo isso é ensinado pelos mais velhos, os anciãos que se encarregam de preservar seus costumes e hábitos da cultura do povo Krahô.

Também devemos destacar os desafios que esse povo atravessa vivendo em uma comunidade sem saneamento básico, cuja água servida é retirada do Rio Vermelho, que recebe os esgotos dos povoados circunvizinhos. Além disso, a assistência médica ali é precária. Quanto à educação, o espaço que funciona como prédio escolar é um barracão construído de madeira e de chão batido com barro, as salas de aula, além de pequenas, acolhem os adultos que estudam junto com as crianças, falta material pedagógico adequado para a realidade daquele povo.

O poder público é inoperante diante da realidade e a educação não se configura como

prioridade para esta atual administração pública. Na pandemia, a situação da comunidade foi agravada quando o Presidente da República sancionou com muitos vetos a Lei que define as medidas para combater o coronavírus entre os povos indígenas. Conforme Oliveira, “Não só isso, Bolsonaro, vetou obrigações do poder público com esses povos durante a pandemia, como garantir o acesso universal à água potável, distribuição de materiais de higiene, de limpeza e de desinfecção das aldeias (OLIVEIRA, 2022). Sem assistência, segundo dados da entidade Articulação dos Povos Indígenas do Brasil (APIB), “Mais de 10 mil casos de covid-19 foram confirmados entre os indígenas, com 408 mortes” (DANTAS, 2022, s/p).

Diante dessas experiências, a partir da compreensão da educação formal e institucional, alinhada a uma perspectiva colonial e não indígena, pudemos aprender e apreender a contação de história como processo educativo amplo que se mantém vivo por meio das narrativas e que se configura como importante instrumento de resistência cultural.

Kaká Werá Jecupé, que pertence à cultura guarani, relata:

Um narrador da história do povo indígena começa o ensinamento a partir da memória cultural do seu povo, e as raízes dessa memória cultural começam antes de o Tempo. O Tempo chegou depois dos ancestrais que semearam as tribos no ventre da Mãe Terra. Os ancestrais fundaram o mundo, a paisagem e, de si mesmos, fundaram a humanidade. (JECUPÉ, 1998, p. 26)

Jecupé evidencia a prática de natureza identitária de diferentes povos indígenas no Brasil, que tem na prática da oralidade, como elemento central de unidade e transmissão de saberes tradicionais. Nessa perspectiva, Câmara Cascudo (2006), relata que:

Os seringueiros e cortadores de caucho, viajantes e pequenos mercadores, contam a mesma cena em todas as aldeias indígenas que visitaram, Amazonas, Pará, Mato Grosso, Goiás. Depois do jantar, noite serrada, no pátio onde uma fogueira ilumina e aquece, reúnem-se velhos indígenas, os estrangeiros, para fumar e conversar até que o sono venha. Evocação de caçadas felizes, de pescarias abundantes, aparelhos esquecidos para prender animais, de vultos, figura de chefes mortos, lembranças de costumes passados, casos que fazem rir, mistérios da mata, assombros, explicações que ainda mais escurecem o sugestivo apelo da imaginação, todos os assuntos vão passando examinados e lentos, no ambiente tranquilo. (CASCUDO, 2006, p. 83).

Desse modo, o que Cascudo narra, corrobora com o que fora vivenciado no experimento junto à aldeia indígena Krahô. São ainda eventos marcantes e importantes para grande parte dos povos indígenas, que se reúnem em volta da fogueira, momento ímpar em que os jovens aprendem com os mais velhos sobre outras coisas relacionadas com a natureza como, por exemplo, a respeito do tempo das piracemas, ocorrências passadas, sobre guerreiros, plantio de milho, arroz e dos segredos que, na maioria das

vezes, saltavam da cacimba da memória dos contadores indígenas que são bons guardadores de costumes e tradição:

A tradição oral indígena guardava não somente o registro dos feitos ilustres da tribo para a emulação dos jovens, espécie de material cívico para excitação, como também as estórias facetas, fábulas, contos, o ritmo das danças inconfundíveis. O pajé sacerdote reservaria, como direito sagrado, a ciência medicamentosa, os ritos, a breve e confusa teogonia. Os guerreiros que envelheciam possuíam o arquivo das versões orais. Essa continuidade era tão normal e poderosa que compreendemos como foram transmitidas aos naturalistas, exploradores, missionários, centenas e centenas de fábulas e de contos, ainda inesgotáveis os mananciais responsáveis por essa conservação. (CASCUDO, 2006, p. 85).

Cascudo (2006) fala a partir do que viram os cronistas coloniais, admirados pela maneira como os indígenas narravam sobre o passado desde os tempos imemoriais, por compreender que todo passado fica presente na memória, seja ela individual ou coletiva. Tudo era dito pela tradição e costumes dos mais velhos, que contam sobre seus avós e antepassados e tudo que viveram ao longo da vida.

2.4 As narrativas orais e seu nascedouro no Brasil

Para compreender as narrativas orais no Brasil, debruçamo-nos sobre os estudos de Almeida e Queiroz (2004), no livro *Na Captura da voz*, que trazem à tona uma importante pesquisa sobre as narrativas orais no Brasil a partir do século XIX. Em seus estudos sobre as narrativas orais no Brasil, mostram que no Brasil, o interesse pelas narrativas orais passaram por três momentos importantes: o primeiro foi o dos pioneiros, aqueles que conviveram com a chegada das primeiras máquinas impressoras no Brasil (1881-1920); o segundo foi marcado pelo esforço dos folcloristas e antropólogo, que tinham suas próprias iniciativas individuais e pesquisavam sobre o país pela via dos contos tradicionais, quando as pesquisas podiam estar vinculadas a alguma instituição pública, sendo o escritor Mário de Andrade o principal nome desse movimento (1921-1960); o terceiro teve início em 1961, sendo marcado pelas pesquisas realizadas nas universidades, principalmente nas áreas de Letras e Ciências Humanas. Esta pesquisa se situa, pois, nesse terceiro movimento.

Coletâneas de contos da tradição oral, que resultaram das pesquisas realizadas pelos folcloristas brasileiros, informam a respeito dos contadores tradicionais aqui do Brasil: “Os primeiros registros impressos das manifestações poéticas em voz narrativa em território brasileiro vão aparecer na segunda metade do século XIX” (ALMEIDA; QUEIROZ, 2004, p. 11). Os contos sobrevivem ao tempo e em suas andanças pelo mundo o contador incorpora em

suas narrativas as diferentes culturas, tornando-se responsável pela permanência duradoura das histórias contadas universalmente pelos séculos e séculos. Passamos a conhecer o perfil do contador de histórias tradicionais aqui no Brasil, por intermédio do relato oral e pela literatura.

Há ainda que se acentuar a dimensão do gênero em relação à contação de histórias, considerando o papel das mulheres como também contadoras e guardiãs da memória. Como dissemos, falar em contar história é pensar nas mulheres, que muitas vezes foram silenciadas de boca cerrada, autorizadas a falar somente “coisa de mulheres”, como, por exemplo, cuidar da casa, do marido, amamentar os filhos e filhas de suas senhoras, participar de encontro de rezas e orações, de maneira que não se adiantasse a ultrapassar as paredes da casa grande. Os sussurros e os cochichos eram permitidos somente às escondidas, mas, mesmo assim, eram tidas como tagarelas. Conversar demais, disseminadoras de boatos, tudo isso fortalecia a condição posta para a mulher: o silêncio. Perrot (2005) diz que “a irrupção de uma presença e de uma fala feminina em locais que lhes eram até então proibidos, ou pouco familiares, é uma inovação do século XIX, que muda o horizonte sonoro”. Sobretudo a partir do século XIX, seguindo a ascensão da burguesia e os padrões da sociedade patriarcal e capitalista do mundo ocidental, a mulher foi associada à restrição do espaço privado e doméstico, que emerge nas configurações de uma classe dominante no contexto da industrialização e da nova configuração do tecido urbano. Com isso, passa a configurar, nesse contexto sociopolítico, parte das dinâmicas branco-masculinas, das quais o único representante legítimo seria o homem nesse recorte econômico-racial, sendo também o sujeito histórico da narração e da narrativa.

No entanto, o século XX foi marcante para as mulheres, que se fortaleceram na disputa pelo espaço público e de participação política. A partir de então, a mulher passa a questionar sua condição de submissa, sobretudo aquelas com maior poder aquisitivo, pertencente à branquitude e aos países desenvolvidos, quando não está mais exclusivamente a serviço do outro, cuidando também de si. As lutas sociais das mulheres tomaram uma dimensão considerável, precisamente nos séculos XIX e XX. Para Perrot (2005), é importante reconhecer o papel da mulher na sociedade ao longo do tempo, já que isso permite a compreensão enquanto sujeitas protagonistas de suas histórias. No ato de contar histórias, as mulheres se colocam no palco, nas rodas de conversas, nos engenhos ou em outros lugares, lançando-se na imprevisibilidade dessa arte que é pura espontaneidade.

Quando pensamos nas primeiras contadoras de histórias, logo temos a imagem das mulheres negras, que atuavam como amas de leite dos filhos de suas senhoras. Essas mulheres foram as primeiras grandes contadoras. As narrativas foram adaptadas, a partir das histórias trazidas ao Brasil pelos portugueses, indígenas e africanos.

(...) inúmeras pessoas faziam parte da arte de contar histórias como uma profissão, eram andarilhas que saíam de um lugar para o outro, contando histórias. Eram mulheres negras que passavam de engenho em engenho contando histórias às amas de meninos brancos. (ALMEIDA E QUEIROZ, 2004, p 156).

Cabe destacar que a pesquisa nos proporciona, por meio da literatura e do relato oral, um caminho para conhecermos um pouco sobre o perfil do contador tradicional no Brasil. A fim de ilustrar esse cenário, mencionamos nos itens a seguir alguns exemplos registrados pela literatura.

2.4.1 A Velha Totonha, de José Lins do Rego

A Velha Totonha é um personagem de José Lins do Rego do livro *Menino de Engenho*, descrita como ex-escrava andarilha que vivia de engenho em engenho contando histórias. O livro narra que a Velha Totonha tinha um repertório muito vasto de contos de fadas, histórias de Trancoso, relatos que aconteceram na localidade e até mesmo histórias bíblicas:

A Velha Totonha de quando em vez batia no engenho. E era um acontecimento para a meninada. Ela vivia de contar histórias de Trancoso. Pequenina e toda engelhada, tão leve que uma ventania poderia carregá-la, andava léguas e léguas a pé, de engenho a engenho, como uma edição viva das Mil e uma noites. Que talento ela possuía para contar as suas histórias, com um jeito admirável de falar em nome de todos os personagens! Sem nem um dente na boca, e com uma voz que dava todos os tons às palavras. As suas histórias para mim valiam tudo. Ela também sabia escolher o seu auditório. Não gostava de contar para o primo Silvino, porque ele se punha a tagarelar no meio das narrativas. Eu ficava calado, quieto, diante dela. Para este seu ouvinte a velha Totonha não conhecia cansaço. Repetia, contava mais uma, entrava por uma perna de pinto e saía por uma perna de pato, sempre com aquele seu sorriso de avó de gravura dos livros de história. E as suas lendas eram suas, ninguém sabia contar como ela. Havia uma nota pessoal nas modulações de sua voz e uma expressão de humanidade nos reis e nas rainhas dos seus contos. (...) A velha Totonha era uma grande artista para dramatizar. Ela subia e descia ao sublime sem forçar as situações, como a coisa mais natural deste mundo. Tinha uma memória de prodígio. Recitava contos inteiros em versos, intercalando de vez em quando pedaços de prosa, como notas explicativas. Havia a história de um homem condenado à morte. Os sinos já dobravam para o desgraçado que caminhava para a forca. Era acusado por crime de morte. Todos os indícios estavam contra ele. E quando o cortejo passava pela porta da casa de sua mulher em lágrimas, um seu filho que mamava tirou a boca do peito, e começou a falar em versos, e descobriu tudo, salvando o pai que ia morrer inocente. Os versos que esse menino recitava, a velha Totonha declamava com uma expressão de dor de arrepiar. As lágrimas vinham-me aos olhos com aquele lamento fanhoso de menino de peito a cantar. Havia sempre rei e rainha, nos seus contos, e forca e adivinhações. E muito da vida, com as suas maldades e as suas grandezas, a gente encontrava naqueles heróis e naqueles intrigantes, que eram sempre castigados com mortes horríveis. O que fazia a velha Totonha mais curiosa era a cor local que ela punha nos seus descritivos. Quando ela queria pintar um reino era como se estivesse falando dum engenho fabuloso. Os rios e as florestas por onde andavam os seus personagens se pareciam muito com o Paraíba e a Mata do Rolo. O seu Barba-Azul era um senhor de engenho de Pernambuco. (REGO, 2001, p. 64 e 65).

Essa narrativa de Totonha reforça a afirmação de Cascudo (2014, p. 12) no tocante a mulheres serem melhores contadoras de histórias do que os homens, sobretudo porque “lhes cumpre o agasalho dos filhos e a tarefa de adormecê-los, entretendo-os” com as histórias maravilhosas. Para o romancista, as histórias que Totonha contava apelavam para a imaginação e para o fantástico como fatos diversos gravados em sua memória prodigiosa, como se os incidentes tivessem de fato acontecido, tornando-se real pelo primor da descrição.

Possivelmente analfabeta por sua condição social de ex-escrava, sabia de cor versos e mais versos. Assim, a velha contadora, de natureza livre e errante, provocava no público atento às emoções pelo suspense, pelas peripécias dos personagens, pela condenação dos antagonistas. Além disso, como relata ao final, personagens como o de Barba-Azul, registrado por Charles Perrault em 1697 (*La Barbe Bleue*), sanguinário assassino de suas esposas, ganhavam a cor local, traduzido o nobre feudal pela contadora/autora como “senhor de engenho de Pernambuco”.

2.4.2 *Alexandre, de Graciliano Ramos*

Trata-se aqui de Alexandre, um contador de histórias do livro *Alexandre e outros heróis*, escrito por Graciliano Ramos. Logo no início do livro o autor nos adverte que “as histórias de Alexandre não são originais: pertencem ao folclore do Nordeste, e é possível que algumas tenham sido escritas” (RAMOS, 2013, p. 8). O personagem vive com sua mulher Cesária no sertão nordestino e é descrito como um homem cheio de conversas, meio caçador, meio vaqueiro, alto, magro e velho.

Em domingos e dias santos a casa se enchia de visitas — e Alexandre, sentado no banco do alpendre, fumando um cigarro de palha muito grande, discorria sobre acontecimentos da mocidade, às vezes se enganchava e apelava para a memória de Cesária. Cesária tinha sempre uma resposta na ponta da língua. Sabia de cor todas as aventuras do marido, a do bode que se transformava em cavalo, a da guariba mãe de família, da cachorra morta por um caititu acuado, pobrezinha, a melhor cachorra de caça que já houve. (RAMOS, 2013, p. 10).

Registrando as narrativas tradicionais orais, Graciliano Ramos empresta voz ao personagem Alexandre, que ecoa a de anônimos autores/contadores do interior do Nordeste. Ramos assinala, assim, uma prática comum de contação de histórias, nas primeiras décadas do Brasil no século XX, e as temáticas que entretiam os ouvintes atentos em dias especiais: domingos e dias santos.

2.4.3 Joana Xaviel, de João Guimarães Rosa

Joana Xaviel é uma contadora de histórias muito exímia, personagem do livro *Manuelzão e Miguilim*, de João Guimarães Rosa. Mais precisamente, situa-se no conto “Uma história de amor”. A personagem vivia nas Chapadas Gerais e gostava de contar suas narrativas na cozinha, na hora de dormir.

Como as compridas estórias, de verdade, de reis donos de suas fazendas, grandes engenhos e mais muitos pastos, todo gado, e princesas apaixonadas, que o canto da mãe-da-lua numa vereda distante punha tristonhas, às vezes chorando, e os guerreiros trajados de cetim azul ou cor-de-rosa, que galopavam e rodopiavam em seus belos cavalos — as estórias contadas, na cozinha, antes de se ir dormir, por uma mulher. Essa, que morava desperdida, por aí, ora numa ora noutra chapada — o nome dela era a Joana Xaviel. (ROSA, 2011, p. 125, 126).

A personagem contava histórias com entusiasmo, com vibração, era uma mulher “morando de ninguém não querer, por essas chapadas, por aí, sem dono, em cafuas” que saía a contar histórias e gerava encanto por onde passava.

2.4.4 Cachorro Velho, de Teresa Cárdenas

Nos encontros da disciplina Tópicos em Linguagem e Ensino de Literatura, ministrada pelas professoras Luiza Helena Oliveira da Silva e Ana Crélia Dias, foi-nos apresentado o livro *Cachorro velho*, da escritora Teresa Cárdenas, uma narrativa infanto-juvenil. Ao contrário do que se pode imaginar, o enredo não trata de um episódio agradável, mas de uma dura história de escravidão.

Cachorro Velho é o personagem principal do conto, escravo idoso que, após anos de trabalho duro, desempenha a função de porteiro do engenho e vive no mundo da imaginação e das lembranças sobre os companheiros que perdia e sobre a violência vivida. É por meio da memória que busca reconstruir a lembrança da mãe. É chamado como tal porque, quando era um bebê, foi separado da mãe para que ela voltasse a trabalhar para seus senhores abastados, então quando passou a “farejar” as pessoas.

Seu senhor passou a chamá-lo de Cachorro Velho. Para o velho escravo, o único alívio era aos domingos quando o vigário agrupava os escravos no pátio e pregava falando dos céus e dos anjos. Cachorro Velho, como uma forma de aliviar sua dor, recuava no tempo e se via como uma criança. Sentado no chão, encolhia as pernas e comovido escutava a voz doce da contadora de história, a negra Aroni que lhes contava fabulosas histórias da África.

Eeeeeii, escutem todos! O que eu vou contar assombrará vocês! Uma vez conheci um homem cabelo de marfim e olhos da cor do mar, quando se enfurece...” Aroni. Feiticeira das palavras. Bruxa dos devaneios. Narrava a qualquer hora e em qualquer lugar. Seus contos eram para todos. Sentada no chão, perto das crianças, ou em um tamborete, junto aos mais velhos. Cantava a negros, ao vento e às canas, aos patos e às formigas que subiam pelas paredes do barracão. Não estava louca nem lúcida. Não era alegre nem triste. Não chorava nem cantava. Apenas contava histórias, fábulas, que tinha escutado quando era menina em sua aldeia, na África. Dos seus lábios brotam histórias de magos, de animais ferozes e encantados, de peixe de prata e de madrepérola, de duendes barbudos, de príncipes, guerreiros que caíam em desgraça (CÁRDENAS, 2020, p. 15-16).

Para além das histórias narradas pela contadora de histórias Aroni, que ao contar história trazia refrigério e acalanto para a alma de *Cachorro Velho*, a leitura deste conto nos remete ao período da escravidão, como um dos temas importantes para refletirmos sobre nossa história, principalmente quando pensamos sobre a violência e a opressão que viviam os negros no Brasil e que ainda permanece nos tempos atuais, pois não é raro vermos os casos e situações análogas à escravidão.

Eró Cunha (2021), participante desse estudo, contadora de história e professora negra, moradora na periferia da cidade de Imperatriz, estado do Maranhão, que resolve trabalhar na escola do seu Bairro, traz em sua entrevista a importância de discutirmos sobre a temática racial, precisamente da pessoa negra no espaço escolar:

Enunciado 06

Fiz questão de trabalhar nas escolas de periferias...trabalho aqui no meu bairro que é minha forma de retribuição, fiz meu mestrado falando dessas personagens...dessas mulheres negras...e exatamente para reconhecer, para fortalecer essa nossa história...esse nosso espaço de fala e de escuta. É uma realização imensa quando a gente propõe projetos, propõe leituras...discussões. E essa minha trajetória de contar histórias, elas vêm sendo construídas por essas várias histórias, que fico sabendo, que eu leio, que eu escuto das nossas comunidades...e isso é que me fortalece, é isso que me encanta e que me faz assim... resistir...reexistir (ERÓ CUNHA, 2021).

Perpetrado pela sociedade, o discurso escravagista se mantém até hoje e resulta em recorrentes casos de trabalho análogo à escravidão, além de ser objeto de exclusão, racismo, criminalização, injúria, intolerância e outras atrocidades cometidas contra a dignidade da pessoa humana do negro.

Tudo isso pode, do ponto de vista dos direitos humanos e pelo viés educacional, conduzir-nos a pensar uma sociedade que atue diariamente no sentido de não reproduzir tais atos. A escravidão é irreparável, porém, problematizá-la, e pensar modos de promover os sujeitos sociais nela implicados, é urgente e necessário. Não podemos negar ou minimizar os danos históricos que a escravidão causou e ainda causa nos corpos e mentes dos povos negros e indígenas. Temos um dever ético de atuar para combater o discurso escravagista e toda e

qualquer forma de exclusão e segregação da pessoa humana. Portanto, discorreremos mais sobre essa temática no capítulo dos dados.

2.5 O Contador Contemporâneo

O contador contemporâneo é aquele que geralmente se utiliza do texto escrito como apoio para organizar e preparar a sua apresentação, na maioria das vezes com a intenção de entreter ou encontrar outras formas de se apropriar das histórias, nas atividades educativas, como instrumento importante à promoção da leitura.

Alguns usam ainda o ciberespaço como suporte tecnológico para apresentar suas narrativas, prática que tem servido à ampla divulgação de livros mesmo por parte de jovens leitores, como se evidencia em vídeos no Youtube (Fig. 1). Na pandemia provocada pela Covid-19 (2020-2021), a prática se expandiu ainda como estratégica para atenção a crianças enclausuradas em suas casas, assim como muitos contadores compartilharam narrativas em *podcasts*. Outros participam de encontros formativos para aprimoramento de sua performance e, para compor seu repertório, recorrem à literatura impressa em livros.

Figura 2 - Contação de histórias na Internet



Fonte: TERRA, 2022.

Para Matos, “Os novos contadores recriam a oralidade a partir de uma fonte escrita, e o processo de contar é completamente diferente daquele de quando os contos chegavam pelos ouvidos” (MATOS, 2014, p. 116). Esse contador de que fala Matos, nem sempre herdou

histórias guardadas na memória, pois, normalmente, as histórias são retiradas de livros e adaptadas à realidade do lugar, ao espaço e ao público.

Outra característica do contador contemporâneo é a pesquisa que ele faz antes de narrar, investigando a estrutura do conto, os personagens da história e suas emoções. Faz também uso de recursos externos ao corpo, que incorporam às narrativas, tais como fantoches, chocalho, pandeiro, lenço e outros acessórios cênicos. Pode trazer para o ato de contar elementos de outras artes, a exemplo da música e do teatro, com a intenção de dinamizar sua performance e também como modo de chamar atenção de quem ouve a história. Regina Machado nos chama para refletirmos sobre o uso desses objetos:

Sobre esses recursos é importante ressaltar que devem estar a serviço da história. Não se trata de fazer teatro, e sim de narrar. Às vezes são tantas coisas utilizadas que desviam a atenção do fio da narrativa, promovendo um show de estimulação sensorial. As crianças se deixam seduzir pela parafernália técnica e a história se perde. Quem conta histórias todos os dias pode preparar-se para surpreender as crianças com situações variadas. (MACHADO, 2015, p. 110).

A atenção que se deve ter antes de contar uma história, usando recursos externos para favorecer a narrativa, visa trazer elementos surpreendentes que valorizem sua essência poética. Basta fazer o exercício de lembrar-se dos tempos da nossa infância, mesmo ainda pequenos, sabíamos bem sobre o que povoavam nosso mundo imaginário e, por associação metonímica, por exemplo, um “osso” representava muito bem um “boi”, uma boneca de milho verde retirada da lavoura, era “uma menina”. Não é, porém, qualquer objeto que deve ser usado para figurar uma coisa, por exemplo, um abacate não serviria para representar uma “princesa”, a menos que se tratasse de uma princesa tornada abacate por uma maldição de bruxa. Por isso é tão importante pensar elementos que conversem com o universo das crianças, que de algum modo façam sentido para os ouvintes, a partir de diferentes associações possíveis.

Cláudia Borges (2021), participante deste estudo, faz uso de um Baú, espécie de repositório misterioso, o lugar de onde ela tira suas histórias. Para ela, esse elemento é útil para seu trabalho, como lugar imaginário onde moram suas narrativas:

Enunciado 07

Meu repertório, eu coloquei no meu Baú, vem de lá... O processo criativo meu. Eu respeito o processo criativo de todos, mas o meu processo criativo é muito de vivencial, pra uma história estar no Baú, tem que fazer sentido... Eu tenho que viver essa história, em todos os sentidos! De conhecer cada parte que acompanha a história, de conhecer o ritmo, se tem pausas, se não tem pausas, se eu posso cantar! Então tem todo esse movimento, dos recursos internos e externos, né! O quê que eu tenho dessa história dentro de mim? O que eu posso trazer dessa história pra essa história fazer parte de mim? Então é muito esse movimento de viver mesmo, vivenciar a história (CLÁUDIA BORGES, 2021).

Usar objetos para favorecer as imagens do conto parece ser uma das possibilidades que o contador encontra para chamar atenção do seu público, ainda que se deva tomar cuidado para que a atenção do ouvinte não seja voltada apenas para os objetos, pois é bem provável que a criança não preste atenção na história e sim nas coisas que são utilizadas, tirando-lhes a atenção da narrativa mesma.

Na atualidade, quem conta histórias precisa preparar-se para encontrar maneiras diversas para chamar atenção do público em situações variadas, mas também: “É preciso saber contar histórias sem nenhum recurso externo, para experimentar a sensação da soberania da história, valendo-se apenas de sua força expressiva, tal como se revela pela presença do contador” (MACHADO, 2015, p. 111). Nessa perspectiva, o contador de história pode usar outras formas de expressão, utilizando o próprio corpo para criar a cadência da história, alternar ritmos que podem ser rápidos e lentos, o tom da voz, aguda e grave, e os gestos que podem ser comedidos ou não.

Outra característica importante do contador contemporâneo é fato do uso de recursos tecnológicos, não ficando restrito somente aos livros, mas utilizando outros suportes tais para cenografia como CDs, DVDs, além de apresentar por *podcasts*, vídeos no *YouTube*, *lives* no *Instagram* e tantas outras mídias que permitem esse contato com várias pessoas de forma simultânea e com um alcance muito maior. Se os contadores tradicionais se reuniam embaixo de uma grande árvore, ao redor da fogueira, no alpendre da casa ou na cozinha, contando seus causos para um seletivo grupo de ouvintes, os contadores contemporâneos abrem uma *live* na rede social e podem alcançar milhares de ouvintes de uma só vez.

Eles chegam de todas as partes: Norte, Sul, Leste, Oeste. Vêm vestidos de vermelho, azul e amarelo; fitas coloridas penduradas pelo corpo; vêm com jeito de palhaço ou de princesa; outros vestidos de si próprio. Alguns trazem consigo instrumentos sonoros, músicos e cantores, alguns portam malas, bonecas, fantoches, mímicas, humor; outros nada trazem, apenas vão chegando contando, deixando leituras aos seus ouvintes hipnotizados. Eles estão por toda parte: escolas, bibliotecas, creches, asilos de idosos, abrigos de crianças, de jovens, hospitais, feiras, congressos. Organizam-se em encontros, festivais, associações e rodas. Fundam espaços, ministram cursos, mantêm páginas da web, fórum de discussão virtual, e cobram, muitas vezes, altos preços pela sua atuação. Eles são os contadores de história do século XXI. Estão presentes nos quatro cantos do mundo. (BUSATTO, 2013, p. 26).

Contar história parece ser uma das formas eficientes de passar mensagens, ideias, valores e memórias, e isso ainda permanece, somente o modo de fazê-lo é que se diversificou. E o ciberespaço tem grande influência nisso. Por ciberespaço, Lévy (2010) entende como o espaço de comunicação aberta pela conexão mundial de computadores, ou seja, esse local

que as informações chegam sem barreiras de distância ou território geográfico. O ciberespaço torna-se o principal espaço de interação entre os cidadãos, com todo tipo de conteúdo, de trabalho e lazer.

Hoje nos encontramos na chamada era digital e muitos contadores de histórias desenvolvem trabalhos para as mídias digitais e para o ciberespaço. A partir desse estudo, por meio das entrevistas realizadas com os participantes da pesquisa, destacamos a professora e contadora de histórias, Cláudia Borges, que entende a importância da dinâmica contemporânea e se dispõe a participar das comunidades conectadas em rede, procura compreender como a arte de contar histórias converge e se ressignifica no ciberespaço como uma rede de relacionamento, de comunicação e de trabalho. Além de participar de encontros de formação, valoriza o texto e utiliza como suporte para transmitir suas narrativas no ciberespaço. Toda a quinta-feira conta histórias e realiza *lives* com a participação de outros artistas da palavra e escritores no perfil “Baú da Claudinha”.

Enunciado 08

O ciberespaço foi uma porta que se abriu para eu continuar desenvolvendo meu trabalho e... mantendo vínculos nesse espaço tão amoroso e tão afetivo de contadores de histórias. Eu tive muita dificuldade no início e ainda tenho, para poder mexer nas plataformas, porque não era algo do meu cotidiano e se me perguntarem: Cláudia, você prefere o ciberespaço ou ao vivo? Prefiro ao vivo devido a interação mais calorosa... do olhar, dos gestos, de poder chegar perto do público. Mas eu também desenvolvi as técnicas de contar no ciberespaço do meu jeito, consegui abrir uma fenda e manter-me conectada com outros contadores, aprender muito através de cursos e também vender o produto a contação de histórias e os cursos que eu promovo. (CLAUDIA BORGES, 2021).

Embora estejamos vivendo esse “boom” do uso da tecnologia, cabe reconhecer que alguns contadores não têm acesso aos recursos midiáticos, em função da demorada democratização do acesso à Internet no país. Conforme Rodrigues, o digital responde pela ressignificação de práticas, pois

Pessoas de todas as idades, classes socioeconômicas e gêneros utilizam-se cada vez mais das tecnologias (celular, internet, computador etc.) para estreitar ou estabelecer novas relações interpessoais. Esses novos espaços que emergem dessa cultura digital trazem implicações para a interatividade, possibilitando novas formas de relacionamento com alteridade, então ressignificadas (RODRIGUES, 2015, p. 20).

Em meio às mudanças ocorridas com o evento da tecnologia, cada grupo social passou a encontrar maneiras diferentes de se comunicar no ambiente digital. Esse novo modo de se comportar está relacionado ao que Pierre-Lévy, chama de *cibercultura* e que conceitua como “o conjunto de técnicas materiais e intelectuais, de práticas, de atitudes,

de modo de pensamento e de valores que se desenvolvem como o crescimento do *ciberespaço*” (LÉVY, 2010, p. 17). Para o contador de história, esse “espaço não físico ou territorial, que se compõe de um conjunto de redes de computadores através dos quais as informações circulam” (LÉVY, 2010, p.17) não é um lugar desvinculado do mundo real, pelo contrário, o sistema tecnológico, eletrônico e digital é um leque de possibilidades, de interação e formas de relacionar-se. Para alguns contadores, como o caso da professora e contadora de história Eliane Pereira Machado Soares, participante desta pesquisa, há ainda resistência a esse modo de performance:

Enunciado 09

... muita coisa aconteceu na internet, eu participei de alguns eventos, congressos, né, saraus, eu fiz muitas coisas na internet (suspiro)! Foi difícil pra mim porque é..., eu não gosto de ficar me vendo, porque ficar se vendo não é legal essa coisa da contação de história no, na...na na internet, eu não sei, não me toca muito não! Não me toca, inclusive nem assisto, nem assisto, mas muito dificilmente eu assisto (ELIANE SOARES, 2021).

O ciberespaço é um lugar importante que oferece ferramentas como suporte para o contador de história diversificar sua maneira de narrar, como um espaço de compartilhamento coletivo, um território que transitam pessoas e informações. Na experiência de Eliane Soares, porém, que decidiu não migrar totalmente para a rede, o contato com as pessoas no modo presencial é importante, pois acredita que existe uma forma verdadeira, profunda na troca de sentimentos, de afeto, que dificilmente acontece pela internet.

Já para Cláudia Borges (2021), inserida fisicamente na região Amazônica, que concluiu o mestrado no momento da pandemia e tem experiência com o ciberespaço, a Internet ressignificou sua prática de contar histórias e também foi uma maneira de se aproximar das pessoas:

Enunciado 10

[...] em 2020, me apropriei dessa ferramenta e fui me adequando àquela realidade, então tanto conto no ciberespaço como também no presencial. É possível fazer pelo ciberespaço que também tem seus encantos, as palmas que a gente tem da plateia, um abraço depois da contação, quando alguém chega e diz: -olha, essa história valeu, lembrei do meu pai, do meu avô, da minha memória de criança. Isso é substituído pelos likes, pelos comentários, algumas pessoas pedem teu telefone para pedir informações, e-mail, pedem WhatsApp, algumas pessoas fazem print de momentos da minha contação o que mexeu com ela. Eu vou vendo, gente, são formas diferentes, a mensagem foi enviada, se o público está conectado contigo, se o público está naquele momento contigo, é possível, é assim que eu penso. Aí, eu lembro muito da canção do Chico Buarque, “agora eu era herói”, essa possibilidade poética que nós temos de abrir espaços no tempo e na imaginação A contação de histórias não morreu, ela está se reinventando, ressignificando a sociedade contemporânea. (CLÁUDIA BORGES, 2021)

Esse contador que mergulha pelas ondas das redes sociais da internet, ou seja, o

contemporâneo, muitas vezes as possui suas narrativas inspiradas pela voz de um contador da tradição oral, mesmo porque a arte de contar histórias na contemporaneidade não ressurgiu como algo do passado ou como algo que ficou perdido no tempo. Contudo, o contador contemporâneo busca sua formação, nos cursos, nos livros, em *webconferências*, participando de coletivos de contadores de histórias. São nesses espaços que a palavra é compartilhada trazendo à tona a essência da arte de contar que é essa troca de experiências que encontramos no contato com outros narradores.

Santos, em sua tese “A Emília que mora em cada um de nós”, considera que as semelhanças entre os narradores tradicionais e os contemporâneos se mantêm, já que ambos, mesmo em momentos diferentes, buscam um sentido de vida e de identidade. No entendimento da autora, quanto às diferenças entre esses dois narradores, esclarece que:

Podemos dizer que as mudanças vividas pela sociedade atual foram as grandes responsáveis por demarcar as transformações sofridas por eles. A comunicação, diretamente marcada pelo avanço tecnológico desde o final do século XX, influenciou decisivamente a manifestação dessa arte e a performance dos seus atores, bem como o canal de aprendizagem entre eles. Durante esse período os narradores orais quase se perderam no anonimato, salvo as exceções descritas nas pesquisas realizadas nas universidades. Isso me fez supor que a mudança na forma de se produzir conhecimento e transmiti-lo, com o advento da globalização, gerou um período de “casulamento” em que os contadores de histórias precisaram passar para reaparecerem revestidos de artistas do espetáculo da narração oral, capazes de usar com propriedade as técnicas, o repertório e os suportes necessários a transmissão dos saberes contidos nas narrativas (SANTOS, 2013, p. 83).

Portanto, compreendemos que o contador de histórias na atualidade encontra-se inserido na cultura letrada, para ativar a memória, busca sua própria história de vida, é “ávido por mergulhar nos segredos da narração, carrega consigo influências do seu tempo e dos meios de comunicação (...) constrói a sua arte por meio da experiência que traz da sua história pessoal, ou dos cursos que se proliferaram nos últimos anos” (BUSATTO, 2013, p. 29).

No que se refere à formação desses profissionais, observa-se um movimento ainda muito tímido por parte do Governo Federal, com apenas algumas iniciativas ligadas à cultura e educação. Um dos exemplos é o curso ofertado pelo MEC pela a pactuação do plano de oferta de cursos de Formação Inicial e Continuada – FIC do Pronatec/Novos caminhos, que dentre outros cursos contemplava o curso de contador de história, com carga horária de 160 horas. Registra-se também a iniciativa da Biblioteca Nacional, com intuito de promover a leitura literária desenvolveu por meio do PROLER (Programa Nacional de Incentivo à Leitura), Instituído pelo Decreto Presidencial número 519, em 13 de maio de 1992, que tinha como

objetivo formar mediadores de leitura, dentre outros os eixos, o de contadores de histórias. Há instituições como o Serviço Social do Comércio (SESC), que também na cidade de Araguaína – TO, tem parceria com contadores de histórias, contratados para atuarem em escolas, praças, creches e em outros logradouros.

Existem também as iniciativas informais de contadores de histórias que promovem cursos de formação, tanto de forma presencial como virtual. Nesse ambiente, é relativamente fácil encontrar diversos grupos de contadores de histórias, como o do site Boca do Céu⁷, o Instituto Abrapalavra, o site Lunetas, Redemoinho de Saberes, entre outros.

Atualmente, a ação de contar história está fortalecida, na medida em que muitos programas de pós-graduação têm divulgado os resultados de suas pesquisas na área da oralidade, da memória e da contação de história.

Destacamos alguns trabalhos importantes realizados em instituições federais, nas regiões Norte e Nordeste, como o da Universidade Federal da Bahia, que realiza estudos nessa área por meio do Programa de Estudos e Pesquisa da Literatura Popular (PEPLP), coordenado pelas professoras Doralice Fernandes Xavier e Maria Del Rosário Soares Albán. Outro exemplo é o trabalho da professora Luciene Souza Santos, que realizou estudos com os estudantes do Curso de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade da Bahia, sobre o objeto de estudo: constituição de pedagogos desenvoltos na arte de narrar a partir da relação entre suas narrativas orais fundantes e o desenvolvimento de práticas formadoras filiadas à contação de histórias. Docente do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Estadual de Feira de Santana, vem ampliando o leque de docentes pesquisadores que se dedicam à temática e à arte de contar.

No Norte, a Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA) desenvolve trabalhos em parceria com a Secretaria de Educação do Município da cidade de Marabá, estado do Pará, coordenado pela professora Eliane Soares, em parceria com a professora e contadora de história Cláudia Borges, que organizaram o projeto de extensão intitulado *Leitura e escrita na Amazônia: modos de ser e fazer* no ano de 2014, que teve como objetivo central a formação de leitores e a criação das salas de leitura com foco na contação de histórias e mediação de leitura em todas as escolas da cidade de Marabá estado do Pará.

No âmbito do Grupo de Estudos do Sentido do Tocantins (GESTO), da UFNT, que tem produzido trabalhos em diferentes direções sobre a memória, principalmente de professores e professoras, é esta uma primeira pesquisa com contação de histórias. Abordaremos a seguir,

⁷ BOCA DO CÉU. Disponível em: <<https://bocadoceu.com.br/pagina-principal/>> Acesso em 03 mar. 2022.

dois gêneros clássicos utilizados pelos contadores de história.

2.6 Contos e causos

A história é o centro da convivência, lugar de reunir pessoas que contam e que ouvem. Em sociedades primitivas, sacerdotes e seus discípulos reuniam-se em volta da mesa na hora das refeições, perto das fogueiras com suas labaredas em tom vermelho fumegante, à luz do luar, quase sempre depois das rezas e ou simplesmente perto do fogão de lenha, contavam causos, traziam para a roda notícias de familiares que moravam distantes, em outras regiões, contavam sobre nascimento dos filhos, trocavam ideias, risos e contavam muitas histórias.

O fogo aquecia as histórias, era como algo divino que trazia luz e iluminava o contador de histórias e os que o ouviam. Não havia separação entre contos para crianças ou somente para adultos, todos se acomodavam em volta do contador, numa roda democrática as pessoas iam chegando e tomando lugar nessa ciranda que despertava emoções e encanto pelas histórias narradas, que na maioria das vezes eram histórias que falavam daquele povo e do lugar.

Os contos populares fazem parte de uma literatura originalmente oral, potente, viva e sonora destinada a um público que geralmente não sabia ler, mas que acabavam determinando a forma da exposição da própria narrativa e de maneira simples, seguia uma sequência lógica, sem muita demora. O desfecho da história acontecia, na maioria das vezes de forma dramática o imaginário era despertado e a memória coletiva, servia o repertório comum aos que ouviam. Contar nos remete a tempos remotos, quando ainda não marcado pela escrita.

Segundo Gotlib (2006), os *contos dos mágicos*, são os mais antigos, devem ter aparecido por volta dos anos 4.000 antes de Cristo. Essas histórias se seguiam noites após noites e ainda hoje são resistências nos tempos atuais. Temos como exemplo Sherazade, a grande contadora de histórias que ia distraíndo e encantando o rei, por muito tempo com suas histórias, encantado o rei, até se esquecia de que a condenara à morte. O rei Shariar tinha traçado um plano, que era desposar uma virgem por noite, que morreria no dia seguinte, a fim de que nenhuma pudesse repetir o ato de traição da sua antiga mulher. Cada vez que Sherazade contava uma história, deixava o rei encantado e motivado em ouvir outras histórias. E assim, nesse contar a vida ia se prolongando, de encanto em encanto pelo poder das histórias.

Pensar o conto é aceitar uma luta, que segundo Cortázar (1993), a teoria tem uma força avassaladora que pode aniquilar a própria vida do conto:

Se não tivermos uma ideia viva do que é o conto, teremos perdido tempo, porque um conto em última análise, se move nesse plano do homem onde a vida e a expressão

escrita, dessa vida travam uma batalha fraternal, se me foi permitido o termo; e o resultado dessa batalha é próprio conto, uma síntese viva ao mesmo tempo uma vida sintetizada, algo assim como um tremor de água dentro de um cristal, uma fugacidade numa permanência. Só com imagens se pode transmitir essa alquimia secreta que explica a profunda ressonância que um grande conto tem em nós, e que explica também por que há tão poucos contos verdadeiramente grandes. (CORTÁZAR, 1993, p.10).

Compreendemos que nem sempre o conto é um relato de uma experiência, algo que tenha ocorrido. Ele pode ser uma ficção sem limites precisos, com muita liberdade de expressão ou uma mistura que une realidade com ficção, sem necessariamente se importar muito se o que está sendo escrito é verdadeiro ou não. O mais interessante é pensar nessa invenção e a forma de recriação do conto, seja ele, aproximando da nossa realidade ou afastando da vida real. Parece que podemos pensar o conto como se fosse, por exemplo, uma folha em branco à espera de alguém que pegue o fio da meada e comece a tessitura, a costurar a vida da narrativa.

Em consonância com Busatto (2008), os contos, à medida que estão sendo narrados, vão sofrendo alterações, como um sistema de crenças ou uma maneira encontrada para explicar os elementos da natureza e catástrofes ambientais, como tsunamis, enchentes, terremotos e alagamentos e outros acontecimentos. “A literatura oral sempre sofreu alterações como acréscimo de informações relativas à época e aos valores da comunidade onde era narrada” (BUSATTO, 2008 p. 22).

Conforme enunciado anterior, as alterações que ocorrem no conto muitas vezes com omissões de fatos ou de algum detalhe dependem do lugar e dos valores da comunidade onde o contador está inserido. Essas alterações são maneiras que o contador de histórias encontrava e ainda encontra para incluir no conto, coisas muito pessoais do seu cotidiano, adaptando ao gosto de seus ouvintes.

Nas palavras de Bakhtin (1992, p. 151), “a enunciação humana mais primitiva, ainda que realizada por um organismo individual, é, do ponto de vista do seu conteúdo, de sua classificação, organizada fora do indivíduo pelas condições extra-orgânicas do meio social.” Pensar o conto, no ato da narração, da enunciação, não pode ser considerado como fato individual, como algo próprio do narrador/enunciador, que decide por si só as variações que podem ocorrer na sua narrativa, mas o que parece ser considerado é como a enunciação tenta se adequar a um interlocutor ouvinte, isso pode variar a partir do grupo social no qual está inserido, por exemplo, a família.

Ao ouvirmos uma boa história contada pela mãe ou pelo avô é bastante comum de repente nos depararmos com a surpresa de trechos da narrativa, que dialogam com a nossa história de vida. Isso ocorre porque o conto sempre será narrado de maneira diferente,

dependendo do público, se é composto por ouvintes diferentes, como familiares, colegas de trabalho, igreja, também é importante se considerar o espaço físico e o contexto histórico em que a narrativa acontece.

A linguagem usada pelo contador de história deve ser simples, não necessariamente precisa ser rebuscada, o uso de onomatopeias e repetições favorecem as expressões deixando a história mais divertida, principalmente se o público for de crianças pequenas. Entra em cena a performance e a subjetividade do contador que cria uma conexão entre os que ouvem. O corpo fala por meio do olhar, dos gestos, da melodia da voz, todos esses elementos entram em harmonia com a plateia formando um todo coletivo. Coelho (2002) afirma que:

Contar com naturalidade implica ser simples, sem artificialismo. São também indispensáveis sobriedade nos gestos e equilíbrio na expressão corporal. Se o contador vivencia o enredo com interesse e entusiasmo, ele estabelece sintonia com o auditório. É necessário exercitar a criatividade para recriar o texto com originalidade, sem modificar a estrutura essencial (COELHO, 2002, p. 50).

Um bom contador de histórias, necessariamente, não precisa de um palco, ou ter um comportamento como se estivesse em um palco. A postura do contador é influenciada pelo seu emocional é muito importante que o contar não se agite tanto e nem caminhe pelo espaço de um lado para o outro, para evitar que principalmente as crianças fiquem olhando de um lado para outros sem saber a quem acompanhar, se a quem conta se aos personagens da história. É muito importante se manter sempre no mesmo nível dos ouvintes, de preferência sentado. O principal instrumento que deve entrar em cena é a voz do contador.

3 DOS LUGARES, SUJEITOS E SUJEITAS DA PESQUISA E GERAÇÃO DE DADOS

Nesta seção apresentamos os contadores e as contadoras de histórias participantes desta pesquisa. As narrativas contadas e suas histórias de vida são parte essencial para explicar o mundo em que habitam. Conforme dissemos na introdução, esta pesquisa nasceu de nossas próprias experiências como contadora de histórias e docente atuante na educação básica, o que ganhou corpo com estudos sobre a memória na disciplina Seminário de Semiótica em Ensino (PPGLIT/UFNT), em discussões no âmbito do GESTO (Grupo de Estudos do Sentido) e do grupo feminista *Coletivas Raimundas*.

Inicialmente, fizemos um mapeamento e registro de histórias de vida de contadores e contadoras de histórias que residem nas cidades de Araguaína - TO, Marabá - PA e Imperatriz - MA. Buscamos analisar como os participantes narram suas histórias de vida construindo sentidos na e pela memória, bem como, à luz da semiótica discursiva, analisar tais narrativas. Contribuíram para o estudo oito contadores de histórias, dentre eles, dois homens e seis mulheres, maiores de 35 anos, sendo quatro destes residentes em Araguaína, estado do Tocantins, dois residentes em Imperatriz, estado do Maranhão, e dois residentes em Marabá, estado do Pará.

Para a escolha dos participantes, consideramos o princípio das relações acadêmicas, profissionais e sociais. Inicialmente, contatamos por ligação telefônica e por *WhatsApp* os contadores e contadoras de histórias que residem nas cidades de Araguaína (TO), Marabá (PA) e Imperatriz (MA), com vistas a registrar suas histórias de vida, experiências como contadores e contadoras de histórias e analisar as narrativas contadas.

Vale destacar que, além das relações acadêmicas e profissionais, o círculo de contadores mobilizados neste estudo seguiu a lógica de que um contador/a puxa o outro/a, ou seja, conforme Juliana Vinuto (2014) a respeito da pesquisa qualitativa, esse tipo de amostragem utiliza cadeias de referências para selecionar os participantes da pesquisa, o que chamamos também de método de bola de neve. Primeiramente, a fim de localizar as pessoas com perfil adequado para a pesquisa, entramos em contato com uma informante-chave, docente da rede pública estadual e doutoranda pela UFNT (Universidades Federal do Norte do Tocantins), nomeada como “semente”, que nos ajudou a encontrar os primeiros contatos. A partir desse momento, solicitamos para cada pessoa indicada que fossem indicando novos contatos. Dessa maneira, chegamos aos 8 (oito) nomes que trouxeram informações importantes para os estudos aqui empreendidos. Os limites impostos pelo tempo para realização da pesquisa e sua natureza, delimitaram a inclusão de outros contadores e a densidade dos depoimentos impuseram recortes

inevitáveis à análise.

Descobrimos que há um movimento em torno dos contadores de histórias que precisa mesmo ser registrado. Em função das inúmeras limitações impostas pela pandemia, somado ao curto prazo do mestrado, ficamos impossibilitadas de entrevistar a todos que fomos descobrindo nessa teia das relações tecidas pela contação de histórias.

Além disso, desde o início de nosso convite para participar desta pesquisa, destacamos que cada participante seria livre para solicitar o desvinculamento do estudo ou vetar parte da entrevista.

No processo de geração de dados, instruíu-nos procedimentos relativos à História Oral (THOMPSON, 1992) e ao trabalho com a memória (BOSI, 2003). Nesse sentido, pressagiamos que as histórias de vida de cada contador e contadora de histórias, possam por meio de seus relatos, perceber a realidade em que vivem e trazer à tona o vivido, pelo fio da memória individual e coletiva.

Adotamos como instrumento de coleta de dados a entrevista semiestruturada realizada em duas etapas: teste e aprofundamento. Aqui chamamos de teste o que Bosi (2003, p.60), conceitua como pré-entrevista. A autora considera esse momento importante por se tratar de um “estudo exploratório” muito relevante, pois a partir desse primeiro contato com os participantes da pesquisa podemos reestruturar o roteiro da entrevista abordando outros aspectos para a investigação. Para as entrevistas, foi definido um roteiro, em três partes: identificação do participante da pesquisa, história de vida e trajetória como contador(a) e que histórias contam. Foi combinado com cada um dos participantes, o melhor dia e horário para realizar a entrevista. Previmos um tempo em torno de uma hora e meia para o primeiro encontro e, caso necessário, marcaríamos outros.

Toda essa preparação que antecede as entrevistas, a forma cuidadosa de organizar as perguntas, de maneira flexível sem seguir um padrão rigoroso, respeitando o tempo de fala de cada contador (a), com pouca interferência e principalmente o clima favorável e muito agradável para que os relatos fluíssem livremente, foi importante deixando cada participante do estudo “(...) tranquilo e sem pressa”, dando ao participante “todo tempo que quiser para ir em qualquer direção (...)” (THOMPSON, 1992, p. 257). Isso fez com que voltássemos a nossa atenção para o que de fato emanam das narrativas enquanto registro de uma vida, por exemplo, a atuação docente do contador-professor ou do contador incluído nas práticas escolares através de projetos educacionais vinculados aos projetos de extensão universitária.

As entrevistas foram realizadas utilizando-se de suportes diversos. Seis entrevistas foram realizadas pela plataforma do *Google Meet* em virtude das restrições impostas pela

pandemia da COVID-19, sendo gravadas em áudio e vídeo e, posteriormente, transcritas.

Duas entrevistas foram realizadas presencialmente, na residência dos participantes, em Araguaína. Essas entrevistas foram gravadas utilizando o aparelho celular. Utilizamos o suporte tecnológico, por ser uma ferramenta importante para fins de pesquisas e outras mediações, sobretudo, neste contexto pandêmico. Flick (2009), enfatiza que há um elevado interesse do uso das tecnologias da comunicação na pesquisa social e ressalta que esse método tem como vantagem principal o baixo custo. No caso deste, o fato de alguns participantes residirem em outros estados poderia ter gerado custos financeiros, conforme previsão constante no projeto submetido ao Conselho de Ética. Porém, como citado anteriormente, a pandemia impôs limites drásticos a todos nós, nos diversos setores da sociedade, como por exemplo, para nós, a impossibilidade de uma interação corpo a corpo com alguns entrevistados/as. Apesar disso, o estudo seguiu o seu fluxo utilizando-se da tecnologia digital e suportes de interatividade para a realização das entrevistas virtuais.

Dos oito participantes da pesquisa, dois são idosos, um com idade de 100 anos e 7 meses e o outro com 91 anos. Ambos são residentes em Araguaína e foram entrevistados em suas casas, tendo sido tomados todos os cuidados, atendendo às orientações da Organização Mundial de Saúde (OMS), como uso de máscaras de proteção PFF2/S-KN95, álcool 70 e distanciamento social.

Ecléa Bosi (2003, p. 59) organiza *Sugestões para um jovem pesquisador* e trata da metodologia de estudos com velhos defendendo a ideia de que, entrevistar o participante da pesquisa na sua residência possibilita “mergulharmos na sua atmosfera familiar e (sermos) beneficiados pela sua hospitalidade”.

De fato, as entrevistas realizadas em alguma parte da residência dos entrevistados, presenciais ou virtuais, permitiu-nos adentrar, de alguma forma, no modo de vida de cada um. Isso revelou a relação de cada um com o lugar, as pessoas, os objetos, entre outros aspectos relevantes da vida individual. Embora distantes, mas reunidos virtualmente, foi possível sentir o acolhimento, a cordialidade e como estavam abertos para contribuir com o estudo e o estreitamento dos laços que têm sido fortalecidos dia após dia. A seguir, apresentamos, conforme "Termo de Consentimento Livre e Esclarecido", os participantes da pesquisa, que optaram por serem nominados pelos seus nomes próprios, e outras informações que compõem os dados. O quadro obedecerá a ordem alfabética:

Quadro 1 - Participantes da Pesquisa, local e duração de entrevista

ENTREVISTADO	IDADE	CIDADE	DATA DA ENTREVISTA	DURAÇÃO DA ENTREVISTA	LOCAL/SUPORTE
Antonio Aires de Andrade	92	Araguaína - TO	05 de novembro 2021	1h25min	Casa/gravação aparelho celular
Francisca Cláudia Borges Fernandes	44	Marabá - PA	17 de novembro 2021	1h51min	Google Meet
Eliane Pereira Machado Soares	53	Marabá - PA	16 de novembro 2021	1h29min	Google Meet
Eronildes dos Santos Cunha	50	Imperatriz - MA	30 de junho de 2021	2h30min	Google Meet
Joanires Maria dos Santos Souza	44	Imperatriz - MA	01 de julho 2021	2h	Google Meet
Karine Moreira Melo Souza	35	Araguaína - TO	04 de setembro de 2021	1h40min	Google Meet
Noé Gonçalves Lessas	100	Araguaína - TO	12 de dezembro de 2020	1h30min	Casa/gravação aparelho celular
Symone Elias Souza Vieira	44	Araguaína - TO	02 de novembro de 2021	1h45min	Google Meet

Fonte: Autora, 2022.

Ao concluirmos cada entrevista, foi realizado o procedimento de transcrição que seguiu as "Normas para Transcrição de Textos Oraís" do Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro. A transcrição nos ajuda a compreender e sentir as nuances, sensações e emoções nas falas dos participantes, foram revisadas e submetidas à apreciação dos participantes. Aprovadas, demos início às análises que comporão os próximos capítulos.

Para tanto, e considerando a necessidade de interação com os sujeitos da pesquisa, ancoramo-nos no conceito de pesquisa participativa e caráter qualitativo, fundamentada no paradigma interpretativista, uma vez que o estudo assumiu o “compromisso com a interpretação das ações sociais e com os significados que as pessoas conferem a essas ações na vida social” (BORTONI-RICARDO, 2008, p. 32-34).

A partir da compreensão de que a pesquisa qualitativa busca compreender o objeto de estudo é necessário que para a obtenção dos dados o pesquisador mantenha uma interação constante com os participantes da pesquisa, é nessa interação que a pesquisa vai se constituindo e tomando forma.

Por se tratar de uma pesquisa que envolve seres humanos, o projeto de pesquisa foi submetido ao Conselho de Ética da Fundação Universidade Federal do Tocantins (UFT), via Plataforma Brasil (número 5.161.485). Como pesquisadora, assinamos o termo de compromisso declarando que conhecemos e cumprimos os requisitos da Resolução CNS 466/12 e suas complementariedades. Comprometemo-nos a utilizar os materiais coletados exclusivamente para os fins previstos no protocolo e a publicar os resultados. Ainda aceitamos as responsabilidades pela condição científica do projeto de pesquisa. Do mesmo modo, solicitamos posteriormente a anuência dos participantes sobre direito de imagem, tornando possível que registrássemos neste trabalho fotografias que os identifiquem.

Adotamos o *Termo de Consentimento Livre e Esclarecido* (anexo) com vistas a firmar a confiabilidade e segurança dos participantes. Em alguns casos, por solicitação dos participantes da pesquisa, o roteiro da entrevista foi apresentado com antecedência, para aprovação e aceite das perguntas. É certo que toda pesquisa que envolve pessoas dispõe de riscos tanto de caráter psicológico como físico. Contudo, para este estudo, primamos por não utilizar procedimentos desagradáveis, invasivos, como também adotamos uma postura ética que zela sempre pela segurança, confiança e respeito. Embora alguns participantes tenham se emocionado, não foi por desconforto ou trauma, mas reconhecimento do próprio percurso e tudo que envolve a sua história. A narrativa oral de história de vida ativa a memória do sujeito e, por vezes, pode levar à comoção ao lembrar o passado.

O presente estudo está comprometido com o registro fidedigno dos fatos narrados e foram feitas apreciações junto a cada participante para evitar danos morais ou danos de outra ordem.

3.1 Elos da memória

As entrevistas foram as pontes que nos permitiram acessar a memória de cada entrevistado/a. O momento das entrevistas, presenciais ou virtuais, realizadas nas casas dos participantes, permitiu-nos um olhar sobre o modo de vida e identificar aspectos relevantes quanto a cultura, a religião, a filiação política, entre outros. Em alguns casos, os familiares presentes no momento das entrevistas, acabaram contribuindo com depoimentos ou mesmo prestando apoio no reconhecimento da história de vida da mãe, irmã, esposa(o) ou outro vínculo. Foi uma alegria a companhia desses familiares que, de algum modo, colaboraram com as informações, principalmente quando se referiam às datas ou outros acontecimentos importantes ocorridos no percurso da vida: lembrar nomes de pessoas, festividades, viagens etc.

A presença de filhos e netos evidenciou o vínculo e o afeto entre eles.

Foi emocionante ouvir os dois idosos, no conforto de suas casas e sermos tão bem acolhidas. Ouvir histórias do passado e do presente nutridas pelos fios da memória foi, sem dúvida, um privilégio. Em poucas ocasiões, vimos que essa participação, em alguns momentos, interferiu na fluidez do entrevistado. Isso porque, “... na casa haverá interferência de familiares, o que pode enriquecer a entrevista, mas pode também prejudicá-la inibindo o narrador” (BOSI, 2003, p. 60).

Para Bosi, essa escuta grupal ou com participação de familiares pode constituir-se uma experiência prazerosa e que pode confrontar e transcender lembranças: “Que o passado reconstruído não é refúgio, mas uma fonte, um manancial de razões para lutar. A memória deixa de ter um caráter de restauração e passa a ser memória geradora do futuro” (BOSI, 2003, p. 66).

A escolha pela entrevista como instrumento de coleta de dados se deu, sobretudo, pelo fato de os registros escritos, documentos oficiais ou outros tipos de registros não serem suficientes e não darem conta de trazer à tona as paixões, emoções, desejos individuais e outros sentimentos que emergem a partir do que é contado por velhos, mulheres ou por outras camadas da população, sujeitos escolarizados ou não, que tomam a palavra vivida na voz do contador de histórias. Bosi (2003) ressalta que a memória oral é um instrumento precioso para quem deseja constituir a crônica do cotidiano, embora corra-se o risco de vir carregado de ideologia, o que é comum quando se fala da história de vida. Por meio da memória dos velhos e de mulheres, como mediadores de histórias de geração em geração, atuam como se fossem testemunhas vivas do ocorrido nas narrativas contadas.

A memória dos velhos pode ser trabalhada como mediador entre a nossa geração e as testemunhas do passado. Ela é o intermédio informal cultural, visto que existem mediadores formalizados constituídos pelas instituições (a escola, a igreja, o partido etc.) e que existe a transmissão de valores, de conteúdo, de atividades, enfim, os constituintes da cultura. (BOSI, 2003, p. 15).

O vínculo com o passado configura-se como um movimento de relembrar, funciona como ativador da memória. Os mais velhos conseguem precisar datas, detalhar acontecimentos com vivacidade, uma riqueza de detalhes, quando falam de suas experiências criando assim um efeito de verdade que envolve aquele que escuta em imersões do passado individual. Tais elementos de caráter referencial correspondem ao que em semiótica se denomina como *ancoragem* (BERTRAND, 2003) e visam a produzir tal efeito de objetividade e verdade por parte daquele que enuncia.

No fundo do oceano das idades há fatos memorizados. Basta lançar a rede e, quando

puxamos, vemos o quanto ela vem recheada de representações ideológicas e subjetividades. Para Ecléa Bosi, ecoando a perspectiva já trazida por Santo Agostinho, a memória parte do presente, de um presente ávido pelo passado, cuja percepção “é a apropriação veemente do que nós sabemos do que não nos pertence mais” (BOSI, 2003, p. 19 -20).

A lembrança faz parte da percepção humana, é como se a sobrevivência do tempo do vivido ficasse armazenada e preservada no interior de cada pessoa ou de forma coletiva, atribuindo à memória a “... função decisiva na existência, já que ela permite a relação do corpo presente com o passado e, ao mesmo tempo interfere no curso atual das representações” (BOSI, 2003, p. 36). Em Silva (2016, vemos que memória é trabalho e não registro passivo capaz de remeter à reconstituição de um passado inequívoco, mas um esforço onde presente e passado se imbricam. Assim,

não consideramos a memória como uma produção estanque, nem acabada, mas que tem aberturas e reconfigurações, a depender dos sujeitos que produzem sentido e que não apenas rememoram o mesmo fato, mas interpretam-no, selecionando elementos inicialmente desprezados, ignorando outros, a partir dos sentidos que, num dado agora, aquele projetado pela enunciação, lançam sobre o passado. Partimos do pressuposto de que a memória é do presente (SILVA, 2016).

Nas autobiografias registradas nas casas dos idosos, observamos janelas e portas viradas para a rua, com ar de liberdade por não dispor de muro, diferentemente da realidade de hoje, onde na maioria das casas foram erguidos os altos muros que dão a impressão de segurança, mas que bem sabemos, são divisores sociais. Na casa do senhor Noé, participante deste estudo, vimos que ele se sentia livre no interior do seu lar, sentado na poltrona, apoiado em seu cajado. Mostrava-se feliz, pois dali dava para ver a diversão da rua, os transeuntes e a movimentação dos carros. Muito receptivo, nos ofereceu café quente, como borbulhas de afeto, regada ao cheiro de comida caseira que marcavam o aconchego da casa. Fazemos essa digressão para ilustrar essa relação do corpo presente ao rememorar o passado e explicar muito do presente.

Foi no interior do lar que meu pai, Antonio Aires, de noventa e dois anos, e Seu Noé, de cem anos e sete meses, que esses dois contadores de histórias pegaram o fio da meada e costuraram uma colcha de retalhos sobre suas histórias de vida e suas experiências com a contação, entre literatura de cordel e fábulas. A oportunidade de narrar pelo percurso das águas guardadas na memória ativou lembranças, trouxe brilho para seus olhos e, num tom suave de suas vozes, repetiam fatos em seus mínimos detalhes, revelando o gosto de compartilhar suas memórias e da alegria e felicidade em saber que suas experiências de vida seriam compartilhadas, eternizadas.

Diante disso tudo, pretendemos que, a partir desse estudo, haja um aumento

considerável de pessoas interessadas em pesquisar sobre a arte de contar história, seja como contador ou pesquisador, interessados por manter a tradição oral, incidindo na valorização da narração dos contos da tradição oral.

Esta pesquisa visa também contribuir para o entendimento de que a contação de história é como alimento para o espírito, uma forma de entretenimento à espera de uma voz para mantê-la viva e reconhecida como hábito saudável, como instrumento muito importante ao estímulo e gosto pela leitura, despertando o senso crítico, a experiência estética e principalmente o reconhecimento saudável de contar histórias e preservar a memória individual e coletiva.

3.2 A palavra poética do contador (a) de histórias

Os participantes do estudo serão mencionados pelos nomes reais, uma vez que temos a autorização documentada e assinada. Passamos então à caracterização dos participantes do estudo, por ordem alfabética, com informações sobre idade, origem, escolarização, profissão, gênero e zona residencial.

Quadro 2 - Caracterização dos Participantes da Pesquisa

NOME	IDADE	ORIGEM	ESCOLARIZAÇÃO	PROFISSÃO	GÊNERO	LOCAL
Antonio Aires	92	Ceará	Não escolarizado	Lavrador Contador de história	Fábulas e literatura de cordel	Zona Rural
Eliane Pereira Machado Soares	53	Minas Gerais	Doutora	Professora Universitária Contadora de história	Mitos e Lendas	Zona Urbana
Eronildes dos Santos Cunha	50	Maranhão	Mestre	Professora Contadora de história	Trancoso Conto Racial	Zona Urbana
Francisca Cláudia Borges Fernandes	44	Bahia	Mestre	Professora Contadora de história	Mitos e Lendas	Zona Urbana
Joanires Maria dos Santos Souza	44	Maranhão	Letras e Educação Física	Professora Contadora de história	Contos de fada	Zona Urbana
Karine Moreira Melo Souza	35	Tocantins	Pedagoga	Professora Contadora de história	História de livros	Zona Urbana
Noé Gonçalves Lessas	100	Pernambuco	Não escolarizado	Lavrador Contador de história	Fábulas e literatura de cordel	Zona Rural

Symone Elias Souza Vieira	44	Tocantins	Pedagoga	Professora Contadora de história	Histórias de livros	Zona Urbana
---------------------------------	----	-----------	----------	--	------------------------	-------------

Fonte: A autora, 2022.

3.2.1 Antonio Aires de Andrade – 92 anos – “Os bichos, eles falavam!”

Figura 3 - Antonio Aires



Fonte: Acervo pessoal da autora.

No sertão do Ceará, na fazenda Floresta, nasceu Antonio Aires, por ajuda de uma parteira, aos dez dias do mês de maio de 1930. Viveu grande parte de sua vida no sertão árido e, quando criança, gostava de brincar:

Enunciado 11

lá brincava de ir pro açude, brincava de correr e cair dentro do córrego lá né, no inverno enchia uns poços de água. Brincava... Menino, naquele tempo brincava com osso. O gado tem uns ossos parecidos com vaquinha, *ai nós* pegava e brincava com aquilo. (ANTONIO AIRES, 2021)

Agricultor, plantava algodão, feijão, mamona, cana, mandioca, arroz e milho. Como vaqueiro, campeava no mato da fazenda Floresta, fazia pega de boi bravo, era o melhor da região, aprendeu a contar histórias pela voz da tradição oral. “Isso vem dos mais *véi*, de outro tempo, *eles contava* história e eu aprendi”.

As histórias que ele conta são sobre animais que falavam, constituindo-se como exemplos de imemoriais fábulas. Embora tivesse professora em casa, aprendeu somente a escrever o nome, fazer algumas operações matemáticas e cubar terra.

Enunciado 12

Eu fazia... Fazia uma conta. Hoje tenho dificuldade, não faço quase mais nada, tinha cabeça... Hoje a cabeça tá ruim. Eu aprendi a fazer o nome, pronto. Passava o dia no campo. Aí daqui a *pouca horas*, achava melhor ir me deitar, aí eu dizia 'não pai, eu tô enfadado, eu não posso estudar, estou cansado. Perdi tudo (ANTONIO AIRES, 2021).

O tempo incide sobre o corpo do sujeito, que, em sua fala, registra os efeitos do muito viver, como se a duração agisse no sentido de uma crescente privação, até tudo exaurir-se: “perdi tudo”.

3.2.2 *Cláudia Borges – 44 anos – “Gente, as histórias curam, curam e nos conectam uns com os outros”.*

Figura 4 - Cláudia Borges



Fonte: Baú da Claudinha. Instagram. Disponível em: <<https://www.instagram.com/baudaclaudinha/>> Acesso em 05 mai. 2022.

Nasceu no dia 8 de outubro, em Vitória da Conquista – BA, filha de pais Pernambucanos que fugiram da situação de seca e escassez de água e outros recursos. Tem a história de vida marcada pelo clima árido do sertão nordestino, nutrida com muita riqueza cultural. Chega a Marabá - PA, aos três anos e tem por esse lugar que a acolheu muito afeto. É professora de

redação e Língua Portuguesa, formada pela Universidade Federal do Pará (UFPA). Sua experiência com contação de histórias reflete a presença dos pais (*in memoriam*) que lhe contavam as histórias com a forte presença do sertão.

Cláudia Borges é uma agente fomentadora e mediadora de leitura e da arte de narrar histórias. Tem seu repertório baseado na cultura, mitos, lendas e contos da tradição oral. Conforme suas palavras:

Enunciado 13

Muitas pessoas gostam de ouvir a Claudinha contando porque sente uma alegria, e essa alegria era a que meu pai trazia para contar histórias pra gente (...) com as histórias a gente desaprende, a gente sai dessa rotina normal, desse dia a dia normal, primeira possibilidade é essa, é você romper com a linearidade da vida, com aquilo que já está estabelecido. A vida já é muito chata, a gente fica trancada dentro de caixas o tempo todo (CLÁUDIA BORGES, 2021).

No recorte, Cláudia Borges fala de si em terceira pessoa, remetendo a sua performance como a contadora *Claudinha*. Caracteriza o que se denomina na metalinguagem semiótica como embreagem (FIORIN, 2022), processo enunciativo no qual se verifica a neutralização da diferença de pessoas, tempos e/ou espaços. No caso, a neutralização se dá pelo apagamento da oposição entre o emprego da primeira pessoa e a terceira. Em vez de dizer “eu”, diz “a Claudinha”, o que serve para evidenciar a persona na qual se transforma como contadora.

As brincadeiras povoaram o seu imaginário de criança, quando brincava na rua de esconde-esconde de pega-pega e outras tantas brincadeiras. Os brinquedos eram feitos pelo pai, carrinho feitos com latas de sardinhas, chinelos velhos, bola de meia, era muita invenção. Em 2013, em Marabá, no Estado do Pará, coordenou a *Biblioteca do Professor*, em parceria com a professora Marluce Caetano, além de contar histórias desenvolveram o projeto *Biblioteca Viva* com Oficinas Pedagógicas de Contação de Histórias. Atualmente coordena o canal no Instagram *Baú da Claudinha*, onde toda quinta-feira conta histórias e recebe convidados que também contam histórias e recitam poesias.

Figura 5 - Página do Instagram de Baú da Claudinha



Fonte: Print do Instagram. Disponível em: <https://www.instagram.com/baudaclaudinha/> Acesso em 03/03/2023.

3.2.3 Eliane Pereira Machado Soares – 53 anos – “A gente tá vivendo um avivamento da contação de histórias”

Figura 6 - Eliane Pereira Machado Soares



Fonte: Acervo Pessoal de Soares (2022)

Eliane Pereira Machado nasceu em Uberlândia, em Minas Gerais, e vive em Marabá, estado do Pará, desde 1982. Contadora de histórias da tradição oral, formada em Letras, mestre e doutora em linguística, é professora da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, UNIFESSPA.

Migrante, chegou a Marabá aos 14 anos, desenvolvendo uma relação de afeto profundo com a cidade, como lugar onde se casou e teve três filhos. Tem uma participação ativa e afetiva nos movimentos culturais, criadora dos movimentos artísticos e poéticos. É membro da ALESSP (Academia de Letras do Sul e Sudeste do Pará) e da ALMA (Academia de Letras de Marabá). Publicou o livro de poemas *Crisálida*, obra ganhadora do prêmio Max Martins de Poesia (2012). É membra ainda do IAP (Instituto de Arte do Pará). Publicou em duas antologias: *Ao Marulhar do Tocantins* (2003) e *Antologia Cidade* (2009). É criadora e coordenadora da *Companhia Historiar-te*, *Programa Marabá Leitora* e da *Trupe Peneiro de Histórias* em parceria com a equipe da SEMED (Secretaria Municipal de Educação), onde atua como

mediadora de leitura.

Desde 2014, atua no campo da contação de histórias nas ruas, praças, escolas, cadeias e presídios e outros espaços. Tem a contação de histórias como uma maneira especial, um instrumento para formação de leitores, promovendo cursos com o objetivo de formar contadores de histórias. Para ela, "O objetivo central, na verdade, no início, foi esse: que a contação de histórias levasse as pessoas a se interessar pela leitura". É, portanto, uma ativista cultural com intensa atuação na região, coordenadora e formadora dos professores da rede municipal.

3.2.4 Eronilde dos Santos Cunha – 50 anos – “Nossa relação não é social... a nossa relação é racial... nunca ouvi história de negros e negras... nessa minha infância”

Figura 7 - Eró Cunha



Fonte: Instagram. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/Cc1DHViuNcA/>> Acesso em 05 mai. 2022.

Chamada carinhosamente de Eró, nasceu em Dom Pedro, interior do Maranhão, no dia 13 de janeiro de 1972. Professora especializada em Literatura Contemporânea, Coordenadora de Educação da Igualdade Racial na cidade de Imperatriz (Maranhão), encontra no mestrado a forma de fortalecer e reconhecer as mulheres negras. Coordena vários projetos culturais como Curto Imagem Negra, Festival de Teatro, Mostra de Desenho, Festival de Música, e atua artisticamente como palhaça Laranjinha. Formada em Letras e Mestre pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), é contadora de histórias.

Aos seis anos, veio com seus pais para a região tocantina, instalando-se em Imperatriz no estado do Maranhão. Filha de pais lavradores e com pouca escolarização, mãe negra e pai branco, desde cedo foi orientada pela mãe que só por meio da educação seria possível mudar de vida. Tem um lugar marcado pela pobreza e pela desigualdade social. Ingressou na escola bem pequena e lá foi acolhida pela professora que percebeu as necessidades da comunidade extremamente carente. Morava em palafita, a casa ficava ao lado de um riacho:

Enunciado 14

A mãe é aquela que lidera a família, que incentiva os estudos. Primeiro pela consciência que ela tinha de mulher negra, de compreender que seria pela educação a melhor possibilidade de nos promovermos na vida. (ERÓ, 2021)

Começa a gostar de ouvir histórias com o programa Fazenda Corró, na Rádio Imperatriz. Na casa da avó, ouvia as histórias de Trancoso e lia literatura de cordel. Pela Rádio Nacional, ouvia histórias contadas pela voz da tia Leninha.

Enunciado 15

As histórias narradas, meu Deus... que coisa fantástica... Aí eu ficava ouvindo, eu só ouvia lá. [...] Nossas histórias de Reis e Rainhas... as nossas histórias dos povos originários... nós estamos dentro do território deles... nós não sabemos quase nada sobre eles... E então eu optei, Veronica... Eu... Até acho que é uma estratégia, uma estratégia política, né? Política nesse sentido mesmo, maior... de trabalhar com essas histórias africanas e afro-brasileiras (ERÓ, 2021).

As experiências com a contação de histórias nascem pelas vozes da mãe e da avó, pertencentes a uma família de contadores de histórias, prática que incluía tios e irmãos. Inicialmente, contava história de Trancoso e encantamento, depois passa a contar sobre a negritude. Como deixa claro em sua fala, a contação age no sentido de uma formação política que interessa do ponto de vista de uma formação identitária relativa ao povo negro. Deixa claros, então, os critérios que orientam a seleção de narrativas.

3.2.5 Joaquina Maria dos Santos Souza (Jô Santos) – 44 anos – “Cheguei à conclusão...fazer ser com prazer, a história tem que estar em mim.”

Figura 8 - Jô Santos



Fonte: Instagram. Disponível em: <<https://www.instagram.com/p/CJBUG0KAaqb/>> Acesso em 05 mai. 2022

Jô, como é carinhosamente chamada, nasceu em 19 de agosto de 1977, na cidade de Imperatriz, estado do Maranhão. Professora da rede Municipal de Imperatriz, é formada em Letras e Educação Física pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA), com especialização em Educação Especial e Literatura Contemporânea. É filha de pai sapateiro e mãe professora. Foi alfabetizada pela mãe e, aos seis anos, já sabia ler e escrever, para ela, sendo a escola lugar de brincadeiras e de contação de história.

A Rua Getúlio Vargas, em Imperatriz, marcou seu imaginário, pois era onde reunia amigos para as brincadeiras. Sua experiência com a contação de história começa com as histórias da Bíblia, aprendeu a contar história pela voz da avó e do tio que lhes narravam ainda histórias misteriosas, liam literatura de cordel. Atualmente, tem canal no Youtube, onde compartilha os contos de fadas e outras histórias (Cf. <https://www.youtube.com/watch?v=CxcoNoRsaTM>, acesso em 03 de março de 2023).

O pai foi empreendedor na educação dos filhos, grande incentivador, investidor e motivador da sua formação leitora, comprando livros e gibis. Talvez muito por isso, desde sempre gosta de ler, ouvir música popular brasileira e encontra no teatro uma lição de vida, libertação, um respiro de arte. Gosta de contos de fadas, atuando como professora e animadora de festas infantis. Nas palavras de Jô Santos (2021), como palhaça, vive a contação de histórias como um “lugar de alegria, de cura e de sentir-se bem”.

3.2.6 Karine Moreira Melo Souza – 35 anos – “eu precisava investir na leitura mesmo...na contação de histórias... muitas vezes eu contava a história de um livro... mas a maior parte do tempo saía daqui ó... ((risos))”.

Figura 9 - Karine Moreira Melo Souza



Fonte: Acervo pessoal de Karine Souza (2021)

Formada em Pedagogia em 2008, pelo UNITPAC (Universidade Tocantinense Presidente Antonio Cândido), ingressou como professora na rede municipal de educação de Araguaína em 2010.

Em 2012, tomou posse como professora na secretaria de Educação do Estado do Tocantins. Contadora de histórias e mediadora de leitura, aprendeu a gostar de histórias pela voz do avô, que escrevia histórias e poesia. Essas experiências de vida a contadora levam para a sala de aula:

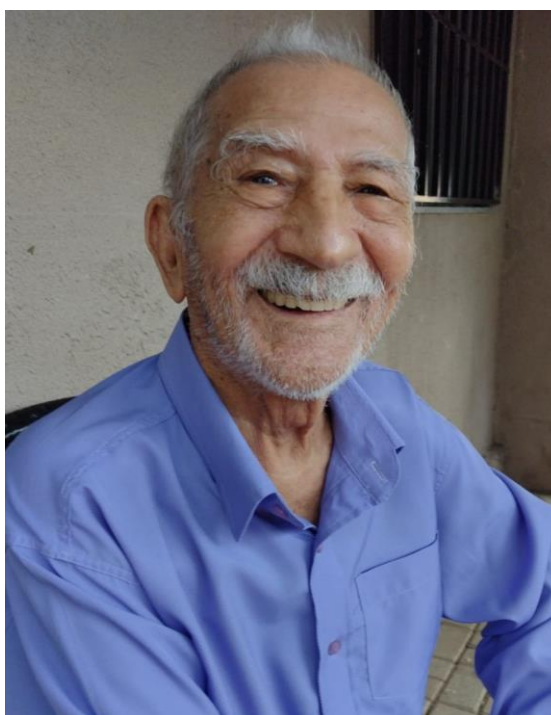
Enunciado 16

(...) a minha história com a contação de histórias... Assim, ela caminha junto com a minha prática de sala de aula... A minha vivência, né, eu não conseguiria fazer o meu trabalho se não tivesse atrelado a contação de histórias... Ao projeto de leitura que a gente desenvolvia... Tenho certeza... Fez toda diferença na minha vida... (KARINE SOUZA, 2021).

Karine Souza traz consigo ainda a espontaneidade do pai, contador de histórias e humorista, conhecido por seus contos fabulosos que contava em reunião de família.

3.2.7 Noé Gonçalves Lessas - 100 anos e sete meses – “história de Trancoso...isso é inventada...((risos)) mais ou menos tem uma guia...né um conta... outro conta...”

Figura 10 - Noé Lessas



Fonte: Acervo pessoal de Noé Lessas (2022)

Num lugar bem distante daqui, nasceu um menino chamado Noé Lessas, no dia 20 de maio de 1920 na cidade de Exu, Estado de Pernambuco. Seguindo o rumo de muitos nordestinos, migrou de Pernambuco, passou pelo Estado do Piauí, desaguou nas águas tocantinenses fugindo da seca e das mazelas fundiárias do estado.

Enunciado 17

Pernambuco é uma terra de sofrimento... Porque não é só Pernambuco, é o Nordeste todo... Porque pouco chove... Aí a gente viveu uma vida muito cruel, lá... Com baixa escolaridade, aprendeu pela tradição oral, a contar a história de Trancoso e Fábulas. Estudou na cartilha do ABC e depois ouviu a professora ler o livro chamado “João Pergunta” (1962). (NOÉ LESSAS, 2020)

Noé conta que, para tudo que queria saber, encontrava as respostas nesse livro, espécie de didática enciclopédia de matriz popular. Com ele, somos informados do material que orientava a formação de estudantes no interior do país no início do século anterior.

3.2.8 Symone Elias – 44 anos – “Ah, eu gosto de contar histórias dos livros”

Figura 11 - Symone Elias Souza Vieira



Fonte: Facebook. Disponível em:

<<https://www.facebook.com/photo.php?fbid=1979294585524152&set=t.100003308897746&type=3>> Acesso em 05 mai. 2022

Nasceu no dia 11 de janeiro de 1977, na cidade de Araguaína, estado do Tocantins. Em 2008, formou-se em Pedagogia pelo UNITPAC, especialista em Orientação Escolar, professora da Educação Básica, artista plástica, atriz, capista, ilustradora de livros e contadora de histórias. Em 2021 torna-se membro da Academia de Letras de Araguaína e Norte Tocantinense (ACALANTO) e é membro da *Associação de Brasileira de Membros Spianistas*, que reúne produtores de uma nova forma poética, o spina.

Aprendeu a contar histórias pelo eco de seu avô paterno, que, em volta da fogueira, reunia crianças e adultos para ouvirem histórias narradas por ele. Sua experiência com a contação de histórias começa em 1994, em uma escola particular, na cidade de Araguaína, numa turma de alfabetização: “Contava histórias para incentivar a leitura e para descontrair os alunos no final da aula, como um presente por terem realizado todas as atividades do dia.”

Enunciado 18

Meus alunos de quarto e quinto ano falam: “tia a senhora foi a melhor professora que nós já tivemos”, porque professor nenhum contava história pra gente. Então, esse contar histórias marca a vida das pessoas! A contação de histórias tem uma marca na minha vida e marcou a vida de muitas crianças, sabe?! Muitas mesmas! É... É demais isso! (SYMONE ELIAS, 2021)

Narra a partir dos livros, atuando como mediadora de leitura. Ao longo da sua atuação como professora, organizou oficina de teatro, desenvolveu projetos voltados para a arte de contar histórias.

3.3 Mulheres: do silêncio à arte de contar

Observando o número mais expressivo de mulheres compondo nosso *corpus* de pesquisa, pensamos ser importante salientar o que, do ponto de vista político, essa presença pode representar.

Contar faz parte do cotidiano das pessoas. O ato de contar cria vínculo social e afetivo, por meio de contar, partilhamos memórias, emoções e alegrias. A mulher se destaca nessa arte pela voz amorosa da mãe, da avó e pelo colo afetivo da tia. É a figura maternal que cuida e acalenta com histórias contadas nas tardes e noites, nas reuniões de família, nas rezas, repetidas vezes na soleira da porta recepcionados e encantados pelo crepúsculo que enfeita as histórias que soam como canções de ninar. São as mulheres que se disponibilizam a sentar por horas ao lado dos filhos, dos sobrinhos e se põe a folhear álbuns de fotografias da família, contar causos, lendas, contos de fadas, histórias sobre a família e outras atividades, comumente realizadas pelas mulheres, atividades estas que não se encerram mesmo quando filho cresce.

Na arte de contar histórias as mulheres eram referências importantes nas sociedades medievais, são elas que desempenhavam o papel de amas, que além de amamentar e cuidar dos filhos das senhoras da nobreza, por meio do contar elas doavam o alimento para a alma e o espírito, eram mulheres sábias, sensíveis cheias de sabedoria herdada da tradição oral. A arte ancestral da contação de histórias se constitui para as mulheres uma força avassaladora, escapatória, uma conquista imensurável em forma de liberdade e também de superação, pois viviam diante de condições de submissão, era isso que estava posto para as mulheres, um viver

sem convívio social, emudecida, calada, silenciada. Poucas mulheres foram escritoras publicadas, apesar de criarem suas próprias histórias. O silêncio é rompido quando a mulher decide se manifestar, socializar suas emoções, falar sobre sua história de vida e dá eco a sua voz pela palavra poética da contação de histórias.

Para Perrot (2005, p. 9), “o silêncio é comum das mulheres, ele convém a sua posição secundária e subordinada.” Esse calar estabelecido pela classe dominante nem sempre foi respeitado por algumas mulheres, no interior de suas casas, mesmo em sussurros, elas discutiam a condição que estava posta para elas e nesse silenciar a mulher dizia muito do que sentia e imaginava para sua vida. Ser mulher era abdicar de quase tudo, principalmente dos interesses pessoais, pois deveria apenas se dedicar ao outro e cuidar das coisas de mulher, como lidar com a casa, a religião, ao matrimônio e outras atribuições que eram consideradas como prerrogativa das mulheres.

Portanto, foi necessária uma luta travada durante séculos para que elas rompessem com as barreiras de padrões estabelecidos pelas instituições eclesiásticas, familiar e escolar e outras imposições determinadas pela sociedade opressora, que ainda insistem em permanecer latente na atualidade. Principalmente quando se tem à frente da nação brasileira um governo retrógrado que não respeita as mulheres, os direitos humanos e a diversidade social.

Somente nos meados do século XX, é que as mulheres conseguiram se manifestar dando grito de vitória, ao direito a sua existência no mundo e de falar sobre seus sentimentos, seu poder feminino e sua história de vida. Com bravura, as mulheres entram na luta e promovem movimentos com o objetivo de reivindicar igualdade social, direito político, de se expressar e de serem reconhecidas na sociedade, enquanto sujeitas que escrevem suas próprias narrativas. Essas lutas tomaram uma dimensão significativa, tendo como destaque, principalmente o feminismo, movimento que engajou e empoderou muitas mulheres nos séculos XIX e XX (PERROT, 2019).

As mulheres contadoras de histórias são atrizes sociais, vivem em sociedade, são tias, mães, sobrinhas, avós, desempenham várias atividades e profissões, levam consigo as muitas coisas vividas na família e não cessam de lutar por igualdade social, mesmo nos dias atuais. Elas tomam a palavra com um poder mágico que envolve geração a geração e conseguem resgatar valores artísticos culturais.

No entendimento de Perrot (2005, p. 40) “A memória das mulheres é verbo. Ela está ligada à oralidade das sociedades tradicionais que lhe confiavam a missão de contadora da comunidade da aldeia”. Alinhada, ao pensamento da autora, o desenvolvimento da história oral é constituído a partir das histórias de vida e das memórias das mulheres, sobreviventes de épocas

remotas.

A história oral, como metodologia, facilitou a colheita dos depoimentos dos contadores e contadoras de história dessa pesquisa, que relataram suas histórias de vida, formação acadêmica e sobre o lugar onde vivem, entrelaçando a memória do passado com o já vivido e as experiências de vida.

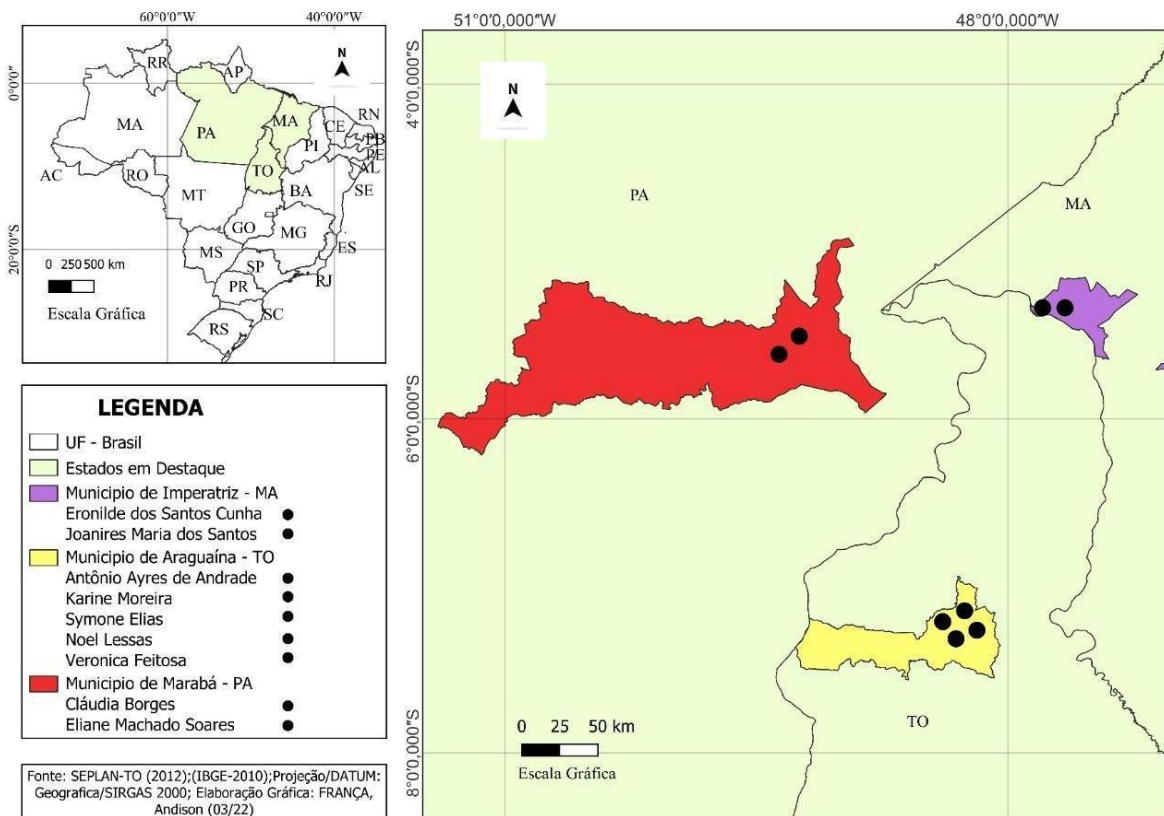
Adorno (1996) esclarece que as experiências vividas, no encontro com os outros e com o novo, criam memórias que atravessam o sujeito que o constitui por meio do passado e das histórias vividas. A arte de narrar marca a vida das pessoas ao compartilhar olhares, o modo de pensar e outras sensações que despertam o estar no mundo. O homem é constituído da convivência com o outro, nessa pluralidade de cada sujeito que vive em seu entorno. Esse movimento de troca de experiências é essencial nas interações dialógicas.

Para Benjamim (1992, p. 43-44), “a memória é a mais épica de todas as faculdades”. Na escuta amorosa de cada contador(a), ao fazerem um percurso desde o nascimento, contaram da terra natal dos tempos difíceis, das conquistas, dos tempos dos estudos, do lugar onde vivem e das muitas mudanças, pois a maioria é migrante.

3.4 Lócus da pesquisa e seus contadores de histórias

A visibilidade é a maneira de destacar esses contadores e contadoras de histórias que compartilham suas histórias de vida e outras narrativas embebidas de ancestralidade, numa mistura de memória vivida e outra inventada, que nutrem a alma dessas e desses contadores e contadoras de histórias. A seguir apresentaremos um mapa legendado que mostra onde vive cada participante deste estudo, como também o lócus da pesquisa.

Figura 12 – Mapa da localidade dos entrevistados



Fonte: França (2022)

Consideramos relevante compreender aspectos da cultura, da formação social e econômica da região onde os contadores destacados neste trabalho residem e atuam para nos situarmos, o mínimo possível, no seu cotidiano, nas suas demandas e nas características da sociedade da qual fazem parte. Nesse intuito, construímos um breve resumo sobre cada um dos territórios, lócus da pesquisa.

3.4.1 Araguaína – TO

Segundo dados de 2021 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Araguaína é um município com área territorial de 4.004,646km², com uma população estimada de 186.245 pessoas e com um índice de desenvolvimento humano de 0,752 numa escala de mediação que vai até 0,1000. É a segunda maior cidade do Estado do Tocantins em relação à quantidade de habitantes que, de acordo com os dados do Cidade Brasil-IBGE, censo 2021, contava com 180.470 habitantes e com uma densidade demográfica de 45,1 habitantes por km².

De acordo com pesquisas e estudos realizados pelos historiadores Silva e Silva (2015) para a composição do livro *A transformação histórica de Araguaína*, aspectos como a localização mesopotâmica entre os rios federais Araguaia e Tocantins, a proximidade com os

estados do Pará e do Maranhão, o fortalecimento da região econômica do MATOPIBA⁸ e os acessos rodoviário e ferroviário tornam a cidade um importante centro regional, que se destaca nos quesitos comercial, educacional, de saúde e de serviços.

Por essas e outras razões, Araguaína atrai imigrantes de muitos outros estados, especialmente da região Nordeste, na busca por oportunidades de trabalho, melhores qualidade de vida, estudos ou tratamento de saúde. Assim, como cidade de fronteira e de intenso trânsito, é cenário propício para as histórias que circulam sobre as idas e vindas dos que por aqui vão chegando e encontrando oportunidades para trabalhar e, possivelmente, viver melhor.

Temos, como exemplo, a experiência de seu Noé Lessa, que saiu do estado do Piauí e encontrou guarida na região. Em seus relatos colhemos o trecho onde diz: “a história, é que eu morava no Piauí e a coisa *tava* ficando brava no Piauí, mas chovia na época” e, assim, acrescenta acerca da busca de oportunidades que lá não havia e que almejava encontrar na cidade de Araguaína: “mas a terra, eu não tinha, os donos das terras *tavam* cobrando muito caro para arrendar, trabalhar arrendado né... eu já tinha dado umas voltas aqui nesse mundão... chamava terra do ouro, né?”.

Noé Lessa, chegou a Araguaína em 1951 e se instalou na região do Xixébal, hoje Lago Azul. Dentre as muitas histórias que conta, há uma preferida: “Eu gosto de uma história e eu ainda venero...é é... eu gostava da história de Lampião”.

Antonio Aires, lavrador, contador de histórias, teve sua trajetória marcada pelas idas e vindas do Nordeste para Araguaína, em incontáveis mudanças feitas para essa região. Por isso mesmo, carrega consigo as histórias de vida, do trabalho exercido enquanto vaqueiro, nas fazendas das proximidades de Araguaína. Sobre esse cotidiano, relata que “achava, corria atrás dentro do mato, pegava, arriava e trazia. Encaretava, botava chocalho, trazia e entregava pro dono, pronto” e acrescenta, “Ganhava meu dinheiro” (ANDRADE, 2021). Sobre as características da tradição oral, diz que: “Hoje ninguém sabe disto! Contam sobre outras coisas, né? As histórias quem contava era o povo da antiguidade” (ANDRADE, 2021).

Nas terras tocantinenses nasceram Symone Elias e Karine Melo, amantes da natureza, artistas da palavra, que contam histórias, principalmente oralizando as dos livros literários e fábulas e, reportando outras contações, esboçam seus gostos, seus prazeres e suas animosidades nessa atuação, como expressam as palavras de Souza (2021) em um dos trechos da entrevista concedida para este trabalho: “as histórias assim, que eu conto... a que eu tenho muito prazer em contar... porque eu ouvi, né... uma contadora de história... certa vez contando essa

⁸ Resulta de um acrônimo formado com as iniciais dos estados Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia.

história... aquela, eu acho que você já até ouviu contando, do *Max Lucado*, “*Você é especial*”.

Contando histórias nas escolas, igrejas e em outros departamentos, Karine Souza, desenvolveu uma relação de gratidão pela cidade e esboça isso em suas palavras:

Enunciado 19

Araguaína permitiu que eu e meus irmãos tivéssemos acesso a universidade e conseqüentemente ao mundo do trabalho, pois é uma cidade que acolhe e tem muitas oportunidades para quem se propõem e dispõem a correr atrás...Enfim, amo este lugar, é aqui que desejo criar meus filhos e onde quero criar raízes. (KARINE SOUZA, 2021)

Synome Elias reside em Araguaína, lugar, que para ela parece ser um berço acolhedor, mesmo diante de tantas adversidades reconhece a cidade como lugar bom de viver.

Enunciado 20

Araguaína representa para mim um colo, um berço, uma casa, uma família, nasci e cresci nessa cidade...onde tem toda a minha história, a história dos meus familiares e antepassados. eu nunca pensei em abandonar para ir buscar nada fora dela, independente de tudo, mas é aqui que eu me sinto acolhida. (SYMONE ELIAS, 2021)

É a partir de seus ancestrais que narra suas histórias:

Enunciado 21

Eu não tive muito contado com meu avô, mas do contato que eu tive com ele, isso me marcou, porque ele tinha histórias para contar, que ele ia contando, contando... quanto mais ele contava mais a gente queria ouvir”. As narrativas que hoje conta são muito atrativas. “Ah, eu gosto de histórias de livros. Eu pego livros literários, porque têm uns que são mais legais né, e que vai prender mais a atenção das crianças. (SYMONE ELIAS, 2021)

Além de ser uma cidade com muitos contadores e contadoras de histórias que se apresentam nas praças, nos clubes, nas igrejas, na Via Lago (margens do Lago Azul) e principalmente nas escolas, Araguaína conta também com festivais de música, folguedos juninos com apresentação de quadrilhas e os festejos aos Santos.

3.4.2 Marabá – PA

Marabá é uma cidade da região Amazônica, situada no sudeste do Pará, com população estimada de 287.664 habitantes e uma renda per capita de 40.872,35, segundo dados do IBGE (2021).

É território formado a partir da riqueza cultural, terra de muitas oportunidades, de tensões e de disputas. Historicamente, acentuam-se os aspectos da exploração das riquezas naturais, marcada pelos grandes conflitos de terras. Em contraponto a isso tudo perpassa pela região Ribeirinha a presença forte de lendas e mitos, tendo o Rio como espelho que constitui o olhar poético, que guarda o *Boto rosa e a Boiuna* – uma enorme cobra escura capaz de virar as

embarcações –, das matas verdejantes pode-se ouvir de longe o grito estridente da *Matinta Pereira* e facilmente nas trilheiras da floresta percebem-se os rastros dos pés para trás, do Curupira.

A arte de contar histórias é integrada ao cotidiano da cidade de Marabá e, dentre tantas contadoras e contadores, destacamos Eliane Soares (2021), uma migrante que desenvolveu uma relação forte com a cidade e que, ao ser entrevistada, nos diz que assim se deu para ela e sua família, “fomos acolhidos de uma maneira assim muito generosa, muito bondosa, né, caridosa. Então é desenvolvida com a cidade uma relação muito profunda, meus filhos nasceram aqui”.

Eliane Soares cria uma identidade com o lugar onde vive, trabalha assumindo ali a noção de pertencimento. Pensa a contação de história como instrumento importante para a formação do leitor e traz em seu repertório de contadora, as narrativas indígenas, por exemplo, a lenda do *Pirarucu*.

Cláudia Borges aprendeu a contar história com o pai. Conta que, criada em Marabá, num bairro chamado Folha Dezesesseis (16), que é onde acontece o Sírrio de Nazaré⁹, vivenciava esse celeiro de histórias, misturado com o místico, misturado com as lendas. Cláudia Borges teve uma infância movida pela natureza, talvez por isso, sua preferência pelo mito *Matinta Pereira*.

Enunciado 22

O programa propõe novas concepções e práticas de mediação de leitura junto aos professores que atuam nas salas de leitura e bibliotecas escolares. Para a realização da mediação de leitura, esses profissionais precisam estar em constante atualização, passando por processos de formação inicial e continuada, que contemplem as dimensões técnicas de sua função, mas também garantam sua formação leitora. (CLAUDIA BORGES, 2020, p.88).

Em parceria Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA), a professora Eliane Soares e Cláudia Borges desenvolveram o Programa Marabá Leitora, que consistiu na realização de ações voltadas para contação de histórias e mediação de leitura.

3.4.3 Imperatriz – MA

Chegar à Imperatriz significa descer as ladeiras da Rua XV de Novembro, a mais antiga da cidade, e se deparar com o cartão postal, a vista majestosa do Rio Tocantins. Para o contador de história, as águas do rio têm uma relação muito forte como os mitos e lendas, comentados pelos moradores do lugar, também guardam memórias de meninos e meninas tomando banho, das lavadeiras de roupas e suas conversas que entrelaçam seus dias. Imperatriz é uma cidade

⁹ O Círrio é uma grandiosa manifestação de fé e devoção à Nossa Senhora de Nazaré realizada em Belém do Pará.

multicultural, talvez por causa da rodovia Belém-Brasília, que atravessa a cidade e interliga cidades de muitas outras regiões. Em aspectos culturais as manifestações artísticas que mais se destacam são as festas juninas, os festivais de músicas e o *Salão do livro*.

A cidade tem um número considerado de escritores e muitos artistas da palavra, por exemplo, Jô Santos, contadora de história, que nos revela: “Gosto muito de falar da minha história... normalmente quando contamos nossas histórias... nós estamos falando do nosso povo, da nossa cidade de Imperatriz”. Para ela, levar o nome da cidade por onde passa é motivo de grande alegria. Jô, como é conhecida, nasceu em Imperatriz e conta que a cidade tem forte identidade cultural: “É o berço da minha cultura, aqui tem artistas valiosos, conheci vários escritores, músicos, como Zeca Tocantins, comecei a dramatizar no Teatro Ferreira Gullar. Aqui, eu conheci as melhores músicas e a Palhaça Laranjinha, nome artístico da contadora de história, Eronilde”.

Eró Cunha é coordenadora do *Movimento Negro Imperatriz*. Nasceu em Dom Pedro, no sertão do Estado do Maranhão e, aos seis anos, mudou-se para a cidade de Imperatriz para estudar. A mãe era empreendedora da educação dos filhos, veio com a família para a cidade com a expectativa de melhorar de vida.

Atualmente as narrativas que compõem o repertório da artista são as histórias que falam de personagens negras, como a responsabilidade social e estratégia política, a fim de que de maneira efetiva se trabalhe as histórias afro-brasileiras em todos os espaços, principalmente nas escolas. Sendo mulher que se reconhece como negra, oriunda de uma família liderada por mulheres, luta pela melhoria de vida por meio da educação.

Enunciado 23

A minha responsabilidade social é fazer o melhor possível... porque eu tô fazendo é para eles, né... tô fazendo para mim... eu tô fazendo por nós... e a partir daí eu vim nessa trajetória de sala de aula... que eu nunca saí da sala de aula... né... já trabalhei ensino fundamental... trabalho ainda no Ensino Médio... no turno da manhã... à tarde eu trabalho uma Coordenação de Educação da Igualdade Social de Imperatriz. (ERÓ CUNHA, 2021)

Essa postura contribui para o fortalecimento das histórias de meninas negras e meninos negros, como também para que elas e eles reconheçam seus espaços de fala e de escuta.

A cidade de Imperatriz é multicultural, tendo fortes traços da cultura indígena, negra e sertaneja. Dentre as principais manifestações culturais estão: os folguedos juninos, as quadrilhas, os festivais de músicas, os festejos religiosos, o salão do livro, os grupos teatrais que costumeiramente se apresentam no Teatro Ferreira Gullar e os contadores de histórias que apresentam suas narrativas em diversificados locais.

As experiências aqui explicitadas no decorrer desta sessão, retratam a diversidade cultural das três cidades que parecem ser recantos onde as expressões artísticas, culturais e educacionais são manifestadas a partir de uma tessitura formada por costumes e culturas do encontro de muitas pessoas que migraram para o Norte e Nordeste deste País.

4 PRODUÇÃO DE SENTIDOS NAS EXPERIÊNCIAS DE VIVER E DE CONTAR

Tendo apresentado os participantes da pesquisa e tratado das regiões nos quais esses contadores se situam, nesta seção analisaremos seus relatos, a fim de verificar aspectos da produção de sentidos nas experiências do viver e do contar histórias. Buscamos deles apreender regularidades, realçando o que definimos como objetivos de investigação. Para isso, mobilizamos, de forma introdutória, as categorias da semiótica discursiva focalizando o percurso gerativo de sentido, mas imergimos de modo mais detido, como veremos adiante, nas questões que dizem respeito ao nível narrativo.

Em razão do tratamento aqui dado particularmente ao nível narrativo, analisando as relações dos sujeitos em interação, observamos as transformações de estado e de fazer. É certo que, no percurso da sintaxe narrativa, como veremos mais adiante, há quatro fases importantes: a manipulação, a competência, a performance e a sanção. No entanto, diante do que nos revelam os sujeitos e sujeitas da pesquisa, focaremos em enunciados que traduzem dois desses momentos: i. o da sua potencialização; e, ii. o da performance; observando como se tornaram contadores, como veem a si mesmos nesse processo, avaliando suas trajetórias e destacando suas transformações.

Ressaltamos ainda que, em nossa pesquisa, objetivamos contemplar duas categorias, que definimos respectivamente como *contador contemporâneo* e *contador tradicional*. Tanto a formação (aquisição de competência) quanto o modo de narrar (performance), dão-se de forma consideravelmente distinta para cada uma dessas categorias, justificando nosso trato dado para os sujeitos e sujeitas ao considerá-los em diferentes temporalidades. Nessa direção, pensamos aspectos que os distanciam: a idade, o lugar de origem, as linguagens, as estratégias que utilizam etc.

No campo acadêmico, pedagógico e artístico, a tradição e a contemporaneidade constituem-se como duas vertentes muito presentes nos trabalhos relacionados à contação de histórias. Na tradição, os dizeres assumem um caráter mais nostálgico, como uma experiência dispersa no passado, tempos sem energia elétrica, televisão e sem escolas. Na contemporaneidade, ocorre uma ruptura, uma vez que aí se encontram a tecnologia e seus aparatos e, ainda, um notório silenciamento da escuta e da voz. (SANTOS et al., 2018)

A ruptura, portanto, é verificada no modo como os sujeitos se caracterizam. Na tradição, ocorre uma experiência associada comumente ao rural, ao velho e, disforicamente, ao subalterno. Nesse contexto, a contação de histórias está mais demarcada conceitualmente como transmissão oral de geração em geração. Na contemporaneidade surge um contador de histórias

urbano mais preocupado com uma formação acadêmica do que com a tradição propriamente dita (VANSINA, 2010, *apud* SANTOS et al., 2018).

Desse modo, na coletânea de narrativas organizadas, buscamos perceber inicialmente os modos de aquisição da competência e compreender os modos que se dão as performances dos entrevistados, visualizando esse movimento contínuo entre o ver, ouvir, compreender, apreender, atuar e se perceber como contador de histórias.

4.1. Percurso gerativo do sentido

Inicialmente, a semiótica discursiva se constituiu como projeto de uma semântica estrutural, elaborados seus fundamentos por Algirdas Julien Greimas. Estão ali os elementos que se adensarão no que se tornará mais tarde uma teoria da significação, conhecida como semiótica greimasiana, Escola de Paris ou semiótica discursiva.

Concebida como teoria e não como ciência, define-se como abordagem sempre em desenvolvimento, refazendo-se, corrigindo-se e modificando-se a todo momento (FIORIN, 1999). A base teórica dessa linha de estudo remete aos estudos de Ferdinand Saussure e Louis Hjelmslev, cujo objeto de estudo é o sentido considerando-o nos níveis de expressão/conteúdo segundo uma análise metalinguística descritiva. A essa base linguística se reúnem a fenomenologia de Merleau-Ponty e a antropologia de Lévi-Strauss.

A concepção de texto, na semiótica, é compreendida mediante uma dualidade que o define como *objeto de significação*, que compreende os elementos internos à estrutura do texto, procedimentos e mecanismos que o estruturam; e *objeto de comunicação*, que compreende os elementos externos do texto, isto é, o contexto sócio-histórico que, em última instância, define as condições de sua produção e apreensão. Não sendo uma teoria apenas restrita ao verbal, interessa-se por produções de natureza diversa, compreendendo o próprio mundo natural como objeto de significação.

Como teoria que procura explicar os elementos de significação, a semiótica considera sua análise a partir da articulação entre dois planos da linguagem: o plano da expressão e o plano do conteúdo. Com relação ao plano do conteúdo, Greimas (1975) propôs um simulacro das operações de complexificação do sentido, denominado como percurso gerativo de sentido. Esse percurso organiza-se em três níveis de análise: fundamental, narrativo e discursivo, cada um deles descrito a partir de uma sintaxe e de uma semântica próprias.

Para a composição desse percurso gerativo de sentido, os três níveis, cada qual com uma abstração diferente de sentido, são organizados e entendidos conforme um modelo hierárquico

no qual se correlacionam num processo que vai do mais simples ao complexo.

O nível fundamental, sendo mais abstrato e simples do percurso, é determinado pela parcela elementar da composição do texto: a relação de oposição/diferença entre dois termos semânticos que representam uma transformação de estado. Essa transformação pode ser *eufórica* (se positiva) ou *disfórica* (se negativa). Nessa perspectiva, busca-se analisar os valores a partir dos quais o discurso se constrói, sob uma categoria sêmica binária, entre termos contraditórios (GREIMAS, 1979), como por exemplo, vida *vs.* morte, preto *vs.* branco etc. É importante ressaltar que os termos não possuem valoração fixa, sua análise é realizada conforme o modo como se comportam no texto.

O nível narrativo está entre o superficial e o profundo, e compreende o processo de transformação situados entre dois estados distintos e sucessivos que relacionam sujeito e objeto. Nesse nível, compreende-se que todo texto é dotado de uma narratividade, analisando-se as relações entre sujeitos e destes com os objetos (GREIMAS; COURTÉS, 2008, p. 328-330), caracterizadas por conjunção e disjunção, tendo em vista um objeto-valor negociado, e relações intersubjetivas estabelecidas entre um destinador e um destinatário, que determinam a circulação dos objetos (doação e privação).

O nível discursivo é o mais concreto e complexo do percurso, compreendendo as relações entre um enunciador e um enunciatário, bem como os temas e as figuras que emergem no discurso. Nesse patamar, considera-se, então, as categorias de enunciação, ou seja, o modo pelo qual o enunciador realiza suas escolhas de pessoa, tempo e espaço, projetando-as no discurso conforme a situação comunicativa, contexto de produção e intencionalidade (FIORIN, 1999).

Os objetos de investigação recortados para essa análise nos possibilitaram ocuparmos particularmente do nível narrativo. Dessa forma, consideramos válido compreender, primeiramente, as transformações possíveis na narratividade e, em seguida, refletir cada um dos aspectos desse nível de forma separada e mais detalhada, considerando, paralelamente, como prática de estudos e análise, trechos das falas dos entrevistados das quais valemo-nos para a relevante correlação teoria-prática possível nessa parte do trabalho.

4.1.1 Transformações na narratividade: relação sujeito-objeto

Fiorin explica que “a narratividade é uma transformação situada entre dois estados sucessivos e diferentes. Isso significa que ocorre uma narrativa mínima, quando se tem um estado inicial, uma transformação e um estado final” (FIORIN, 2008, p. 28-29). Para a semiótica

discursiva, todo texto é dotado de narratividade. Ressaltamos a esse respeito que a narratividade não deve ser confundida com “narrativa” (que diz respeito a um tipo textual específico).

No nível narrativo, para o qual direcionamos nossos destaques nessa parte do trabalho, analisamos as relações entre sujeitos e objetos (estados) e suas transformações, entendendo, a partir das considerações de Fiorin (2008), que em todo texto há uma narrativa subjacente, afinal a semiótica parte do pressuposto de que há uma “lógica subjacente geral” (MANCINI, 2005, p. 28). Como vemos em Silva et al. (2015), na sintaxe narrativa há dois tipos de enunciados elementares: *os enunciados de estado e os enunciados de fazer*, sendo os enunciados de estado (ser) aqueles que estabelecem uma relação de junção (disjunção ou conjunção) entre um sujeito e um objeto; e os enunciados de transformação (fazer), por sua vez, remetem às transformações que correspondem à passagem de um enunciado de estado a outro.

A disjunção pode ser caracterizada como momento anterior no qual o sujeito não se compunha com o objeto; e a conjunção, por sua vez, representa posterior no qual o que sujeito se compõem com o objeto. Essa relação pode ser percebida, por exemplo, no relato abaixo quando a narradora retrata o percurso do seu encontro com o objeto:

Enunciado 24

E eu, no início como eu te falei, eu *achei um pouco estranho* não...não... não achei que era uma coisa muito assim... não... entendo por que os colegas foram recriminados, porque a minha primeira impressão, apesar de achar muito bonitinho, muito fofinho. Mas eu sinceramente... eu não levava ... eu não... era uma coisa que *eu ficava um pouco constrangida, eu achava infantil aquilo*, né. E ainda mais que elas eram realmente um tipo de contação bem... bem... bem voltada para as professoras se inspirarem a fazer. E aí foi..., mas aí você sabe. *A gente vai fazendo, vai vendo... vai vendo e começa a pensar, a ler, e começa a... E de repente quando eu percebi, eu estava junto com elas escrevendo um projeto específico*. É um projeto específico, para formação de leitores, né, e para criação literária e que recebeu o nome grandioso de ‘Programa Marabá leitora’, né. E, éh, desenvolvido com elas, com coordenadoras pela SEEMED e eu como coordenadora pela UNIFESSPA e se transformou a partir de um projeto de extensão que eu escrevi exclusivamente para isso. [...] eu passei a ver a contação de história e *passamos a ver a contação de história éh de uma maneira muito especial e como uma ferramenta para formação de leitores*, né. (ELIANE SOARES, 2021, *grifos nossos*).

No relato, podemos considerar como enunciados de estado (ser), a sensação de estranheza/constrangimento vivenciada pelo sujeito durante o encontro com objeto *contação de história*. Ocorre, entre esses enunciados, uma passagem de um estado de *constrangimento* a outro, o de *confiança*. Essa passagem remete, ainda, aos enunciados de transformação. Na medida em que se permite contagiar pelo objeto, dá-se a transformação de uma espectadora incomodada com a prática de contação, para uma comprometida militante pela causa. Soares compreende que se tratava não de uma estratégia *fofinha*, mas de uma ferramenta para a

formação de leitores, confirmando nessa sua adesão o potencial da prática.

Fiorin (2008) explica que, embora existam as narrativas mínimas e análises que se enquadram nesse plano, os textos compõem narrativas mais complexas nos quais uma série de enunciados de ser e de fazer se articulam hierarquicamente. É nessa narrativa complexa que se estruturam as fases denominadas como manipulação, competência, performance e sanção, fases para as quais dedicamos o item a seguir.

4.1.2 A sintaxe narrativa: enunciados e as fases da narrativa

A composição da estrutura narrativa se dá através de uma ótica dupla, transcendente e imanente. Na primeira, ocorre um percurso de um destinador responsável por manipular e sancionar o sujeito. Na segunda, o sujeito é que atua, sendo considerado como destinatário. Há, ainda, como elemento complementar dessa estrutura, o percurso do antidestinador, o qual manipula e sanciona o antissujeito, sendo este, portanto, caracterizado como antidestinatário. Nessa estrutura, encontramos quatro fases que compõem a relação sujeito-objeto, organizadas hierarquicamente, de modo que a posterior sempre pressupõe a anterior.

Na fase da *manipulação*, o destinador manipula o sujeito de modo a induzi-lo a realizar determinada ação; lança-lhe um *querer-fazer* e/ou um *dever-fazer*. Para a semiótica, conforme Silva *et al.* (2015), existem quatro classes na manipulação:

a) *tentação* - quando o manipulador apresenta uma promessa de recompensa ao manipulado; b) *intimidação*, quando o manipulador ameaça o manipulado; c) a *provocação*, quando o manipulador coage o manipulado; d) a *sedução*, quando o manipulador projeta um reforço positivo sobre a imagem do manipulado. Por exemplo, no discurso político, nas estratégias de persuasão de políticos para conquistar eleitores, ocorre uma ação do manipulador sobre o manipulado no sentido de mobilizar valores, no discurso político, por exemplo, esses valores podem ser positivos, quando o eleitor decide votar por querer (tentação e sedução), ou negativos, quando vota por se sentir coagido (provocação e intimidação).

Nessa perspectiva, ocorre um sujeito do fazer que altera as ações de um sujeito de estado, transformando-o no sentido de que este *queira* realizar determinada performance a fim de entrar em conjunção com um objeto. O objeto-valor a ser buscado/adquirido pelo sujeito de estado pode assumir diversas categorias de valores, sejam capitalistas, utópicos, passionais, afetivos, morais, sociais etc. É preciso haver uma relação contratual. Silva *et al.* (2015) explicam que a manipulação é bem-sucedida quando os sujeitos compartilham de um mesmo sistema de valores para que haja um acordo, ou seja, o destinatário aceita os valores propostos e, assim, passa a

realizar a performance, de forma verdadeira ou não.

A fase da *competência* é caracterizada pela aquisição do fazer em si; é quando o sujeito adquire o *saber-fazer e/ou o poder-fazer*; diz respeito ao modo como se qualificaram como sujeitos/as capazes de narrar e encantar com as narrativas. Em todo esse trabalho de coletar entrevistas, transcrever, ler e analisar a narratividade nos textos, foi possível notar o modo como ocorre o processo de apropriação do *fazer-contar-história* vivenciado pelos entrevistados deste estudo (pesquisa), mediante os enunciados de estado e de transformação. Os sujeitos das narrativas experimentam a conjunção com o objeto contação de histórias pelo contexto, a partir de múltiplas imagens e, principalmente, pelos sentimentos vinculados às figuras paternas e maternas, bem como ao fabuloso. Quando consideramos a contação de história como objeto, estamos nos referindo ao modo como o sujeito entra em conjunção com ele, a partir do convívio com essas diversas imagens. No caso dos sujeitos que categorizamos como contadores tradicionais, podemos citar como imagens a pouca tecnologia da época, os próprios costumes, a predominância da oralidade em detrimento do acesso à escrita e educação, necessidade de entretenimento etc. No que se refere aos contadores contemporâneos, as imagens também estão ligadas aos costumes, mas sob um contexto distinto, no qual concorre elementos da tradição, ancestralidade, bem como de uma conscientização política.

A fase *performance* constitui-se como a realização da ação pelo sujeito de fazer – um *fazer-ser*; é a fase na qual o sujeito passa do momento de disjunção para o de conjunção com o objeto. Nível performativo é aquele que nos traz elementos que nos ajudam a compreender distintos modos de atuar como contadores de história. Como veremos nos próximos subtópicos de análise, a prática da contação de histórias reporta-se a tradições ancestrais, mobilizando formas e expressões distintas em cada contexto mas, embora apresente esse caráter múltiplo, elas possuem um aspecto em comum: a necessidade “do coletivo, do estar com o outro, da presença e do contato (ainda que virtual)” (SANTOS; COSTA, 2020).

E, por fim, na fase *sanção*, o Destinator reconhece premiando/castigando a realização de tal ação. Nessa fase ocorre uma constatação de que a ação pretendida foi efetiva. Há, desse modo, um reconhecimento por parte do sujeito da ação; uma validação do fazer. Nessa validação pode ocorrer premiação ou punição - como num conto de fadas, quando o vilão sofre punição por sua ação negativa ou quando o herói é premiado por sua ação positiva. É válido ressaltar, contudo, que nem sempre haverá a verificação dessa premiação/punição, o fator predominante, segundo Fiorin (2008), é a verificação de que a performance aconteceu, a constatação que a ação pretendida se efetivou, o reconhecimento do sujeito da ação.

Dada categorização geral, analisaremos especificamente no tópico a seguir as

performances e as competências percebidas na história de vida e de trabalho desses contadores categorizados como tradicionais e, em seguida, no item 4.3, as percepções obtidas nas falas dos contadores categorizados como contemporâneos.

4.2 Fases das narrativas dos contadores tradicionais

Uma das características dos contadores de histórias tradicionais é que, em geral, são muito próximos das crianças ou dos adultos, para os quais contam suas histórias; seu público é constituído, geralmente, por familiares, pessoas bem conhecidas, íntimas. Realizam seu contar de forma muito natural, utilizando quase nada ou nada mesmo de adereços. Seu principal, maior e comum utensílio é a voz e corpo, com todas as suas artimanhas. O contador da tradição oral parece ser iluminado pelas noites de lua cheia e embalados pelo ritual quase cotidiano e costumeiro de, após as rezas ou para aliviar o cansaço do trabalho braçal, juntar-se às pessoas para lhes contar causos, histórias de vida, de assombração, de amor, de mortes ou de lendas, contar-lhes fábulas sobre colheitas ou outros elementos da natureza.

Para análise da categoria de contadores tradicionais, mobilizamos dois entrevistados: Antonio Aires e Noé Lessas. A produção que se segue visa expor por quais motivos os consideramos enquadrados nessa categoria.

Os contadores mencionados, ambos com rudimentos de formação, aprenderam a contar histórias pela voz de outros contadores, que também se apropriaram da tradição oral para manter viva a memória de seus ancestrais. Antonio Aires de Andrade (2021), enuncia que sua formação como contador de histórias se deu da seguinte maneira:

Enunciado 25

que era de noite, juntava aquele povo nas casas e contava... conte uma anedota, conte outra. E cada qual contava sua anedota. O povo... os *véios* de outros tempos. Isso vem dos mais *vêi*, do outro tempo, contavam história e eu aprendi (ANTONIO AIRES, 2021).

Antonio narra ter se formado entre uma escuta e outra. Ao longo do tempo, tendo aprendido as histórias, passa também a elaborar e a contar, seguindo a tradição.

Semelhante se faz a experiência de Noé Gonçalves Lessas (2020) que revela para nós que quem lhe contava histórias eram “os companheiros... a companheirada... todos que tivesse ali... sempre era os mais velhos... sabe mais as histórias né...os mais *novo* vai pegando com os mais velhos...”. O contador tradicional é esse sujeito que adquire a competência de narrar a partir de um *saber-fazer* partilhado no seio familiar, na esfera do privado. Ainda, nos dias atuais, a contação de histórias parece ser uma forma de resistência além de, também, contribuir para a

manutenção e continuidade dos contos da tradição oral que, segundo Machado (2015): “O dom de contar histórias é, na verdade, um exercício constante, um aprimoramento contínuo de possibilidades internas de ver o mundo de outras formas” (MACHADO, 2015, p. 117).

É desse movimento de contar, recontar e encantar que parecem viver os “mais velhos”, afinal. Parece ser também, uma força que nasce no seio da comunidade como via aberta para o compartilhamento de conhecimentos e saberes. Noé Lessas e Antonio Aires acabam por elaborar para nós, um conceito de contador de histórias que vai ao encontro daquilo que compreendemos mesmo.

Agora, passemos, pois, a analisar o modo como se formaram contadores de histórias, dito de outra forma, de quais cacimbas jorraram as águas bebidas por esses homens que registram um tempo e fazem ecoar saberes, tradições, bem como, que histórias eles ainda contam.

a) Da competência dos contadores tradicionais: aquisição do saber contar.

Observamos que os sujeitos categorizados como contadores tradicionais vivem em conjunção com o objeto contação de histórias por meio de diversas imagens e valores distintos: a pouca tecnologia de que inicialmente dispunham a forte presença nas práticas culturais, a predominância da oralidade em detrimento do acesso à escrita e à educação formal, a necessidade de entretenimento e do coletivo, dentre outros aspectos. Tudo isso operou no processo de competencialização que *fez-ser* cada contador de histórias. As histórias por eles contadas foram aprendidas pelas vozes afetivas do tio, do avô, da mãe ou do pai. São, portanto, histórias que, passadas de geração em geração, se mantêm vivas até hoje por efeito de suas ações num elo ancestral.

Seus antepassados contribuíram para a formação dos contadores de histórias da tradição oral, numa experiência que, segundo a escritora moçambicana Paulina Chiziane (2021), “é aquela que é transmitida de geração em geração, a história de um povo ou lugar”. Das palavras de Noé Lessas retiramos detalhes dessa construção: “Os companheiros... a companheirada... todos que tivessem ali... sempre era os mais velhos que sabiam mais as histórias né... os mais novos vai pegando com os mais velhos”.

No enunciado de Noé temos que “os mais velhos sabiam mais as histórias, né...”, qualificando seus ascendentes nesse ofício como dotados de maior competência no fazer da contação e como importantes formadores dos mais novos contadores. O termo “novos” refere-se às crianças e aos jovens que, ao ouvirem os mais velhos contarem histórias, foram se

apropriando delas e, formando-se contadores também. Os mais velhos são então compreendidos como destinadores, doadores de um saber, reconhecida essa condição pelos mais novos, os destinatários, na condição de aprendizes e incumbidos, também, de dar continuidade à prática.

A contação de história como tradição parece estar, de certo modo, ligada a outra tradição, nesse caso, a religiosa. Ou seja, no desenvolvimento dos rituais religiosos há também, como continuidade de um ato a outro, o desenvolvimento das competências de quem atua como contador de histórias nesse convívio, geralmente, mais familiar. Noé diz que “é boca da noite”, que pode ser traduzida como a hora do descanso, “aí junta tudo...depois que acaba uma novena”, no início do anoitecer, quando então se põe a contar e acolher a todos que estão ali. Tal afirmação vai ao encontro do pensamento de Celso Sisto Silva (2012) que diz que “contar histórias será sempre esse jogo de aproximações, esse ritual, que ao mesmo tempo é culto e festividade”. A experiência de Noé confirma isso, pois, para ele, o sagrado também parece estar muito ligado à contação de história, já que a dimensão religiosa orienta os rituais da contação e atravessa as próprias narrativas:

Enunciado 26

Essas histórias de Trancoso... isso é inventada... ((risos)) mais ou menos... tem uma guia... né um conta... outro conta... reunião de boca de noite... em... festa ninguém né... é boca de noite... às vezes aí... na boca de noite... aí junta tudo... depois que acaba uma novena... não tem a reza?... é coisa... de primeiro tinha reza né... aí junta aquele magote de gente... e aí vamos contar umas historinhas... adivinhação (NOÉ LESSAS, 2020).

Como o próprio Noé conceitua: “Trancoso...isso é inventada”, trata-se de histórias inventadas, elaboradas a partir de episódios vividos ou imaginados. Aqui compreendemos o desenvolvimento de sua competência: Noé aprendeu a contar história ouvindo seus ancestrais, que tiveram participação importante na manutenção das narrativas de tradição oral. Até hoje, ao chegarmos na casa de Noé, sempre somos acolhidos com uma boa história, seja de Trancoso, fábulas ou literatura de cordel.

Assim como Noé, Antonio Aires tem a voz embalada pelo canto do Sabiá, tem a força do “mandacaru quando flulora na seca”, como nos lembra a canção de Luiz Gonzaga. Com uma experiência parecida com a de Noé, Antonio também teve sua vida marcada por desafios e dores, mas nunca perdeu a alegria de contar histórias e, como o mandacaru, faz florescer chuva de histórias todos os dias, competência que adquiriu com o povo da antiguidade.

Os modos pelos quais desenvolveram suas competências, como vemos nos dados acima, os inscrevem como contadores de história tradicional, em que sua competência contadora não se deu a partir de um conhecimento aprendido na escola, mas na vivência da tradição familiar.

Antonio, assim como Noé, aprenderam a contar histórias ouvindo as pessoas mais velhas, e assim foram construindo seus repertórios tendo como base a memória, onde abrigam suas experiências vividas.

Uma característica importante no relato de Antonio é o modo como descreve e enfatiza o tempo em que ouvia as histórias e como e com quem aprendeu a contar histórias “o povo da antiguidade, os mais véi, de outro tempo”. Nesse sentido, observa-se a aquisição de competência para o fazer a partir do contato sensível entre os tradicionais e os jovens ouvintes, em que, considerando-se a relação tradicional de respeito aos mais velhos, estes podem ser categorizados como destinadores que doam competências (*saber-fazer*) às possíveis futuras gerações.

Lançando mão das categorias da sintaxe narrativa, as quais foram construídas pela análise de narrativas de contos tradicionais, destacamos que a manipulação e a relação destinador-destinatário, aqui, são compreendidas a partir das próprias dimensões de uma narrativa da vida vivida, tendo em vista suas complexidades. Nesse sentido, consideramos que, pela própria dinâmica tradicional em que se passa conhecimento de geração em geração pelo respeito aos mais velhos, como também pelo legado da formação de contadores de histórias, sobretudo daqueles e daquelas mais ligados à tradição oral, a interação é categorizada como *manipulação*, regida pela intencionalidade (LANDOWSKI, 2014). Assim, ainda que a prática de contar histórias esteja ligada aos costumes tradicionais de um lugar e de uma cultura, sem que se objetive precisamente manipular o sujeito para o *fazer-fazer* (neste caso, aderir à tradição de contação de histórias), é nessa relação em certa medida hierarquizada entre contadores e ouvintes (futuros contadores) que se dá a formação a partir de uma doação de competência, em um processo formativo.

Para Matos (2014), uma contadora de histórias, o ensinamento tradicional passado de uma pessoa para outra está muito ligado e integrado à vida das pessoas na comunidade. Nessa direção, Antonio Aires e Noé Lessas expressam um passado distante, mas que, ao mesmo tempo, dá sentido à vida no presente. Para eles, narrar suas histórias é o melhor modo de explicarem o mundo, os seres e as coisas da natureza, como elas parecem ser, ou como são hoje em dia.

Ao narrarem suas histórias de vida, esses contadores de histórias trazem marcas de emoção no modo como narram, na fala emocionada, na melodia das palavras enunciadas, na força da linguagem e até mesmo nos silêncios e pausas prolongadas. Eles são os verdadeiros responsáveis por garantir a permanência da tradição oral, que podemos conceituar como o conhecimento transmitido pelos mais velhos para as novas gerações, essa cultura que na maioria

das vezes não encontramos nos livros e que, por isso mesmo, podem ser perdidas, caso o elo da tradição se rompa.

b) Da performance dos contadores tradicionais: o que move o sujeito do fazer.

Com o advento da pandemia da Covid-19 (2020-2022), momento em que principiamos a geração de dados para esta pesquisa, houve a necessidade de o contador de histórias buscar outras maneiras ou suportes para narrar. Embora o cenário pandêmico tenha levado os contadores de histórias a buscar participar de encontros formativos para adquirir a competência de contar em tempos tão diversos, utilizando-se principalmente do ciberespaço para fazer suas apresentações, vemos que o contador da tradição oral preservou seus modos de contar, sempre na esfera do privado e no meio mais familiar, mais restrito ao lar.

Para Antonio Aires e Noé Lessas, a contação de histórias acontece quando as pessoas chegam como um ritual diário, quase sempre ao anoitecer, tomam assento nos terreiros (quintal) varridos pela luz da lua. E assim, próprio de um *fazer-saber*, os contadores, sentados em uma cadeira ou poltrona, retiram os seus chapéus da cabeça, como se estivessem pedindo autorização para contar suas histórias. São sujeitos que têm o dom de precisar dias, datas, meses e anos de cada narrativa que contam. Para Machado (2015) a contação de histórias representa esse movimento de quando os contadores de histórias que “sentava-se numa cadeira e começava a falar, tendo como recursos sua voz, gestos e olhar” (MACHADO, 2015, p. 111).

Concordando com Machado (2015), entendemos que, no momento da atuação do contador de histórias, uma magia se instaura naquele lugar e o tempo do agora aguça o imaginário de quem ouve; o “*Era uma vez*” parece trazer um tempo fora do tempo, como um ritual que atualiza a história de cada um que ouve. Sobretudo, podemos perceber como esses contadores, por meio da memória, traduzem e ressignificam o presente em busca do objeto-valor - a atenção e envolvimento do público que o assiste -, como também procuram dar sentido ao que dizem e como dizem, demonstrando uma compreensão natural e um respeito acerca dos contratos e dos conflitos relacionados aos humanos.

Contar histórias para esses dois homens é sempre motivo de alegria, principalmente porque eles têm à sua volta pessoas que fazem parte de seus cotidianos. Portanto, podemos dizer que a atuação de Noé Lessas e Antonio Aires estão intimamente ligadas à esfera da vida privada, no âmbito familiar.

Para ambos, as rodas de conversas são os espaços privilegiados onde acontecem normalmente a contação das histórias, seja na hora das refeições, antes de dormir, nos encontros

de festejos e rezas. Esses momentos eram e são práticas cotidianas nutridas no ambiente doméstico, que servem como entretenimento, aprendizado para a vida e contribuem para a manutenção da tradição oral.

Esses dois contadores de histórias trazem a palavra falada, sua matéria prima, trabalhada em narrativas que podem ou não estarem ligadas a fatos reais que, enunciadas, se tornam eventos nos fins de tarde e/ou à boca da noite. Noé Lessas e Antonio Aires deixam quem lhes ouve tocado pela atmosfera do sensível na qual estão inseridos, seja pela nuance trazida pelo ritmo da voz, pela entonação, pelo gesto e principalmente pelo movimento corporal.

Eles contam histórias todos os dias, ao pé do fogão, em volta da mesa, nas calçadas de suas casas e sem recursos externos (como fantasias, peruca ou chocalho), apenas experimentam a sensação da soberania da história, momento em que a magia é instaurada e o imaginário de cada ouvinte é despertado. Repetem, mas também inovam ou recriam com maestria as lições de vida e as histórias aprendidas com seus ancestrais. Noé Lessas e Antonio Aires contam histórias para familiares e amigos que vivem nas redondezas de suas casas, nos terreiros, sempre sentados, apoiados por um cajado e usando um chapéu, que é retirado da cabeça toda vez que a história é chamada para o centro da roda. Reúnem-se para ouvir e contar histórias dotados de um repertório fundado em histórias (fábulas e causos) de Trancoso, cujas narrativas, muitas vezes, propõem uma moral ou um ensinamento.

Esses espaços (casa, terreiro (quintal), pé do fogão etc.) figurativizam um lugar de memórias, onde as narrativas são revestidas não só de momentos de lazer, mas também de aprendizado, de busca de conhecimento adquiridos e socializados na vida em comunidade. O contador de histórias que vive e atua em sua comunidade, conta como alguém que testemunhou o que narra.

Em nossa conversa, em uma manhã de domingo do mês de novembro do ano de 2021, sentados à mesa da área, da frente da casa, enquanto tomávamos café, com cuscuz de milho, amanteigado com manteiga da terra, Antonio diz:

Enunciado 27

Hoje quase não conto não, eu tô contando isso. Que ano, que ano que eu contei essa história? Tudo está guardado na memória [cantarolar dos pássaros] Pois é. Deus juntou as criacão, os bichos, né, aí perguntou a vaca: quanto você quer de chuva? A vaca disse: até criar lodo no chifre. Aí foi para a ovelha e disse: até cair toda lâ. [ruído de colher na xícara]. Aí entrou o bode, e você bode, quanto quer de chuva? Eu quero terra seca até rachar a unha. Entrou o jumento e pediu seca também. Os animais, bode e jumento né, pediram seca. Por isso, são bichos nojentos. A ovelha e a vaca é abençoado por Deus (ANTONIO AIRES, 2021).

A narrativa de Aires categoriza os animais, sob uma perspectiva religiosa, relativa a bichos que seriam ou não abençoados. O pano de fundo é a seca, a chuva compreendida como

uma indispensável bênção ao que vive do plantio da terra e vê tudo esmorecer e empobrecer nos períodos de dura estiagem. Ainda que contando, começa sua fala dizendo que “hoje quase não conto não”, o que traduz mais especificamente o momento da pandemia da Covid 19, que o deixou muito afastado das pessoas as quais tinha acesso e ouviam suas histórias. Mesmo restrito e convivendo somente com as pessoas de sua casa e, como ele mesmo disse, “tudo está guardado na memória”. É pela memória que Antonio constrói o sentido de um agora e, então, com sob o cantarolar dos pássaros, passa a nos contar trechos de uma fábula, uma narrativa inventada, na qual os personagens são animais que possuem características humanas.

Antonio e Noé representam a figura do contador tradicional que tem suas experiências voltadas para o privado e é construído no meio familiar e atua mais em suas comunidades, lugar onde as tradições orais conservam, ainda nos dias de hoje, certa vitalidade. Hoje, o contador de histórias tradicional é estudado por diferentes áreas de pesquisa, pelo fato de serem dotados de uma sabedoria incomparável e constituírem-se uma memória de determinada tradição e cultura.

4.3 Contadoras contemporâneas

Mobilizada a figura do contador de histórias tradicional, passamos agora ao contador contemporâneo, concebido como aquele que atua e vive na cidade e que nem sempre conhece a plateia para a qual leva e ainda levará suas narrativas. Esse contador está inserido em uma comunidade de tradição escrita e suas narrativas são capturadas da leitura de livros ainda que inicialmente o gosto tenha se desenvolvido pela oralidade, pela escuta dos mais velhos.

Caracterizamos a partir de nosso *corpus* esse tipo de contador de histórias como sujeito que busca sua competencialização por meios diversos, como oficinas e cursos de formação de contadores, autoestudo, experiências de escuta etc. Também é distinta sua performance, na medida em que se apresentam em espaços diversificados como bibliotecas, praças, auditórios e escolas, e usam o ciberespaço (canais virtuais, lives, *blogs* etc) como suporte para realizar suas apresentações.

Embora os contadores contemporâneos tenham aprendido a contar também com seus ancestrais, buscam aperfeiçoamento e fazem da contação de histórias uma profissão. Acentuamos ainda que a performance do contador contemporâneo tem a ver com o público e o espaço e busca atingir a satisfação da plateia. Contar histórias assume aí um objetivo diferente de quando os contos chegaram pelos ouvidos, das vozes que ecoaram e povoaram a infância de cada contador. Embora mantida as referências afetivas, o contador contemporâneo precisa considerar o gosto do público, ou seja, o seu repertório é moldado por demandas específicas.

A seguir, buscamos refletir como se deu a competencialização e como se dá a performance para as seis (6) contadoras de histórias que contemplam a categoria de contadores contemporâneos, sendo elas: Cláudia Borges, Karine Melo, Eró Cunha, Eliane Soares, Symone Elias e Jô Santos.

a) Da competência nas contadoras contemporâneas: aquisição do saber contar.

Os dados produzidos a partir das entrevistas com os contadores contemporâneos revelam uma relação de conjunção com o objeto de contação de história, sobretudo por ser também para eles, uma herança familiar. A competencialização dos contadores contemporâneos bebe no tradicional, mas exige inovações. As formas de expressão, os suportes pelos quais a transmissão acontece, bem como os cenários e contextos são marcados por outros elementos relacionados às mudanças tecnológicas, à conscientização/contribuição política e social, à atuação profissional. Por outro lado, veremos mais adiante que, no que se refere à *performance*, ocorre uma necessidade de manutenção mais ampla dos interesses sociais por parte dos contadores contemporâneos. Em geral, os contadores contemporâneos parecem buscar de forma mais explícita, refletir sobre os efeitos de suas performances nas questões que competem ao ensino e à aprendizagem. Há um dever quanto ao que contar, para quem contar e como contar dada às demandas legais atuais (formas de preconceitos, sexualidade etc.).

Como já vimos, no que se refere à *competência*, para que o sujeito possa realizar uma ação ele não deve apenas *querer-fazer*, mas também *saber* e *poder fazer*. Para tanto, é necessário que o sujeito adquira as condições para realizar a ação, uma qualificação. Essa qualificação pode ser o *saber-fazer*, o *poder-fazer* ou o *querer-fazer*; o que torna viável a ação do sujeito. Esse movimento de regularidade pode ser percebido nas seguintes narrativas:

Enunciado 28

Como eu sou a mais velha de todos, ficou pra mim né, a missão de perpetuar essas histórias que meus pais contavam da Paraíba. Que contava as histórias da saga que ele viveu no caminho das viagens que ele fazia com a minha mãe até chegar em Marabá. Seu Pairibinha ele conseguiu nos manter conectado com a nossa ancestralidade, com o saber popular. Então a história pra mim ela tem também essa chave [ruído de whatsapp web], além da chave de me manter conectada com a minha ancestralidade, com meus pais, a minha mãe e meu pai. Ela também deixa... não deixa esquecer aquele canto do pássaro, que é essencial para todos nós, né. Que é poder ouvir e deixar ser ouvido. Então, o momento de histórias pra gente é o momento que a gente se encontra mesmo, se conectar, uns com os outros (CLAUDIA BORGES)

Para Claudia Borges, a contação de histórias parece ser um dever/querer advindo da sua

faixa etária. Competia, pois à mais velha, a manutenção da contação de histórias. Claudia cresce nutrida e alimentada por um imaginário respaldado na infância, ouvir e contar histórias parece ser uma prática de cada dia desta contadora de histórias.

(1) Karine Souza

Enunciado 29

Lembrando aqui falando um pouco do meu pai... o meu pai ele/ ele é contador de história também viu... e eu falo que a minha mãe me inspira na parte também da escolha da educação né... como profissão... mas meu pai ele é conhecido assim pelas histórias fabulosas que lhe conta... do nada... meu pai é contador nato de histórias... meu pai... assim é encantador... é uma pessoa iluminada... ele conta histórias pra família... nas reuniões de família é meu pai que faz a graça.. é ele... quem centraliza o foco ali... a atenção de todo mundo... todo mundo quer tá ao redor... e ele é o contador de histórias do povo... eu me sinto muito orgulhosa... de ter aprendido a contar história com ele (KARINE SOUZA, 2021).

A competencialização de Karine se dá pela admiração, pelo querer continuar a tradição do pai contador de histórias (contador tradicional) revelando um estado de conjunção de Karine com esse saber. O pai atua como destinador de Karine por sedução, que a leva a *querer ser e querer saber fazer*. Ou seja, o modo “encantador” como o pai ainda narra chama a atenção de todos ao seu redor o que leva Karine Souza a se interessar em tornar-se também ela uma competente contadora de histórias.

(2) Eró Cunha

Enunciado 30

Quem contava muitas histórias para mim, era... a mãe contava... mas ela já esqueceu... muito... o pai nunca foi muito de contar história eu acho que a família dele não tem essa relação muito com esse contar e recontar... mas da minha família negra sim... o padinho contava... gente quando/ as histórias dele eram aquelas histórias de Trancoso... então era aquelas tenebrosonas... ótimas... mas sempre algo de tesouro, de encantamento... também uma época, ele trabalhou de coveiro... ele contava assim com tanta seriedade com tanta verdade que até hoje eu não sei se era verdade... se era história... se era verdade... ou o que era mesmo... [...] meus irmãos já contavam histórias/ tios também/ minha vó... às vezes ela contava... mas também não era muito assim, ela contava mais do trabalho da lida, mas não era muito de encantamento né... eram de outras formas e eles contavam a gente aprendia as histórias. Eu aprendi muito sobre esse encantamento do contar... mas o contar história através/ do palco... fizemos vários espetáculos de palco de rua... e também esse meu contato dentro do teatro... trouxe mais esse desejo de como é que eu vou fazer para continuar... para contar essas histórias... e aí o teatro é outra forma de contar histórias né? (ERÓ CUNHA, 2021)

No relato de Eró, fica evidente a afetividade feminina da mãe e da avó contadoras de histórias, mas também se refere a figura do Padrinho que trabalhava no cemitério como coveiro e à noite lhe contava histórias de assombração. São vários, pois, os destinadores, doares da competência para Eró, o que faz com que se reconheça ali a própria cultura como destinadora (família negra). Eró era também ouvinte assídua da rádio Nacional, como podemos ver em sua

fala: “Aí quando dava umas nove horas mais ou menos começava o programa da Tia Leninha, na rádio Nacional...ô ô gente eram histórias narradas com musicalidade, que coisa fantástica!”. Sua competencialização para contar histórias vem, portanto, dessas experiências de ouvir as pessoas no meio familiar e de ouvir ao programa da rádio Nacional, mas esta se refaz com novos saberes, que a confirmam como narradora contemporânea.

Novamente vemos a presença das chamadas Histórias de Trancoso, como fundadoras da tradição que agirá positivamente para o gosto pela contação. Além disso, acentua-se o prazer advindo da escuta de histórias “tenebrosas”, contadas para comover os jovens ouvintes do parente coveiro e cuja verossimilhança não pode ser confirmada. O que interessava os espectadores da performance eram os efeitos de sentido produzidos nessa escuta.

(3) Eliane Soares

Enunciado 31

[...] minha mãe sempre gostou muito de história. A minha mãe sempre foi uma contadora de histórias da vida real, né. Ela sempre gostou de contar as histórias da vida dela. E eu ouvi muito, muito, muito, muito. Então sempre foi assim, um ouvido muito afinado para ouvir. É histórias fictícias ou histórias, né, [...] Então, na minha experiência ouvi muita história da vida real, porque a minha mãe gostava de contar... gostava de relatar as coisas da vida, da infância dela, da família dela, e meu pai também, até certo ponto contou algumas. Grandioso! Eles contavam muitas histórias de Trancoso (...) minha carreira inicia mais ou menos quando eu termino meu curso [Letras] Éh... Então foi quando eu comecei a ter uma vida como poeta, como escritora, como éh... digamos uma ativista cultural, né. [...] e a contação de histórias começou também por aí (ELIANE SOARES, 2021).

Eliane traz para a vida profissional as experiências das histórias narradas pela mãe e pelo pai, que contavam sobre a infância, relatos de vida, causos e histórias de Trancoso. Novamente, a competência inicial do sujeito se dá pela escuta advinda de familiares próximos, misturando realidade e ficção. Posteriormente, como professora universitária, é convidada para participar dos encontros de formação continuada na área da educação da rede municipal da cidade de Marabá - Pará. A partir daí, firma parceria com as professoras e contadoras de histórias, Cláudia Borges e Marluce Caetano, com o objetivo de criar o programa *Marabá Leitora*, que dentre outros objetivos, foi escrever a Lei que criou o Dia do Livro e da Leitura em Marabá. Atuou como coordenadora de mediadores de leitura e de contadores de histórias, a exemplo da *Cia. Historiar-te, Trupe Paneiro de Histórias* e a *Rede Marabela de Histórias*. Esse percurso é uma síntese de como se deu o processo de competencialização da contadora de histórias Eliene Soares.

Como contadora contemporânea, vemos repetir-se a dupla etapa de aquisição de competência: a advinda da experiência familiar; a advinda de projetos de formação mais

vinculados aos interesses de escolarização.

(4) Symone Elias

Enunciado 32

Bom, quem contava os causos antigamente era o meu avô. [...] quando ele sentava para contar história, as pessoas iam rodeando ele, ia sentando no chão, nos galhos de árvores, onde tivesse qualquer coisa, e aí aquilo, me encantava. Até os cachorros vinham pra perto e deitavam para ouvir, era impressionante aquilo que ele fazia [riso]. Então, [...] do contato que eu tive com ele, isso me marcou né, porque ele tinha histórias pra contar, que ele ia contando e contando... e aquelas histórias não tinham fim, quanto mais ele contava, mais a gente queria ouvir. Então eu creio que a minha veia de contadora vem dele do meu avô (SYMONE ELIAS, 2021).

Symone Elias experimentou da doçura que é olhar para o chão e tomar assento para ouvir as histórias narradas pelo avô, que de maneira sensível, simplicidade ao narrar suas histórias e pelo modo como encantava a todos que ali estavam, parece ser determinante para que Symone tenha como referência para sua formação como contadora de histórias a atuação e o modo marcante da voz do avô, impactando as pessoas ao seu redor. No seu relato, as figuras que traz para a cena traduzem o ambiente familiar, assim como o efeito das narrativas sobre si e os demais. Temos aqui uma topologia, que constrói a centralidade da figura do narrador, agindo com força centrípeta pela linguagem capaz de seduzir até animais para a escuta. O cenário então se reinventa, com objetos tendo seu uso redimensionado pelo instante. De novo, a competência se dá nesse momento de experiência familiar, que antecede sua atuação profissional como educadora.

(5) Jô Santos

Enunciado 33

Óh, eu fico assim muito feliz quando eu ouço pessoas que dizem que ouviram história assim... Eu lembro que eu tenho na minha família, essa ancestralidade da contação. Eu tenho essas memórias muito presentes!

Eu lembro do meu tio. Eu lembro demais quando ele chegava e contava história de literatura de cordel e é essa história, começava contar aquelas histórias de monstro, de coisa misteriosa, de fantasma e todo mundo ficava quietinho, com medo. O medo chegava... quando ia dormir, querendo ficar perto da mãe porque tinha medo [riso] das histórias. Então a pessoa que eu lembro muito é do meu tio contando, e a minha avó que contava as histórias dela, minha avó era muito engraçada. [...] mas, assim, a contação de história, de ler...eu vim ter esse contato já no teatro, nas minhas animações de festa. (JÔ SANTOS, 2021)

A fala de Jô Santos reitera as fontes que orientaram sua formação como contadora. Ressalta ali a figuras do tio, grande destinador, capaz de produzir encantamento na escuta pelo medo provocado por seus relatos. Não havia, como ressalta, a leitura de um texto, o que só irá acontecer, como declara, já no teatro. Depreende-se ali a performance teatral desses contadores

ancestrais, pondo crianças para dormir amedrontadas pelo que ouviram ou então felizes pela graça das histórias narradas pela avó.

Nos relatos das contadoras, que destacamos acima, vemos o seio familiar figurativizado como lugar central em suas memórias, sendo configurado notadamente como lugar de competência, de afeto e sociabilidade. Trata-se de um lugar importante fonte de prazer e de alegria na construção do imaginário, experimentação de sensações e sentimentos.

Assim, esses momentos vividos pelas contadoras de histórias assinalam marcas de um *querer-fazer* no que se refere à aquisição inicial da competência que posteriormente, no percurso acadêmico e/ou profissional tornou-se mais concreto. Os contadores contemporâneos, por mais que tenham primeiro experienciado a contação de história no âmbito mais caseiro, aprendido a contar suas histórias com seus ancestrais, travaram uma carreira em busca de acesso a outras formas de conhecimento para o aprimoramento profissional, ocuparam espaços diversos para atuação. São sujeitos que receberam valores modais que os levaram à *performance*.

Ressaltamos desses relatos dois aspectos: i. assim como no caso dos narradores tradicionais, a aquisição inicial da competência das narradoras contemporâneas não se deu pela escolarização. Essa necessidade de aperfeiçoar uma prática se faz posteriormente, em função de atuações profissionais como educadoras; ii. temos, portanto, uma competencialização que se faz em dois momentos, observando-se distintos doares de saber. A ênfase na aquisição do gosto por ouvir/contar, pois, se dá pela experiência familiar e tradicional.

Praticamente desaparecido o contexto favorável às práticas tradicionais (as novenas a que remonta Noé Lessas, a presença constante de familiares à escuta de mais velhos, o grande quintal onde se reuniam familiares e amigos à noite), será fundamental a experiência de novos modos de contação de histórias, traduzidas pelas narradoras contemporâneas.

b) Das performances das contadoras contemporâneas: o que move o sujeito do fazer.

A arte de contar histórias não é algo cristalizado, estático. Ao contrário, é uma prática dinâmica, que se atualiza acompanhando as características históricas, culturais dos novos tempos. Esse movimento é algo característico dos contadores contemporâneos que reelaboram suas práticas de contar histórias em função de atender também às exigências da contemporaneidade. Com isso, essas contadoras atuam na zona urbana passam a participar de encontros formativos, usam o ciberespaço, têm suas plateias em outros lugares e, principalmente levam as experiências e suas narrativas para a escola com o propósito de

entretenimento e de acalmar as crianças, também como estratégia pedagógica tendo como finalidade a formação do leitor e para tratar de questões político-raciais.

Aqui, nos deteremos nas transformações vivenciadas pelas contadoras no ato de narrar suas histórias, em suas atuações. Ainda, observamos as condições que criam para o momento da contação, considerando as regularidades e o que move o sujeito do fazer.

Em Cláudia Borges e Karine Melo encontramos esse processo de transformação da contação da história sendo levada para o contexto pedagógico *stricto sensu*. Assim, com a contação de história, ambas realizam um movimento de escolarização da leitura dentro dos projetos de leitura e das aulas que precisam ministrar.

Ao analisar os relatos das professoras e contadoras de histórias Cláudia Borges e Karine Melo é possível perceber o modo como se constituíram as práticas que entrelaçam literatura e oralidade em suas práticas escolares. As contadoras trazem para dentro da escola a contação de história como estratégia pedagógica com a intencionalidade de formar o leitor, e, para realizar as ações propostas. As contadoras mobilizam os espaços da sala de aula e biblioteca, planejam e inserem a contação de história como ferramenta de trabalho na busca, inclusive, por ultrapassar desafios pedagógicos: “Você sabe o que é aquelas turmas que os professores de língua portuguesa geralmente não querem. Que são crianças que vêm com algumas dificuldades, de letramento, de alfabetização. Então quando eu cheguei lá eu falei assim: “caramba, como é que eu vou dar aula para essas crianças?” (CLÁUDIA BORGES, 2021).

Cláudia Borges revela o cenário da escola e aponta a dificuldade das crianças em relação a saber ler e escrever, mesmo estando no sexto ano. Diante dessa realidade a professora e contadora de histórias vislumbra possibilidades de acolher os alunos e tentar modificar a situação encontrada. Para dar conta desses papéis de professora e contadora de histórias, Claudia vê o ato de narrar como elemento importante no desenvolvimento da leitura, como veremos no relato abaixo:

Enunciado 34

Alguns não sabiam ler e nem escrever e estavam no sexto (6º) ano, meu Deus! Aí, foi quando eu chamei a minha veia artística de novo, que tava guardada. Aí trouxe a contação de histórias de novo, que eu tinha guardado lá na minha caixinha, no meu baú, daí o baú da Claudinha, vem disso também. Então pegava as crianças que tinham dificuldades, eu ia além do meu horário e fiz o projeto de leitura, comecei logo com o *Pequeno Príncipe*. Enfim, eu consegui o ano todinho trabalhar com eles, só obras clássicas: *Pequeno Príncipe*, *Alice no País das Maravilhas*, *Branca de Neve*, trabalhei tudo tudo que eu tinha dos Grimm, dos... todos os contos que eu sabia, que eu tinha aprendido com a minha mãe e com meu pai, com essa veia artística (CLÁUDIA BORGES, 2021).

Claudia Borges mobiliza elementos para a sua performance: o baú, de onde explora o

encanto e a magia de narrar, empresta sua voz e o seu corpo no intuito de potencializar a relação entre ela e os alunos para participarem do projeto de leitura; usa livros nas práticas de contação que acontecem no contraturno da turma do sexto ano: “Enfim, eu consegui o ano todinho trabalhar com eles, só obras clássicas: *Pequeno Príncipe*, *Alice no País das Maravilhas*, *Branca de Neve*, trabalhei tudo tudo que eu tinha dos Grimm, dos... todos os contos que eu sabia” (CLÁUDIA BORGES, 2021). Interessante perceber o engajamento da professora e a importância que empreende no tempo para planejar e executar o projeto de leitura, trazendo para a sala de aula um momento mágico que envolve todos que estão ali. Da seleção que nos apresenta, vemos a opção por clássicos da literatura infantil, os chamados contos maravilhosos. A exceção é o texto de Exupéry. Ressalte-se que esses contos maravilhosos nasceram também da tradição oral, sendo recolhidos e organizados por Perrault e os irmãos Grimm.

Para Fanny (1997), a contação de história para criança torna-se um passo importante no percurso da aprendizagem, pois esse incentivo normalmente é o primeiro contato que a criança terá com a leitura. A partir disso, a criança poderá despertar a vontade de ouvir outras histórias e ler na escola ou fora dela. Utilizar a contação de história na escola contempla todos os envolvidos: o aluno será instigado a imaginar e criar, e o professor ganha a oportunidade de ministrar uma aula muito agradável e divertida e, conseqüentemente, poderá alcançar o objetivo pretendido.

Na prática de contar e de ser professora, Karine Souza encontra um modo bem especial de chamar a atenção das crianças para ouvir as histórias:

Enunciado 35

Verônica... eu/ eu vejo muita gente tentando cantar... ou fazer uma dinâmica no início... eu acho que se eu fizesse isso eu agitava mais as crianças. Eu geralmente começo falando baixinho, aí eu digo assim... "vou contar um segredo..." (sussurro)) aí eles vão/ eles vão assim... "o que ... tia... que a senhora vai contar?" aí eu falo... "não... mas eu só vou contar se todo mundo tiver em silêncio..." e aí eu começo contar devagarinho... bem baixinho... pra conseguir chamar a atenção deles... se eu não fizer dessa forma... todas as vezes eu não consigo ... eu começo tentando sempre fazer com que eles percebam que é importante ou que tem alguma coisa diferente a ser contada (KARINE SOUZA, 2021).

Karine Souza descreve com espontaneidade o modo como faz sua performance. A contadora fala baixinho e consegue atrair a atenção das crianças, tanto na escola quanto em outros espaços. Falando baixinho e de forma meiga, o tom de voz da narradora se faz envolvente. Toda essa modulação revela a intenção desejada por Karine que é atrair a atenção de todos que estão diante dela compondo sua plateia. Nossa conversa se deu em meados do ano de 2021, período em que estávamos sob extrema tensão e risco da COVID 19. Afetadas pela pandemia, Karine relatou sobre a importância de acolher as crianças no retorno às aulas e

apresenta uma experiência com crianças pequenas na escola:

Enunciado 36

[...] quando eu comecei a trabalhar... que foi com/ justamente com maternal... que foi a minha primeira turma... as crianças... elas sentiram muito... ééé::: aí... eu acho que era um trauma... era uma quebra de vínculo... era o primeiro aninho na escola... então elas chegavam muito tristes... choravam muito quando o pai deixava... era/ era uma luta... então assim... as primeiras semanas eram de ajuste... adaptação... e essas crianças sofriam... eu via um sofrimento... né? de separação... muitas vezes porque era primeiro contato com outra pessoa né... de fora... então a escola me fez enxergar isso... que eu precisava arrumar mecanismos para acolher os pequenininhos né... (KARINE SOUZA, 2021).

O choro das crianças, sobretudo nas primeiras semanas de adaptação parecia um sofrimento provocado pela separação do ambiente familiar pelo espaço social da escola. O primeiro contato da criança com a escola se revela como lugar de ruptura, como um acontecimento (ZILBERBERG, 2011) que parece romper com a cotidianidade e afeta a alma e o corpo. Para muitas crianças, os primeiros dias de aula são marcados por uma forte ansiedade decorrente desse primeiro momento longe dos pais. O emprego reiterado de diminutivos no enunciado acima acentua a dimensão afetiva de seu relato e o cuidado com alunos tão jovens.

Nesse sentido, o olhar sensível e a afetividade da contadora de histórias e professora cria possibilidades de promover atividades para que o acolhimento e a adaptação fluam com naturalidade. A contadora de histórias Karine faz a sala de aula parecer um convite especial para a criança e até para os pais, gerando um ambiente de acolhimento, todos os dias. Fantoques, mascotes, livros e a prática cotidiana de contação de histórias se tornam aí uma estratégia importante para construir memórias e envolver as crianças. Nas palavras de Karine permeadas de diminutivos, vemos a explicitação de sua performance:

Enunciado 37

[...] Eu contava histórias utilizando os mascotes né... a gente tinha os mascotes da turma que eram ursinhos e fantoches... então... na chegada... todos os dias... eu pedia que a mãezinha sempre chegasse dez minutinhos antes... e sentar-se um pouquinho... e antes de sair eles ficassem pelo menos esses dez minutos ali... tendo contato com esse lado da leitura... dos fantoches... daquele/ daquele mundo/ daquele universo de fantasia que a gente ia criar logo mais né... então assim... as crianças elas/ eu contava história sempre no acolhimento... sempre no momento inicial da chegada deles... era um momento só de histórias... era um momento de contar... imaginar... conversar... e aí eles começaram a se sentir mais à vontade comigo... contando... falando né... com muita dificuldade... porque eles tinham quatro..cinco... aninhos né... mas eles já começaram a falar o que tinha acontecido... e conta né... faziam falas relacionadas às histórias que eu contava para eles... mas sempre histórias assim... fábulas... histórias a bíblia (KARINE SOUZA, 2021).

É no seio familiar que a criança recebe seus primeiros gestos afetuosos e os primeiros vínculos são firmados. Depois é a escola o espaço de acolher as crianças e seus familiares, suas especificidades e diversidade. As atitudes da contadora parecem ser essenciais para a efetivação do trabalho pedagógico na escola, principalmente, no que diz respeito à adaptação e ao acolhimento, que além de andarem juntos, são indispensáveis no processo de ensino e aprendizagem que tão bem é colocado em prática, na experiência da narradora. Podemos observar agora como o espaço da sala de aula é redimensionado pela demanda da contação e os efeitos produzidos nas crianças. Acalmando-as, Karine as introduz em práticas de letramento, quando ainda não são leitoras.

Enunciado 38

[...] era momento de contar, imaginar, conversar e de se sentir mais à vontade comigo... todos os dias a gente tinha esse ritual... de começar a aula com esse acolhimento... fazendo a roda de leitura no cantinho da leitura onde eles tinham os livrinhos alcance deles... eles acabavam participando comigo das histórias... e isso foi encantando eles sabe... eu fui percebendo que eu comecei a cativá-los... mais... e eles gostavam demais de mim... e foi muito rápido a adaptação... inclusive a diretora da escola disse que ela nunca viu uma turminha que se adaptou tão rápido né... que acabou o choro tão rápido... mas foi para o meio da história... porque a gente criou um vínculo muito grande... inclusive com as famílias... eu sei que tudo isso se deve também a questão das histórias... da contação de história (KARINE SOUZA, 2021).

A narradora que performa múltiplos papéis, é contadora de histórias e professora. Ao fazer esse relato revela que as histórias que ouvira e foi por elas envolvida, agora servem como fio que liga a sua geração aos seus ancestrais e as crianças a narradora. Há um encantamento tanto pelas crianças quanto pelos adultos que se deixam envolver no prazer de ouvir histórias. Ouvir histórias, em todo tempo, no passado e no presente, parece abrir portas que ficam sempre abertas e que podem operar despertando o imaginário, fonte geradora de afetividade capaz de cativar e criar laços. A experiência de Karine evidencia que a contação de histórias pode ser uma proposta importante e que parece contribuir para o acolhimento e socialização não só das crianças, mas que se estende para o bom relacionamento entre a escola e as famílias. Além disso, como prática de letramento, introduz os alunos no universo da escrita literária.

Esse contato com a narrativa oral ganha sentido para as crianças que vivenciam a experiência da escuta de histórias quando revelam o mundo ao seu redor, ampliam seu vocabulário e permite que façam uma leitura de suas vivências, mesmo antes de aprenderem a ler e escrever. Segundo Freire (2003, p. 40) “...a leitura do mundo precede a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade da leitura daquele”. Logo, a prática cotidiana de contar histórias e ouvir as crianças e apreciar suas histórias constitui-se um processo

formativo importante pelo fato de estarem sendo submetidos à cultura da leitura e da escrita, sem necessariamente saberem ler e escrever.

Na experiência de Karine que narra o momento quando as crianças levam o “brinquedo ursinho” para casa e ao retornar para escola cada criança conta sobre os cuidados e as brincadeiras com a mascote, vemos que o brinquedo se torna base das vivências preferidas da criança. Segundo Antunes (2017):

Misturar brinquedo e livros: pode-se começar assim o trabalho de sedução da criança para a leitura. À medida que o livro entra em sua vida, desde muito cedo e de forma prazerosa, o manuseio de grande diversidade de livros atraentes, com gravuras variadas, com cores diferentes, despertará seu imaginário e, conseqüentemente, seu desejo de ler (ANTUNES, 2017, p.22).

Os relatos revelam que a estratégia metodológica aplicada pela contadora de histórias e professora vai ao encontro do que propõe a Base Nacional Comum Curricular (BRASIL, 2018) para a etapa da Educação Infantil que estabelece dentro do campo de experiências “Escuta, fala, pensamento e imaginação” o objetivo de aprendizagem e desenvolvimento “Criar e contar histórias oralmente, com base em imagens ou temas sugeridos”. A BNCC propõe que a contação e criação de histórias seja uma experiência a ser proporcionada às crianças bem pequenas (1 ano e 7 meses a 3 anos e 11 meses) (BRASIL, 2018), porém restringe a experiência ao sugerir a contação como uma prática ligada a imagens e temas específicos.

Vemos na experiência de Karine que a imaginação consiste em uma experiência efetiva, ou seja, como é própria da primeira infância, as histórias brotam de outras histórias, de uma palavra, de uma lembrança, de um gesto, de uma memória. Nesse sentido, a contação de histórias em sala de aula conseguiu criar um ambiente favorável e seguro, onde as crianças puderam se identificar e sentirem-se parte do processo de ensinar e aprender. Acolher a criança a partir da contação de histórias é significativo, pois além de alimentar o imaginário, amplia o repertório linguístico/cognitivo e cultural favorecendo assim o seu desenvolvimento.

Em Eró e Eliane vemos que a contação de histórias assume outros papéis: ativismo cultural, formação de professores, conscientização sobre questões étnico-raciais, entre outras. O fato de Eró e Eliane serem contadoras de histórias e professoras que atuam na educação básica e no ensino superior, respectivamente, parece favorecer a seleção de textos com esses vieses. Vemos na história de vida de Eró que, por ser filha de pai branco e de mãe negra, numa sociedade racista, logo cedo teve que compreender que seria pela educação e pelo apoio

recíproco as melhores possibilidades de promover a vida, como ela mesma menciona “nesse país extremamente marcado, né...pelo racismo perpetrado né...de outros modos” e complementa enfatizando:

Enunciado 39

...então foi fabuloso, pensar como as mulheres são essa rede de apoio formativo, e a professora Maria Eulena Sá de Araújo, que atualmente é gestora da escola Municipal Tomázia Carvalho, eu nunca esqueci, ela marcou minha história na educação né...percebia as dificuldades da comunidade carente e acolhia as diferenças. (ERÓ CUNHA, 2021).

A formação familiar e escolar de Eró, o acolhimento e ensinamentos, primeiro pela mãe e depois pela professora, parecem ter sido importantes para o enfrentamento das questões sociais. Eró nutre gratidão e reconhece a importância dessas mulheres em sua vida. Nasce dessas experiências o interesse pela contação de histórias engajada socialmente. A competencialização de Eró foi sendo construída concomitantemente com a sua conscientização (competencialização) política.

Levar a contação de histórias para a escola pública e incorporá-la em suas práticas cotidianas assume um compromisso tanto social quanto político, pois configura-se uma forma de resistência. Afinal, é urgente desconstruirmos o estado opressor a que estão submetidos meninas e meninos, sobretudo nas regiões norte e nordeste. É urgente uma educação decolonial. Vemos nas palavras de Cavalleiro (2020, p. 38), a importância dessa atuação: “promover uma educação para o entendimento das diferenças étnicas, livre de preconceitos, representa uma possibilidade real da formação de sujeitos menos preconceituosos nas novas gerações”.

O trabalho realizado por Eró vem regado de esperança e traz uma expectativa positiva quanto ao combate de práticas discriminatórias e preconceituosas na escola e também fora dela. Torna-se uma espécie de trabalho preventivo, conscientizador, formador, imprescindível para evitar que sejam interiorizadas, principalmente pelas crianças e jovens, ideais do negro como menor, inferior, aquém de qualquer modo de vida e conquistas dos brancos.

Nesse intuito, vai se dando a performance de Eró na contação de história:

Enunciado 40

Fiz questão de trabalhar em escolas de periferias... trabalho aqui no meu bairro que é minha forma uma de retribuição... fiz o meu mestrado falando dessa dessas personagens... dessas mulheres negras... e exatamente para reconhecer... para fortalecer essa nossa história (...) depois eu fui trabalhar com o Gilberto... na fundação cultural de Imperatriz lá a gente tinha alguns projetos... eu passei no concurso da prefeitura de Imperatriz... fui para sala... e depois ele me chamou e chamou a Jô... nós fomos trabalhar nos bairros com projeto do cinema... rua de lazer... contação de histórias (ERÓ CUNHA, 2021).

Através de sua atuação, Eró nos convoca a pensar a escola não apenas a partir de um conhecimento institucionalizado, um padrão que define homens e mulheres com vistas a atender a sociedade capitalista e desigual. Eró atua em uma escola situada em região periférica de Imperatriz - MA e pensa a escola como um lugar capaz de proporcionar saberes diferentes ou diversos, promovendo discussões sobre gênero, raça e classe, por considerá-las temáticas importantes e necessárias a serem discutidas no âmbito escolar.

O saber de Eró leva-a a performar em sala de aula uma prática consciente, uma vez que crê ser o ambiente escolar um espaço onde o conhecimento deve ser mediado e atender as demandas de aprendizagens dos estudantes.

Enunciado 41

Então, é uma realização imensa gente...quando a gente propõe projetos de leitura, a gente propõe discussões... e eu vejo o potencial que tem esses estudantes, mesmo numa dificuldade gigantesca...temos na escola que eu trabalho o projeto *Curta Imagem Negra (...)* mostrar nossa cara preta...é mostrar nossa comunidade dentro da tela... e mostrar que embora sejam consideradas periféricas né...à margem, mas que elas têm toda potência de estarem no centro da cena (ERÓ CUNHA, 2021).

Segundo Eró, o projeto tomou uma dimensão para além da sala de aula, alcançando espaços elitizados que se tornam palco das apresentações da professora e dos estudantes, possibilitando novos alcances da presença negra e periférica. O engajamento da professora é uma performance daquilo que defende e reflete no engajamento de seus alunos que, provocados a contarem suas próprias histórias de vida, atuam no “teatro Ferreira Gullar, o salão do livro, a escola e outros logradouros públicos... e gente, tem palco maior do que o palco da vida?” (ERÓ CUNHA, 2021).

Os relatos de Eró Cunha nos dão noções de sua trajetória e, assim, da construção de sua performance com a contação de histórias. Segundo ela:

Enunciado 42

Essa minha trajetória de contar história... ela vem sendo construída por essas várias outras histórias... que eu fico sabendo... que eu leio... que eu revivo... que eu escuto das nossas comunidades... e isso é o que me fortalece... isso é que me encanta isso é que me faz assim... resistir... reexistir. Inicialmente eu contava/ ((risos)) inicialmente eu contava as histórias que eu conto ainda/ mas agora na outra perspectiva... que aquela coisa que eu falei...as histórias de Trancoso... são as histórias de encantamento... que eu amo... mas a partir desse momento... que eu comecei a estudar mais... essa minha relação com a negritude... eu vi assim/ percebi que outras meninas como eu... que deveriam ter conhecido a nossa história negra (ERÓ CUNHA, 2021).

Durante o seu percurso formativo na pós-graduação, Eró desenvolveu uma pesquisa voltada para autoras negras. Conceição Evaristo e Carolina de Jesus subsidiaram a sua pesquisa. Para o trabalho com a contação de histórias, Eró fundamenta-se em autores como Sylviane A.

Diouf, autora do livro *Tranças de Bintou* - um conto de origem africana que traz a história de uma menina que sempre indagava às pessoas e, até mesmo à natureza, sobre o uso que ela tinha de fazer dos birotos (penteado composto por pequenos coques). Eró elabora a sua performance com intencionalidade pedagógica, compreendendo a literatura e a contação de histórias como suporte para o desenvolvimento de posturas decoloniais:

Enunciado 43

gente... nós estamos devendo muito para nossas crianças né..."e os contos de fadas histórias europeias elas são histórias que traz uma obrigatoriedade de aceitação de serem melhores e tal... olha... chapeuzinho vermelho, a Branca de Neve... todo mundo tem que conhecer... eu concordo tem que conhecer... mas ao lado delas a gente precisa conhecer *As tranças de Bintou*... precisa conhecer a nossas histórias de reis e rainhas negras como uma estratégia, também até política... né? política nesse sentido mesmo maior... de trabalhar com essas histórias africanas e afro-brasileiras. Então assim eu já tô é: nesse processo mesmo da seleção dessas histórias... principalmente essas histórias negras brasileiras" (ERÓ CUNHA, 2021).

Eró mobiliza a literatura infantil e juvenil para compor o seu repertório, faz adaptações e então elabora a sua performance. Semelhante a Eró, a professora, linguista e contadora de histórias Eliane faz incursões em leituras literárias, na formação de leitores e no ensino de literatura para então planejar e performar a contadora de histórias.

Ao descrever a sua formação, Eliane Soares enfatiza: "eu sou uma professora principalmente das áreas chamadas núcleo duro da linguística, aquelas consideradas barra pesadas" (ELIANE, 2021). Ou seja, a contação de história exigiu de Eliane imersões teóricas, adaptações e ressignificações de sua prática em sala de aula e da formação de professores, pois mesmo atuando como escritora e promotora de movimentos artísticos e poéticos, e desempenhando o papel de ativista cultural, performar a contadora foi desafiante para ela. Em 2014, Eliane entrou no campo da contação de histórias, primeiro como convidada para falar teoricamente sobre o ato de contar histórias, num encontro de professores. Depois, a contação de história passou a persegui-la fazendo ressoar sentidos antes não construídos, como veremos no enunciado apresentado a seguir:

Enunciado 44

Particularmente eu não gosto! Eu só uso a cara e a coragem, mas quando a gente vai em grupo cria um cenário mais sofisticado. Quem quer cantar canta, quem quer usar instrumento usa, a gente se enfeita um pouco na roupa e tal. Hoje em dia eu uso menos acessório, né [cachorro latindo ao fundo] a gente vai diminuindo. Eu nunca gostei muito de acessório nenhum, na verdade eu nunca gostei. Não para mim, né. Assim, eu acho legal e tal, mas eu não gosto de usar, eu gosto mesmo de contar de uma forma digamos assim... mais orgânica e... mas não acho nada... não tenho nada contra! Desde que não haja exageros, né (...) Eu comecei a ser contadora de história. Eu larguei aquela coisa de ficar assim, só pensando teoricamente e falei: vou também, né, tenho que dar o exemplo, tenho que botar a mão na massa'. Comecei a participar como

contadora de história do grupo... dentro do grupo, né. (ELIANE SOARES, 2021).

Embora Eliane tenha aprendido essa arte pelas vozes de seus ancestrais, se revela uma contadora contemporânea pela forma como atua no palco, em grandes centros de convenções, em escolas, na formação de professores da rede municipal. Ela narra o gosto pela contação e uma certa ruptura teórica para explicar como isso a torna sujeita do saber-fazer como contadora de histórias. Daí, Eliane *faz-ser* a contação de histórias um modo de vida atravessado de afetividades, mas, sobretudo, comprometido com demandas educacionais, sociais, éticas, políticas. Performar a contadora de histórias assume um papel determinante na vida da professora e constitui para ela como um espaço de atuação social e político. Em seu relato, vemos ainda o processo de teatralização, que demanda, ainda que com parcimônia, figurino e objetos para as encenações.

A contação de histórias admite múltiplas performances, a depender da intencionalidade daquele que conta. Em Jô Peleco e Symone Elias, por exemplo, vemos a contação da história com vistas ao lúdico. Jô e Symone atuam de maneira intencionalmente lúdica, mas com igual finalidade que é levar alegria, magia e encantamento para as crianças. Tanto Jô quanto Symone são contadoras de histórias e animadores de festas e atuam em praças, escolas e festas infantis. Vejamos como descrevem o modo como performam a contadora de histórias:

Enunciado 45

Como eu sou animadora de festa, eu não chego só ‘óh, vou tá contando a história’, primeiro faço alongamento, faço toda aquela preparação pra contar a história. Depende também do público, que a gente como tem... a experiência faz a gente aprender um monte de coisa né, [...] Olha, quando a pessoa fala assim ‘olha, lá na escola você vai só contar história’, aí é outra coisa, mas na recreação é diferente porque não tem uma faixa etária determinada, né, tem dois (2), três (3), quatro (4), seis (6), doze (12), tem o adulto também que se envolve. Então hoje, o que que eu faço? Quando eu ofereço a contação de história, eu já ofereço também assim ‘óh, eu... eu vou contar duas (2) histórias, tem a questão da brincadeira, depois, mas a brincadeira sempre relacionada ao que eu tô contando’, pra não fugir, pra aquela história memorizar na criança. Nada de dizer o que é a moral da história. Não gosto disso’. (JÔ SANTOS, 2021).

Ressaltamos da fala de Jô Santos a recusa em usar as narrativas para ensinamentos morais, como se dá com muitas narrativas tradicionais. Recusa a remeter a uma moral da história, acentuando que a literatura tem um caráter lúdico, aberto a interpretações.

Entre risos, Symone Elias nos relata sobre uma de suas performances mais frequentes, assim como vemos a preferência por narrativas que envolvem animais, como novas fábulas ou fábulas revisitadas, como se dá com a história de um lobo mau:

Enunciado 46

A história que eu mais contei na vida foi aquela do galo que cantava rouco [...] Eu fiz toda a passagem que ele fez para poder voltar a ser bonito, a superação. Então foi a história que eu mais contei na escola. Em segundo lugar foi a história do lobo Alex, onde eu me vestia de lobo, eu pintava meu rosto de lobo, fiz as orelhas e tudo, e eu contava a história do lobo, porque eu queria dizer que o lobo só é mau porque ninguém parou pra ouvir ele, só ouviram o lado dos três (3) porquinhos, entendeu? [riso]! (SYMONE ELIAS, 2021).

Dentro dessas e outras demandas se dá a performance da contadora:

Enunciado 47

Então nós nos juntamos e fizemos um projeto pra toda semana a gente contar histórias na escola. E aí eu construí uma cobra gigante, eu construí um menino azul e eu fui fazendo fantoches, nós fomos confeccionando coisas, fomos juntando éh... chapéus, éh... perucas, fantasias, e a gente foi fazendo uma mala tão cheias de coisas que quando a gente sentava para contar histórias, até os professores paravam para assistir, os pais. Ficava todo mundo boquiaberto, todo mundo encantado! E aí nós descobrimos que a história ela não agrada só a criança, ela agrada a criança que existe dentro de todos nós, porque você pode ter a idade que for. A criança só pode estar adormecida, mas existe lá dentro de cada uma das pessoas né, todo mundo tem uma criança. Você pode ver que quando tem um palhaço fazendo alguma graça na rua ou em algum lugar, a criança já chega e se entrega e diz que tá fascinada, o adulto não. Às vezes ele fica ali restrito, olhando de longe, mas o sorriso tá aqui, no canto da boca, né, querendo se entregar para rir, mas fica segurando, como quem diz ‘já sou adulto, eu não preciso agir assim’. Então eu, eu...eu gosto de contar histórias pelo fascínio que eu vejo no olhar das pessoas, é isso que me atrai no contar histórias. (SYMONE ELIAS, 2021)

Consoante o que visualizamos nessas falas, as histórias são por elas levadas ludicamente para atender um tema, por exemplo, em festas infantis, adequando-se à solicitação do cliente e a depender do público quando contratadas para a animação de um evento. As demandas implicam ainda todo um processo de teatralização, que envolve figurinos para melhor caracterizar os personagens.

Pela análise das competências e das performances dos contadores tradicionais e dos contemporâneos, observamos que os sujeitos se manifestaram de formas diferentes no tempo e no espaço, com intencionalidades e objetivos distintos. Os caminhos pelos quais os contadores percorreram até formarem seu repertório e se reconhecerem como contadores ora se assemelham, ora são distintos. Por exemplo, vemos que os contadores tradicionais (os anciões), valem-se basicamente da performance oral, da narrativa que se guarda pela memória e que repetem, traçando um fio com o passado de modo clássico. Não empregam recursos como livros e jamais se valem de vídeos e de linguagens advindas do universo digital; privilegiam o espaço doméstico, contando a amigos e familiares, primando pela proximidade da relação face a face, sem recorrer a novas tecnologias de interação.

Já os contemporâneos, ainda que experimentem principalmente a interação face a face com públicos diversos, valem-se de livros, vídeos, música e, na pandemia, reinventaram-se, principalmente visando ao público infantil, crianças que se viram subitamente afastadas do espaço escolar e do convívio com amigos e familiares. O *Youtube* foi, por exemplo, um espaço

possível de atuação e resistência para professores contadores de história, que empregaram sua arte no momento mais brusco da pandemia, o qual exigia o afastamento social e o meio digital era a única opção de interação coletiva.

Desse modo, verificamos pontos em comum, uma vez que nas narrativas vemos um saber que se constrói no processo da experiência do fazer. Verificamos, ainda, uma ruptura na maneira como os sujeitos realizam suas performances. Nos contadores da tradição, a conjugação dos sujeitos com o objeto contação de história ocorre a partir das performances de transmissão e resistência da cultura oral. Nos contadores da contemporaneidade temos sujeitos que se conjugam com o objeto a partir de novas performances e suportes que também visam ampliar os horizontes da arte e do lúdico, fomentar as reflexões e ações em função do ensino-aprendizagem, além de continuar com a tarefa de perpetuar e valorizar culturas.

A HISTÓRIA DEVE CONTINUAR...

Uma contadora de histórias tem o anseio de continuar a história. Esse trabalho pode e deve continuar em outras pesquisas. É assim que iniciamos estas considerações: desejando que a contação de histórias, a valorização e preservação dos contadores de histórias, bem como outras pesquisas de cunho semiótico, analítico, reflexivo, histórico sobre tudo isso continue a acontecer nos lares, nas rodas de conversas dos bairros, nas escolas, nas universidades.

Consideramos concluído o recorte inicial para o qual nos comprometemos debruçar: ouvir história de formação de contadores e contadoras de histórias que residem nas cidades de Araguaína (TO), Marabá (PA) e Imperatriz (MA), com vistas a compreender como se dá o que reconhecemos como processo de continuidade dessa tradição. Nesse intuito, buscamos observar as regularidades dessas trajetórias e as categorizamos enquanto narradores tradicionais e narradores contemporâneos.

Realizamos um estudo por meio de uma pesquisa qualitativa e interdisciplinar que nos possibilitou colher o relato da história de vida de oito (8) contadores e contadoras de histórias e, especialmente, conhecer as suas experiências com narrativas orais e seus processos formativos para tal atuação.

Dessa forma, consideramos cumpridos os objetivos inicialmente delineados, pois percebemos na leitura do percurso de vida das pesquisadoras exemplos de como se dá a formação de um contador(a) de história e, também, a permanência dessa arte no seio familiar, na comunidade e nas atuações profissionais; discorremos sobre aspectos históricos da contação de história, expondo algumas categorias de contadores, algumas literaturas importantes para eles na atuação, bem como, a conceituação e reflexão sobre gêneros literários da oralidade; apresentamos os entrevistados do trabalho e o lócus da pesquisa, descrevendo brevemente suas histórias de vida e analisando seus relatos autobiográficos; realizamos a análise dos dados, à luz da semiótica discursiva, com a qual verificamos as competências e as performances que constituem a atuação dos participantes da pesquisa.

Foi uma pesquisa desenvolvida a partir de indagações e de objetivos específicos pensamos previamente como meta de percurso investigativo; assim, pesquisamos referenciais teóricos sobre as origens da contação de histórias e pontuamos que a arte de contar histórias existe mesmo antes da escrita.

Do ponto de vista teórico, mobilizamos autores que foram bases fundamentais para que o estudo tivesse embasamento científico combinado com os relatos autobiográficos dos contadores e das contadoras de histórias, e, a partir dessa relação construímos uma análise à luz

do percurso gerativo de sentido possibilitado pela semiótica.

Na seção introdutória, cumprimos o objetivo de trazer a experiência pessoal da pesquisadora, como contadora de histórias, expondo no trabalho a potencialização dos interesses que se cruzam enquanto pesquisadora e contadora de histórias; Na segunda seção, ao traçarmos a linha do tempo, desde o nascedouro da contação de histórias até os dias atuais, conscientizamo-nos, mais do que o previsto, do quanto a oralidade é potente, presente e fio condutor na tecitura das narrativas, principalmente, dos contadores de histórias da tradição oral. Ainda nessa seção, conseguimos pontuar alguns escritores e seus respectivos livros literários que apresentam no seu enredo a atuação de contadores de histórias; consideramos que essa valorização seja necessária e válida para o conhecimento, a publicização e a visibilidade de tais autores e de suas obras tão importantes para a literatura, a história oral e a arte social, familiar e até escolar.

Pensando sobre os lugares dos sujeitos e sujeitas, participantes deste estudo, realizamos uma pesquisa perguntando às pessoas, principalmente no meio acadêmico e social, com a intenção de identificar os contadores de histórias. Com esses dados obtidos nas entrevistas, na terceira seção, caracterizamos cada contador como os tradicionais ou os contemporâneos. Essa categorização nos possibilitou a construção da análise de suas formações, suas atuações e de suas intenções com o trabalho de contação de histórias.

No capítulo quarto, a nossa atenção se voltou para a análise dos dados. Para a análise, mobilizamos as categorias da semiótica discursiva do nível narrativo: a competência e a performance. Com essa análise, visualizamos as transformações dos participantes do estudo, refletindo sobre a aquisição da competência, ouvindo sobre o modo como se tornaram contadores de histórias e como se dá as suas distintas atuações. Na performance, verificamos que os contadores da tradição oral, costumeiramente, se apresentam nos espaços privados. Quanto aos contemporâneos, valem-se dos espaços públicos e levam a contação de histórias para outras práticas de atuação, como, por exemplo, com a finalidade de formar leitores, conscientizar sobre práticas não racistas, dentre outros temas.

Mais um fruto informativo desse trabalho foi verificar que, em ambas as categorias, a ancestralidade foi marcante na formação, ou seja, não há destaques à escolarização, mas sim uma unânime declaração de que os seus ancestrais é que foram os principais motivadores, inspiradores e transmissores dessa arte. Somente no caso dos narradores contemporâneos, identificamos dois momentos de aquisição da competência: a que advém da relação com os destinadores, sujeitos da família, e a que se dá posteriormente, frente a novas demandas possibilitadas pela atuação profissional: demandas de público e espaços, reconfiguração de

práticas, surgimentos de novos temas e perspectivas sociais que influenciam na atuação dos contadores contemporâneos.

Concluindo esse passeio pelo que colhemos, o que almejamos é que esta pesquisa possa contribuir para outras pesquisas, para as considerações científicas e valorativas da arte de contar história, para o entendimento de que a contação de história é alimento para o espírito, é uma forma de entretenimento, é uma arte que espera vozes para mantê-la viva e reconhecida como hábito saudável, é instrumento muito importante no estímulo à leitura, pois auxilia no despertar do senso crítico, da experiência estética e, principalmente, da preservação da memória.

Escrever esta dissertação foi para nós o modo de eternizar o registro da história de vida de contadores e contadoras de histórias, que assumiram o compromisso político de perpetuar a narrativa oral. Além de preservar a memória, a visibilidade para esses contadores e contadoras de histórias significa promover a manutenção viva da história oral na contemporaneidade, colaborando para a construção de uma memória individual, mas também coletiva.

Acreditamos que, a partir deste estudo, ampliamos o alcance das vozes desses homens e dessas mulheres contadoras e contadores de histórias, dando a eles e a elas a visibilidade necessária para empoderar outras pessoas a gostar de contar histórias e valorizar o contador de histórias.

Finalmente, com este trabalho, fizemos a defesa de que o espaço escolar deve ser atrativo, acolhedor e que a adaptação e o acolhimento devem estar presentes no dia a dia da escola; isso pode se dar por meio das brincadeiras dirigidas, do ouvir e contar histórias, da acolhida às expressões artísticas das crianças.

Por último, enfatizamos a importância do cuidado que devemos ter para preservarmos essa prática tão importante que é escutar um conto pela voz de um contador da tradição oral, ou contemporâneo, que ainda nos dias de hoje transmitem uma tradição que permanece viva, mesmo não se tratando de uma tarefa fácil, pois são séculos e séculos de resistência e lutas incessantes em prol da manutenção da tradição oral, como meio de resistência e permanência dessa atividade histórica passada de geração em geração perpetuado pela memória.

Se a história deve continuar é porque este estudo não está dado por acabado. Acreditamos na criação de possibilidades de pensarmos um planejamento curricular no sentido de possibilitar e viabilizar a garantia da contação de histórias, não só na primeira infância, mas também na segunda fase do ensino fundamental e ainda a possibilidade de continuar a pesquisa sobre os contadores do norte e nordeste, agora, considerando as cidades de Babaçulândia, Filadélfia situadas no estado Tocantins e Carolina, estado do Maranhão.

A história deve continuar porque o contador de histórias não pode e não deve se calar,

sua importância e abrangência dos benefícios da contação de história são claros e expostos a cada depoimento coletado. A história deve continuar porque contar história é um ato educativo, é acolhedor, é união de pessoas, é permanência da tradição do ouvir e do falar; tomamos as palavras de Paulo Freire, “a gente se faz educador, a gente se forma educador, permanentemente, na prática e na reflexão sobre a prática” (FREIRE, 2003), o que pode e dever ser, também, práticas em ambientes escolares.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Wiesengrund. Theodor. **Teoria da semicultura**. Campinas: Educação & Sociedade, 1996.

ANTUNES, Walda de Andrade. **Lendo e formando leitores**: orientação para o trabalho com a literatura infantil. São Paulo: Globo, 2017.

ALMEIDA, Maria Inês de; QUEIROZ, Sônia. **Na captura da voz – as edições da narrativa oral no Brasil**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. São Paulo, Hucitec, 1992.

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**: ensaios sobre literatura e história da cultura. 7 ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BERTRAND, Denis. **Caminhos da Semiótica literária**. São Paulo: EDUSC, 2003

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008. p. 11-36, 141-176.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória**: Ensaios de psicologia social. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

BUSATTO, Cleo. **A arte de contar de contar histórias no século XXI**: Tradição e ciberespaço. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

BUSATTO, Cleo. **Contar e encantar**: Pequenos segredos da narrativa. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

BRASIL. **Base nacional comum curricular**. Brasília: MEC, 2018.

CÁRDENAS, Teresa. **Cachorro velho**. Rio de Janeiro: Pallas Editora, 2020.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Contos tradicionais do Brasil**. Prefácio de Luís da Câmara Cascudo. 13. ed. São Paulo: Global, 2004.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Literatura oral no Brasil**. São Paulo: Global, 2006.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. **Do silêncio do lar ao silêncio escolar**: racismo, preconceito e discriminação na educação infantil. São Paulo: Contexto, 2020.

CHIZIANE, Paulina. **Niketche**: Uma história de poligamia. Rio de Janeiro: Companhia de Bolso, 2021.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil**: Teoria, Análise, Didática. São Paulo: Moderna, 2000.

COELHO, Betty. **Contar Histórias: Uma arte sem idades**. São Paulo: Ática, 2002.

CORTÁZAR, Julio. **Valise de cronópio**. São Paulo: Perspectiva, 1993.

COZZI, Andréa; SANTOS, Sônia. **Apanhadores de histórias**: contadores de sonhos. Belém: Tempo Editora, 2012

DANTAS, Carolina. Brasil tem 10,3 mil casos confirmados de coronavírus entre indígenas, dizem entidades. **Portal G1**, Bem-estar, em 02 jul 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/07/02/brasil-tem-mais-de-103-mil-casos-confirmados-de-coronavirus-entre-indigenas-dizem-entidades.html>> Acesso em 03 mai 2022.

FANNY, Abramovich. Literatura Infantil: gostosuras e bobices. São Paulo: Scipione, 1997.

FIORIN, José Luiz. **Elementos de análise do discurso**. 14 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

FIORIN, José Luiz. **Sendas e veredas da semiótica narrativa e discursiva**. Delta: Revista de Documentação de Estudos em Lingüística Teórica e Aplicada. v. 15, n. 1, p. 177-207, 1999.

FRANÇA, Andison Antonio de Oliveira. **Mapa da localidade dos entrevistados**. 2022.

FLICK, Uwe. **Qualidade na pesquisa qualitativa**. Porto Alegre: Bookman, 2009.

FREIRE, Paulo. **A Importância do Ato de Ler**. São Paulo: Moderna, 2003.

GREIMAS, Algirdas Julien. **Da imperfeição**. São Paulo: Hacker Editores, 2002.

GREIMAS, Algirdas Julien; COURTÉS, Jacques. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008.

GIRARDELLO, Gilka. **Uma clareira no bosque**: Contar histórias na escola. Campinas: Papyrus, 2014.

GOTLIB, Nádia Batella. **Teoria do conto**. 11 ed. São Paulo: Ática, 2006.

HAMPÂTÉ BÂ Amadou. A tradição viva. In: KI-ZEBRO, J. **História geral da África**: metodologia e pré-história da África. 2 ed. Brasília: UNESCO, 2010.

IBGE, **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**. Disponível em: <<https://www.ibge.gov.br/>> Acesso em 05 mar. 2022

INSTITUTO ABRAPALAVRA. Instagram. Disponível em: <<https://www.instagram.com/institutoabrapalavra/>> Acesso em 03 mar. 2022.

JACUPÉ, Kaka Wera. **A terra dos mil povos**. 3 ed. São Paulo: Peirópolis, 1998.

LANDOWSKI, Eric. **Interações arriscadas**. Trad. Luiza Helena Oliveira da Silva. São Paulo: Estação de Letras e Cores, 2014.

LIMA, Eduardo. **Tela O Contador de história**, 2022.

LIMA, Heloisa Pires; HERNANDEZ, Leila Leite. **Toques do Griô: memórias sobre contadores de histórias africanos**. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2010.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. 3 ed. São Paulo: Editora 34, 2010.

MACHADO, Regina. **A arte da palavra e da escuta**. São Paulo: Editora Reviravolta, 2015.

MANCINI, Renata. **Semiótica: objetos e práticas**. São Paulo: Contexto, 2005.

MATOS, Gislayne Avelar. **A Palavra do Contador de Histórias**. 2 ed. São Paulo: Editora WMF, 2014.

OLIVEIRA, Joana. **Bolsonaro veta obrigação do Governo de garantir acesso à água potável e leitos a indígenas na pandemia**. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-07-08/bolsonaro-veta-obrigacao-do-governo-de-garantir-acesso-a-agua-potavel-e-leitos-a-indigenas-na-pandemia.html>> Acesso em: 21 fev. 2022.

PERROT, Michelle. **As mulheres ou os silêncios da história**. Bauru, SP: EDUSC, 2005.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. 2 ed. São Paulo: Contexto, 2019.

PORTAL LUNETAS. Disponível em <<https://lunetas.com.br/>> Acesso em 20 fev. 2022.

PRESTES, Andréa Baía (org.). **Contos africanos**. Curitiba: UFPR, 2013.

RAMOS, Graciliano. **Alexandre e outros heróis**. Rio de Janeiro: Record, 2013.

REGO, José Lins do. **Menino de engenho**. 80 ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2001.

RODRIGUES, Érica de Cássia Maia Ferreira. **Práticas de letramento digital na escola: o blog como estratégia de ensino e formação de professores**. Orientadora: Luiza Helena Oliveira da Silva. 2015. 230 f. Dissertação (Mestrado) – PROFLETRAS, Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2015.

RODRIGUES, Wallace. Considerações sobre os ensinamentos antiautoritários de Paulo Freire. **Revista Anthesis**: V. 9, N. 18, p. 96 - 106, 2021. Disponível em: <<file:///C:/Users/rosel/Dropbox/PC/Downloads/5149-Texto%20do%20artigo-18493-1-10-20211017.pdf>> Acesso em: 19 jan. 2023

ROSA, João Guimarães. **Manuelzão e Miguilim**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

SANTIAGO, Emerson. **Griot**. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/curiosidades/griot/>> Acesso em 04 jan. 2023

SANTOS, Katiane da Silva; COSTA, Kênia Gonçalves. Estudantes protagonistas: entre as pedagogias escolares e griôs. **Revista Humanidades e Inovação**, v.7, n.18, 2020.

SANTOS, Luciene Souza; APOEMA, Keu; ARAPIRACA, Mary de Andrade (Orgs.).

Contaço de histórias: seguindo o curso de suas águas. Feira de Santana: UEFS, 2018.

SANTOS, Luciene Souza. **A Emília que mora em cada um de nós:** a constituição do professor-contador de histórias. Orientadora: Mary de Andrade Arapiraca. 2013. 164 f. Tese (Doutorado) – Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2013.

SISTO, Celso. **Textos & pretextos sobre a arte de contar histórias.** 3 ed. Belo Horizonte: Aletria, 2012.

SILVA, Luiza Helena Oliveira da. **O mundo lá fora, o da escola: interação em fórum digital no estágio supervisionado sob a perspectiva da sociossemiótica.** Revista Raído. Dourados, MS: 2014. v.8, n.15, jan./jun. 2014.

SILVA, Luiza Helena Oliveira da. **Memórias da guerrilha:** acontecimento e história. In: MENDES, C. M.; LARA, G. M. P. (Org.). Em torno do acontecimento: uma homenagem a Claude Zilberberg. Curitiba: Appris, 2016, p.141-162.

SILVA, Luiza Helena Oliveira da; SILVA, Simara Dela; MARCILESE, Mercedes. Os sujeitos, suas relações com o mundo e suas transformações: a perspectiva da narratividade no percurso gerativo de sentido. In: BAALBAKI, A.; GARCIA, D. A.; LUNLES, F.; SILVA, L. H. O. (org.). **Linguística III**, v. 2. Rio de Janeiro: Fundação CECIERJ, 2015, p. 7-41.

SILVA, Luiza Helena Oliveira da; RAMOS JUNIOR, Darnival Venâncio. **Os sentidos da escola e da escolha da profissão docente em relatos autobiográficos de professores em formação:** Diálogos interdisciplinares entre história oral e semiótica discursiva. In: Entreletras, Araguaína/TO, v. 3, n. 2, p. 122-140, ago/dez, 2012.

THOMPSON, Paul. **A voz do passado: história oral.** Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

VINUTO, Juliana. **A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa:** um debate em aberto. Revista Temáticas, Campinas, 22, (44): 203-220, ago/dez. 2014.

ZILBERBEG, CLAUDE. **Elementos de semiótica tensiva.** São Paulo: Ateliê Editorial, 2011.

ZUMTHOR, Paul. **Performance, recepção, leitura.** São Paulo: Ubu editora, 1993.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTAS

CONTAÇÃO DE HISTÓRIA, MEMÓRIA E POÉTICA DA ORALIDADE: uma pesquisa participante sobre contadores e contadoras do Norte e Nordeste

Apresentação

Bom dia, hoje é dia _____ daremos início à entrevista com _____ com o objetivo de registrar a trajetória de vida de contadores e contadoras de histórias que residem nas cidades de Araguaína (TO), Marabá (PA) e Imperatriz (MA), com vistas a registrar suas histórias de vida e experiências com narrativas orais. A pesquisa nasceu de estudos sobre a memória no decorrer do “Seminário de Semiótica e Ensino”, de discussões no âmbito do Grupo de Estudos do Sentido (GESTO) e do Coletivas Raimundas, grupo de mulheres professoras, pesquisadoras e escritoras, e está ligada às experiências docentes e da atuação enquanto sujeita da contação de história. Serão entrevistadas oito (8) pessoas entre homens e mulheres, maiores de 35 anos, sendo quatro (4) destes, residentes em Araguaína, estado do Tocantins, 2 residentes em Imperatriz, estado do Maranhão, e 2 residentes em Marabá, estado do Pará.

A entrevista está organizada em três momentos, sendo o primeiro bem técnico, apenas para compor a identificação do entrevistado, depois nos dedicaremos à sua história de vida, desde a infância, sobre como se tornaram contadores de histórias e para finalizar ouviremos uma contação de histórias.

Atenção: Lembrar que depois estarei enviando o documento Termo de consentimento, como também a entrevista transcrita para a apreciação do (a) participante da pesquisa.

Falar sobre a possibilidades de realizarmos um SARAU para apresentação das Histórias, com previsão para dezembro – 2021.

ROTEIRO DA ENTREVISTA

A entrevista é um momento solene, sagrado, no qual o entrevistado está eternizando sua história e o entrevistador participa da construção de um documento histórico.

(O questionário não é rígido, somente um guia para estimular entrevistador e entrevistado).

Boas Vindas!

Música, café, água e poesia...(Mesmo de forma virtual, montamos uma acolhida)

Identificação

1. Qual o seu nome completo?
2. Quantos anos você tem?
3. Qual dia, mês e ano em que nasceu?
4. Aonde você vive hoje?

I Momento

5. Você frequentou a escola? Estudou até que série? (Em caso de colaborador iletrado)
6. Qual sua formação acadêmica? (Em caso de colaboradores escolarizados)
7. Você se lembra do lugar onde nasceu? Que memórias tem desse lugar?
8. Como foi a sua infância? Que acontecimento foi mais marcante para você, nesse período de sua vida.
9. Você se lembra da rua, bairro ou comunidade onde viveu na infância?
10. Quando começou a contar histórias?
11. Quem lhe contava histórias?
12. Que histórias lhe contavam?
13. Que histórias da infância você tem em sua memória?
14. O que lhe chamava a atenção nas histórias que ouvia?
15. Que aprendizagens você desenvolveu através da escuta dessas histórias?
16. Como você se constituiu contador (a) de histórias?
17. Você vive da contação de histórias? Ou tem outra profissão?
18. De que forma a sua infância contribuiu para o contador/contadora de histórias que é hoje?
19. E quando a contação de histórias virou ofício/profissão para você?
20. Antes de iniciar a contação de uma história, há algum ritual/costume que adota para se concentrar ou escolher as histórias que vai contar?
21. Que tipo de histórias você conta? (fadas, mitos e lendas, conto popular, fábulas, de encantamento).
22. Como você seleciona as histórias que vai contar e quais são seus autores(as) preferidos?
23. Para quem você conta histórias?
24. Quais os recursos que você utiliza para contar histórias? (fantoques, álbum sanfonado, dedoches, avental, varal, flanelógrafo, tapete, chocalho, música, instrumento musical, tapete e outros).

25. Como tem sido o compartilhamento das histórias que você conta, diante dos desafios encontrados na atualidade? (tempo de pandemia – COVID – 19)

26. Antes do ato de contar a história, que ambiente você cria para chamar a atenção do público?

Encerrando

27. Poderia nos contar a sua história preferida? Será no Sarau, previsto para Dezembro

Obs.: priorizar a narrativa de vida dos entrevistados, as histórias ouvidas e contadas.

A contação de história enche o nosso corpo de sensações ótimas (ANDRADE, 2021).

APÊNDICE B - ENTREVISTAS COM CONTADORES TRADICIONAIS E CONTEMPORÂNEOS

Entrevista com Antonio Aires de Andrade

ANTONIO: Século!

VERÔNICA: Como é que é?

ANTONIO: É do primeiro (I) século.

VERÔNICA: Nesse tempo o que que acontecia?

ANTONIO: Os bichos, eles falavam!

VERÔNICA: Ah, tá! E quem era é que contava essas histórias pro senhor?

ANTONIO: Essa história, quem contava era o povo da antiguidade.

VERÔNICA: Aonde essas pessoas contavam histórias? O senhor lembra como era? Se era na roda de uma fogueira, se era de tardezinha... como é que era essas reuniões?

ANTONIO: Era de noite, juntava aquele povo nas casas e contava... ‘conte uma anedota, conte outra’. E cada qual contava sua anedota. O povo... os véios de outros tempos.

VERÔNICA: Ah!

ANTONIO: Hoje ninguém sabe disto! Contam sobre outras coisas, né [cantarolar de pássaros] [incompreensível].

VERÔNICA: O senhor lembra como foi sua infância?

ANTONIO: Não eu...

VERÔNICA: Quem contava histórias para o Senhor?

ANTONIO: Isso vem dos mais véi, de outro tempo, [incompreensível], contava história e eu aprendi, [incompreensível].

VERÔNICA: Para quem mais o senhor conta história?

ANTONIO: Hum?

VERÔNICA: Para quem o senhor conta história?

ANTONIO: Pra Verônica!

VERÔNICA: Pra quem mais?

ANTONIO: Pra Verônica!

VERÔNICA: Pra quem mais?

ANTONIO: Não, não conto pra ninguém.

VERÔNICA: ãh!

ANTONIO: Não conto não, eu tô contando isso. Que ano... que ano eu contei essa história? [cantarolar de pássaros] Pois é!

ANTONIO: Deus juntou os animais e ai perguntava...[vozes sobrepostas].

VERÔNICA: Deus juntou o que? Juntou o que?

ANTONIO: Juntou as criação, os bicho [pássaros cantarolando].

VERÔNICA: Certo!

ANTONIO: Aí, perguntou, a vaca: ‘Quanto você quer de chuva quanto, você quer chuva até que tanto?’ Disse ‘até criar lodo no chifre’, no chifre né, aí foi pra ovelha e disse: ‘e você ovelha?’ ‘até cair a lâ, chuva até cair a lâ’, [ruído de colher na xícara] aí entrou o bode, ‘e você bode?’, ‘eu quero terra seca até rachar a unha’ né, entrou o jumento e pediu seca também, os animais bode e jumento né, pediram seca. Por isso que o bicho é nojento. A ovelha, o gado, e a vaca é abençoado de Deus, abençoado... os demais animais não é não.

VERÔNICA: Ah, o bode e o jumento foram atrevidos, né?

ANTONIO: Foram, pediram seca até rachar...

VERÔNICA: Os cascos das unhas!

ANTONIO: É! Ai a ovelha e a vaca era... é abençoado. [incompreensível] onde tem gado, parece que se abre pra você.

VERÔNICA: O senhor nasceu aonde e quando foi que o senhor nasceu? Aonde foi e quando

foi que o senhor nasceu? Quantos anos você tem?

ANTONIO: Eu?

VERÔNICA: Hum!

ANTONIO: Eu nasci no mil novecentos e trinta (1930), no dia dez (10) de maio de mil novecentos e trinta (1930), quatro (4) hora da tarde. Hã.

VERÔNICA: Hummm!

ANTONIO: Certeza!

VERÔNICA: Então tem noventa (90)...

ANTONIO: E um (1)... dentro dos noventa e dois (92).

VERÔNICA: Noventa e um (91) anos.

ANTONIO: Completos. Imagino ter noventa e dois (92), se der certo dia dez (10), se Deus quiser e Nossa Senhora.

VERÔNICA: Hum, muito bem!

VERÔNICA: Conta um pouquinho para mim, como que foi sua história de vida.

ANTONIO: Ahhh!

VERÔNICA: Como é que foi sua vida!

ANTONIO: Ah, sei não!

VERÔNICA: Nasceu lá nas panelas?

ANTONIO: Foi [sussurros], foi no dia dez de maio, foi na Floresta.

VERÔNICA: Ah, você nasceu na Floresta?

ANTONIO: Foi!

VERÔNICA: Na Fazenda Floresta?

ANTONIO: Fazenda Floresta.

VERÔNICA: Nasceu de parto normal?

ANTONIO: Quatro (4) hora da tarde.

VERÔNICA: Quem fez seu parto?

ANTONIO: Ah, aí não sei quem foi não!

VERÔNICA: Não lembra não quem era a parteira?

ANTONIO: Nam, eu era bem novinho, não tinha como saber não. [incompreensível]...

VERÔNICA: Mas sua mãe nunca lhe contou quem era essa parteira?

ANTONIO: Não!

VERÔNICA: Hum!

ANTONIO: Se contou eu não sei!

VERÔNICA: E aí como foi sua vida lá na Floresta? Na Fazenda Floresta.

ANTONIO: Foi boa!

VERÔNICA: O que que você fazia lá?

ANTONIO: Plantava algodão, colhi feijão, mamona [ruído de talheres], colhi muito.

VERÔNICA: Que bom! Trabalhava na roça?

ANTONIO: Trabalhava na roça!

VERÔNICA: O que mais que o senhor fazia além de trabalhar na roça?

ANTONIO: Ai, ai, eu... empeleitava para pegar boi brabo, essas coisas, pra ganhar dinheiro. Nunca trabalhei alugado não, nunca, nunca, eu tinha meu cavalo e meu arreio!

VERÔNICA: Ah, o senhor era vaqueiro?

ANTONIO: Não, não era não. Mas tinha todo tipo de arreio, tinha o cavalo, o gibão e pernetas de couro, e arreio, tudo.

VERÔNICA: Porque que o senhor acha que não era vaqueiro.

ANTONIO: Eu tinha minhas traíças, vacas, bode, ovelha.

VERÔNICA: Vaqueiro é esse homem que corre atrás de boi, que pega o boi só.

ANTONIO: É porque não era vaqueiro em fazenda dos outros. Eu morava no que era meu!

VERÔNICA: Ata, era... Então o senhor era vaqueiro que prestava esse serviço.

ANTONIO: É, tinha minha... meus... meus... Meus alicerces. Meu cavalo, meus arreio tudo, é.

VERÔNICA: Ah, tá! Quando alguém precisava, chamava o senhor para pegar boi bravo?

ANTONIO: É!

VERÔNICA: E era difícil pegar um boi bravo?

ANTONIO: Não, para mim era muito fácil!

VERÔNICA: Como era?

ANTONIO: Achava, corria atrás dentro do mato, pegava, arriava e trazia. Encaretava, botava o chocalho, trazia e entregava pro dono, pronto [ruídos de talheres], ganhava meu dinheiro.

VERÔNICA: Era assim a vida, né?

ANTONIO: Era!

VERÔNICA: E quando o senhor era criança, o senhor fazia muita coisa?

ANTONIO: Pra mim o esporte melhor que eu achei foi campo, correr atrás de boi bravo.

VERÔNICA: Era seu esporte a vaquejada e pega de boi?

ANTONIO: Era, andar no campo, isso era bom! [ruído de garganta]

VERÔNICA: E como era a vida lá, você tem irmãos?

ANTONIO: Hum?

VERÔNICA: Como era o nome dos seus irmãos, eram quantos?

ANTONIO: Era Geraldo, não, Maria primeiro, né, Moacir, José, Edvar, Raimundo, Odilon Luís, Sofia, Maria Madalena e Aldenora, pronto [segundos de silêncio]. Hum...

VERÔNICA: Sim, como é?

ANTONIO: O leão tava na beira da estrada ‘a onça chegou’ e disse: amiga onça, ‘bom dia’, [incompreensível] ‘bom dia’, ‘o que tá fazendo aqui?’, ‘tô esperando o bicho homem vir por aí’, o leão disse ‘rapaz, o bicho homem tem um negócio que espirra, que Deus me livre’, um rifle né [risos] e ele botava na venta da outra e disse que ia atirar. Disse ‘o bicho homem, não quero nem conversa com ele’, o leão. Ai a onça ‘não, mas eu nunca vi ele’, disse, ‘pois, é, tô lhe avisando’, ‘se, ele der uma baforada em você!’[risos]. Ai lá vem o homem com um rifle, chegou ‘bom dia leão’, ‘bom dia’, e a onça ... ‘bom dia camaradas’, ‘bom dia’, ‘quero conversar com vós’, ‘só converso se... você tomar uma baforada no meu tabaqueiro aqui’ [cachorros latindo]. O homem meteu o rifle na venta dela, da onça, assim: ‘teiii’, e errou o tiro, e a onça ficou assustada, saiu correndo pras brenhas da mata e nunca mais quis conversa com o bicho homem.

VERÔNICA: [riso] Eita, que história linda!

ANTONIO: Eu não aprendi a ler, foi só o nome. Só e mais nada.

VERÔNICA: sim

ANTONIO: Eu fazia... fazia uma conta. Hoje tenho dificuldade, não faço quase mais nada, tinha cabeça. Hoje a cabeça tá ruim. E aprendi fazer o nome, pronto. Meus irmão aprenderam, Sofia, Raimundo e Aldenora sabia muito. Pai dizia: meu filho você vai pro campo, aí chegava só de noite, enfadado, cansado. Passava o dia no campo. Ai ah, daqui poucas horas achava melhor ir me, aí deitar. Aí eu disse ‘não pai, eu tô enfadado, eu não posso estudar, cansado’, perdi tudo.

VERÔNICA: Então estudou pouco?

ANTONIO: É, tudo na vida eu perdi.

ARARIPE: Não estudou não?

ANTONIO: Aprendi fazer o nome e uma conta e pronto.

VERÔNICA: Porque o seu pai dizia pro senhor ir trabalhar?

ANTONIO: ‘Amanhã você vai com os trabalhador pra roça ou pro campo’, eu digo, ‘ não, eu vou pro campo e o senhor vai pra roça’. E era todo dia, não era só um dia não.

VERÔNICA: E tinha professora lá? Como que era a escola?

ANTONIO: Sim, tinha a professora Nadir, foi o professor Tancredo, Tancredo era um homem formado, passou foi dois (2) ano lá em casa... um (1) ano.

VERÔNICA: O pai do senhor pagava era? Pra eles darem aula pra vocês?

ANTONIO: Pagava, pagava, por mês.

VERÔNICA: Morava onde? Lá na Fazenda?

ANTONIO: Nas Panela.

VERÔNICA: Morava na casa de vocês?

ANTONIO: É, o professor morava na nossa casa, a aula era na sala grande, os aluno estudavam ano lá, tinha cadeira pra todo mundo lá. E por [incompreensível]...um bocado ia da Vaz da Onça, era um lugar que vivia uns parentes, ia tudo estudar lá em casa.

ARARIPE: Rapaz!

VERÔNICA: Que bom que o senhor pelo menos aprendeu né, a escrever seu nome, a fazer contas.

ARARIPE: Você não gostava de ler não, né? Leitura, tinha leitura? Tinha leitura?

ANTONIO: Ah, hoje não sei mais! Só sei assinar o nome...

ARARIPE: Mas no tempo que o senhor era novo, o senhor lia alguma coisa? Sabia...sabia ler uma carta?

ANTONIO: Não sabiam! Aldenora sabia.

ARARIPE: No tempo de rapaz.

ANTONIO: Eu...

VERÔNICA: Na sua aula tinha leitura? É isso que ele tá perguntando. Se lá na escola tinha leitura.

ANTONIO: Não aprendi quase nada, só aprendi isso, assinar o nome...

ARARIPE: Somar e escrever?!

ANTONIO: Chegava de noite...

ARARIPE: Somar e fazer o nome.

ANTONIO: Cansado, não ia. 'Não. Vou não, tô cansado pai, tô cansado, professor tô cansado'. [sussurros inaudíveis].

ARARIPE: Eita!

VERÔNICA: Aí seus irmãos... estudaram, muitos estudaram né? Mas o senhor ia trabalhar!

ANTONIO: O dia... de dia e de noite, um pedaço de noite, né.

ARARIPE: Eu sei!

VERÔNICA: Como é que é? Quem era o peão?

ANTONIO: Eu!

VERÔNICA: Era o que mais trabalhava na sua casa?

ANTONIO: Eu acho que aprendi fazer tudo, muitas coisas, trabalhar e na escola aprendi só contar e assinar o nome. Moacir meu irmão sabia ler, contar lia para todo mundo, sabia tudo, mas ele morreu. Raimundo sabe ler, Aldenora era professora, sabe ler, estudou mais, Geraldo era 'rudo'...

VERÔNICA: Huhum!

ANTONIO: Odilon, sabe pouco.. Geraldo foi o pior que tudo, esse é ruim. Maria nem o nome [incompreensível] não faz mais... [segundos de silêncio]

VERÔNICA: Mas o senhor gostava de ir pra festa, quando era jovem?

ANTONIO: Dia de sábado, domingo. Dia de festa lá é no sábado pro domingo.

VERÔNICA: Ah! [vozes sobrepostas]

ANTONIO: Aí dançava mais as nega, até o dia amanhecer.

VERÔNICA: E com as loiras? Não tinha loira não? Branca?

ANTONIO: Heim?

VERÔNICA: Não tinha mulher branca, loira?

ANTONIO: Tinha de todo jeito! Eu fui lá na festa do seu Mundoca, me convidaram pro casamento do filho dele, que ele criou. Eu digo 'eu vou', aí fui, aí acabou a cerimônia... todo mundo jantou! A Solana era moça bonita, me chamou pra dançar, aí, eu digo 'não vou dançar não', o salão tá cheio, cheio, que o cabra não se bolia.

ARARIPE: [riso]

ANTONIO: Tá se morgando. Digo ‘eu não vou entrar em dança’, aí eu digo, ‘a mulher do Leandro da Barra, era mulher bonita, bichona, lazarina. E chegando dançando [incompreensível], ‘bora homem, devagarzinho você leva jeito’, eu digo ‘não, vou nada’, aí não fui. Ai quando fui, pronto, tinha um bis, tinha o bis antes de ir embora, ‘um bis!’.

ARARIPE: Ah é?

ANTONIO: Homem, tira isso daí, não insista.

ARARIPE: [riso] ei seu Antonio!

ANTONIO: Não conto mais não!

ARARIPE: Ei, psiu. [cachorro latindo]. O senhor nunca dançou uma valsa com uma morena?

ANTONIO: Valsa?

ARARIPE: É!

[cachorro latindo- falas inaudíveis]

ANTONIO: Se aquieta, rapaz!

VERÔNICA: Tem até bis, né pai.

ANTONIO: Vem cá. É! Tem Tudo.

[cachorro latindo- falas inaudíveis]

ANTONIO: Faz muitos anos!

VERÔNICA: E hoje onde o senhor vive? Como é esse lugar que o senhor vive?

ANTONIO: Hoje eu vivo no município de Aiuaba, na Barra.

VERÔNICA: Como é lá? Como é lá, nesse lugar, na Barra?

ANTONIO: Uma cidadezinha pequena, de três mil (3000) pessoas só, três mil (3000) morador né. Mas tem aula, tem escola, tem tudo. Eles hoje tão fazendo... fizeram, o Ramilson fez um prédio pras criança ser separado dos adultos.

VERÔNICA: Que bacana!

ANTONIO: As criança não ficam mais em casa. Os pequenos ficam no prédio aqui perto de casa, meninos de dez anos para baixo.

VERÔNICA: Ramilso é o prefeito?

ANTONIO: Ramilso é o prefeito! Ramilso Maia.

VERÔNICA: Huhum!

ANTONIO: É gente muito boa!

VERÔNICA: Então não tem ninguém fora da escola lá? Tá todo mundo na escola!

ANTONIO: É! Vamo ligar para o sr. Abelardo pra vê se não vem?

ARARIPE: Saber logo!

Entrevista com Noé Gonçalves Lessas

((Áudio 1))

ENTREVISTADORA: bem... vamos começar então nossa entrevista... seu Noé... qual o nome do senhor completo? a sua idade? e de onde senhor veio?

ENTREVISTADO: o meu nome eu/ depois de eu nascido... eu nasci... em Novo Exu... estado de Pernambuco... eu sou pernambucano... eu nasci no dia vinte de maio de mil novecentos e vinte... vinte de maio de mil novecentos e vinte...

ENTREVISTADORA: o nome do senhor completo?

ENTREVISTADO: Noé Gonçalves ()...

ENTREVISTADORA: muito bem... seu Noé... como é que era essa lugar que o senhor nasceu? como é que é esse lugar que o senhor nasceu?

ENTREVISTADO: o lugar?

ENTREVISTADORA: sim...

ENTREVISTADO: Pernambuco... é uma terra de sofrimento... porque não é só Pernambuco é o nordeste todo... porque pouco chove... e aí a gente viveu uma vida muito cruel lá... de lá pra cá também teve crueldade né... mas lá foi meio baixa...

ENTREVISTADORA: o senhor viveu lá quantos anos?

ENTREVISTADO: doze... mas... quer dizer... Novo Exu... dois... e Araripina... que também é Pernambuco... foi dez... fez doze em Pernambuco...

ENTREVISTADORA: certo... seu Noé... quem contava histórias pro senhor?

ENTREVISTADO: história de trancoso?

ENTREVISTADORA: sim...

ENTREVISTADO: não... essas histórias de trancoso... isso é inventada... ((risos)) mais ou menos... tem uma guia... né um conta... outro conta... reunião de boca de noite... nem... festa ninguém fala... né... é boca de noite... às vezes aí... na boca de noite... aí junta tudo... depois que acaba uma novena... não tem a reza?... é coisa... de primeiro tinha reza né... aí junta aquele magote de gente... e aí vamos contar umas historinhas... adivinhação...

ENTREVISTADORA: que bom... e quem contava histórias pro senhor?

ENTREVISTADO: os companheiros... a companheirada... todos que tivessem ali... sempre era os mais velhos... sabe mais as histórias né... os mais novos vai pegando com os mais velhos...

ENTREVISTADORA: certo... qual a história que mais marcou a vida do senhor... das histórias que o senhor conta... qual a história que o senhor mais gostou ou a história que mais marcou a sua vida?

ENTREVISTADO: eu gosto... eu gostei muito de uma história... e eu ainda venero... éé:: uma história errada... mas foi do meu lado... que eu gosto... não era por que eu sou assim... ()... com a pessoa... eu gostava da história de lampião...

ENTREVISTADORA: ahh:: muito bem...

ENTREVISTADO: eu/ eu/ () de lampião... umas coisinhas... eu gostava...

ENTREVISTADORA: certo... e pra quem o senhor contava histórias... pra quem o senhor conta histórias? pra quem?

ENTREVISTADO: nesse tempo... e até mesmo agora... a historinha... eu conto em qualquer uma reunião de roça... de roça do sertão... nós tamo na roça... na cidade não... na roça... né?

ENTREVISTADORA: certo... e pra quem? pra quem? quem é que tá ouvindo suas histórias?

ENTREVISTADO: quem tiver...

ENTREVISTADORA: menino? criança?

ENTREVISTADO: quem tiver... a história não é história que tenha hoje... (bandaieira) não... a história é umas histórias que pode contar em qualquer lugar... não é que nem essa (bandaieira) de hoje...

ENTREVISTADORA: como assim a (bandaieira) de hoje? me conta isso...

ENTREVISTADO: eu posso contar?

ENTREVISTADORA: pode...

ENTREVISTADO: as vezes tem gente que não gosta... já quer que eu conte?

ENTREVISTADORA: ah:: já quer contar a história?

ENTREVISTADO: é...

ENTREVISTADORA: ah... tá... então...

ENTREVISTADO: as vezes tem gente que não gosta da história...

ENTREVISTADORA: então eu vou fazer outra gravação pro senhor contar a história então pra a gente... tá bom?

ENTREVISTADO: sim...

((Áudio 2))

ENTREVISTADORA: pode começar a história...

ENTREVISTADO: o bode... vivia no campo... e aí... pegaram e venderam as cabras... pegaram e venderam as cabras... pegaram e venderam as cabras... e as cabras foram ficando poucas... aí ele disse “ eu vou procurar o lugar onde tiver mais cabra” ... né? que era as mulher... por exemplo... () sem mulher... né... e aí ele foi... e aí ele entrou no mato... e entrou... e entrou... até quando se perdeu... quando ele se perdeu... aí ele levava o facãozinho dele na cintura... aí ele

disse assim... “meu Deus... de que eu vou viver?”... eu vou botar uma roçinha... aí eu vou plantar feijão quando eu achar semente de feijão... aí ele plantou... meteu o facãozinho e fez a roçinha dele e quando acabou de brocar ele voltou caçar pra ver se acertava com a casa dele... rodou... rodou e não acertou... aí ele volta pra lá pra roçinha... chegou lá a roçinha tava queimada... ele disse... “óia... queimaram minha roça... Deus tá me ajudando... aí queimaram minha roçinha... agora vou alí orar...” meteu o facão pelas (rancharias) tudo... deixou limpinha e disse “agora vou esperar... chover pra amolecer a terra pra eu fazer a cerca” ... aí foi caçar refrigerio... aí quando ele chegou... a horta/ a roçinha tava cercada... aí ele disse... “óia... Deus tá me ajudando... quem cercou essa roça...” e aí ele... “é... agora tá cercadinha... e já começou chover... eu vou limpar...” e aí limpou a roça... e disse... “agora eu vou dar uma volta e ver se eu acho uns feijão...” aí entrou no mato... entrou... entrou até que viu uma roça de feijão... apanhou um saco de feijão... aí quando ele voltou a roça tava toda limpinha... aí ele... o feijão... plantou feijão na roça... aí quando o feijão tava no ponto de limpar... ele dando umas voltas pelo mato... foi pelo mato... quando chegou... o feijão limpo... ele disse... “oh:: limpam meu feijão... Deus tá me ajudando...” e aí ele foi e fez o ranchinho... mas fez o rancho e fez um sobrado... por riba do rancho... o rancho alto de vara e por cima de vara ele fez o sobrado e cobriu por cima... né? por mói da chuva... aí quando ele foi caçar comida no mato... pra aqui e pra aculá... quando ele chegou... a roça... o feijão tinha plantado... e aí o feijão tava ()... ele olhou o feijão... aí disse “olha... o feijão ()... ()... tem feijão...” tava começando inchar o feijão... aí ele deu uma volta por aí... quando ele chegou... o feijão comido... as (vargem) de feijão comido... daqui pra aculá... ele disse “ quem comeu esse feijão? não fui eu que apanhei esse feijão...” catado... mas o feijão não era comido... era só tirado as vargem e jogado fora... aí ele ficou assim... aí ele voltou... quando chegou de novo... roça limpa... o mato... limpam o feijão... limpinho... e aí quando ele foi ... outra viagem... chegou... a onça tava dentro da roça... a onça... aí ele "ixi Maria a onça pintada dentro da roça..." reparando para onde tava o feijão... aí ele chegou "bom dia amiga onça..." "Bom dia amigo bode..." a onça doida por bode né... aí a onça "agora eu vou encher minha barriga..." ()... o bode... ()... ele tem um chifre desse tamanho... (erado)... ()... ele cresce desse tamanho... para riba assim... () ... e aí a onça... ((inaudível)) "amigo bode você foi quem botou essa roça?" "foi eu que coloquei"... e tal... "e é você que fazia isso e isso isso assim e assim? cercou... limpou?" ele disse... "foi"... "e agora a roça é nossa é de nós dois a roça a roça nossa"... a onça interessado em comer o bode... deixa ele engordar para ela comer... "nossa roça... agora a roça é nossa"... tá bom... e aí ficaram... o bode ia comer a onça e ia para o mato também comer apartado um do outro... quando chegava... o bode chegava com a barriga cheia de folha... e a onça chegava quando não era melado de sangue era com bode nas costas... pra comer ali debaixo do rancho... aí dizia... "ai ai ai ai..." o bode dormia no ()... e a onça no chão... embaixo... e aí o bode foi um dia... com medo... de a onça com vontade de achar uma vaga pra pegar bode... ((inaudível)) e aí ele foi e achou uma onça morta... uma cabra atirou na uma onça lá pro mato e a onça correu e morreu no mato e o bode acho... ele... meteu o chifre até que o chifre entrou... ele botou no cangote e veio arrastando... a onça... chegou... pow... ((onomatopeia)) jogou dentro do rancho... a onça tava deitada... chegou olhando... ((inaudível)) matou... espetada no chifre... ele não tinha o pegador... né? vai no chifre... "esse camarada é terrível..." e aí... ele disse... eu vou fazer um jeito de sair daqui... ((inaudível)) ali o bode pelejando pra se dava onde sair... o feijão todo vageado... seco... e aí... foram panhar feijão... o feijão botando lá no (forte)... o feijão apanhado lá no (forte)... e o bode dormia aqui de baixo... a onça aqui de baixo e o bode lá em riba... quando foi uma hora... tava ventando pra chover... o ranchinho que era raso... molhou o chão... o ranchinho desabou... em riba da onça... a onça... "é o bode que veio me comer..." e o bode do outro lado... um correu assim e o outro assim... oh:: aí acabou a briga... não brigaram... nenhum não morreu... né? terminou... largaram a rocinha lá no mato... nem a onça matou o bode e nem o bode matou a onça...

ENTREVISTADORA: muito bem... ((aplausos))

((Áudio 3))

ENTREVISTADORA: segunda história...

ENTREVISTADO: chegou... o bode... do mesmo jeito... o bode morava no mato/ na fazenda... e o homem pegou e vendeu as cabras para apurar... fazer dinheiro né... as cabra gorda mais bonitas aí é que o povo compra... né... e o bode desgostou... e disse "eu vou/ será que eu não acho um chiqueiro por aí cheio de cabra por aí assim eu vou dar uma volta..." e aí entrou e saiu sozinho... entrou sozinho entrou entrou... e aí tinha uma serra... e ele subiu uma serra.. bode é doido por serra... subiu a serra... e aí a serra deu cumprida e a sede bateu... a sede bateu e ele foi para o beicho da serra... olhou enxergou assim muito longe... assim... uma moita verde... tinha uma motinha verde... assim... aí ele disse "aculá tem água" ... aí ele desceu... desceu a serra devagarzinho... ()... desceu desceu... chegou lá era um olho d'água... E aí ele bebeu... era um (lajeiro)... saia da serra e morria no lajeiro... por riba do lajeiro... depois entrava no mato né que era a moita... a moita verde... aí ele desceu... chegou lá desceu... e não deixando uma coisa pela outra... ele levou um fritinho para onde ele foi... um frito de farinha... farinha de carinha pisada... ()... e aí ele bebeu água disse "agora eu vou comer um fritinho para poder ver se eu dou conta de sair né..." aí deitou/ tinha sim uma sombrinha na beira dum mato... da serra que tinha uns pau... deitou ali... aí desatou frito e tava comendo frito quando ele escutou quebrar um cisco assim que ele olhou a onça... vinha vindo uma onça... olha a grossura dos braços... da onça... aí a onça disse "bom dia amigo bode..." ele disse... "Bom dia amiga onça"... falou baixinho... disse "tá comendo um fritinho"... ele disse "tô... tô com fome e tô comendo um fritinho..." " pois acabei de comer seu fritinho que eu quero lhe comer"... a onça... e aí... o bode tava comendo bem devagarinho pra ver se não acabava pra onça não comer ele... né? aí chuta o cascalho assim... o bode olhou lá vem o leão... aí o leão chegou e disse "bom dia amiga onça"... ela disse "bom dia amigo leão..." falou... "bom dia amigo bode"... ele disse "bom dia amigo leão" aí... "tá almoçando?" ele disse "tô comendo um fritinho"... ()... "ah pois como é seu fritinha para amiga onça lhe comer e eu comer amiga onça"... tá escutando? "para amiga onça lhe comer e eu comer amiga onça"... e aí a onça... ficou por ali assim... e aí o bode acabou de comer e aí o leão disse assim "você não bebe água não vai beber não?" porque a corredeira passava assim... e ele disse "eu vou beber... tô com sede"... ele disse "vá beber"... quando o bode foi comer toc toc toc ((onomatopeia)) aí quando ele chegou "ah e você tem um sapatinho?" ele disse "tenho"... "quem faz esse sapato pra você?" ele disse "é eu mesmo que faço"... ()... "ah então você vai fazer um pra mim"... porque o leão tem o pé assim né você sabe... tem os pé assim... botando no sapato fica bonitinho... não fica? "pois eu quero um par de sapato"... aí ele disse "é mas precisa que você me deu o couro" o bode... "que eu não tenho o couro"... Ele disse "que couro é que é bom?" ele disse... "o couro de amiga onça"... aí o leão vápu ((onomatopeia)) no pescoço da onça e o bode ((som de palmas))... ((risos)) pra trás... foi bater no chiqueirinho dele... ((risos))

ENTREVISTADORA: se livrou... ((risos))

ENTREVISTADO: se livrou... ((risos))

ENTREVISTADORA: muito bem... ótima história...

((Áudio 4))

ENTREVISTADORA: seu Noé... o senhor estudou na escola? até/ o senhor estudou até que nível?

ENTREVISTADO: eu estudo/ assim... estudava dois meses... na roça não deixava... aí tinha que voltar pra roça... que foi criado na roça... né? com meu pai... e aí... as vezes no outro verão... outros dois meses... aí já era... aí () que eu fui até... os livros daquela data não tem mais hoje... éé:: tem o ABC... a carta de ABC que hoje não tem mais... ((inaudível)) ... a carta de ABC não tem mais... o ABC... estudava o ABC... primeiramente... depois uma cartilhazinha mais fina do que um dedo... mais ou menos... das letras graúdas também... e depois passava por livros ... aí os livros tinha certos nome... tinha/ eu estudei um livro... não sei se você já leu ele... ou já viu...

não era/ já era lá no segundo... chamado João pergunta... já viu?

ENTREVISTADORA: não... não conheço esse livro... como é que é o livro? como é que era esse livro? que recordação que você tem desse livro?

ENTREVISTADO: ele é assim... ele era/ o João pergunta era um menino... que ele tudo que perguntava a ele... ele igualmente respondia... aí chamava assim João pergunta... queria alguma coisa a ele... ele dizia... ele era um menino/ era assim... de aula também...

ENTREVISTADORA: então senhor aprendeu ler e escrever?

ENTREVISTADO: não... aprendi (moderno)... não é mão solta...

ENTREVISTADORA: entendi... ((risos))

((Áudio 5))

ENTREVISTADO: (da seca) ...

ENTREVISTADORA: tá... pode contar...

Entrevistado: bote aí... na seca de sessenta e sete... o sinal Deus amostrou... uma estrela com rádio no começo do terror... tanto o homem barbado tanto o branco de família tudo na feira abraçado com de () melancia... quando o povo meteram a cara... foi com vontade de comer... derrubando () de vara sem deixar amadurecer...

((aplausos))

((Áudio 6))

ENTREVISTADORA: seu Noé conta um pouquinho para nós... quando o senhor veio morar em Araguaína... como o senhor veio... como o senhor viveu/ vive aqui como é que foi a sua história aqui em Araguaína... quando o senhor veio? e como foi a sua história aqui?

ENTREVISTADO: a história é que eu morava no Piauí... eu/ a coisa tava ficando brava no Piauí... mas chovia na época... não era como no nordeste não... mas a terra... eu não tinha terra... os donos de terra... tavam muito/ cobrando muito para renda trabalhava rendado né... as rendas... e eu conhecia... já tinha dado umas voltas aqui nesse mundão de pé... tinha dado umas voltas... chama a terra do ouro né... já tinha andado na terra que caçando ouro né? aí eu/ eu digo "você sabe que eu vou botar uma/"... solteiro... mas eu só posso sair com a minha mãe em par... meu pai (pá)... morreu minha mãe (pá)... adoeceu... passou três anos doente e aí morreu também... eu digo agora eu vou caçar uma moleca por aqui dessas beiradas e eu vou casar eu vou pro Goiás... e aí...

ENTREVISTADORA: então do Pernambuco senhor veio para o Piauí?

ENTREVISTADO: certo...

ENTREVISTADORA: aí casou e veio para cá?

ENTREVISTADO: não... casei no Piauí... aí no Piauí aconteceu isso né... meus pais morreram todos dois... adoeceram e morreram... aí eu fiquei só assim como eu tô agora... aí eu digo eu vou caçar uma moleca por aí a fora... disse pro Mariano que era meu irmão... e aí dei uma volta e achei tinha muita menina... ()... aí achei aí casei... eu digo... "agora vou botar uma rocinha..."

ENTREVISTADORA: casou com quem?

ENTREVISTADO: a mãe da Maria Hortência... a senhora Nazaré... novinha... quatorze anos... uma meninazinha assim... pequeninha... aí cresceu mais uma coisinha... ficou maior... e aí eu... casei e disse agora botei a roça... botei uma rocinha... (e salvou por um ano...) botar outra mais boa... mas essa roça levantou/ os cereais que a gente... tinha levantou tudinho nesse ano... por causa do tempo da temporada das secas que tinha de lado... lá mesmo não teve... mas tinha de lado... Pernambuco... Ceará... Bahia... esse mundo todo... aí vinha/ o povo corria para cá né... e aí deu uma coisinha... aí eu apurei... apurei minha roça... e eu digo "e agora (destruir) essa roça... algumas coisinhas... a terra foi demais... ()... mas deu uma coisinha... aí eu digo "vou apurar... apurar minha roça... porque eu... ir me embora agora esse ano..." já tinha casado... e aí apurei minha rocinha... sabe quanto deu a rocinha?

ENTREVISTADORA: sim...

ENTREVISTADO: quando eu vendi os cereais... quando eu vendi os cereais para o homem

meu patrão chefe dono da terra... ele entrou para dentro... achou muito... entrou para dentro apanhou uma nota de mil... daquelas amarelas... você não alcançou... aquelas amarelinhas... uma noitinha de mil novinha... e estirou ela assim duas bandas assim... ()... e pegou assim e botou entre um dedo e outro... trouxe lá da mala... passou pela mulher dele que tava... a dona 'Mariinha' que tava sentada e disse "mili cruzeiro"... mostrou para mulher... "mili cruzeiros"... e aí chegou e me entregou... a renda de minha roça... mas eu tenho essas coisinhas... ()... e aí eu arrumando para vir embora... vendi os ceriais e aí não tinha mais jeito de não vir né...

ENTREVISTADORA: agora tinha que vir...

ENTREVISTADO: é... tem que vir...

ENTREVISTADORA: aí quando foi que o senhor chegou aqui? o senhor veio quando? em que ano?

ENTREVISTADO: cinquenta e nove...

Terceiro: e um... pai...

ENTREVISTADO: cinquenta e um...

ENTREVISTADORA: hunrum ((afirmação)) no ano de cinquenta e um?

ENTREVISTADO: é...

ENTREVISTADORA: quando chegou aqui... com a família...

Terceiro: em novembro de cinquenta e um...

ENTREVISTADO: em novembro de cinquenta e um... nós 'passemos' o dia de finados em (Carolina)... com 5 dias nós 'cheguemos' aqui... () de jumento... aí eu comprei um jumentinho... um jumentinho... tinha só um jumento comprei mais dois jumentinho... comprei mais um garrado... quatro animalzinho... aí eu botei a mulher em riba de mim... e essa aqui dependurada no meu pescoço... essa já tinha nascido... e viemos cortemos até aqui... levamos chuva aqui e aculá... mas viemos bater até aqui... chegemos aqui... era uma terra rica de tudo... num é? de tudo... aí a gente viveu... eu considero... assim quando eu faço uma história... ((inaudível)) Araguaína é a mãe... é... ((pausa prolongada)) escapei... fiz tudo o que eu quis... tudo... olha... você tá vendo o retrato aí... olha o retrato por ali... tudo o que eu quis eu fiz... o que é ruim eu não quero fazer eu fiz o que eu fiz... eu não quero fazer nada do que não possa fazer né... mas o que eu quis fazer eu fiz... arrumei o filhos... comprei animal... ()... botei roça... cacei por onde eu queria... o mundo inteiro... ()... fiz tudo... e hoje estou desse jeito dessa idade...

ENTREVISTADORA: então o senhor era lavrador? agricultor?

ENTREVISTADO: lavrador... lavrador o nome... era lavrador...

ENTREVISTADORA: muito bem...

Terceiro: ele gostava de caçar e pescar...

ENTREVISTADORA: muito bem e tá aqui até hoje... com seus/ quantos anos?

ENTREVISTADO: cinquenta/

Terceiro: cem...

ENTREVISTADO: cem anos e dez meses... não/

Terceiro: vai fazer aniversário em março...

ENTREVISTADO: ou é só sete mês... minha filha?

Terceiro: seis meses... maio junho julho agosto setembro outubro novembro dezembro... sete meses...

ENTREVISTADO: sete meses...

ENTREVISTADORA: PARABÉNS... o senhor tá de parabéns muito obrigada pelas suas histórias... viu...

((Áudio 7))

ENTREVISTADO: tem que passar... tem que passar por a vida...

ENTREVISTADORA: o senhor não reclama da vida? de nada?

ENTREVISTADO: não... eu passei... eu conto a história... mas reclamar que/ não reclamar não a vida é essa mesmo... fazendo farinha... pratinho de farinha... lá em Pernambuco... vendendo

farinha... carregando água de longe... de vinte quilômetros de distância... de jumento... menino pequeno... menininho de sete a oito a anos... sozinho... vamo ajudando botar as cargas de água em riba... a gente viveu assim...

ENTREVISTADORA: muito bem...

ENTREVISTADO: e pra comer era o feijãozinho... e com ossada de gado... porque o gado não cria carne... né? sem chover... num é? sem chover não tem carne...

ENTREVISTADORA: o senhor teve quantos filhos? tem quantos filhos... seu Noé?

ENTREVISTADO: nasceu doze... doze...

ENTREVISTADORA: doze filhos?

ENTREVISTADO: é...

ENTREVISTADORA: muito bem... e essa aqui é a?

ENTREVISTADO: essa aqui não é a primeira não... a primeira era machinho... morreu...

Terceiro: morreu o primeiro... eu já fui o segundo... só que como ele morreu jovem... com poucos meses eu sou a mais velha de todos... os doze...

ENTREVISTADORA: certo... é a Estefânia? Estefânia é as suas netas né?

Terceiro: é... a neta... filha do ()...

ENTREVISTADORA: certo ... você é a?

ENTREVISTADO: Maria Hortência... Hortência... Entrevistadora: é a Maria Hortência... sua filha... sua segunda filha...

ENTREVISTADO: é...

APÊNDICE C - ENTREVISTAS COM CONTADORES CONTEMPORÂNEOS

Entrevista com Cláudia Borges

[Bipe. Alguns segundos de silêncio para ajustes técnicos + cachorro latindo ao fundo]

VERÔNICA: Tá! Então boa tarde!

CLAUDIA: Boa tarde!

VERÔNICA: É um prazer lhe receber aqui para essa conversa incrível, que é conversar sobre a contação de histórias. É, eu chego a dizer que... Acho que está tendo um eco, não tá? na minha voz, ou não?

CLAUDIA: Hum?

VERÔNICA: Tá tendo um eco na minha voz?

CLAUDIA: Eu vou desligar meu microfone então, aí quando tu me perguntar eu abro o meu, tá bom?

VERÔNICA: Ah tá.

CLAUDIA: Pode ser meu microfone.

VERÔNICA: Tá! E... quem me indicou, quem sugeriu seu nome foi a professora Jaciele, que é uma grande amiga sua e também minha, né. Eu ganhei a Jaci como uma amiga pra vida, é uma pessoa incrível. E quando eu, né ...indagando com as pessoas sobre quem entrevistar, vendo o Pará, e ela logo sugeriu seu nome, e é muito amorosa e tem muito afeto e carinho por você. Eu sou muito feliz de te conhecer, viu CLAUDIA. Então eu... eu vou começar aqui, lendo o início da apresentação e depois, né, como é que trata do nome do projeto, da pesquisa né. Eu também sou contadora de histórias e moro em Araguaína. Sou do Ceará, mas moro aqui né. E sou professora da educação básica e atuo aqui com... tanto com contação de histórias como com brincadeiras também, com animação de festas né, infantis. E é um trabalho que eu amo, um trabalho que eu acho assim, acho que assim... tá na minha alma sabe, acho que é bom para meu espírito. É um trabalho que eu gosto muito de fazer, de realizar. E eu tô muito feliz em conversar com você nessa tarde, conhecer você, e eu tenho certeza que daqui vai sair muita coisa boa, muita conversa né. Bem, então, eu vou dar início agora né. Boa tarde, hoje são dia dezessete (17) de novembro de dois mil e vinte um (2021) e daremos início a entrevista com CLAUDIA Borges. CLAUDIA Borges, com o objetivo de registrar a trajetória de vida, sua trajetória de vida éh... como também conhecer a sua experiência, como contadora de histórias, né [passarinhos cantarolando]. Essa pesquisa chama 'Memória, Contação de História e Poética da Oralidade: uma pesquisa participante com contadoras e contadores de história do Norte e Nordeste'. E aí nós fizemos um recorte, de Araguaína-Tocantins, Imperatriz- Maranhão e no Pará-Marabá. E... então essa pesquisa nasce de estudos sobre memória no decorrer do Seminário de Semiótica e Ensino e discussões no âmbito do grupo GESTO, que é o grupo que a minha orientadora, a professora Luísa Helena coordena, né. O Gesto é um grupo de pesquisa, e do coletivo Raimundas, que é um grupo de mulheres, professoras e pesquisadoras e escritoras. E que atuam em Araguaína né. E também essa pesquisa está ligada também a minha experiência como docente e como contadora de histórias né. Para essa pesquisa serão entrevistadas dez (10) né, pessoas, entre homens e mulheres maiores de trinta e cinco anos (35)... de trinta e cinco anos (35) anos, que residem né, em Marabá, em Araguaína e Imperatriz. E... é isso né. E essa entrevista ela está organizada em quatro (4) momentos, né. Que é esse primeiro (1º) momento, mais técnico né, pra saber sobre sua identificação, né. E depois você fala um pouco da sua história de vida, da sua infância né, se você lembra desse lugar que você viveu, da sua infância, como é que foi essa sua trajetória aí, né, de vida. E depois você conta né, como é que você se encontra com a contação de história, esse seu encontro com a... com essa arte tão bonita! E finalmente você conta uma história, a história ela não se dará hoje, né. Porque pelas experiências que a gente já teve com outras entrevistas, não dá para a gente conversar e contar histórias. Aí o que nós combinamos e eu queria combinar com você também, a gente vai marcar um dia, a

gente faz um Sarau ou um momento, chama nossos amigos, chama todo mundo. E nesse dia a gente conhece todos os contadores de histórias desse projeto. E aí cada um conta a sua história preferida. Tudo bem, CLAUDIA? Ah, então tá jóia. Então, mais uma vez seja muito bem-vinda! E eu começo perguntando: qual é seu nome completo, quantos anos você tem, qual dia que você nasceu, onde você vive hoje, de onde você veio, e um pouco... conta um pouco sobre a sua infância também.

CLAUDIA: Então boa tarde! É um prazer estar com você, colaborando com a sua pesquisa. Meu nome é Francisca CLAUDIA Borges Fernandez. Eu tenho trinta e oito (38) anos. Eu nasci no dia oito de outubro de mil novecentos e oitenta e três (08.10.1983). nasci em Vitória do Espírito Santo, somente nasci lá, passei meus dois primeiros anos de vida [som de carro passando- ao fundo]. Meus pais eram paraibanos, da região de seca mesmo, lá de Catingueira, como eles falavam. Catingueira é uma região que fica próximo de Patos- Paraíba, eles fugiram da situação que eles viviam lá né, eles não tinham perspectiva segundo eles de crescimento intelectual e nem financeiro. A minha mãe é... logo foi pra Patos cursar lá o ensino do magistério, o meu pai saiu pelo mundo em busca de melhorias né, na época que eles só namoravam, e aí meu pai voltou pra pegar minha mãe e eles andaram o Brasil inteiro. Então a minha história de vida é marcada pela, o clima árido do Nordeste, o clima seco da terra mesmo, do chão batido, da escassez de água, da escassez de recursos naturais, mas de uma riqueza marcada pela riqueza de cultura. Então eu fui criada por esses dois paraibanos arretados, que amavam sua terra, mas se viram no momento da sua juventude obrigados a buscar novas oportunidades de vida. Então eles andaram pela Bahia, andaram por São Paulo, andaram éh... Espírito Santo. E lá no Espírito Santo eles falaram que eu nasci. Na época eu nasci em Vitória mesmo, na capital. E ele passou um tempo lá trabalhando, e minha mãe também. Mas não se sentiram muito acolhidos, não se sentiram muito felizes naquele lugar, eles sentiam que faltava alguma coisa na vida deles. Então de novo eles foram pra estrada. E aí chegaram aqui no Pará, na cidade de Marabá. Em Marabá chegaram comigo já tinha três (3) anos, dois (2) a três (3) anos. E... quando eu tava com quatro(4) anos veio minha primeira irmã, depois veio outra irmã, e eu sei que no total nós somos cinco (5) irmãos. Sendo três (3) meninas e dois (2) meninos. A minha mãe é professora, era professora, já partiu desse plano e era muito atuante na educação. O meu pai, operador de máquinas pesadas, como aqui era, é, era não, é um celeiro para quem trabalha com esse tipo de atividade. Logo ele fez carreira também e conheceu muita gente. O nome dele era Francisco Batista Fernandes, por isso que eu sou a Francisca CLAUDIA, né. CLAUDIA vem de CLAUDIA Raia, que ele era muito fã da CLAUDIA Raia.

VERÔNICA: [riso] ótimo!

CLAUDIA: Francisca é a minha mãe que é muito católica. E tinha uma santa lá no Nordeste, na Paraíba, na região de Patos que era Santa Francisca, e também porque ela era muito apaixonada pelo meu pai, e aí colocou Francisca CLAUDIA. E tinha um tio meu que faleceu em São Paulo, que tinha o nome Francisco Claudio. Tudo isso que eu estou te contando eu descobri perguntando pros dois (2), antes deles partirem. Nem sabia que eles iam partir, mas eu sempre conversei muito com eles [ruído de celular vibrando] ... E a minha vó artística veio dessas conversas que eu tinha com eles. Como eu sou a mais velha de todos, ficou pra mim né, a missão de perpetuar essas histórias que meus pais contavam da Paraíba. É tanto que o seu Francisco ficou conhecido aqui no Pará como Seu Paraíba, por ser um contador de causos. Então era o trabalho dele, ele era uma pessoa engraçada, que todo mundo queria por perto, uma pessoa bem-humorada! Que contava as histórias da saga que ele viveu no caminho da... das viagens que ele fazia com a minha mãe até chegar em Marabá. E a minha mãe era a professora que fazia aquele papel da mãe séria, né. O pai como era brincalhão, divertido, contador de causos, ela o chamava até de mentiroso e ele: 'tá me chamando de mintiroso?'. Eles tinham um sotaque bem...bem carregado, os dois. Morreram com um sotaque bem carregado nordestinos, não perderam o sotaque deles. E assim, éh eles trabalhavam o ano inteiro, os dois, tiravam as férias

e colocavam nós todos no ônibus, nos passávamos três (3) dias dentro do ônibus pra poder chegar na Paraíba. Era um ritual!

VERÔNICA: De Marabá para Paraíba, né? De Marabá pra Paraíba?!

CLAUDIA: Paraíba. Era um ritual. Eles pouparem dinheiro, trabalhar o ano todo, juntar aquele dinheiro. Colocar todos os filhos no ônibus, a gente passava... Aliás, a gente fazia a metade da viagem de trem, ia até Santa Inês e de Santa Inês a gente pegava o Boa Esperança, não sei se é esse nome ainda. E passávamos o resto dos dias dentro do... então a gente ia comendo frito, a gente ia contando história, a gente vomitava, enjoava, menino chorava, aquela confusão que você já sabe que acontece, né.

VERÔNICA: Sim, eu vivi isso também!

CLAUDIA: Tudo isso era motivo de riso, de história! E quando nós chegávamos na Paraíba, toda a família estava reunida, porque todos que estavam fora, em São Paulo, Bahia, Minas Gerais, todo mundo que estava deslocado, chegava na casa da minha avó, dos meus avós que, geralmente quem morava lá são os idosos, os jovens ficam espalhados. E quando nós chegávamos lá, parecia que nós nunca tínhamos saído de lá, porque...

VERÔNICA: É aquele acolhimento, né?!

CLAUDIA: É aquele clima de família, é um falando mal do outro e fala alto, e sorri. E chama a gente de canela fina e bota apelido. O bullying era dentro da família mesmo. ‘E heheim, mais bunitinha mesmo’ tipo assim ‘mas tem as buchecha grande’ então começava ali a algazarra e a brincadeira e a confusão, e abraça um e abraça outro. A minha vó teve dezoito (18) filhos, então imagina todos os filhos chegando, cada um com três (3), cinco (5) filhos, aí a confusão era feia né. Aí as vezes ela falava assim ‘valha me deus, vai já parar o camburão e vai levar todo mundo, tá pensando que nós tamo brigando’. Porque era todo mundo falando alto, querendo contar a sua história, querendo resumir o ano todinho, que passou longe né. E troca de presentes, e tem aqueles que não gosta de presente. Então tudo aquilo que acontece nas grandes famílias, acontecia na minha família. Um fica intrigado do outro, no outro dia está de bem. Aquele que bebe, faz aquele papelão.

VERÔNICA: [riso]

CLAUDIA: Então, tudo isso acontecia na minha família! As tias fuxiqueiras e assim vai, né.

VERÔNICA: [riso] Ai ai, verdade!

CLAUDIA: Então a gente reunia a família, recarregamos a energia e voltávamos pro Pará. Então isso passou anos e anos eles fazendo. Enquanto a gente era pequeno, eles faziam isso, reunia a gente e a gente ia. E era muito bom, muito bom! É, e tudo isso foi alimentando meu imaginário. Então como é muito comum na minha família, ouvir e contar histórias, é muito comum respeitar os mais velhos, ainda é muito comum, de dar a bênção, beijar a mão, pedir licença, quando uma pessoa mais velha tá falando você não passa nem na frente, não pode nem cruzar na frente. Se cruzar tem que pedir licença. Então a gente foi criado nesse ambiente de respeitá né, as pessoas mais velhas. E na vizinhança também, meu pai ensinou pra gente respeitar as pessoas mais velhas e ter um carinho pelas pessoas mais velhas. Então eu fui criada em Marabá, num, na, num bairro chamado Nova Marabá, Folha Dezesesseis (16), que é onde acontece o sírio, onde recebe nossa senhora de Nazaré. Nesse seleiro de histórias, misturado com místico, misturado com as lendas, eu fui criada. A minha mãe totalmente católica, daquela que seis (6) horas da tarde todo mundo faz silêncio e reza o terço, na hora de Maria. O meu pai é aquele esculachado, que acreditava no boto, que acreditava na mulher de branco, que contava pra gente como se ela estivesse ali no nosso quarto, a Matinta Perera. Então eu tive esses dois lados. O lado religioso de respeito, de lê a bíblia toda noite, era um ritual, a gente lê a bíblia e depois discutir aquela leitura. Então todo mundo lá em casa foi acostumado a falar. Tipo, ‘o que que você entendeu?’, dali a gente já ia falando, e a minha mãe aceitava opinião e ela nunca falou ‘você tá errado’, ela dizia ‘é, não tinha olhado por esse lado, é verdade, é ponto’. Então aquilo foi cativando a gente a falar, todos somos falantes. Dos cinco (5) filhos, todos onde estamos é

assim, chega... E de fazer amizade rápido, tipo, ‘a partir de agora sou tua melhor amiga’. Então meu esposo fica até intrigado comigo. Eu encontro alguém na... na parada de ônibus...

VERÔNICA: É?

CLAUDIA: É, me começa a contar a vida dela, meu esposo olha assim pra mim e fala: ‘tu conhece ele da onde?’, ‘não, acabei de conhecer’. Então assim é muito comum a gente tratar as pessoas bem e gostar de ouvir as pessoas. Porque foi assim que a gente foi criado. E aí nós tínhamos vizinhos, a minha rua era a maior rua do mundo. Então na minha rua eu também encontrava esse imaginário. Eu tinha a dona Rosa, que era uma vizinha que sabia de tudo, da vida de todo mundo e mais um pouco, que ela me adorava contar as coisas, me relatar as coisas e eu adorava ouvi-la. Ela não falava simplesmente, ela falava com imagens. Você sentia, você via. Ela era aquela contadora mesmo, nata.

VERÔNICA: Sim!

CLAUDIA: Tinha a benzedeira, que era a dona Ana. Me ensinava rezas, rezava nos meus irmãos quando tinha arca caída. Que ensinava a minha mãe a fazer os chás certos quando estava com a garganta inflamada.

VERÔNICA: Essa era a dona Joana? Essa era a dona Joana?

CLAUDIA: Dona Ana.

VERÔNICA: Dona Ana?!

CLAUDIA: Dona Ana! É nossa benzedeira da rua. Então ela tinha umas rezas, ela falava baixinho, mas a gente tentava ouvir. Ela tinha um negócio de óleo de copaíba, fazia não sei o que e limpava nossa garganta quando tava inflamada. Ela era como se fosse nossa curadora, sabe? Curandeira lá da rua.

VERÔNICA: Sei, sei!

CLAUDIA: E aí a minha mãe foi criando a gente assim, solto, conversando com todo mundo, respeitando todo mundo. Ouvindo mais do que falando, né. E até hoje a gente chega na rua como se não tivesse crescido. Quem tá vivo ainda chega, abraça a gente ‘heheim, mas cresceu né’ essas histórias né, que você já sabe. ‘Mas tá gordinha’, que pra eles isso ainda é um elogio, tá gordinho né, tá gordinha.

VERÔNICA: Tem que tá. Tem que tá gordinho se não tá doente!

CLAUDIA: Quando eu vou magra, ‘menina, tu não tá doente não, né?’ tu tá comendo?’, ‘esse negócio de magreza, não sei não’. Então, essa rua pra gente representou muito, né! Eu tinha um pé de manga na porta da minha casa, e é como se esse pé de manga tivesse crescido com a gente. Hoje eu olho o pé de manga e já não acho tão grande como eu achava antes. A gente comia manga lá, a gente ouvia história, a gente via as coisas acontecer da casa da vizinha. Apaziguava brigas quando precisava, né, e assim a gente foi criando, foi criando esse imaginário. E morar num lugar onde tem dois (2) rios, como nós temos em Marabá, é uma ilha!

VERÔNICA: É o rio... quais são os rios daí? É o Araguaia e o...?

CLAUDIA: É o Itacaiúnas e o Tocantins. A cidade tem o formato de um ‘Y’ né, porque ela... ela é circundada por água.

VERÔNICA: Jacaína, jacaúna?

CLAUDIA: Nós temos dois climas, né, pra nós aqui. Muito quente e quente [riso] então aqui vem a... éh... chuva, quando tem chuva a gente desenhava o sol na porta de casa, fazia o sol. Que a dona Ana tinha ensinado pra gente, fazer o sol para o sol aparecer.

VERÔNICA: Que gracinha, que imaginário hein.

CLAUDIA: É, nos tínhamos muitas brincadeiras, [ruído de celular vibrando e notificação de WhatsApp web] então... quando vinha a chuva ou a gente assistia a chuva da porta, da janela não encostada, sentindo aquele cheirinho de terra molhada. Esperando a chuva ir embora para voltar pra rua e/ou a gente ia lá desenhar o sol, pra ver se o sol aparecia. E aí, onde a gente mora não tem enchente, na nova Marabá. Foi projetada pra tirar as pessoas da velha Marabá que é onde tem aquela enchente.

VERÔNICA: Huhum!

CLAUDIA: Então a gente foi parar lá em determinada época do ano. A nossa família foi criada ali na folha... na folha dezesseis (16), lá não tem enchente. Mas, por exemplo, no bairro Santa Rosa, na velha Marabá, nós tínhamos amigos que eles viviam dois momentos, o momento que não chovia e o momento que chovia, o momento que chovia as casas deles ficavam alagadas, então a família já fazia dois andar.

VERÔNICA: Ah, tá!

CLAUDIA: Pra ficar com o andar de cima e embaixo ficar com a água.

VERÔNICA: No período de enchente.

CLAUDIA: Eles aproveitavam. Porque quando tava no sol, eles eram os meninos queimados do sol, que a gente dizia né. Brincavam na poeira, na pulaca, sobe e desce, e quando tava na chuva eles brincavam de se jogar na água. De cima da casa, nas canoas. Nós não tivemos esse, essa parte de se jogar na água né, inclusive a gente nem sabe nadar. Que meus pais eram nordestinos, tinham muito medo. Mas eles levavam a gente para passear nos barcos, pra passear. Meu pai era um... gostava muito de pescar. E é daí que ele tira as histórias dos boto. Muitas vezes o boto rasgou as malhadeiras dele, tem um monte de história de boto.

VERÔNICA: [inaudível] E que brincadeiras vocês faziam? Vocês brincavam... que tipo de brincadeiras vocês faziam? De brincar...

CLAUDIA: Na nossa rua a gente brincava de pega-pega, pique-esconde, ah... voleibol, aham subir em árvore, roubar frutas de vizinho, mexer com as vizinha, brincar de elástico e o meu pai ele era tipo o Gepeto do Pinóquio, ele gostava de inventar coisas. Ele trabalhava o dia todo... ele chegava das empresas, muitas vezes só dava de ver os olhos dele, só poeira né, do minério de ferro, poeira de tudo. [ruído de celular vibrando e notificação de WhatsApp web]

VERÔNICA: Hum, sei!

CLAUDIA: E a gente sentava e era uma briga pra tirar a bota dele, eu tenho muito forte essa memória, tirar a bota do pai! Ai depois que a gente tirava a bota dele, que ele tomava aquele banho relaxante, ele ia fazer as inventa... as invenções dele. Então ele fazia carro pra gente, de lata de sardinha.

VERÔNICA: Huhum!

CLAUDIA: Ele fazia pros meus irmãos baladeira, que é tipo aquelas... não sei como vocês chamam ai.

VERÔNICA: Estilingue?

CLAUDIA: Estilingue, isso! Ele faz isso pros meus irmãos, ele fazia muita coisa, ele inventava e a gente adorava. O meu pai não tinha condições de comprar brinquedo para todo mundo, todo ano, e nem de ficar trocando de roupa direto. Então a roupa dos mais velhos passava para os mais novos, os uniformes, as mochilas, a gente era muito solidário um com o outro, os mais novos e os mais velhos. Mas nunca faltou nada lá em casa, porque nordestino comida não falta, e uma memória afetiva nossa é o cuscuz. Lá em casa nunca faltava cuscuz. Até hoje aqui na minha casa, na casa dos meus irmãos, a gente come cuscuz porque lembra da nossa família, lembra da nossa infância. O cheirinho de cuscuz eu acho que é o que marcou nosso imaginário e marca ainda hoje. A gente sente de abrir o cuscuz, já lembra do pai e da mãe. Assim também como a gente escuta Zé Ramalho, Alceu Valença, Fagner, Elba Ramalho, fez parte da nossa infância. A gente foi criado ouvindo boas músicas, não só ouvindo boas histórias, que a minha mãe fazia essa parte dos contos de fadas, mas a parte de uma música de qualidade, MPB, lá em casa sempre teve desde Cazuza até Vinicius de Moraes, {incompreensível}. Porque pro meu pai e pra minha mãe, eles eram nordestinos que gostavam desse estilo de música. Tinha o forró? Tinha, mas era o forró tipo Alceu Valença, Zé Ramalho, a própria Elba Ramalho. Aquele cd ' encontro no barzinho' que é eles três (3) cantando, faltou foi furar lá em casa, porque a gente ouvia direto. Então a gente foi criado nesse... nesse ritmo. Tinha Carimbó também, tinha uns ritmos. Então isso foi muito rico. Eu posso te dizer que meu imaginário ele encontrou... é como

se tivesse as águas daqui né, as matas, e a cultura, as comidas do nordeste. Eu acho que nossa cultura... nossa vida foi muito rica, porque nós tivemos isso muito entrelaçado, o pai e a mãe sempre colocou isso muito forte pra gente. Tivemos a parte religiosa com a minha mãe, que era muito, muito, extremamente católica, cheia de regras, não pode isso, não pode aquilo. E meu pai que ia lá e afroxava, ‘deixa as meninas’, né, ‘deixa os meninos’. Então a gente teve alguém pra botar muita moral e alguém pra suavizar, sabe. A nossa infância foi muito divertida, e precisava alguém também pra colocar...

VERÔNICA: O equilíbrio, né.

CLAUDIA: É, o equilíbrio, os limites. Então dona Cleinha, a professora. Que era aquela que ia pra escola, se preocupava com as notas, que cobrava, se tirasse nove (9) ela dizia ‘não fez mais que sua obrigação’. Ai já tinha meu pai ‘óh, top, valeu, humm parabéns’!

VERÔNICA: [riso] legal!

CLAUDIA: E ele ligava muito pro conhecimento prático. Eu me lembro como hoje, quando eu passei na UEPA e na UFPA, eu cheguei numa aula da UEPA que era a tarde, eu fazia os dois ao mesmo tempo, um de tarde e um de noite.

VERÔNICA: A UEPA é a universidade estadual do Pará?

CLAUDIA: Isso. E a federal... a UFBA era a federal, que hoje é a UNIFESPA, mudou pra UNIFESPA. Tem assim uns seis (6) anos que é UNIFESPA. Ai eu passei nos dois, porque como eu te falei nós éramos de família né, de família baixa renda né, não tinha como ter pagá. Eu queria fazer um curso em Belém, mas não tinha como, eu tive que fazer o que tinha em Marabá. Ai quando eu cheguei do curso, ele tava sentando na sala. Ai ele ‘CLAUDIA?’ ‘eu, senhor pai’, ‘ajeita a televisão’, eu ‘é o que pai?’, ‘a televisão ai, não tá funcionando, ajeita ai’, ‘pai, não sei ajeitar a televisão não’, ‘oxi, como é que pode, a menina faz dois curso universitário, faz inglês e não sabe ajeitar uma tv’!

VERÔNICA: [riso]

CLAUDIA: Então ele era muito do conhecimento prático, ai ele foi, levantou, me ensinou a ajeitar a tv. É, pegou o bombril né, colocou nas pontas da antena.

VERÔNICA: Pra melhorar né, a recepção?

CLAUDIA: É, deu umas porradinhas na tv. Então eu fui criada nesse ambiente da ciência, que minha mãe sempre prezou e no ambiente também das coisas práticas. Dele olha pela janela e falar assim: ‘óh, não saí hoje não, vai chover’, e realmente chovia. A mãe dizia ‘homem, pare de inventar’, ‘vai chover, eu tô dizendo que vai chover’ [vozes sobrepostas]. Éh, a formiga tá passando dentro de casa, quer dizer que vai chover, aí então ele olhava lá pra fora. Então ele tinha umas coisas assim, da sabedoria popular, que a gente foi aprendendo com ele, né. E ai a gente conseguiu juntar as duas coisas. Sonhou com tal coisa é isso, ele tinha muito isso. Acordar e tá o sonho, e explicar o sonho pra gente. Então o nosso imaginário foi muito bem alimentado por essas vivências, né. Eu acredito que foi muita riqueza, porque o Seu Pairibinha ele conseguiu nos manter conectado com a nossa ancestralidade, com o saber popular; E a Dona Cleinha fez esse papel mais, do lado da ciência, porque ela era professora de geografia.

VERÔNICA: Huhum!

CLAUDIA: E de história, então ela prezava muito pelo conhecimento científico também. Eles tinham alguns embates, eles sempre eram do contra. Um era uma coisa o outro era do outro. Minha mãe era PT e ele não era PT, só pra ter uma ideia né, minha mãe era Lula e ele não era Lula, sei lá, se ela fosse flamengo, ele era Vasco. Então eles sempre foram assim, sabe. A gente se divertia em ver os dois (2) discutindo as coisas né.

VERÔNICA: Pois é, eu lamentei assim, você tão jovem e os pais né, já partiram.

CLAUDIA: Já faleceram! Foi, foi. É, meu pai faleceu em dois mil e doze (2012) e depois de quatro (4) anos a minha mãe faleceu, em dois mil e dezesseis (2016) e ai eu fiquei com... eu sou agora quem tá segurando a chama né, da família, a lamparina. Meus irmãos recorrem pra mim.

VERÔNICA: Mais velha, né.

CLAUDIA: Nos almoços de família a gente lembra deles ouvindo as histórias que eles contavam. Então a história pra mim ela tem também essa chave [ruído de whats web], além da chave de me manter conectada com a minha ancestralidade, com meus pais, a minha mãe e meu pai. Ela também deixa... não deixa esquecer aquele canto do pássaro, que é essencial para todos nós, né. Que é poder ouvir e deixar ser ouvido. Então, o momento de histórias pra gente é o momento que a gente se encontra mesmo, se conecta, uns com os outros. Éh... a gente tá separado porque um tá morando no Maranhão, é, e a gente acaba se encontrando somente agora no final de ano, e é como se os dois estivessem lá com a gente porque permanece. Agora aumentou, porque eu tenho dois (2) filhos, a minha irmã tem mais dois (2) filhos, o meu irmão tem um (1) filho. Aí casou, ai cada um leva seu esposo, sua esposa. A outra irmã minha tem um (1) filho também, é casado. Então todo mundo se junta para lembrar das patota do Seu Paraíba. E da minha mãe brigando com ele e dele brigando com a minha mãe. Porque até as brigas deles eram divertidas. Aquilo... a gente adorava ver eles brigando. É incrível, porque a gente sorria muito, muito, meu pai fazia muita graça, e ela se arretava.

VERÔNICA: [riso]

CLAUDIA: Mandava ele se lascar. Nossa, era muito divertido!

VERÔNICA: Nordestino tem essa veia, né, digo humorística né, forte!

CLAUDIA: E eles nunca reclamavam da vida, se tava desempregado eles inventavam coisas. Meu pai ficou desempregado um tempo, porque aqui tem época de inverno, então chove muito, e pra ele que era operador de máquinas pesadas, as empresas dispensavam. Ele fazia lanche pra vender, a gente ia junto com ele. Lá em casa nunca teve diferença de trabalho, o importante era ganhar dinheiro e trazer comida pra casa de forma honesta. Se fosse vender lanche a gente ia junto com ele. Se fosse pra comer um ovo com cuscuz porque esse mês não deu pra comer muita carne, a gente comia também. Mas a gente era muito feliz, muito feliz mesmo! Eu lembro muito da minha infância, só felicidade! Tinha momentos difíceis né, que ele tava desempregado, as vezes acontecia. A minha mãe era concursada do estado, a minha mãe segurava as pontas e a gente ia sobrevivendo! Ia adequando, ia cortando uma besteira dali, aquela pizza que não dava mais de comer. Mas não era motivo de chorar, nem... não é como hoje que a gente vê as crianças reclamando de tanto. A gente não reclamava, a gente queria ficar junto! Ficar junto com o pai e com a mãe!

VERÔNICA: É essencial né. Isso já...

CLAUDIA: Era! Acordar com eles cinco (5) da manhã para fazer a massa do pastel pra ele vender na empresa que ele ia vender, ir com ele, receber o troco, as vezes até ficar com o troco no bolso, e ele descobrir, e aquilo já era motivo de briga. Então tudo assim era felicidade pra gente! Ele sempre pegava a gente quando tava mentindo: 'tá mentindo pra mim?' Aquela história, sabe?! Que parece que ele adivinhava nossos pensamentos. Que a gente vivia tão junto, tão próximo, que não tinha como enganá-lo, né.

VERÔNICA: Todo mundo era... tudo vocês faziam juntos, né?

CLAUDIA: Juntos! Então a minha mãe teve depressão um tempo, e ai ela ficou internada. E ele foi pai e mãe, meu pai. Porque a família morava longe. Então, dele fazer o penteado torto da gente ir pra escola, sabe. Tudo assim com os cabelos meio esquisito, mas a gente se sentia tão feliz: 'foi meu pai que fez!' Tinha orgulho de falar aquilo, né! E ele dava banho na gente e vestia a gente com roupa trocada, as vezes. Mas ele tava sozinho, se virando, ia trabalhar de manhã cedo, então, muito cedo, como eu sou a mais velha, eu tive que ser a mãe dos meus irmãos, que minha mãe estava com depressão e a gente se virava, sempre se cuidava. Então, desde cedo as histórias, eram momento da gente se curar também! Quando minha mãe estava doente ele contava as histórias de como ele conheceu a minha mãe, do namoro deles, ele sempre deixou a gente muito interligado com ele, sabe. De quando... a primeira vez que ele deu o beijo nela, como é que foi. Ele mantinha essa chama acesa, da gente. E a gente ficava imaginando os dois, e é nesse momento da história que eu falo assim: gente, as histórias curam, curam e nos

conectam uns com os outros! Não tem momento ruim quando a gente tem história, quando a gente tem conhecimento do que é a tua família, da onde que vem a tua família! Então ele sempre teve esse cuidado, mesmo a gente morando no Pará, de pegar o dinheiro dele, e botar a gente num ônibus e vamo pra casa dos avós de vocês!

VERÔNICA: Sim!

CLAUDIA: E quando a gente não ia, ele contava as histórias que ele fazia quando era criança. As histórias que ficou na juventude, as histórias dos nossos tios e quando a gente chegava lá, o acolhimento era como se a gente morasse todos os dias lá, sabiam os nossos nomes. Meu pai mandava foto para eles, daquele tempo que sentava no sofá e vinha um homem tirar aquela foto.

VERÔNICA: Sim!

CLAUDIA: Pois é! E imprimia, na época não era imprimia né, revelava lá com o homem. Pagava o homem, deixava a foto. A gente com aquele mesmo penteado, aquele mesmo jeito e mandava pra minha vó. Então minha vó ia acompanhando nosso crescimento [ruído de criança falando ao fundo], e vice-versa, minha vó mandava delas também, deles, né. Então a gente sempre manteve aquele vínculo. E até hoje! Antes da minha mãe falecer, a gente fez o de volta pra minha terra, foi todo mundo com a minha mãe lá ver a família.

VERÔNICA: Que bacana, né?!

CLAUDIA: É, lindo!

VERÔNICA: Importante isso para tua história de vida. Muito importante ouvir você assim e a sua história, ela conversa muito com a minha história também. Porque eu também sou nordestina, eu também sou lá do sertão do Ceará.

CLAUDIA: Sertão! Eu morei no Ceará também. Depois eu vou chegar lá, quando tu perguntar a parte da juventude.

VERÔNICA: Ah, que bom! Pois então conta, eu quero te ouvir!

CLAUDIA: Então, falei da infância, falei da importância do convívio com a família. Falei dessa ligação que temos uns com os outros, falei éh... da minha infância que foi movida pela floresta, pelas águas, pelos animais, pelos meus vizinhos queridos, pelo sírio de Nossa Senhora do Nazaré, fui anjinho de Nossa Senhora do Nazaré, por muito tempo! A freira que... que começou o sírio era chamada de irmã Maria das Neves, nós morávamos do lado do convento, era uma casa de religiosas. E como minha mãe era professora, e meu pai trabalhava muito, eles saiam de manhã e só chegam à noite, e eu e meus irmãos eram cuidados pelos nossos vizinhos, pelas freiras... a gente bordava com as freiras, a gente ouvia história do convento, lia a bíblia e tal, e era anjinho. Quando chegava um tempo que os seios começavam a aparecer, não podia ser mais anjinho. A irmã dizia 'olha, você não pode mais ser anjinho', eu lembro como hoje. Foi o primeiro momento que eu percebi que eu tava crescendo. Porque tava aparecendo os seios, eu nem ligava muito pra isso, muleca... muleca muleca, sempre... Então assim, nem percebi que eu tava virando moça. E aí eu percebi que tava virando moça. Minha vida começou a ficar diferente né. E aí eu comecei a ter os primeiros namoros, conhecer as primeiras amigas, fidelizar, além da minha casa. Porque nossa amizade geralmente era dentro de casa, fiz os primeiros amigos. E na escola eu sempre me destaquei por ser falante né. Não era bonita né, mas era falante. Aquela história de não ser bonita, e nunca liguei pra beleza. Nunca fui vaidosa!

VERÔNICA: Eta, você é muito...

CLAUDIA: Então foi o que eu usei, é batom e pentear o cabelo, eu não sou muito vaidosa não.

VERÔNICA: Você é linda!

CLAUDIA: Não fiz nada de procedimento estético. Nunca malhei, não malho. Enfim, éh não era aquela menina que chamava atenção dos meninos por ser bonita. Mas eu chamava atenção por ser falante, né. E ser muito conhecida por ser filha da professora Cleia. Então se você é filho de professor, exigem que você tenha um comportamento, né, notas e tal. Mas isso nunca foi pressão para mim, mas para os meus irmãos era uma pressão, porque eles não eram tão ligados ao estudo como eu era, né, naquela época. Hoje eles são, hoje eles tão mais... E aí, é, a primeira

oportunidade que apareceu eu fui fazer um curso de inglês, teve um concurso de bolsa e aí eu passei pra fazer curso de inglês de graça, e aí fiz curso de inglês. As oportunidades foram aparecendo e eu sempre fui abraçando, sabe. Aí, é, tem concurso disso, eu ia... concurso de redação eu fazia! E sempre conseguia, ler na frente da igreja... eu ia. Aquela pessoa que sempre tava a frente da igreja pra ler, grupo de jovens... e foi no grupo de jovens que eu me destaquei no grupo de teatro, por isso eu tô chegando ai nesse ponto, porque foi na juventude. Com dezoito (18) anos eu fiz um grupo de jovens lá, e o padre dividiu as equipes e eu fiquei na equipe de teatro, e lá eu fiz alguns personagens, e aí todo mundo disse: ‘tu nasceu pra isso, pra ser artista’. Só que a minha mãe e pai dizia ‘minha filha, estude, esse negócio de artista não dá dinheiro’, né. Então esse sonho ficou meio que guardado, tipo não dá dinheiro, não vou ser artista! Então eu fazia isso só como diversão. Teatro, diversão... me chamava, eu ia. Eu sou daquela pessoa que pega o papel, lê uma vez e pronto. Não sou daquelas de ficar tã, tã não. Ai dali eu já dou a minha cara pro papel né. E eu ia sempre escondido da minha mãe, porque ela dizia pro meu pai ‘isso não dá futuro, vai estudá’, só que eu continuava estudando, só que fazendo. Quando eu terminei o curso de letras, como eu te falei, eu sempre abracei as oportunidades. Já tinha casado com meu esposo, éh... já tinha terminado tanto a UEPA quanto a UFPA, ai eu peguei e casei. Ai nós fomos morar em Paragominas, chegando em Paragominas-Pará, eu passei no concurso público, pra ser professora de Letras lá, e peguei turmas do Ensino Fundamental - sexto (6º) ano, só anjos, numa escola de periferia chamado bairro Jardelândia, eu tinha apenas vinte e quatro (24) anos, era vinte e três (23) a vinte e quatro (24) anos. Então cheguei lá e todo mundo dizia ‘tu vai aceitar essa carga horária? Tu vai pra esse lugar?’ eu falei: ‘vô’! Porque nordestino não tem isso, não tem negócio de excluir ninguém e nem nada, né.

VERÔNICA: É destemido, né.

CLAUDIA: A gente vai. E ai falei ‘vô’. Ai fui lá, na época era, acho que é SEMEC ainda. Assinei o contrato, assumi o concurso em dois mil e oito (2008). Terminei o curso e passei, assumi a carga horária, eram duzentas (200) horas. Me deram todos os sextos (6º) anos [ruído da mão batendo levemente na mesa].

VERÔNICA: Um presente!

CLAUDIA: Você sabe que é aquelas turmas que os professores de língua portuguesa geralmente não querem. Que são crianças que vem com defeitos... defeitos não, vem com algumas dificuldades, de letramento, de alfabetização, escola pública, são carentes. Então quando eu cheguei lá eu falei assim: ‘caramba, como é que eu vou dar aula para essas crianças?’, alguns não sabiam ler e nem escrever e estavam no sexto (6º) ano, meu Deus! Ai foi quando eu chamei a minha veia artística de novo, que tava guardada, que meu pai e minha mãe diziam que isso não dava dinheiro, não sei o que... não sei o que. Ai trouxe a contação de histórias de novo, que eu tinha guardado lá na minha caixinha, no meu baú, dai o baú da Claudinha vem disso também. Cheguei na escola e comecei a aplicar o teatro. Então pegava as crianças que tinham dificuldades, eu ia além do meu horário e fiz o projeto de leitura, comecei logo com o pequeno príncipe. Quando eu falei o pequeno príncipe, os outros professores de língua portuguesa ‘tu é doida? Tu vai trabalhar pequeno príncipe com essas crianças nem, nem direito essas coisas’ e não sei o que. E eu, tudo bem, deixa comigo, se não der certo, até a coordenadora pedagógica falou que não ia dar certo: ‘a realidade delas é outra CLAUDIA, isso é filosofia pura, tu é doida, eles não vão gostar disso não’, fiquei na minha. ‘sim senhora, não senhora’, porque era novata, tava no probatório né, você sabe probatório né. Vai a mulher implique comigo e me jogue lá na zona rural, em outro lugar, não sei quando né. Enfim, ai eu comecei a fazer o projeto sem ela saber, na sala de aula. Dava a gramática que eles exigiam, que tinha que ser a gramática crua, dura, substantivo, artigo, adjetivo [ruído da mão batendo levemente na mesa], aquilo que você já sabe de escola normativa. E quando eu terminava o conteúdo eu combinava com eles ‘gente, borah, borah, pra sobrar tempo pra gente poder ouvir a história’. Então todo dia eu contava pra eles um capítulo do pequeno príncipe. E eles ficam empolgados, eles queriam saber o que ia

acontecer com o bau-bau, o que ia acontecer com a rosa, o que ia acontecer com a raposa. Eu me vestia e fazia tudo pra eles. Quando ela passava na porta ela queria saber porque eles tavam tão quietinhos. E eu ‘não, não se preocupe não, final do ano a senhora vai ver’. Enfim, dai eu consegui o ano todinho trabalhar com eles, só obras clássicas: pequeno príncipe, alice no país das maravilhas, branca de neve, trabalhei tudo tudo que eu tinha dos Grimm, dos... todos os contos que eu sabia, que eu tinha aprendido com a minha mãe, com essa veia artística. E no final do ano nós fizemos um projeto que era ampliar o livro... as páginas do livro do jeito que eles quisessem. Ai em dividi em equipes, porque alguns sextos anos tinham aqueles alunos que eram bom de desenhar, outros alunos eram bom pra teatro, então fiz a peça, outros eram bom pra cantar, então nós montamos paródias, músicas e sim, deu certo. Depois disso a coordenadora não deixou mais a gente sair da escola, eu continuei com os sextos anos e dei uma cara nova pros sextos anos. Os sextos anos que eram tidos como ninguém quer os sextos anos, começou a brilhar. Ai eles foram para o sétimo (7º) ano, mas sempre vinham, me abraçavam, me beijavam, ‘tia eu já li já Júlio Verne, viu, a volta ao mundo em oitenta dias’ né, a biblioteca começou a ser movimentada, devido a esses projetos. Eles iam foram do horário para ler livros. Ai né, foi passando o tempo, eu me mudei de Paragominas e voltei pra Marabá. Lá em Marabá, chega em Marabá, sabem do projeto que tinha desenvolvido lá em Paragominas, até cartão postal eu fiz com as crianças, das obras de leitura que nós tínhamos feito e tal. Ai a moça de lá, da SEEMED, ficou sabendo e me chamou pra trabalhar na biblioteca. E eu na biblioteca, de fato assumi a identidade de contadora de histórias, porque eu tinha a biblioteca pra coordenar, isso em dois mil e treze (2013).

VERÔNICA: Huhum!

CLAUDIA: E percebia que a biblioteca ficava vazia, ninguém ia visitar, ninguém ia buscar livro e eu ficava intrigada com aquilo. Falei ‘caramba, tanta obra de arte aqui, tanta livro bom, ninguém vem buscar os livros’. Ai eu desenvolvi o projeto de contação de histórias e mediação de leitura, eu e uma colega chamada Marluce Caetano.

VERÔNICA: Marluce, é uma professora também?

CLAUDIA: Caetano. Marluce Caetano. A gente desenvolveu um projeto de contar história debaixo da árvore. A gente ia para debaixo da árvore, levava o baú, tirava os livros, contava histórias e levava aquele público para dentro da biblioteca, e ai a biblioteca começou a encher de novo.

VERÔNICA: Isso já em Marabá?

CLAUDIA: Isso em Marabá já. Começou a ter bate-papo com os escritores, que a gente programava. E ai foi aumentando o fluxo de pessoas que ia na biblioteca. Ai a SEEMED viu que o negócio estava dando certo nas biblioteca, na biblioteca Orlando Lima Lobo e na outra que era a biblioteca do professor. Chamou nós duas para irmos trabalhar como formadoras de professoras de sala de leitura do município. Lá vai nós duas com o baú, para a SEEMED de Marabá, isso em dois mil e quatorze (2014).

VERÔNICA: Huhum!

CLAUDIA: Lá a gente criou o programa de ‘Marabá leitora’, com a professora Eliane Soares que você vai, acredito que vai entrevistá-la também.

VERÔNICA: Nós conversamos ontem!

CLAUDIA: Pois é. Ela representava então a Instituição UNIFESPA ou UFPA, UNIFESPA/UFPA e nós duas éramos contadora de histórias, formadoras de professoras da sala de leitura do município. E ai a gente criou o programa juntas, ‘Marabá leitora’, que existe até hoje. Bom, ai tava tudo muito bom, tava bem em Marabá, mas nordestino tem esse negócio de ficar andando pelo mundo, né.

VERÔNICA: Huhum!

CLAUDIA: Ai eu fui pro Ceará. Cheguei no Ceará finalzinho de dois mil e quatorze (2014), a gente mudou pro Ceará, meu esposo foi trabalhar lá, teve uma empresa que chamou. E eu

proveitei para fazer cursos. Então eu desenvolvi mais as minhas habilidades no Ceará.

VERÔNICA: Em dois mil e dezesseis (2016)?

CLAUDIA: Dois mil e quatorze (2014)!

VERÔNICA: Dois mil e quatorze (2014)?!

CLAUDIA: Finalzinho de dois mil e quatorze (2014), tava lá no Ceará, ai fiquei...

VERÔNICA: No mesmo ano, no mesmo ano que desempenhou o projeto, né?

CLAUDIA: É! Em dois mil e quatorze (2014) eu cheguei no Juazeiro do Norte, terra do padre Cícero. Lá, cultura se sabe que 'shup', é cultura demais. Barbada, Ceará e Crato, eu me perdi lá.

VERÔNICA: Lá é maravilhoso! Parece que a gente respira cultura, né?!

CLAUDIA: Então tudo que eu já sabia, que eu já tinha lido nos livros né. As pesquisas que eu tinha feito na pós-graduação, cheguei lá e vi na vida real. As histórias pulsam nas ruas, pulsam nas pessoas.

VERÔNICA: Sim!

CLAUDIA: É aqueles senhorzinhos que param a gente na rua e fazem repente na hora. Em todo lugar tem isso. Muito curso de graça. Eu fiz vários cursos de graça lá pelo banco do nordeste. Fiz muitos cursos lá no Dragão em Fortaleza, fiz muitos... ai, foi curso demais que eu fiz, de graça, de graça, zero oitocentos (0800), em todo lugar tem peça de teatro de graça, tem curso de graça [riso]. Então, o Cariri ali, aquela região do Cariri, história ali tem pra dar e vender! Eu fiz a minha vida ali. Então, muito meu repertório, que eu coloquei no meu baú, vem de lá [ruído de crianças ao fundo], das crenças, das credices, né, da fé do povo no padre Cícero. Conheci muita gente que viu, que viveu com o padre Cícero, então aquilo foi alimentando ainda mais o meu imaginário. E lá eu vi muita história, fiz muita história, fiz muitos amigos, participei de alguns grupos, conheci muitas pessoas, meus vizinhos né.

VERÔNICA: Muito teatro de rua, né?

CLAUDIA: Muito, é. Ih, não, se eu te contar. E as romarias? Lá você sente a fé em tudo que é lugar. A fé tá em... tá pulsando ali... não sei quantas romarias por ano. E no Ceará gente, lá onde eu fiquei no Juazeiro, era muito perto de Natal. Então ia pra Natal, seiscentos (600) quilômetros, ia pra João Pessoa mais seiscentos (600) quilômetros, né, então eu andei... explorei muito aquela região ali com meu esposo, praias, eu vivi momentos maravilhosos! Em dois mil e...

VERÔNICA: Que bacana!

CLAUDIA: Em dois mil e dezesseis (2016), dois mil e dezessete (2017), voltamos pro Pará. Meu esposo terminou a obra lá, que ele é engenheiro, voltamos pro Pará. Ele voltou pra empresa Vale de novo. E ai quando a gente voltou pro Pará a minha mãe né, já tava... Em dois mil e dezesseis (2016) ela faleceu, então eu tive que voltar também pra dar apoio pros meus irmãos. E ai aproveitei que meu esposo tava voltando, ai quando eu chego em dois mil e dezessete (2017), eu consegui chegar com mudança e tudo, aquelas história nordestina: a mudança, o cachorro, todo mundo né. É, tava aberto o edital do mestrado, POSLET, que é um programa de pós-graduação aqui da UNIFESPA, letras.

VERÔNICA: Huhum!

CLAUDIA: Ai eu fiz a inscrição, mas não comentei com ninguém, porque eu tava assim... muito tempo afastada do mundo acadêmico. Eu tava no mundo das histórias, da contação de histórias. Se sabe que é totalmente, éh... de certa forma diferente né. Linguística, nunca mais eu tinha pegado esse negócio de linguística, nada disso. Ai fiz a inscrição, ninguém sabendo, ninguém sabia nem que eu tava em Marabá. Não comentei nada com ninguém. Fiz as provas, dai foi saindo os resultados que são várias etapas, entrega a documentação e não sei o que. E eu fui passando, fui passando e não sei o que. Enfim, dois mil e dezoito (2018) eu estava no mestrado. E ai a minha pesquisa foi sobre contação de histórias. Eu entrevistei nove (9) mulheres, não só entrevistei, mas eu acompanhei o dia a dia de nove (9) contadoras de histórias. Ai eu viajei na vida dessas mulheres, nas histórias de vida, dai saiu a minha dissertação sobre

performance de contadoras de Marabá, e aí eu fiz uma cartografia afetiva da minha pesquisa, que foi essa colcha de retalhos aqui. Deixa eu te mostrar aqui, pra ver se tu consegue ver. Ao centro da minha... aqui no centro, da minha colcha de retalhos tá o meu pai e minha mãe, que foi os meus primeiros contadores de histórias.

VERÔNICA: Que lindeza!

CLAUDIA: Aqui o Seu Francisco, que é o Paraibão, né, Seu Paraíba, e aqui a professora Cleia, muito contida, muito religiosa, e aqui o seu Paraíba, feliz da vida com... dançando forró aqui. Aí eu fui... eu bordei as palavras chaves da minha dissertação, né, coloquei as brincadeiras da minha infância, né, coloquei a natureza, os rios, né, coloquei aqui a teia da vida né. Então tem várias partes aqui, depois eu posso te mandar a foto dela. E aí...

VERÔNICA: Que lindeza!

CLAUDIA: E aí, a minha dissertação eu dividi em capítulos, e os capítulos, os títulos, são partes da... da tessitura, da, dessa colcha de retalhos. Então cada mulher que eu participei na minha entrevista, são... cada mulher representa um retalho. E esses retalhos representa a colcha que é a minha dissertação. Então, o título dos capítulos são, éh: agulhas, alfinetes, linhas, são partes de uma costura mesmo. E, como eu não sei costurar, a moça que fez... a artista plástica que fez a colcha, ela ia dizendo pra ela como é que era a minha dissertação, o que que eu tava pensando, cada capítulo que eu ia construindo, e ela ia bordando e ela ia fazendo a colcha. E eu fui tirando fotos das mãos dela, tecendo, fui acompanhando passo a passo, era como se eu tivesse costurando com ela, só que eu não sei costurar né. E eu ia conversando com ela, olha, capítulo tal terminei, agulhas e alfinetes, capítulo tal, linhas e não sei o que, aí ela ia fazendo. Palavras-chave desse capítulo, estética, Amazônia, nordeste. E aí o primeiro capítulo da minha dissertação é eu. É tudo isso que eu tô te contando aqui e mais um pouco, que eu vou falar de mim, falar das minhas escolhas, do meu repertório, e eu percebi durante essa minha dissertação que as minhas escolhas de histórias, tem essa veia sempre alegre e engraçada que vinha do meu pai. Geralmente tem animais, as histórias que eu escolho, geralmente tem pessoas mais velhas, que me contavam determinada história. E muitas pessoas gostam de ouvir a Claudinha contando por que sente uma alegria, e essa alegria era que meu pai trazia pra contar pra gente. Ele fazia vozes, ele fazia caras, ele fazia bocas, ele fazia o barulho [ruído de mão batendo na mesa], então eu aprendi ouvindo, né. O meu repertório é formado desde os contos de fadas, como eu te falei, que eu trabalhava com os meus alunos, no ensino médio também, trabalhei Goethe, trabalhei muitas obras né, Dostoiévski, eu tenho toda essa questão dos clássicos, a última agora que eu trabalhei foi Barthen, que é um clássico aí americano. Gosto muito de ler, né, desde sempre. A minha biblioteca tá aqui, né, eu valorizo essa parte da literatura clássica, tem... gosto de ler com meus filhos, toda noite tem hora da história, mas também tenho essa sabedoria popular, do seu Paraíba. Então, sabe onde tem aqueles velhinhos conversando? Eu chego lá e sento, converso com eles, e dali já vira história, né, eu faço minha adaptação daquela história. Então no Ceará eu tive essa oportunidade, eu vi muitos senhorzinhos, muitas senhorinhas, e colocar isso no meu baú, o baú vai só crescendo, entende? Eu respeito muito assim, desde a... aquela senhorzinha que tá lá, que tem a rezinha dela.

VERÔNICA: Sim!

CLAUDIA: Reza aqui, né. Até aquela senhora que gosta de contar uma fofquinha também. Tudo tem história, tudo vira história né.

VERÔNICA: Tudo é história, né?!

CLAUDIA: É, tudo é história! E eu trouxe isso pro meu repertório. Então meu repertório é muito de... muito assim, rico. Mas uma coisa que eu descobri é isso, que tem desde a seca do nordeste, esse clima mais árido, mais alegre, onde a gente não reclama de nada, a gente tudo é alegria. Até esse mundo nosso aqui né, que eu moro atualmente, que eu moro desde criança, que é esse mundo da Amazônia, com as lendas, os encantados, né, os rios, as matas, ora inferno verde, ora é o paraíso né. Porque foi aqui que meus pais encontraram a riqueza, conseguiram

ter suas casas, constituir suas vidas. Aqui que eu aprendi o que eu sou hoje, mas eu não deixo de voltar, revisitar o meu Nordeste, que foi onde meus pais, sempre me mantiveram conectados com as histórias de lá. Acho que é por aí, então, daí saiu a... a dissertação. E meu baú ficou mais rico ainda, porque eu coloco nove (9) grandes mulheres de Marabá, que fazem esse trabalho. E aí eu faço uma diferenciação entre o contador de história tradicional, e o contador de histórias contemporâneo, que é o que nós somos hoje né.

VERÔNICA: Sim!

CLAUDIA: Que somos pessoas que recorremos tanto as histórias contadas de boca em boca, como também recorremos as histórias que estão registradas nos livros. E a gente acrescenta também algumas coisas de teatro, pra... pra dar um performatividade maior pra nossa apresentação.

VERÔNICA: Huhum!

CLAUDIA: Ora a gente pode utilizar adereços, ora não, somente a voz né, você sabe! Eu... eu CLAUDIA, geralmente uso somente o corpo e a voz, o máximo que você tu vai me ver com adereço é alguma coisa no cabelo, é um laço, uma fita ou... ou, só, assim tipo, eu não sou muito de usar... tipo, vou falar da branca de neve, vou usar uma roupa de branca de neve, não, eu não consigo. Até na sala de aula, quando eu ia, só de eu tirar do meu baú uma varinha, os meninos já entendiam que dali ia sair uma história de fada. Eu gosto muito de usar assim somente um elemento, porque assim, eu aprendi com meu pai que ele contava uma história com tão pouco, e a gente prendia tanto a nossa atenção. Então...

VERÔNICA: Sim!

CLAUDIA: Eu tento ir por essa via também! Mas não tenho nada contra quem usa adereço, quem faz e acontece, eu acho também encantador! Só que o meu perfil, né, o meu imaginário foi alimentado por pessoas que só usava a voz. No máximo a minha mãe usava o livro, e o seu Paraíba era o barulho [ruído de toque na mesa], era uma careta que ele fazia 'e aí'.

VERÔNICA: [riso]

CLAUDIA: Eram aquelas falsas dramáticas, né?!

VERÔNICA: Sim, sim!

CLAUDIA: Então eu sou muito expressiva. Até fico pensando, se um dia eu for fazer botox não vai adiantar muito pra mim porque eu falo muito com os olhos, com a boca, com a testa, então.

VERÔNICA: Eu também!

CLAUDIA: Ele fazia isso né, ele fazia isso, meu pai! Ele era muito disso [ruído de toque na mesa], 'e foi aí', 'espera, deixa eu falar um negócio pra vocês' [frase sussurrada].

VERÔNICA: Esse suspense, né?!

CLAUDIA: Fala baixo que não pode falar o nome dela! Tipo, Matinta, ele não podia falar o nome da Matinta.

VERÔNICA: [riso]

CLAUDIA: E quando ele falava o nome da Matinta, a gente tava chamando ela. Então, 'aquela, aquela que vocês sabem', ele ia se aproximando, ele abaixava a cabeça, hora ele alteava a voz, ou ele acelerava a narrativa. Então ele conhecia a narrativa, e dava o ritmo, imprimia o ritmo de acordo com o que ia acontecer na narrativa. E eu acho que eu fui pegando isso também, né. Eu respeito muito meus colegas. Eu até admiro quem consegue né, fazer tudo teatral, consegue né... eu acho que teria até que melhorar essa parte. Teria que fazer alguns cursos para poder ter essa outra habilidade. A minha habilidade fica mais na oralidade mesmo, e o meu filho também, o Artur, ele gosta de contar. A gente, primeiro a gente pega a história, igual meu pai fazia, pega a história, aí eu leio a história, aí eu vejo as partes da história, eu leio de novo, e vou lendo, e vou lendo, quando eu vejo a história já está dentro de mim. Ela já faz parte de mim, aquela história é minha. Então quando eu conto pra você, é o que eu vivi com aquela história, é o que eu senti com aquela história, é o que nós vivemos, é o que sentimos. Eu acho que o primeiro passo pra ser um contador é isso: é ouvir, né?! Foi o que eu aprendi com eles dois (2), ouvir as

peessoas. Falar depois que você ouvir, sentir, dormir com a história, ele falava muito isso: ‘vai dormir, amanhã a gente conversa’! Não sei se você tinha isso na sua casa.

VERÔNICA: Sim!

CLAUDIA: O pai falava: ‘vai dormir, amanhã a gente vê isso’. Deixar as coisas dormirem dentro da gente. Então nesse mundo apressado que a gente vive, a gente acaba não deixando as coisas acontecer dentro da gente. E para um contador de história é preciso deixar as coisas acontecer dentro da gente!

VERÔNICA: Verdade!

CLAUDIA: É preciso fomentar dentro da gente. Então quando eu conto uma história para alguém, para vocês que estão nos acompanhando. É porque eu já contei elas muitas vezes pros meus filhos, eles são meus primeiros ouvintes. E o Artur também tem muito isso: ‘mãe, deixa eu lhe contar essa história que eu aprendi do camaleão’, que é a história que ele está apaixonado agora, do camaleão e da lebre. Ai ele conta para mim, conta pro pai, conta pro irmão. ‘Mãe, tá bom? Mãe, tá bom?’ Então a gente é muito desse movimento sabe, eu não sei fazer o camaleão... usando... é como eu vejo algumas contadoras, que tem um avental. A gente ainda não consegue... eu ainda não tenho essa habilidade, não sou boa de cortar. Não sou boa... essa parte pedagógica, eu sempre fui muito assim pra ler, né, mas pra fazer os recursos, já até fiz algumas oficinas, tô me inscrevendo em algumas oficinas que é de graça, tudo que é de graça na internet de alguns contadores, pra poder fazer essas habilidades de lidar com bonecos. Eu acho massa quem conta usando bonecos. Mas se eu contar com bonecos, eu não consigo contar sendo a CLAUDIA! Ou eu fico só com boneco e esqueço de mim, esqueço da história.

VERÔNICA: [riso]

CLAUDIA: Aí eu ‘rapaz, eu tenho que fazer algum curso para poder aprender mesmo’, que é uma habilidade muito difícil, eu admiro muito os contadores que contam com bonecos, com avental, sabe. O máximo que eu uso, é uma história que a gente conta, eu e o Artur, eu comecei a contar pra eles, que é da Bia Bedran e do macaquinho Juninho. O máximo que eu consigo é movimentar o Juninho e contar com o Juninho. E, é porque o Juninho, eu usava o Juninho pra ensinar, pra ensinar não... pra cativar os meus meninos a dormir sozinho no quarto. Aqui teve o drama de não querer dormir no quarto, de correr pra minha cama toda a noite, né?!

VERÔNICA: Huhum!

CLAUDIA: Então quando eu usei essa história da Bia Bedran: ‘macaquinho sai dai, macaquinho saí dai, você tem a sua cama pra se deitar’ [ela falou cantando e ritmando com toques na mesa]. Eu falei ‘cara, eu posso usar essa história’! Aí eu comecei a contar pra eles toda a noite. E o Juninho, e toda a noite eles inventavam as doenças que o Juninho ia ter, e dor de barriga, mal-estar, então o Juninho virou um membro da nossa família também, do nosso baú! Enfim, eu tô querendo dizer aqui pra você, na sua pesquisa, é que o movimento... o processo criativo meu, eu respeito o processo criativo de todos, mas o meu processo criativo é muito de vivencial, pruma história estar no baú, pruma história fazer sentido pra nós aqui de casa, pra mim, eu tenho que viver essa história, em todos os sentidos! De conhecer cada parte que acompanha a história, de conhecer o ritmo, as pausas, se tem pausas, se não tem pausas, se eu posso cantar, se eu não posso cantar! Então tem todo esse movimento, dos recursos internos e externos, né! O que que eu tenho dessa história dentro de mim? O que eu posso trazer dessa história pra essa história fazer parte de mim? Então é muito nesse movimento de viver mesmo, vivenciar a história assim como seu Paraibinha fazia.

VERÔNICA: Fazia! Claudinha pra contar a história antes de contar a história, você cria algum ritual, você adota algum costume, como é que você faz pra acolher, né, atenção né da, do seu público, de quem está ouvindo sua história?

CLAUDIA: Olha...

VERÔNICA: O que você faz, o precedimento?

CLAUDIA: Pra ti falar a verdade, quando eu comecei a contar na biblioteca embaixo da árvore,

o primeiro livro que eu contei foi de Chico Buarque, Chapeuzinho Amarelo, então assim, sempre que eu estive com as histórias, que eu escolhi as histórias, sempre eu perguntava pra mim: ‘o que essa história tem pra me dizer?’ Eu acho que essa é a minha pergunta norteadora, se a história tem algo pra me dizer, se a história tem algo que mexe comigo eu levo a história, e o que prende a atenção do público eu acho que é o meu envolvimento com a história! Eu, eu percebo isso, quando eu estou com a história, quando eu estou envolvida com a história, mesmo que tenha uma criança que levante e fale tipo: ‘tia, a minha mãe se separou do meu pai’, naquela hora eu coloco a mãe dele e o pai dele dentro da história também! Eu tô tão concentrada na história, tô tão envolvida naquele momento, que eu só acrescento o que vai acontecendo. Eu não sou muito de pedir silêncio, eu não sou muito de chamar a atenção de professor, nem de criança, nem de ninguém. Eu vivo aquele momento, eu me perco naquele momento e quando eu vejo, tá todo mundo junto comigo, e quem não está junto comigo eu só lamento porque perdeu essa oportunidade de ir muito além da realidade, porque, como diria o nosso amigo Chico Buarque: ‘Agora eu era um Herói’.

VERÔNICA: [riso]

CLAUDIA: Se tá no passado e tá naquele presente, se tá muito além, então.

VERÔNICA: Coisa boa!

CLAUDIA: É isso que eu tento viver, eu tento viver a história, eu tento me conectar com aquele momento e com o público, dou uma olhadinha, se eu vejo uma inquietude eu brinco com aquela inquietude, ‘ah meu pai... tia a senhora sabia que meu pai bate na minha mãe?’ eu falei ‘mas não pode, então Juninho ia toda noite’, dali eu já vou continuar minha história. Que a gente sabe quando a gente lida com criança que vai surgindo outras coisas né, já aconteceu de uma criança ficar o tempo todo: ‘tia a senhora sabia que a minha mãe separou do meu pai?’ Aí eu parei, fui lá na criança e falei ‘olha a tia quer muito te ouvir depois que eu terminar a história, você vai me contar tudo que tá acontecendo com você’. E continuei a história, e no final eu fui lá: ‘conta pra tia o que tá acontecendo’, aí a criança contou. Porque as histórias elas despertam tudo que tá dentro da gente, então naquele momento a criança não tinha nem um pai, nem uma mãe pra colocar ela na cama, o pai e a mãe tavam separados né, estavam em processo de separação, ele queria ser ouvido mas eu fui lá e falei: ‘olha, a tia vai te ouvir, no final da história vou sentar contigo. Posso continuar?’ ‘pode!’ Aí... continuei a história. Eu acho que é bem por aí, porque as coisas acontecem e a performace é o aqui e o agora, quando eu fiz a dissertação né, num volta, aconteceu, segue em frente, vai junto com ela, acho que é por aí.

VERÔNICA: Que bonita sua história! Eu já tô querendo muito ver a sua dissertação.

CLAUDIA: Eu posso te mandar! Eu posso te mandar sim.

VERÔNICA: Que bom, obrigada, é muito bonita sua história de vida né esse processo seu com a família, é... com os pais né, os pais sempre presentes fazendo as coisas junto. Isso é... é muito rico, é... é de um valor né, que... que só quem tem já quem se, quem par, quem, quem fez ou quem viveu é que sabe. É, então sua história é muito linda e aí todo esse percurso seu com essa questão da oralidade né, de ouvir, dizer, saber ouvir, então é, muito importante a sua, sua história, tô muito feliz de ouvi-la! E aí a gente, a gente ir no nordeste, ir à Crato naquela região do Cariri, aquela região ali é muito rica, eu estive lá em alguns momentos, recentemente eu fui em julho. Tenho familiares lá, né, e as minhas primas também fazem parte da né, de todo, de toda essa vivência dessa experiência cultural da cidade, fazem teatro de rua e participam desses movimentos todos, e ali parece que você tá o tempo todo é, vivendo como se o, o mundo fantástico, num é? E cada um tem uma história pra contar, há uma alegria naquele povo tão grande que gente fica pensando né: ‘que lugar é esse?’ Né, de pessoas tão alegres, as pessoas... tanto que as pessoas dizem, o tanto que as pessoas conversam né e, e eu acho muito bacana isso. Claudinha com relação a, a, essas histórias todas que você conta tem alguma que você mais gosta, tem aquela que você: ‘nossa essa daqui é a minha história preferida’.

CLAUDIA: Tem, tem, tem sim, é... eu sou meia assim piriguete pras histórias sabe, eu me

apaixonado muito fácil [riso], eu tenho épocas né!

VERÔNICA: [riso]

CLAUDIA: Tem livros que eu vou e volto né, e tem histórias que eu escuto milhões de vezes, tem contadores que eu amo, que eu sigo e aprendo muito com eles como a Regina Machado.

VERÔNICA: Eu quero conhecer!

CLAUDIA: Pois é, como a Regina Machado, o Francisco Gregório que vai tá com a gente agora quinta-feira, então eu sou...

VERÔNICA: O Gregório é [inaudível], né o Gregório.

CLAUDIA: Pois é, o Gregório é meu Paizão assim né, ele é do Acre, ele é um grande contador de histórias e eu aprendi muito com ele e aprendo né?!

VERÔNICA: Qual a Regina?

CLAUDIA: Oi?

VERÔNICA: A Regina...

CLAUDIA: A Regina Machado! Ela é autora de alguns livros, eu posso te mandar depois a capa dos livros da, da... Tava aqui ontem, mas acho que o saci escondeu [riso].

VERÔNICA: Ah, deve ter escondido! Deve ter escondido!

CLAUDIA: Aqui tem um saci- Pererê, que esconde os livros sabe.

VERÔNICA: Eu sei, aqui em casa também tem!

CLAUDIA: Eu prendi ele, mas acho que ele se soltou, né.

VERÔNICA: A Regina Machado é a do Nordeste?

CLAUDIA: Regina Machado é quem organiza o 'Boca do Céu' em São Paulo. Estive com ela em dois mil e dezoito (2018), último 'boca do céu' presencial. Ela é autora de vários livros que... de... que trabalha essa questão da arte, da contação de história.

VERÔNICA: Huhum!

CLAUDIA: Eu trago ela na minha dissertação. Eu a conheci pessoalmente. E ela me deu muito apoio. Aliás, todos nós contadores de histórias, nós temos esse negócio de ser muito gente boa!

VERÔNICA: É!

CLAUDIA: Todo mundo se trata muito bem. Todos que eu recorri me ajudaram! Falei: 'óh, tô escrevendo uma dissertação, me ajuda'. E eles me ajudaram! [vozes sobrepostas]. O Gregório foi um padrinho. A Gislana... Gislane Mattos também, que tem dois livros de contação de história, que depois posso te mandar as fotos. Tava aqui ontem, que eu mostrei pra uma amiga, e agora não tá mais, né. E assim, é história, a última agora. A minha preferida agora [gargalhada]...

VERÔNICA: ãh?

CLAUDIA: A minha paixão atual, né, porque.... é o caso do Abadias.

VERÔNICA: Hum!

CLAUDIA: Que eu ouvi de um griô, ele mora aqui em Marabá, o nome dele é professor dos Reis, é o mestre dos reis, ele é... já é reconhecido pelo Ministério da cultura como griô. Ele é negro, e ele foi professor meu de língua portuguesa e hoje já tá aposentado e vive só de ser feliz, contar história, né! E eu sempre vou visitá-lo, como eu te falei, eu tenho uma queda por velho [riso]! Prá ouvir história, mermã! Eu pego... vou atrás, né. E aí, 'oi, professor', aí chego lá, já tomo aquele café com ele. E eles adoram receber visita e contar história, né?!

VERÔNICA: Sim, sim!

CLAUDIA: Aí eu fui visitá-lo esses dias lá, foi em dois mil e vinte (2020), que essa história entrou no baú, dois mil e dezenove (2019), dois mil e vinte (2020). Eu fui lá e 'professor, tudo bem com o senhor?' e conversa vai, conversa vem e aí ele falou esse caso, esse caso que aconteceu em Marabá na década de sessenta (60).

VERÔNICA: Hummm!

CLAUDIA: Aí eu coloquei no baú, ele permitiu, né. Sempre eu cito ele, como a nossa referência, que é um caso do Abadias, contando pelo nosso griô, mestre dos Reis. Ai eu conto

a história. Aí pra começar a história eu fiz tipo um cordelzinho no início e aí eu conto a história. Não cabe música porque é um conto maravilhoso, não cabe música, cabe um cordel, porque é muito ligado a fala, né, o jeito de falar!

VERÔNICA: Que lindo! Você vai guardar essa pro nosso sarau, hein. [riso]

CLAUDIA: É, então, aí eu contei ela já várias vezes, porque quando a gente se apaixona por uma história, tu sabe né.

VERÔNICA: Sim!

CLAUDIA: Uma pessoa escuta, aí fala: ‘conta ela de novo, conta ela de novo’, e eu ‘mas eu tenho outra história pra apresentar’, igual cantor quando quer lançar um álbum novo e o pessoal não quer, só quer ouvir aquela música antiga, eu tô do mesmo jeito. Aí todo lugar que eu vou ‘ah não conta o caso do Abadias de novo’, né, então eu vou te contar rapidinho aqui, só o spoiler.

VERÔNICA: Tá!

CLAUDIA: Tava lá com o mestre né, e aí tomando café e ele contando um monte de história, e eu: ‘mas professor’ e ele ‘não, não foi bem assim’, aí ela vai né... diz que tinha uma cobra desse tamanho, ‘que tamanho professor?’, dess... aí ele vai diminuindo, né, enfim. Aí ele, tãnda, vou te contar uma história verdadeira. Aí eu: ‘tá bom!’ Aí eu fiquei lá ouvindo, daí ele disse ‘em Marabá, na década de sessenta (60), a minha mãe foi trabalhar numa casa de um homem muito rico, ele era dono de um castanhal aí, um negócio de castanhal, dava muito dinheiro castanha. Aí eu digo ‘Ih’, ‘castanha em Marabá era dinheiro demais, minha filha, tinha muito barrão de castanha’. E aí minha mãe foi trabalhar na casa dele. Chegando lá, esse barrão só tinha um (1) filho, tu acredita? E esse menino completou dezoito (18) anos, então resolveram fazer uma festa. Foi festa o dia inteiro, quando chegou a noite, o menino aproveitou que tava todo mundo reunido e disse ‘pai, mãe, eu tenho uma coisa pra contar pra vocês, fiz dezoito (18) anos, sou homem feito e quero conhecer o mundo, quero ganhar a vida, quero ser feliz, quero.... ah, pai e mãe, quero sair pelo mundo!’ O pai, olhou pro menino, meio que choroso, mas engoliu o choro e disse ‘éh, se você quer, então vai, né’. A mãe começou a chorar, se danou a chorar. Ele disse ‘mãe, não chore não, e quero lhe pedir mais uma coisa, antes de eu partir, mãezinha, faz aquele frito que a senhora sabe fazer, aquele frito com aquele arroz, aquele frango, mãe bota banana frita também, aí mãe, bota bastante alho, eu tô sentindo o cheiro mãe, minha boca tá cheia de água’. Aí foi dormir, quando foi umas cinco (5) da manhã, a mãe esquentou o frito que ela tinha preparado, colocou numa lata, fechou, amarrou com pano de prato, parecia que o arroz tinha sido feito com as lágrimas da mãe, a mãe fazendo, chorando, entregou pro filho, ainda chorando. O filho abraçou a mãe e falou ‘mãe, pare com isso, eu preciso crescer’. ‘Mãe, tem banana? Aí ela foi lá e pegou um cacho de banana’, ‘mãe a água’, ela pegou a água, e o pai lá de longe, vendo tudo, ‘huff, deixe de besteira mulher, huff, se ele quer embora deixe, oxe, se é pra ir vá logo’. O menino subiu no cavalo, partiu. Abadias andou, andou muito com o seu cavalo, subiu, desceu serra. Naquele tempo Marabá, tinha muita natureza. E passou por vilarejo, e conheceu gente, e viu pássaros diferentes, viu onça, viu cobra, viu tudo no caminho. Acontece que a comida foi acabando, né. O frito já tava acabando, a banana, a água. O cavalo meio com fome, meio fraco, ele parou pro cavalo comer um pouco de pasto e quando ele tava chegando, encima, bem no alto de uma serra, ele viu de longe uma árvore linda, gente. Era uma árvore linda, grande, frondosa, dava uma sombra. Mas ele olhou bem, bem [ruído de cigarras ao fundo]. E olhou de longe, debaixo dessa árvore tinha uma senhora. E a senhora estava com as mãos levantadas pro alto, clamando e ele ficou curioso. Então ele subiu no cavalo, desceu a serra, chegou perto da árvore e a mulher avistou ele e disse: ‘meu deus, era você que eu estava esperando meu filho, você é o milagre que eu tava pedindo a deus, venha comigo agora, venha, venha’. E o menino sem entender, seguiu a senhora, e o cavalo já fraquinho de fome, ele também que a barriga tava roncando. Chegando lá na casa da senhora, na sala tava toda família reunida, todo mundo rezando, nossa senhora de Nazaré lá no centro, e dentro do quarto ele ouvia uns

gritos, um choro desesperador. A senhora; ‘venha, venha menino, venha logo’, e ele foi pra dentro do quarto. Quando ele chegou no quarto, ele viu uma moça e uma parteira, a moça queria dar a luz e não conseguia dar a luz. Então a senhora disse ‘vai meu filho, faça o milagre, que é você que deus mandou pra mim, o que nós vamos fazer com essa menina? Ela tá chorando desde não sei que horas e esse menino não sai, nem por reza nem por nada. Já rezamo o rosário, já fizemos de tudo e esse menino não nasce’. Aí ele falou assim ‘ah, minha mãe fazia umas rezas lá em Marabá, faça o seguinte, vai lá e traga pra mim um pedaço de papel, uma canela e um barbante. A senhora ficou assim, não entendeu muito, mas tava tão desesperada, foi lá pegou o papel de embrulho, pegou a canela e pegou o barbante. O menino falou assim: ‘agora a senhora me dá licença’. Ele se abaixou, escreveu alguma coisa, dobrou em vários pedacinhos, como se fosse um... amuleto! Dobrou, pegou o barbante, e fez um cordão, fez uma oração lá que ninguém entendeu e colocou o cordão no pescoço da menina. Aí a mãe falou assim ‘e agora meu Abadias, o que nós vamos fazer?’, ‘agora, nós vamos lá pra fora esperar’ e os dois (2) saíram do quarto, ficou só a menina e a parteira. Passaram-se cinco (5) minutos, ouviu-se um choro. Mas agora não era choro dela desesperada não, era choro de bebê! Ah, foi aquela festa! Todo mundo começou a agradecer Abadias e a mãe da menina disse: ‘o nome do meu neto vai ser Abadias, muito obrigada, você é um milagre, o que que eu posso fazer por você, meu filho?’. Aí ele disse: ‘se a senhora pudesse fazer um frito igual minha mãe faz pra mim. Se a senhora pudesse me dar um bucadinho de água e banana, eu ia lhe agradecer muito’. A senhorazinha foi lá, fez aquele frito, preparou a água, preparou as bananas mais bonitas que tinha, amarrou tudo, entregou na mão de Abadias. Quando Abadias já estava indo embora ela disse: ‘mas meu filho, você não pode ir embora, e quando alguém tiver de parto e não conseguir ter, como é que nós vamos fazer, meu filho?’ Ele disse: ‘calma tia, faça o seguinte, toda mulher que tiver com dor de parto, você pega esse cordão, e põe no pescoço, mas não pode ler o que tá escrito, tá bom tia?’, ‘tá bom, meu filho’. E Abadias partiu, continuou suas vida, sua vitória, subindo e descendo, conhecendo gente, parando e parando em vilarejo [entonação de voz diferente ao decorrer da história]. Desde aquele dia, toda mulher que tinha dor de parto, recebia o cordão, e acredite, era como se fosse um amuleto, era milagroso, toda criança nascia. E nasceram muitos Abadias, muitos Abadias! Até que um dia, uma curiosa resolveu ler o que estava escrito, e advinha o que tava escrito? [segundos de silêncio]

VERÔNICA: Huhum!

CLAUDIA: Ai nessa hora que eu chamo o público né. O público interage e diz o que que tava escrito. E as crianças contam tanta coisa que tava escrito, né. Umas inventam na hora, aí fica aquela confusão: ‘o que que tava escrito, o que tava escrito, né?’. É o momento que a gente interage mais com a plateia. Então, essa história quem me contou foi ele. E... veja que é uma história, que tem toda jornada de um herói, né, exatamente, veja como a sabedoria popular é. Se você for pegar o Mariano Suassuna, né, nós que somos conterrâneos, do nordeste!

VERÔNICA: Sim!

CLAUDIA: Se você for pegar personagens tão ricos com Chicó, João Grilo, nós temos aí o Abadias que tem as mesmas características, a jornada do herói que para vencer as dificuldades, usa a astúcia, usa a palavra. Então pra nós que somos de letras, pegar uma história dessas, de origem popular, contada por um senhor, que ouviu da mãe dele, que dá esse presente pra gente, como é que eu vou levar essa história pra alguém? Eu preciso fazer o que pra levar essa história? Eu acho que eu preciso viver essa história! Eu fui com o Abadias lá né, por horas eu fui o Abadias, por horas eu fui a mãe da menina, horas eu fui a menina desesperada, né. E o amuleto, o que que tava escrito no amuleto? Aí você se bola de rir quando ele fala, no áudio, que eu gravei o áudio e... ‘eu posso gravar?’ aí ele ‘pode!’: ‘eu estando com a minha barriga cheia, e o meu cavalo também, quem quiser parir seus filhos, que para que eu não tenho nada haver com isso’, né.

VERÔNICA: [riso]

CLAUDIA: Então, então é toda essa questão da sabedoria popular. Ele simplesmente não olha pra ti e fala, ‘olha, a moral da história, a fê que cura’, ele trás essa brincadeira, ele trás essa alegria da sabedoria popular né. Então como é que eu vou levar isso para a escola, como é que eu não vou deixar isso pedagogizante? Como que eu vou deixar a criança se divertir com a história sem dizer para ela qual é a moral? É isso que eu tento fazer né, na, no meu baú, no meu percurso história. É não dizer o óbvio, deixar que as crianças criem suas possibilidades. Então, nesse momento que eu dou esse branco, ah, surge muita coisa! Já até anotei, já fiz até uma oficina que eu anotei tudo que elas vão dizendo.

VERÔNICA: Daí a criatividade voa né!

CLAUDIA: É! Assim como ele fez comigo. Ele ficou lá me instigando: ‘e aí, o que foi que tava escrito? Vai, diz, tu é tão esperta, né, tá no mestrado, diz aí o que tava escrito’. Sabe, tipo isso né. Era aquilo que meu pai fazia com a gente, desafiando a gente o tempo todo. Conhecimento não tá pronto, o conhecimento está aí para a gente construir juntos né, é vivencial, não existe alguém mais sábio ou menos sábio. Então eu acho que as histórias, ela é muito democrática, ela tem esses espaços aí, onde todo mundo é igual, onde todo mundo pode ser um pouquinho daquela personagem ou não ser. Então é esse momento do simulacro da vida, né, que você simula uma situação da vida e você se percebe naquela situação da vida. Você pode usar hoje ou você pode usar daqui a cinquenta (50) anos o Abadias, essa história do Abadias, ela fica dentro de você! Aí eu tento ir por esse caminho, né. Quando você fez aquela pergunta, em que que você se inspira, o que que você usa pra contar, geralmente eu conto assim, como se tivesse contando uma fofoca pra ti aqui e aí eu vou vivendo a história, e não sei se você se envolveu comigo, não sei você foi lá com o Abadias comigo.

VERÔNICA: [riso]

CLAUDIA: Mas eu tento ser o mais natural possível. Como se fosse um bate-papo mesmo.

VERÔNICA: Eu me envolvi com você, com o modo como você foi contando, né. Foi me deixando mais interessada em ouvir, né.

CLAUDIA: Porque aí tem, tem essa questão da... [vozes sobrepostas] é como se você tivesse vendo a ondulação assim, sabe, na fala.

VERÔNICA: Sim, sim!

CLAUDIA: Que é o próprio movimento do cavalo, o sobre e desce de montanhas. O Pará, porque não tem comida, sentir a fome com o cavalo, então acho que é isso, eu vou dividindo por partes, vou vivendo cada parte da história, o momento da empolgação da juventude, que nós somos todos empolgados, tudo é possível!

VERÔNICA: Sim!

CLAUDIA: Aí vem as dificuldades. Ai como que eu vou enfrentar essas dificuldades? Então eu tento viver isso com o personagem, ele vai crescendo, essa busca do crescimento dele individual, ele foi preciso deixar o pai e a mãe pra poder viver as dificuldades e se conhecer, né. O autoconhecimento do herói, então é por aí, sabe.

VERÔNICA: A contação de história, hoje você vive profissionalmente da contação de histórias?

CLAUDIA: Vivo! Eu abri um MEI, um MEI né. A minha irmã me orientou, ela é administradora, então ela me ajudou a abrir uma empresa. Ai eu faço contratos, faço também muita coisa voluntária, acho que contador de história é muito, muito doação também né.

VERÔNICA: Sim!

CLAUDIA: Faço muita coisa de graça também, principalmente para escola pública. Geralmente eu faço de graça para escolas públicas, me chamam, eu vou mesmo! Sou do povo!

VERÔNICA: Ah, sim!

CLAUDIA: Agora quando é escola particular eu cobro, porque né, você sabe que é diferente escola particular e pública.

VERÔNICA: Sim, sim!

CLAUDIA: As professoras da escola pública geralmente me chamam. Da biblioteca eu vou de graça. Da biblioteca agora a gente tá gravando um vídeo e vai ser de graça. E aí, por exemplo, pra Vale eu já cobrei, né. Eu vou dar uma oficina agora, do dia sete (7) ao dia onze (11), já tô montando a oficina. Vendi a oficina, vai ser paga, entende? Então de acordo com o público é um valor. De acordo com... eu estudo o público primeiro, se é pra escola pública eu geralmente não cobro, ou então se é pra um professor eu cobro um valor simbólico. Junto às professoras todas, ‘CLAUDIA, quero que você dê um oficina’ aí claro que é um valor simbólico.

VERÔNICA: Sim!

CLAUDIA: Se é pra Vale claro que é outro valor. Então eu vejo muito isso. E agora eu posso dar a nota fiscal, né, que antes tinha esse entrave de não ter nota fiscal, aí a minha irmã me ajudou a abrir a empresa agora em março. Ai já tô com a empresa a algum tempinho já, prestando serviço, desde contação...

VERÔNICA: E continua dando as aulas?

CLAUDIA: Espetáculo, o que me chamarem eu faço.

VERÔNICA: E continua dando suas aulas?

CLAUDIA: Então, desde que começou a pandemia ai eu nem te falei que eu mudei de novo, né [gargalhada]. De Marabá eu vim parar em Parauapebas e tô morando na serra de Carajás. Não sei se você já ouviu falar da...

VERÔNICA: Sim!

CLAUDIA: Da serra de Carajás, que é uma reserva florestal.

VERÔNICA: Sim!

CLAUDIA: Eu tô morando agora na serra, aí eu cheguei aqui na pandemia. Deixei o meu currículo em Parauapebas, só que não consegui emprego, porque devido a... a pandemia, né. Eu não consegui, mas eu deixei o currículo e tô articulando aí pra... estudando pra concurso né, e fazendo o serviço de contação de história. Então agora você tinha me perguntado isso que você está fazendo, eu tô vivendo profissionalmente de contação de história. Tem um (1) ano já.

VERÔNICA: Claudinha e essa...e... esse momento de pandemia, que você falou, como é que foi o compartilhamento. Como é que você fez um compartilhamento dessas histórias?

CLAUDIA: Eu tô me reinventando. Tô me reinventando. Tô fazendo tudo por... pelo Meet, ahm... faço também pelo Teams, é de acordo com a empresa. O SESI me pediu pelo Teams ai eu fiz pelo Teams. Eu já fiz duas oficinas para o SESI, já contei história pro SESI também. A Vale também foi pelo Meet, duas vezes. Agora tem essa oficina do dia sete (7) ao dia onze (11), vai ser uma semana de oficina, vai ser aberta e gratuita para a comunidade.

VERÔNICA: Hum!

CLAUDIA: Depois até te mando, se quiser divulgar por ai.

VERÔNICA: Quero, quero assistir também!

CLAUDIA: Pois é, eles vão fazer agora o panfleto. Eu contei histórias para eles, aí tudo pelo Meet. Tô me reinventando, aí eu criei o baú da Claudinha, lá eu faço live. Aí eu ganho muito livro, os escritores quando vê mandam o livro pra mim. Para quem gosta de ler, às vezes não tem dinheiro, mas ganha o livro, então já fico feliz.

VERÔNICA: Com certeza, é muito legal, muito bom mesmo!

CLAUDIA: Aquela escritora mesmo, a Milena Barazetti, me mandou dois (2) livros, disse que vai mandar mais três (3). Então, aí gente, tudo é alegria pra nordestino, tudo é felicidade né!

VERÔNICA: E como você vai fazendo essa interação com esses escritores, como é que é essa interação?

CLAUDIA: Como eu trabalho na biblioteca, eu sempre fiz esse trabalho. Daniel Mundurucu, eu conheço, escritor indígena, que é daqui, paraense. Eu sou uma pessoa entrosada [riso]. Como diz meu esposo: ‘tu conhece?’, eu digo: ‘ah, acabei de conhecer’. Ai, a pessoa gosta de mim naturalmente e fala: ‘eu vou contigo, não vou cobrar nada, eu vou fazer a live contigo.’ Então até agora eu não paguei nada pra ninguém, eu faço é ganhar presente deles [riso]. Então...

VERÔNICA: Que ótimo!

CLAUDIA: Porque eu divulgo o trabalho, né. A Vale já assiste lá e já me chamou, ‘ ah, eu gostei do seu trabalho, quero que você faça uma oficina, com os professores daqui do município, vai ser de graça pra todo mundo’. E... vai aparecendo os convites, né. Apareceu um convite pra empresa de São Paulo, a companhia xequemate, contratou também, vendi outra oficina pra eles. Viram no Instagram, gostaram do conteúdo.

VERÔNICA: Lá no baú, lá no baú da Claudinha?

CLAUDIA: É, vai vindo os convites. As mães que veem o Artur lendo, o jeito que o Artur lê. Ai, ‘eu quero que meu filho leia, me dá uma consultoria’, ai eu dou uma consultoria pra mãe, ajudo a escolher os livros, pra comprar livros, aí vou vendo né, vou ajudando. Vou divulgando, muitas me pedem dica no PV: ‘me ajuda aí, meu filho tem dez (10) anos, o que que eu compro? o que que ele gosta de ler? Me ajuda’. Ai eu tenho ‘live com o filho’, aí o Artur dá dicas, eu também, aí a criança começa a ler de novo! É nesse movimento assim!

VERÔNICA: Então assim, você conta história não só para crianças?

CLAUDIA: Não, o meu repe... como eu te falei, o meu repertório tem história de adulto, tem história de criança. Esse Abadias é um que serve tanto pra criança como para adulto. Mas geralmente os adultos se divertem mais do que as crianças, né.

VERÔNICA: Sim!

CLAUDIA: Tem a do pássaro encantado, que eu conto, que é um conto africano, que também serve pra adultos. Tem as anedotas lá do nordeste, lá do Ceará, né. Que é mais pro público adulto.

VERÔNICA: É!

CLAUDIA: Que envolve piadas, você sabe como é que é, apimentada. Então como eu te falo, o meu repertório vai desde o contos de fadas até sabedoria popular, tem lendas de Matinta, tem lenda do boto... éh, eu fiz um livro agora deve ser lançado em janeiro, que é o menino e a Matinta. Que conta a história de uma pessoa que viu a Matinta. Esse menino viu mesmo, eu entrevistei ele, hoje ele é meu amigo, ele já é grande, mas na época era uma criança. Ai eu fiz o reconto, então é esse movimento.

VERÔNICA: Que legal! Que legal, a história da Matinta é linda!

CLAUDIA: É!

VERÔNICA: Eu gosto muito!

CLAUDIA: Aí quando sair o livro eu te mando também! Porque eu fiz mais pra... pra distribuir. Eu não pretendo ficar rica não, vendendo livro [riso]. Mas já tenho esse que tá em andamento e tenho dois (2), que eu mandei pra editora. Que o outro é ‘Belinha, posso ficar aqui’, que é história de uma cadelinha, baseado em fatos reais também. A bichinha foi tão doada, tão viveu de tanto sendo trocada que ela chega um momento que ela fala: ‘posso ficar aqui?’. Muito bonitinho também.

VERÔNICA: Que graça!

CLAUDIA: Tem, e tem a outra também ‘o vai-e-vem do meu mundo’, que é a história de uma menina que se encontra, éh... tem uma experiência com a Matinta também, numa fazenda, então assim, tem história para todas as idades.

VERÔNICA: E Matinta é bem do imaginário de todo mundo aí dessa região.

CLAUDIA: É, aqui é muito comum, toma café com a Matinta. Deixar um cigarrinho pra ela, um fumo na janela.

VERÔNICA: [riso] um fuminho na janela, né?!

CLAUDIA: É, a gente foi criada aqui em casa respeitando a Matinta, meu pai dizia ‘mas menino’. Não podia nem falar o nome dela.

VERÔNICA: Histórias de boto né.

CLAUDIA: É! Não podia nem falar o nome dela. O boto ihhh, o boto era muito conhecido.

VERÔNICA: A lenda do pirarucu.

CLAUDIA: Sim, sim, sim!

VERÔNICA: [riso] legal!

CLAUDIA: Muito conhecido. A porca de bobis, a mulher de branco, saci pererê, muito comum ele vim e esconder a chave do meu pai. Meu pai ficava puto com ele. Ele pegar a chave pra sair e a chave não aparecer. E ele ficava danado com a chave e dizer ‘aquele saci me paga’. Então assim, a gente foi criado, da minha mãe salgar a comida e dizer que foi o saci: ‘me distrai o saci jogou sal na comida’.

VERÔNICA: Aham!

CLAUDIA: Então assim, era muito comum. Pra gente assim, natural. Tipo, viver aquilo no nosso imaginário, era muito natural, pros meus pais, pra nossa família!

VERÔNICA: E que aprendizagens você assim... dá de destaque, que você aprendeu com essas histórias, que você conta o que você escuta também.

CLAUDIA: Não entendi, como é que é?

VERÔNICA: Quais são a...as aprendizagens né, que você desenvolveu. Tanto quando você escuta essas histórias, como quando você narra.

CLAUDIA: É, então, mesmo sendo professora, mesmo sendo filha de professora, eu descobri que a literatura e as histórias de boca não ensinam nada, não servem pra nada. Minha mãe dizia isso muito claramente. Quando eu perguntava ‘mas pra que serve isso’, ‘oxe, pra nada, pra gente poder ouvir’. E eu aprendi isso lá em casa, então quando eu levo um livro, pra escola, quando eu levo um livro pras crianças, primeiro eu levo como estética mesmo, como prazer, sabe. Para primeiro adentrar as camadas daquela leitura. Então, quando eu levei o pequeno príncipe, alguns alunos me perguntaram: ‘mas porque que eu vou ler isso, tia?’ eu disse ‘pra nada, só pra gente lê mesmo, só pra vocês conhecerem’. Aí já desarmo as crianças, não peço pra fazer isso, nem fazer aquilo, nem falo que vai ter uma redação no final, eu disse: ‘não, vamo ler, se vocês gostar a gente continua’, aí nisso eu prendo a atenção deles, nisso eles vão comigo. Eles... tinha uma professora lá que eles diziam: ‘tia, tem uma professora aqui, que ela já fala um livro e já fala pra gente fazer uma redação, ou fazer um desenho, não aguento mais, é isso que a senhora vai fazer com a gente?’, eu falei ‘ não, eu vou mostrar pra vocês o livro, vou apresentar pra vocês o Super Ri, que é um francês, que...ele adora... aí já começo, ele era um piloto de avião, e todo mundo que ele ia mostrar os desenhos, ele dizia assim ‘ pra que que eu quero um chapéu?’, aí dali eu já começo a história. Aí eu mostro a página ‘não, eu não quero um elefante dentro de uma jiboia’, aí dali eu já começo. Então, é muito isso, eu acho que antes de dizer aprendizagem, a gente aprende desaprendendo. Primeiro começa por aí, com as histórias a gente desaprendendo, começa por aí. Com as histórias a gente desaprende, a gente sai dessa rotina normal, desse dia a dia normal, primeira possibilidade é essa. É você romper com a linearidade da vida, com aquilo que tá já preestabelecido. A vida já é muito chata, a gente fica trancado dentro de caixas o tempo todo. Exigem comportamentos nosso o tempo todo, principalmente das crianças. Nós deixamos de ser criança muito cedo [ruído do Whats web]. Então, na minha casa a gente era motivado a ser criança. E as histórias nos mant... nos mantiveram assim dentro desse universo assim, de ser criança. Meu pai era uma criança. Então eu acho que as histórias servem pra gente brincar, ser brincante. Primeira resposta que eu te daria, pra que servem as histórias: pra gente brincar! Pra gente viver o faz de conta! Que cortam isso da gente muito cedo! Se é pra ter realidade, não tenha literatura! Eu acho que a literatura vai além da realidade, ela te dá possibilidades, de tu olhar a vida de outras formas, de ver outras coisas que não estão tão evidentes. Então, quando eu levo uma história, Alice no País das Maravilhas, os meninos falam assim ‘ nã, isso aí não existe não’, eu falei ‘ existe, aqui no livro existe, borah continuar?’. Quando eu conto a lenda da Matinta: ‘ huhum, tia isso é mentira’, ‘ olha, que tem um menino que eu conheci que viu a Matinta’. Então acho que é por aí, as aprendizagens, elas vem no diálogo com a história, no diálogo com as pessoas, no você se permitir viver aquele momento. Você sai um pouco, você fica ali tipo suspenso, né, suspenso no ar. Então por isso

que a coordenadora ia lá na minha sala, pra saber porque eles tavam tão quietinhos, o que que eu tava fazendo para eles ficarem tão comportados olhando pra minha aula. E quando eu ia embora era aquela loucura, ‘não tia, troca de horário com tio fulano, fica mais um pouquim’. Acho que é isso, é você se perder no tempo, se perder no que tá fazendo, paralisar o tempo. A mesma resposta que eu dei para meus alunos do ensino médio, quando eu trabalhei com eles ‘Os sofrimentos do jovem Werther’, que eles ‘ai, isso é uma frescura professora, morrer por amor, morrer por... esse cara era louco, se suicidá, no século XIX por causa de amor’. Ai lá vai eu, fazer toda essa contextualização, trazer o jovem Werther, trazer o Goethe, ai eu falo assim ‘eu posso contar pra vocês, vocês permitem eu falar pra vocês?’. Ai sempre tem um que levanta e fala ‘ah, isso não vai cair no ENEM, pra que serve isso, pra que serve a literatura?’. Ai eu falo pra ele ‘pra nada’. Porque o doce e útil ficou pro passado, ficou pra vida real, a literatura é pra você ir muito além do doce e útil né, que é aquela ideia do pedagogizante, de ler isso pra tirar uma moral daquilo, pra aprender aquilo.

VERÔNICA: Huhum!

CLAUDIA: Você aprende vivendo, eu acho que é por aí! Então quando eu preparo uma aula prum aluno, quando eu preparo um autor, uma Cecília Meireles, uma Clarice Lispector, sei lá, um Machado de Assis. Antes de começar a aula eu começo falando dos autores, que eles eram gente como a gente. E eles viveram num contexto histórico, estiveram num momento histórico, e naquele momento aquilo tinha muito sentido para eles. Quando eu trabalho Monteiro Lobato, também levo o universo Monteiro Lobato: quem foi Monteiro Lobato, onde ele foi criado, quem eram seus pais. Tipo esse percurso que você está fazendo, quem é a CLAUDIA, né. É tipo isso, aí eu chego na obra de arte. Que pra mim o livro é uma obra de arte, que é pra ser degustada, saboreada né, a história é uma obra de arte, é um sabor, um tempero pra vida, eu vou por esse caminho.

VERÔNICA: Ótimo, eu saí do chão, fiquei levitando assim pra te ouvir!

CLAUDIA: [riso] Mas é porque eu falo o que eu tô sentindo, sabe. Isso é muito real pra mim. As histórias são isso, as histórias são libertadoras, principalmente pra nós mulheres, nós somos muito... o tempo todo julgadas né. Por exemplo, quando eu li ‘mulheres que correm com os lobos’ de Clarissa Estés Pinkola [trocou a ordem dos nomes na fala], eu falei ‘caramba, eu nunca tinha olhado por esse ângulo os contos de fadas, que ela trás os contos de fadas e ela vai mostrando os arquétipos femininos que vão aparecendo lá. Então a cada leitura eu me apaixono, eu descubro coisas diferentes, se eu pegar o livro daqui há dois anos eu vou ver outras coisas. Então é uma obra de arte, tem que contemplar mesmo, pra gente ficar assim bobada, sabe. E pra que serve? Pra isso, pra gente falar: ‘meu deus, como assim?’. Acho que é isso, tirar nosso chão mesmo. A literatura serve pra isso, pra te dar uns tapas na cara e dizer assim ‘acorda’[estalar de dedos]!

VERÔNICA: E é preciso repensar é... é... é... esse, esse jeito de ver a literatura dentro da escola, né.

CLAUDIA: Ai! E de exigir das crianças um olhar que elas não vão ter naquele momento.

VERÔNICA: Sim!

CLAUDIA: Tem muitas histórias que eu ouvi, por exemplo, no sexto (6º) ano, quando eu vi Júlio Verne. Nossa, eu li agora adulta, pro meu filho, terminei esses dias o ‘volta ao mundo em oitenta dias’, falei: ‘caramba, eu não tinha olhado por esse lado, eu não tinha essa maturidade, como é que a professora queria que eu tivesse visto isso?’, ela perguntou em tal prova isso, eu nunca nem tinha olhado por esse ângulo, eu era criança, eu queria somente viver as aventuras com nosso amiguinho lá, o Vogue. Não queria saber por que e nem onde.

VERÔNICA: Mais nada, né?!

CLAUDIA: Eu não queria saber o porquê, eu queria viver aquela aventura. Então, muitas vezes os professores que estão a frente do processo, querem que as crianças enxerguem o mundo com o seu olhar e não tem como! Invés deles se enriquecerem com o olhar das crianças, eles querem

impor o olhar deles pras crianças, aí acontece a repulsão! Invés de acontecer a aproximação dos dois universos...

VERÔNICA: Sim!

CLAUDIA: Que é universo do professor e o universo da criança, eles se repelem. Porque eu vou com aquele olhar impositivo, que é o que tem na obra de fato. Tem uma leitura ali posta, tem um conteúdo, que eu tenho que dar, que o sistema me obriga, mas por que não conciliar com a fala dessa criança? Pra que ela se sinta assistida, que ela se sinta maravilhada, e você também se maravilhe com o olhar daquela criança. Então as minhas aulas de literatura é muito por isso, sabe, eu me coloco no lugar da criança! Eu falo o olhar do adulto, mas ‘olha, interessante, eu não tinha visto por esse lado’. E aquilo eu já coloco no meu repertório! O problema é que a gente, muitas vezes na escola pública, a gente é educado num curso de letras, num curso de pedagogia, pra não ouvir a criança!

VERÔNICA: É!

CLAUDIA: E sendo que ele faz parte do processo. Como é que eu vou atropelar o pensamento de uma criança? Eu tenho que ajudar ela a amadurecer aquele pensamento e partir do conhecimento de vida dela. Primeira coisa que a escola impõe é ignorar o conhecimento que ela traz de casa, é justamente o inverso, e eu venho com aquela ideia impositiva de mostrar o que eu sei, quanto mais eu sei, melhor ainda. Se eu não souber ‘nossa, senhora, eu sou o deus saber, eu tenho que saber’. Né, aí eu fal... eu faço o movimento inverso, a minha coordenadora ficava doida comigo. Eu começo com uma chuva de ideias, então se eu vou trabalhar ‘a volta do mundo em oitenta dias’, eu mostro a capa do livro: ‘o que que vocês entendem disso aqui?’, aí começa ‘ah isso, é aquilo’, vou anotando no quadro, aí a partir daí a gente vai começar a ler a obra, desde a capa: ‘o que que vocês ouviram falar do Júlio Verne, alguém já assistiu algum filme?’, aí vou anotando ali. Então fica para a próxima aula, ‘eu quero que todo mundo traga alguma coisa... algum conhecimento disso’, é nessa ideia de provocação. Porque isso é literatura, essa literatura que foi feita, fabricada dentro de um contexto histórico, dentro de um autor que viveu o momento, quem tem que ter esse conhecimento é nós, não é a criança. Aí depois, com o passar das aulas, por isso que eu trabalho sequência didática, até chegar no conhecimento que eu tenho que ter e tenho que compartilhar com a criança. Não é obrigando a criança, a ter esse conhecimento logo na primeira, segunda, terceira aula, como os professores fazem, e fazem uma prova e um resumo e uma redação, e um desenho. Aí fica aquela literatura que já tem um fim e um início, já tá tudo predeterminado, né, a criança tem que fazer e pronto. Ela já sabe, já é uma receita e aí, quem matou fulano e aí pronto, acabou. Então, como eu fui aluna de escola pública e tive a sorte de professores que fizeram isso comigo. Eu tento levar isso pra minha sala de aula. Tive professores muito bons, tive a minha mãe que trabalhava nesse sentido...

VERÔNICA: Huhum!

CLAUDIA: De ouvir a gente na hora da leitura da bíblia, como eu te falei no início.

VERÔNICA: Sim!

CLAUDIA: Mesmo se a gente falasse algo que não tinha nada haver, ela dizia ‘é, minha filha, pode ser, mas’, a gente já sabia que esse ‘mas’ ia trazer uma visão mais madura. Aí na próxima vez que tivesse aquela leitura, eu já ia ter a minha visão, e mais a visão mais madura da minha mãe. Não que ela ia falar, a sua tá errada, ela ia dizer ‘óh, é, pode ser, eu não tinha olhado pra esse lado, mas eu acho que é assim, assim e assim’! Então a nossa educação foi muito assim, de encorajar a gente, sabe, a falar, a pensar: ‘tem certeza?’.

VERÔNICA: ‘É isso mesmo?’

CLAUDIA: ‘É isso mesmo?’ né. E quando a gente não lia também, ela sabia né. Porque ‘humm, você leu mesmo?’, quando ela falava aquilo eu já tremia na base, se eu não tivesse lido: ‘ não mãe, não li não, não vou mentir pra senhora’.

VERÔNICA: [riso]

CLAUDIA: Então a mesma coisa com os meus alunos, eu tenho uma proximidade com eles, de

eu chegar e: ‘você leram mesmo Camões? Então me digam do gigante Adamastor’, aí já tira as pernas do aluno, ‘aí, ela leu mesmo, a professora sabe né’.

VERÔNICA: [riso] As... eita que coisa boa!

CLAUDIA: Acho que é por aí.

VERÔNICA: Hum! Olha, éh... eu acho que conversar com você foi a melhor coisa da minha semana!

CLAUDIA: Eu falo demais, né?!

VERÔNICA: Do meu dia.... Ah, mas isso é bom e eu amo ouvir. Foi muito bom ouvir você!

CLAUDIA: [riso]

VERÔNICA: Foi muito bom aprender com você. Você me fez éh... sair do chão e ficar aqui, né, e me sentir. Apenas sentir você e ouvindo suas histórias de vida, suas experiências enquanto contadora de histórias, professora, então parabéns pelo seu potencial, né, por essa pessoa tão interessante que você é! E que as labaredas de fogo realmente né, cada dia, traga luz pra você. Pra você ser mais iluminada ainda e eu quero agradecer!

CLAUDIA: Eu tô à disposição, no que você precisar de mim, que for pelo Meet, que eu puder fazer. Se precisar de ajuda, qualquer grupo de estudo que você tiver, se quiser me colocar, eu sempre tenho disponibilidade, eu sempre dou um jeitinho. Porque nordestino sempre tem um jeitinho, sempre dá um espaço pra todo mundo. [vozes sobrepostas] Quando você me convidou, eu fiquei muito feliz de fazer parte desse momento seu, porque éh... eu queria te dar muita força, queria dizer que você é muito capaz, que você vai conseguir!

VERÔNICA: Obrigada!

CLAUDIA: Você vai chegar lá, e eu quero estar com você para celebrar esse momento. É um momento muito difícil, muito solitário, esse movimento de pesquisador, mas que você tem que ter em mente que o canto do pássaro tá dentro de você, não deixe o pássaro ir embora sem deixar esse gostinho do pesquisador, que é perguntar, instigar, escrever, chorar, de uma página só dá um parágrafo, não desista! Lembre das pessoas que você está envolvendo na sua pesquisa. Lembre da importância que essa pesquisa tem pra você e pra essas pessoas e pra comunidade. Então vai ter dia que você vai ficar muito pensativa, cansada, desanimada, mas daí eu te digo o seguinte, eu lembro de uma história que me contaram há muito tempo, do griô. Há muito, muito tempo na África, todos os dias o griô ia para debaixo de uma baobá, e esperava a comunidade ouvi-lo. Todos os dias ele fazia esse movimento, perto do pôr do sol, ele ficava debaixo do baobá, e vinha uma multidão de gente ouvi-lo, e ela contava as histórias mais belas da África, mais belas do seu povoado. Acontece que o tempo foi passando e as pessoas começaram a diminuir, diminuir e diminuir. Até que um dia só tava ele debaixo do baobá e chegou só uma criança. E essa criança ficou lá, de bracinho cruzado. Quando começou a dar...quase o pôr do sol, o senhorzinho começou a contar história, o griô começou a contar história. O meninozinho ouviu atentamente. No final da história o meninozinho falou assim ‘mas o senhor contou essa história só pra mim? o senhor não desistiu de contar a história? só tinha eu aqui, o senhor lembra que vinha um montão de gente e agora só tem eu, e mesmo assim o senhor contou a história com a mesma empolgação, com a mesma animação, não entendi’. Ai o senhorzinho olhou pra ele, olhou pro pôr do sol, que já tava chegando e disse: ‘antes eu contava histórias pra mudar o mundo, hoje eu conto histórias para que esse mundo não me mude.’ Então, a sua tarefa enquanto professora, a minha tarefa, as nossas vivências, as nossas... quanto pesquisadoras, por mais que a gente não fique rica com isso, você sabe que não é pra gente ficar rico. Por mais que a gente não tenha mais aquela multidão de pessoas pra nos aplaudir, às vezes. Por mais que a gente não tenha atenção de todos, às vezes. Mas se tiver uma pessoa pra te aplaudir, pra ficar contigo e se você tiver isso muito forte dentro de você, a importância, disso pra você, continua, segue em frente! Então várias vezes, no mestrado, eu parei e pensei: ‘que diabo que eu tô fazendo aqui, o que que eu tô fazendo com a minha vida?’ Porque a multidão foi sumindo, é muito solitário. Esposo vai se afastando às vezes, os filhos reclamando de atenção, os amigos zangados que

marcavam café e eu não ia, o almoço de família que eu deixei de ir. Então, foram dois (2) anos de muita cobrança, e que eu fiquei várias vezes sozinha, eu, o notebook e os livros, e, aquela certeza: ‘eu vou conseguir’!

VERÔNICA: Que maravilha! Eu vou conseguir!

CLAUDIA: É, você vai conseguir. E se precisar chorar chore. E se precisar de terapia faça!

VERÔNICA: [riso]

CLAUDIA: Se precisar tirar um domingo pra comer besteira coma.

VERÔNICA: Ótimo, ótimo!

CLAUDIA: É nesse movimento, mermã. É movimento de fênix, vai e vem. Vai e vem!

VERÔNICA: Vai e vem, vai.

CLAUDIA: Te desejo toda sorte do mundo e se precisar estou aqui, pra te ajudar, viu?!

VERÔNICA: Muito obrigada! Eu quero agradecer muito você! Muito obrigada mesmo. Acho que a gente podia fazer uma foto antes de concluir aqui.

CLAUDIA: Pode ser. Deixa eu me ajeitar aqui. Se ajeita [riso].

VERÔNICA: Tá, eu vou me ajeitar e você faz daí? Ou eu faço daqui do print.

CLAUDIA: É melhor você fazer daí porque meu computador não tá muito bom, não. Ele não é dos tops não, já é...

VERÔNICA: Tá, perai.

CLAUDIA: Já é, deixa eu ajeitar aqui!

VERÔNICA: Morro de medo de perder tudo aqui, mas não vai perder não. Então, vamo lá.

[segundos de silêncio], [inaudível].

CLAUDIA: Deu certo?

VERÔNICA: Peraí [inaudível].

CLAUDIA: Agora fiquei com o olho fechado.

VERÔNICA: É, vamo fazer outra. Vamo fazer outra [inaudível], eu vou me ajeitar!

CLAUDIA: [riso] ah, eu tô tentando me ajeitar, dá pra sobreviver.

VERÔNICA: Como dizia minha prima: ‘Ah brólios, Ah brólios’ [riso], [ruído de criança ao fundo]

CLAUDIA: Pronto?

VERÔNICA: Peraí, só um (1) minutinho. Já fez a foto: ah, ficou ótima! Então agradecer à você por esse momento bonito, nós duas assistimos, aprendi muito com você e nós vamos conversando. Eu quero ler a sua dissertação, tá? E depois também, se você tiver algum contato dos contadores de história, se você quiser me passar, eu agradeço! E vamos continuar nossa conversa.

CLAUDIA: Você falou com a Eliane, né? Você falou com a Eliane, né?

VERÔNICA: Como?

CLAUDIA: Você falou com a professora Eliane?

VERÔNICA: Falei!

CLAUDIA: Ela que é a coordenadora dos nossos contadores aqui, ‘rede marabela de histórias’, ela que pode fazer a ponte pra ti, eu sou só uma pobre mortal [gargalhada]. Essa parte de fazer as pontes contigo é com a Eliane, ela que coordena a gente aqui em Marabá.

VERÔNICA: Ela me contou.

CLAUDIA: Ela que faz o movimento. Mas eu posso te ajudar... eu posso te ajudar com trabalhos, se você precisar informações, assim...

VERÔNICA: Tá! E depois eu vou te colocar no grupo do Redemoinhos, esse é um grupo por email. Dai eu vou te mandar o email deles e você envia a solicitação para ingressar. É um grupo do Brasil inteiro, um grupo muito importante, acho que vale a pena. A professora foi também, a professora Eliane. Ai eu também tô lá!

CLAUDIA: Tá bom!

VERÔNICA: Eu acho que é um lugar que a gente pode abater, outras coisas então.

CLAUDIA: Tá certo então, tô super aqui.

VERÔNICA: Querida!

CLAUDIA: Pode contar comigo tá, fica com Deus.

VERÔNICA: Óh, um abraço no teu coração.

CLAUDIA: Abraço, e que nossa senhora do Nazaré te guie e te ilumine. As histórias te guiem e te iluminem!

VERÔNICA: Eu vou agora gravar.

[segundos de silêncio]

CLAUDIA: Tchau, tchau [som de beijo].

Entrevista com Eliane Soares

VERÔNICA: Eu acho que começou, né.

ELIANE: Ok!

VERÔNICA: Que ótimo! Então, é com muita alegria que eu... hoje estou aqui, nessa conversa, é uma conversa sempre muito boa, porque falar de contação de histórias é... é muito agradável né?! Faz bem pra gente, né?! E aí éhhh, a Jaciele, eu acho que você não lembra dela...

ELIANE: Não. Ela foi aluna ou ela foi de alguma...?

VERÔNICA: Ela, na verdade, ela foi aluna aí, mas ela foi orientanda da professora Nilza Brito.

ELIANE: Ah tá!

VERÔNICA: A Nilza é muito sua amiga, né, você são amigas?!

ELIANE: Sim, sim, sim!

VERÔNICA: Então, ela falou: 'VERÔNICA, a professora... a professora deve não me conhecer, a professora ELIANE'. Mas assim, é tanta gente na universidade...

ELIANE: É, verdade!

VERÔNICA: {Incompreensível} Mas ela não vai lembrar de mim porque eu não... não participei junto com ela de... de ...

ELIANE: É!

VERÔNICA: Enfim, né?!

ELIANE: Mas não tem problema, não. Mas eu conheço também a Luísa, né. Está tudo bem. Pois é! Estamos em casa.

VERÔNICA: Pois é, a Luísa é minha orientanda... ahm orientadora, né?! Com que eu tenho apreendido muito. E aí nós estamos então nessa empreitada, né, fazendo essa pesquisa. Vendo quem são esses contadores de histórias, do norte e nordeste. Claro, a gente teve que delimitar bastante porque é um mestrado, né. E aí escolhemos essas três cidades, Araguaína aqui, no Tocantins e... éh aqui Imperatriz, Maranhão. Maranhão e Marabá- Pará. Porque acho que vai dar pra gente, né, tem sido bem interessante. Já conversei com o pessoal lá de Imperatriz, aqui de Araguaína e agora, né, tô aí, Marabá. Para mim uma alegria muito grande!

ELIANE: Bem-vinda, ainda que virtualmente. [risos]

VERÔNICA: Então, brigada viu?! Eu vou dar uma lida aqui, eu tenho uma... uma entrevista, ela é bem estruturada. Eu não vou ficar assim né, eu vou olhar para ela de vez em quando. Porque na nossa conversa você já vá dizendo eu já vou colocando 'ok' naquilo que eu não preciso depois, pra... talvez né, dizendo alguma coisa.

ELIANE: Sem problemas!

VERÔNICA: Quando eu baixar aqui a cabeça é fazendo isso, é colocando 'ok' no que você já vai contemplando aqui nessa estrutura. Mas eu não vou ficar presa a ela, é uma conversa muito tranquila, né.

ELIANE: Ok!

VERÔNICA: Eu vou só ler aqui o primeiro momento e assim... essa entrevista tem dois momentos, que é esse né, agora, que é o das boas-vindas e de conhecer você. E depois, outro

momento que é ... é saber sobre a contação de histórias, como é que isso aconteceu na sua vida, né, esse processo. Então, né, bom...boa noite! Hoje é dia dezesseis (16) de novembro de dois mil e vinte um (2021), e daremos início a essa entrevista com a professora Eliane Soares. Com o objetivo de registrar sua trajetória de vida, como contadora e... como contadora de história. A professora reside éhh... na cidade de Marabá-Pará, né. E então nossa conversa hoje é... é para falar sobre a sua história de vida e a sua experiência né, com as narrativas orais. Essa pesquisa, nasce de estudos sobre a memória, né, no decorrer de seminários, semiótica {incompreensível} e discussões no âmbito do Grupo de Estudos do Sentido, que é o GESTO, que é o grupo que a professora Luísa coordena e do 'coletivo Raimundas', que é um grupo de mulheres, professoras, pesquisadoras e escritoras. E também está ligado também a...a... a experiência como docente e atuação enquanto sujeita da contação de histórias, também, né. Para esse trabalho serão entrevistados dez (10) pessoas né, entre homens e mulheres {incompreensível}, e desses estados que eu já mencionei. A entrevista está organizada em três momentos, sendo o primeiro éh as técnicas, apenas com a tua identificação e dados. Depois daremos... dedicaremos a história de vida, né, a sua história de vida, desde a infância, e encerraremos com a contação de histórias, que não será hoje, né. Porque pela experiência que a gente já viu não dá para fazer, conversar e depois contar história, né. E aí a gente está pensando em fazer depois um sarau, e reunir esses dez (10) contadores e a gente fazer uma festa para ouvir essas histórias. Que histórias são essas que estão se expondo? Ai vocês vão escolher um história e contam nesse dia, tá? Bem, depois eu também vou enviar um email com termo de consentimento, né. Que é um documento necessário, que eu preciso fazer {incompreensível}. Então, seja muito bem-vinda! E aí, eu gostaria de saber, né, sobre você, um pouquinho... Seu nome completo, quantos anos você tem, qual dia você nasceu...

ELIANE: [Risos]

VERÔNICA: E aonde você vive hoje, né.

ELIANE: Aham.

VERÔNICA: E depois éh... e depois éh... também um pouquinho sobre sua formação né, qual é sua formação acadêmica, e... e depois falar da sua infância. Não sei se eu falei muito, mas basicamente a gente começa...

ELIANE: Vamos... vamos tentar dar conta porque é muita... muita informação! [risos] É muita informação. Mas vamos lá, VERÔNICA! Então VERÔNICA, eu quero agradecer né, essa... essa sua atenção, essa sua entrevista. Para mim de fato é realmente muito bom, participar de um momento desse porque a gente tá vivendo no Brasil um momento de re... vamos dizer assim, de avivamento da contação de histórias, né.

VERÔNICA: Sim, sim!

ELIANE: Então tem uma aluna minha que é contadora... ex-aluna na verdade, e minha amiga, muito amiga por sinal. Ela diz que as labaredas de fogo começaram parece que assim...todas ao mesmo tempo, em todos os lugares; E de repente estávamos todos falando de contação de histórias sem ninguém se combinar. Ela chama isso de labaredas de fogo, eu acho uma gracinha isso, né?!

VERÔNICA: Sim!

ELIANE: Então, ahm... eu, meu nome completo é ELIANE Pereira Machado Soares, né. Éh, eu sou professora da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, anteriormente éramos Universidade Federal do Pará. Eu sou professora do curso de letras Português, desde 1995, já tem um bocado de tempo, né?!

VERÔNICA: Sim!

ELIANE: Então é, eu já estou praticamente... éh espero que perto de me aposentar. Estou aguardando o INSS dizer quando eu posso fazer isso. [risos]

VERÔNICA: [risos]

ELIANE: É. Eu já sou... eu na verdade sou professora de linguística né, e é muito engraçado

porque eu tenho uma incursão muito grande dentro da literatura e as pessoas falam. E a Luísa outro dia falou para mim que ela tava chocada, ela pensava que eu era da literatura. Eu digo, ‘não Luísa, eu não sou da literatura, eu estudo a linguística’. E sou de uma linguística digamos assim pouco éh... simpática, né. Eu sou professora das áreas... principalmente das áreas chamada núcleo duro da linguística. Que é fonética, fonologia, morfologia, aquelas consideradas barras pesadas do curso né.

VERÔNICA: [risos]

ELIANE: Então, é, ela achou muito engraçado. E... minha, a minha incursão na contação de histórias, que vou contar daqui a pouco, vô... não tem nada a ver com essa minha trajetória como professora universitária nesses campos, né. Então eu moro em Marabá, desde mil novecentos de oitenta e um (1981). A minha mãe sempre disse que eu era ou oitenta e um (81) ou oitenta e dois (82), não sei exatamente. Depois eu posso checar isso.

VERÔNICA: [risos]

ELIANE: É. Eu tenho mestrado e doutorado em linguística, né. Então...

VERÔNICA: Sim!

ELIANE: Também... também... tem algumas especializações, né, na área de ensino e tal. E, ahm, ah... eu sou mãe, né, tenho dois (2) filhos adultos. Sou casada há muito tempo, tenho um casamento de trinta (30) anos também. Então, até esse ano foi bem ‘alvissareiro’ porque fiz trinta (30) anos de carreira e trinta anos de casada (30). Então, para mim foi um tempo de comemoração. Está sendo um tempo de comemoração! Não tem?

VERÔNICA: Que bom!

ELIANE: Pois bem, eu moro numa cidade que eu tenho muito apreço, né. Eu amo Marabá, {incompreensível}, eu cheguei aqui aos quatorze (14) anos de idade, então eu tenho assim uma relação muito profunda com a cidade. Outro dia eu tava passando, andando e eu dizendo ‘olha, eu sou...’ eu sempre digo isso, eu brinco ‘eu sou mais marabense do que muito marabense’, porque eu morei em todos os bairros de Marabá. Porque pobre muda muito, né. Então eu fui aquela pobre que morou em todos os bairros, porque vivia os aluguéis aumentando e a gente tinha que mudar, pra cassar um aluguel mais barato. E aí [risos] ahm isso permitiu que eu morasse em todos os bairros de Marabá. E conhecesse essa... essa...essa cidade de uma maneira assim muito amorosa, né, de... porque a minha história é de migrante, de uma migrante pobre, né, dá par dizer numa situação de... de... de vulnerabilidade muito grande. E a minha chegada a Marabá, a acolhida, a minha mãe sempre fala isso né, somos acolhidos de uma maneira assim muito generosa, muito bondosa, né, caridosa. Então é desenvolvido com a cidade uma relação muito profunda, meus filhos nasceram aqui. Meu marido não é daqui, porque Marabá tem essa peculiaridade né, é uma cidade que tem uma forte migração, então dificilmente você encontra... não é facilmente que você encontra marabenses nativos. Os meus filhos já são nativos, né. Embora nenhum dos dois morem mais aqui também, eles são...ele moram fora. Então, ahm... a minha vida é Marabá, entrei na universidade, me formei em letras aqui, no curso intervalar, né. E logo depois de dois (2) anos depois que eu me formei, aproximadamente dois (2) anos, dois (2) ou três (3) anos eu ingressei no curso como professora, né.

VERÔNICA: Sim!

ELIANE: Em Letras. E iniciou mais ou menos a... a... éh... a minha carreira inicia mais ou menos quando eu termino meu curso né. Então éh, a minha vivência aqui tem sido muito... ahm... é uma cidade assim que eu tenho uma... uma relação muito profunda e eu... isso me fez éh, um determinado momento, não foi desde o início embora eu sempre tivesse essa admiração, e participação do que eu podia de todos... das coisas. Mas de uma forma muito efetiva, muita afetiva dos movimentos culturais, isso aconteceu nos últimos dez (10) anos né.

VERÔNICA: Sim!

ELIANE: Éh... então foi quando eu comecei a ter uma vida como poeta, como escritora, como

éh... digamos uma ativista cultural, né. Criadora de movimentos, de... de... éh movimentos artísticos, movimentos poéticos. E a contação de histórias éh começou também por aí. Éh eu estou nesse campo da contação de histórias desde dois mil e quatorze (2014), né.

VERÔNICA: Huum.

ELIANE: Então como foi que isso aconteceu? Em dois mil e quatorze (2014) eu... aliás em dois mil e treze (2013) havia uma... havia não, há, na SEEMED, nossa secretaria de educação local, uma... um departamento de ensino, e duas professoras que coordenavam esse departamento, elas costumavam me chamar para participar como colaboradora nas formações.

VERÔNICA: Sim!

ELIANE: E, elas, duas pessoas, uma tinha sido minha ex-aluna e a outra uma amiga de longa data, desde quando... muito tempo atrás, né.

VERÔNICA: Sim!

ELIANE: Inclusive até fizemos especializações juntas e tal. Uma professora já bem... já... Tem mais ou mesmo o tempo que eu no sistema de ensino local. E elas começaram a me convidar para participar das formações, mas no fim, uma coisa... eu tava como uma convidada tipo assim teórica, né.

VERÔNICA: Sim!

ELIANE: E ela fazia uma formação para as professoras do município ligadas as salas de leitura. Era voltada sobretudo para isso. Aí elas não são contadoras de história. Elas faziam isso não... não... não se chamando como contadoras de história na verdade, ela fazia como parte, digamos assim, da parte cultural, da... dessa formação. Elas faziam como entretenimento... como entretenimento.

VERÔNICA: Sim!

ELIANE: E, éh, eu na verdade no início, eu ficava um tanto quanto constrangida com aquilo, porque eu achava muito infantil, né. Eu achava meu deus, que... que é isso? Porque eu vinha da universidade e de um campo muito pouco relacionado a isso. Inclusive isso tem entrado na universidade muito recentemente, eu cheguei a ser criticada por colegas quando eu comecei a desenvolver projeto de contação de histórias, porque achavam que isso era uma baita de uma enrolação, né. Éh... não que me criticaram assim frente a frente né, mas eu soube pelos corredores. Meus bolsistas sofriam um pouquinho de deboche, um pouquinho de ironia, entendeu? E...

VERÔNICA: Isso acontece mesmo, inclusive isso aconteceu comigo. Eu achei que só eu tava pesquisando contação de história no mundo. Aí foi que eu conheci uma professora lá da Bahia, que inclusive foi a professora Luísa que me apresentou, a professora Luciene. Aí eu comecei a participar dos eventos.

ELIANE: Inclusive eu conheço a professora Luciene.

VERÔNICA: Ela é maravilhosa, a Luciene, ela fica em Feira do Santana, né?!

ELIANE: Já estivemos... acho que já estivemos em uma banca juntas inclusive.

VERÔNICA: Então, aí ela... aí que ela nesse vento dela, 'Redemoinhos dos Saberes', foi que eu vi a dimensão que tem de pesquisas de contação de histórias no Brasil. Aí eu fiquei mais calma, mais tranquila, porque eu tava me sentindo...

ELIANE: É, é, é!

VERÔNICA: Será que eu tô um peixe fora da água com essa minha pesquisa? E é uma pesquisa lindíssima, né. Uma pesquisa que dá gosto de ouvir...

ELIANE: É, é, isso. Então assim... e, e, e alguns lugares...

VERÔNICA: Então você passou por esse processo também, né?

ELIANE: É, é. Então assim a...a... então acho que...a... não tava a coisa acontecendo né. As coisas elas não eclodem, elas não acontecem de uma hora para outra. Elas vão...elas vão acontecendo aqui, ali, aí tem uma hora que elas têm esse momento de eclosão mesmo, né. Então o... eu comecei a... começamos a fazer juntas esse projeto. E eu, no início como eu te falei, eu

achei um pouco estranho não...não... não achei que era uma coisa muito assim... não... entendo porque os colegas foram recriminados, porque a minha primeira impressão, apesar de achar muito bonitinho, muito fofinho. Mas eu sinceramente... eu não levava ... eu não... era uma coisa que eu ficava um pouco constrangida, eu achava infantil aquilo, né. E ainda mais que elas eram realmente um tipo de contação bem... bem... bem voltada para as professoras se inspirarem a fazer. E aí foi..., mas aí você sabe. A gente vai fazendo, vai vendo... vai vendo e começa a pensar, a ler, e começa a... E de repente quando eu percebi, eu estava junto com elas escrevendo um projeto específico. É, um projeto específico, para formação de leitores, né, e para criação literária e que recebeu o nome grandioso de ‘Programa Marabá leitora’, né. E, éh, desenvolvido com elas, com coordenadoras pela SEEMED e eu como coordenadora pela UNIFESPA e se transformou a partir de um projeto de extensão que eu escrevi exclusivamente para isso. Então a...éh a partir daí a contação de história começou... eu passei a ver a contação de história e passamos a contação de história éh de uma maneira muito especial e como uma ferramenta para formação de leitores, né. E para... para... O objetivo central, na verdade, no início foi esse. É que a contação de história levasse as pessoas a se interessar pela leitura. É, na verdade, como uma ferramenta mesmo, uma ferramenta pra despertar o interesse para as histórias que poderiam estar nos livros, né, nas salas de leitura. E esse projeto ele começou em dois mil e... dois mil e catorze (2014), dois mil e quinze (2015), eu até tenho que recordar disso direitinho, acho que foi dois mil e catorze (2014) mesmo, e ele existe até hoje, né. Então ele foi, é o projeto que vem sendo... já existe há sete (7) anos, para você ter uma idéia. Não, é, dois mil e catorze (2014), (7) anos... esse ano já fez sete (7) anos! E é um projeto que ele foi... teve um impacto muito grande em Marabá. Eu digo isso sem falsa modéstia, porque é verdade. Ele teve um impacto muito grande na... na... na cidade, porque ele... ele éh... na... o objetivo era a formação de leitores, e a sala de leitura era um desses espaços. Mas acabou que... foi acontecendo ações, e o objetivo era a gente participar, especialmente do meu projeto de extensão, era participar de todas as ações as quais eu fosse chamada, ou que me chamassem como parceira, e que eu pudesse sugerir, é justamente para fomentar, essa questão da leitura, né. A leitura literária, a leitura de fluência, a leitura né. A leitura voltada inicialmente pensando na criança, mas também no adolescente, mais tarde também foi pensado no adulto. Então foi um projeto que se desenvolveu assim... quando nós pensávamos que estávamos no olho do furacão, em todos os lugares da cidade, e sendo convidadas para as cidades vizinhas, e dando formação, e participando de uma série de informações éh... que inclusive estamos agora produzindo um livro né, que é justamente trazer memória de tudo que foi feito, porque é coisa demais, são sete (7) anos e o primeiro ano nós fomos assim muito audaciosas, a gente não tinha ideia do que estava fazendo assim exatamente assim [riso] . E quando a gente pensou que não estávamos envolvidas, umas das primeiras... nosso primeiro projeto... nosso primeiro programa, que é um programa, tinha mais de dez (10) projetos ao mesmo tempo acontecendo. Então, eram só nós três (3) e os muitos convidados que a gente... muita gente que a gente chamava para participar como colaborador eventual, e nós três permanentes, e todo mundo que entrava depois com ações específicas. E essa formação foi concluída inicialmente... havia a formação continuada que ela acontecia três (3) vezes, aliás, normalmente durante três (3) dias, no primeiro e segundo ano ela aconteceu todos os meses, depois, questões políticas, acabou que foi rareando, rareando e...e... enfim, né, você sabe como são. Mas o projeto ele vem sendo desenvolvido ao longo desse tempo todo. Éh tem...

VERÔNICA: Nessa parceira, né, do município com a universidade.

ELIANE: E a universidade a partir do meu projeto de extensão, que se chama especificamente, eu vou dizer o nome dele aqui para você...

VERÔNICA: Tá!

ELIANE: Que eu fui mudando ele aqui e ali, mas o nome dele... a primeira versão dele de dois mil e quinze (2015) ele se chama, éh... um projeto de extensão que se chama ‘Leitura e escrita na Amazônia: modos de ser e fazer’, né, então ahh... {Incompreensível} Como eu te falei, a

contação de histórias ela acabou sendo uma parte muito... digamos assim muito importante dentro da ideia do projeto, porque chamava atenção. E aí eu fui éhhh... a partir da atuação das duas professoras, professora Marluce Caetano, né, Rodovara, da professora Claudia Poça, que eram as coordenadoras pela SEEMED. Gente, foi, ‘vamos criar um grupo de contadoras de história?’ Nisso, eu já tinha visto em alguns lugares, alguns contadores, eu tinha... tinha visto uma contadora de histórias no Pernambuco, por acaso no evento, e ela não tava lá para fazer a contação de histórias? Não era convidada para {incompreensível}, mas aconteceu uma situação lá, uma situação inacreditavelmente constrangedora, uma briga, entre gente importante. E ficou... e criou-se um estado assim de confusão, e ela parou a confusão contando uma história. E foi um momento assim que eu achei mágico aquilo.

VERÔNICA: Você lembra da história?

ELIANE: Não, não lembro da história. Só sei que foi a primeira vez que eu vi alguém contando, de um jeito diferente, que as meninas contavam, entendeu?

VERÔNICA: Hummm!

ELIANE: De um jeito digamos assim, mais amadurecido. E foi quando me despertou, eu digo ‘a gente pode fazer outras coisas... pode transformar numa coisa maior do que só pensar nisso como divertimento para criança, o entretenimento infantil’. E aí comecei... fomos pra eventos. Éh... no projeto a gente foi pra... prum... pra participar em Belém de um evento de contadores de histórias da Amazônia.

VERÔNICA: Huhum!

ELIANE: Aí conheci um grande contador de história do Brasil, chamado Francisco Gregório. Você conhece ele?

VERÔNICA: [segundos de silêncio] Acho que não!

ELIANE: Ah, pois o Francisco Gregório é um referência na contação de histórias no Brasil, né. Ele é escritor, ele é um dos criadores do ‘PROLER’ né. Então depois eu posso passar para ti o contato dele se você quiser.

VERÔNICA: Ah, eu quero! Eu acho que eu já li, eu já li sobre o Francisco Gregório!

ELIANE: Então, então... e ele veio à Marabá a nosso convite. Nós fizemos um evento fantástico, um seminário que nós trouxemos Daniel Mundurupú, trouxemos o Francisco Gregório e outros contadores de história de Belém que estavam já atuando e, querida, foi assim, foi quando e criamos... ao mesmo tempo criamos um grupo de contadores de história chamado ‘historiarte’, esse grupo chegou a ter onze (11) contadores de história. Eram alunos da universidade, ex-alunos, professores da rede pública e nós começamos a... eu inclusive comecei a... aí eu comecei também a participar, a ser contadora de histórias, né?!

VERÔNICA: Oba, que legal!

ELIANE: É, eu comecei a ser contadora de história. Eu... eu larguei só aquela coisa de ficar assim, pensando teoricamente e falei ‘não, vou também, né, tenho que dar o exemplo, tenho que botar a mão na massa’. Comecei a participar como contadora de história do grupo... dentro do grupo, né. E a gente lia, estudava, fizemos vários espetáculos, mais em casa, Marabá, fizemos um até em Minas, para você ter uma ideia. Éh... então foi a...a... aí a contação de histórias começou acontecer ahm... como parte das práticas pedagógicas, nas salas de leitura, de uma maneira muito acentuada. Mas não só a contação de história, éh... mas também a mediação de leitura. Eu particularmente, eu, para eu fazer prefiro fazer mediação de leitura, né. Por conta da minha memória mesmo. Então, para mim a mediação é mais... que eu faço digamos mais tranquila, que eu não tenho medo de... de esquecer [risos].

VERÔNICA: Sim!

ELIANE: E eu ... mas eu faço, também já fiz. {Incompreensível} Então a gente fez... ‘de onde vocês faziam contação de história?’ Para onde nos convidavam! E nos convidavam para escolas, nos convidaram pra onde? Escola, praça, é ginásio... não sei te dizer. A gente contou até na cadeia, fizemos contação de histórias até num... num presídio. Então, éh... em eventos públicos,

né, abertura de eventos. Então assim, virou uma... não profissional, tudo isso de uma maneira voluntária aí como, né, nada de envolver ganhar dinheiro com isso.

VERÔNICA: E o repertório, como que vocês... [vozes sobrepostas]?

ELIANE: Assim, o repertório... o repertório a gente, a gente escolheu as histórias sempre podiam ser a partir de obras literárias, né, infantis ou narrativas de... de origem indígena. A gente na verdade escolhia aquilo com que se afina mais. Eu por exemplo, eu tenho uma... uma... uma afinidade muito grande com narrativas indígenas, ou de origem popular, né. Eu prefiro contar esse tipo de história do que história de livros. Mas eu tenho amigas que só gostam de contar histórias que estão em livrinhos, por exemplo né. Eu prefiro éh... essas de origem oral, né, as narrativas de origem oral. Então eu prefiro as de origem popular, ou de origem indígena e tal, algumas escritas, né. Então, éh... e a gente começou a trabalhar com essa preocupação das narrativas orais, era uma das vertentes do grupo, nós chegamos até a publicar um livro sobre isso, ‘lendas de Marabá’, um livrinho que nós coletamos e fizemos uma serie de... de adaptações, enfim. E a gente fez muitos espetáculos, em praça, na rua [risos].

VERÔNICA: Sempre trabalhando.

ELIANE: É, tem uma história muito bonita, a contação de histórias na cidade. Isso virou uma efervescência, porque as escolas começaram a fazer, né, as salas de leitura, todas as professoras da sala de leitura fazem a contação de história, raras são as que não fazem, né, porque foi incorporada na prática delas. Então, éh, nós temos o grupo até hoje. Todos os dias elas publicam fotos de contação de histórias, de rodas de contação de história, ou... inclusive com muitos recursos, então.... Enfim, hoje é uma prática muito comum dentro das nossas saladas de leitura, né. Então, éh... pra gente é um... uma... eu digo que é um projeto que foi assim de muito sucesso, a despeito de as salas de leitura serem muito limitadas em termos de espaço, em termos de acervo. Mas a... a... nós conseguimos atingir o coração das professoras, porque nossas salas de leitura elas tinham um histórico éh terrível e de serem depósitos, né, ou então espaços para onde as pessoas são designadas quando elas não servem mais para nenhuma outra função e nós redimensionamos tudo isso, e hoje em dia ainda não é o que a gente quer e eu acho que não vai chegar a ser, infelizmente, mas... éh... houve uma mudança digamos, de um ponto de vista pedagógico, do ponto de vista ideológico, do ponto de vista éh... literário, da sala de leitura. Então assim, os objetivos delas foram redefinidos, e as pessoas quando elas vão hoje para a sala de leitura, elas sabem que elas não tem um papel que não é o mesmo papel do professor da sala de aula, e nem é o papel de... que está livre, embora seja uma das tarefas que tem que ser feita, né, claro. Mas a pessoa que vai pra lá sabe que há uma exigência de uma atuação, éh... dele, que inclusive pede para ele agir com muita criatividade, porque se... a contação de história ela é artística, né. Você pode fazer da forma mais simples que você fizer, mas ela tem uma conotação artística!

VERÔNICA: Tem!

ELIANE: Sempre. Então a [grunhidos verbais], como eu te falei essa...essa... o meu papel nisso foi menos ser contadora de história e mais criar uma cena... uma cena, né, uma cena literária, e uma cena para a contação de história. Então éh... eu reconheço que eu fiquei no cerne, no olho do furacão e eu contribui junto com todas as pessoas envolvidas, para que a contação de histórias se tornasse, digamos assim, um fato... um fato, um acontecimento no cenário pedagógico, local, cultural, né. Então hoje em dia a gente tem vários contadores de história. Hoje em dia algumas atuam de maneira independente, o grupo ‘historiarte’ ele parou de... nós paramos a uns dois (2)... uns dois anos e meio, pouco antes da pandemia nós já tínhamos parado porque a gente não conseguia mais, éh... não conseguia mais reunir para fazer as coisas, né. E os convites se avolumando e a gente não dava mais conta e as pessoas começaram a atuar individualmente, e algumas já ganhando dinheiro com isso e tal. E a gente... gente, a melhor coisa é a gente desfazer o grupo. E... mas ao mesmo tempo criamos outro, e o outro se chama ‘trupe-paneiros de histórias’, que é um grupo éh... formado só por professoras da sala de leitura e atua sob... em

momentos também de...dentro do Programa Marabá Leitora, e em situações muito específicas dentro do projeto.

VERÔNICA: Sim, muito.

ELIANE: Então a... a contação de histórias me pegou de jeito. Hoje em dia eu sou especialista, eu já fiz uma especialização em contação de história. Éh... hoje eu já... eu tenho uma certa relutância para dizer que eu sou contadora de história, eu sempre me coloquei mais como essa, essa fomentadora digamos assim, né. Mais como projeto do que como uma contadora em si. Mas eu faço contação de história, inclusive semana passada eu fiz uma [risos]. Aliás, é, fiz uma, a primeira acho que depois da pandemia, na biblioteca pública, né. Então é algo assim que, digamos hoje em dia ela está... ninguém... ninguém assim... faz parte do... das escolas, ninguém está mais nas universidades, não sabe mais o que é contação, sabe, porque se tornou um fato. Então, tem outras pessoas interessadas no assunto, tem outros grupos surgindo. Então assim, aí tá acontecendo. E tem acontecido muito. E éh... tem sido muito bom. Eu fico muito feliz, então, eu com a minha experiência de contadora de história, é como eu te falei, ela... eu ter sido mais uma formadora né. Uma... uma... uma criadora de contadores de histórias, de situação para que ela aconteça, do que propriamente uma contadora, mas eu... como eu disse eu faço contação e já tive a oportunidade de fazer assim para público de oitocentas (800) pessoas, mas também pra público de dez (10) pessoas, né. Então já tive essas dif... de dentro da universidade, em situações, éh as mais diversas, para públicos diversos. Éh... pra...pra público da universidade, mas também num presídio. Então assim, são coisas que a gente acaba acontecendo, né. A coisa... que outro dia eu tava comentando com uma amiga minha, que se tornou contadora por minha causa, né, ela sempre diz isso ‘ ELIANE, eu nunca imaginei que eu podia um dia fazer essas coisas aqui, quando você falou que eu podia fazer, eu contei pro meu marido, cheguei para ele, a ELIANE tá maluca, aí ele falou, não se a ELIANE, e eu sempre te defendi, mas se a ELIANE falou você pode fazer mesmo’. E ela hoje é uma excelente contadora de história, muito conhecida, inclusive a gente faz contação juntas muitas vezes, a gente quase virou uma dupla. E ela é professora de uma sala de leitura da escola pública local, de uma escola pública local. Então a gente teve duas experiências que eu digo assim, muito interessantes, éh... juntas. Uma foi fazer contação de histórias para um público de oitocentas (800) crianças, num ginásio né, num ginásio não, num centro de convenções.

VERÔNICA: Humm!

ELIANE: Uma coisa que éh... que foi... uma coisa que a gente não esperava, quando chegou lá a gente teve esse... quando se deparou com esse público eu pensei ‘não vai dar certo’, eu quis ir embora na mesma hora, porque eu sempre defendo que a contação de histórias precisa ser num local, eu tenho a visão pedagógica disso que... terapêutica também que precisa ser num local mais fechado, com pouca gente, um ambiente mais intimista.

VERÔNICA: Sim!

ELIANE: Isso não aconteceu, eram oitocentas (800) crianças e por incrível que pareça deu certo, né. Deu certo! A gente conseguiu fazer isso. E a outra situação foi que nos convidaram para fazer uma... uma... numa clínica de reabilitação, mas não explicaram exatamente pra gente o que era, e quando chegamos lá nos deparamos dez(10) a quinze (15) crianças com as mais diversas deficiências. Eu não... havia até crianças autistas. E eu falei ‘meu deus, a gente não tem preparo nenhum para fazer isso aqui, o que que vai acontecer?’, e também deu muito certo, né. Foi uma experiência muito emocionante, porque éh... quando a gente vê uma criança autista levantar e te abraçar, porque você contou uma história. Você fica assim né, você fica ... é muito emocionante, isso, então a gente viveu isso juntas. Digo a gente tem duas (2) experiências no currículo de contadoras de histórias!

VERÔNICA: [risos] Foi fácil!

ELIANE: Essas duas valem por tudo, né, valem por tudo que a gente já fez! Então, também já contamos...éh... eu num... como ‘historiarte’ já estivemos em praças públicas, tivemos em...

em... éh... botamos o nome da cidade em Lavras, fomos convidadas. E já contamos em Belém, no Centro de... Cultural. Então a gente assim já participou de várias situações, interessantes, como contadora de histórias, a respeito da minha relutância em me colocar mais no papel de... digamos mais de bastidores, mas acabei que eu, em vários momentos, assumi esse... esse protagonismo como contadora de histórias. E é uma... eu vou dizer uma coisa para você, a contação de história ela realmente mudou a minha vida, mudou a minha perspectiva das coisas, né. Me tornou uma pessoa muito melhor. Me tornou uma pessoa muito mais leve. Uma pessoa éh, mais brincalhona, né, me ajudou com diversos problemas que eu tenho, na minha vida pessoal, na minha saúde, né. Então a contação de histórias se tornou um elemento muito importante, eu sou uma grande... eu sempre digo que eu sou uma grande ouvidora de histórias. O que me fez me... me fez interessar pelas histórias, mais do que contar, foi porque eu gosto muito de ouvir histórias, eu gosto muito. Éh, sempre me interessei em ouvir histórias, foi uma coisa... é por isso que eu sou uma grande leitora né, porque eu acho... as histórias elas me pegam.eu sou uma grande... eu tenho muito orgulho de ser leitora né [risos].

VERÔNICA: Coisa boa!

ELIANE: Então... Eu me interessei muito pelas histórias... Ah, não ouvi histórias quando era criança muito não, sabe. Não histórias fictícias, minha mãe sempre gostou muito de história, mas a minha mãe sempre foi uma contadora de histórias da vida real, né.

VERÔNICA: Sim!

ELIANE: Ela sempre gostou de contar as histórias da vida dela. E eu ouvi muito, muito, muito, muito. Então sempre foi assim, um ouvido muito afinado pra, pra ouvir. Éh histórias fictícias ou histórias, né, de origem...

VERÔNICA: Grandioso. Eles contavam muita história de Tancroso, muito assim...

ELIANE: Essas histórias assim, bem ligadas ao imaginário, éh... eu vi... eu vi realmente despertar para elas como mãe. Foi como mãe, que eu comecei essa coisa da contação de histórias, mesmo. E eu fiz isso muito com meus filhos, mas muito mesmo, né. Então outro dia, meu filho falou ‘mãe, você lembra de uma história que você inventou para mim quando eu era criança? Que eu ria demais’ Ai eu parei pra...você sabe... para... gente, eu não lembrava disso. Ai comecei e lembrei de toda história. Aí, mas assim, eu me tornei contadora de história como sempre... foi antes né, foi antes de oficialmente assumir isso. Eu já era uma contadora de histórias para meus filhos, e uma grande ouvidora de histórias. Outro dia eu tava numa live que me convidaram e perguntaram pra... qual foi a primeira história que eu me lembro de ter ouvido, ai eu me lembre que meu pai, na verdade... eu me lembro que meu pai me contou de ficção... de imaginar né, história imaginária.

VERÔNICA: Sim!

ELIANE: Narrativas ligadas ao nosso éh... imaginário, que é... uma foi a Matilda Pereira e uma outra história... foi uma história de terror... que eu tinha muito, muito, muito medo, nossa! Só de... era uma história horrível!

VERÔNICA: De Matilda Perreira... qual foi a...?

ELIANE: Uma delas, uma delas foi a Matilda Pereira, que foi uma coisa que ele viveu na infância dele, uma experiência que ele teve com a Matilda Pereira. Então ele contava... então me lembro assim, história fictícia duas, essa... Quer dizer, fictícia para ele não, né, Matilda Pereira era verdade. Então a... a... era a verdade dele. A outra foi uma história que ele me contava, que foi uma história de... de digamos assim, de assombro. Uma história de assombro éh... nessa classificação né, das histórias populares era uma história de assombro. Que era uma história que fazia muito medo, eu contei isso pro povo: ‘ gente, engraçado né, a... a... é uma história pavorosa, como é que meu pai me contava isso?’.

VERÔNICA: [risos] Gente, uma história para criança, para todas as idades.

ELIANE: [risos] É uma coisa de terror. E aí... enfim. Então, na minha experiência ouvi muita história da vida real, porque a minha mãe gostava de contar... gostava de relatar as coisas da

vida, da infância dela, da família dela, e meu pai também, até certo ponto contou algumas.

VERÔNICA: Causos, né?!

ELIANE: As que eu me lembro de ter ouvido que são histórias assim fictícias, né, ou pelo menos eu tô chamando uma de fictícia, mas contando do coração porque meu pai me contou como verdade, porque era Matilda Pereira.

VERÔNICA: [riso]

ELIANE: Eu só me lembro essas duas. Minha mãe também de vez em quando contava coisas que ela tinha visto quando era criança, né. Mas ela conta como experiência, quando ela encontra o Nego d'água, quando o boto tentou pegá ela, coisas assim inventadas. Inventadas não, desculpa, que ela viveu né, que ela vivenciou de acordo com o folclore [risos] local dela lá. Olha a palavra folclore, tenho horror disso, nem bota que eu falei a palavra folclore aí, mas enfim né, [risos]. Tô remetendo a uma coisa bem... Então ahm [segundos de silêncio]. Pode falar!

VERÔNICA: Essas histórias que você conta, tem aquela que você... uma preferida? Aquela que você mais gosta? Aquela que você ama contar?

ELIANE: Tem, tem!

VERÔNICA: Qual?

ELIANE: Éh.. tem uma história que eu adoro contar, que é a lenda do pirarucu, né. Inclusive é uma história que as crianças adoram. Adoram quando eu conto assim. E um dia eu tava no shopping, um menininho... ah, nós já contamos no shopping também, fizemos um espetáculo durante acho que dois (2) ou três (3) dias no shopping e foi muito, muito bom de contação de histórias. Tinha esquecido do shopping, agora eu me lembrei!

VERÔNICA: E vocês usam algumas... alguns recursos para contar essas histórias?

ELIANE: Particularmente eu não gosto! Eu só uso a cara e a coragem, mas quando a gente vai em grupo cria um cenário mais sofisticado. Quem quer cantar canta, quem quer usar instrumento usa, a gente se enfeita um pouco na roupa e tal. Hoje em dia eu uso menos acessório, né [cachorro latindo ao fundo] a gente vai diminuindo. Eu nunca gostei muito de acessório nenhum, na verdade eu nunca gostei. Não para mim, né. Assim, eu acho legal e tal, mas eu não gosto de usar, eu gosto mesmo de contar de uma forma digamos assim... mais orgânica e... mas não acho nada... não tenho nada contra! Desde que não haja exageros, né. Então assim, a lenda do pirarucu é uma lenda que eu gosto. Daí sim, eu tava outro dia no shopping, o menino falou assim 'ei, é a tia do pirarucu' [risos]. Eu achei tão bonitinho ele fazer isso, ele lembrou de mim. Então assim, quando eu conto a história do pirarucu eu sinto que as crianças ficam assim... mesmo elas não sabendo exatamente o que é o pirarucu, muitas não sabem, mesmo morando na Amazônia elas não sabem, éh... e aí elas ficam sabendo, aí elas ficam curiosas, aí diz que vai procurar depois, aí quer ver foto, diz onde é que ela acha foto e não sei o que. Éh... eu gosto muito, as crianças até dez (10) anos gostam muito de ouvir essa lenda. Elas são as mais... Assim, eu particularmente como eu sou uma boa ouvidora de história, éh e em muitos lugares quando eu vou... por exemplo quando eu vou para São Paulo, antes da pandemia claro, há um tempo atrás, meus filhos moram em São Paulo. Então, éh... bem perto do Centro Cultural, eles moravam na época bem próximo. Então quase todos os dias têm contação de histórias no centro cultural, né. Quer dizer, tinha, naquela época todos os dias tinha alguém contando história nos horários, né, dentro da programação e uma coisa que eu... que eu constatei vendo contação de história é que a contação... existe, eu tenho um princípio que nas formações eu digo, éh a gente fala isso para as professoras, né, nas nossas formações, pra salas de leitura. Éh... existe história pro adulto que não é pra criança, de fato, a gente tem que saber... ter essa... essa... essa... tem história que o adulto gosta, mas para a criança não é adequado, ele não vai gostar. Mas qualquer história pra criança que você contar, o adulto vai gostar.

VERÔNICA: Sim!

ELIANE: Às vezes no miolo disso tem um adolescente, e aí as vezes pode ser um problema.

Pro adolescente você saber contar alguma coisa que o adolescente goste de ouvir. Mas éh... eu tenho... pela minha experiência, como ouvinte, nem é como contadora, mas mais como ouvinte. Nada que você conte para uma criança vai deixar de agradar as outras faixas etárias, sabe. O pai vai se divertir, a mãe vai se divertir, que vai junto, a professora que vai ouvir se diverte também, que as vezes a gente conta pra escola né. Os professores levam as crianças e os professores também gostam. Então assim, eu sempre digo 'gente, nem toda história pra adulto serve para criança, mas toda história que você contar pra criança o adulto vai gostar de ouvir né. É como eu falei, as vezes o problema está no adolescente, mas ainda assim há um grande risco do adolescente também se envolver numa história que é inicialmente voltada pra criança, né. Então... a gente... como é num... a gente não tem um público específico. Nós nunca tivemos um público... ah, é criança, não a gente sempre contou para todas as faixas etárias. Então não sei te dizer exatamente assim, o que que agrada mais um público ou outro, né. Eu tenho essa experiência de contar histórias que eu gosto e eu conto em todos os lugares, e eu acho que gostam né, teve... dá a impressão que gostam [riso].

VERÔNICA: Gostam! Gostam e gostam muito, porque conta tanto e conta tão bem sobre toda essa vivência, né, com a contação de histórias.

ELIANE: É!

VERÔNICA: Eu acho que anda assim. Éh lá na...na educação básica, nessas salas de leitura, os professores dizem algo sobre... desse resultado, dessa importância?

ELIANE: Ah, não, querida eu vou te falar uma coisa. Como te disse, a contação de histórias ela é um sucesso na sala de leitura. Ela é uma...ela já está tão incorporada, aliás, ela está tão incorporada a prática da maioria dos professores né. Porque a gente não pode exigir que um professor... muita gente não vai, não quer fazer contação. Outro dia uma pessoa chegou para mim e falou assim 'eu não quero fazer contação, eu não gosto, eu não tenho éh... eu não fico à vontade fazendo contação de história'. Escutei semana passada, sexta-feira passada uma pessoa que se formou em contação de histórias, junto comigo, e ela trabalha num ambiente desse. Aí ela falou para mim 'ELIANE, eu me sinto muito mal, porque eu não gosto, eu não fico à vontade, eu não fico... eu não consigo e tal'. E eu falei 'mas você sabe ler um livro, né, então faça mediação!' Falei 'você fica confortável lendo um livro em voz alta' ela falou 'fico', 'então pronto, faz isso'. Isso dá na sala de leitura e em qualquer lugar também tem espaço para a mediação de leitura, né. Não é igual a contação de história, por uma questão do como se é feito. Mas você pode obter os mesmos resultados, né. Então ela se sentiu mal porque ela não fica confortável fazendo, eu digo... Então assim, na nossa formação os professores não são obrigados a fazer contação de história, é uma das ferramentas, entendeu? Mas a maioria, faz. A maioria...muita gente também faz mediação, muitos fazem as duas coisas. Então assim, tem professor que se veste né, que se caracteriza todo né, que... tem esses que vão... vão ao fundo do negócio, né.

VERÔNICA: Sim!

ELIANE: Tem uns que fazem mais uma coisa tipo eu, mais orgânica mesmo né. Então éh... tem gente que canta, tem gente que toca, que faz um... e tá muito incorporado. Então assim éh... as crianças adoram. As crianças amam! Todo... a escola... as escolas esperam essas... essas... essas ações inclusive. As crianças, inclusive, das nossas escolas já estão acostumadas com a contação de histórias, que era uma coisa que não estavam, porque não existia. Então o professor quando começava a fazer levava né... digamos levava pau. Mas hoje em dia não, hoje está tão incorporado, ao fazer das professoras da sala de leitura. Eu tô falando das salas de leitura, viu?!

VERÔNICA: Sim!

ELIANE: Porque realmente o professor das salas regular ele...ele tem muita dificuldade para fazer isso, né. Ai entram outras questões de ordem pedagógica, institucional, de currículo que dificulta bastante isso... essa coisa. Então a gente é na... na sala de leitura foi um processo, demorou... demorou para que isso fosse introduzido como uma ferramenta, como uma prática

que deixasse o professor tranquilo, a vontade... que ele se sentisse a vontade para fazer isso, né [vozes sobrepostas]. São sete (7)... sete (7)... são sete (7) anos de projeto, então assim, quando a pessoa chega na sala de leitura que ele vem meio desavisado, que ele descobre que uma das coisas que ele vai ter que fazer é isso, porque a maioria não vem mais assim, já vem sabendo. A... as pessoas hoje em dia pedem para vir pra sala de leitura porque sabem, que assim... porque se identificam com o tipo de atividade que tem lá. Éh...eles já vem...muitos já vem preparado, mas quando o professor vem despreparado, ele logo não quer ficar, porque ele sabe que não vai fazer isso, ele não quer ficar, e muitos não querem fazer. Então não quero dizer para você que todo mundo quer fazer, muita gente... muita gente não, algumas pessoas não querem fazer. E eu compreendo, porque realmente. Eu... eu mesma entendo isso porque eu... eu tive que vencer uma resistência que tinha haver com a minha timidez, de fazer uma coisa que era fora do meu... do meu... do meu lugar né, fora da minha área... da minha área de pesquisa, né. Porque isso não é... isso virou, isso é projeto meu de extensão, mas nunca foi uma pesquisa né. Então a minha pesquisa sempre foi com outras coisas, foi dentro da linguística mesmo, é outros temas que eu pesquiso. Agora isso entrou como parte de um projeto de extensão, de um fazer né, pra comunidade escolar, pra comunidade Marabaense como um todo. Então a gente não diz que o profissional é obrigado a fazer, mas é muito interessante que faça, e muitos fazem e gostam né. E... e a gente tem gente muito boa que faz isso, que você fica de queixo caído. Muito melhor do que quem ensinou, ou de quem incentivou [risos].

VERÔNICA: Que bom!

ELIANE: Mas não foi fácil, não viu. Não foi fácil porque exige uma... exige uma...uma quebra de tabu, uma quebra de limites né. Então o professor que está acostumado a sempre dar ordens assim, de ditar regra, ai dizer assim, ai de repente ele se despe desse papel e vai sentar no meio das crianças. E vai... vai falar e vai rir, vai imitar bicho e vai não sei o que. Entendeu?

VERÔNICA: Sim!

ELIANE: Então assim, éh... eles saem de... de... embora a maioria seja pedagogo, parece... a gente pensa que por isso vai tá preparado para isso, mas não é bem assim não. Não é fácil não, viu. Então a gente... no início a gente sofreu muita rejeição. Achavam muito bonita, queriam muito ver a gente fazendo, mas muita gente não queria fazer. Isso, para isso se tornar uma parte do fazer dos professores levou um certo tempo, né. Aqueles mais ousados começaram logo e aí a partir desses mais ousados, e as pessoas foram dizer ‘nossa, que bacana, o que que tá acontecendo na minha sala?’. Então... outro dia uma pessoa me visitando aqui falou assim ‘ELIANE, quando você começou esse projeto...’ professor da rede pública, ó experiente, antigo, ‘quando vocês começaram com esse projeto de Marabá leitora, você lembra que eu falei pra ti, lembra, falei para ti que isso não ia dar certo, que você tava perdendo seu tempo?’[risos].

VERÔNICA: [risos]Aí, aí!

ELIANE: Que foi uma grande decepção... Eu falei ‘pois é, você falou isso mesmo, que você estava se gastando, que você estava se misturando’. Aí o professor achou que eu estava me misturando, né, porque eu saí da universidade, comecei a ir para as salas, criança com adolescentes.

VERÔNICA: Sentar nas mesas, sentar no chão...

ELIANE: Eu sai do... eu fui pro chão da fábrica né. E de um jeito assim, de um jeito pouco digamos assim, pouco intelectual. De uma forma bem artística. [risos]

VERÔNICA: Sim, sim!

ELIANE: Bem jocosa! Bem brincalhona, né, éh... você ia aceitar, você ia se arrepender, não sei o que. Ai ele falou ‘pois é, eu quero dizer uma coisa para você, eu falei uma besteira muito grande, porque a moça que trabalha... a professora que trabalha na nossa sala de leitura é um espetáculo, o trabalho que ela faz a gente fica de queixo caído, e ela só fala nesse projeto de vocês’. Eu digo ‘viu, gente, o maior retorno que eu tive na minha vida foi de um professor, que está quase se aposentando, que falou na minha cara que eu ia tomar pau’ ...

VERÔNICA: [risos]

ELIANE: Depois veio dizer para mim, aqui dentro da minha casa, que ele tava... tinha se arrependido de dizer aquilo, que ele tinha se enganado redondamente.

VERÔNICA: Resultados, né.

ELIANE: Então, dos professores a gente tem muito retorno, e a maioria nós temos... hoje a gente trabalha dia... assim, o projeto foi se afunilando. E como eu te falei, começou, assim, atingindo a cidade inteira, para todos os lados.

VERÔNICA: Sim!

ELIANE: Era um projeto de todos, inclusive até intervenções urbanas nós fazíamos, para você ter uma ideia, né. O que é... vou dar um exemplo pra gente... que a gente pegava e convidada artistas, poetas, ia pras ruas, fazer intervenção nas ruas, com leitura, com um monte de coisa, fizemo muita coisa assim... digamos assim divertidíssimas, mas bem audaciosas né. Éh, fazer intervenções em... em paredes, não sei o que. Teve momentos que isso gerou até uma certa controvérsia, disseram que a prefeitura... disseram que a SEEMED tava brincando de formar professor, teve confusão, não foi tão simples como eu tô te falando não, certo? Muitos diretores de escola diziam que a gente estava tirando os professores para ficar fazendo brincadeira, entendeu? Pra... pra... não era estudar de verdade.

VERÔNICA: Tava perdendo tempo, né?

ELIANE: Perdendo tempo, tirando da escola pra... porque no início as nossas formações eram três (3) dias, dois (2), três (3) dias então éh... houve resistência, houve críticas pesadas. Houve éh... até que... até que as mudanças comessem a aparecer e sem assim que fosse de uma forma impositiva. Sem que a gente exigisse, tem que acontecer. Então a contação de histórias... Eu tô falando tudo isso porque isso tudo surgiu dentro dessa proposta do programa Marabá leitora, né. Então ela veio... ela foi assim digamos, ela foi se... como que é que eu vou dizer? Ela foi se introduzindo de uma sutileza e nesses vários ambientes, e a gente não obrigou o professor a fazer nada e nem disse pra ele que esse era o único caminho, né. Mas hoje é como eu tô te falando, hoje em dia é... faz parte de...do... das intervenções, da... das práticas pedagógicas, a maioria faz isso nas salas de leitura, e muitos professores hoje em dia também, fazem nas suas salas de aula, entendeu? Mais na sala de leitura, porque lá é de fato, do ponto de vista curricular e institucional, lá é um espaço para as coisas divertidas, né [risos]. Para as coisas sem um compromisso para o aprendizado sistematizado. Então lá é um lugar adequando, e tem ocorrido éh... essencialmente lá, né.

VERÔNICA: Nas escolas... as escolas que tem biblioteca, o projeto entra pra biblioteca?

ELIANE: Acontece nas salas de leitura, éh. Mas como eu te falei ele já aconteceu, na verdade ele era uma ação da SEEMED com a UNIFESPA, dentro do meu projeto, que acontecia em todos os lugares, um deles era a sala de leitura, que especificamente na sala de leitura era a formação continuada, mas nós fazíamos muitas outras coisas fora desses espaços né, como eu te falei. E criamos o... o... o grupo de contação de história. E isso foi por todos os lados. Hoje em dia a gente se concentra, nos últimos anos a gente se concentrou com o projeto... de com o projeto de Marabá leitora somente nas salas de leitura, né. Hoje em dia a gente trabalha com oitenta (80) salas de leitura, (84) salas de leitura. Então todos os professores do município participam dessa formação, né. Então, éh... e eles ouvindo você. É bom se você pudesse ouvir os professores, porque se você ouvir os professores, você vai dizer... você vai ouvir, eu vou falar isso aqui, não tenho medo de falar porque a gente ouve isso direto, que a melhor formação que o município dá é a nossa. E não é porque a gente tá lá para ensinar, porque o professor ele sabe muita coisa. É uma... uma coisa muito... as vezes a universidade, nós que trabalhamos com formação continuada, éh a gente é as vezes pretensioso, quer as vezes ensinar o professor... o professor sabe de muita coisa. Então na verdade, nós não vamos ensinar o professor a ser professor.

VERÔNICA: Uma troca, né?!

ELIANE: Nós vamos despertar nele o desejo... o desejo de está... de construir de um lugar bonito, agradável, divertido. Em que fosse divertido principalmente pra ele, primeiro pra ele, depois pras crianças. Entendeu? E a nossa formação privilegiou isto, né! Teoria, mas de uma... uma maneira digamos assim, de uma maneira que um... um... então muita gente olha, como eu te falei, no início nossas salas de leitura tinham professores que sofriam de depressão, a maioriatava lá por problemas de depressão. Muitos vão pra lá porque estão com re... re...como é que se chama?

VERÔNICA: Re... remanejados!

ELIANE: Éh, tem um nome remanejado... remanejado...readaptados.

VERÔNICA: Sim!

ELIANE: E, éh... infelizmente continua acontecendo isso, mas não é mais a maioria. A maioria vai pra lá porque quer ir, pede para ir, é designado pra ir, né. E vai por escolha, não é porque não serve mais nada pra escola. [fungada].

VERÔNICA: Huhum.

ELIANE: Então a... e eles... a nossa formação ela tem uma... ela é muito diferente das outras formações, ela está com outras perspectivas, com outras metodologias, com outras ferramentas. Então eu posso dizer assim, sem medo de dizer para ti, os profe... as professoras que participam do nosso projeto, né, elas amam. Então assim, éh... e a contação de histórias foi uma... uma coisa que pra muitas... eu não vou dizer que pra todo mundo, mas pra muitas, que a maioria é mulher mesmo né. Para muitos professores foi terapêutico até. Teve uma... foi... atuou como processo terapêutico, né. Nós já ouvimos isso em formação, a pessoa dizer 'gente, quando eu comecei na sala de leitura'... tem uma menina que tá fazendo o projeto agora, um projeto dela de dissertação de mestrado, e ela ouviu da professora que falou para ela, que ela se curou na sala de leitura, de depressão, fazendo as atividades né, as atividades que ela desenvolvia a partir das inspirações e das conversas e das muitas, das provocações né, que a gente fazia/faz nas nossas formações. Então assim... eu digo... disse... então a contação de histórias ela realmente é uma coisa milagrosa. Então você vê que ela é um fenômeno universal, é um fenômeno que éh... tem um papel muito importante nas culturas, todas as culturas. Éh... infelizmente a gente suspendeu a contação de histórias oral,éh nas nossas sociedades letradas. Mas a gente não vive sem as histórias, a gente não vive sem as outras formas de contar as histórias. A gente não vive sem os livros, a gente não vive sem o jornal, a gente não vive sem a fofoca, a gente não vive sem o cinema, são contações de histórias de outras.... de outras formas, mas só a gente não vive sem a história, porque história... nós somos história! Quem é alguém sem sua história? Quem é alguém sem saber o que é história? Uma pessoa que não tem história nenhuma para contar, não é ninguém. Não é nada no mundo, né. Então é isso que a gente tá.... o princípio é esse. Somos todos contadores de história, nem que seja da sua própria história né, então éh... é uma coisa muito bonita, que a gente aqui, na nossa cidade, sem dúvida nenhuma, tá em franca ebulição e é uma coisa constante, nas escolas, é nos espaços de eventos, acontece o tempo todo, não tem mais nada aqui que não tenha contação de história envolvida. É muito... é muito bacana isso.

VERÔNICA: Que... que relato lindo, hein?!

ELIANE: Pois é, é verdade! Foi uma uhhhhh, um negócio assim que explodiu né.

VERÔNICA: [riso]

ELIANE: É!

VERÔNICA: Muito legal!

ELIANE: É, interessante... isso foi muito bom porque é, eu também sou envolvida em outros movimentos, né. Movimentos literários, de criar sarau, associação de escritores, essas coisas. Então acabou que essas coisas todas foram se misturando.

VERÔNICA: Sim!

ELIANE: Favoreceu essa... esse movimento todo em torno da contação. Então nós temos muita gente que conta história em Marabá... muita gente! Nós temos inclusive uma rede, nos temos

um grupo que eu falei chamado ‘Trupe- paneiro de histórias’, nós temos a ‘Rede Marabela de Histórias’, que não é um grupo, mas é só onde tem os vários professores que participam, que são contadores, inclusive formadas na contação de histórias, né, em nível superior, nível de pós. Éh... eu faço parte da rede de contadores de história do está do Pará, Recontar com H, Recontah né. Éh... e é isso! Basicamente, se você quiser, se você quiser depois eu posso, se você precisar de uma pequena biografia minha, tu não pediste mas depois tu vai pedir né?

VERÔNICA: Eu pedi, eu já pedi!

ELIANE: Eu posso mandar pra ti uma coisa resumidinha pra você se ajudar na sua dissertação.

VERÔNICA: Olha eu estou muito feliz, nossa! Como eu aprendi com essa conversa né, ouvir você com essa experiência tão bonita, né?!

ELIANE: Sim!

VERÔNICA: Que começa também lá na infância, com a mãe que conta os causos e as histórias de vida, né.

ELIANE: É história de vida!

VERÔNICA: E o pai com história de assombração [risos]!

ELIANE: [risos] Aí!

VERÔNICA: [risos] Agora eu fiquei muito empolgada, e assim: acabei nem olhando aqui pro papel porque como eu já conheço tanto o que tá aqui, eu fui vendo que você foi contando tudo...

ELIANE: Fique à vontade VERÔNICA, se você tiver alguma pergunta específica pode fazer estamos aqui pra isso, fique à vontade!

VERÔNICA: Eu precisava ouvir mesmo, agora eu queria saber, de onde você vem, porque você chegou ai em Marabá aos quatorze (14) anos, né?

ELIANE: Ah sim! Ah tá... eu nasci em Minas, né. Sou mineira de nascimento, ai a gente veio subindo o mapa, veio subindo o mapa até chegar no Maranhão, depois fomos morar no Goiás, numa cidadezinha perto de Araguaína chamada Wanderlândia, não sei nem se chama esse nome ainda.

VERÔNICA: Têm, têm sim!

ELIANE: Têm?! Ai voltamos de novo pro Maranhão, fomos morar em Imperatriz, e de Imperatriz viemos morar em Marabá, então fiz toda essa, esse, é..., essa trajetória de imigrante pobre né, meu pai era motorista de caminhão e a minha mãe era uma dona de casa, que fazia de tudo um pouco também pra ajudar na sobrevivência né, pela família.

VERÔNICA: Você tem irmãos? Você tem irmãos também?

ELIANE: Tenho dois (2) irmãos, tenho dois (2) irmãos [fungada] mais novos, mais novos do que eu.

VERÔNICA: Que linda essa história! E eu fiquei imaginando assim: que você conta a sua história preferida, umas que você gosta mais, é a lenda do pirarucu.

ELIANE: É...

VERÔNICA: E as outras pessoas do grupo, que história eles contam? eles contam uma história de, de, de...

ELIANE: Ah! É...

VERÔNICA: Natureza, lendas, mitos, causos...

ELIANE: Hoje, hoje em dia, hoje em dia, acho que a maioria faz de tudo um pouco sabe, a maioria faz de tudo um pouco, mas eu, éh... é, eu acho que predomina mesmo as narrativas orais, eu acho que predomina pra todo mundo, elas têm um apelo maior, né?!

VERÔNICA: Hum!

ELIANE: Até porque ah, e especialmente aquelas que são dígitos assim né pertencentes ao nosso imaginário popular, porque hoje em dia até fazer contação de história a partir de livro, se for por exemplo: na internet é hum, é... ah... tem toda uma, uma que eu nunca nem fui atrás de saber, porque eu não faço... mas, tem toda uma, uma normativa pra isso né, tem toda uma, uma questão de direito autoral então, é num é, é..., a maioria prefere fazer mesmo, tem gente que faz

um canal de youtube né, mas acho que pede autorização pras, pras editoras num sei, tem um procedi... hoje em dia, tem mais uma, tá havendo mais um, um cuidado em relação a isso. Então assim, mas os espaços públicos onde eu vou, é... eu tenho conhecimento, tenho, amigas que contam só de livro, né, e tem outras que contam mesmo, pesquisa, lendas né, causos, contos e conta populares e conta a partir daí. Eu sou uma que gosto muito de, é... narrativas de origem indígena, igual eu te falei, gosto muito! Éh... inclusive o Daniel Mundurucu até pediu uma autorização pra ele pra fazer contação a partir dos livros dele, ele me deu, mas eu nunca contei nenhuma história [risos]. Eu gosto mais assim de fazer uma pesquisa e vejo um história que me agrada aí eu vou fazendo, vou fazendo meu jeito né, porque eu não memorizo a história no sentido de memorizar o texto, eu memorizo a história como um todo, né.

VERÔNICA: Sei, aí solta né?

ELIANE: É, eu não memorizo, eu tenho uma, uma, uma amiga minha contadora que ela, ela conta dez (10) vezes a mesma história do mesmo jeito, ela não esquece uma palavra acho impressionante aquilo, eu não consigo, não consigo!

VERÔNICA: Eu também conto, eu vou inventando, eu vou criando, eu vou mudando...

ELIANE: É!

VERÔNICA: Alguma coisa, também não consigo.

ELIANE: Eu não... eu acho impressionante aquilo, eu não dou conta não, eu vou fazendo. Você também é contadora de história VERÔNICA?

VERÔNICA: Eu também sou contadora de histórias né, comecei também lá com meu pai, com minha mãe que contava histórias pra gente, histórias de vida, as vezes contava a nossa história ali da casa e a gente, ‘ ah não mãe, essa não valeu porque essa aí é sobre a gente’! Mas também muito história de... de... né do mundo fantástico de, de de... príncipes, de um calango que virava um príncipe, eu sou dali da região do Nordeste do Ceará, então era muito comum lagarto, sobre essas coisas meio misteriosas, né?!

ELIANE: Sim.

VERÔNICA: Sobre alguém que desapareceu e depois apareceu. Então era, era, eram essas histórias!

ELIANE: É, eu, [inaudível] eu como leitora uma das coisas que me encantou muito assim do ponto de vista da narração, né vamos dizer assim, foram as histórias de cordel, né?! Eu amo cordel, sou apaixonada, eu tenho muito eu tenho muito ainda aqui na minha casa... em algum lugar! Éh, e na minha, é na... quando eu morei no Maranhão por volta do, eu tinha nove (9), dez (10) anos, é, o meu pai é, foi trabalhar em feira, ele tinha uma, uma, uma, uma barraca de vender roupa na feira. E do lado, eu tive a sorte do lado, ter um, um senhor que vendia livro de cordel e aí ele deixava eu ler todos, então eu lia assim, eu lia, eu sempre fui uma leitora voraz, né. Então [risos] eu ainda sou, e aí eu lia assim, eu lia 10 (dez) por dia, e ele tinha e era muito, muito gente e... meu Deus, era uma coisa impressionante! E eu li muito e o que mais me marcou foi um que eu sempre eu digo gente, o que mais me marcou: ‘A princesa da pedra fina’, nossa eu amava esse cordel! Amava, amava, eu ainda vou comprar esse cordel, ainda vou aprender a história, ainda vou contar, porque eu amo esse cordel amo, amo demais, [fungada]!

VERÔNICA: Então tá, a minha experiência...

ELIANE: A minha... o cordel tem uma influência muito grande pra eu curtir, ouvir, porque o cordel é, tá muito mais próximo da oralidade né, então assim, embora eu seja leitora de livros no sentido né, literário, mas o cordel acho que a minha coisa conta uma história, tem mais a ver a, com a contação de história, tem mais a ver com cordel.

VERÔNICA: É, eu também tive uma experiência bonita, com cordel né, porque a minha região ali tinha muitos cordelistas né, Patativa do Assaré e outras pessoas, meu avô também era poeta; Tá tudo bem, tá ouvindo?

ELIANE: Sim, sim eu tô ouvindo!

VERÔNICA: Ah... e meu avô era poeta também e, e contava histórias e fazia rimas da gente,

então eu venho dessa, desse momento né, da soleira da porta mesmo, de sentar ali na porta pra ouvir a mãe e o avô contar histórias...

ELIANE: Querida?!

VERÔNICA: Como?

ELIANE: Eu, eu vou te dar o contato, de dois contadores de histórias que eu amo de paixão, uma lá que falei do Gregório né?

VERÔNICA: Isso.

ELIANE: E a outra pessoa se você não tem que é do Nordeste, a Lenice Gomes.

VERÔNICA: Quero, eu vou querer!

ELIANE: Já ouviu falar em Lenice Gomes?

VERÔNICA: Já, já ouvi!

ELIANE: Depois cê pesquisa sobre ela, já ganhou até prêmio Jabuti, né?! Então ela é uma grande contadora de história do Brasil, amo, amo muito, é maravilhosa ela! Se você, talvez cê consiga, talvez aumentar o teu, o teu número, sujeitos, contadores, eu acho que ela, ela é uma, ela é uma senhora de mais de setenta (70) anos, né.

VERÔNICA: Olha que lindo!

ELIANE: Então ela vai, ela ser uma, uma... [segundos de silêncio] bem interessante pro seu trabalho!

VERÔNICA: Você tem o telefone dela, não né? Mas o Gregório cê tem?

ELIANE: Não, eu tenho, eu tenho, te passo.

VERÔNICA: Ah, eu quero obrigada! Eu queria ver o seguinte, como é que foi assim nesse momento de pandemia, o compartilhamento dessas histórias, como é que vocês fizeram?

ELIANE: Pois é, muita coisa aconteceu na internet mesmo foi online, eu participei de eventos, congressos né, de saraus, eu fiz muita coisa na internet [suspiro]! Foi difícil pra mim porque éh..., eu não, não gosto muito de ficar me vendo né, então, não foi uma, não foi uma coisa muito fácil de fazer pra mim, porque ficar me, ficar se vendo, não é legal! Eu não acho legal né, a gente acaba prestando atenção na tua cara e, o contato com as pessoas é... presencial é muito [fungada]... ele diz muita coisa né, ele diz muita coisa, a uma troca verdadeira, profunda, é... de sentimentos, de afetos e tal, que num, que dificilmente acontece é... a gente consegue ter né, na, na, pela internet, pra mim foi particularmente difícil porque eu não sou uma pessoa apaixonada pela própria imagem! Então, éh... eu ficar me vendo não é assim, eu, eu fico: Meu Deus, olha o nariz, olha o cabelo, onde se viu, eunão dá!

VERÔNICA: [risos]

ELIANE: Então me atrapalhou um pouco, eu fiz muito... eu recusei vários convites, pra contar história porque eu não queria fazer, não queria passar por isso, né. Então assim [fungada], mas tem acontecido sobretudo nas, nas redes sociais, não parou não! Acho que até agora, muita gente né, com [fungada], com, por conta da... da facilidade do acesso né, de Youtube, essas coisa, muita gente migrou mesmo pra esse meio.

VERÔNICA: O que... como é que você viu essa receptividade dessas pessoas?

ELIANE: Eu vi, eu não sei, eu não consigo, eu não consigo avaliar isso, não sei, não sei se [inaudível-corte] a história do outro lado assim, não sei! Não sei se as pessoas estão vendo de verdade, eu sei, quando eu estou numa sala, numa sala eu sei que as pessoas estão me ouvindo, se estão gostando ou não eu consigo captar alguma coisa mas eu não me preocupo muito com isso, né.

VERÔNICA: Presencialmente a gente sente a emoção da pessoa!

ELIANE: É, e a gente, é, eu não, eu, eu estou preocupada em, o que eu estou fazendo. Então assim, é, eu acho que a partir dali muita coisa boa acontece, eu, eu espero, eu tenho essa expectativa! E eu, e eu sinto a energia acontecendo pelas, por lá, é... mas assim, na internet eu não tenho, eu não sei se estão vendo de verdade, eu não sei se tem gente acompanhando de verdade, se, não sei, não sei se só está lá por, quando eu coloco lá... dando um clique lá porque

curtiu e foi embora, não sei! Não tenho a menor ideia, não sei avaliar se isso é realmente bom, sabe? E tem mais, eu particularmente não gosto de ouvir contação de histórias assim, eu não gosto!

VERÔNICA: É, tem um outro...

ELIANE: Eu gosto de ver ao vivo!

VERÔNICA: Outro tom né, outra emoção, outra interação hein!

ELIANE: É... eu acho... é assim, tem toda essa performance que inclusive presencialmente existe né, e digamos assim eu estou acostumada a ela também né, então essa, essa coisa da contação de história no, na... na... na internet éh... eu não sei, não me toca não, não me toca muito não! Não me toca, inclusive nem assisto, nem assisto, muito dificilmente eu assisto, eu fiz algumas, mas eu dificilmente eu assisto!

VERÔNICA: Então, olha é... eu tô muito feliz por ter conversado com você, e se, agora eu quero ir aí também lhe conhecer pessoalmente!

ELIANE: Vamos se ver VERÔNICA! Olha, nós vamos ter o seminário ano que vem, cê tá sabendo, né? Possivelmente você deve vir, a gente combinou que vai ser em Araguaína e em Marabá.

VERÔNICA: Ah, com certeza!

ELIANE: E aí a Luísa, a Luísa falou assim: 'Ah vamos dar um jeito de enfiar a contação de história no nosso evento'! Ei, VERÔNICA, com certeza né, VERÔNICA [risos]!

VERÔNICA: Com certeza, tá previsto pra quando?

ELIANE: Olha, eu não sei ainda, não sei, mas você fala 'olha, a ELIANE disse que vocês estão planejando um evento, e aí eu quero ir'. Você vem!

VERÔNICA: É, porque eu acho que talvez até case com, com, com ela enfim, e vai ter o... Nós também vamos fazer esse evento do, do sarau que a gente quer fazer, mas depois eu vou conversar com a Luísa, com certeza nós vamos participar, vai ser muito bom!

ELIANE: Eu quero participar da sua banca!

VERÔNICA: Que bom [risos], vai ser um prazer, eu tô aqui com, com o...

ELIANE: Eu tô com duas bancas de contação de histórias, assim né, eu participei de umas duas.

VERÔNICA: Que ótimo!

ELIANE: Mas a Luciane, não foi a Luciane agora que eu lembrei foi a Rosimere, não foi a Luciane, foi a Rosimere, foi uma da Bahia foi a Rosimere.

VERÔNICA: Foi. Lá tem a Rosimere, tem a Queu né, tem a Queu também, tem uma turma boa lá né,

ELIANE: Pois é. Tem, tem!

VERÔNICA: Então, eu tô muito emocionada, fiquei muito feliz com essa nossa conversa achei muito bom, eu fiquei muito feliz, muito contente mesmo! E eu quero muito um encontro presencial né, ainda bem que a gente assim, acho que logo, logo a gente vai poder se ver pessoalmente, né, todo mundo indo!

ELIANE: É!

VERÔNICA: Fiquei muito contente mesmo!

ELIANE: Eu fiquei, eu fiquei muito, eu fiquei muito... hoje tive um dia difícil, porque a minha filha veio passar uns dias comigo e foi embora essa madrugada, aí passei o dia assim sabe? Borocoxô, ainda tô meio borocoxô, tava falando com a minha mãe agora eu tô muito borocoxô hoje, tô muito sem graça! Eu quase cancelo essa conversa contigo, eu tava tão pra baixo!

VERÔNICA: Ai mas foi, mas foi tão bom!

ELIANE: Agora que melhorou um pouquinho né porque, porque essa, esse assunto é delicioso, é tocante, e a gente, a gente precisa né VERÔNICA?! A gente precisa manter essa chama acesa e fazer com que o ler, isso se torne digamos assim uma prática mesmo, é tão bom, a pessoa normalizar isso, porque a gente está muito, muito triste, muito doido, muito tecnológico e eu acho que a contação de história ela tem uma, ela toca a gente de uma maneira visceral, né?! Ela

nos toca por dentro, não é na nossa pele né, não é nos nossos olhos não é, não é uma coisa tátil, visual, é muito mais profundo do que isso então, é... isso, isso pode mudar as pessoas, pode mudar os ambientes né. Pode é, aliás, a contação de história ela, se você contar por exemplo, é umas do... das técnicas da psicanálise né [risos]! É uma das técnicas da psicanálise porque que não funcionaria é, o, a, a lúdica né, a lúdica então, a gente precisa levar isso pros, pras escolas pras nossas pros nossos... pra esse mundo real que tá aí! Tá muito dolorido muito a, muitos é... tenebroso né e cada dia mais hoje tira a gente da nossa... das nossas raízes, da nossa, daquilo que veio antes né, daquilo que nossos pais contaram, da...da.... dessas histórias que imaginadas mas talvez não tão imaginadas assim né, talvez, a gente não saiba, a gente não sabe o tamanho do encantamento porque a gente deu conta de destruir o encantamento que tinha no mundo né, então, enfim!

VERÔNICA: Enfim, vamos criar uma grande fogueira né!

ELIANE: É!

VERÔNICA: Vamos criar uma grande fogueira, formar uma fogueira pra essas labaredas de fogo né [risos]. E que se espalhem casa vez mais, né, e as chamas mesmo profundas e que essas chamas venham realmente iluminar o nosso ser! [vozes sobrepostas]

ELIANE: Eu fico muito feliz de fazer parte disso, sabe?! De fazer parte disso porque é.. é uma coisa que não fazia parte da minha, da minha, digamos assim, não, não estava previsto eu fazer isso, minha trajetória né, é..., nem faz, nem é o que eu faço academicamente do ponto de vista de pesquisa e nem nada. Eu acabei tendo um... um papel muito grande nessa, nesse processo sabe, não é que eu quis, num é que eu quis fazer isso, eu fui fazendo e, e, a, eu sempre digo pras meninas né, digo: ‘meu Deus do céu, vocês são muito marotas que cês, embarcam em casa ideia minha’! Elas tiram sarro de mim, ‘ai vem a professora lerda, tive uma ideia’, elas me enche o saco, eu tive uma ideia né! E o legal que é... se essas pessoas todas envolvidas não tivessem é... comprado, se arriscado, passado situação assim né, ridícula as vezes, quando é... pra alguns é uma situação ridícula né. Se não tivessem se, se quebrado alguns tabus, se tivessem sei lá, ah vão perder a vergonha sim, vou fazer! Hoje em dia tem uma das meninas contadora de história que ela, ela se tornou contadora de história e ela é maravilhosa, cê precisa de ver! Mas se você souber com ela começou cê não acredita, ela entrou porque ela, ela era minha amiga e dizia, ela tava com um problema de veio... veio contar um problema digo, ‘olha tu não quer participar de uma coisa com a gente não?’, ‘não nunca vou fazer isso, eu nunca vou conseguir fazer isso, nunca’. E ela fazia chorando no começo, brigando comigo, com todo mundo, com raiva e hoje em dia ela, ela é uma, uma grande é... tem uma grande atuação nessa área né, na, inclusive nos movimentos culturais então ela mesmo conta muita história de uma maneira muito bonita, ela... dirige projeto nesse campo. Então assim, então te digo é, é ter um poder curativo enorme né, terapêutico [risos].

VERÔNICA: Verdade, é verdade! Olha eu acho que a gente podia fazer uma fotografia.

ELIANE: Ah sim, podemos!

VERÔNICA: Tá bem?

ELIANE: Pera aí, deixa eu tirar esse tic-toc!

VERÔNICA: Como é, você consegue fazer daí, ou eu que faço daqui?

ELIANE: Você... tá no computador?

VERÔNICA: Estou!

ELIANE: Talvez no, talvez no computador fique melhor porque...

VERÔNICA: Tá, mas aí eu faço como, eu faço aqui do celular mesmo?

ELIANE: Se você quiser, por mim não tem problema, eu, eu vou tentar fazer um aqui tá?

VERÔNICA: Tá!

ELIANE: Normalmente eu acabo fazendo [vozes sobrepostas].

VERÔNICA: Que linda! Nossa virou agora assim uma pantera né? [risos]

ELIANE: [risos]

VERÔNICA: Tá, vamo lá!

ELIANE: Agora eu tô assim contra luz, né, agora, não sei se melhorou! Ei menina, meu ring light tá bem aqui! Só que eu não liguei, ai meu Deus, ta muito, muito escuro?

VERÔNICA: Não, tá bom, vamos separar um pouquinho!

[pausas para foto]

ELIANE: Ah, tô falando! Ainda, consegui, pera ai! Ai você pode fazer uma aí, deixa eu tentar fazer... deixa eu colocar uma aqui! Ae, tenta fazer dai também, porque não confia muito em mim, que eu não sou especialista.

VERÔNICA: [risos] Eu também não sou não! Bem, eu vou fazer uma assim.

ELIANE: Acho que tá bom! Nós vamo ter que, a gente vai ter que... ficar bonita.

VERÔNICA: Vamo lá!

ELIANE: Olha os problemas estão passando aqui.

VERÔNICA: [risos] Então eu quero agradecer muito a amiga, agradecer imensamente por esse encontro bonito!

ELIANE: Ôh VERÔNICA espero que, espero que eu tenha te ajudado!

VERÔNICA: Ah com certeza, com certeza, me ajudou muito, foi muito bom ouvir você, anotei muitas coisas aqui né, eu anotei muitas coisas, logo já vou transcrever pra ali! Isso que eu fui anotando porque senão depois a gente perde né, o fio da meada.

ELIANE: Isso.

VERÔNICA: Nesse momento...

ELIANE: E se você quiser saber mais alguma coisa depois você pode mandar, que né...

VERÔNICA: Tá, então agradecer e eu... éh, em breve nos veremos, vou contar pra Luísa nesse instante, do nosso encontro! E ai eu agora queria que você falasse um pouquinho rapidamente como você né, sobre o que você sentiu da nossa conversa, né, foi muito bom ouvir você e as palavras finais.

ELIANE: Olha, eu só tenho a agradecer né, porque como eu te disse eu tava meio jururu hoje, e essa conversa me fez lembrar momentos muito bons dessa trajetória né! Eu já disse várias vezes que eu vou largar esse negócio de contação de história que eu tenho muita, eu tenho outras coisas pra fazer e tem muita gente fazendo isso, então eu não preciso mais né?! Aí quando eu penso que não, eu falei isso, eu falo ai eu, eu queimo a língua porque na semana seguinte, parece assim que é de propósito, vem uma pessoa e diz assim: 'vamos fazer isso, não, não, vamos fazer?' Eu acabo indo né [risos], eu antes disse que não ia mais fazer contação de história, eu tinha dito, 'não, não vou mais fazer porque meu papel nisso já, já fechou, já fechou é... já tem muita gente que eu ajudei a trazer a luz, muita gente está fazendo isso muito bem, não precisa mais de mim!' Ai semana passada alguém vem e me insiste, me insiste eu vou, ai já tenho outra pra fazer no outro dia, digo, 'meu Deus do céu!' Então, enfim né, então é, eu gosto, eu gostei muito de ter é trazer essas memórias pra cá né! Porque realmente eu acho que esse é um movimento muito bonito, muito é, que tem muito a contribuir pra nossa cultura local. Mas para cultura brasileira em geral né, pra cultura literária também! A gente tem um papel muito bacana nisso, eu acho que a, que quando eu falo tudo isso, eu falo com muito assim, com muita verdade sabe? Eu falo com muita, muita sinceridade, isso pra mim não é profissão, como pra alguns de nós é né, num é, pra mim não é, é... eu não ganho dinheiro com isso. Ah, acho que eu ganhei dinheiro com contação de história, deixa eu ver, uma vez, nesse dia eu pensei até que eu ia dá... um que eu ia morrer, porque fiquei muito emocionada eu não acreditei!

VERÔNICA: [risos]

ELIANE: Foi. Então assim, eu não ganho dinheiro com isso é... o, o, o projeto que tem a ver com a minha visão de cultura né, tem a ver com a minha visão de contribuir pra, pra ver a cidade que eu vivo, que eu criei um poema pra ela né, criei um poema em que eu chamo de, eu mudei o nome de Marabala pra Marabela, então a cidade é conhecida hoje como Marabela por causa do poema né, isso é muito bacana, é... Se você é dessa região você deve ter visto uma Marabá

de Marabala né, e é uma coisa que sempre me incomodou e eu acabei criando um poema que se popularizou, hoje em dia é pintado na, na, na universidade, na orla de Marabá né.

VERÔNICA: Perfeito!

ELIANE: É, então assim, eu falo isso com muito coração com muita verdade né. Éh... tem a ver com jeito de ver o mundo, então isso está tudo integrado, tudo isso que eu venho fazendo como professora é... no meu jeito de ver a educação. Eu acredito muito na educação transformadora, libertadora, éh... Eu acho que o, eu sempre fui paulo-freiriana vamos dizer assim né, embora eu não seja pedagoga, eu acho que o Paulo freire tem uma, uma visão de educação que eu concordo e, e me toca profundamente! Eu faço, e eu faço, eu, uma vez eu tive a honra de alunos do curso de letras, um curso de letras é... de formação, era tipo {incompreensível} sabe? Eu não lembro a época, tinha outro nome e a maioria dos professores já tinha um curso de pedagogia, eu achei muito bonito que eles, uma aluna falou pra mim na sala de aula que eu era uma, que eu era uma professora paulo-freiriana! Eu, eu, eu fiquei tão honrada com isso sabe porque eu li muito pouco Paulo Freire pra ser uma professora paulo-freiriana, mas eu acho que o que, o pouco que eu li com certeza deve ter me tocado e atingido profundamente, porque realmente eu acho que a educação é... num é, nada muda o ser humano a não ser a educação, pra melhor, sabe, pra ficar sendo melhor a educação tem que ser de fato uma educação humanizadora e transformadora! Não é qualquer educação que nos torna melhor não, é uma educação como, gente como o Paulo Freire que não é só ele né, que pensa assim, mas gente como Paulo Freire, por exemplo, éh... preconiza e pede pra gente fazer, então eu tenho muito orgulho de ser professora, eu acho que a gente é, quando é professor faz muita coisa né, em nome da educação, então tudo isso que eu tô, que eu venho me envolvendo, contação de história, movimento literário, movimento de, de, de, de..., de auto... artísticos em geral que eu tenho me envolvido tudo é pela educação, tudo é em nome da educação! No mundo, eu penso isso de verdade, é, talvez seja piegas, talvez seja romântico, mas eu acredito que é por aí, eu sinceramente acredito!

VERÔNICA: Muito bem, muito bom, é... acho que... a gente precisa ser romântico também né, mas é assim é, há uma crítica também 'a VERÔNICA, oh VERÔNICA, a professora ELIANE você é muito romântica e tal', mas é preciso ter amor, é preciso sentir as coisas, né?!

ELIANE: É.

VERÔNICA: Eu acho que a história faz esse movimento na gente né.

ELIANE: Sim, sim, eu diria até VERÔNICA que a contação de história, no meu caso, ela libertou é, o que eu tinha de melhor, como professora sabe!

VERÔNICA: Uhum!

ELIANE: Ela me libertou porque eu, eu sempre é, eu sempre fui muito amorosa né, eu acredito na pedagogia, numa pedagogia do afeto, eu realmente pratico isso como professora. E aí a contação de história só veio fazer, pegou isso e ajudou a, a não ter vergonha sabe, me ajudou a expressar isso de uma maneira mais...

VERÔNICA: Libertou!

ELIANE: Libertou! Isso, pronto, libertou [risos].

VERÔNICA: Libertou [risos],

ELIANE: [risos] É isso, é isso.

VERÔNICA: Ah, que bom, que maravilha, que bom, fico muito feliz.

ELIANE: [inaudível] É isso.

VERÔNICA: Olha, um abraço então afetuoso, né?!

ELIANE: Brigada, obrigada, obrigada...

VERÔNICA: Um abraço afetuoso, dorme com Deus!

ELIANE: Cê também!

VERÔNICA: Que sua noite seja tranquila e que seu despertar seja muito feliz, muito feliz mesmo!

ELIANE: Amém, amém, você também [risos].

VERÔNICA: Tô feliz de conhecer você, muito bom e essa história de vida, tudo que você contou, vai pra dentro dessa pesquisa! Eu acho que o que tem de mais bonito nessa pesquisa é isso, é essa escuta, é conhecer a história do outro e dar visibilidade, né. A gente precisa realmente dar visibilidade, quem são esses contadores de história, que histórias contam né, como essas pessoas se juntam, vamos linkar essa experiência ai, com quantas pessoas né, que congregam do mesmo objetivo.

ELIANE: Tem!

VERÔNICA: Eu almejo fazer isso aqui em Araguaína também, aqui nós temos alguns contadores de histórias. Mas assim, a gente muito, muito ainda separados né, a gente precisa se juntar também num movimento grande esse é o objetivo também. Pra juntar um grupo grande e sair por ai contando muitas histórias, muitas histórias né, levando é, é, é, esse, essa, essa labareda... lá pra dentro do coração das pessoas!

ELIANE: Labareda de fogo [risos].

VERÔNICA: Pra se sentirem aquecidas como nós, num é?

ELIANE: Isso, isso mesmo querida [risos].

VERÔNICA: Um beijo do fundo do coração, viu?

ELIANE: Brigada, viu, boa noite, fica com Deus!

VERÔNICA: Boa noite, tchau tchau, e agora eu vou interromper a gravação...

ELIANE: Ok, estou saindo, beijão!

VERÔNICA: Beijo [som de beijo], tchau!

Entrevista com Eró Cunha

ENTREVISTADORA: () ... seja muito bem-vinda... e eu quero oferecer pra você um poema... uma poesia...

ENTREVISTADA: ai que lindo...

ENTREVISTADORA: meus oito anos... "oh::: que saudades que tenho ... da aurora da minha vida... da minha infância querida... que os anos não trazem mais... que amor... que sonhos... que flores... naquelas tardes fagueiras à sombra das bananeiras... debaixo dos laranjais... como são belos os dias... do despontar da existência... respira a alma inocência... como perfumes a flor... o mar é... lago sereno... o céu.. um manto azulado... o mundo... um sonho dourado... a vida... um hino d'amor... que aurora... que sol... que vida... que noites de melodia... naquela doce alegria... naquele ingênuo folgar... o céu bordado d'estrelas... a terra de aromas cheia... as ondas beijando a areia... e a lua beijando o mar... oh... dias da minha infância... oh... meu céu de primavera... que doce a vida não era... nessa risonha manhã... em vez das mágoas de agora... eu tinha nessas delícias... de minha mãe as carícias... e beijos de minha irmã... livre filho das montanhas... eu ia bem satisfeito... da camisa aberta o peito... pés descalços... braços nus... correndo pelas campinas... a roda das cachoeiras... atrás das asas ligeiras... das borboletas azuis... naqueles tempos ditosos... ia colher as pitangas... trepava a tirar as mangas... brincava à beira do mar... rezava às ave-marias... achava o céu sempre lindo... adormecia sorrindo... e despertava a cantar... oh... que saudades que tenho... da aurora da minha vida... da minha infância querida... que os anos não trazem mais... que amor... que sonhos... que flores... naquelas tardes fagueiras... a sombra das bananeiras... debaixo dos laranjais..." Casimiro de Abreu... é pra você... seja muito bem-vinda...

ENTREVISTADA: obrigada... meu amor... que lindo... eu/ eu/ não poderia deixar também de compartilhar contigo uma escritora... poeta... na verdade com vocês duas... pelo carinho... pela amizade... pela história de vida... quando a gente fala na nossa construção... ela na verdade é nossa... nunca sou eu... né... então... o que seria desse nosso processo... éé:: dessa nossa história... dessa nossa memória... sem as que vieram antes... sem as que estão agora e sem as que virão depois... então... pra a gente começar eu peço licença... licença pra os meus antepassados... licença pra minha bisavó... minha avó Sabina Pereira dos Reis... minha mãe

Maria Francisca dos Santos Cunha... meu pai José Rodrigues da Cunha... Conceição Evaristo... Isaura Silva... a nossa amiga Fátima... né... que está em outra dimensão... (Erlí)... Maria Luiza... éé:: Luiza ()... éé:: tantas... e tantas... e tantas mulheres... né... que possibilitaram estarmos aqui hoje... quando a gente fala desse nosso espaço de fala... nós sempre tivemos essa fala... e uma fala muito potente... o que nós/ o que foi tirado da gente é justamente esse espaço de compartilhamento de saberes e de vivências... esses espaço de escuta... éé:: quando a Érica... né... antes da entrevista... inicialmente nós falamos sobre/ ela tava falando sobre esse espaço feminino... esse corpo negro... branco... mas... esse corpo feminino dentro da/ das academias... das universidades... éé:: esse não é/ não foi... na verdade... permitido pela academia... foi um espaço que foi de certa forma invadido... nós batemos/ nos arrebatamos as portas e paredes e saímos de objetos de estudo pra nós contarmos nossa própria história... então esse momento aqui é um momento muito precioso... é um momento muito significativo... porque não é Verônica... ou não é Érica... não é outro pesquisador... ou pesquisadora falando sobre nossa história... nossa memória... né... é a própria mulher... é a própria pessoa que está aqui nesse momento para fazer esse relato dessa vida memória... que é o que a Conceição Evaristo chama... dessas nossas escrevivências... que é uma escrita... mas é uma escrita que vem permeada por toda essa existência né... existência coletiva que essa nossa história essa nossa construção ela é coletiva... então eu quero iniciar também... apresentando vocês com um poema que eu gosto muito... que ele é muito importante na nossa história... um poema de Conceição Evaristo... vozes mulheres... "a voz de minha bisavó ecoou criança nos porões do navio... ecoou lamentos de uma infância perdida... a voz de minha avó ecoou obediência aos brancos-donos de tudo... a voz de minha mãe ecoou baixinho revolta no fundo das cozinhas alheias... debaixo das trouxas... roupas sujas dos brancos pelo caminho empoeirado rumo à favela... a minha voz ainda ecoa versos perplexos com rimas de sangue e fome... a voz de minha filha recolhe todas as nossas vozes... recolhe em si as vozes mudas... caladas... engasgadas nas gargantas... a voz de minha filha recolhe em si a fala e o ato... o ontem... o hoje... o agora... na voz de minha filha... se fará ouvir a ressonância... o eco da vida-liberdade..." e trago pra nossa/ pro nosso encontro de hoje esse texto de Conceição Evaristo uma pessoa assim muito preciosa... o meu trabalho de pesquisa do mestrado foi sobre as personagens femininas negras de Conceição Evaristo... e que vem também de uma outra história... que é desses encontros de pesquisadores negros e negras no (...) e eu conheci/ tive assim a satisfação de conhecer Conceição Evaristo... na Bahia... depois encontrei Conceição no Rio... e um poema que/ na verdade não é um poema é um conto que ele é título do livro... né... que fala sobre de que cor são os olhos de minha mãe... que é um texto belíssimo ouvido principalmente na voz de Conceição Evaristo... ela ali... do teu lado contando... falando... foi algo aqui me deixou muito abalada... principalmente... por/ nesse despertar mesmo porque... primeiro para a gente se reconhecer negra é muito tempo/ muito dolorido/ pra gente se reconhecer/ reconhecer a força feminina... é muito sofrido também... então quando eu vi Conceição... e várias outras escritoras... pesquisadoras... falando com muita força... né com muita verdade... com muita coragem... eu falei "gente não tem saída... ou a gente assume ou a gente vai ficar calada nesse espaço sem ter condições... né... nem para se ajudar... nem também para ajudar as outras..." a partir desse momento... foi um momento decisivo... né na minha trajetória... como mulher... como pesquisadora... como/ acho que como até personagem (laranjinha) também teve todo um divisor de águas a partir desse encontro...

ENTREVISTADORA: que fantástico te ouvir... ouvir Conceição pela tua voz... eu conheci Conceição ano retrasado... na ()... em Brasília... né... eu estava recém recuperando de um derrame... e aí tive... eu pensei que esse derrame não fosse me dar privilégio nenhum na vida... né... me trazer nenhum bem... me trouxe... eu pude sentar de frente com a Conceição Evaristo lá... me emocionou/ ela... Mara (Moirá)... olha só... Conceição Evaristo... Mara (Moirá)... eu as ouvi assim... olhando no olho delas... e sentindo a vibração da voz delas no meu corpo... e foi muito lindo e poderoso ver como aquele auditório de branco/ brancos... negras... negros... e

LGBTQI+ né... nem sei se eu falei direito a sigla... toda aquela diversidade... aquele sujeitos... e sujeitas ali... em função de duas personagens que estão assim/ hoje né... nos encorajando pelas suas produções... pela visibilidade que elas têm conquistado... porque nada disso como você bem disse nos é dado... tudo isso tem sido dolorosamente conquistado... a duras penas... ee::: em função de muitas perdas né... muito sacrifício... nada disso tem sido fácil... e eu tive o privilégio e hoje por coincidência... eu e minha orientadora... passamos a manhã trocando figurinhas... e ela leu um poema do Poemas da recordação e outros movimentos... que você deve conhecer bem... que é a roda dos não ausentes... que diz sobre esse momento de nós estarmos aqui hoje nessa tarde... registrando as histórias de vida... a sua história de vida... né... que é um pedaço que se junta aos nossos pedaços... e juntos nos tornamos inteiras... e ela diz "o nada e o não... ausência alguma... borda em mim o empecilho... há tempos treino o equilíbrio sobre esse alquebrado corpo... e se inteira fui... cada pedaço que guardo de mim tem na memória o anelar de outros pedaços... e da história que me resta... estilhaçados sons esculpem partes de uma música inteira... traço então a nossa roda gira-gira em que os de ontem... os de hoje e os de amanhã se reconhecem... nos pedaços uns dos outros... inteiros..." tá na página doze lá do/ desse livro poderoso né... poemas de recordação da Conceição... e é muito isso que a gente tem... para dar conta de existir... sobreviver nesse mundo caótico... misógino... racista em fim... ()... totalmente sexista... homofóbico... né... totalmente colonial ainda né... Eró... infelizmente... e que nos mata todos os dias né... todos os dias... e aí é juntando/ pelos nossos pedaços pelos pedaços que somos né... e também pela nossa inteireza força e coragem... que a gente vai se constituindo e contribuindo e fortalecendo né umas às outras... tem sido muito poderoso... mas enfim vamos lá... obrigada pelas poesias compartilhadas...

ENTREVISTADORA: obrigada mesmo... muito obrigada foi lindo... e que essas vozes sejam eco né... para outras mulheres né... eu acho bonito essa rede de mulheres... uma que apoia outra... uma que empodera a outra... então a gente vai segurar na mão um das outras e não soltar a mão de ninguém...

ENTREVISTADA: não...

ENTREVISTADORA: porque assim que a gente vai ficar mais fortalecidas né... então vamos continuar nossa conversa... hoje/ boa tarde para todas... ()... hoje é dia trinta de junho de dois mil e vinte e um... então nós daremos agora início a entrevista com a Eró... e o objetivo nosso aqui né... é registrar a trajetória de vida contadores e contadoras de histórias que residem na cidade de Araguaína... Tocantins... Marabá... Pará e Imperatriz Maranhão... com vistas a registrar suas histórias de vida e experiências com as narrativas orais... a pesquisa nasceu de estudos sobre a memória... no decorrer do seminário semiótica e ensino... de discussões no âmbito do grupo estudo do sentido... que é um Gesto... né... que é o nosso grupo de pesquisa aqui na UFNT... e do Coletivas Raimundas... que é um grupo de mulheres... professoras... pesquisadoras e escritoras... e está ligada também a experiências docentes e da minha atuação enquanto sujeito (contação de histórias)... serão entrevistados dez pessoas... entre homens e mulheres... maiores de trinta e cinco anos... sendo seis destas pessoas residentes em Araguaína... duas residentes em Imperatriz... duas em Marabá no Estado do Pará... e aí... dizer para Eró que a nossa entrevista hoje... né... a nossa conversa está organizada em três momentos... sendo o primeiro bem técnico né... apenas para compor a identificação né... a sua identificação... a identificação do entrevistado... e depois nos dedicaremos a sua história de vida desde a infância e encerraremos com uma contação de história... essa é a proposta... e aí depois eu me comprometo também enviar para você o termo de consentimento né... assinado... documentado...

ENTREVISTADA: certo...

ENTREVISTADORA 1: esse questionário ele não é rígido... ele é um instrumento que vai aí... colaborar e estimular a gente né... a dizer... e a falar... mas... Eró... conta para nós o seu nome completo... e quantos anos você tem... que dia e mês você nasceu...

ENTREVISTADA: ((risos)) meu nome é Eronilde dos Santos Cunha... nasci dia treze de Janeiro de mil novecentos e setenta e dois... ((risos)) sou aqui do Maranhão né... do interior do Maranhão... nasci em Dom Pedro... e vim aqui para essa região Tocantínia bem pequena ainda... aí fui morar no interior o sertão... depois quando/ eu tenho uma irmã e três irmãos/ então quando nós chegamos/ ééé:: meus pais são lavradores né... depois meu pai... teve uma outra profissão que é fotógrafo... e antes dele ser fotógrafo ele era lavrador... ele e minha mãe... e nós começamos a crescer... e ela sempre soube... principalmente ela - eu sou a filha de mim eu sou filha de mãe negra e pai branco - ela sempre soube... ela sempre sentiu isso... a forma da gente conseguir mudar essa nossa situação... principalmente... a questão da independência... seria através da educação... então ela sempre/ nunca foi/ nunca teve esses conhecimentos ééé:: conhecimento dela mesmo... esse conhecimento popular... ler e escrever... ela lê muito pouquinho... então esse conhecimento que a gente chama mais acadêmico... formal... eles quase não tiveram... começam a trabalhar né... o pessoal do interior... é... principalmente... ela tem oitenta anos agora... ela vai fazer oitenta anos em janeiro... então começou a trabalhar muito cedo... a minha vó ficou viúva muito novinha... casou novamente... e o esposo da minha avó... que a gente chamava de padinho... ele também era um homem muito sábio... muito muito muito trabalhador... muito muito muito responsável... com a questão do nome... que antes não tinha muita coisa assinada no papel não... até porque também poucas pessoas sabiam assinar... mas a palavra de uma pessoa era sua honra né... ele sempre teve muito cuidado com isso... e a mãe... ela sempre soube que a gente precisava/ uma das formas da gente mudar de vida né... melhorar de condição... seria através da educação... então ela saiu do espaço que pra ela era mais cômodo... que ela/ quebradeira de coco... sabia trabalhar muito bem na lavoura... mas eles saíram de lá para vir aqui para Imperatriz... para/ que era uma cidade que no período tava mais em expansão né... com aquela história do garimpo da Serra pelada... uma cidade que cortada por um lado pela BR... outro pelo/ pelo Rio Tocantins... então tinha aquele sonho né... que/ da prosperidade nessa cidade maior... e a possibilidade da gente estudar... então nós viemos aqui para Imperatriz... eu vim com seis anos... cinco... quase seis anos... e a partir daí... foi que eu tive... com seis anos... o meu primeiro contato com a educação mais formal... eu já comecei/ eu não tive essa coisa de ir para escola... porque... é:: quem não tinha condições a gente já entrava mesmo era no ABC... então comecei no ABC... numa escola de comunidade... aqui no Bacuri... que era uma Igrejinha... incrível... minha memória... como eu disse ela é muito falha... ela/ ela/ ela seleciona recortes que eu acho interessante... então imagine... com seis anos eu fui estudar o ABC... e a minha primeira professora... uma professora que ficou marcada para sempre... graças a Deus que foi uma marca muito boa... porque era uma/ uma pessoa maravilhosa... anos depois eu a encontrei... fizemos curso juntas... fui também para sala de aula... que eu não pensava em ser professora... que é a professora Eulena né... e eu sempre/ eu nunca esqueci dessa professora... e nunca esqueci do nome dessa professora... e algo assim que de certa forma também marcou muito essa/ essa minha história na educação né... esses/ esses professores e professoras que acolhiam essas diferenças... que percebiam as dificuldades dessa comunidade... que era extremamente carente... na rua que eu morava era uma rua/ parecia palafitas né... tinha um riacho ao lado de um terreno onde nós ficamos/ primeiro nós fomos morar na casa de uma tia... né... tia Iraci... irmã da mãe... aí depois nós temos uma casinha... a mãe naquela luta... porque a mãe é aquela... é a matriarca mesmo... é aquela que lidera a família... e nós fomos/ era uma casinha pequenininha assim ao lado... eu ainda lembro muito bem... ao lado era um riacho né... que corria assim... a gente banhava tal... e a minha casa ficava bem do ladinho desse riacho... era uma casinha toda de madeira... era como se fosse uma/ uma metade de uma casa... tinha uma parede de maior assim... e essa partezinha né... assim da casa... a gente ficava naquele corredorzinho todo de madeira... para gente atravessar de um lado da casa/da rua... para o outro lado não existe a rua... era umas - eu vi até uma reportagem esses dias eu lembrei muito - eram várias madeiras que eram colocadas assim... nas portas das casas... casas no alto né... porque

embaixo era alagadiço... aí colocava as madeiras assim para gente atravessar... ir de uma casa para outra... e atravessar de lado da rua para outra... aí colocava uma madeira também aí a gente atravessa água para outro lado... porque na casa ontem nós ficamos era uma baixada... mas no alto... as casas eram... eram casas simples tal... era favela também... mas eram casas melhores e não ficavam dentro do alagadiço... a nossa não... porque não tinha terreno... e foi comprada... ainda foi comprada... não foi invadida né... foi comprada num valorzinho assim... e:: era assim aquela agonia... menino caía... as coisas dentro da água... as coisas de casa caíam dentro da água... então assim... era uma coisa muito doida... e hoje que quando a gente vê como é que tá... eu lembrando assim por causa dessa essa essa dificuldade né... da vida... quando a gente vê como é que está hoje... o Bacuri tem ainda um processo de falta de estrutura muito grande... mas já teve uma mudança também muito grande né... até assim na questão da qualidade de vida das pessoas né... não sei se eu/ a gente vai lembrando as coisas e vai fugindo assim um pouco das perguntas né...

ENTREVISTADORA: tá... mas assim... qual é a sua formação... Eró?

ENTREVISTADA: certo... [

ENTREVISTADORA: [Eró... antes disso... só pra pontuar... como eu até coloquei no *chat* né... como as mulheres vão se revelando as grandes empreendedoras da educação dos seus filhos né... as minhas ENTREVISTADAS elas têm evidenciado isso... me permitido chegar... essa que é uma coisa que a gente deduz né... mas... tá no campo da dedução... quando a gente tem dados né... que dizem isso... então isso vai ganhando materialidade... né? e aí então são as avós... as mães... as tias... as grandes incentivadoras e empreendedoras da formação dos seus filhos né... então quando eu ouço a sua história né... é óbvio que o pai teve lá a sua atuação... o avô... né... mas é a mãe que toma a frente e diz "oh..." primeiro pela consciência que ela tinha de mulher negra né... de compreender que seria pela educação a melhor possibilidade de vocês se promoverem na vida né... nesse país extremamente marcado né... pelo/ pelo racismo pela escravidão né perpetrado né... e hoje de outros modos... então é fabuloso isso né... como as mulheres são essa rede formativo... né... empreendedora da educação dos seus filhos... e aí também quando você vai contar da figura né... que melhor representa né... que melhor está aí na sua memória... de forma mais marcante que é a professora Eulena né... uma mulher né... que provavelmente segue aquele perfil de professora maternal né... que acolhe os seus filhos/ os seus alunos como escolheria os seus filhos ou gostaria que seus filhos fossem acolhidos né... então tem essa afetividade que é própria da figura feminina... né... que atua lá nos anos iniciais no processo de alfabetização das crianças... né... então é muito bonito ver né... como essas mulheres... como são as mulheres... as suas memórias mais imediatas/ as figuras mais imediatas na sua memória... né? sobretudo pra pensar como inspirações... como referências do seu processo formativo... avó mãe e professora Eulena né... só pra pontuar isso... né? esse papel social que as mulheres vão assumindo... na formação dos seus filhos e dos filhos dos outros filhos das suas comunidades né...

ENTREVISTADA: isso... e essa/ essa relação com educação aqui em casa né... desse viés da mãe... que ela/ ela também saiu de casa quando era adolescentezinha... para ser costureira tal... aí ficou um tempo... fez uns cursos de bordado... mas aí voltou... e ela já tinha muito forte isso... que eu só fui perceber depois... tanto a minha avó... elas têm uma força... minha vó também já é falecida... uma força muito grande... era uma senhora pequeninha... magrinha... mas com uma força gigantesca uma sensibilidade... ela ficava assim meses... que ela morava ali para o lado/ antes a gente chamava Mucuíba né... depois mudou de nome virou senador La Roque... mas eu amo esse nome... então quando a gente chegava na Mucuíba ainda andava duas léguas a pé até chegar na casa dela... mas era o período que eu ficava de férias... para mim era o paraíso... chegou um momento que eu gosto/ eu ia nas férias do meio do ano de final do ano... era tão bom que quando ela vinha me deixar no período letivo eu dizia "oo vô... quando é que a gente vai voltar para casa..." aí o pai falou "ooh: Maria... essa menina não vai mais... porque

senão ela vai querer ficar com a vó dela... ((risos)) e foi algo/ de certa forma foi maravilhoso porque se eu tivesse mesmo ficado lá eu não sei como seria essa minha formação... mais intelectual relacionado a academia né... porque depois eu tive outra prima... que ficou... não teve essa possibilidade de continuar nos estudos... aí mesmo hoje continua morando na roça... então assim... mas a força dela... a alegria dela... outra coisa fantástica eu tô assim já me organizando para eu pesquisar... sobre essa alegria negra... alegria da minha vó gente... ela começava/ é porque... é/ como vocês não são aqui de Imperatriz... não é algo assim marcante né... tinha um programa na rádio Imperatriz chamada a Fazenda do Corró... de manhã cedo... que já acordava... e no final da tarde... e umas nove... dez horas que começou também daí esse meu gosto pelas histórias... que foi casa da minha vó... ouvindo aquelas histórias de Trancoso... que eu amo... morria de medo... mas gostava demais e gosto... éé:: lendo aquelas... éé:: os romances... que hoje a gente chama literatura de cordel... mas era (romanzo) que a gente chamada na época... e sentava na porta ia ler aquelas histórias... ia contar... quando eu aprendi a ler... aí/ ela minha avó e o padinho tinha um orgulho... "olha minha neta vai ler aqui... aí sentava todo mundo para escutar eu fazendo a leitura... gaguejava... errava... mas era/ para população era uma alegria... porque/ e eles iam/ é incrível a capacidade... gente quando eu errava uma palavra... eles já sabiam de tanto/ não tinha muito... era difícil... a gente comprar esses livros e tal... então quando errava... eles já sabiam o trecho todo... porque uma história deliciosamente é uma narrativa... mas uma narrativa que vem com uma musicalidade... e era/ as pessoas elas decoravam... ela sabiam as histórias de có... então assim... quando eu lembro da vó... dessa força... dessa alegria... que de manhã ela já acordava com um forrozinho... que era da Fazenda do Corró... aí quando dá umas nove horas mais ou menos... começar um programa da rádio nacional (tia Heleninha)... ôô gente... as histórias narradas... meu De::us... que coisa fantástica... aí eu ficava ouvindo eu só ouvia lá também... aqui em Imperatriz não... era só quando eu ia para casa dela... aí eu vi essas histórias... aí no final da tarde aí tinha mais música... e aquela música mesmo bem nordestina... bem alegre... e ela dançava... e ela trabalhava... e ela fazia... ela engraçada/ ela/ eu pareço muito com ela nesse sentido... eu adoro trabalhar na rua gente... adoro... se tu me chama eu trabalho de manhã... de tarde... de noite... mas as coisas de casa... adoro minha casa super arrumada bonita não sei o quê... mas eu detesto coisa de casa então... eu não faço nem questão de ser mulher prevenida... não sei fazer comida... tem aquela coisa "ah.. que as negras tem a mão..." não sei fazer comida... não sei dançar... não gosto de fazer as coisas de casa... mas na rua... pode me chamar qualquer hora que eu faço... e a minha avó era assim... a casa dela meu Deus... aquela casa... era toda de palha... era o telhado de palha... parede de palha... as portas era feita de esteira que o meu vô fazia... então assim... era o lugar/ quando tu é Verônica... começou com texto né... "ai que saudade que eu tenho da minha infância querida"... então assim são/ são esses essas recordações que vem é... tomar o café no canecão... café amargo que ela fazia no fogareiro... e hoje eu continuo tomando aquele canecão... é o cheiro... uma coisa que ninguém acredita... gente o cheiro da fumaça da caeira de casca de coco... é como se eu tivesse assim sentindo o cheiro da minha avó... quando eu ia trabalhar no Axixá... que eu trabalhei por uns anos lá na escola São Francisco... eu passava as pessoas faziam aquelas/ faziam o carvão né... nas caeiras... e eu passava assim de moto... aí tinha aquele/ aquele que o pessoal reclamava... e eu passava devagarinho... só para sentir o cheiro... o pessoal "Eró... tu é maluca..." eu fala "não é que eu lembro da minha/" não é que ela cheirava aquilo... mas aquilo me traz muito forte a presença dela... eu falei "gente... mas como é que são essas memórias éé:: emotivas"... não é? é o som... é o cheiro... é o paladar... então assim isso fica muito forte... são marcas muito fortes que ficam na gente né... da nossa trajetória... e a mãe ela vem com essa fortaleza de lutar... por incrível que pareça/ e ela sabe que eu já disse isso várias vezes para ela/ ela é racista... mas ela lu::ta... e é assim... eu não condeno... porque/ condeno e não condeno/ porque ela vem de outro momento ela vende uma outra/ oitenta anos atrás o mundo era muito diferente... não justifica não... ela ser racista não... mas por outro

lado ela tem tantas qualidades... aí assim porque que ela é? porque ela sofreu muito... porque ela sofre muito... porque sempre/ ela nunca se encaixou padrão de beleza... ela sempre teve/ ... ((som de notificação do chat)) sim... ela nasceu assim no auge e ela sofreu muito na pele... ela casou com um branco... de uma família branca... que a família dela trabalhava para família do meu pai... então ela era a negra do Zé... e nós éramos os negros do Zé... então para ela isso foi muito forte... e ela tinha que provar... mas sim... foi/ foi/ foi aquele processo mesmo de quê mesmo relação educação racista que é passada para os brancos também é passada e muito muito internalizada por nós negros e negras... então e ela/ ela sempre lutou muito em relação a isso né... é:: na própria escolha... consciente ou não... mas ela/ ela não queria casar com homem negro da cor dela... para os filhos não ficarem da cor dela para não sofrerem como ela sofreu... ela sempre falava assim... ela não gosta... o cabelo dela é a coisa mais linda gente... e tá grande assim... maior do que o meu... aquela coisa branquinha... depois eu vou mandar para vocês a fotinha dela que eu tirei esses dias... hiper mega vaidosa e ela não gosta/ não gostava... porque/ porque ela disse que é um cabelo feio... é o cabelo pixaim... cabelo que não é um cabelo/ que é o sonho de ter cabelo que balança/ quando ela ver o meu cabelo assim ela não gosta... porque ela gosta/ adorava/ acho que ela se realizava na minha irmã que tem o cabelo bem lisinho... adorava pentear os cabelos pra ficar aquela coisa com balanço e grande... mas ela/ como ela tem essa dor muito grande dentro dela... ela também termina/ ((notificação do chat)) sim... a questão do estereótipo da mídia né... a mídia né... dessa não valorização... não reconhecimento desse corpo negro... dessa anulação... então ela/ ela ainda carrega... infelizmente... mas ela sabe/ sabe da nossa luta... ela sabe da nossa resistência... mas ela não consegue se libertar disso... vez ou outra ela vem com aquelas tiradas racista né... eu falo "mãe... pelo amor de Deus olha nós aqui... olha a cor da senhora..." isso... então essa tentativa de negar... de negação... era nessa tentativa de ser aceita né... então ela sempre trabalhou mais... ela mostrou que era mais forte... ela mostrou que era mais resistente... que era mais capaz... e isso desgasta... era o que eu tava falando... eu acho que foi hoje cedo conversei com a Erli... aí a gente falando assim... nós temos que ser sempre muito fortes... e isso para nós é devastador... é devastador emocionalmente... psicologicamente... a/ a gente sofre... a gente tem momentos de fraqueza sim... tem momentos de querer ser acolhida... querer se aflagada... mas a gente sempre é procurado pra ser a fortaleza do outro... né... em poucos momentos a gente é vista sim... "poxa ela também precisa de alguém que afague... ela também tá no momento de fragilidade... tem direito..." é um direito nosso né... por isso também é tão importante esse nosso cuidado com esse nosso corpo negro... com essa nossa existência... porque a gente nem consegue... caso contrário... nem consegue nos ajudar e nem ajudar ao outro né... e eu falei tudo isso para falar da minha avó que aparece na minha avó e minha mãe... ((risos))

ENTREVISTADORA: que bonito... Eró... sua avó então foi quem mais contou história pra você ou outras pessoas também contaram?

ENTREVISTADA: outras... outras...

ENTREVISTADORA: que histórias eram essas?

ENTREVISTADA: certo... meus irmãos contavam... quando a gente morava no interior sempre tinha aquela/ aquele momento... porque era outro/ era outro espaço... era outro momento... eram outras histórias né... a gente mal tinha um rádio... o rádio não podia ser ligado o tempo todo... porque era um radinho a pilha... consumia muita pilha... a gente não podia ficar comprando muita pilha... porque a situação era muito caótica... e quem contava muitas histórias eram... a mãe contava... mas ela já esqueceu... muito... o pai nunca foi muito de contar história eu acho que a família dele não tem essa relação muito com esse contar e reconto... mas da minha família negra sim... o padinho contava... gente quando/ as histórias deles eram ele era aquelas histórias de trancoso... então era aquelas tenebrozonas... ótimas... mas sempre era/ era algo de tesouro de encantamento... porque também uma época ele trabalhou de cordeiro... e ele sempre/ assim como o pai também... e a vó... e principalmente o padinho... era uma coisa assim... eu não sei...

eu acho que era conhecimento mesmo... da família... que ele era sempre um homem que falava muito pouco... sorria pouquíssimo... porque naquele período inclusive a mãe ela disse "ai Eró... eu não sei sorrir..." ((risos)) "mãe vamos tirar uma foto sorrindo..." ela... ((demonstração)) uma força pra sorrir... "mãe... o que é isso?" é porque na época... mulher séria... mulher honesta... não podia ficar sorrindo... pra/ de qualquer jeito... em qualquer lugar... era ()... exatamente... agora imagine... uma mulher... negra... pobre... nordestina... camponesa... sorrindo o tempo todo... por exemplo... igual eu faço... era... não era uma mulher honesta... como ela diz... né? então assim... e voltando para as histórias... meus irmãos gente... - sim... era... era... como se fosse... ela dizia assim que era mulher da vida que ficava mostrando os dentes pra qualquer pessoa... era se oferecendo... né... - e meus irmãos também contavam muitas histórias... e essas histórias eram histórias gente... fantásticas... ainda hoje eu sou aquele tipo de pessoa que eu adoro coisa de criança... adoro história com final feliz... eu sempre amava e a gente sempre tem aquele ideal daquela coisa de princesa... de não sei o quê... e foram felizes para sempre... eu continuo achando que quando não deu certo é porque não é o final ainda né... então vai/ vai dar certo em algum momento... e as histórias... ele contava daqueles... e ele contava assim com tanta seriedade com tanta verdade que até hoje eu não sei se era verdade... se era história... se era verdade... ou o que era mesmo... que ele contava daquelas pessoas que escondiam potes de ouro... e aquele ouro em determinados locais ali próximo das suas casas... e a pessoa morria... e depois aquele ser ele vinha né... porque o próprio ouro tem toda essa relação... também... de que o ouro... ao mesmo tempo que ele dá ele tira né... então essa relação de que aquele ser ficava preso aquele aquela botija... chamava botija de ouro né... aquela botija aquele/ - aham... eu não era no quintal... era na porta... assim... com a lamparina.... trouxe até a lamparina aqui pra nós... aí ficava ali na porta com a lamparinazinha... - e ele ia contando né... essa coisa do desconhecido... do sobrenatural... e a gente ficava com muito medo... eu acho que isso também foi muito forte... a gente dava vontade de fazer xixi... mas lá naquele no mato... tudo muito escuro... com os sons dos animais e o medo de sair dali e para fazer xixi... e de noite era uma coisa louca... mas era delicioso... meus irmãos ele já contavam histórias/ tios também/ minha vó... às vezes ela contava... mas também não era muito assim ela era/ ela era mais do trabalho da lida sim mas não era muito de encantamento né... e eram de outras formas e eles contavam a gente histórias lindas... assim... de princesas que tinham sete vestidos... um vestido que era da cor do céu com a lua e as estrelas... um vestido que era/ era da cor do mar com os peixinhos... eu ficava assim... mas nunca tinha visto o mar... mas... eu mais imaginava né... o mar com os peixes tal... o outro vestido com todos os animais... então cada dia e depois eu fui vendo... eram sete... cada dia da semana... cada um tinha uma representatividade... e eram mulheres que se apaixonavam/ princesas que... ela se apaixonavam por príncipes... e engraçado que eu tô lembrando agora... em determinados momentos... esses príncipes eles eram transformados em outros seres também... era pombo... tinha um que era um pombo... e para ele desencantar a princesa tinha que colocar uma bacia com água e toda noite ele vinha no quarto dela... se transformava em príncipe... - exatamente... animalizados... - se transformava em príncipe ficava um pouco com ela... mas num determinado horário da noite... já no amanhecer... ele tinha que fugir... voltar e a princesa ficar... aí acontecia várias noites/ sempre/ esses enredos eles tão engraçado... eles tem mesmo essas histórias tradicionais/ eles tem aquela estrutura... tinha alguém... invejosa... que não queria aquele romance... e que tentava... - isso... objetificavam nossos corpos... - tentava/ que vem aqui na verdade é o antagonista... muitas vezes na grande maioria... dessas histórias... que eram outras mulheres... colocava essa relação de disputa... de maldade... de perversidade... não que as mulheres elas se uniam... ela se fortaleciam... e as princesas eram sempre lindas perfeitas brancas dos cabelos né... eram cabelos enormes que a mãe negra/ que queria também ser princesa onde ela nunca seria... isso também por isso né... que vem todas essas marcas... e o corpo aquele corpo um corpo padrão/ padrão europeu... que nós também nunca vamos entrar em queremos entrar porque é uma outra história... uma outra

trajetória... e eram histórias assim sempre de encantamento... mas que no final... aí eu fico pensando porque que eu gosto de feliz... no final tinha todo aquele/ aquele enredo... tinha todo aquele clímax... que se aquela tensão... mas no final elas ficavam... e lembrando a gente também agora dessas histórias... eram/ eram mulheres que elas lutavam pelo/ pelo espaço... elas lutavam pelo/ pelo amor dela... elas/ elas muitas vezes elas se sacrificavam... por esse ser amado que acontecia demais... esse sacrifício dessas mulheres por esse/ esse ser amado... ser amado que acontecia demais esse sacrifício dessas mulheres por esse/ esse ser amado... e era esse tipo de histórias que eu sempre/ eu fui crescendo ouvindo né... eram as outras era do programa que me marcou muito por causa da sonoplastia... dos barulhos... dos animais daquela parte assim... do contar história... sem/ eu nunca tive mesmo contato da história com ilustração... dessa história... não era uma história lida é o único contato meu com uma história que era em livro... em romances... foi nesse período que eu comecei a ler... e que eu lia lá na casa da minha vó... - tu também conheceu a tia Leninha... Verônica? - ah... sim... amava... uma voz... deliciosa... então esse meu contato era o que... era do imaginário mesmo... ou era ouvir nos programas de rádio em período de férias... ou quando a gente morava/ mais no interior... que quando nós viemos aqui para cidade... aqui do foi muito muito muito difícil né... a gente não tinha espaço... - aham ((afirmação)) ela parecia alguém da família mesmo... era realmente uma tia né... - eu nunca... nunca cheguei a ver o rosto da tia Leninha... então ela continua naquele meu imaginário né... eu terminei nunca/ não sei o quê/ porque eu não queria quebrar/ ou se eu não queria mesmo... porque eu nunca tive isso porque eu já podia com internet redes sociais... e lá olhar e ver... mas continua naquela figura daquela tia daquela mulher que eu deixei ela permanecer cristalizar aqui né... e assim e são essas as histórias que foram terminando a minha trajetória... quando eu lembro... por exemplo da Jô... a Jô gente... ama histórias que sejam que tem um... mais assim de graça... de não sei o quê... e os meus/ eu falei gente porque que eu gosto... mas a minha preferência... é por essas histórias de encantamento... história de trancoso é por essa/ essa vivência mesmo... que/ que eu tive nessa/ nessa infância... na escola... não eram contadas histórias também... porque eram escolas assim muito/ não por ser simples... mas eu acho que até os professores também/ depois era muita gente... a gente tinha que chegar/ eu sempre estudei de manhã... eu tinha que ir muito cedo... muitas graças a Deus ... eu recebi muitas vozes afetivas - eu tinha que ir muito cedo para escola... minha mãe acordava a gente cedinho... porque se chegasse tarde não tinha cadeira para gente sentar... aí ficava sentada no chão... era aquela disputa... por que tinha que correr aí os mais forte a gente chegava cedo empurrava sentavam na frente os que eram os mais inteligentes... eram divididos em classe A... B e C e D... eu sempre ficava nas últimas... eu nunca ia para as primeiras quando era outra coisa também dessa/ dessa separação... quando era período de sete de setembro... eu lembro... meu Deus era o sonho das pessoas irem... ali para ser baliza... para ficar aquela menina da banda... que jogava aquele né... gente... e as mães... porque as mães tinham orgulho de botar... e era período também já/ eu acho que mais para frente... já era período da ditadura... e aquilo era muito forte e eles colocavam a gente... era um balizas... colocava a gente para/ ainda bem que eu estudava de manhã... todo dia cedinho ficava naquela filona... para cantar o hino nacional... fui tanto colocada para cantar o hino nacional que até hoje eu não aprendi o hino nacional todo... ((risos))

ENTREVISTADORA: Eró... mas assim... quando foi que você se constituiu contadora de histórias? como é que foi esse processo? é porque você conta de todas essas histórias que marcaram sua vida né? conta do que lhe chamava atenção nessas histórias... conta de quem encontrou histórias para você... eaí... que aprendizagens você teve dessas histórias todas que você contou? e como você se constituiu contadora de histórias?

ENTREVISTADA: certo... eu acho que/ eu acho não... eu tenho certeza... que elas eu acho não tenho certeza elas me ajudaram muito na criação desse meu imaginário... um... essa minha relação de ter sempre esperança... de sempre olhar mesmo diante das coisas difíceis ruins tal... mas eu tenho certeza eu tenho esperança que a gente sempre tira algo... ou uma aprendizagem...

uma palavra... alguém que a gente conhece... sempre a gente consegue tirar algo mesmo das situações mais difíceis da vida... isso eu faço muita questão de ter dentro de mim... outra... essa relação temporal... então assim eu não faço muita questão... eu faço questão de lembrar fatos... de lembrar pessoas... de lembrar é sons... de lembrar cheiro... mas essa relação com o tempo... eu acho que talvez seja o medo da finitude né... pode ser... então eu acho que/ eu não tenho relógio... não tenho nada assim... então quanto mais eu me prendo ao tempo... eu acho que ele também termina me prendendo... que é essa relação do tempo com a gente... marcando essa nossa trajetória... e eu me percebi primeiro eu tinha um gosto... muito... muito grande em ouvir... como eu disse para vocês... não tive contato com o texto escrito... porque a gente não tinha condição de comprar... a gente não tinha acesso a livros... nas escolas não tinha... a gente comprava livro... minha mãe fazia um esforço... ela tirava xerox de algumas... em português... matemática... e quando teve em inglês... inglês... xerox dos livros dos colegas né... então para gente era comida ou livro... e o livro... é claro... sempre foi em último caso... então essa minha relação é com a oralidade... quando já no ensino/ eu estudei sempre em escola pública... né... estudei na igreja... o ABC... depois eu fui para uma escola chamada Pio XII... eu fiz até/ vou dizer as séries como eram chamadas né... até quarta série... depois eu fui para a escola chamada Polivalente... nesse eram disputa... porque já era uma escola melhorzinha... e a mãe queria que a gente fosse para escola melhor para ter uma educação melhor... mas pública também... era Polivalente... que hoje é Nascimento de Moraes... depois eu fui para o Graça Aranha... também era outra que ainda continua muito disputada... aí no Graça Aranha eu fiz um ano... gente vocês não acreditam... eu fiquei reprovada... de recuperação na prova de matemática... a professora passou a prova... marcou o dia... e eu tinha certeza... para ver o que é o tempo na minha vida... quando eu cheguei no dia... para fazer a prova ... eu entrei na sala... fiquei lá esperando nada nada... gente... aí eu falei “gente e a prova... que horas que a professora vem aqui...” a professora de matemática “Eró... a prova foi ontem...” não gente aí vem aquela/ aí meu mundo caiu... aí eu gente que loucura... ainda fui na casa da professora... desesperada... mas a gente sabe/ para fazer e não sei o que e só sei que não deu certo... nesse mesmo período eu fiz um teste pro () aí fui estudar lá no IFMA.. que também... olha como tem tem males que vêm para o bem... foi esse meu esquecimento que me levou para um local muito bom... então fui para () que hoje é isso IFMA... é tive uma educação assim maravilhosa... não só em relação ao conteúdo... mas a relação mesmo... a construção da minha da minha formação como cidadã... da minha formação como pesquisadora... como pesquisadora negra... e voltando para essa minha trajetória com a leitura né... ela ela ela veio... nesse mesmo período que eu tava no ensino médio... eu ainda tava no fundamental no Polivalente... chegou um grupo de atores... de um grupo chamado grupo Oásis... e eles chegaram lá na escola e nos chamaram para um espetáculo... que ia acontecer... eu já era adolescente né... tava fazendo o quê quarta/ sexta sexta/ sétima série no período... e era pago... e era assim era difícil... mas a mãe... ela sempre fazia questão de coisa que ela achava que era importante... ela dava um jeitinho sempre era ela né... o pai é o melhor pai do planeta... mas é aquele pai que assim... ele é bonzinho... ele não batia... a mãe não... a mãe era durona... ela batia na gente... mas essas coisas assim sempre ficava a cargo dela né... as coisas ruins/ não tem história do policial bom e o mau... o pai sempre foi aquela pessoa boazinha... nunca dizia não para a gente... mas aí... ele/ ela/ ela na hora ela que tinha/ aí ela ficava de mais ruim... e ele era sempre o bonzinho... mas ele era bom mesmo... aí nessa/ nessa... no Polivalente chegou um grupo de gente estranha... com roupas estranhas... aí eu falei “gente...” que eu fiquei encantada também... assim eu nunca tinha visto aquelas pessoas... e ele chamando para um espetáculo... cantaram um pedaço da música... aí eu “gente eu quero ir...” ... aí eles deram ticket... e o ingresso para gente pagar mais barato... e foi a minha primeira inserção no mundo do teatro... e foi a partir do teatro que eu era também/ sou na verdade... extremamente tímida... tímida... tímida... não falava que é uma coisa terrível... gente... a timidez é muito ruim... acaba com a gente... você quer falar... você sabe o que dizer... você quer perguntar... mas é uma força tão opressora... tão

opressora... que a gente não consegue sair... você tá pra fazer xixi... mas você não consegue pedir para professora... porque você não tem coragem de passar na frente dos outros... você tem medo de dar uma resposta e a turma sorrir de você... então assim... é algo também que marcou muito essa minha história... foi em relação à questão da timidez... Érica?

ENTREVISTADORA: você atribui essa timidez... Eró... a sua identidade... a sua cor... a condição social... de mulher/ menina negra e pobre?

ENTREVISTADA: sim... totalmente é isso... porque é como eu tinha até falado até eu vi isso por exemplo eu nunca era/ eu tava até falando sete de setembro... eu jamais fui baliza... eu nunca fui de princesa... eu nunca fui uma história de igreja eu nunca fui anjo... eu nunca era/ aí uma vez... que eu fui... era de uniforme... um sapato apertado... um sol quente... foi um sofrimento ... ainda fui assim toda orgulhosa... porque minhas amigas iam... as minhas amigas... assim eu não tinha aquela coisa... mas assim... saí aqui do Bacuri... andando bem cedinho... o café que eu tomei foi muito pouquinho... com fome... com sede... e as outras pessoas lá... felizes... com outras roupas bonitas... e a gente com aquele uniforme... então essa/ nossa como a gente era tratado também... a gente nunca era/ era princesa... a gente nunca representava a escola... eu nunca fui chamada para/ nunca fui convidada para fazer um papel assim... nada... então tudo isso a criança ela percebe... quem é que chegava na sala de aula que era recebida com um beijo com carinho... quem era a criança que as outras queriam brincar... e que as outras papapicava... quem eram as meninas que eram mais bem vestidas... que tinha uma roupinha melhor... mesmo sendo do mesmo bairro carente... mas uma tinha as condições melhores que outras... é assim as que entravam no perfil no padrão... do que tinha um cabelo bonito... o que é ter uma cor de pele bonita... o que não é ridicularizada naquele naqueles espaços... e outro outro dia/ não... acho que uns dois anos atrás... eu eu retornei essa mesma situação... aqui pertinho da minha casa tem uma escola pública... chama escola Santa Laura... vi uma menina muito parecida comigo... gente magrinha... assim a roupinha dela super simples... o cabelo dela todo assim... porque ela já tinha brincado... o cabelo tava todo assanhado... aí vinha uns meninos de bicicleta ridicularizando... xingando... chamando de feia... de sebossa... de cabelo de todo o tipo de coisa... eu falei assim “meu Deus que coisa...” aí eu falei/ eu falei com os meninos... e falei com ela e ela sim ainda aceitando... aquele sorriso sem graça... porque de certa forma ainda era um grupo que ela queria fazer parte... que era o grupo da escola dela... ela sim super sem graça assim... e eu me vi naquela criança... falei “gente o que é que nós ainda sofremos até hoje...” e como é que uma pessoa assim... ela tem o seu potencial... quando a gente fala protagonismo juvenil... protagonismo feminino... como? protagonismo de quem gente? para quem? quando é que isso acontece se os espaços que é para nos proteger em eles não protegem? o próprio espaço da escola... quando alguém fala assim olha “não faça dessa forma não” “sim ela é o que? ela não é preta? ele não é o que? ele não é gordo? ele não é gay... o que que a senhora quer?” isso quando quando você fala nesse discurso da meritocracia... quando a gente coloca como é que uma menina dessa que escuta todo dia... que é feia... que ninguém gosta... é aquele corpo que só serve para os meninos quando ela crescer... eles vão querer o corpo negro dela para saciar os desejos... mas ela nunca vai ser no corpo que eles vão desejar querer para constituir a família deles... né... para ser uma pessoa para ser amada... para ela também ter respeito... então assim... não tem como você não não não passar por esses momentos... mesmo que é o quê... é um ser inconveniente... é um corpo inadequado que está naquele espaço... por isso que a nossa relação não é social... a nossa relação é racial... nunca ouvi histórias de negros e negras... nessa minha infância... porque o máximo é () ... tinha aquelas princesas que eu via sempre lindas... mas a pele muito clara... com cabelo bem lisinho né... e personagens negros eram saci-pererê... que ele é deformado... que ele é danado que só o capeta... que ele é que ele fuma... ou seja um ser incompleto... ele é um ser perverso... e ele é um ser com vícios... então é o tio Barnabé... é a tia Nastácia mais para frente... a doméstica... a gorda... a que é aquele animalzinho da família né... como a Emília fala... e que os conhecimentos dela... e os conhecimentos nossos... eles não - aham - não são/ não são

personagens/ ou não são conhecimentos dignos de serem - que é o que nós falamos no início do nosso encontro - de serem discutidos dentro da academia... é a beicuda... – aham - então assim são conhecimentos que eles servem... nós somos ainda... infelizmente... objetos... eles servem para ser estudados por outros corpos... e levar aquela experiência... aquele olhar... que não é a nossa fala... para aqueles espaços acadêmicos... e graças a Deus... e graças a essa nossa luta e resistência muito forte... que hoje somos nós... né... meninas... mulheres... negras... indígenas... de todas as etnias... que estamos também ocupando esses espaços... e recontando essas nossas histórias... é importante isso que a Verônica faz... que é ir atrás desses dessas pessoas... que de certa forma elas estão contribuindo com a continuidade dessa nossa memória... dessa nossa história... através dessas histórias... que são contadas né... dessas vivências - aham- dentro dessas comunidades quilombolas... entre as pessoas de que nós chamamos como é meu Deus... são os indígenas... mas são aqueles... os povos/ os povos/

ENTREVISTADORA 2: ((inaudível))

ENTREVISTADA: os povos primitivos... não... são os povos... é porque tem uma outra nomenclatura assim também para os indígenas né...

ENTREVISTADORA: na hora que você lembrar você conta pra nós...

ENTREVISTADA: ((risos) ah... certo... tá... tá bom...

ENTREVISTADORA 2: Eró... ouvindo né... sua narrativa... né? do que/ que vai lá na infância... né? nas suas experiências... experiências alheias... experiências tuas... e como tudo isso vai te formando... né... vai desenhando... dando materialidade... vamos dizer assim... pra/ pra/ pra essa experiência da exclusão... né? eu fiquei aqui pensando... que ainda/ tô tomando anterior quando você diz da sua mãe né... que a sua mãe/ mãe ela não teve escolha... ela foi/ foi ela foi formada pelo racismo... porque ela nasceu na sociedade extremamente racista né... e aí depois né... mas ela vai lá empreende toda essa luta de formação... de promoção de vocês pela educação... então eu tô aqui me perguntando... se sempre foi consciente... quando você fez a escolha por ser docente... que você iria/ estava ali... se formando docente para você continuar essa luta né... porque você vai lá para escola pública... e você disse que o CEFET como escola pública como instituição pública foi extremamente importante para sua formação... de mulher... e de menina... jovem negra etc né... e aí então eu te pergunto... todo esse percurso é ele então quem vai determinar a professora Éro... que se forma e continua informação... porque a nossa formação não se esgota né Eró... então eu quero que você fale de como essa escola pública... como essas experiências elas estão presentes hoje né... e aí você pode aproveitar e dizer da sua formação né... como elas se manifestam na sua prática pedagógica... como elas te conduzem neste fazer diário que é ensinar e aprender... enquanto mulher... negra... professora de instituição pública...

ENTREVISTADA: certo... eu tive algumas experiências na área de trabalho... eu já fui/ e:: coisas assim muito diferentes né... eu já fui manicure... eu já fui faxineira... eu já fui assistente de professora de natação... na escola do amigo Guilherme... depois eu fui para o ambiente escolar... foi essa vez que/ eu já comecei nesse mundo... e foi numa escola particular... foi no ()... fui também trabalhar lá com uma outra amiga... a gente trabalhava nessa escola do Guilherme... aí nós vamos para lá... ficamos um tempo trabalhando com educação infantil... um público muito diferente das pessoas que eu tinha contato... uma realidade muito diferente... era uma das melhores escolas do aqui de Imperatriz... era o () ... e o () nesse período... e a partir daí eu fui vendo também essa/ essa discrepância... que ali era outro mundo... eu sempre fui aqui do bairro... e nesse período o Bacuri ele era assim... um local... que as pessoas tinham medo... né... era muito/ ainda mais violento... não sei se ainda mais... mas a forma que era/ era as pessoas tinham muito medo né... de morar aqui... de viver no Bacuri... então eu fui para lá e você era/ era um ser/ mais uma vez/ um ser estranho... no espaço totalmente estranho... da elite da cidade... os filhos que estudavam lá... mas antes disso/ e nesse período... período que eu - deslocada... totalmente - nesse período que eu estudei/ que eu trabalhei lá... eu tava fazendo/ comecei fazer meu curso de letras... mas o que nunca/ eu nunca quis ser professora... na verdade

conscientemente eu sempre sonhei em fazer teatro... da arte... porque eu já tinha passado/ aquele grupo que eu falei que eles chegaram na minha escola... para chamar para assistir aquele espetáculo... eu fui... a mãe conseguiu o dinheiro... eu fui assistir aquele espetáculo e fiquei completamente encantada com aquele novo/ eu acho que eu me encanto assim/ eu sou ótima para me encantar com as coisas... completamente encantada com aquele mundo novo... era um teatro que eu nunca tinha/ gente... eu aqui do Bacuri... eu nunca tinha saído para o centro assim... é:: pequena ainda... só saía com a minha mãe... era para comprar uma coisinha e voltava logo... então quando eu entrei naquele teatro... que nem era um teatro... gente... ainda era um galpão mas uma coisa linda... um espetáculo que eu achei lindo... era a Formiguinha fofqueira... com cenário com figurino com não sei o quê... ali começou ainda mais forte/ voltou aquela coisa da educação/ da história... desse mundo né... da representação... aí alguns anos depois... teve uma oficina de teatro... eu fui fazer essa oficina de teatro... e eu já tava trabalhando de manicure... e daí eu falei “gente eu quero viver de arte isso aqui é o que eu amo é o que eu quero fazer...” nesse percurso eu entrei no movimento negro... depois no centro de cultura negra Negro Costa... aqui de Imperatriz... que me deu um suporte grandioso também esse/ esse... entrar nesse movimento também foi pelo viés do CEFET... através da professora Isaura Silva - ôô meu Deus... tá desligando... só um minutinho... - Isaura Silva é a nossa assim rainha-mãe... aqui do movimento negro aqui de Imperatriz... uma pessoa fantástica... não tem nem tempo para dizer tudo que ela é... para vocês imaginarem... e a Isaura ela ainda é uma negra assim mais escurinha do que a minha mãe... ou seja... quando eu vi uma mulher negra... que dava/ que é do movimento negro... falando que é bonito... que é importante... eu lá dentro do teatro... tendo contato com pessoas... o teatro... gente... foi libertador também na minha vida... porque no teatro tive contato com gente jovem... gente mais velho... gente de todas as etnias... gente de gêneros muitos/ hoje quando a gente fala dessa intolerância em relação a questão de gênero... eu fico passada... porque eu era adolescente eu já convivia com meninas que namorava com os meninos... eu já convivia com homens que viviam juntos... e eu via beijo na boca... as pessoas se abraçaram as pessoas se beijavam pessoas comemoravam a gente a gente bebia junto... a gente dormia junto... mas era/ “você quer fazer isso?” as pessoas fumavam... “olha você quer fumar? olha você não vai...” você é isso assim assim/ assim eles tinham cuidado... uma coisa incrível... o Gilberto foi uma das pessoas que/ foi meu orientador agora do mestrado ele disse assim... “olha meninas...” eu e Jô... prestem atenção... “mulher só pode/ só faz o que ela quer a partir do momento que ela tem o conhecimento... que ela estuda e que ela/ aí ela vai ter a liberdade aí vocês podem fazer o que vocês quiserem... com quem vocês quiserem... do jeito que vocês quiserem... mas primeiro conquiste a liberdade...” e o Mauro... que outra pessoa também memorável na história do teatro... ele disse “olha meninas...” ele era aquele super polidinho... “vocês...” menina ele tratava assim... porque ele vem de uma família do interior de São Paulo... que uma família classe média alta... e tinha toda aquela coisas... da comida... da não sei o quê... ((falha na conexão))

ENTREVISTADORA: acho que a energia dela lá... né... que acabou... a bateria...

ENTREVISTADORA 2: é... vamos aguardar pra ver se ela volta...

ENTREVISTADORA: acho que a gente pode ir lá pra dezenove... né? depois da fala dela...

ENTREVISTADORA 2: é... deixa ela falar ... aí a partir do que ela falar a gente vai... o nosso objetivo é ouvi-la... né? então a gente precisa ouvir e não só cumprir esse protocolo... se faltar alguma coisa... depois volta ... refaz... vamos aproveitar o que ela nos conta... veja no whatsapp com ela ... se ela vai... não... mas ela tem o link lá... né...

ENTREVISTADA: ai meninas... caí... caí e levantei... sim... Verônica... eu vou só... aí em relação/ desculpa... desligou aqui... aí em relação a isso eu comecei nesse mundo do teatro... teatro que era lá do grupo Oásis... eu aprendi também muito sobre esse encantamento do contar... mas o contar história através/ no palco... fizemos vários espetáculos de palco... - caí mas já levantei viu Érica... ((risos)) - espetáculo de palco... espetáculo de rua... e também esse meu contato dentro do teatro... também trouxe mais esse desejo de como é que eu vou fazer

para continuar... para contar essas histórias... e aí o teatro é outra forma de contar histórias né... e aí depois eu fui trabalhar com o Gilberto... na fundação cultural de Imperatriz lá a gente tinha alguns projetos... a fundação aliás/ ele me convidou... eu passei na prefeitura de Imperatriz... fui para sala... e depois ele me chamou... chamou a Jô... nós fomos trabalhar nos bairros com projeto do cinema... rua de lazer... contação de histórias... e antes/ - minha formação e letras literaturas... e história e depois eu fiz teatro na UFMA... - mas esse/ eu acho que essa minha coisa com a história... com a arte... eu acho que ela vem ela vem antes/ ela vem antes desse meu processo de formação... porque como eu falei eu não queria ser professora não... queria ser atriz mesmo e viver assim uma vida que eu achava que era uma vida louca né... ((risos)) sim... e o que aconteceu dentro desses espaços/ gente... aí eu passei né... eu fiz/ fiz o vestibular lá na UEMA... que hoje é o UEMA Sul... passei... assim... fiz super acanhada não falei para ninguém... eu só fui falar para as pessoas - e a conexão da Verônica acho que tá pausada... será se ela tá ouvindo?

ENTREVISTADORA 1: melhorou?

ENTREVISTADA: sim... sim... sim... certo... Verônica... eu até eu fui eu até esqueci onde era que eu tava...

ENTREVISTADORA 2: falando da sua formação na UEMA...

ENTREVISTADA: sim... aí eu passei ... nesse período... fiz o vestibular... super na surdina... que as pessoas fazem aquele alarde... eu fiz... passei... depois que eu passei... que eu vi meu nome lá... eu fui falar para todo mundo que eu tinha passado né... fiz letras que foi um curso também assim... uma das grandes/ das grandes contribuições na minha vida... o que era que tinha mais próximo de teatro? era letras... e o Gilberto falava “vão para a universidade... vão para a academia... e nós/ a Jô passou um semestre antes de mim... depois eu passei... depois um outro menino... Henrique... e assim nós fomos... esse grupo Oásis que foi esse grupo lá do teatro... que fazemos teatro ()... periférico... é:: pobre... a situação de vulnerabilidade... o teatro nos salvou né... nesse sentido... depois nós pegamos essas orientações para academia... que fortaleceu essa nossa formação... em relação a querer ser professora... foi mesmo uma situação... “poxa o que que eu vou fazer né... não vai dar para viver do teatro... que é muito muito inconstante...” aí foram aparecendo alguns concursos... eu fiz o concurso do município... passei... depois/ inclusive terminei correndo minha/ minha pesquisa da monografia para entregar e receber o certificado... porque eu tinha que ir lá assumir o concurso... depois veio o de história... eu fiz anos depois... porque eu tava achando que eu tava ficando burra... não tava mais estudando... nem nada... quero voltar para universidade... fiz duas especializações ainda... em literatura contemporânea... supervisão... e depois eu falei “ah gente...” agora eu vou fazer/ eu já tô trabalhando... aí já tava no estado... fiquei uma temporada no Tocantins... fiz o concurso... passei no Tocantins... e alguns anos depois eu fiz aqui no Maranhão e passei... do estado aqui... eu falei “não...” era muito difícil essa trajetória de ir e vir... e eu terminei saindo do Tocantins... e fiquei... porque meu pai também foi no período que ele tava doente... ele teve câncer... e minha mãe ficava aqui sozinha... meus irmãos moravam em outras cidades... então era muito difícil... e essa minha ida... muito perigosa... sofri vários acidentes... hoje eu sou toda assim... sequelada de osso quebrado... a pele toda marcada dessas viagens para Tocantins... e porque depois que eu fui me assumir mesmo educadora né... eu tive essa experiência na escola particular e que para mim não foi uma experiência boa... pode ser uma experiência maravilhosa... eu respeito... para outras pessoas... mas para mim não foi... que eu vi também a forma como as crianças negras e pobres elas eram tratadas em determinados ambientes... porque preto e pobre era o filho do porteiro... era/ era uma menina branca e pobre... e o menino negro que era filho da merendeira... né... da moça que limpava e que vendia lanche... muito maltratado... era um absurdo... meu coração partiu quando vi aquilo... e a outra criança negra que eu vi... nesse período... nessa escola foi o filho da dona... né... que era uma criança adotiva... negro... que ele tinha essas regalias... porque ele era o filho da dona... mas era disso respeitado

pelas outras crianças ricas né... então eu pensei assim “gente esse aqui não é meu espaço... eu vou procurar outros outros espaços...” aí passei né... no concurso da prefeitura... e saí de lá... assim agradecida... pelo tempo que eu fiquei... mas feliz da vida porque eu teria oportunidade de trabalhar com os meus e para os meus... e pela forma né... das coisas que eu vivi... eu sofri... depois dos espaços que eu fui acolhida... eu falei “gente... a minha responsabilidade social é fazer o melhor possível...” porque eu tô fazendo não é para eles né... tô fazendo para mim... eu tô fazendo por nós... e a partir daí eu vim nessa trajetória de sala de aula... que eu nunca saí da sala de aula... né... já trabalhei ensino fundamental... trabalho ainda no ensino médio... no turno da manhã... à tarde eu trabalho numa coordenação... chama Coordenação de educação da igualdade racial de Imperatriz... fiz questão também de trabalhar em escolas de periferias... trabalho aqui no meu bairro que é minha forma uma de retribuição... fiz o meu mestrado falando dessa dessas personagens... dessas mulheres negras... e exatamente para reconhecer... para fortalecer essa nossa história... esse nosso espaço de fala e de escuta... e quando eu estou com minhas turmas né... que eu tenho assim... um amor enorme... como eu não tive filhos de barriga... o que são meus filhos são... meus animais e meus filhos são meus alunos... então é uma realização imensa gente quando... a gente propõe projetos... a gente propõe leitura... a gente propõe discussões... e eu vejo potencial que tem esses/ esses estudantes... numa dificuldade gigantesca... mas que aí vem agora essa construção desse protagonismo né... é nós temos na escola que eu trabalho... eu propus um projeto chama/ - aham... só os filhos são sobrinhos os amigos... - projeto que chama Curto imagem Negra... ele só parou no período que eu viajei para São Luís para fazer um mestrado... depois eu voltei e agora a gente já vai retornar com esse projeto... que é quê? é mostrar... é curtir a nossa cara preta... é mostrar nossa comunidade dentro da tela... é mostrar que os/ que as pessoas elas/ elas/ consideradas periféricas né... a margem... que elas têm toda a potência de estarem no centro da cena... nessa coordenação da série que eu trabalho... a gente tem festival de música... festival de teatro... mostra de desenho... agora mesmo... esse ano... a gente vai ter/ depois da pandemia deu uma desmantelada geral... mas a gente vai fazer online... essa mostra de/ de desenho que sempre acontecia dentro do salão do livro de Imperatriz... e por que que eu tô trazendo essa vivência com esse projeto? porque assim... ver a cara... ver o brilho no olho... da nossa comunidade... ocupando esses espaços que são... teoricamente... são espaços elitizados... que é o quê? uma Academia imperatrizense de Letras... que a gente leva para eles fazerem apresentação lá... é o teatro Ferreira Gullar... é o salão do livro de Imperatriz...é mostrar a família deles nesse projeto de cinema de curto imagem Negra... é levar a exposição deles para as escolas e para logradouros públicos... então fala assim “gente é isso...” eu acho que eu saí do palco... do teatro... mas a gente... tem esse palco maior que é o palco da vida... essa/ essa educação... essa luta... e essa minha trajetória de contar história... ela vem sendo construída por essas várias outras histórias... que eu fico sabendo... que eu leio... que eu revivo... que eu escuto das nossas comunidades... e isso é o que me fortalece... isso é que me encanta isso é que me faz assim... resistir... reexistir... por exemplo... hoje mesmo... é:: uma amiga muito querida faleceu né... é:: acometida pelo covid-19... que é a Aninha... e... assim... eu fiquei assim muito arrasada... porque sabe... é uma pessoa que é maravilhosa... que era energia boa... - é obrigada -- que é uma pessoa assim... que tá sempre do bem... alto astral... apesar das dificuldades financeiras... dificuldades familiares... mas quando você via a Ana... aí tu chega... dava aquele respiro né... “que delícia gente...” a pessoa tem tanto para oferecer... é uma pessoa tão de luz... e a Ana... ela simplesmente assim/ ela partiu das nossas vidas sem/ de uma forma uma criminosa né... porque não era eu/ eu não sei se era ou se não... mas a gente fica assim... um pouco revoltada... e muito triste... e quando a gente vai falando dessas nossas histórias... vai lembrando também de outros momentos de conquista... isso também está de certa forma um alívio né... esse/ esse processo do contar... do ouvir... é uma forma também de reviver... é uma forma de/ como se a gente tivesse retroalimentando né... através desse momento de contração e de escuta e de troca e de diálogo...

ENTREVISTADORA: que bonito heim...

ENTREVISTADA:((risos))

ENTREVISTADORA 1: que histórias magnífica... Eró... que histórias você conta que tipo de história você conta eu acho que você falou um pouquinho disso lá no início né fale como você seleciona essas histórias... né?

ENTREVISTADA: ah... certo... certo... assim então inicialmente - é depois eu vou falar da minha palhaça - inicialmente eu contava/ ((risos)) inicialmente eu contava as histórias que eu conto ainda/ mas agora na outra perspectiva... que aquela coisa que eu falei... as histórias de Trancoso... são as histórias de encantamento... que eu amo... mas a partir desse momento... que eu comecei a estudar mais... essa minha relação com a negritude... eu vi assim/ percebi que outras meninas como eu... que deveriam ter conhecido a nossa história negra... a nossa história indígena... eu falei assim "gente... nós estamos devendo muito para nossas crianças né..."é os contos de fadas histórias europeias elas vão encontrar nos espaços em que elas () ... porque as pessoas têm mais acesso e as pessoas colocam como/ são histórias que são elas têm um certo patamar de/ de obrigatoriedade... de aceitação de se tornar/ de serem melhores/ tal e de/ olha... chapeuzinho vermelho todo mundo tem que conhecer... a Branca de Neve... todo mundo dessa história/ todo mundo tem que conhecer... eu concordo tem que conhecer... mas ao lado dela a gente precisa conhecer As tranças de (bintou)... ao lado dela a gente precisa conhecer a nossas histórias de reis e rainhas... as nossas histórias dos povos originários... veio a palavra agora... dos povos originários que nós estamos aqui dentro do território deles... que nós não sabemos quase nada é sobre... e então eu optei ... Verônica... em... em até acho que é uma estratégia também até política... né? política nesse sentido mesmo maior... de trabalhar com essas histórias africanas e afro-brasileiras... então continua/ eu gosto muito né... e de escritores também... que é:: ética... política... e estética é:: de escritores e escritoras... independente de terem a pele escura ou não... mas que tratem com respeito sem ser estereotipado né... essas nossas histórias... então são histórias da população negra... do povo negro... para crianças e adultos negros e negras... então assim eu já tô é:: nesse processo mesmo da seleção dessas histórias... principalmente essas histórias negras brasileiras... aí vem de diversas... de animais... vem as que eu amo que são das princesas... vem de superação... aí as temáticas/ e outra coisa... quando a gente vai contar tem aquelas histórias... por exemplo... As tranças de bintou... foi uma história que mudou muito/ eu ganhei tanto tanto tanto tanto com essa história gente... vocês nem imaginam... tanto em todos os sentidos né... e tem as histórias que a gente gosta... chega olha e ama logo... e tem as histórias que são mais ou menos histórias por encomenda né... "olha Eró... eu quero que você conte uma história..." e contrata gente também determinados eventos... escolas... "ah... quero que conte uma história sobre isso..." aí eles nunca dizem que são histórias de pessoas o personagem negros aí eu falei "menino..." mas "beleza... falo..." "vai falar sobre a morte?" "falo" "fala sobre solidariedade?" "aham" aí o que é que eu faço? uma estratégia... é:: eu vou pesquisar... buscar... histórias que eu acredito... que eu gosto... que tem uma proposta... que tem uma linguagem da diversidade... que trata com sensibilidade... às vezes um grande erro da gente é pensar... as vezes por desconhecimento... quando a gente fala nesse nessa luta anti racista e decolonial... sempre vem aquela história do vitimismo... sempre vem aquela do coitadinho... do/ se vitimizando mesmo... - sim... As tranças de (bintou)... - então o que é que eu faço? dentro desse meu repertório... que agora eu/ eu vou vendo quais são as minhas propostas de trabalho... beleza... levo... mas eu levo justamente as que eu que são que eu creio né... que eu analiso como interessantes... e que tragam essa proposta dessa diversidade então... hoje eu trabalho sim... é:: inclusão e ampliação desse repertório... e trazendo para as pessoas essas histórias/ outra coisa que eu tenho muito/ muito cuidado também é de sempre/ tenho esse/ esse olhar para? eu trabalho contando histórias em escolas públicas... eu tenho uma proposta para os professores trabalharem/ por exemplo... eu quero que eles trabalhem as escolas essas histórias dentro dos ambientes dele... então... faço... dou uma pesquisada no nos livros/ gente nós temos muitos

livros paradidáticos fantásticos nas escolas... principalmente no ensino fundamental... pelo amor de Deus... tem livros assim que chega eu babo querendo... e eu também não tenho... eu conheço eu leio e tal... mas eu não tenho... então assim... vou vendo o que é que tem... o que é/ - e isso trouxe livro de diversidade fantástica - o que é que pode ser aproveitado que tá ali na biblioteca... que ele pode ser trabalhado/ - não esse é o inominável né... - ((risos)) o que pode ser trabalhado... e esse livro diga assim “olha essa história... esse livro...” - é destruir não só a questão educacional... mas é destruiu o país né... é vender todo território... é (comparar)... é barbarizar... é agora essa destruição das/ da nossa floresta... destruição... eliminação do pobre... do/ da pessoa que tem alguma doença... do idoso... porque a fundação Palmares... com aquele não representante negro também é outra vergonha né... então assim como é que a gente vê... a própria pandemia minha gente... quem a pandemia/ as pessoas que estão morrendo em larga escala são pessoas de favela... são pessoas que não têm um sistema imunológico forte... falar “ah:: mas um atleta morreu...” um... enquanto mil favelados estão morrendo... porque tem um sistema imunológico fraco... então como é que/ não é dizendo que é uma conspiração... mas é algo assim que sempre/ sempre é o/ a população menos/ menos assistida... desfavorecida... que ela sempre leva pior né...

ENTREVISTADORA 1: Eró... falando na pandemia... já que você que tocou no assunto... como é que você hoje... nessa atualidade... você tá fazendo o compartilhamento das histórias... da narração de histórias?

ENTREVISTADA: é virtual... ((risos)) eu fiquei... eu fiquei... eu acho que quase/ um ano... primeiro ano todo sem sair... que eu não queria morrendo de medo medo medo medo... aí depois deu uma aliviada... e depois deu uma piorada... eu tomei a primeira dose da vacina... para fazer atividade fora... eu só fui agora em dois mil e vinte e um... eu fiz uma formação... numa escola de educação básica/ educação/ é ensino fundamental... não mas a educação básica eles têm outro prédio também... foi uma formação dos professores da Educação infantil... eu fui presencial... mas assim... um pouco longe... tal... e as histórias eu conto aqui pelo Meet... e também quando tem que fazer alguma apresentação é mais virtual... eu já fiz contação de história e algumas festas... de laranjinha... presencial... mas no máximo com quinze crianças... foi em local aberto... e já fiz... eu acho que agora de maio para cá... porque eu fiquei gente... eu acho que a responsabilidade nossa é muito grande... se eu falo assim... que eu sou professora de sala... e eu sei que o índice de contaminação dentro de uma sala de aula é altíssimo... e nós estamos trabalhando virtualmente... porque que eu vou/ - que é questão também ética... moral... - porque que eu vou para uma festa lotada para fazer um animação de festa... para contar uma história se eu também/ mesmo seguindo o protocolo... porque uma coisa é eu seguir... outra coisa são os convidados da festa... e que pelas vivências e experiências que eu fui... e nos eventos... ele não serve... a gente chega de máscarazinha... aí tem aquele alcoolzinho ali do lado... você coloca... quando passa/ não passa trinta minutos... aí a gente já tá se abraçando... se agarrando... e nós vamos no evento você vai comer... você vai beber... aí você já tira... aí fala “ah:: não... mas aqui é todo mundo muito conhecido... é um evento assim... gente próximo...” e a gente tira... e a gente se abraça... e principalmente com crianças... porque essas histórias que eu conto são mais com público mais infantil... e a criança é ela compreende... ela sabe... mas pela questão de ser impulsiva também... de/ de fazer aquilo que dá vontade... nas brincadeiras... e no momento de interação... isso é muito difícil... então... ou eu faço virtual... que eu também fiz poucas... e nesses três eventos que eu fui... nessas/ nesses três momentos... um tinha quize... outro tinha seis... e outras acho que tinha umas dez crianças... então... mas mesmo assim a criança pega a gente né... não tem como você dizer que não... a criança fica junto... ela não gosta de falar assim pertinho... e ali juntinho então... é:: foi/ foi mais virtual... mas diminuiu muito esse processo né... tanto é que agora a gente tá trabalhando mais... é:: fazendo live/ com lives com formação de professores... roda de conversas com estudantes... exatamente para não falar assim “olha para contar história... e fazer animação eu posso... presencial e para sala de aula eu não posso

presencial...” então assim a gente não pode ter um/ um discurso e outra prática né... a prática diferente do discurso...

ENTREVISTADORA 1: que bacana... estamos indo quase pra/ finalizando... né Érica...

ENTREVISTADA: meu Deus... ei...mas é o seguinte... eu não/ eu vou querer ainda outro encontro para eu preparar a história pra vocês... hoje era só esse primeiro/ eu já vim preparada assim... hoje é o primeiro - e eu sei que ainda falei um monte de coisa que não tinha naquele questionário grandão não foi? aí você vê o que que eu preciso dizer ali ainda e dizer assim.. “Eró isso e isso não fuja disso... é porque assim... eu queria contar...

ENTREVISTADORA 2: não não não... não faremos isso... na história oral o que interessa é a sua narrativa... como você a constrói as digressões e progressões que você estabelece... é isso para gente que importa... e aí... eu até coloquei aí no chat ... antes de terminar eu ainda quero algumas coisas que foram ficando aqui... éé:: uma delas...

ENTREVISTADA: certo...

ENTREVISTADORA 2: é que você diga... porquê do ponto de vista das interações... como é que você avalia... tanto a recepção né... pelos ouvintes pelos espectadores... né... telespectadores... como é que você avalia a contação de histórias se comparando com as outras experiências... é presenciais né... que a gente sabe que a virtualidade ela impõe uma outra estética de recepção dessas histórias... mas me diga... como é que você tem sentido... e:: tanto do ponto de vista seu... de contadora de histórias... quando o ponto de vista da interação com os teus ouvintes e telespectadores... né?

ENTREVISTADA: certo... certo... é eu já as contações que eu fiz né... as narrativas de história... foram diretamente para as crianças... e que eu também não sei se era/ se se consegui atingir esse público foi no SALIMP né... salão do livro de Imperatriz... que foi virtual... mas eu achei assim... porque nós contamos histórias... eu e Jô... nós fizemos toda aquela apresentação... mas ficou algo muito/ aí foi editado... foi colocado o fundo tal... teve toda uma/ uma produção ali... nesse processo eu achei de verdade assim... mais parecido com uma coisa de televisão... não com tantos elementos da televisão... mas ficou/ fica gente o distanciamento é:: visível... que existe esse distanciamento e você tá falando para um suposto público... é:: um público imaginário ideal... que ele tá ali caladinho... quietinho né... mas que ele/ você não sabe quem é... que você vai atingir de verdade... e a gente termina... contando a história para aquelas pessoas que estão ali fazendo a filmagem... fazendo aquele trabalho... então esse foi uma experiência/ quando eu fiz eu fiquei muito insegura... porque a gente não sabe... uma coisa é isso que está sendo feito aqui... tal tal... essa conversa... e outra coisa é depois... se tiver uma/ um processo de montagem... de edição então a gente não sabia como tinha ficado... como ficou... saiu um pouco assim do roteiro do que eu tinha imaginado... mas ficou legal ... foi assim... uma situação... mas aí tinha toda uma estrutura... outra foi aqui em casa... também para abertura de uma/ era uma aula na faculdade... um projeto de leitura... aí eu montei o cenário aqui em casa... e fui contando e a interação/ esse era através do Meet... esse já tinha... porque você via as pessoas estavam ali online né... você via... tinha como ver a expressão... mas não tinha aquela coisa de você chegar perto... de você/ às vezes citava um nome... que também é uma possibilidade boa quando as câmeras estão ligadas... então você vê a expressividade... por outro lado quando elas estão nas casas... aí você vê alguém que anda... outro que chega isso ali também... nesse nosso processo de contato da "opa"... tá acontecendo alguma coisa... ele se tá/ aí vai te tirar assim um pouco foco... mas essa relação ela já foi mais interessante... mas aí ela tem também/ você tem que montar todo uma estrutura de contar... sem ter essa interatividade com o público... que é algo assim inerente dessa narrativa de história... é você contar juntamente com a resposta de quem está lhe seja/ assistindo seja numa praça... seja numa escola... no próprio palco... no teatro sempre tem... é o respiro... é a gargalhada é aquela movimentação quando você já vê que se as pessoas tão assim... você já percebe que algo naquela história ela/ ela não tá agradando muito bem... ela está incomodando ou ela está sendo bem recebido a gente não

consegue né... perceber muito bem... mas dá para fazer e também numa outra perspectiva... e a outra/ outra outra experiência do virtual... foi pelo/ pelo YouTube... e também fica aquela coisa já... mas tudo prontinho... aí você pega e joga... é no máximo chat aqui... aí no chat tu dá o kkk... bate a mãozinha ((risos)) mas você sabe que tu não consegue ter essa/ mensurar como é que tá sendo recebido entende... então para gente que ainda não tem essa vivência... que é que é uma outra proposta numa outra situação... até porque eu contar a história agora também ela vem ainda mais forte... porque a gente tá vivendo numa situação tão difícil... que quando vem algo bom assim algo mais/ que daquele refrescada na alma tu fala... "ôô meu Deus graças a Deus..." né... inclusive eu venho fazendo umas oficina agora... para ver se eu tenho essa refrescada assim... aí eu falo "ôô gente estou fazendo esse curso... mas eu quero ser super... não quero ser cobrada muito quero ser super irresponsável assim... para querer fazer tudo sem/ ah... não... mas Eró... professora... não sei o quê... não quero assim eu quero ser só... ahh:: só para ver se eu dou uma refrescadinha..." então as experiências em relação a estas narrativas de história dessa forma virtual vem nessa/ nessa vertente... mas eu também acho que tá sendo uma experiência muito legal... a gente conta no momento aí depois "poxa... devia ter feito isso..." dá para utilizar determinada imagem... dependendo da proposta... dá para gente utilizar os instrumentos que não teria como a gente levar lá se tivesse... da pra gente colocar um grupo aqui... seja de casa mesmo... uma equipe que você tem em casa para te ajudar... tira o cenário... coloca o cenário... coloca elemento... tira elemento... então isso... é uma coisa também muito positiva a outra é que aquela criança... aquele adulto... e você ia lá no bairro dele... e ele assistiu você contar... ele não estará aqui no Meet... porque ele não tem internet suficiente para te assistir... então é um outro público também que a gente termina atingindo...

ENTREVISTADORA 2: sim... Eró... a pandemia foi de novo escancarando escancarado né...

ENTREVISTADA: uma lacuna...

ENTREVISTADORA 2: exclusão social pelo pela tecnologia digital... né? a ausência da/ porque esse discurso de "ahh:: hoje todo mundo tem um celular..." ter um celular... e mesmo que se tenha um celular... as condições desse celular... e as condições de conexão... conectividade... elas são extremamente díspares... quando se consegue é por dados móveis... né... não se tem Wireless em casa... ou enfim... são muitas/ então foi/ a gente também/ a pandemia trouxe de novo essa discussão né... da exclusão tecnológica e exclusão digital e vai desnaturalizando... né... que todos tem... não... todos não tem... não tem... não mesmo né... e é bem isso né eu acho importante essa/ essa sua fala... no sentido de reconhecer... não que você reconhecesse antes... mas do ponto de vista de ter essa lucidez né... de que quando você conta histórias hoje né... se utilizando suportes digitais... para quem se conta né...

ENTREVISTADA: exatamente...

ENTREVISTADORA 2: para quem se conta... e é isso né... Eró... porque isso também vai mexer com a/ desestabiliza né... dentro do projeto ético-político social... que você tem definido como contadora de história... e professora de escola pública né... que é atuar nesses lugares... que é atuar com esses sujeitos... né... justamente com a perspectiva de romper com isso né... de promover esses sujeitos ou assegurar minimamente o acesso a esse mundo cultural pela leitura né... pela escuta da palavra né... pela escuta da palavra... que é extremamente formadora... porque você assim como eu... e aí eu fui vendo né... ecos da minha história de vida que é ser formada pelo rádio... pela voz afetiva né... e por isso que eu trouxe lá fala da Michele Petit... Annie roxcel... a Tereza (coronel) elas vão falar de modo diferente... com termos diferentes... mas dizendo essa mesma coisa... da importância que é ouvir o pai... a mãe... o avô e avó... as vozes afetivas da nossa infância... nos contar em história e nos formar em leitores primeiro pela escuta né... primeiro nos formamos pela escuta... e a tia Leninha... não por acaso... tem esse nome de tia... porque ela entrou na nossa casa... entrou na nossa infância... e nos formou também leitores pela escuta do rádio né... e aí eu vou vendo que fantástico que foi a tua formação... mesmo em condições tão desiguais né Eró... tão massacrantes... de menina negra pobre né... no

nordeste desse país... mas como você foi tendo oportunidades né... você foi se aproveitando... criando oportunidades para si... que foi o teatro... né... primeiro rádio né... depois do teatro... aí o movimento negro... e aí você vai lá e desenvolve projetos... e aí você vai lá e ocupa a escola... que fantástico é isso né... e aí eu vou compreendendo... não que eu já não soubesse de boa parte disso... da sujeita que você é histórica e biográfica que tanto nos fala o Paulo Freire né... da sujeito a mulher negra né... biográfica... histórica... que tem atuado desde muito pequenina... para romper né... para desconstruir... esse estado opressor que tem sido submetida... a que temos sido submetidas/ estamos sendo submetidas todas nós né... sobretudo no norte e no nordeste desse país... então eu achei fantástico acompanhar esse percurso assim tão/ organizado pela tua memória né... e compreender ainda melhor né... pelo aquilo que você tem nos permitido da sua história... a sujeita fabulosa você é que privilégio né...

ENTREVISTADA: ((risos))

ENTREVISTADORA 2: e aí eu vi que você tem nomes né... muito fortes... muito poderosos né... e a maioria femininos... que é a dona Isaura... a Eulena... a sua avó a sua mãe... e aí depois do Gilberto né... então são sujeitos... que foram contribuindo com a tua formação né... nas diversas áreas da vida/ da sua vida pessoal e profissional... e aí eu fico muito encantada né... e feliz né... primeiro eles tiveram o privilégio de você... depois você teve privilégio deles... e essas relações te fizeram essa mulher forte e poderosa... vibrante... contagiante... sensível que é Eró Cunha... que eu tenho privilégio de conhecer...

ENTREVISTADA: ai... eu já tô aqui chorando... ((risos))

ENTREVISTADORA 1: ai Eró... que coisa linda... você hoje veio assim trazer muita alegria para nossa tarde né... veio trazer muita palavra boa... veio nos fortalecer né... e que potente é a sua história... enquanto você contava sua história eu fui me vendo também em muitos momentos... que trajetória bonita que você veio nos contar nessa tarde... e muito obrigada... por ter nos concedido esse momento tão lindo aqui nessa tarde aqui com você... que privilégio... que privilégio... tê-la conosco viu... obrigada... foi assim/ eu estou muito feliz... muito contente... com essa conversa dessa tarde ... tanto... quanto aprendizado... quantas histórias... que percurso lindo esse seu... quantas pessoas né... que passaram pela sua vida né... e pessoas que impactaram essa mulher que é você hoje... essa professora... essa profissional... essa contadora de histórias... essa palhaça laranjinha... né... ((risos))

ENTREVISTADA: ((risos))

ENTREVISTADORA 1: que fantástico né... muito obrigada mesmo... e acho que vamos ouvir um pouquinho... você falar... a Érica falar... e parabéns Érica... pela sua fala pela sua nobre colaboração... ótima...

ENTREVISTADA: que tal esse reencontro...

ENTREVISTADORA 1: e aí eu penso que sobre a contação de história... depois a gente pode conversar para fazer de repente um sarau... e aí reunir aí uma equipe né... são dez pessoas então... primeiro as cinco depois outras cinco ou então todo mundo mesmo no mesmo dia...

ENTREVISTADA: ai seria ótimo... nós vamos conhecer as outras e os outros...

ENTREVISTADORA 2: Eró... eu sugiro... e aí eu vou negociar isso depois com Verônica e Luíza... nós temos o nosso grupo de pesquisa que é o Gesto... então eu penso que depois a gente reúne você... Jô... a colega de Marabá... e a gente faz uma noite de contação de histórias para o nosso grupo de pesquisa... e podemos inclusive abrir para os alunos da letras... da graduação né... já que ficou organizado esse formato... e eu acho importante... né... porque a gente já tá caminhando/ nós estamos com duas horas de entrevista olha que coisa linda...

ENTREVISTADA: gente... aí eu pensei assim... "meu Deus vai demorar..." e agora eu tô vendo assim gente ainda tem muita coisa para ser dito não é...

ENTREVISTADORA 2: pois é tem muita coisa... e eu acho bom dividir nessas outras etapas né... porque a gente compreende que você tem também uma demanda de trabalho aí que você precisa atender... e eu penso... e vou trabalhar depois com Verônica... se ela topa... e você

topar... e a gente fazer aproveitar essa tua a tua história de vida para dissertação... e também como entrevista para gente publicar na Entre Letras... e outras revistas... porque essa história não é só sua... ela é um coletivo não é... ela é tua claro... mas ela/ eu/ são muitas de nós né... são muitas outras mulheres... meninas... nordestinas... nortistas... que tem essa história... e que eu acho que precisa ganhar/ porque querendo ou não a é dissertação/ por todo/ é um gênero acadêmico né... e o alcance dela... a gente sabe que é menor do que uma entrevista né... que é mais fluida... mais objetiva... então eu penso que a gente deve aproveitar ao máximo... vou fazer isso com as minhas colaboradores também... para a gente fazer ecoar essas histórias de vida tão potentes e tão contagiantes como a sua... e a gente faz isso depois então...

ENTREVISTADA: isso... porque aí... assim... a Verônica ela até já tinha falado assim “Eró... a gente vê se dá em um período... ou se dá em dois momentos diferentes...” aí como eu tava assim... um pouco borocócho né... com minha amiga tal... aí eu falei assim... “não hoje eu vou preparado mais para fala e aí escuta... aí depois eu venho preparada para contar as histórias...” aí assim... eu quero assim muito... primeiro agradecer por esse encontro... por a indicação da Érica... é uma pessoa magnífica admirável... intelectualmente... como profissional... (lindamente) ... fisicamente... uma coisa assim estúpida maravilhoso é/ ...

ENTREVISTADORA 2: obrigada... é recíproco...

ENTREVISTADA: a gente... mesmo porque assim ó... essa relação com a Érica é de uma proximidade... mas uma proximidade... é de carinho... de respeito... mas é de distância em relação a geograficamente... né então existe um rio que determina nos separando... agora um pouco mais do que um rio né... porque tá um pouco mais distante... aí assim e quando a Érica me possibilita conhecer Verônica né... para mim também é um presente... enorme... que aí o que/ que a gente vai vendo são essas/ essas redes né... essas mãos que vão... mesmo virtualmente/ outra coisa também essa possibilidade do virtual... mesmo se cada uma de nós estivéssemos em um estado... em território diferente... mas... é porque nós temos esse mínimo de condições de estrutura para isso... a gente estaria aqui... se fosse o presencial seria assim... eram outras situações para gente poder se encontrar... uma entrevista escrita também... eu falei até para Verônica... "Verônica é algo gravado... ou é escrito?" porque eu acho que o escrito ele fica tão impessoal eu com certeza não ia falar tanto... a preocupação do que dizer... como dizer... que palavras utilizar... isso também é uma coisa que termina tirando essa relação mais afetiva... mais emotiva mais né... mais pessoal... ia ficar uma coisa assim mais distante né... era uma outra Eró... dita através de um texto que eu escolhi... que não era bem aquilo que eu queria dizer daquela forma... então/ então isso também é maravilhoso... e dizer que/ agradecer né/ dizer que é um momento né... para gente sorri... não sorrir do outro... mas sorrir junto com a outra né... é esse compartilhamento de saberes... são essas vivências... essa minha história... por ser mulher... já é a mesma/ não a mesma no sentido de igualdade... mas vivências próximas... porque a gente sabe qual é a condição de ser mulher no Brasil... no norte... nordeste... é:: mesmo sul-sudeste tal... a gente sabe o que é ser mulher... como essa/ essa construção feminina... ser mulher/ mulher negra... educadora... é:: pesquisadora... e que existe assim... uma sobrecarga... e é uma mulher/ mulher mãe... mulher filha... mulher profissional... mulher que cuida da casa... e a gente tem que dar conta de tudo... isso todas nós presenciamos... e quando a gente escuta... uma a história da outra ... () ... “meu Deus do céu” aí fica aquela coisa igual... vocês falaram “meu Deus” ... eu pensei ... “aí isso aqui também” então é o que é uma continuação dessa história que ela veio muito tempo atrás e que ela vai continuar... ou com nossos filhos né... biológicos... ou com nossos filhos de carinho... de afeto... de relação que a gente tem... então essa história continua... e eu tenho muito assim... pelo que a escola pública me deu... pelo que o movimento negro me deu... eu fiz também a minha pesquisa na UFMA foi falando sobre teatro negro... que é esse teatro que pensa não só naquele/ naquele ser ali atuando naquele momento... mas todo esse processo educação... é um viés muito forte com () do Nascimento... então é o que... é aquele... é o pedreiro... é a menina que é a babá... que não sabe ler... que não sabe escrever... que tem

todo uma preocupação com essa educação para que ela tenha esse conhecimento... para que adquira uma relação profissional... e ao mesmo tempo tenha esse trabalho... de uma atuação... de um texto... de um corpo... de uma estética ... Negra né... que está ali em cena... esse corpo negro... e esse conhecimento também me fortaleceu muito né... através do Abdias... esse nosso contar a história... ele vem também numa necessidade enorme que a Chimamanda ela... conhecidíssimo... essa relação da gente ter muito cuidado com a história única né... a mangueira ganhou uma samba-enredo... dizendo que a gente precisa contar a história que a história não conta... então assim... quem vai contar essas nossas histórias? quem vai dizer dessas nossas conquistas? e dessas nossas dores? e nós já falamos assim muito das dores... e é chegado o momento também da gente agora celebrar... não dizendo que não tem... que não acontece... porque a bala ela tem o alvo no corpo negro... porque a pobreza e a miséria tem a cara preta... porque as periferias que não tem estrutura nenhuma a cor dela é uma cor preta... mas de forma também nós podemos lembrar... enaltecer... reconhecer... disseminar... a força tão grande dessa construção aqui do nosso país né... a construção a partir dessas várias etnias... então quem construiu esse país? quais as etnias? que estrutura que segura esse essa nossa construção identitária aqui do nosso/ nosso país? então são várias etnias... e que elas se entrelaçam... mas que ao mesmo tempo cada uma tem as suas características... as suas especificidades e que isso é algo assim fantástico... então gente... encontrar com vocês me fez refletir... eu repenso... é que eu disse que a minha cabeça é muito doida então eu acho que eu tenho tanta coisa igual a vocês... tanto tanto tanto tanto... e aí a cabeça aí já vai dizendo "não Eró... isso aqui não... isso aqui não.. não vou guardar isso não..." mas chega um momento que elas estão ali... aí elas vem né... elas vão surgindo... elas vão aparecendo... e esses momentos mesmo de nos deixam inquieta né... momento de provocação né... de "olha vamos saber sobre isso vamos lembrar isso" tem algumas coisas das histórias que eu nem lembrava mais... o que que eu gosto tanto de final feliz... porque essa alegria que vem assim dentro... essa força de alegria mesmo diante das dificuldades... e são coisas que a gente fica no dia a dia... trabalhando tanto... correndo tanto... que vai achando que isso não é tão importante... não é? que essa nossa história é uma coisa que não tem tanta relevância... e nesses momentos a gente vai/ vai sentindo... vai revivendo... e se fortalecendo né... então assim... eu agradeço demais por esse momento fantástico... que voou... e que eu nem sabia que eu ia dizer tanta coisa... ainda fiz um monte de colinha aqui... aí não precisei das colas... porque eu fui lembrando de tudo... então eu tô/ eu tô assim muito feliz com esse nosso encontro... ((risos))

ENTREVISTADORA 2: eu quero perguntar ainda uma última coisa... que não é a última mas eu tinha anotado e esqueci... justamente porque você disse que/ com relação ao documentário né... que as pessoas vão redizendo... se sentem autorizados para modificar né... desidentificar as falas né... e aí eu fiquei aqui pensando se... com relação as histórias que você ouviu contar quando criança... e cresceu ouvindo né... se você se lembra o título delas? ou se você sabe? se você conseguiu encontrar essas histórias registradas né? textualizadas ou retextualizadas e se não... se você já pensou em fazer isso né... resgatar na tua memória as histórias ouvidas pelas vozes afetivas pai mãe avô avó tio parentes ou não parentes e se você já pensou em registrar esses textos?

ENTREVISTADA: esses textos... né? olha eu... numa época eu fiz uma/ eu não sei os títulos... porque era uma coisa também que a gente/ no período nem falava/ nem o que/ que eu ainda lembro... só esse do romance... pavão misterioso... princesa da pedra fina... aquela do João grilo... então essas que são/ porque já estava registrado no papel... as outras eu não sei o título... teve um período que eu fui pesquisar... eu achei muito difícil/ porque assim... para a gente fazer a pesquisa... aí eu fui vendo... em alguns livros tal... e na internet... eu teria que ver mais ou menos os trechos... para eu poder ter uma base para encontrar essas histórias... algumas eu achei... mas eu acho que porque... no período quando eu era criança que eu ouvia... o meu mundo imaginário ele era tão assim amplo que... a forma que eu imagino é uma coisa mais linda

do mundo... e quando eu encontrei algumas histórias/ aí eu não... eram um resumidas demais... ou não era bem daquele jeito... porque é claro que/ as pessoas iam recontando... que eram histórias orais e elas iam aumentando... diminuindo... é:: e algumas eu encontrei... tem uma história gente... que é uma história que marca muito a minha vida... que... eu não sei se vocês conhecem... uma vez eu encontrei... mas eu sou tão maluca que eu não... não guardei a história... e depois... meses depois eu procurei e não achei mais... é a história da Isabel... uma mulher... mas depois eu vou treinar era para contar ela toda... uma mulher que mora na floresta... ela e o marido... aí tem um monstro né... que vai que/ quer pegar... que deseja... que a questão do mal né... que quer destruir Isabel... aí ela tem uma musiquinha do cachorrinho né... e o cachorro é o anjinho de proteção... é aquele ser que protege que cuida... e o cachorro sempre canta uma música noite... para espantar esse ser que quer pegar a Isabel... gente essa música essa história nunca saiu da minha cabeça... eu já pedi para meus irmãos... pedi para mãe... ela não lembra mais... mas eu vou relembrar para contar... eu não vou contar agora... porque eu amo essa história... engraçado... quando vocês ouvirem vocês vão dizer "meu Deus que coisa besta..." mas só que para mim é uma coisa que ficou assim... meu Deus... é tenho um pouco de medo também... sei lá o que foi isso... tá e eu ia dizer outra coisa... que eu esqueci... sim que é a questão do transgredir a partir da educação... ôô a gente ia falar... a outra pergunta o que era... se eu sabia os nomes...

ENTREVISTADORA 2: se você pensou em registrar...

ENTREVISTADA: ah:: sim... em registrar... não... o que eu já pensei/ é porque essas histórias na verdade ela já são do imaginário popular... nas obras de Câmara Cascudo... a gente encontra muitas delas... só que as palavras que eu tenho elas são extremamente/ são as histórias/ eu reencontro... mas elas são muito sintetizadas... então... a partir dali é que a gente vai elaborando... dando mais roupagem... encorpando mais né... "opa... era essa história... só que não é dessa forma... a música era um pouco parecida com essa... mas não é bem isso... e eu acho que/ a questão do egoísmo... de querer ficar com aquela... que eu... que eu tenho na lembrança... eu termino achando... que as outras que eu leio depois são/ não são tão legais quanto as que eu lembro... entendeu? que pode ser até criação da minha cabeça em relação a isso... aí terminei não/ porque ela já existem na verdade né... de não/ não reescrever essas histórias... mas uma coisa que /que eu tava pensando com minhas irmãs... era da gente pegar os nossos mais velhos... que contavam histórias... para ver... e tentamos algumas vezes... mas a distância da/ do período que eles contavam para agora é tamanha... que elas "ah:: não lembro..." ou "não/ não sei mais" "não lembro" "não quero assim" porque essa vida da gente mais na cidade... ela terminou nos afastando muito né... porque fica mais rápida... aí a partir do momento que a gente saiu do campo e veio perdemos muito disso né...

ENTREVISTADORA 2: rompe né... há um rompimento né?

ENTREVISTADA: sim... sim...

ENTREVISTADORA 2: eu/ eu lamento muito não ter gravado... eu escutei muitas inúmeras histórias contadas pelo meu tio... histórias mesmo do lugar... das famílias das guerras privadas né... e que aconteceu/ as rixas né... e coisas tão importantes... a guerra do padre João Leão... que ele sabia dia horas lugares... ele esteve lá presente...

ENTREVISTADA: eles tem uma memória fantástica...

ENTREVISTADORA 2: o meu avô... mas aí eu fui protelando... protelando... protelando ele deu um AVC... e agora deu perda de memória senil... aí Alzheimer... pronto perdi... e meu pai eu tenho feito esse exercício... sempre que vou gravado uma e outra... mas ele se emociona muito... aí como é muita afetante para ele diz "ah mas isso quem sabia contar era chiquita..." que é o irmão dele... então parece que ele não se sente autorizado a contar as histórias que os irmãos contava... então tem tudo isso né Eró... a gente precisa respeitar... a gente perde com isso né... é porque a gente não tinha maturidade... nem formação antes... mas a gente também precisa respeitar né... enfim é isso...

ENTREVISTADA: sim...

ENTREVISTADORA 2: bom... de novo... muito... muito... muito obrigada... uma honra te ouvir... e você confiar a nós a sua história... me sinto muito honrada muito mesmo...

ENTREVISTADA: e eu muito agradecida e vocês se preparem para/ [

ENTREVISTADORA 1: [o sarau...

ENTREVISTADA: o dia não o dia da Jô...

ENTREVISTADORA 1: o dia da Jô é amanhã...

ENTREVISTADA: vocês vão morrer de sorrir...

ENTREVISTADORA 1: o dia da Jô é amanhã... amanhã à noite...

ENTREVISTADA: ((risos))

ENTREVISTADA 2: depois a gente te manda a gravação tá... e a Verônica vai providenciar a transcrição também... leva um tempo né... e depois ela vai também te encaminhar o termo de consentimento para você assinar e autorizar... e você vai decidir... e eu tenho feito esse movimento dentro da universidade... de que as pessoas ganham visibilidade pelo seu nome também... pela sua identidade... mas aí você é livre para escolher... se vai usar o seu nome próprio ou um codinome... as minhas colaboradoras disseram... "não eu quero meu nome..." e eu as entendi acolhi... estou dizendo que a minha tese é uma tese memorialística... porque ela só tem sentido pelas histórias das minhas ENTREVISTADAS... mas aí você fica à vontade... depois você negocia isso com a Verônica... se você quer que apareça Eró Cunha... ou que outro nome você/ ou enfim vocês negociam isso...

ENTREVISTADA: tá ótimo...

ENTREVISTADORA 2: tá bom um beijo a gravação eu te encaminho depois...

ENTREVISTADA: mas assim... diante mão eu já falo... eu acho muito importante que a gente dê nome né... dê nomes... porque não somos são os objetos de pesquisa... uma coisa né... nós somos uma pessoa... que tem um nome... que temos uma história... e é claro que depende muito das situações né... de como é que a pessoa vai ser exposta... de forma aquilo para impactar a vida daquela pessoa... positivamente ou negativamente... eu respeito... mas no meu caso eu/ eu gostaria e fico muito honrado em dizer "sim... sou eu..." sou Eró... daqui a vinte... trinta... tomara que seja daqui uns cinquenta... sessenta anos... se eu já tiver o partido... mas olha... tem um registro aqui... algo que conta um pouco () eu acho muito importante... importante mesmo... dar nomes para essas essas vidas né... ficamos tanto tempo sem nome... tanto tempo sem rosto... enfim então eu achei no meu caso eu acho importante sim...

ENTREVISTADORA 1: pronto... esse momento está eternizado... ((risos))

ENTREVISTADA: hoje mesmo eu tava com o Gil... nós fomos na casa de um artista plástico fantástico... Tom Neves... pegar um material que o Gilberto tinha deixado lá com ele... que o Gilberto ali da UEMA sul... aí ele falando... "Eró... olha..." () precisa porque ele passou por um processo também... [

ENTREVISTADORA 2: [foi teu orientador né? eu estive na banca...

ENTREVISTADA: foi... oh:: meu diretor... aí do teatro... do grupo Oásis... aí depois trabalhamos lá na Fundação Cultural... e ele sempre nos acompanha... era aquela pessoa que sempre nos orientava... uma pessoa também que eu quero citar... se tiver algum momento ... muito forte nessa minha trajetória... é uma mulher chamada Graça Silva... Graça Silva é uma mentora... uma educadora fantástica... ela faleceu também... já foi esse ano... mas assim ela nos ensinou muito sobre a vida... sobre o respeito... sobre dignidade feminina... sobre a liberdade feminina... de que/ nos ensinou/ porque ela era uma mulher solteira... que saiu de casa para conquistar a liberdade... veio para Imperatriz... é: aqui ela também teve uma filha... e essa filha ela cuidou... cuidou da mãe... cuidou do irmão... e ela sempre era aquele/ aquele símbolo também... uma mulher negra né... símbolo de força... de resistência... e aquela pessoa incrível... que ela tem uma/ uma fluidez desde a criança... ela conseguiu estar em um grupo de criança... de jovem... de adulto... de idoso... e espaço de elite... de periferia... ela tava sentadinha... que

ela adorava era uma das nossas amigas de saída... farra... do bar... ela tava bem aqui comendo a panelada... e quando era à noite ela tava ali na/ no baile dos poderosos da cidade... então assim... como é essa/ essa mulher fantástica... e essa/ essa possibilidade de transitar em vários ambientes... em vários espaços... então também é uma mulher assim... muito importante na minha vida né... que é a Graça Silva... e eu/ eu tinha que/ não podia terminar essa/ essa entrevista sem citar a importância dela nessa nossa formação... era uma mãe... era uma irmã... no período que a gente tava/ vinha do serviço... não jantava... ela levava a gente para casa dela... sabe aquela casa que sempre tem comida... que sempre te acolhe... que você dorme... que você acorda... que ela tinha um corpo... que era um corpo... tudo dela era fantástico... a Graça sempre foi gordinha... mas a roupa dela dava para mim... a roupa dela dava para Jô... a roupa dela dava para quem era mais jovem... então o que é essa relação da generosidade gente... então ela é uma pessoa assim que tinha que ser citada também... eu sempre cito nesses momentos importantes... nesse momento a gente tá fazendo essa/ essa confraternização... essa/ essa troca de saberes... é algo muito marcante...

ENTREVISTADA 2: muito legal mas termina a história do Gil que eu te atrapalhei... depois você continua a da Graça...

ENTREVISTADA: siiim... o Gil... olha que cabeça louca... aí nós fomos lá para a casa do Tom Neves... né... pegar umas telas... uns quadros dele... que ele tinha deixado... e na volta/ na ida e na volta a gente conversando ele... "Eró... éé::" porque aí você falou do registro... "Eró... éé:: tem muitas coisas que precisam não adianta... assim... é importante fazer na prática tá junto isso é necessário... mas começar a registrar... fazer os artigos... publicar... colocar essa história..." que é isso que a gente tá falando sobre a nossa história... sobre a nossa memória... vamos colocar isso no papel... vamos fazer essas publicações... não é para enaltecer a pessoa que tá produzindo... mas é para deixar um registro do período... é para deixar um registro daquela cidade... daquele cidade... daquele espaço... daquele momento histórico... então esses registros... mais do que nunca... e que antes eram vistos como espaços privados... na verdade eles não são espaços privados... eles são histórias públicas... porque a minha história é a história de várias outras né... a sua história é a história de várias outras... então isso/ quando a gente escuta... "ô Eró... eu escutei... eu lembrei da tia Leninha... das histórias orais... não sei o quê..." então as outras também se fortalecem... assim quando/ quando a gente escuta e fala "caramba... olha também passei por isso... olha que coisa... então não estou sozinha..." por isso também essa/ essa importância... desse registro... desse nome... de dizer quem... quando... onde... e dizer "olha... não é uma mulher negra... é mulher negra... Eró fulana de tal... filha de fulana de tal..." "não é uma pesquisadora qualquer... é a Verônica Feitosa..." "não é uma educadora... qualquer educadora..." porque nós temos várias... "é a Érica de Cássia..." né... então isso também... até para dar mais humanização para essas histórias que estão sendo registradas...

ENTREVISTADORA 1: Eró... vontade de ficar mais... ((risos))

ENTREVISTADA: não achava que ia ser tão bom... ((risos))

ENTREVISTADORA 1: () tem aula daqui a pouco... mas assim... esse combinado da história ser no outro dia eu acho super válido... até mesmo porque na hora de contar história... você tem que estar com as cordas vocais mais relaxadas e menos cansadas né...

ENTREVISTADA: já vir preparada... ()... pronta pra esse momento né... que é um presente... é um momento de encantamento né...

ENTREVISTADORA 1: sim... sim... aí então nós vamos isso/ nós vamos combinar com a nossa orientadora tá... e foi um prazer ter você aqui... muito obrigada receba o meu abraço bem gostoso e fraternal...

ENTREVISTADA: de nada... () ... e eu peço desculpas pelo meu atraso gente... eu não gosto de atrasar mas hoje foi um caso assim...

ENTREVISTADORA 2: não peça... a gente compreende essa lógica... que tá muito maluca... e a gente tá aqui hoje... estávamos pra você... então o seu tempo e a gente compreendeu... e não

tem que pedir desculpas não... foi excelente a gente esperaria até mais... ((risos))

ENTREVISTADA: ((risos))

ENTREVISTADORA 2: um beijo gente... um beijo enorme...

ENTREVISTADORA 1: muito obrigada...

ENTREVISTADA: foi maravilho::so...

ENTREVISTADORA 2: se cuida...

ENTREVISTADORA 1: a gente vai conversando viu Eró...

ENTREVISTADA: certo...

ENTREVISTADORA 1: () a gente vai conversando... lá pra final de agosto... a gente faz nosso evento... () um beijo... viu?

ENTREVISTADA: ótimo... meninas... posso fazer um registro nosso?

ENTREVISTADORA 2: fiquei tão envolvida que hoje... pela primeira vez... esqueci de fazer um registro fotográfico acredita...

ENTREVISTADA: pois vamos fazer...

ENTREVISTADORA 2: vamos lá...

ENTREVISTADA: aí...

((pausa sonora))

ENTREVISTADORA 1: ficamos lindas...

((risos simultâneos))

ENTREVISTADORA 2: 'perainda' que eu vou fazer outro... você fez aí Eró...

ENTREVISTADA: fiz mas vamos lá...

ENTREVISTADORA 2: ah tá... ainda porque eu comprei um teclado externo... e eu tô bem aqui apanhando do negócio...

ENTREVISTADA: no meu externo também não sei fazer... aí eu volto para o do notebook...

ENTREVISTADORA 2: deixa eu te dizer assim ó Windows... tô olhando ali é Windows... shift S... tudo junto... vamo lá... aparece a telinha lá em cima... você clica no último quadradinho... que ele faz o registro...

ENTREVISTADA: deixa eu colocar bem aqui como é mesmo? Windows...

ENTREVISTADORA 2: Windows... shift... s...

ENTREVISTADA: certo... vamos lá meninas deixa eu testar... deu...

ENTREVISTADORA 2: deu certo... ((risos)) beijo meninas... saiam da sala que eu vou arquivar a gravação...

ENTREVISTADORA 1: (isso é difícil... sair dessa sala... Érica... que pedido...) ((risos))

((trecho via áudio no Whatsapp))

ENTREVISTADA: olha só... meu pai José Rodrigues da Cunha... né... que é da família branca que era um patrões da família da minha vó e da minha mãe... ele de certa forma a maneira de perceber a força dele foi transgredindo... ele sendo filho mais velho de onze... ele casou com a minha mãe... negra... ele gostou... se apaixonou... e casou casaram por amor... viveram quase cinquenta anos... ele morreu no ano em que eles iam completar cinquenta anos de casados... a gente já tava até preparando a festa né... e ele faleceu foi câncer... e ::ve e ele é uma pessoa assim... a mãe conduzia muito ele conduzindo a família... né... as coisas dela elas funcionam muito com esse poder a mãe... mas o pai... ele veio com aquela/ aquela carga do afeto... ele veio com a leveza... ele veio com a possibilidade também da arte na família... então hoje eu gosto muito de imagem... é essa minha relação com imagem ela veio uma herança muito forte do meu pai... que é aquele aquela pessoa sonhadora que aquela pessoa de sorriso reservado... mas em sorriso assim cativante... aquele jeito de sorriso tímido... e o amor que eu tenho pela fotografia foi herança do meu pai... então ele era/ trabalhou por muitos anos quando eles saíram do interior ele trabalhou de fotógrafo... né... veio para cidade... para a gente estudar não tinha mas a lavoura... então ele foi procurando outras coisas... trabalhou de fotógrafo... trabalhou de vigilante... e a gente muito pobre... ele sempre ele sempre tinha algo bom... bonito... pra dar

para a gente mesmo naquela simplicidade... então ele sempre trazia um docinho... ele sempre trazia um Danone... ele sempre trazer alguma coisinha quando ele vinha né... passava na/ em algum mercado... comprava e trazia para gente... então é sempre aquele pai que nos remete a essa leveza da vida... da bondade ... da generosidade... porque a família do pai também uma família extremamente generosa... meu avô que eu não citei... era aquele avô e aquela volta na casa deles muito farta família enorme sempre tinha comida... sempre tinha dormida... para quem chegasse ali... inclusive lá em casa... por mais que a gente tenha sido desprovido de muitas/ bens materiais... de qualidade... mais do que nunca faltou na nossa família foi aquele espaço de acolher... acolher um parente... aquele um vizinho... meu pai quantas vezes meu pai e minha mãe... ia para rua encontrava alguém na rua que tava precisando de um lugar para tomar um banho... de um lugar para dormir... e ele desde jovens e até idosos... quando a gente/ chegava lá na casa dele estava lá um desconhecido... uma mulher com criança que tinha ido parir e não tinha lugar onde ficar... era uma pessoa que tava na rua pedindo ajuda... e eles levavam e deixavam lá... e dava banho e dava comida e cuidava... até a pessoa se organizar para sair... então isso eu acho também muito importante e necessário que seja que seja lembrado né... que seja falado... então é dessa família que eu venho... é desse pai... dessa mãe... e desse pai que todos nós de casa... todos os irmãos lembram dele assim... porque era muito carinhoso... era aquele pai que brincava... que afagava... que cuidava... muito tímido... muito calado... mas muito... muito... muito amoroso... e agora eu tava aguçando as plantas ali fora e lembrando... falei “caraca eu falei do pai do soldado bom e saudado mau... não era bem isso que eu queria/ não era dessa forma que eu queria citar e lembrar e e rememorar meu pai...” porque o meu pai era aquele que enquanto a mãe vinha com mais firmeza... ele vinha mais doce... a mãe vinha assim... e a gente tinha aquele respeito... mas de certa forma tinha aquele medo né... da repreensão dela... o pai não... o pai era aquele que a gente corria se escondia atrás dele... e às vezes ela mandava até () ele... e ele ficava ali no meio... mas era um pai assim... que eu tenho muito... muito orgulho... muito amor de/ de ter tido de ter convivido com ele... um dia um amigo nosso falou assim... “caramba... Eró... o teu sorriso... eu tô olhando bem que teu sorriso... e do seu Zé... o teu pai menina... mas como que parece com ele...” eu nunca tinha olhado isso... nunca tinha percebido até por causa da questão de cor... falei “não... pareço com minha avó...” que eu pareço mesmo minha avó materna... mas com o pai ele falou... “Eró... só esse jeito... esse sorriso teu é o sorriso do teu pai... gente... foi maravilhoso... porque o pai era essa pessoa do bem... aquele que não () as pessoas né... então como o homem pode/ é claro que a gente pode ter feito... né... todo mundo tem um lado bom... e o lado ruim... algumas coisas corretas... e outras não... mas como pai sempre foi assim fantástico...”

Entrevista com Joaires Maria dos Santos Sousa (Jô Santos)

ENTREVISTADORA: ((inaudível))

ENTREVISTADA: é uma história... essa história do Peteleco é longa... ((risos))

ENTREVISTADORA: (depois) nós vamos conversar muito sobre o peteleco né... que bom... então... boa noite... boa noite Jô... que alegria receber você aqui... né... como participante dessa pesquisa... muito obrigada... agradeço a Érica... que essa pessoa fantástica né... que foi assim dando luz para essa pesquisa... né... contribuindo... sugerindo os nomes de vocês... que rede forte é essa mesma né... e aí a gente de repente se sente rodeada de tantas pessoas maravilhosas e incríveis né... que a gente aprende tanto... éé:: então seja muito bem-vinda e muito obrigada... muito obrigada... muito obrigada mesmo tá bom... feche os olhos criança feche os olhos... é hora de sonhar... hora de imaginar... as nossas histórias não tem rei não tem rainha não tem dragão e nem fada madrinha... nossas histórias tem um sons que vem da noite tem um cheiro da mata escura... tem cobra grande... pássaros misteriosos e monstros ameaçadores... nossas histórias são verdes... amarelas... brancas... vermelhas... azul anil... as nossas histórias são assim... bem-vinda... bem-vinda Jô...

ENTREVISTADA: ((canção)) quem quiser ouvir uma história... chegue aqui que eu vou

contar... ((risos))

ENTREVISTADORA: ((aplausos)) êê:: muito lindo... bem então... vou começar aqui né... dizendo a data de hoje... primeiro de julho de dois mil e vinte e um... né... daremos início a essa entrevista com a Jô e esse momento tem o objetivo de registrar a trajetória de vida de contadores e contadoras de histórias... que residem na cidade de Araguaína Tocantins Marabá e Imperatriz... com vistas a registrar suas histórias de vida e experiências com narrativas orais... essa pesquisa ela nasceu de estudo sobre a memória no decorrer do seminário de semiótica e ensino... e também de discussão no âmbito dos estudos do grupo GESTO né... que é o grupo de pesquisa nosso né... aqui da UFT e do Coletivas Raimundas... que é um grupo de mulheres... professoras... pesquisadoras... escritoras... que está ligado as experiências docentes e de atuação enquanto sujeita na contação de histórias... serão entrevistadas dez pessoas entre homens e mulheres... maiores de trinta e cinco anos... sendo seis residentes em Araguaína Estado do Tocantins e duas residentes em Imperatriz... Estado do Maranhão e duas pessoas residentes em Marabá Estado do Pará... então vai ser entrevista está organizada em três momentos né... esse nosso encontro de hoje... sendo o primeiro mais técnico... né? mais pra compor a identificação... né... do entrevistado... e logo depois nós vamos... conversar um pouco sobre a sua história de vida... desde a infância... e depois a gente vai fazer os encaminhamentos finais/ finais... tá bom? então seja muito bem vinda a esse momento lindo... éé:: momento prazeroso... né... esse momento dessa conversa... uma conversa que vai... éé:: nos encher de alegria... então Jô... seja muito bem vinda... e eu começo assim... perguntando qual é o seu nome completo... a data que você nasceu... quantos anos você tem? conta pra gente um pouco...

ENTREVISTADA: primeiro eu quero agradecer... eu fico muito feliz... né... assim de contribuir... eu gosto muito de falar a minha história... porque normalmente quando a gente fala dessas nossas histórias... nós estamos falando do nosso povo né... da nossa cidade de Imperatriz... até porque eu sou filha de Imperatriz eu tenho orgulho de levar o nome da minha cidade em qualquer lugar... principalmente nessas entrevistas... né? então assim... eu sou filha de um sapateiro de uma professora... né? éé: meu nome é Joaires Maria dos Santos Souza... e acho muito bonito meu nome... e quem me deu apelido de Jô Santos foi uma grande amiga minha... que hoje hoje está lá sendo estrelinha no céu... essa pessoa me ensinou a olhar estrela olhar o céu e agradecer... então assim... por ser filha de sapateiro e de uma professora... eu acredito que isso isso já é uma arte né... porque meu pai fazia sapato divinamente bem... e:: e eu perguntava assim pra minha irmã... "de onde é que vem a nossa arte"... né? porque começou comigo hoje eu tenho meu irmão que é palhaço... hoje deixou um pouco... a minha sobrinha que faz também palhaço e contadora de histórias... e minha filha e meu filho que me ajuda também né... então... nasci/ vim a esse mundo na mão de uma parteira... - como é que era o nome da parteira? - Marcelina... né? nasci alí na Getúlio Vargas aqui em Imperatriz... meu pai disse que era muito feia... ((risos)) feia e chorona... papai dizia assim "Maria... mas essa tia filha é feinha demais"... e aí eu sou uma das caçulas... eu sou filha/ nós somos/ eram/ foram nove filhos... minha mãe teve um aborto... - era engraçado que o aborto era assim... minha mãe perdeu/ éé:: "cadê o filho Maria?" ... "não.... a Maria perdeu..." "ela vai perdeu um filho"... porque não falava aborto né ... aí ela dizia assim Érica e Verônica... "olha quando a gente crescer a gente vai atrás do nosso nosso irmão Amaral..." porque lá em casa os homens era com A e as mulheres com J... né... e aí até que um dia minha irmã disse ... "deixa de ser besta... menino... aborto é quando/" aí foi explicar o que era aborto... né? nós somos cinco filhos cinco homens e três mulheres então eu sou/ vamos dizer que eu sou a caçula das meninas... e mas/ eu posso ir direto ou você não fazer pergunta? acho que foi só isso... né? que eu falo demais viu gente?

ENTREVISTADORA: pode/ pode falar a vontade...

ENTREVISTADA: então assim... éé:: por eu ser a caçula... porque dizem que caçula sempre é mimada e tal... só que isso não foi real na minha família... na minha vida de/ na infância... porque logo minha irmã de quinze anos adoeceu... morreu de câncer... aí depois minha mãe

faleceu... eu tinha/ ia fazer dezesseis anos... também com câncer... e assim... e depois meu pai com sessenta e oito também com câncer... mas isso... eu não me prendo jamais... graças a Deus... dizer que eu também vou ficar/ aconteceu isso comigo acho que isso é eu eu acredito comigo... eu acho que isso é... eu acredito que esse tipo de doença é muito da questão do sofrimento né... minha mãe era uma pessoa muito sofrida... ela (amava) demais meu pai... então tudo isso... e eu por ser a caçula... olha só como é que é cabeça de criança... quando a minha irmã morreu... né? eu disse assim... "eita agora eu vou ser mimada né... porque eu vou ser a caçula..." aí logo minha irmã casou... depois logo minha mãe faleceu... e aí eu tive que cuidar do meus irmãos... aquela luta toda... mas isso foi uma grande experiência na minha vida até hoje né... porque... a infância da gente/ por exemplo tem uma pergunta aqui que você pergunta da minha infância né... então eu brinquei como qualquer outra criança... mas era uma brincadeira/ eu lembro assim que eu brincava... mas eu tinha que trabalhar... mas trabalha assim era um trabalho... e não sei se vocês lembram... eu não sei se vocês lembram... - eu tenho cinquenta e três anos... - ()... que tinha/ para a gente ganhar o pacote de arroz para fazer cuscuz... a gente tinha que fazer os pacotinhos de macaxeira... fazer/ mas aquilo tudo pra nós era brincadeira... a gente brincava... se melava de massa... mas tinha que fazer os pacotinhos... pra entregar pro proprietário... pra a gente ganhar a massa de arroz... pra ter cuscuz pra gente tomar café... né? mas eu tive o direito de brincar... gostava muito de brincar de peteca... pipa... por que? porque o convívio... era muito maior com menino do que com menina... porque na minha casa tinha mais menino... vai perguntando... porque se eu... eu falo muito...

ENTREVISTADORA: ééé:: bonita a sua história... né? então... veja que a família toda... né Érica... artistas... todo mundo envolvido com a arte... que/ que bonito ver essa história de vida sua... né? e... você filha de professora né? e uma família grande né? com os irmãos... uma história bonita nascida de parteira... eu também nasci de parteira... e é uma história sensível de ouvir... né? e perdeu a mãe... né... o irmão... o pai pro câncer... né... e isso a gente realmente lamenta... mas... conta também dessa história bonita da infância né... e principalmente desse direito de brincar... né? então você tem a consciência de que fazia alguma coisa... que colaborava... né? na lida... nos afazeres da família... mas que você também tinha... né... teve o direito de brincar... que importante... né? e aí você frequentou a escola... conta para nós dessa sua formação...

ENTREVISTADA: perguntou aqui... eu nasci dia dezenove do oito de mil novecentos e setenta e sete... eu tenho cinquenta e três anos... vou fazer agora cinquenta e quatro anos... éé:: eu já fui alfabetizada pela minha mãe né... por ser professora... então quando eu fui para escola com seis anos eu já sabia ler e escrever... né... a minha primeira escola foi (alguma) escola adventista... e depois/ eu fui uma menina que eu amava ir para escola... brincar... porque hoje eu vejo assim... eu levo tu acordava cedo só para mim chegar na escola para brincar de queimada... chegava na escola suada... eu parecia uma indiazinha... cabelinho lisinho... sempre fui gordinha... nunca fui magra... só foi magra quando me deu catapora... e foi na boca não podia comer... aí foi por isso... mas eu tive uma infância na escola muito legal né... não tive/ tinha algumas dificuldades e hoje graças a Deus... com muito esforço... eu sou formada... eu sou formada em letras e a minha educação física... eu tenho especialização em atendimento educacional especializado... educação especial... e literatura contemporânea... hoje eu sou professora da rede municipal... Deus me deu muito desafios... assim/ assim que eu passei no concurso trabalhei na escola... depois trabalhei oito anos no CAPES... com criança com transtornos mentais... isso foi uma grande escola... foi lá que eu descobri assim... realmente... o que é o amor... o que é o verdadeiro amor... o quê que você amar né... pela relação dos filhos com a mãe... e assim... eu sempre digo assim... a escola/ se você disser assim "ah Jô... você gostava de ler... você/ você/" ... eu gostava de brincar... na hora da leitura aquela coisa né... e o que me fez gostar de ler... de música MPB... de ter toda essa experiência... foi conviver em grupo de teatro da igreja... e depois o teatro... o teatro para mim foi uma grande libertação... uma grande lição de vida... até hoje eu respiro

arte... é:: ele é assim... vamos dizer meu alicerce... ontem eu tava indo para festa de animação... meu filho... "mas mãe a senhora não pode ficar ainda para festa não sei o quê..." eu falei... "cara... é lá que eu me curo... é naquele momento que contação de história e de brincadeira eu me sinto bem... que eu tô em casa..." então a escola foi isso para mim... foi/ aí eu lembro na minha primeira série de ouvir histórias... né... a professora contando... as brincadeiras... mas esse meu contato da contação de histórias... eu não lembro de ouvir contando Chapeuzinho vermelho dentro da minha casa... eu lembro que meu pai comprava livros... a gente tinha direito... tava lá a estante com livros... a gente não podia/ ele proibia a gente de ler revista em quadrinhos... porque ele disse que podia se dispersar né... aí não focar na leitura mesmo da escola... eu lembro do meu tio... a lembrança que eu tinha das histórias... literatura de cordel... eu amava aquelas histórias misteriosas... O diabo que não sei o que... à noite né... então assim a minha lembrança que eu tenho é da literatura de cordel... eu acho que é por isso que eu gosto muito de rima... sempre/ se vocês olharem no meu canal lá no YouTube... eu sempre começo com uma música ou termino no final com alguma coisa que rima... eu acho que vem daí né... e na época do Pai herói... que a gente não podia assistir... então assim... eu queria imitar/ eu gostaria de imitar a Elizabeth savalla... eu colocava aquele lenço assim... e imitava direitinho... eu achava o Toni Ramos o homem mais lindo do mundo... ((risos)) e isso foi muito legal... né... mas assim... dizer que eu tinha esse foco de pegar o livro pra contar história... eu gostava de ouvir né... meu tio chegava e contava aquelas histórias... pegava a sanfoninha dele e tocava... é essa/ essa lembrança que eu tinha na minha infância...

ENTREVISTADORA 2: Jô... quando você conta sobre as suas perdas né... e a gente vai percebendo um pouco do lugar né... do poder né... de cada uma dessas dessas perdas... e... mas também sobretudo das presenças né... quando você tinha né... essa presença né... da irmã... quando você tinha né... a mãe pra conviver... né... mas aí depois você traz também essa figura do seu pai né... como um investidor... como um motivador da sua formação leitora... e aí eu fiquei/ habitualmente né... o que é/ é... tem sido comum... porque... éhh:: na minha tese eu entrevisto professoras... né... eu faço esse recorte de gênero... aposentadas né... e todas elas têm assim... me revelado... de que foram sempre as mães... as grandes... éhh:: empreendedoras da educação dos seus filhos... mas aí quando você diz que era o seu pai que comprava livros... eu fiquei aqui me perguntando... como que a sua mãe/ qual foi o papel da sua mãe na escolarização sua e de seus irmãos e o papel do seu pai... porque o comum é que os pais sejam os mantenedores né... das famílias... e as mães... responsáveis/ responsáveis pela educação dos filhos... a organização da casa... a disciplina... etc... etc... então... me fala um pouco me fala um pouco dessa representatividade do seu pai e da sua mãe na sua formação...

ENTREVISTADA: olha... minha mãe... por ser professora... então ela exigia... eu digo para os meus filhos... minha mãe/ eu sentava pra ela ensinar e quando eu errava ela pegava assim... aquele/ dava aquele beliscãozinho bem fininho... chega doía... sabe... assim minha mãe era aquela que tava lá ensinando... duzia pra a gente que a gente tinha que estudar... eu sempre ouvi isso na minha vida né... "você tem que estudar... você tem que ser alguém na vida..." como que a gente não é alguém na vida... ((risos)) você tem que ser alguém na vida... você tem que ser/ ter seu trabalho... e você só vai conseguir isso através dos estudos... e papai é daquele assim... papai não era de abraçar... de beijar... mas aquela figura de investir... como eu disse... na questão do livro... que tinha que ir para escola... ele exigia que a gente tirasse nota boa... eu nunca fui uma aluna nota dez... entendeu... assim... porque a gente tem as nossas dificuldades... hoje eu percebo... por exemplo... hoje eu tenho meu filho e minha filha... meu filho... os dois filhos são diferentes... então assim... eu sou uma mãe que/ eu exijo estude... mas tirar dez... ótimo... mas também se tirar sete não tem problema... tá entendendo... eu sempre/ pode ser que alguém diga... "ah Jô... isso tá errado..." não... não tá errado não... porque cada um tem sua dificuldade né... às vezes você é muito bom na fala e tudo... mas na questão da escrita... na hora da prova... é:: tem muita coisa que você não consegue... e isso dificulta a sua nota... então assim... graças a Deus...

o meu pai... eu lembro que o meu pai/ acho que eu tinha dezessete... dezoito anos... eu gosto de tomar cervejinha né... eu lembro que ele pegou me chamou para tomar uma cerveja... e eu... "oxe meu pai..." porque sempre tive um respeito eu acho que uns dezesseis... dezessete... não... acho que uns dezoito... eu tive a coragem de passar a mão na cabeça dele... dizer que amava... mas por causa da relação... mas... nossa... meu pai... eu pareço muito com ele... assim... hoje ele não está aqui... mas assim... muita amizade... apesar que... tem muito remorso... porque ele deixou a gente várias vezes... foi embora... mas eu tinha essa... eles investiram muito em nós... filhos né... de priorizar o estudo na nossa vida... e por nós ser... por exemplo... eu ser mulher... como ele sempre mexia bar... ()... eu ia para lavar os copos... ajeitar... ele tinha muito cuidado... com nós mulheres... filhas... e os meninos ia mesmo... vender picolé na rua... trabalhar fora... mas sempre aquela proteção... então assim... eles foram muito presente na minha vida... acho que vai essa formação... () ser professor e papai... ali... sempre ali... tinha aquele cuidado da gente não sair à noite... mesmo já adulto... eu sempre tipo aquele cuidado de ir para noite... mas voltar na hora certa... porque foi aquele aquele ensinamento... que a gente teve né... acho que foi isso... ((risos)) papai era uma graça... meu pai era um cara alto astral demais... nossa senhora... e minha mãe já era mais séria... engraçado... eu tenho lembrança da minha mãe não uma mulher assim sorridente... não... uma pessoa séria né... uma pessoa assim... não sei... não sei se é porque eu vi o sofrimento dela né... eu acompanhei... eu banhava... pegava no colo... eu era menina... eu tinha o que.. quatorze... depois quinze... porque isso durou quase três anos... esse problema dela... então isso ficou muito forte né... mas nem por isso... eu quero/ digo assim... que... eu tinha/ minha mãe faleceu... e papai foi embora... eu disse... "meu Deus... agora eu entendo... porque às vezes adolescente quer fazer besteira... às vezes quer se matar... porque se ver tão sozinho... tão na escuridão..." e graças a Deus eu tive um grupo de jovens muito forte... da igreja... e isso me fortaleceu muito... e depois aí teve a trajetória que eu fui para Caxias... e lá foi outra história de vida... outra história de arte que aconteceu... que foi muito importante... é isso... gente... ((risos))

ENTREVISTADORA: Jô... você com todo o grupo de teatro... esse grupo de teatro agora da escola? ((vozes simultâneas))

ENTREVISTADA: não... o teatro era da igreja... da Igreja Nossa Senhora de Fátima...

ENTREVISTADORA: mas na sua escola tinha contação de histórias né...

ENTREVISTADA: tinha...

ENTREVISTADORA: que histórias você contava? que histórias você ouvia lá na escola?

ENTREVISTADA: essas histórias mesmo de Chapeuzinho vermelho... os três porquinhos... os clássicos né... era os clássicos... mas engraçado né... engraçado não era uma história/ eu vejo assim... que não era uma questão de uma momento de prazer... era tipo assim... a história para fazer alguma coisa... para responder alguma coisa... entendeu... eu vim ter esse contato mesmo/ aí quando eu fui ser catequista... aí quando eu fui estudar para contar história bíblica... num bairro aqui... que... engraçado... como é que é a vida... depois... anos e anos... eu moro/ eu tô morando nesse bairro... que é o bairro Buriti... onde eu contava histórias bíblicas para as crianças... e você falando dessa memória... eu digo... "gente... eu nunca pensei assim... poxa eu fui contadora de histórias... quando eu dava aula de catequese..." e eu já tinha que aquele/ aquele intuito/ aquela coisa de fazer diferente... de fazer diferente/ o que a escola... o que eu não gostava na escola... "não... quero fazer diferente... como falar de Jesus para que esse aluno/ que esse Jesus fique dentro dele e que ele não esqueça?" aí era através do livro de imagem né... eu trabalhava... é longe pra caramba... mas era um prazer tão grande de chegar para contar histórias... e brincar com aquelas crianças... então isso foi muito forte né... aí foi quando minha mãe faleceu eu fui embora para Caxias... aí em Caxias... quando eu sair daqui... porque meu pai foi embora... aí os meus irmãos ficaram com minha vó... minha vó foi uma pessoa muito presente na minha vida... minha vó eu acho... era uma artista também... uma grande contadora de histórias... e aí eu tive que ir para Caxias... e em Caxias... minha irmã me escreveu... viu eu

lá... assim arrasada... muito triste com a morte dos pais... ela me escreveu no curso de teatro... e aí amiga... não deu outra... até hoje...

ENTREVISTADORA 2: Jô... eu quero voltar lá na/ quando você diz... que na escola... você ouvia como histórias né... narradas né... porque a gente sabe desse lugar né... dos clássicos... na nossa formação... mas aí eu quero/ eu quero que você me diga se... se você... como é que você se sentia ao ouvir essas narrativas de meninas sempre... estereotipadas né... sempre em busca do príncipe encantado né... e toda essa coisa que é do conto maravilhoso né... que são os clássicos... dessa literatura... desse imaginário totalmente estereotipados né... da beleza... da riqueza... da felicidade plena... toda essa coisa... quando você ouvia essas histórias... elas te incomodavam? se incomodavam... de que forma elas te incomodavam? você conseguia/ você já tinha uma certa percepção de que não/ você não se identificava? e porque não se identificava?

ENTREVISTADA: olha... falando aí e eu penso assim... eu até me emociono assim... porque eu... eu nunca falava na escola... eu era muito tímida... e ouvir essas histórias... eu imaginava meu príncipe... príncipe loiro... que vinha de cavalo... aquela coisa... e que tudo... eu sempre digo... porque que a gente gosta dos clássicos... porque eles têm final feliz... gente... eu me emociono... então os clássicos sempre tem um final feliz... e eu queria esse final feliz também para minha família... quando meu pai se separaram eu ouvia os clássicos... dizia "meu Deus... por quê que a minha família não tem um final feliz"... e aqueles príncipes e princesas... eu/ eu era totalmente fora do padrão daquela princesa né... eu não era magra... eu não era loira... e eu não tinha os olhos azuis... mas eu também sou água né... como qualquer criança sonha... então assim eu não falava... eu fui uma menina muito tímida... eu tímida demais demais... as pessoas nem acredita quando eu falo isso... dessa pessoa que eu sou hoje... porque eu tinha medo de falar... eu lembro que a professora... eu chegava né... eu tinha ()... e eu ficava assim na sala... "olha Jô... você corta esse cabelo... essa ()... você não tá enxergando... se tá lhe atrapalhando..." isso me dá vontade de chorar... eu chegar em casa minha mãe mesmo que cortava o meu cabelo né... mas assim... essas histórias eu não lembro que eu participava... se eu perguntava... as inquietações ficavam dentro de mim... e eu digo assim... "meu Deus... hoje/ eu acho que hoje eu sou essa criança que há dentro de mim... que eu acordei... acho que hoje a contação de história... a brincadeira... é aquela criança adormecida que ficou lá na minha infância... que eu não tive coragem de falar... que eu não tinha coragem de perguntar... talvez... porque se eu perguntasse ela errado..." então foi assim... então... mas assim... o príncipe eu queria... queria que ele viesse de cavalo... naquele castelo... depois o tempo vai passando e a gente pensa que/ a realidade é outra... o príncipe não foi nada/ o príncipe que veio foi até um príncipe negro... bonito... né... ee:: mas vai resolvendo/ os clássicos faz a gente... éé::: como brincar né... ter resposta para os nossos problemas que vai crescendo... depois a gente vai... "poxa... os clássicos... realmente foi isso aqui... a resposta é essa..." por exemplo... eu gosto muito das histórias dos três porquinhos... porque os três porquinhos é aquela pessoa/ aqueles três porquinhos... que cada um tem um desejo né... é tanto que eu tenho uma revista... lancei uma revista... ()... eu conto duas histórias... Os três porquinhos e a Rapunzel em forma de dedoches... então tem histórias que ficaram muito presente... Os três porquinhos... A chapeuzinho vermelho... mas é como eu falei para vocês... forte mesmo... que eu vi... era a literatura de cordel né...

ENTREVISTADORA: bonita história... heim Jô... Jô... você fala uma pouco assim das brincadeiras... né... brincar teve presença forte na sua vida... quais eram as brincadeiras preferidas? suas brincadeiras preferidas... com quem você brincava... que espaço era esse que você brincava... quem que fazia parte dessa brincadeira... conta um pouquinho pra gente como é que...

ENTREVISTADA: como eu morei sempre na cidade as nossas brincadeiras eram na calçada... não sei se você conhece Imperatriz... conhece né Érica imperatriz? a Verônica acho que não conhece... cidade aqui...

ENTREVISTADORA: eu já passei em Imperatriz... mas conhecer Imperatriz...

ENTREVISTADA: não tem o Bazar Ipanema verônica? então aquela rua ali... Na Souza Lima... a gente morava ali... então as nossas brincadeiras era/ nossa repouso de cada dia... tinha uma rede assim desenhada... então a gente brincava na calçada... uma das brincadeiras/ sempre faltava energia... porque dava problema no transformador... a gente pegava aquela meia... umas meias pretas... ()... menino é o diabinho mesmo... né? a gente colocava lá do outro lado e esperava o povo passar... a agente coçar puxava a meia... aí o povo achava que era um cobra e se assustava... ((risos)) outra brincadeira que é o amava... saia da escola/ apanhei assim umas três vezes... por isso... porque a minha avó e uma pessoa muito presente na minha vida... eu amava muito a comida dela... sempre dormia com ela... porque/ meu pai era filho único... e eu que fui a escolhida pra ficar com ela e também no final cuidar dela... e aí eu saia da escola e ia pra casa dela... quê que a gente fazia... uma turma de menino... tocava a campainha e da casa e corria... mas na escola... eu amava gente... ééé:: pau lata... e queimada... era assim minhas brincadeiras preferidas... e aquela/ como é que o nome daquela?

((vozes simultâneas))

ENTREVISTADORA: pau na lata é salve latinha?

ENTREVISTADA: é::... pau na lata... e tinha que correr bateu o pau na lata correr pra ninguém pegar gente... a outra eu gostava muito daquela... cidade... fruta... como é seu nome que chama? hoje é o nome diferente dos meninos chamam... ai meu Deus...

ENTREVISTADORA: ()... três... três... passarás... o derradeiro ficará... não é essa não? se não for o da frente...

ENTREVISTADA: não... não... é a que a gente esquece não papel a cidade ()...

ENTREVISTADORA 2: essa é a Bom barquinho... essa que ela tá falando é Adedonha... né?

ENTREVISTADA: é... Adedonha... mas a gente chamar outro nome... que eu não lembro... não era Adedonha que a gente chamava... era outro nome nomezinho... mas é essa mesmo... música não... Eu sempre gostei de cantiga de roda... porque a gente brincava muito... Terezinha de Jesus... caí dentro do poço... aí meu Deus ... caí dentro do poço era bom demais...

ENTREVISTADORA 2: eu fui boba Jô... quase não brinquei de cai no poço para beijar os meninos... era tímida demais... mas Jô... a gente... eu nasci em Araguatins... então a gente tem uma relação geográfica muito próxima né... Araguatins de Imperatriz... então quando você fala dessa sua/ da sua infância né... das brincadeiras... é muito semelhante... eu vejo assim... éé:: refletida na tua história... e porque a gente tem essa... o norte e o nordeste... tem essa/ essas/ essas semelhanças né... do brincar né... o nosso repertório das cantigas de roda... do brincar... as experiências... essas experiências são muito semelhantes né... assim como essa experiência traumática que a gente teve de escola... na infância... e que a gente não conseguia dizer dessa experiência... você/ eu também me vi/ na tua história... eu também me vi refletida... porque eu também era a menina magricela do cabelo/ meu cabelo é crespo...e óbvio que com o tempo fui sendo embranquecida... e hoje eu estou nessa negociação da minha identidade... tentando recuperar minha/ compreender e/ e/ essa minha ancestralidade né... essa coisa toda... né? e aí eu fui na escola essa menina que nunca era chamada... para apresentar... ontem Eró falou que nunca foi baliza... eu também nunca fui baliza porque a gente não tinha o estereótipo né... que era o estereótipo ideal de beleza né... então você era gorda e cabelos cacheados e negras eu era magricela cabelos crespos e caipira... né? então a gente nunca ia ser as que apresentam realmente... e como isso é dolorido... então é para te dizer assim... eu me solidarizo a essa angústia que hoje você confia nós... me solidarizo com as suas lágrimas... porque elas são de dor... e esse compartilhamento é curativo... é terapêutico... e a gente precisa falar mais disso... porque a escola não pode ser esse lugar de ()... ela não pode ser esse lugar de opressão... pelo contrário... hoje eu sei que você... eu Verônica... nós trabalhamos por uma escola que acolha... uma escola que realmente (comova)... por uma escola que se funde no afeto... e não no ranqueamento pelo conhecimento né... uma escola que seja capaz de respeitar essa diversidade...

para que a gente não seja um reprodutor né... desses ()... dessas castrações que nós vivenciamos... então eu me solidarizo a você nisso... e a tua história é também a minha história... e a história de muitos do norte e nordeste sobretudo... porque nós sabemos das nossas limitações... das nossas dificuldades... e do quanto a sociedade foi cruel conosco né... historicamente... e isso não tem reparação... porque o que vivemos... vivemos... e o que foi traumático nos feriu... hoje isso assim... e aí eu te pergunto... e eu tô fazendo essa fala para te perguntar... de que forma/ porque eu tenho feito disso lucidez... consciência... e objeto de luta... e eu te pergunto de que forma toda essa consciência né... a consciência de toda/ de todo esse vivido... de que forma você usa as perdas dos traumas... das dores... de que forma você usa isso como instrumento e se você usa isso como instrumento pedagógico?

ENTREVISTADA: uso... tu falando aí... eu lembro assim... de quando eu fui para sala de aula... eu acho que eu sempre quis ser uma professora diferente... é:: eu lembro que quando eu comecei de trabalhar com alfabetização.. a professora disse que eu só sabia brincar e contar a história né...

ENTREVISTADORA 2: que bom... que bom que você só sabia brincar e contar história...

((vozes simultâneas))

ENTREVISTADA: eu lembro que nessa sala de aula... eu era a terceira professora que entrava nessa turma... agora imagina como era essa turma... uma turma de alfabetização... e foi assim a minha primeira experiência mesmo/ a minha primeira experiência foi com recreação... em Caxias... no Sesc... foi meu primeiro emprego depois quando eu voltei para Imperatriz aí eu consegui esse na escola ()... eu lembro que foi que eu fiz... eu lembro que eu tinha um livro que tinha a música... e eu só/ eu não tinha dinheiro... eu fazia tudo com papelão e eu sempre conto essa história do rato... que tinha a família "ra re ri ro rua" ... aí eu disse assim "meu Deus como é que eu vou fazer para esses meninos aprender? eu preciso..." aí eu lembrava da minha angústia da minha escola... como foi que eu fui ensinada... e eu disse "ah mas eu também não quero ser professora não... vai fazer isso aqui... porque não tem nada para fazer... eu não era nem formada... - pra ti ver... hoje graças a Deus mudou... - mas eu já vinha como professora de recreação... eu fui para sala... "não... mas eu vou aceitar esse desafio... ()..." e eu fui buscar... eu tenho um slogan que diz assim "o conhecimento estimular a criatividade..." se eu busco conhecimento eu vou ser bem melhor no que eu faço... e foi isso durante a minha vida toda que eu fiz... aí eu lembro que eu levei Bombril... eu disse "não... lá em casa tem Bombril... vou pegar uma bucha... vou levar os Bombrils da casa da vó... os meninos fazer o ratinho... e aí eu falava "o rato roeu a rede ((imitação do som de um rato))... correndo caiu no rio... ra re ri ro rua..." menina... esses meninos faziam a festa... agora vamos vamos pegar o ratinho... olha vamos ver como ()... olha... mas foi assim que eu percebi o quanto a criança aprendia brincando... e aí eu fazia concurso de leitura... e os pais... "olha esse menino chegando em casa..." "mamãe... eu quero ler... porque eu quero ganhar a medalha..." a medalha de papelão... porque eu fazia as estrelinhas de papelão e pintava... aquilo para os meninos era maravilha... então o que foi que eu sempre fiz... fazer diferente na sala de aula né... e mostrar que não é porque nós temos nossas dificuldades né... que a gente sofreu algum trauma... que a gente não possa superar isso... eu sempre digo assim/ eu tive um dos meus irmãos... - que tem uns três anos que eu faleceu - e assim com a nossa história alguns dos nossos irmãos... eu tenho um irmão que é usuário de drogas... e já foi uma grande pessoa tudo tudo... e acabou caindo nisso... mas assim tem/ não consegui se livrar do passado... porque a gente não pode esquecer o passado... mas a gente não pode fazer com que esse passado corte os nossos caminhos para que a gente seja infeliz né... a gente tem que saber lidar com eles... que eles vão ser o que? eles vão servir para que a gente cresça... foi isso que eu fiz durante a minha vida... e graças a Deus encontrei pessoas maravilhosas... porque eu sempre digo que eu poderia ser uma prostituta né... ()... não vou nem entrar... porque ()... mas assim... não estar aqui nesse momento... mas no momento em que eu comecei a participar do grupo de jovens... que era um grupo de pessoas que gostava de estudar...

e então ali... eu digo assim o homem é produto do meio né... não tem aquele ditado que diz como é que diz aquele ditado... eu nunca concordo com aquele que diz "me diga com quem tu andas que eu te direi quem tu és"... não gosto dessa palavra... porque acho que não é o certo.. entendeu... e o homem/ o homem é influenciado pelo meio... não é produto do meio... é influenciado pelo meio... eu fui muito influenciado por pessoas boas... pessoas que queiram crescer... pessoas que estudavam... pessoas também que tinha uma história de traumas... de sofrimentos e estava superando ali... então eu sempre quis fazer diferente na sala de aula... então eu sempre levei as minhas histórias... eu sempre levei as minhas brincadeiras... eu sempre trabalhei com projeto de leitura né... assim/ nunca/ eu sou/ ((risos)) a Eró que diz "Jô tu é doidinha demais..." eu falo assim... não... eu não gosto de língua portuguesa... eu sempre fui dizendo isso assim... porque eu gosto é da literatura.. a universidade/ ela/ eu saí da UEMA... sai não... porque quando eu fui lá... eu sempre digo assim que "a universidade ela não me ensinou gostar de literatura não... de amar os clássicos né..." quando eu cheguei a universidade já fazia isso... mas a gente acaba gostando mais de literatura do que língua portuguesa... então quando eu fui para o CAPS... eu fazia projetos... projetos de leitura e leitura terapêutica... trabalhava com os pais... com as crianças... e quando eu voltei para sala de aula... quando me tiraram do CAPS... me botaram para educação... aí foi aí que foi tão forte que eu disse "poxa... eu tenho que fazer diferente mesmo..." aí eu lembro quando eu voltei... aí eu lá chateada com a/ eu tive assim um choque... nove anos dentro do CAPS... trabalhando com crianças com transtorno mentais... com vários tipos de transtornos... aí você/ eles te jogam de novo para sala de aula... e você tem um choque de ver como é que tá a educação como é que tá a esses adolescentes... e os adolescentes pedindo socorro também... porque como é difícil ser criança é difícil adolescente... então a criança você tá lá... mima... já sabe tal... às vezes o adulto ele esquece do adolescente... o adolescente também tem seus conflitos... os adolescentes querem ser ouvidos... e foi aí que eu fui fazer um trabalho diferente mostrando/ então... quantas vezes eu fechei a porta... "gente... vamos falar olha... vocês podem confiar em mim..." ah... foi um grande aprendizado... lembra que a professora disse para mim... "ei Jô... a gente entra na sala de aula sem coração..." e aquilo ficou na minha cabeça... como é que eu entro na sala de aula sem coração? eu não consigo né... então assim... essas minhas dores... meus traumas... foram todos/ na verdade primeiro foi o teatro... o teatro me ajudou muito... é:: a gente tinha um diretor... não sei se a Eró comentou isso... - a Eró é bem mais didática né... toda assim... de falar eu já sou mais assim... - eu e a Eró a gente tinha um grupo de jovens que o diretor nosso era o Gilberto Frei de Santana... então ele sempre disse para nós o seguinte "mulheres têm que estudar... um bom marido/ bom esposo da mulher é o seu emprego... estude... tenha seu trabalho... aí depois você pode fazer o que você quiser... se quiser casar... casa... se quiser/ então isso ficou muito forte na gente... e ele fez com que todos nós... naquele momento do grupo Oásis... fizesse vestibular... e foi nessa que eu passei para letras... eu disse assim "mas o que é que eu vou fazer mesmo? eu vou fazer pra quê?" porque para mim... na minha cabeça era o seguinte... terminou o ensino fundamental... eu vou lá querer estudar... eu vou fazer teatro... eu vou brincar... eu vou fazer isso e na verdade ele fez a gente ver que era preciso... e hoje eu agradeço muito... porque hoje eu sou concursada... ai de mim se não fosse concursada nesse momento de pandemia... apesar de que eu sei fazer um monte de coisa.. e me viro né... então assim... respondendo a pergunta... então eu mostro sempre essa autoestima... esse/ que a gente pode vencer... em acreditar com fé... a gente cai... mas a gente levanta... sabe... e a gente se fortalece não sozinha... eu sempre acredito no outro né... segurar a mão do outro... encontrar amigos... professores que nos dê força... nos dê coragem... porque às vezes... a gente precisa ouvir do outro que nós somos bons... eu sei contar história... que se animar festa... que eu sou uma boa mãe... eu sou uma boa amiga... porque a gente precisa ouvir isso... para a gente acreditar que nós somos assim né... eu sempre penso assim... então eu gosto muito... eu fico elogiada quando alguém... "olha a Jô..." "que bom... que legal... nossa... será que eu sou isso mesmo... meu Deus do céu né..." então assim... aí eu olho para mim e

digo "meu Deus... eu já fiz muita coisa..." ano passado... eu fui homenageada na quinta semana do teatro... e eu me emocionei muito quando eu fui rever a minha vida... coisa assim... que eu falei "poxa eu fiz muita coisa... trinta e cinco anos de teatro...trinta anos com personagem peteleco... e cinquenta e três anos... poxa eu fiz muita coisa..." eu acredito que eu joguei muitas sementes... esses dias eu fui para uma festa... na semana passada... a mulher ligou e disse "Jô... tava te procurando tu tá animando festa ainda?" eu disse "tô..." "não... é porque meu filho tem cinco anos... o Guilherme... eu quero que você venha animar a festa dele... Jô... eu não sei se você lembra de mim... mas você animou a festa do meu filho de três anos..." amiga... quando eu cheguei lá... que festa linda... só criança... eu com máscara... depois tirei a máscara... não tava aguentando... os meninos eram maravilhosos... e lá o menino de vinte e dois anos... e aí o outro apareceu... "tia Jô... você não lembra de mim não?" e aí ela ainda falou assim... "tia Jô... a senhora está no formol?" aí eu falei assim... "ô meu filho... eu gosto de ouvir isso... mas é porque eu tô aqui de peruca... mas tirando vocês vão ver a ruguinhas tudo aqui..." mas isso é muito lindo de você saber que você faz parte da história de alguém né... às vezes a gente não sabe da nossa importância... precisa que o outro fale.. não sei se eu responde Érica... a sua pergunta...

ENTREVISTADORA 2: respondeu sim Jô... e aí eu fico vendo essa recorrência na sua fala... com a fala da Eró... que vai destacar a figura do Gilberto... né... professor Gilberto que eu conheci na defesa da Eró também... né... e eu fico me perguntando... e depois eu acho até que vale né... uma entrevista com Gilberto... para a gente também entender as motivações desse sujeito... que foi olhando sobretudo... para vocês meninas né... na época... e foi dizendo "olha... só tem em uma saída... estudar..."

ENTREVISTADA: verdade...

ENTREVISTADORA 2: eu fico imaginando... não tem negociação... porque eu fiquei imaginando... que o Gilberto olhava assim... "vocês são pretas... são pobres... são mulheres... precisam estudar..." porque quando você fala da prostituição... a prostituição já estava prevista... tudo aquilo que é da marginalidade... da vida à margem da sociedade... aquilo a gente já tem como certo... mas aí o que que a gente então precisa... né... e aí eu peço que foi isso que o Gilberto foi fazendo "olha gente... isso aqui já tá predestinado... agora vocês precisam estudar para vocês não comporem essa estatística... para vocês não comporem este quadro... estudem..." e aí eu fico fascinada... porque é muito poderosa essa rede que o Gilberto construiu em torno de si... ou a partir dele... não sei... que era no grupo de teatro... e que eu entendo que foi uma condição que ele foi pondo para vocês... "olha tem uma condição para vocês continuarem aqui... é estudar... tem uma condição para vocês viverem melhor né... é estudar..." então eu acho isso fantástico... quero fazer esse destaque... e aí se você quiser falar um pouco mais dessa figura do Gilberto... que ele é então essa rede... que não foi só para você... não parou em você... essa rede ainda continua? né... qual é essa representatividade que o Gilberto tem... que você enxerga no Gilberto hoje... para vocês ainda né...

ENTREVISTADA: o Gilberto ele continua sendo meu pai... meu amigo... meu irmão né... ele é padrinho do meu filho... padrinho vamos dizer assim não é nesse batismo né... a gente foi pra São Luís... aí a vovó "não... tem que batizar esse menino..." porque aconteceram com as coisas com ele... aí a gente batizou... mas ele continua sendo padrinho do meu filho... e o Gilberto a pessoa tem importante na minha vida... porque eu era vendedora... eu vendi Avon... eu vendia Tupperware... eu vendia roupa... eu vendia tudo que aparecesse... porque quando eu voltei de Caxias eu conheci o grupo Oásis... e a figura do Gilberto é uma pessoa muito importante... e quando eu participei do Festival de poesia... crônica e conto... em mil novecentos e oitenta e três... que noite inesquecível... e aí eu sei que eu peguei três trabalhos pra apresentar... e eu já havia de Caxias... com o espetáculo A feira... () assassinada... vários espetáculos... aí quando eu voltei eu não queria parar... porque eu não queria ficar sem teatro... eu já sabia do grupo Oásis... que antes... quando eu fui pra Caxias eu já sabia do grupo Oásis... foi até o neném que

disse "menina vai lá no grupo Oásis"... e quando eu cheguei ao cheguei com tudo... gente... que noite... e:: as pessoas ficaram encantadas comigo... hoje digo isso... porque hoje que eu enxergo isso... o que foi que aconteceu naquela noite... e aí eu lembro que as pessoas "meu deus... que menina é essa..." eu conquistei... eu ganhei no jure popular.. eu ganhei em segundo lugar... eu ganhei em quarto lugar... eu ganhei em... eu sei que eu levei uns três troféus na primeira/ desse festival... e depois apresentei o espetáculo Meteoro aqui vou eu... que foi a primeira vez que apareceu o Peteleco... né... e ainda ficava assim "ôô meu deus... porque que me deram Peteleco? Peteleco não é homem? vão pensar que eu sou sapatão... com esse nome de Peteleco..." aquela coisa assim... porque eu vim de um família muito tradicional... né... é tanto que dizia assim "ah não... não vou fazer teatro não..." aí tinha lá... fumador de maconha... maconheiro... prostituta... era isso que diziam do teatro... eu falei "gente... eu não quero ser isso não.. meu Deus céu..." então assim... era muita coisa na minha cabeça... fervilhava naquele momento... que eu voltei pra cá... uma nova realidade dentro de um grupo de teatro... mas aí isso foi tão fantástico... e o Gilberto... eu lembro que o Gilberto... eu chegava atrasada nos ensaios... "não é porque eu tava vendendo..." e aí... eu lembro... olha que cara... o cara nem me conhecia direito... eu sei que nessa é para por causa de trezentos e pouco que eu fiquei devendo no negócio de uma roupa... ele chegou pra mim e disse "Jô... quanto é que você paga a dívida?" eu falei... "cara... eu tenho que trabalhar... vendendo camiseta aí... e o pessoal não me pagou... tô devendo..." ele disse assim "pega aqui ó... pague a sua conta... e venha trabalhar comigo..." aí ele me empregou no teatro... comprou a bicicleta... eu... foi nessa época que a gente tinha um festival de poesia.. o espetáculo Meteoro aqui vou eu e tinha Urubus e pérolas... que foi um dos maiores sucessos... que a gente viajou pra fora... e aí... nessa história... o gilberto falo "olha mas vamos fazer o Projeto resgate... você vai ser responsável por entregar os ingressos para as pessoas e a programação..." foi aí que a fiquei muito conhecida... porque no momento em que eu entregar vá programação e dizia "vai lá assistir o espetáculo... Urubus e pérolas... eu tô no Meteoro aqui vou eu..." então as pessoas iam para assistir espetáculo... e começou conhecer Jô Santos... então assim... eu comecei... ainda não animava festa... só alí... e a animação de festa ela surgiu quando eu... ()... ()... e Peteleco... foi animar a festa da sobrinha do Gilberto... e lá... uma pessoa olhou e disse "não... eu quero vocês na minha festa..." foi aí a primeira vez que começou... aí os outros/ porque os meninos... naquela época... os meninos dava chute... os meninos beliscava... os meninos pegavam nos peitos da gente pra saber se a gente era homem ou era mulher... e assim... muita coisa... hoje eles não fazem... porque nós educamos... eu a Eró... depois de muito tempo trabalhando... aí eu convidei a Eró... foi uma grande parceria... hoje nós somos assim... muito amigas... chegou um momento em que nós dividimos a questão do Peteleco e Laranjinha... mas... nenhum momento não foi rivalidade... foi questão de crescimento... porque no momento que a gente separa um grupo... a gente dá possibilidade de outras pessoas entrarem no grupo pra crescer... porque.. é:: eu acredito sempre assim... que o que Deus nos dá/ o que eu recebo... eu tenho também que passar pra frente... a sabedoria não pode ficar só pra mim... então foi muito legal... ()... então o Gilberto... voltando lá pro Gilberto... o Gilberto foi essa figura muito forte... na minha vida... quando eu tive meus filhos... como eu fui criada pela vó... a vó era a única pessoa que me fazia chorar... as vezes eu (chorava) lá... porque era difícil... eu acabei cuidando da minha avó... e o Gilberto alí oh... forte... chorava... que uma vez ele me deixou de recuperação... menino... por milímetros... coisinha de nada... menino... eu chorei... disse "que ele era ruim... e não sei o quê..." ele colocava "vá ler... vá estudar... porque tu não gosta de ler... vá estudar... a (Polaquinha)..." e então até hoje ele é muito forte... é tanto assim que ele... não sei se você soube que ele teve um/ acho que foi um AVC... muito forte... ficou assim... entre a vida e a morte... aquela coisa toda... e eu fiz uma promessa... que se ele ficasse bom... nos meus cinquenta anos eu ia fazer uma homenagem a ele... e nos meus cinquenta anos... foi ele quem subiu no palco... eu acho que eu tinha esse direito de fazer essa homenagem... de agradecer esse homem que foi tão importante e ainda é na minha vida... né... quantas vezes ele dizia que não

era pra mim desanimar... que/ éhh:: admirava o meu trabalho... e que eu continuasse... né... então..."agora você vai ter que comprar sua casa... Jô... você tem que trabalhar pra comprar sua casa..." e graças a Deus eu tenho minha casa... tenho filhos... por mais que eu seja uma mãe - a Eró diz que eu não sou normal ((risos)) assim... normal que eu digo... assim... - mas uns filhos maravilhosos... sabe... uns filhos... nós temos diálogos... a gente brinca... a gente canta... a gente briga... né... e meu filho hoje é um publicitário... ()... vai terminar esse ano... mas é uma pessoa que tá alí me ajudando... me ajudou/ colocou na minha cabeça que era pra eu fazer um canal lá no YouTube... minha filha ainda tá aí tentando descobrir o quê que realmente ela quer... e assim... então... o Gilberto ele é o responsável por todo esse meu crescimento... né... ele foi um pai na minha vida... e eu sempre disse pra ele assim... quando eu fiquei grávida do meu primeiro filho ele disse assim "Jô... o quê que você tá precisando?"... eu ainda não era concursada... eu... "Gilberto... eu já ganhei tudo... graças a Deus... eu ganhei tudo... eu só quero uma coisa... meu irmão... se eu tiver lá no hospital... e eu tiver assim... tô morrendo... precisando de alguma coisa... pelo amor de Deus... corre lá e faz o que tu puder pra mim não morrer...que eu quero criar meu filho..." ((risos)) (ele falou assim)... "essa menina é pirada..." mas foi assim... esse nosso/ essa nossa intimidade é muito forte... e ele não esperava de eu não ter feito essa... a festa dos cinquenta anos... e foi surpresa pra ele... e foi... nossa senhora... foi uma noite inesquecível... então assim... ele é um cara... indo e voltando né... um pai... um pai pra mim e um irmão... meu amigo de luz... falar de Gilberto... eu fico emocionada...

ENTREVISTADORA2: Que legal, Jô! Que legal! Eu já percebi essa força, né, que o Gilberto exerce né, na vida de vocês de uma forma extremamente positiva. É muito bacana, muito bacana. Eu penso que a... ele também vem de um contexto de exclusão né, e ele também travou as lutas dele e não foram poucas, eu sei um pouco sobre o Gilberto e todo dia aprendendo um pouco mais pela escuta sua e de Erô e eu imagino que ele tem tentando fazer com que vocês não... não... ou se lidarem se for para lidar com... com essas mazelas da vida que lidem com mais força, que sobreviv...que... que se sobressaíam né, e não se deixam oprimir tanto. Mas enfim, brigada por compartilhar essa experiência e essa importância do Gilberto na sua vida.

ENTREVISTADORA: Érica e acho importante esse espaço que o Gilberto proporcionou porque o teatro é esse instrumento que leva né, para essa discussão, pra... pra... pro diálogo né, então assim como a gente aprende fazendo teatro né, então Gilberto convocou pro melhor espaço de conscientização. O teatro tem esse poder conscientizador e sensível também, né. Éh... que bom, tão bonito ouvir sua história! Tão interessante, uma história sensível né, uma história de luta, mas de muitas histórias e... e isso é muito bonito! Então éh... hoje você vive da contação de histórias e é professora? Como é que... você é uma profissional da contação de histórias?

ENTREVISTADA: Oh, na verdade é... a contação de história, eu sempre contei histórias nas festas. Aí eu acho que tem oito (8), dez (10) ano, éh... eu vi Lúcia Fidalgo, não sei se você conhece, é uma contadora de história, contando a história do João Bobo. E eu tenho uma facilidade muito grande de ver a pessoa contar e depois eu contar né. E aí eu disse assim 'poxa, eu queria fazer um curso de contação de histórias', mas aqui em Imperatriz é muito difícil né, não tem. Aí eu soube pelas Paulinas, a editora Paulinas em São Luís, que é a Gisele Vasconcelos, que é uma... hoje acho que ela é... hoje ela é doutora, ela é professora da universidade lá em São Luís, e era ela que administrava o curso de contadora de história e eu fui fazer, nas Paulinas, fiquei encantada. Aí eu lembro que eu... ela dividiu os grupo e eu contei a história da... Charalina, não, contei uma história lá em grupo né. Aí ela disse 'menina, de onde que você é?', 'não, sou de Imperatriz', 'nossa, você é uma ótima contadora de histórias', eu falei 'gente, pois eu sou contadora sem saber que eu sou contadora', e aí eu fui saber mesmo o que era história dos contadores de história, o que era isso, por que na nossa cidade aqui era o que? Era animação de festa, mas a gente... eu sempre levei as histórias, naquele momento sentar com as crianças e contar né, levava o livro, o fantoche, o dedoche, sempre contava. Até porque a maioria das festas tem um tema né, ou é tema tal, tema tal tal. E aí, a partir daí, quando eu

voltei eu lembro que eu chamei Erô, chamei os meninos ‘gente, vamos formar um grupo de contadores de história óh, vai ser legal tá tá’, e foi a companhia teatral ‘Cata e Conta Histórias’, é o nome da companhia, Companhia Teatral ‘Cata e Conta Histórias’ éh... a gente chegou a ganhar éh... se [incompreensível], o banco do Nordeste que era Moinhos de Histórias, que foi até o Gilberto que estava na frente disso tudo, né, que a gente... montamos o grupo de contadores de história. E foi aí que eu disse ‘poxa, mas é contadora... rapaz, essa área aí dá dinheiro’, aí fui vendo pessoas contando, éh... aí Gisele me convidou também para participar do ‘boca do céu’, não sei se você já ouviu falar da ‘boca do céu’ da Regina Machado, que ela é responsável, meu deus, eu fiquei encantada com aquilo, o que era aquilo meu Deus? E era a coisa mais linda que eu percebi nesse encontro é assim, que a Regina Machado ela foca muito é você falar do seu povo. É você trazer a história do seu povo, para que outras pessoas conheçam, hum. E aí foi quando eu comecei a buscar... a fazer o segredo da história, a minha primeira história que eu contei foi a história da Charalina do Nelson Albissú, eu tinha uma chaleira da minha avó, aí maravilhosa, eu tenho essa história lá no youtube, Charalina. Depois o Delta, a escola Delta, ‘ei Jô tu não quer contar uma história?’, lá vou, aí eu fui contar, contei a história do boi a vaca e o bolo, que eu também ouvi outras pessoas contar, que está hoje me acompanha, as crianças amam, o boi, a vaca e o bolo da Núncia Reis, e aí não parei. Aí o que foi que eu fui fazendo? Falei ‘gente, mas como é que é mesmo, a gente vai cobrar para contar uma história? Só uma história, é muito pouco’ aí eu juntei. Como eu sou animadora de festa, eu não chego só ‘óh, vou tá contando a história’, primeiro faço alongamento, faço toda aquela preparação pra contar a história. Depende também do público, que a gente como tem... a experiência faz a gente aprender um monte de coisa né, então se a gente, eu... eu... ontem eu falava com o meu filho, ‘cara, fico numa ansiedade quando vai pra festa’, por quê? Porque a gente nunca sabe como é que é a criança, que criança que nós vamos receber né. E aí então, enquanto a gente não chega na festa a gente fica naquela tensão, quando a pessoa fala assim ‘olha, lá na escola você vai só contar história’, é outra coisa, mas na recreação é diferente porque não tem uma faixa etária determinada, né, tem dois (2), três (3), quatro (4), seis (6), doze (12), tem o adulto também que se envolve. E aí não parei. Então hoje, o que que eu faço? Quando eu ofereço a contação de história, eu já ofereço também assim ‘óh, eu... eu vou contar duas (2) histórias, tem a questão da brincadeira, depois, mas a brincadeira sempre relacionada ao que eu tô contando’, pra não fugir, pra aquela história memorizar na criança, nada do que é moral... porque eu lembro que quando os professores contavam ‘qual a moral da história?’, [palmas] ‘meu deus, ah não, então quer dizer que isso assim, assim não’, então não gostava dessa palavra moral da história. E, depois que eu fui estudando a questão da contação, pensei realmente, é a mesma coisa da Regina Machado, quando ela fala ‘eles não usam muito a contação de histórias, é as narrativas’, mas pra nós, a maioria dos contadores usam a contação né. E hoje, graças a Deus, essa contação nos defende a questão de usar, recurso, outros não, outros defendem só a questão do corpo e voz, mas eu percebo... aí... aí nesse meu processo, em relação a pandemia eu fui, fui buscando né, porque eu tinha que sair daqui e ir lá pra São Paulo fazer um curso de contação de história ou pra São Luís, e aí essa pandemia nos deu a oportunidade de ver, de vários festivais de contação de história, aí eu fui me perguntando ‘será que eu conto história certo?’. Aí eu cheguei na conclusão, amiga, que cada um tem seu método! [ruído com a boca] Cada um tem seu jeito de contar, eu posso usar o que eu quiser! Éh... eu tenho que fazer ser com prazer, a história tem que estar em mim, e... eu assisti essa semana, vou tentar lembrar de uma mulher que meu Deus, eu acho que... de tudo que eu escutei, ela fechou [ruído com a boca], não tô lembrando o nome dela aqui, até falei hoje pro rapaz... Foi uma live assim tchan, que eu participo, aí o que que acontece? Eu participo de um grupo de contador de história, a maioria do pessoal é do Ribeirão Preto, que é a Poliana. Então nisso, vai fazer, fez eu entender o que realmente o contador de histórias né, e que você pode ganhar dinheiro com isso, só porque quando eu faço o meu pacote, eu faço com animação, e as vezes as pessoas querem só o... querem a Jô peteleco, com as

brincadeiras, com a contação de história, com tudo, entende? Eu acabo fechando um pacote aí, o que que eu fiz? Éh... eu tenho algumas histórias que eu conto, aí tem aquela pergunta ‘qual é o tipo de história que você conta?’, eu conto pra criança, se a história é interessante eu trago ela pra mim, não tem assim, não eu vou contar só histórias tradicionais, não eu sou... eu acho que sou uma pessoa muito mística sabe, aí Jô, porque que você contou essa história? Porque eu gostei dessa história, se eu gostar eu vou contá né. Agora mesmo eu fiz um curso, contar histórias com objetos, eu tô apaixonada por um texto que eu... não foi assim, a partir de outro texto né, mas fantástico, que eu trabalho simplesmente com a agulha, eu conto a história com agulha e os fios, então tô pra melhorar essa história pra mim conta, que ela é muito profunda, ela é cada um de nós né, que ela diz que nós somos os fios de histórias. Mas essa menina cresceu, brincando com aqueles fios, mas ela começou a perguntar, que fio era aquele, aí perguntava pra mãe, a mãe dizia que era o amor, perguntava pro pai, o pai dizia que era a inteligência e a razão, a professora dizia [ruído com a boca] eu acho que é a verdade, perguntou pra sua melhor amiga e a sua amiga disse é o fio da fantasia, da imaginação, do sonho, onde podemos ir para onde nós quisermos; E de repente ela correu e perguntou pra avó, e a vó disse: esse fio, é os fios da memória. E aí a menina vai brincando com esses fios, sabe. Ela vai contando, vai contando, até que chega no final e ela diz que todos nós somos emaranhados nessa mistura desses fios, tentando desatar os nós, igual cadarço, sapato, né. Procurando de que forma podemos desatar né, e aí vai... essa história que eu tô preparando pra mim contá! E aí essa contação hoje... eu não vivo só da contação de histórias, mas quando dizem ‘oh Jô, eu quero que você conte’, aí eu preparo minha mala, gosto de... de... aí outra coisa, aí eu comecei diferenciar o contador de histórias, a contadora de histórias da palhaça, por exemplo eu tenho meu espetáculo ‘palhaça, conta cena’. Então eu quis colocar uma história, dentro do... dentro do circo, que o circo ele cabe. Aí eu conto a história ‘Maria que ria’ da Rosinha, né, aí quando eu conto essa história da Maria que ria, aí eu vou brincando depois com o circo, com os malabares, aí vou contando outras histórias. Então, eu acabei costurando o circo e a contação de história que é o que eu faço. Na verdade, como diz a minha amiga ‘Jô, palhaça conta cena é a tua história’, é a minha própria história do que eu faço, do que eu vivo! Então assim, a minha remação, o meu carro chefe foi peteleco, nessa contação, meu palhaço já fez eu terminar... eu fiz a faculdade pública, e fiz a de educação física particular na Unisuma, por que que eu fiz a educação física? Ela até começou comigo, depois ela me abandonou e foi fazer história [riso], [incompreensível] aí ela foi fazer história né, não se identificou muito com a educação física. Mas por que que eu fiz educação física? Porque eu sentia necessidade, eu sempre pensei assim, eu digo pros meus filhos ‘olha cara, eu não quero nem saber, qual o curso que tu vai fazer, eu quero que você tenha um canudo, mas faça por... com amor também’, por quê? Porque assim óh, as pessoas, sabe assim óh a Jô palhaça, ah é a palhaça, isso tem que valorizar a pessoa que é palhaça, palhaça é profissão, [ruído com a boca] ah, ela conta qualquer historinha, não, a contação de história também é profissão, então assim... éh... eu sempre gosto de contar essa história, eu tava, meus filhos assim, as vezes a menina não tava pra cuida dele, o pai muito boêmio, tinha ido pra rua. Às vezes eu pegava meus filhos e ia pra festa, eu lembro que o Lucas era maiorzinho, meu filho mais velho, e ele me ajudando ali levar o som aquela coisa toda. Aí uma mulher lá na festa disse ‘Jô, é teu filho?’, aí eu falei ‘é meu filho sim’, ‘ah bom né, ele... te ajudá, porque se ele não quiser estudar ele vai ser palhaço’, aí aquilo ali me doeu tanto, parece que foi assim, eu desci do salto com educação né, eu falei ‘olha, pois eu quero dizer para você, se meu filho quiser ser palhaço ele vai ter que estudar igual eu estudo’. Aí é uma coisa assim tão besta, eu...eu... mas nesse momento eu vomitei o que eu também : ‘pois olha, eu quero dizer pra senhora que eu sou formada em Letras- nessa época eu tava terminando educação física- tô terminando o curso de educação física, sou funcionária pública, eu estudo, faço vários cursos pra mim ta aqui animando a festa dessas crianças e do filho da senhora, e se meu filho quiser ser palhaço, ele vai estudar para ser um bom palhaço’, aí ela assim ‘ Jô, você ficou chateada?’, ‘ não, eu não

fiquei chateada, eu só tô... foi a forma que você falou’. Então assim, tanto eu, como Erô, tinha... quer mostrar pra gente, pras pessoas, que nosso trabalho tem valor, ele... ele é bonito, ele tem que ser respeitado, não é porque eu sou uma palhaça... Ontem mesmo na festa, eu disse pra uma mãe: ‘olha, eu sou palhaça, mas além de eu ser palhaça eu sou uma educadora [ruído de whats], eu brinco com os seus filhos...porque eu tava falando que a filha dela, olha só o que aconteceu, achei muito interessante na festa: as meninas brincando elas se sentem... essa faixa etária de quatro (4), seis ano (6) ano né, e a menina foi choro... foi chorar, eu falei ‘o que foi que aconteceu?’ [ruído de simulação de choro] ‘tia, essa menina não gosta de mim, essa menina não liga para mim’, e a menina chorando, chorando, meu deus, eu chamei as meninas que magoaram a menina assim ‘tia, essa menina chora por tudo’, ‘olha, sabe porque ela tá chorando? Porque eu tava contando um segredo pra minha amiga, ela chegou e disse olha, eu tô contando segredo pra minha amiga’, e aí eu pedi licença para ela sair, quando ela voltou eu falei ‘olha, eu não terminei ainda o segredo’, então a menina sentiu magoada né, aí aquilo foi... eu tinha que tentar conversar, porque assim, a gente também como recreadora, tá ali na festa, se uma criança chora ou qualquer coisa, tem que fazer de tudo pra que ela... porque se o pai chega, ‘essa palhaça, será que... não tá dando... olha a gata, não tá dando conta’. Então, eu vejo assim que... então nosso papel é de educadora, e as pessoas têm que respeitar o nosso trabalho, e se nós tomamos na festa, é para educar também, entendeu? Então eu fiz o curso de educação física, pra dizer assim ‘não, eu sou formada, recreação... é educação física não é só para jogos esportivos, animar festa, a recreação, a brincadeira tá dentro do curso’. Então isso é... é esse ensino superior eu... ele nos fortalece, para algumas pessoas não né, mas pra muitos eles têm que... eles precisam saber que a gente estuda e que a gente está buscando conhecimento pra melhorar o nosso trabalho, onde nós estamos! É assim que eu penso, entendeu? Em relação a questão de você se formar, de você... eu sei que tem... nem todas as pessoas, nem todas as pessoas, é pra... pra... pra ter o curso superior né. Mas o bom é que a gente lute pra gente... e eu sempre digo pros meus amigos que são das artes cênicas: ‘se você gosta... se você faz malabares, se você não quer ir para uma escola de circo, então estudo tudo sobre malabares, pra você ter o poder pra falar daquilo que você faz’. Eu acho que... isso tem que ficar claro! Eu falo muito isso pros meus filhos: ‘faça o que você gosta, faça o que você ama’ as vezes eles ficam ‘mãe, eu vou ser artista igual a senhora!’, ‘não, meu filho, artista aqui em Imperatriz não ganha dinheiro não, você vai morrer de fome’ [riso]. Graças a Deus tem os editais, mas ainda é uma burocracia muito grande pra gente participar desses editais né, e aí assim vai. É assim que eu vejo.

ENTREVISTADORA: Jô, é... eu.... história bonita né. E aí essa história parece muito com a minha né, eu também trabalho com animações de festas né, eu já falei isso pra você. E aí eu fiquei pensando assim, querendo saber um pouquinho de você, na hora da contação da história na festa. Como é que você cria essa ambiência né, esse momento, para atrair a atenção das crianças, porque você sabe... é menino... é criança de dois (2) anos, de três (3), de quatro (4) à dez (10), não tem aquela faixa etária única né. Como é que você faz para chamar a atenção dessas crianças para ouvir a história?

ENTREVISTADA: Óh, as crianças elas gostam muito de fantoche, aí eu tenho a minha empanadinha, aí coloco, aí coloco meu pano, eu tenho um pano que eu coloco no chão, ‘pronto pano mágico, gente esse pano vai se transformar num monte de coisa’. Eu tenho várias, várias metodologias que eu uso na hora da contação de histórias. Às vezes eu não quero... agora com a questão de uber eles são chatos, eles não querem levar ferro, eles não querem levar nada. Eu tenho diminuído o meu material, pra não poder... porque eu não tenho carro né, ainda, porque Deus ainda vai me dar um carro! [miado de gato] E aí o que que eu faço? Eu tenho meu jogo de... de fantoche, que eu faço, ou então levo um bauzinho, digo ‘olha, aqui tem um segredo, que segredo é esse?’, aí eu conto... eu gosto muito de contar história ‘a galinha ruiva’, aí eu chamo eles, coloco os dedoches nos dedinhos dele e eu digo ‘óh, você... eu só quero que você

diga assim...’ é engraçado demais essa história com eles, ‘óh, quando a tia Jô perguntar assim... é... você quer? Oh, a galinha cococorócoco’ eu sempre sou a galinha e os meninos são os bichos. Aí eu sento eles, canto a música: ‘quem quiser, quem quiser ouvir uma história, chega aqui que eu vou contar, não é nenhum contos de fada, nem história de pescador, não tem príncipe encantado, nem reino, nem disco [assovio] voador, abre os olhos, limpem os ouvidos, feche a boca para escutar, história, história fortuna do céu, amém. E que assim seja. Aí eu começo a contar história, eu uso o chocalho, eu... eu levo vários instrumentos pra eles prestarem atenção. Essa história do... da galinha cococorócoco, aí eu escolho quatro (4) meninos, primeiro todos querem participar, primeiro só quatro (4). Aí um vai ser o leão, um vai ser o cachorro, outro o gato, outro o ratinho [som de folha sendo virada], aí na hora eu perg... eu digo para eles assim quando eu perguntar assim, quando a galinha perguntar pra vocês ‘vocês me ajudam a ralar esse milho?’ Vocês diz ‘não, vou é brincar’, se for o gato ‘eu vou subir no telhado’, aí quando eu pergunto, aí eu acho que eles esquecem, que a galinha fica ‘poxa vida, ninguém me ajuda a ralar esse milho, você me ajuda?’ ele ‘ajudo sim’, eu ‘ não menino, é pra tu dizer não’, ‘ ah não, não vou ajudar não’ [riso]. Aí os pais, menina, que estão assistindo, porque acaba na hora da contação de história é os pais também vem assistir né. Gente, aí é uma graça, os menino, aí no final, no final eles ‘ah, pois tá bom’. Aí eu pergunto para eles ‘ vocês acham que eles devem comer o bolo gostoso que a galinha fez?’ aí os meninos ‘ não, não vão comer de jeito nenhum, porque eles não ajudaram e não sei o que’, ‘ mas poxa vida, vamo dizer...’ aí eu pego e vou lá ‘ ei, vamo fazer o seguinte, vamo dizer que eles tem que lavar a cozinha da a casa da galinha, o banheiro, o quintal, limpar tudo antes de eles comer o... o bolo’, aí os menino ‘ é mesmo tia, isso é bom, então tá bom’. Aí no final a gente ameniza, porque nesse momento eu acho legal porque nesse momento a gente vai vendo quem é essa criança que tá nessa festa. Tem a criança que diz ‘mata ele’, já tem aquele instinto de matar, de destruir. Outro diz ‘não tia, deixa ele comer’, outro diz ‘ é mesmo tia, vamos fazer com que eles limpem a casa’. Então assim, não é uma moral da história, mas a criança perceber o que não foi legal, que na nossa casa... aí depois faço na nossa casa a gente tem que guardar meia, guardar sapato, sabe. Então assim, é dessa forma que eu conto história, eu conto história com dedoche, eu conto história com fantoche, eles adoram a história do livro de pano, éh... cachinhos dourado. Engraçado gente, vou dar o episódio aqui. Tava eu contando a história numa festa aí eu falo [ruído simulando choro] e o chá...e... o... é o ursinho chorou eu quero meu mingau, eu quero meu mingau’, gente, quando eu vi os meninos ‘aaaahhh’ dois (2) meninos chorando e eu ‘meu deus do céu’, aí eu fui perceber que essas crianças [riso] elas não gostam... de fazer... éh da gente gritar, eu não contei daí os menino ‘ ahhh ahhh’, eu ‘ calma, calma, calma, calma criança, meu deus do céu’, aí a babá tirou os meninos, meu deus os meninos não gostam de ouvir gritos. Aí a gente vai vendo, como é que conta essa história, a criança ela não gosta de grito. Ontem mesmo numa festa a criança disse ‘oh tia, essa mãe tá falando tão alto’, as vezes na casinha dela ela não... é tudo muito silêncio, é tudo muito zen. Então, eu gosto muito desses, de usar os recursos, até porque assim, eu tô muito colorida né. E quando eu vou mesmo contar história eu uso uma saia, uma roupa mais limpa né. E quando eu tô de palhaça, então a gente tem que ter cuidado porque se não, o...a...o as cores né, a poluição de cores pode deixar que a história vai pro ralo e eu quero que a criança entenda a história. Então é esses recursos que eu uso, dentro da história éh... outra coisa que eu gosto, as vezes lenço, eu levo lenço também, aí a cada criança brinca, e assim éh dessa forma, mas eu sempre coloco alguma coisa para chamar a atenção deles. Ou as vezes eu coloco... óh a hora vai ser... agora vai ser a hora do piquenique e aí os... mando o pessoal trazer o lanchinho, aí trás o lanche, aí eu disse ‘oh, agora psiu, nós vamos ouvir a história, vocês podem estar comendo aí, quietinhos, ouvindo a história que a tia Jô vai contar’. Eles amam quando o bicho se esconde, ‘cadê, cadê, ahhh ahhh meu deus, cadê cadê, eu vou pegar’, aí os meninos dão gargalhada que eu fico lá atrás da empanada, morrendo de sorrir, e é dessa forma que eu conto [miado de gato]. E quando teve o projeto aqui do estado, meu deus, mas essa gata tá terrível, mermã tira essa

gata daqui se não ela não deixa conversar não [ruído de cadeira arrastando e passos].

ENTREVISTADORA: Deixa ela participar, Jô!

ENTREVISTADA: Não, ela é atentada demais essa gatinha.

ENTREVISTADORA: Lá em casa é assim também Jô. É gata pra todo lado!

ENTREVISTADA: Eu nunca vi essa gata desse jeito aqui perto de mim, eu acho que ela tá gostando da zuada [riso]. Então, até perdi aqui um pouco...

ENTREVISTADORA: Ela sabe que tá interessante, elas tão achando bom, ‘nossa, ali tá bom, deixa eu ir pra essa festa também’.

ENTREVISTADA: [riso] Então assim, aí quando... aqui p... éh... eu contava história na beira rio, aí como é que eu ia? As vez... eu tenho um tapete enorme, eu coloco... e eu coloco livros e as vezes eu coloco desenhos, para ir chamando as crianças, elas vão chegando, vão pintando, vão folheando livro, aí eu tenho minha equipe, aí na hora de recolher elas vão recolher, aí eu chamo pra contar história, aí eles vão prestando atenção na história e depois eles ‘tia, cadê o livro dessa história?’, porque eu coloco vários livros e eu digo ‘óh, como eu tenho muitos livros...’ aí as vezes eu digo ‘pode levar o livro, quem quiser pode levar o livro’ e eles levam, entendeu? E assim, a diferença que eu faço na contação de história de palhaça e quando eu vou sem ser de palhaça, contadora de história mesmo, hum. Porque eu acho que o recurso é bom você usar isso, os instrumentos, porque chama atenção né. Você chega... é uma forma de... de chamar a criança, ou o adulto. É assim que eu conto [riso].

ENTREVISTADORA: [riso] Que bonito, que coisa linda! Bem, acho que a gente [segundos de silêncio], foi um percurso bonito, né Érica?

ENTREVISTADORA 2: Oi?

ENTREVISTADORA: Mais alguma pergunta?

ENTREVISTADORA 2: Ah sim, eu fiquei... Jô citou muito a vó, e aí é... é... eu queria saber Jô, de onde, você já trouxe um pouco disso, mas eu fiquei me perguntando se existia uma tradição da contação de histórias, que...que...que na sua família, e de onde vem, se da família paterna ou da família materna. Você cita muito a sua vó, mas você não disse se é a vó paterna ou a vó materna. E não faz tanta diferença né, a sua voz afetiva. Mas aí eu fiquei curiosa porque eu tenho... eu fui agraciada com a contação de histórias e... e... pela minha família tanto paterna como materna né. Mas tem uma figura que se sobressai muito, que é o meu tio, irmão do meu pai né, que é um contador de histórias a... familiar né, não era profissão, é aquele tio que se sentava na varanda conosco e que nos contava história no quintal, a luz da lua, né e das estrelas. E quando ele cansava de contar história, porque a gente amava ouvi-lo, então quando ele ficava muito cansado ele contava uma história de terror que era pra gente se aquietar e querer ir dormir né. Porque a gente tinha pavor de história de terror. E eu fiquei me perguntando, éh... quem é essa sua avó né. E se essa tradição da contação de histórias, se ela nasce nela ou se nasce em você, mesmo que não profissionalmente ou que... que história tem né, a contação de histórias na sua família. De onde ela nasce né, que influências ela tem, você falou muito no cordel... o cordel para mim também éh... a minha mãe lia cordel pros trabalhadores né, ela era também uma trabalhadora da roça, mas sempre tinha os ajudantes do meu pai e na hora do almoço, quando ela servia o almoço... porque eles sempre serviram-se conosco e na nossa casa, não tinha essa distinção, eram pessoas que sentavam-se conosco, e comiam conosco, e nesse intervalo do almoço eles pediam a minha mãe pra ler pra eles, as histórias, ler cordel pra eles, que eles diziam ‘ não, lê um cordel’ não era declamar. E aí então eu fiquei com essa curiosidade né. Na tua família, que lugar tem a contação de histórias, né para além da Jô né, para além do peteleco. Que ancestralidade tem esses contadores de história?

ENTREVISTADA: Óh, eu fico assim muito feliz quando eu ouço assim pessoas que dizem que ouviu história, que tinha assim... Eu não lembro que eu tenho na minha família, essa... essa... ancestralidade da contação. A minha vó, eu lembro o que eu gostava muito, quando vovó pedia, era pra mim escrever as cartas pra ela, e eu gostava muito quando ela... ela começava a falar

porque ela não sabia nem ler, nem escrever, mas assim admirava ela porque ela vendia bolo, no mercado, eu lembro que ela fazia a... o bolo no, naquele forno... forno feito de barro, eu... minha vó fazia, a casa dela, as peças da casa dela faziam de barro, sabe. Eu tenho essas memórias muito presente! Então eu gostava quando ... as vezes eu dizia ‘oh vó, não vou escrever’, ‘não minha filha, escreve pro meu filho’ porque papai sempre ia embora, ‘não, escreve pro meu filho’. Aí eu gostava quando ela começava a falar do que ela queria escrever na carta e uma coisa muito presente também, e das histórias era de reza né, que ela era devota da Nossa Senhora, que só ia morrer quando... ela já ia demorar a morrer porque ela sabia a novena de Nossa Senhora que não ia morrer, ia demorar pra morrer. Foi tanto minha filha, que demorou. Chamei católico, chamei crente, tive que chamar, o centro espírita pra minha vó subir, porque ela não queria subir! Morreu com noventa e seis (96) anos [mãos batendo na mesa]. Então assim, a minha vó foi muito presente na minha vida porque eu como a caçula, e ela sempre morou sozinha, viúva, foi éh... eu digo assim que ela teve quatro (4) marido, todos morreram [riso], a véinha era danada. E aí ela... então eu ia dormir com ela, ela contava muito a questão das rezas né, da questão da fé, éh... mas assim, contação de história, de ler... eu vim ter esse contato já no teatro, nas minhas animações de festa, quando eu comecei outra pessoa muito importante da minha vida, foi o Mauro Só, que ele foi uma pessoa... morou dez (10), onze (11) anos aqui na nossa cidade, foi um criador do peteleco. É tanto assim, que ele mora em São Paulo, esses dias ele presenteou tanto eu quanto à Erô, uma foto nossa, eu de peteleca já né. Porque o processo do peteleco hoje eu tô éh... me transformando na palhaça peteleca, mais feminina. Eu que sou gordinha nunca tive problemas de colocar um maiô, uma saia, nessa palhaça eu... eu me liberto, sabe? De mostrar uma palhaça bem mais feminina né, e mostrando o dia a dia dessa palhaça né. Tô fazendo alguns trechos assim de contar história do que é... do que é essa contadora de história e palhaça também, ao mesmo tempo. Então Érica, eu não tenho esse... eu lembro do meu tio. Eu lembro demais quando ele chegava e contava história de literatura de cordel e é essa história, contava muita... é igual você falou, começava contar aquelas histórias de monstro, de coisa misteriosa e todo mundo ficava quietinho, de fantasma, com medo. O medo chega... quando ia dormir, querendo ir perto da mãe porque tinha medo [riso] das histórias. Então a... a... pessoa que eu lembro muito é do meu tio contando, e a minha vó que contava as histórias dela, minha vó era muito engraçada né, cheia de graça assim. E eu tive a oportunidade de morar em Caxias e depois voltar e conviver com ela, né. E acabou morrendo, eu cuidando dela, ficou igual uma criança. Minha vó me ensinou também que viver é bom demais, embora ela sentia as dores né, a pessoa... Porque chegar com noventa e seis (96) anos amiga, é como diz a bíblia, é só sofrimento e lamentação [riso]. Mas não queria morrer, foi o que eu falei, eu tive que chamar o centro espírita pra mulher poder subir. Mas ela é muito presente, muito presente na minha vida, a minha vó querida. Até porque quando minha mãe morreu eu tinha dezesseis (16) anos, ela que ficou cuidando da gente. Depois, ela ‘não minha filha, vá pra casa da sua irmã que tem condição’, o marido era patrulheiro, aí ganhava bem, aí foi os dois (2) caçulas pra lá e os outros para casa do meu pai. E assim, a história da minha vida... eu agradeço muito a Deus, eu a... agradeço meu personagem também, por ser atriz. Éh, a arte ela... ela me faz sempre melhor, né! E assim, com essa pandemia o que foi que aconteceu comigo? Sem a animação de festa eu comecei a sentir uma angústia, uma tristeza. Eu disse ‘meu deus do céu, assustada com a pandemia, com medo também de morrer, porque no mesmo tempo a gente tem medo também né. E perdendo pessoas queridas, pessoas amadas. E aí meu filho ‘mamãe, conta história no youtube’. Aí um dia eu gritava, uma amiga minha lá de São Luís falou assim ‘Jô, eu queria fazer entrevista contigo, pra te falar desse... dessa contadora de história, da palhaça’, igual nós tomo aqui, ‘mulher, eu tô tão gripada, não sei mais como faz, mas eu vou tentar’, aí eu peguei, vesti de palhaça, de peteleca, não coloquei nem peruca. E aí fui...deve ter um problema, no começo não sabia nem mexer direito. Eu sei que foi tão legal, que eu disse ‘caramba, me achei linda’, que na verdade gente, eu me amo. Quando eu me visto

assim de palhaça, de contadora de história eu disse ‘meu deus, eu sou linda!’ [riso] Mas assim, eu vejo uma luz entendeu, quando eu ouço as minhas histórias eu falo ‘não, eu vou ficar aqui como o público’ aí eu falei ‘caramba, que mulher legal olha, essa mulher é massa’ [riso]. Aí eu fiquei... eu aprendi fazer isso, não foi fácil não. Quando você chega a dizer isso de você mesma, foi um trabalho, né, não foi do hoje pro amanhã né, de você olhar pra você e você dizer ‘poxa, eu me amo, poxa eu gosto de mim, cara eu sou talentosa, olha, realmente eu vim pra cumprir uma missão né. E aí, eu abri esse canal no youtube, aí comecei... através dessa minha câmera, aí eu pensei ‘vou contar uma história’, [cachorro latindo] aí eu comecei, achei interessante! Aí meu filho me ajudando lá em São Paulo, ‘mãe é assim, mãe tá legal’, aí eu fiz o ‘projeto história na sexta’, e esses dias assim, gente, meu instagram tá bombando, eu não sei o que foi que aconteceu, o que foi que alguém viu, eu sei que tá chegando quase a dois mil (2000). Aí o meu filho ‘mamãe, pela amor de deus, a senhora tem que colocar conteúdo, vamo lá, conte uma história’[ruído de mãos se tocando]. E amanhã eu vou... eu acho que vou contar uma história, vou voltar com história na sexta. ‘E aí mulher, hoje é sexta-feira, vamos sextar? Uma história da sexta eu vou tirar!’ Aí eu tiro o livro da sexta, né, que é pra... éh... sexta, de sexta-feira e sexta de cesta. E aí nessa pandemia foi isso que eu fiz, comecei a contar história! Uma coisa interessante e linda que eu encontrei, que eu vi, foi as pessoas também perceber, ver a Jó contadora de histórias, não é a Jô palhaça, peteleca, né, saber identificar a contadora de histórias da palhaça. Aí com a... quando ligaram pra mim de São Luís, que... se eu aceitava ser homenageada na décima quinta (15^o) semana de teatro do Maranhão. E eu falei ‘ meu deus, eu vou aceitar sim’, fiquei emocionada sabe, falei ‘ Jesus, isso tinha que vir de Imperatriz né, tá vindo da capital’, isso ‘ não Jô, por todo trabalho que você faz éh... os nossos jurados aqui, cinco (5) pessoas, não pensaram nem duas vezes, e citaram seu nome’, só porque eu pensava que isso era muito fácil, era só contar né, a história, eu peguei e contei lá a minha história’ e foi ‘ não Jô, tem que apresentar um espetáculo, uma contação de história, mostrar as fotos’, eu ‘ gente, mas é muita coisa’. Mas foi tão legal, que eu fui resgatando, toda a minha história, e foi aí que eu enxuguei um espetáculo que eu brincava com cena, que foi o ‘palhaça conta cena’, e saiu o espetáculo, desse espetáculo teve o edital da Lei de Aldir Blanc né, e eu fui colocando os editais. Gente, nessa história, eu acho que eu... eu... foi três (3) editais aprovados com esse espetáculo, e aí eu tive a oportunidade de viajar éh... com esse dinheiro de ir para Londrina, que tinha doze (12) anos... não, vinte seis (26), vinte e três (23) anos que eu não olhava meus irmãos. Foi assim uma história linda, fantástica, emoção total. E aí eu fui para Londrina, eu e minha filha, que meu filho ia para outro... visi... com a namorada pra conhecer a família e então tudo isso foi muito fantástico, foi muito mágico, eu dizia assim ‘meu deus, eu não sei, é isso que está acontecendo? Meu deus, que presente lindo você está me dando’! E essa homenagem foi muito importante pra mim, porque abriu caminho sabe, parece que abriu não foi nem porta, foi um portão assim enorme. Porque daí as pessoas foram ver no meu canal, aí eu fui colocando também no Instagram e aí tá aumentando as pessoas que foram me chamando também para outros trabalhos, outras lives e aí eu tenho... aí sim teve o trabalho, tenho um trabalho na escola bilíngue, é um trabalho que é... foi um grande trabalho também que deus me deu, pra trabalhar com as criança surda, eu montei uma brinquedoteca dentro da escola, pras crianças, dentro dessa brinquedoteca eu conto história com uma intérprete, mas já... eu já conto história... algumas histórias usando sinais, que aí eu tô... é um desafio, eu acho que esse é um dos grande desafio da minha vida. Eu dizia assim pro senhor ‘meu deus, meu deus que desafio, tu já me deste tanto, tá me dando esse que é difícil’, né, mas aí você... aquelas crianças também ‘senhor, tu tá me dando agora crianças surdas né, para mim... pra mim levar a minha alegria, levar esse amor... mostrar para as crianças que brincar é importante, pra mostrar pro pai que a contação de história é importante’, não é porque eles são surdos que eles não contam. Então gente, isso foi um trabalho assim fantástico, aí por isso que eu deixei um pouco, porque eu tive que me dedicar mais a... aos vídeos das histórias em libras. Então algumas histórias eu conto, e outras eu preciso

intérprete porque eu uso muito as mãos com objeto, e as crianças amam! É engraçado quando eles chegam... meu sinal é esse, Jô palhaça, não tem jeito, eu vou morrer Jô palhaça [riso]. Pra eles ‘Jô palhaça tia, vamo, brincar’, e eu ‘vamo borah’, então isso foi um grande desafio, e aí ontem eu fiquei de férias éh... foi muito assim... eu fiquei muito emocionada porque é uma equipe, uma equipe que assim faz um trabalho muito bonito, dentro da escola né, não é fácil éh... trabalhar com surdo não é fácil né, porque você... pra nós que somos ouvinte, imagina pra eles que são surdos né. Então assim, esse é meu desafio esse ano, é aprender [ruído de palmas] mesmo libras, pra mim cada vez mais melhorar o meu trabalho hum. E eu...aí meu filho hoje ‘mamãe, a senhora disse que ia deixar a animação de festa’, ‘meu filho, mas como é que eu deixo, se é uma coisa que eu amo’. Só que hoje, com cinquenta e três (53) anos a gente não tem aquela energia, quando eu chego eu tô morta, amiga. Eu chego em casa eu tô morta. Eu só faço tomar banho e vou dormir, porque as crianças parece que sugaram toda a minha energia sabe, eu ‘meu deus, como eu tô cansada’. Antigamente eu dizia assim ‘ei Rosinha’, a gente chegava e ainda ia pra uma festa, hoje a gente num guenta. Às vezes a gente deita no sofá e dorme mesmo assim, de palhaça [riso]. Mas é um trabalho muito prazeroso né, eu... eu... o que eu faço é com muito amor, com muito carinho, tenho respeito as minhas crianças, eu sempre digo que as minhas crianças são meus anjos, meu anjos protetores, e eu ontem tava na festa, tirei a máscara e falei ‘senhor, vou te entregar, porque eu não guento’ era umas quinze (15) crianças né, e elas chegavam tudo de máscara, ‘tia vou tirar’, ‘tia gosta de brincar né’, ‘é meu filho, vamos tirar mesmo’ tiramos e fomos brincar né, porque ele não guenta ficar. Mas é isso gente, é um ano difícil né, ontem mesmo eu perdi uma grande amiga pra covid. E a gente fica com medo né, a gente fica com muito medo né [riso] dela chegar até nós, mas em nome de Jesus ela não chegará tô esperando a segunda vacina pra mim tomá, pra me sentir mais fortalecida. E é assim, quiser perguntar mais, pode perguntar [riso].

ENTREVISTADORA 2: Sim Jô, éh... nós temos perdido muitos amigos né, minha solidariedade a você, pela perda da sua amiga. A gente perdeu... a gente tem perdido grandes pessoas né. Eu digo grandes pelas lutas que elas empreendiam né, a Fátima Barros, é uma perda que ainda me afeta muito né, a Fátima foi minha colega de trabalho, trabalhamos muitos anos juntas no SEM, e Fátima é da minha cidade, Fátima era uma grande inspiração e eu sei da luta do quilombo, a luta do seu Salvador que morreu muito com ele e depois com Fátima, né. Mas é isso, estamos todos vivendo esse momento, que a gente nem consegue mensurar e nem sei se um conseguiremos, o que a gente consegue dizer é que é da negligência né, é de um desgoverno que nos mata um pouco por dia. E tem sido muito difícil, muito dolorido né. Mas a gente precisa resistir, e a arte eu penso que te ajuda muito nisso né, de muitas formas, porque quando você vai dizendo que o peteleco... que você se sente mais éh... bonita, com o peteleco, a peteleca né, é... é... é interessante isso né, porque pro palhaço não tem estereótipo né. O palhaço é livre, ele... ele... ele está éh... digamos assim imune, ele está blindado, a essa... a esse padrão de beleza que também nos mata né, que mata muitas pessoas todos os dias. E...e... o que eu quero te dizer de peteleca ou de Jô você é linda, da mesma forma né. O seu corpo, ele é político, e eu acredito muito nisso. E ele é político porque ele é biográfico. Ele é histórico, né, o seu corpo carrega a sua história né, e isso é poderosíssimo, e eu também fui muito, muito e ainda luto com alguns complexos do meu corpo e... e eu também isso é produto da sociedade que nos tolhe todos os dias né. E é muito, muito difícil, mas a gente faz disso a nossa força pra... pra combater isso né. Eu tenho usado isso pra combater, sobretudo dentro de casa né, eu tenho feito muito isso, e faço muito isso quando eu tenho oportunidade, no público, junto ao público que como professoras nós fazemos todos os dias. Mas eu acho muito bacana isso que você vai dizer, né, desse empoderamento que a peteleca tem né, que é se desludar de qualquer padrão e ser linda né, e se sentir poderosamente linda, isso é muito bacana. Uma coisa que eu acho muito importante também na sua história, é o seu compromisso com a sua inclusão né, quando você atua lá no CAPES, e agora quando você empreende esse projeto bilíngue né, que o surdo ele tem vivido a

margem, mesmo que com alguns esforços, ainda está a margem. Nós temos uma escola que... que ainda pensa em inclusão, o fato do aluno estar matriculado numa escola regular e... mas daí o professor não fala pra ele, o professor não fala pra ele, o professor não é o professor dele, ele precisa ter um intérprete, quando tem né. E...e...e... na verdade nós todos já deveríamos ter essa formação bilíngue, para que nós fomos o professor desse aluno, assim como professor dos outros não surdos né. E aí eu acho muito bacana esse seu desdobramento em aprender né, e dentro daquilo que você já sabe, você não se abster de ir lá e fazer né, unindo forças né, dentro daquilo que você não sabe, vem lá o intérprete, mas você está lá levando a arte, levando a alegria, levando a história né, para essas crianças suas. Então eu percebo esse teu comprometimento né, que é anterior também a essa tua experiência do CAPES, porque quando você se torna professora, você assume um lugar social importantíssimo né, como mulher né, professora de escola pública, é artista, que vai lá né, assume esse compromisso social, político, que é ser professor, que é ser professora. Então eu vejo na sua vida toda essa... durante toda a sua trajetória esse compromisso político e social que você assume e eu fico pensando que feliz os alunos que tiveram a oportunidade de serem teus alunos, mesmo quando aquela diretora diz, aquela professora, aquela colega que você não sabe ensinar porque só cantava e brincava, que felicidade, que sorte daquelas crianças terem essa professora que cantava e brincava para eles! E quando você diz que não gosta da língua portuguesa, eu quero dizer pra você: ‘você ama língua portuguesa’! Tanto ama que faz dela sua... eu não gosto da palavra arma, mas o seu instrumento né. O seu modo de existir no mundo, é pela palavra! Pela palavra cantada, pela palavra narrada, pela palavra dramatizada. Então é a língua o seu principal instrumento e isso é maravilhoso, isso é poderoso. Então eu quero desconstruir essa ideia. Você ama a língua portuguesa [riso]!

ENTREVISTADA: Mas quando eu falo da língua portuguesa, não é nem a língua portuguesa, é a bendita gramática [riso].

ENTREVISTADORA 2: Mas óh, ensinar a gramática, eu também sou solidária...

ENTREVISTADA: Éh, não é nem a língua portuguesa, é a gramática. Porque a língua portuguesa é a palavra. É até mal colocada a palavra, mas é a gramática. Aí quando eu ia dar aula de gramática para as criança eu tentava buscar exemplo, eu disse ‘gente, esse aqui, essa história o que diz? tata’, então facilitava a vida deles. Outra coisa de contação de histórias que eu... eu friso aqui, eu queria um dia ter éh... e eu fiz né. Eu queria formar um grupo de contadora de história dentro da escola, aí com a turma de oitavo nan... oitavo ano eu levei doze (12) criança para o salão do livro, que é uma salinha que acontece aqui na nossa cidade. A gente até participou, eu e Erô, agora no... no... nesse que teve online. Gente, foi incrível, eu fiquei tão emocionada com meus alunos, eles vestiram a camisa, eles contaram e se emocionaram e assim, um dia eu tava com Erô e uma menina assim ‘é a melhor professora do mundo, a melhor professora de português’, aí eu olhei pra ela ‘oh Erozinha, essa menina acho que ela não... não mermã, eu posso até ser boa de literatura, mas a gramática...’ Mas aí, a gente vai pensando que a gramática eles aprendiam através do texto, outra coisa é contação de história, porque eu acho que o assunto é mais contação de história, voltando lá pras Paulinas, então as Paulinas nessa história de eu ir éh... fazer o curso, quando a Gisele saiu ela me indicou, então eu fui acho que quatro (4), cinco (5) ano pra São Luís ministrar o curso ‘recurso para contação de história’, levava duas (2) mala cheia de coisa, porque assim... eu tenho a... o... amigo que diz ‘Jô, tu já quer dar tudo em um dia [incompreensível]’ eu digo ‘não meu irmão, eu não sei nem se eu vou voltar pra cá de novo, eu vou logo contar como é que que é a coisa mesmo de contação de história’! Então isso foi muito importante, foi tão importante que quando eu... nesse momento de pandemia éh...se você for ver lá no meu canal a maioria das minhas histórias é das Paulinas, porque as Paulinas foi... eu ganhei assim muito livro, dinheiro era muito pouco, eles pagavam pouco demais. Mas isso pra mim... o prazer era... era eu ir, fazer meu nome, mostrar o meu trabalho, isso foi muito importante né, porque tem aquela história: quem não é visto não é

lembrado, né, eu sempre falo isso. Eu falei assim, ‘gente, se você tem uma coisa...’ eu falo isso muito para minha profe... para as professoras lá. Eu digo ‘menina, que história linda que tu contou em libras, a forma de você ensinar, coloca no teu canal, coloca no youtube, as pessoas precisam saber o que você faz, que nós temos uma escola, que a gente tá favorecendo as nossas crianças, a conhecer a... essa linguagem, e que as pessoas toda’... como você falou, todos nós, eu acho que na escola deveria saber libras. Porque lá na escola eles se sentem feliz... as crianças choram gente! Choram quando eles vão buscar a atividade na escola, eles querem ficar na escola, porque ali é a comunidade dele, a linguagem dele, a língua portuguesa, a...a... a língua de sinais, ela tá ali presente e quantas vezes em casa a família não sabe, ou deixa eles lá, quando ligam a televisão. Então assim, a escola... a escola, eu digo assim, que a escola muitas vezes me matou. Muito, né, dentro de mim! Mas teve momentos também... então, hoje eu vejo que nós temos que ser é apaixonados, nós temos que fazer com que nosso aluno se apaixone pela escola, se apaixone por aquele professor. Éh, eu sempre fui assim, a questão da crise de... o professor diz assim ‘mas Jô, porque tu tá dando oito (8) para aquele aluno, se menino não faz isso, não faz aquilo’, eu falo assim ‘olha, ele tem várias qualidades’. Então, eu sempre me polio a isso, porque se a gente não tiver cuidado, a gente vai igualar a todos os professores. E tem professores que tem uma visão totalmente diferente né. Eu sempre vejo, eu como professora, de resgatar vidas né. Quantos adolescentes... não sabendo, né uma vez na escola eu só contando, eu pedi pros meninos, a professora até hoje diz que isso acontece, na minha primeira escola que eu fui. A professora, os meninos fazendo uma coisa errada, ela colocava os meninos lá no sol quente, eu achei aquilo absurdo sabe, mas eu não podia falar. Eu peguei e falei pros meninos que eles escrevessem como ele gostaria que a escola dele fosse, e o que eles achavam daquelas atitudes. Amiga, foi assim... foi assim e eles confiaram na professora, ‘a senhora não vai mostrar isso pra diretora’, eu ‘jamais’. E aí eles tiveram é, confiaram em mim e desabafaram através da escrita. Olha, mas foi tão interessante, porque depois a gente foi trabalhando isso. Eu falei ‘olha, é vocês também tem que ter voz na escola, vocês acham legal fazer aquilo? É vocês que tem como estudantes dizer não...’ isso, por que que ela tá colocando os menino naquele tempo tradicional e colocar os menino no sol quente de castigo? Mas eu te digo, em todas as cidade amiga, a...a... aqui quando tem as vagas o pessoal amanhece para arrumar as vagas pro seu filho lá naquela escola. É engr... né, por que o que acontece as vezes? Hoje o que acontece, os pais... muitos pais estão perdendo o controle e colocando essa responsabilidade para nós professores, que não é nossa, mas são os professores e a gente acaba sendo mãe desses meninos as vezes e uma psicóloga, tudo, né. Eu lembro que tinha um aluno e ele dizia ‘tia, me leva para tua casa’, eu disse ‘oh meu filho, se eu pudesse eu te levava mesmo’. Então assim, porque a gente escuta, a gente dá carinho né, eles confia na gente. Então assim, a escola, a escola bilíngue ela é muito isso né. Apesar de que não ... tem uma sorte assim que não muito aluno, é quatro (4), seis (6) alunos na sala, porque a gente não dá conta, porque a gente pensa que na escola de surdo é tudo silencioso, minha amiga tem dia que eles gritam, que a gente sai de lá assim... com a cabeça, eles gritam muito né, a criança. Porque as vezes ele quer ser entendido, ele quer... ele [suspiro] se expressa daquela forma hum. Mas assim, é um trabalho muito lindo, eu gosto muito desse tipo de trabalho que eu faço, eu gosto muito também de trabalhar com os idosos, acho que porque o idoso foi muito presente na minha vida, a minha infância, a minha vó. E é isso gente, então assim, eu quero reforçar que assim que as Paulinas, a editora Paulinas foi muito importante nesse momento da contação de histórias, porque foi eles que tem reforçado ‘você é contadora’, pois veja, aí quando eu cheguei eu falei ‘não, vamos fazer o seguinte, eu vou contar a história dos livros que tem aqui na livraria’, aí isso fez com que...porque quando a gente... é o desafio né. O novo... o novo nos assusta! Então quando eu pegava um livro ‘não, eu vou estudar, deixa eu ver como é que eu faço, criei esqueleto, como é que eu vou fazer essa história? E isso foi aumentando meu repertório, hoje eu tenho um bom repertório de contação de histórias, quero esse agora conversar essas questões dos direitos autorais, a gente fica com medo

né. Então assim [riso], é melhor pegar os tradicionais, os clássicos, isso não vai dar problema pra gente, mas assim, todas as histórias, a maioria das histórias que eu conto, eu tenho direitos autorais dos escritores, que eu peço, eles mandam pra mim, aí isso facilita né. Mas a gente tem muito medo de fazer isso, hoje tá muito... hoje tudo é, tudo é... não, como que se diz? Não vô [ruído com a boca] não é denunciar não, olha no espetáculo mesmo, eu fiz espetáculo, aí teve uma música que eu achava que não ia dar problema, na hora que o menino foi editar e passar pro youtube, eu tive que mudar a música, porque na hora... na mesma hora bateu. Então, é uma das coisas que a gente tá tendo muito cuidado né, nós como contadoras de histórias, pedir autorização ou então tentar escrever nossas próprias histórias, hum [vozes sobrepostas]. Ou então outra coisa interessante, aqui em Imperatriz, engraçado, se você for ver a [incompreensível] é uma história, nós temos muitos escritores na nossa terra. É histórias maravilhosas, tem a Leila Diniz, tem o Gilmar Pereira que é o que conta... é um dos caras que conta história de literatura infanto-juvenil, que são poucos né. Eu lembro que na minha monografia, eu trabalhei a história da Ruth Rocha, da Ruth Rocha, o ‘Reizinho Mandão’ e ‘Faca sem ponta, galinha sem pé’, minha amiga, ninguém queria me pegar lá no... assim, para me orientar. Que [riso] literatura infantil Gilberto, nem Ruth, nem Kátia, aí... foi uma amiga, que era professora, a Cris, ‘não Jô, pois vamo fazer’. E assim, a literatura precisa ser mais valorizada! Dentro da universidade, outro dia, numa mesa redonda eu falava assim, a gente entra para universidade daí passa aqueles [incompreensível]... não sou contra, é Machado de Assis que eu gosto também... outros... mas assim, quem não tem o hábito da leitura vai odiar a leitura, não sei se vocês concordam comigo, porque eu acho que no primeiro período do curso de Letras deveria pegar alguns livros da literatura infantil. Olha, porque tem livros que é difícil de você fazer a análise né. Então assim, pegava os primeiros livros de literatura infanto juvenil, Ruth Rocha, Maria Velho Machado, escritores brasileiros né. E então, eu acredito que esse jovem... ele começa... ele começaria a gostar, amar o hábito da leitura né. Agora já passa logo aí ninguém quer, aí ‘ah, não gosto de literatura, aí não sei o que, não sei o que’. Por isso que acontece isso [riso], meu ponto de vista dentro do... não sei se já mudou dentro da universidade né, mas no meu tempo mal ouvia falar de literatura infantojuvenil, era assim por alto. Mas é, é o nosso papel de contadora de história é... é quando a gente conta, éh a gente encanta né, as pessoas ficam com desejo de ouvir. E acho que foi meu papel, durante a pandemia, levar essa alegria para o meu público, e para as pessoas que aos poucos vão me conhecendo e conhecendo o meu trabalho.

ENTREVISTADORA 2: Jô, é... uma última... última... porque a gente vai né, obviamente a gente precisa respeitar que você já tá aí quase duas (2) horas falando, e a gente sabe que é... é sugar muito você. Mas é... com uma pré né, uma última dessa conversa de hoje para mim né, o... o canal do youtube ele nasce na pandemia ou ele já era uma... uma opção de trabalho seu, um canal de veiculação do seu trabalho, divulgação do seu trabalho anterior a pandemia?

ENTREVISTADA: Não! Na verdade, quando eu falei pro meu filho ‘Lucas, vamos abrir um canal’, ‘mamãe, a senhora já tem um canal aqui do youtube’. Aí eu, esse dia eu fazendo a minha unha aqui no salão, eu falei ‘menino, foi tu que fez o meu canal, agora lembrei’, tu dizia ‘ei tia Jô, porque você não abre aqui’. O meninozinho molequinho, tinha uns três (3) anos, ‘abre aqui o seu canal’, ‘meu irmão, o que que eu vou fazer nesse canal?’, até perguntei, ‘o que que eu vou colocar nesse canal?’, ‘não, mais pois é, pois coloca aí’. Aí quando [riso], quando eu fiz, vou fazer mais [incompreensível]... pois então era Jô peteleco né, que era mais conhecido, não sei o que. Aí a dúvida, a menina ‘Jô, tu tem que definir, é Jô peteleco, é Jô Santos, como é que tu quer?’, ‘é, Jô peteleco era mais conhecido’, aí eu tinha colocado Jô peleco, aí eu falei ‘não, quero que me conheçam como Jô Santos’, né, conheceu o nome da pessoa, e as pessoas então ‘Jô Santos- peteleca, as pessoas vão fazer que eu sou peteco né’. Aí foi na pandemia mesmo que eu comecei a colocar... a trabalhar isso, e aí aquelas pessoas, e é as pessoas triste, aí eu falei ‘gente, o que que eu faço?’, aí eu fiz o circo em casa, eu falei ‘cara, eu acho que vou colocar o

circo em casa'. Montei aqui na minha garagem, fiz da minha garagem aqui um circo, e fui brincando com essa palhaça. Outra coisa, outra pessoa... outro órgão muito importante na minha vida foi o SESC, então eu fiz o curso com a Michele, que eu já fiz vários cursos de palhaça, mas quando eu cito a Michele Silveira foi essa... ela dizia assim 'Jô, você não sabe o potencial que você tem, não, tira essa roupa, pega esse maiô', tirou o maiô dela 'viste-se', 'não, não vou vestir isso não!' 'Não, eu tenho vergonha demais, eu vou'... Aí ela...eu vesti, tava até mais magra, coloquei isso 'rapaz, mas não é que eu fiquei engraçada', quando ela me pintou e fez 'poxa, nasceu uma nova palhaça' [ruído de garganta]. Então, na pandemia mesmo foi que a história nasceu na pandemia, essa contação de histórias, que na verdade tem mais contação... são vinte e uma (21) histórias que eu conto, e aí tem o espetáculo que foi contemplado pela Aldir Blanc, Aldir Blanc que é 'Palhaça conta cena' e tem o 'Circo em Casa' que eu faço, né, então muita coisa nasceu dessa pandemia. Eu...eu digo assim, essa pandemia eu... amiga, saiu frutos óh, saiu bons frutos! Porque aí você vai ver no seu trabalho, aí eu... aí eu sempre mando pro Gilberto, né. Aí o Gilberto me parabeniza, dizendo... se não foi legal as vezes ele fala, aí eu sempre mando pro...pode ser... porque é bom quando cri... vê e diz 'óh, isso não tá legal... óh isso aqui é bom'. E é a mesma coisa dos vídeos... eu gravo... pra escola eu gravo, aí mando pro rapaz da escola, eu vou mandar uns vídeos pra vocês em libras, para vocês olharem meu trabalho em libras, quem tiver criança vão amar [riso].

ENTREVISTADORA: Jô, que trabalho lindo o seu! [vozes sobrepostas], com a sua atuação...

ENTREVISTADA: Eu fiz um curso, aí é outra coisa, fiz vários cursos, aí o curso Erô que 'eita Jô, não sei o que tu inventa não', aí fui fazer o curso pra mim aprender a dançar dança cigana. Cara, aí agora eu tô tomando aqui na taça, que ela diz assim 'não é uma dança, não é... ela... ela ensina você ser mulher, esse empoderamento que você tem'. Aí eu lembro assim olha, vamos tomar água na taça, porque nós somos é rainhas [riso]. E aí eu fiz dois cursos com a Carla Jacobina, depois se vocês quiserem olhar o trabalho dela é muito lindo. É a mulher se encher de luz, porque eu quero colocar... a minha... essa dança, esse movimento da... do fogo, da dança cigana nas minhas histórias, que é muito linda! Na verdade, eu espero até pro meu aniversário, de cinquenta e quatro (54) anos, eu vou fazer uma noite cigana [riso]. Para gente dançar, conversar!

ENTREVISTADORA 2: Oh Jô, eu gostaria de me convidar para essa noite cigana, viu, eu tô me convidando.

ENTREVISTADORA: Eu também quero ir, ei Jô!

ENTREVISTADA: Aí eu disse a Erô que eu tô aprendendo, vamos ver se vai dar certo fazer essa festa, eu adoro festa gente! É uma coisa que eu sinto falta, porque eu gosto de trazer pessoas pra minha casa, pra gente conversar. E... eu não sei se você conheceu a professora Graça Silva né, foi uma das pessoas assim, minha irmã, amigona. Então assim, é eu, Erô, ela, é um grupinho assim de cinco (5) mulheres. Isso... isso que nos fortalece e nos deixa feliz. Eu sempre digo isso pros meus filhos: 'óh, você pode... a família é maravilhosa, tudo é muito bom, mas você tem que ter amigos', isso quem me disse foi o Gilberto. Gilberto me disse 'olha, amor, tem amor dos amigos, tem amor pelo livro, amor pelos nossos filhos, o amor pelo nosso irmão, o amor pela nossa mãe'. Se você saber dividir todos esses amores, você nunca vai ter depressão, você nunca vai ficar triste, porque quando você fica triste de um lado, outro amor te preenche de outra forma. Então, é isso que eu passo pros meus filhos 'não, você namorou e terminou com a namorada, não, tem outro amor ali, tem o amor de amigo'. Então amizade sempre tem que existir, porque amizade te fortalece né, amigos verdadeiros. A minha amizade com Erô tem mais de trinta (30) anos! Então a amizade assim muito bonita, a amizade assim de respeito né e que Deus continue assim nos abençoando e a gente conquistando outros amigos. Olha, eu conquistei duas (2) amigas maravilhosas hoje [riso]!

ENTREVISTADORA: Tem amor né, tem amor! Então... acho que a gente vai concluir essa entrevista né, com essa palavra tão bonita né. E foi essa palavra que regou esse nosso momento

aqui. Que é o amor, o afeto né, a solidariedade, o olhar pro outro né. Eu vi a história do outro e...e...a medida que o outro conta a história a gente também vai se vendo nessas histórias, né. Então que bacana, receber você aqui hoje. Numa noite maravilhosa, feliz, muito obrigada, Jô, por esse momento com a gente! E ainda vamos conversando, esse é um primeiro (1º) contato, aliás, um segundo (2º), terceiro (3º) contato que a gente já conversou outras vezes, não é Érica?! Mas assim, esse contato mais formal... no sentido de estar sendo gravado, registrado e aí a gente vai conversando outras vezes, é... ontem nós conversamos com a Erô. Sobre... o dia da contação de história, a proposta é a gente faça um sarau, não é Érica? Para que todos éh... contem suas histórias, pra que você conheça a história dos outros contadores também, então a gente está pensando em fazer assim, tá? Outra questão que eu queria conversar também, dizer, é que depois também eu vou te enviar né, o termo de consentimento assinado, para você assinar também, tá bom? Futuramente vou te enviar esse documento, e agradecer pela sua presença sensível, obrigada por esse presente de hoje, essa história é bonita e é uma história que realmente... agora sua história eternizou, para sempre... a sua história agora vai ganhar o mundo [riso]! É isso, muito obrigada. Obrigada Érica e éh... contagiou essa... esse momento nosso aqui...que tão bem colocou né, também foi se colocando aqui, nos momentos oportunos e foi mediando junto comigo, muito obrigada Érica! Muito obrigada mesmo, bem, vamos ouvir as palavras finais de cada uma e a gente agradece!

ENTREVISTADORA 2: Jô, muito obrigada, muito obrigada mesmo! E... é... como eu disse ontem pra Erô, Erô também tem muita lucidez com relação a isso, e você sabe que a gente tem ocupado a universidade, né. E sobretudo olhado para as histórias das mulheres, sobretudo nós mulheres pesquisando mulheres né. Pra...pra dar essa... na tentativa de dar essa visibilidade né. Porque a gente precisa dizer das nossas histórias, das nossas lutas, porque elas servem, como disse bem uma das minhas colaboradoras da tese ‘elas servem pra encorajar outras mulheres né, minimamente, vai servir para encorajar outras mulheres’. Então, a sua história me encoraja e eu sei que encorajará muitas outras mulheres e eu fico muito feliz de ter vivido esse momento aqui com você, com a professora Verônica, que é de escutado história e ter oportunidade de... a tua história agora me constituir, porque é isso que eu tenho tentado fazer e que eu tenho... eu faço sempre esse movimento. As histórias de mulheres prec... me constituem de alguma maneira, me encorajam e fortalecem! E a sua história é uma delas com certeza, que vai... que vou carregar pra todo sempre comigo porque é uma história muito... muito poderosa, de muitas lutas, de muita coragem, de muitas bonitezas, porque você é extremamente sensível aos outros, seja a criança, seja a...a...a... ao...ao surdo, ao deficiente mental, as mulheres, a cultura e você nenhum momento foi negligenciando nada disso, pelo contrário, você foi se apropriando de tudo isso, juntando tudo isso e se formando essa mulher tão maravilhosa que é Jô Santos e que eu admiro. Primeiro (1º) pela voz de Erô e depois pela minha experiência contigo, através do seu canal, através do facebook, através da... daquilo que eu ouço do teu trabalho e eu fico muito feliz de ter essa sua história hoje! De você confiar sua história a nós, muito obrigada, a universidade hoje ganha mais uma narrativa importante né, que é a história de Jô Santos. Então muito obrigada, muita luz, muita saúde pra você e sua família, e que você siga com... muitos outros projetos, continuando os que já tem, que não te falte criatividade! Um beijo enorme, muito obrigada! Muita saúde para nós!

ENTREVISTADA: Olha, eu que agradeço, eu sou muito emotiva assim! E assim [ruído de Whatsapp Web), eu sempre peço a Deus que eu seja uma luz na vida das pessoas, das minhas crianças! Éh... no meu espetáculo meus filhos me ajudam, só... porque meus filhos é minha grande escola né! E... eu lembro que quando eu contava história eu contava pra eles! E quando... se eles sorriam... ou se eles... ‘não, eles gostaram, vai dar certo’! E até hoje eu faço isso. Eu lembro que eu contei pra ele ‘a mulher que matou os peixes’ até hoje ele não sabe por que que a mulher matou os peixes, porque eu disse que ele que tem que ler os livros, porque eles dormiam! E esses dias eu ensaiando... eu me emocionei muito com minha filha e meu filho né,

aí eu lá... gravando né, porque não deu para fazer presencial, eu fiz a história que tinha que fazer online. E aí tá tá tá, aí minha filha olhando, aí ela chegou... cheguei aí ela disse 'mãe, eu fico tão emocionada quando eu vejo a senhora no palco, a senhora é tão bonita contando a história, a senhora faz com tanto prazer aquilo, o que a senhora faz é tanto amor'! Então eu falei assim, 'poxa, que bom que meus filhos vê isso' né, éh... isso vai ficar na eternidade da vida deles, uma mãe de coragem. Porque a minha vida não foi tão fácil, como não é a vida de ninguém né. Mas já cai muitas vezes, em questão de trabalho assim, de...de... gente.... essa mudança que teve da saúde pra educação, sofri muito. Mas assim, eu sempre vejo assim que as coisas negativas eu tenho que olhar com outro olhar, pra me fortalecer. E assim... eu sempre digo, se eu não posso... eu não posso éh... eu até falava pra Erô, Erô, gente, essa questão de ser palhaça, de ser essa pessoa alto astral e tudo pesa muito, porque a gente não pode ficar triste que o pessoal 'não, mas você não pode ficar triste porque você é palhaça, você é contadora de histórias, você tem é que alegrar'. Aí um dia a minha filha, 'mamãe, a senhora ouviu' [incompreensível] 'nossa Jô, você nos faz tão feliz é tão bom, não sei o que'. Então assim, a gente se sente muito bem quando a gente ouve essas palavras, né, e a gente fica 'senhor' éh... mas também... também ter ... também nos dá o direito de chorar quando nós podemos chorar né. As vezes nós precisamos chorar para gente desabafar, principalmente nesse momento que nós estamos passando, a gente chora, a gente sorri, a gente ora pelo nosso planeta, eu medito, eu tenho... essa semana mesmo a gente foi para um lugar muito legal pra gente meditar, e aí eu disse assim 'meu deus, muitas pessoas estão sofrendo, e aí eu quero te agradecer porque estou aqui, né, e agradecer por esse momento maravilhoso', eu disse 'meu deus o que elas vão me perguntar mesmo, o que que é' e eu vou falar mesmo o que... que eu sou uma pessoa muito simples. Éh, eu digo assim, Erô, aí ela 'Jô, faz o mestrado', eu digo ' não, mestrado é pra ti, tu que é didática', eu disse à ela que ela era professora de faculdade [riso] né. Mas assim, éh... eu ainda quero buscar uma linha pra mim fazer o meu mestrado, sabe. Porque eu digo assim, eu digo pro meu filho ' não, seja como eu não, porque eu sou contadora de história, sou artesã, sou palhaça, sou professora, gosto disso, gosto daquilo, e as vezes a gente não tem um... né... uma direção assim, é tudo muito parecido'. Mas eu agradeço esse momento, eu me emociono quando eu falo da minha vida, porque eu me sinto uma mulher muito guerreira, vencedora de tudo que eu já fiz, nada foi fácil pra mim né, mas a minha arte, já me... me dá o meu conforto. Eu tenho a minha casa hoje, tem os meus filhos... Claro, a gente sempre vai querendo coisas melhores né, e agradeço ao meu público, as pessoas que me admiram, as minhas crianças, que eu acho que essas pessoas nos fortalecem. No momento que você passa essa energia tão maravilhosa, através da palavra, isso me fortalece! [incompreensível] eu sou muito acessível, principalmente, éh... pelo nosso caminho que a gente percorre, a gente vê tanta... Agora, essa questão dos índios né, isso nos entristece, eu já fui dessas pessoas de ir pra rua, de levantar bandeira, e hoje 'poxa vida', a gente já lutou tanto para ver o retrocesso no nosso país, isso nos deixa também muito triste e preocupado né, que geração é essa dos nossos filhos, que geram essa... Esses dias eu tava analisando, na...na... eu faço evangelho no Lar, e a gente analisando a questão do Lázaro, porque que aquele menino chegou naquele ponto, que infância ele teve? Então, nós não estamos aqui pra julgar ninguém, ele fez, claro, tudo que a gente faz a gente tem que pagar por tudo aquilo que a gente fez. Mas as pessoas... hoje a morte está tão banal, as pessoas fazem piada, a gente... que ser humano nos tornamos? Então, eu falei assim 'meu deus, então é através da nossa arte que a gente tem que transformar essas pessoas, é através das nossas histórias'! É quando eu tô lá na minha animação de festas, e eu conto uma história 'não, não é assim, não é matar'. Esses dias até falei uma palavra muito forte, eu tava com muita raiva desse presidente, eu falei 'meu deus', depois pedi perdão, tanta gente morre, por que uma pessoa não vai lá e dá um tiro na cabeça desse cara? Eu disse 'oh meu deus, me perdoe, ninguém tem direito de tirar a vida de ninguém'. Mas é porque a gente fica muito revoltada com o que acontece, porque eu vendo lá da luta do PT, da época do...da... lula... diretas já, e então retrocesso! E... é uma coisa muito preocupante né.

ENTREVISTADORA: Sim, Jô. É falando no Lula. Desculpa, eu te interrompi, éh... tão ruim quanto foram as atitudes do Lázaro, eu avalio me impactavam muito, foi assistir o fogueirão, foi assistir os policiais vibrando, batendo palma [vozes sobrepostas], pulando, se alegrando porque tinham assassinado o Lázaro né, então que sociedade é essa que celebra a morte, né? Que sociedade é essa que cria bandidos né? Então, isso também foi...eu e Verônica conversamos sobre isso, foi extremamente afetante para nós, né. E a gente vê que tudo isso é um reflexo, sobretudo do atual governo que tem encorajado essas posturas de ódio, essas posturas do extermínio, do armamento, do preconceito, da exclusão. Mas...Jô, a gente vai sobreviver, a luta desde o início já, ela não vai morrer, ela não morreu, e a gente precisa sobreviver para de novo celebrar um novo tempo, como nós vivemos né, no governo Lula e governo Dilma, a gente vai, a gente precisa sobreviver pra isso. Pra gente ver de novo um projeto político nacional, de inclusão, de valorização, de respeito. A gente precisa sobreviver pra tudo isso, pra reconstruir!

ENTREVISTADA: E assim, o mal... as pessoas... tudo que acontece, as pessoas querem dizer que o mal é maior do que o bem, e ele não é!

ENTREVISTADORA: Não é!

ENTREVISTADA: É muito mais forte, sabe, a nossa anergia... muita gente orando pelo nosso planeta, muita gente lutando por um planeta melhor, e eu lembrei agora dos crentes ‘não, isso é fim de mundo, Jesus Cristo tá vindo’, ‘gente... fim de mundo é... fim de mundo é uma nova era, é uma mudança’. Eu não acredito que... que vai ter... que Jesus Cristo vem e acaba o mundo, que Jesus não fez o mundo pra acabar sabe. Ele veio para o mundo para essa transformação, de as pessoas do bem e para que a gente tenha uma terra boa, pessoas com projetos bons e que a gente saiba de tudo isso que está acontecendo e que tenha um lugar melhor para cada um de nós, né!

ENTREVISTADORA: Precisamos ter força!

ENTREVISTADA: E nós não podemos perder as nossas esperanças!

ENTREVISTADORA: Sim, sim!

ENTREVISTADA: Isso jamais, a nossa fé de acreditar que nós ainda vamos ver um país melhor.

ENTREVISTADORA: Nós vamos acreditar. E nós temos que... que... que fazer essa frente política, dentro das escolas, é porque falta educação política dentro das escolas, e nós professores somos esses sujeitos éh... de levar essa conscientização dos alunos para dentro da escola né, por mais difícil que seja, não querem que a gente fale, mas é preciso. A nossa voz ela tem que ecoar, lá dentro da escola e só assim isso vai mudar, isso tudo que nós estamos vivendo!

ENTREVISTADA: E parte do professor né, tem professor que ele pode mudar a cabeça do aluno. Se o professor... é incrível que...como, eu digo assim que os alunos né... o professor ele...ele...ele não é... ele tem um poder tão grande, né, que quando o aluno gosta do professor, ele segue aquele professor né. É isso que eu acredito. Graças a Deus a gente tem um grupo muito bom dentro da nossa escola, muito consciente né, do que tá acontecendo. Claro, tem uns que são né... Bolsonaro e isso a gente respeita, mas pelo menos a gente faz... éh... faz aquela pessoa ver que aquilo tá absurdo, tá demais gente, tá demais. Eu não entro em briga, eu não entro em discussões, uma vez eu comecei... fiquei chateada com um cara que ele acabou falando, eu peguei e falei ‘olha, eu não vou entrar em discussão dentro do facebook’, aquilo me magoou muito, era muito ódio, era muito ódio, e aquilo tava fazendo mal pra gente. Então assim, tem a fala do Gandhi que ele diz assim ‘a nossa ira, éh... nós temos que transformar a nossa ira em energias positivas’ né, vamos ter o silêncio, vamos trabalhar esse silêncio e falar na hora que é certo, para que a gente não possa magoar o outro né. E a gente tem muito medo, porque revolução se faz com sangue, e a gente tem muito medo dessa revolução acabar mesmo em sangue, que é o que a gente... é o que nós não queremos! Eu acho que essa pandemia também veio para colocar um amor mais, as pessoas olhar mais para dentro de você mesmo, olhar pro outro sabe, perceber o... o que que nós estamos fazendo, o que que a gente pode fazer pelo nosso

país. Eu não posso também ser tão individualista. Quando eu vi a questão do Lázaro eu me coloquei como mãe, se eu fosse mãe dessa... desse menino? Né, assim, a gente sempre tem que se colocar no lugar do outro para a gente saber a dor do outro né, as vezes as pessoas falam assim... sei que... eu, tipo, não é nossa conversa aqui, mas, isso também nos liberta, quando a gente tá conversando né. Questão dos idosos, as vezes a pessoa cuidando dos idosos... gente, cuidar dos idosos é tão... dá tanto trabalho, ninguém tem que julgar quem tá cuidando, porque olha, eu mesma cheguei num ponto que quando eu cuidava da minha vó eu tava tão cansada, eu dizia ‘senhor, se tiver mais um (1) ano, ou eu vou ou a minha vó’. Que era... é muito cansativo também né, então assim, é questão de doação mesmo, de amor, então sábado agora né, vai ter uma manifestação aqui na praça, eu quero ir pra essa manifestação, pedir a Deus que sensibilize as pessoas também, o povo, que ele abra os olhos, que tem muita gente que tá muito cego, né cara, eu não sei, eu não entendo, parece que nós perdemos a força de lutar, de ir para as ruas, de gritar, a gente tem medo e que a gente possa perder esse medo de ir lutar por um país melhor para os nossos filhos, para uma nova geração, que a gente não fique parado, né, é isso que a gente pede né. Mas é isso, não pode perder a esperança, a gente tem que ser feliz [vozes sobrepostas], passar a nossa energia, né, levar alegria onde as pessoas estão tristes, porque pelos menos na história o pessoal esquece um pouco né, e vem para a história, e entra dentro da história, que é esse o nosso objetivo, dos nossos contadores.

ENTREVISTADORA: É como a Érica disse, a arte nos arrebatava para outra dimensão.

ENTREVISTADA: Verdade!

ENTREVISTADORA: Então tem vamos seguir, a arte é resistência! E é conciliação também, então nós temos a palavra aí na nossa mão, e a gente sabe como fazer né, para conscientizar e para levar esse pensamento conscientizador para as pessoas que a gente tem acesso, né. É preciso dizer! Que lindeza, que bom.

ENTREVISTADORA 2: E fora Bolsonaro, né gente.

ENTREVISTADA: Fora Bolsonaro!

ENTREVISTADORA: Fora Bolsonaro! [riso]

ENTREVISTADORA 2: Jô, um beijo!

ENTREVISTADA: Gratidão!

[ruídos de beijo] [vozes sobrepostas] [agradecimentos- despedida]

ENTREVISTADA: Tô brocada, que tô com fome! [riso] comer sopa!

ENTREVISTADORA: Brigada queridas, brigada!

[ruídos de beijo- agradecimentos conjuntos]

ENTREVISTADA: Muito obrigada gente!

ENTREVISTADORA: Vamos saindo para Érica fechar a sala, né Érica?

ENTREVISTADA: Vamos preparar a história agora [riso].

ENTREVISTADORA: É, beijo, tchau tchau!

ENTREVISTADA: Tchau!

ENTREVISTADORA: Érica, eu não sei não? Tá!

[ruído de cadeira se arrastando]

Entrevista com Karine Melo

ENTREVISTADORA: () ... tudo em paz... graças a Deus... todo mundo com saúde...

ENTREVISTADA: começou...

ENTREVISTADORA: oi Karine... que alegria receber você aqui... essa pessoa que eu acho incrível... amorosa... essa pessoa que sabe bem compartilhar o que sabe... sempre disponível para ajudar... então para mim é um prazer enorme... receber você para essa nossa conversa nesse dia de hoje... quero lhe agradecer muito muito... do fundo do meu coração por você ter aceitado ser participante da minha pesquisa... essa pesquisa que é toda cheia de afeto e amor... é uma

pesquisa linda... porque é uma pesquisa que fala daquilo que eu faço né... que é contar histórias para as crianças... para os adultos... para quem quiser ouvir... ((risos)) então eu estou muito feliz muito obrigada mesmo... eu quero te receber com caféquentinho...

ENTREVISTADA: ((risos)) e eu nem tô podendo tomar mais café... ôô meu Deus... vou ver se eu arrumo um chá...

ENTREVISTADORA: ((inaudível)) ... esse café e uma água agora... aqui... pronto... é água... ((risos))

ENTREVISTADA: pois é... Verônica... eu agradeço muito o seu convite... e... é... me causou assim/ um sentimento assim de/ que eu nunca tinha sentido na vida... que foi de me reconhecer como contadora né... de alguém reconhecer que eu sou contadora de histórias... e você foi a primeira pessoa que disse isso para mim... e que falou e me fez refletir né... sobre toda minha trajetória e desde aquele dia do seu convite... eu me peguei pensando sobre isso né... e sobre muitas vezes nós mesmos não reconhecermos o nosso papel e/ e isso me fez pensar bastante... e eu queria assim... agradecer... porque você já/ já fez um convite para mim... em duas situações... para contar histórias com você... mas eu não chego aos seus pés... meu Deus do céu... se um dia eu chegar... pelo menos ao seu dedinho mindinho... já é muita coisa... mas eu simplesmente... eu acho que eu brinco... eu mais sou uma educadora... uma pedagoga e eu brinco de contar histórias... do que realmente assim... me reconheço como contadora né... eu acho que é uma forma de brincar... de/ de/ de colocar para fora esse lado criança né... que eu acho que todo mundo tem e com muita vergonha de expor e eu me encanto muito com histórias infantis... e ainda por ser mãe... e mãe de pequenos... faz parte da minha rotina... e por ter seguido... trilhado esse caminho da pedagogia... e ser alfabetizadora né... isso fez com que eu me tornasse né... as histórias me escolhessem... na verdade... não/ não quis então na contadora eu acho que eu fui/ eu tive que me tornar... era uma obrigação eu ter que encantar as crianças... eu ter que arrumar artifícios para fazer elas prestar atenção... então assim... alfabetizar... meu Deus... como é difícil... e foi o único recurso que eu achei que eu tinha... eu já tinha esse dom... eu acho que é uma forma de comunicação com criança que veio de pequenininha né... das igrejas... e isso tava em mim... e eu achei nesse artifício uma forma de trabalhar alfabetização... então... surgiu com isso na questão mesmo da minha carreira mesmo de professora... que começa aí aos dezoito anos... e começou/ comecei a contar histórias para crianças... não foi para adultos... nem para adolescentes... foi para os pequeninhos mesmo... e à medida que foi passando o tempo... na igreja também acabei tendo mais/ me sentido mais à vontade né... para contar histórias para participar das salinhas de evangelização... na igreja que eu frequentava... então assim... eu sempre tava a frente ajudando a nossa congregação dentro das salinhas infantis... então isso foi algo tão natural que eu não percebi... foi construído com o tempo sabe... Verônica... e eu nunca me nomeei contadora de histórias... eu sempre recebia convite das amigas... nas escolas que eu passei... mas eu não me enxergava assim... eu acho que foi/ foi isso sabe... você é que fez eu perceber e tal que talvez eu seja mesmo uma contadora... ((risos))

ENTREVISTADORA: que bom... você é uma contadora de histórias muito potente Karine... muito potente mesmo... ee:: interessante você falar da contação de histórias como brincar né... e contação de histórias é isso mesmo né... precisa ser realizada dessa forma... em forma de brincadeira... em forma de encanto... em forma de aconchego... de acolhida né... de afeto... e eu penso que isso você faz muitíssimo bem... e falando isso/ levando a contação de histórias para dentro da sala de aula... porque foi isso que você fez né... qual era a sua turma? qual era a série da sua turma?

ENTREVISTADA: eu/ eu dei aula... Verônica... a partir do maternal... comecei no maternal... jardim... jardim um... jardim dois... primeiro ano... segundo... terceiro... quinto ano... eu dei aula em todas as turmas... ((risos)) em todas... e todas as turmas eu passei... dos pequeninhos maternal... até os meninos que concluíam os anos iniciais... eu passei por todas as turmas...

ENTREVISTADORA: Karine... e o quê que você percebia... assim quando você contava

história... como é que os alunos recebiam? como era a recepção dos alunos? quando você contava história na sala de aula... e em que situação você inseria? como é que era essa metodologia? ((inaudível))

ENTREVISTADA: Verônica... quando eu comecei a trabalhar... que foi com/ justamente com maternal... que foi a minha primeira turma... as crianças... elas sentiram muito... ééé::: aí... eu acho que era um trauma... era uma quebra de vínculo... era o primeiro aninho na escola... então elas chegavam muito tristes... choravam muito quando o pai deixava... era/ era uma luta... então assim... as primeiras semanas eram de ajuste... adaptação... e essas crianças sofriam... eu via um sofrimento... né? de separação... muitas vezes porque era primeiro contato com outra pessoa né... de fora... então a escola me fez enxergar isso... que eu precisava arrumar mecanismos para acolher os pequenininhos né... recepcioná-los... fazer com que a turma sala fosse mágica... então... as histórias elas/ elas começaram já na chegada... então eu usava sempre de um artifício assim do mundo imaginário né... delas... um personagem... então eu sempre utilizava... urso... algum personagem que fosse... assim... criar um vínculo com elas... então no maternal... eu contava histórias utilizando os mascotes né... a gente tinha os mascotes da turma que eram ursinhos e fantoches... então... na chegada... todos os dias... eu pedia que a mãezinha sempre chegasse dez minutinhos antes... e sentar-se um pouquinho... e antes de sair eles ficassem pelo menos esses dez minutos ali... tendo contato com esse lado da leitura... dos fantoches... daquele/ daquele mundo/ daquele universo de fantasia que a gente ia criar logo mais né... então assim... as crianças elas/ eu contava história sempre no acolhimento... sempre no momento inicial da chegada deles... era um momento só de histórias... era um momento de contar... imaginar... conversar... e aí eles começaram a se sentir mais à vontade comigo... contando... falando né... com muita dificuldade... porque eles tinham dois... três aninhos né... mas eles já começaram a falar o que tinha acontecido... e conta né... faziam relações de relação as histórias que eu contava para eles... mas sempre histórias assim... fábulas... histórias - eram escola evangélica... - então a gente contava histórias também da Bíblia... e todos os dias a gente tinha esse ritual... de começar a aula com esse acolhimento... fazendo a roda de leitura no cantinho da leitura onde eles tinham os livrinhos alcance deles... e também os mascotes... então cada dia uma criança ficava com um mascote... essa era uma técnica né... pra ir quebrando o gelo... cada dia um ficava com seu mascotezinho... e aí ele tinha que... naquele dia falar alguma coisa ou tentar contar uma história... eu dava voz para eles também... então cada dia tinha um que era o dia do mascote... então assim... eles acabavam participando comigo das histórias... e isso foi encantando eles sabe... eu fui percebendo que eu comecei a cativá-los... mais... e eles gostavam demais de mim... e foi muito rápido a adaptação... inclusive a diretora da escola disse que ela nunca viu uma turminha que se adaptou tão rápido né... que acabou o choro tão rápido... mas foi para o meio da história... eu fiquei nessa escola por um anos né... foi o período em que eu tive que sair de lá porque a escola foi cedida pelo município então a gente não tinha mais vínculo... né... não tinha mais como manter... e assim... foi/ foi assim um desapego difícil... porque essas crianças... meu Deus... eu tava apaixonada... e elas por mim... porque a gente criou um vínculo muito grande... inclusive com as famílias... eu sei que tudo isso se deve também a questão das histórias... da contação de história... da acolhida... então e começou assim... era Escola Alegria do Saber... ficava lá no setor Dom Orione... não sei se você conheceu... era da dona Aparecida... é bem antiga era bem conhecida antigamente é uma escola muito boa...

ENTREVISTADORA: era da rede particular?

ENTREVISTADA: rede particular... foi minha primeira experiência com escola ... eu tinha entrado no curso de pedagogia... eu queria ter né... esse contato já de imediato... para saber se de fato eu tinha né... o jeito... se eu levava jeito... e aí me deram uma turma... e já me colocaram foi como professora... e dos pequenininhos... a maior responsabilidade do mundo... ((risos)) foi assim uma grande aprendizagem para mim... e aí isso nunca mais deixou sabe... quando eu fui trabalhar... que eu terminei a faculdade... que eu já tava no município... que eu fui trabalhar com

alfabetização... meus/ meus meninos foram escolhidos a dedo né... foi a turma que sobrou... que falaram isso para mim na escola quando eu cheguei... "ninguém quer aqueles meninos"... foi o pior/ a pior turma de alfabetização que nós já tivemos aqui e aí me entregaram eles lá no primeiro aninho...

ENTREVISTADORA: quando foi esse... Karine?

ENTREVISTADA: foi em dois mil e dez... ((risos)) dois mil e dez... e aí disseram para mim... "olha essa turma aqui é pior da escola sobrou para ti"... e aí eu tava né... de resguardo e tudo... o Heitor tinha dois meses... quando eu assumi essa turma... eu tive que trabalhar né... mesmo assim... estando com meu bebê recém-nascido... eu não podia deixar o concurso né... e aí Verônica... eu sei que essa turma... assim... me surpreendeu... porque eu apliquei a mesma técnica que eu apliquei com os pequenininhos... e eu conseguia... éé::: aquela em impaciência... agitação... de início que eles chegavam... aquele momento que a criança chega que quer às vezes mostrar força em cima professor... me envia pequenininha... miudinha com carinho de novinha... isso foi quebrando aos poucos... e de repente eu tinha conquistado a turma também... por meio das histórias... por meio desses jeito que eu digo de investir... sabe eu nunca pensei que fosse um tempo perdido... e aí todos os dias eu chegava eles diziam "que história que vai ser hoje?" e aí eu tinha também/ eu também tenho uma facilidade com desenho... então assim... as histórias... à medida que eu ia contando... eu já ia desenhando... eu ia fazendo aquele universo de desenhos... e de personagens que já iam surgindo... então muitas vezes saíram histórias espontâneas... da minha cabeça mesmo... para tentar fazer com que eles percebessem alguma coisa né... de valores... alguma coisa para eles realmente mudar em comportamentos e as atitudes deles... então assim... eu não tinha uma história... um personagem... ou um autor específico... as histórias saíam... fluíam da cabeça...

ENTREVISTADORA: legal... e essa primeira é do primeiro ano essa que você ()?

ENTREVISTADA: era... primeiro aninho... era... e eu só consegui ter sucesso nessa turma... Verônica... graças ao acolhimento por meio da leitura que eu fazia no início na contação de histórias... ééé::: todas as escolas fazem a corrida né... fazem uma oração... muitas escolas fazem um momento de cantar uma musiquinha... mas eu achava que só isso não era o suficiente... eu precisava investir na leitura mesmo... na contação de histórias... muitas vezes eu contava a história de um livro... mas a maior parte dela sair daqui ó... saia daqui... ((risos)) então eu contava e eu acho que saia até melhor... e aí eles ficavam assim sabe... de olhinhos brilhando... e eu sei que esse universo de criança de seis anos... sete anos... é propício... é um terreno fértil... para você botar a imaginação para funcionar... então eu inventava musiquinhas com eles... as músicas eu gostava de criar... e a sala era o mais enfeitada possível... no dia do meu planejamento eu sempre trazia algo novo para eles... para ilustrar... para trazer um personagem diferente para aquela semana com temática de alguma aula... então assim... no dia que eu chegava do planejamento eles já diziam... "o quê que vai ter amanhã? tia... que que a senhora tá trazendo de novo?" então... investir nesses artifícios de ludicidade na/ em cartazes... na própria questão mesmo da leitura me ajudava muito com eles... atrasei a questão mesmo da leitura da escrita então foi/ foi maravilhoso e daí né... passei dois anos nessa escola... me deram sempre essas turminhas de alfabetização... e depois eu tive que deixar o município para ir para o estado né... eu tive que deixar o município para assumir no estado... né... eu fui chamada no estado e fui trabalhar lá no lugar aonde a contação de histórias reina né... no André Luiz... então assim... em dois mil e treze... eu fui chamada no estado/ dois mil e doze ... na verdade... é dois mil e treze... não... dois mil e treze... dois mil e treze eu fui trabalhar no André Luiz... também com alfabetização e lá foram/ foram assim... três anos de projeto de leitura... lá a gente realmente vivência o que é leitura... lá os estudantes desde pequenininho... nós temos o acolhimento diário... em todas as turmas... então é um projeto da escola... não era só a minha turma que tinha essa prática... então não era diferente... quando eu cheguei eu me ajustei/ eu/ eu me achei... porque na escola que eu tinha saído né... nas escolas que eu tinha passado... eu que era

diferente... eu era vista assim/ que eu gastava um tempo a mais com a leitura... às vezes até era mal vista sabe... Verônica... e isso já chegou... e eu já cheguei até a ser chamada... inclusive... coloca isso daí... já me chamaram para perguntar se não tava atrapalhando... se não tava gastando tempo demais com aquela acolhida... que podia ser curtinha né... minha acolhida... e aí aquilo me incomodava... eu falava assim... "não... pois para mim não... não tá/ não tô investindo tempo demais não... tô investindo um tempo necessário..." eu sei que lá no André Luiz é uma escola que me fez assim crescer muito... os professores lá... todos trabalham com contação de história... nós fazíamos momentos lúdicos a cada quinzena com eles... fazíamos rodas de leitura variadas... de toda forma possível... então eu me fantasiava... as minhas colegas se fantasiavam... e de tudo nesse mundo a gente já fez... de contar história né... de todo tipo de temas... né... nós já fizemos e lá eu fiquei três anos com a mesma turma... então era/ foi difícil até sair da escola... porque com essa turminha aí eles se adaptaram... acostumaram com o meu jeito de ser... todo dia... Verônica... virou assim uma coisa que se eu não contasse história... se chegasse e por acaso eu esquecesse... naquele dia... eles falavam... "professora... para... cadê nossa história?" aí eu me () e dizia "meu Deus... eu não preparei nada para hoje meu pai agora..." e aí tinha que sair uma história... aí alguma coisa tinha acontecido no mundo... ou na cidade... que a gente começava falar e vinha história... e a maior parte delas era assim...

ENTREVISTADORA: a história para você então... você sentiu que ela contribuiu para a formação leitora dos alunos ()?

ENTREVISTADA: Verônica... contribuiu... porque os estudantes eles/ eles se deitavam... eles se debruçavam no chão... no cantinho da leitura... eu vou até te mostrar uma imagem... gente eu preciso te mostrar... a minha sala ela/ ela meio que contava histórias né... então cada cantinho da sala... tinha uma história... né... um símbolo... tinha uma/ uma/ uma história por trás... então assim... a minha sala de aula tinha um tapete... tinha os armáriozinhos e recheado de livros... eu pedia livros... onde eu ia eu pedia livros né... pedia doação... pedia para meus irmãos... pedia/ se eu ia na igreja eu trazia alguns lá... a escola disponibilizavam para alfabetização as caixas de livros do plano nacional de leitura... mas não era suficiente né... tinha um por aluno... então eu vivia atrás de livro... para recheiar essa turminha de livros para eles terem acesso... então muitas vezes eles queriam terminar mais rápido a tarefa... ou a atividade... para correr para o cantinho da leitura... Verônica... então o processo de leitura... de aquisição da leitura... lá na alfabetização ele acontecia natural... e eu percebia que meus estudantes que hoje ainda estão lá... eu percebo até hoje... os que estão são leitores... de fato... eles amam a leitura... e nessa escola eu também utilizava o recurso do mascote... onde todos os dias os estudantes levavam um livro para casa... mas a cada dia um levava um mascote... eles tinham a tarefa de contar história para a família... então aí a gente já mudou um pouco... e a mãe... a família... naquele dia que a criança estava com o mascote... ele precisava reunir a família e contar a história do livro que ele levou... então... automaticamente... a família também se envolvia nesse processo sabe... e isso foi muito importante para mim... assim... como/ como professora... como um ser humano... isso me fez crescer muito...

ENTREVISTADORA: que incrível essa experiência... heim Karine...

ENTREVISTADA: é por isso que eu te falei... a minha história com histórias... assim... com contação de história ela caminha junto com a minha prática de sala de aula... a minha vivência né... eu não conseguiria fazer o meu trabalho se eu não tivesse atrelada a contação de histórias... ao projeto de leitura que a gente desenvolvia não... tenho certeza disso... fez toda a diferença na minha vida...

ENTREVISTADORA: que coisa boa...

ENTREVISTADA: é...

ENTREVISTADORA: ee:: Karine... você falou que todo mundo achava você muito jovem né... e até hoje todo mundo te acha muito jovem... para tá frente desse trabalho que você faz... né... na Diretoria Regional da Educação... e eu queria te perguntar... quantos anos você tem?

que dia e mês você nasceu? e qual é o seu nome completo? e depois você nos conta de onde você veio né...

ENTREVISTADA: tá... eu... então eu me chamo Karine... Karine Moreira Melo Souza... e eu nasci em Colinas... sou filha de motorista né... meu pai é caminhoneiro... e minha mãe é professora... mas minha mãe até os meus doze anos... minha mãe era dona de casa... minha mãe veio estudar né... já depois de dos filhos crescidos... minha mãe também foi/ fez pedagogia... minha mãe fez pedagogia assim como eu... e foi professora na rede municipal por muito tempo... então minha mãe sempre me carregava com ela... para escola... porque eu sou a caçula né... filha/ somos três irmãos... e minha mãe sempre me levava junto com ela... tanto para o magistério quando ela estudava quanto para a escola quando ela começou a trabalhar... Verônica... então assim... eu até digo... "mãe a senhora foi a culpada né"... ((risos)) a minha mãe foi a culpada de ter causado isso em mim... né... de gostar da educação... de gostar de ensinar... de gostar tanto de crianças... de gostar desse mundo né... de alfabetização... foi minha mãe que injetou aí o bichinho... vermezinho... quem vai à escola não tem jeito não... Verônica... de não se apaixonar sabe...

ENTREVISTADORA: é verdade... então essa/ a sua infância... como é que foi a sua infância? conta um pouquinho como é que foi a sua infância para nós... e se/ como essa infância é sua... se ela também tem interferência... se ela contribuiu também para essa contadora de histórias que você se formou...

ENTREVISTADA: então... éé::

ENTREVISTADORA: () ... como é que foi a sua infância suas brincadeiras como foi? como foi a Karine na infância?

ENTREVISTADA: Verônica... eu sou né... a caçula... de três irmãos... e a minha mãe sempre foi muito presente... porque o meu pai sempre viajou muito né... caminhoneiro... e meu pai ficava as vezes um dia na semana em casa... e o restante nas estradas... então minha mãe sempre foi muito presente... e/ e ela foi a pessoa responsável por me alfabetizar né... eu cheguei na escola já alfabetizada... aos cinco anos... porque minha mãe estimulava de casa... minha mãe sempre foi muito presente... minha mãe sempre gostou de ensinar... de contar a história também... minha mãe sempre foi/ éé::: minha mãe é uma excelente pedagoga... alfabetizadora... de mão cheia então... minha mãe é meu maior espelho... é a pessoa que mais me inspirou assim na vida... a ser professora... a gostar de alfabetizar... quando eu iniciei minha trajetória na alfabetização.. minha mãe trabalhava na mesma escola que eu... então assim... ela trabalhava numa turma e ela via a minha angústia... de ser a primeira vez na alfabetização... quando foi no município né... porque até então eu tava só os pequeninhos né... da educação infantil... mas na alfabetização foi minha mãe que me deu assim... ó... aquela força para que eu continuasse e não desistisse... porque muitas vezes eu quis desistir acho que atrelou a questão da maternidade recente... né... eu fui mãe aos vinte e um anos... e ao mesmo tempo que eu passei no concurso da prefeitura... então eu não tive licença-maternidade... eu tive que trabalhar... então eu não tive o período de puerpério né... de ter meu filho... de descanso... de ter o tempo de amamentar... então eu levava o meu filho para a escola... e minha mãe era quem tava lá junto... segurando o barco junto comigo né... e todos da escola me abraçaram muito nessa época... porque essa minha/ essa época foi bem difícil para mim... porque eu tô tava sozinha né... fui uma mãe-solo início... e foi muito difícil... se eu não tivesse o apoio da escola... e de todos que trabalhavam lá... dos meninos... eles quando souberam que eu tinha um bebezinho... aquela turma difícil... acho que o coração dele já amoleceu... já derreteu... então assim... já teve muitas vezes em que eu não tinha com quem deixar... e tinha que levar para sala e ele ficava lá no carrinho... e os meninos vão faziam um pio... porque tinham medo de fazer barulho e ele acordar... então a minha trajetória foi assim na educação foi educação... foi... ((risos))

ENTREVISTADORA: e o Heitor junto... né?

ENTREVISTADA: e o Heitor junto... então assim... hoje eles me veem na rua... e outro dia até

a menina... ela cantou uma música para nós no evento... uma delas... a Cristina... ela/ a Vitória lá do Adolfo... fez uma abertura para a gente naquele dia numa reunião... ela foi minha aluna... eu alfabetizei ela... ensinei a ler e escrever... aos seis aninhos... então ela diz... tia Karine... eu nunca vou esquecer da senhora... a senhora foi a melhor professora da minha vida"... e eu sei que tudo se deve a isso... não é mérito meu assim... eu não sou melhor alfabetizadora... eu acho que tem muito professor que consegue alfabetizar melhor... eu não consegui desenvolver muitas técnicas que eu poderia... né... desenvolver ao longo do tempo... mas eu sei que eu cativei... eu sei que eu fiz a diferença de algum/ de certo modo na vida deles... porque até hoje eles me reconhece onde eu vou... e falam comigo e... eu sei que assim Verônica... e assim meu pai... assim lembrando aqui falando um pouco do meu pai... o meu pai ele/ ele é contador de história também viu... e eu falo que a minha mãe ali me inspira na parte também da escolha da educação né... como profissão... mas meu pai ele é conhecido assim pelas histórias fabulosas que lhe conta... do nada... meu pai é contador nato de histórias... e ele inventa do nada... uma situação nada a ver... simples... meu pai faz uma piada... uma comédia... faz centenas de pessoas rirem... e ele... é... de verdade... ele é um comediante... meu pai daria um ótimo comediante... sério... perderam/ a Praça é nossa perdeu... meu pai... assim é encantador... é uma pessoa iluminada... ele conta histórias pra família... nas reuniões de família é meu pai que faz a graça.. é ele... quem centraliza o foco ali... a atenção de todo mundo... todo mundo quer tá ao redor... e ele é o contador de histórias do povo... e eu sinto muito orgulho... [

ENTREVISTADORA: que maravilha...

ENTREVISTADA: ... de tê-lo como pai também... porque assim... eu tive dos dois lados né... minha mãe alfabetizadora... pedagoga... e o meu pai de ser essa pessoa espontânea e contador de histórias... e eu acho que ele também tem a raizinha lá no meu vô né... que o meu vô... que é pai dele... que já faleceu... meu vô José... era poeta... meu vô era da roça... chucro... teve pouco estudo... mas meu vô fazia poesias e poemas que... você jura que Carlos Drummond... e qualquer outro poeta que existe no Brasil... perde feio... perde feio... eu já até te mostrei uma vez um trecho de um/ um trecho sobre a família... lembra? que eu te falei... "família é punho de rede... é água para quem tem sede..." lembra?

ENTREVISTADORA: Karine... só um minutinho... eu acho que tá travando... será se aí ou é aqui pra mim...

ENTREVISTADA: eu acho que foi pra você aí...

ENTREVISTADORA: então só um minuto por favor... vou pedir pra Vitória aqui um negócio... tá? é rapidinho... - ôôô Vic... - eu acho que é porque ela fecha a porta do quarto e fica lá... né... o computador... mas eu queria ouvir isso que você falou...

ENTREVISTADA: olha aí tá vendo que às vezes a gente vai achando a raiz da nossa história lá nos avós... né? é muito...

ENTREVISTADORA: justamente... ()... quem mais contava histórias?

ENTREVISTADA: e assim... o meu vô ele foi poeta... e o meu avô contava que/ ele contava histórias... em... naqueles eventos que eles tinham de eu não sei o nome mais...

ENTREVISTADORA: a reza...

ENTREVISTADA: é... que eram da roça mesmo... onde tinham... ai Jesus como é que é o nome... CATIRA... eles dançavam catira... e eles faziam como se fosse um/ uma/ ai meu Deus... como os nordestinos fazem... Verônica... eu esqueci... os repentés né... onde eles vão contando e recitando e cantando ao mesmo tempo... então... meu vô ele era muito inteligente... e tinha pouco estudo... e ele tem um livro para ser lançado... só que póstumo né... porque ele faleceu antes de ter tido essa oportunidade de/ de lançar o livro dele... e ele tá todo digitalizado... então assim são histórias cativantes... assim emocionantes... que ele coloca dentro de um papel em poemas... é lindo... lindo de se ver...

ENTREVISTADORA: eu gostei... eu quero conhecer... eu quero conhecer esse material dele... tem que publicar Karine...

ENTREVISTADA: eu vou te mandar... eu vou te mandar um dia... eu vou te mandar os arquivos digitais... para você ver como são lindas as poesias dele... e fala de tanta coisa... de tantas coisas que a gente hoje vê que são claras e que naquele tempo... eu digo... "meu Deus... meu vô sem acesso nenhum a tecnologia já enxergava esse tipo de situação né... política... do mundo... de vida... da família... imagina se não tivesse te dar acesso..." né... a tudo que eu tenho hoje... muitas vezes a gente nem valoriza né... e tudo não óh... na caneta... ele fez tudo manuscrito... ele tinha os cadernos dele... e minhas tias é que fizeram a edição... né... passaram/ pediram a uma pessoa qualificada para fazer a reprodução... do jeito que ele escrevia... né... com aquela caligrafia errada... as palavras... a forma que ele entendia que era o certo... a gente pediu que fosse feito... né... transcrito... da mesma forma que ele escrevia...

ENTREVISTADORA: pois é... e era contador de histórias... né? para a gente ver que a história ela não depende de alguém que é letrado e que estudou na escola... regularmente... no caso do seu avô... deixou esse presente para vocês... né?

ENTREVISTADA: deixou...

ENTREVISTADORA: lamento também... né? pela partida dele... sempre/ não tem como não ficar emocionado e como não sentir... né... Karine... mas ele deixa essa presença tão forte para vocês... um homem tão nobre... tão criativo... né... como você disse... um homem sertanejo... né... e que conseguia ser tão criativo... né... e tão atuante... e tão sensível... né... aprender contação de histórias ouvindo o avô... é algo muito importante... sua mãe também é uma mulher potente... heim... Karine... que mulher incrível na sua vida... né?

ENTREVISTADA: é...

ENTREVISTADORA: e vir aí ser professora junto com você... e também foi quem/ também/ contadora de histórias também... né? (...) isso é muito rico... então o seu pai né... embora ausente fisicamente... por causa do trabalho... mas veja que homem... que pai super presente né...

ENTREVISTADA: eu tenho muito orgulho dele... é lindo de ver os sobrinhos dizerem assim... o melhor tio aquele que alegra todo mundo... não tem como ficar triste onde ele tá... fazem questão de levar ele para qualquer lugar... assim... a família... "ah... vamos para o Araguaia... não... mas tem que levar o Aldo... tem que levar ele... se for não tem a mesma graça... então meu pai sempre tá no meio... a gente pode não estar... mas meu pai tem que tá... então ele tem que levar meu pai para qualquer lugar... é confraternização de família... tem que tá junto... meu pai tem que estar no meio... então assim todo mundo fala que não é igual quando ele não tá... é lindo...

ENTREVISTADORA: que bom...

ENTREVISTADA: e eu não sei eu não me considerava contadora de histórias... e eu acho que isso... éé: você me fez pensar muito nisso... assim... na minha história... daquele dia para cá eu fiquei pensando... "gente como que eu tenho coragem de fazer algo assim?" sabe... é tão/ para algumas pessoas é tão pequenininho... mas para mim é um desdobramento tão grande... porque às vezes antes de contar uma história eu fico horas e horas e horas imaginando... e depois que eu conto aquela história... imagino... "nossa... mas eu podia ter falado isso... isso..." então são processos assim tão complexos que acontecem para quem conta... e é tão tanto tempo investido... é tanta dedicação envolvida que a gente não se dá o devido valor sabe Verônica ...

ENTREVISTADORA: sim...

ENTREVISTADA: às vezes... quando alguém me chamava para contar história eu nem dormia... eu passava uma noite... duas noites sem dormir... só repassando a história aqui oh... na frente do espelho... ((risos))

ENTREVISTADORA: é assim mesmo... tem esse processo... e toda vez que a gente vai contar uma história... sempre tem uma emoção diferente... e sempre dá frio na barriga... eu às vezes eu não entendia isso... eu falava "poxa... como é que eu vou contar uma história... eu já sou acostumada a contar... porque eu tenho que ficar esfriando a barriga ainda?" mas é porque isso faz parte dessa sensação... dessa emoção que a história... traz para nós né... e aí é forte mesmo

contar a história... é bonito... né... é contagiante... e Karine dessas histórias que você conta... da sua infância... o que mais te marcou... assim... uma coisa que você fala... "poxa... eu lembro disso assim... assim... isso marcou muito a minha infância..." (...) me marca muito também... fala um pouquinho disso... fala um pouquinho para nós sobre isso...

ENTREVISTADA: Verônica... das histórias assim que eu conto... a que eu tenho assim muito prazer em contar... porque eu ouvi né... uma contadora de histórias... certa vez contando essa história... e eu estava presente nesse dia... e eu via os olhinhos brilhando na plateia... as crianças da escola que eu trabalhava encantadas... e assim... eu falei... a partir desse dia eu vou contar essa história... então é uma história/ aquela que eu acho que você já até ouviu contando do (Max Lucado)... Você é especial... e assim as nossas...

ENTREVISTADORA: qual que é a história?

ENTREVISTADA: Do Max (Lucado)... Você é especial... e é uma história né... que eu conheci a partir de uma colega minha... numa contação de histórias que aconteceu na escola... uma vez né... Ana Flávia... ela/ ela é contadora de histórias na igreja... e ela anda aí vários lugares... ela sai dando cursos ela é uma pessoa maravilhosa... e ela me injetou esse verminho também aí... e a coragem da história... porque precisa de ter coragem... quebrar a barreira aí dá vergonha... dá timidez... e também do jeito de falar... porque quando você fala com crianças... você precisa ter preparo... você precisa ter um cuidado maior... você precisa se acostumar com a linguagem deles... saber o que cativa... então assim você precisa se preparar de fato... não pode/ eu/ por isso que eu considero isso assim como um ato que eu não me sinto nem no mérito de ser chamada assim... porque eu acho que é um dobramento tão grande para quem conta... e essa história ela me cativou... e depois disso eu comecei a contar... e eu acho que em todas as escolas por onde eu passei contando essa história... as crianças elas saíram felizes e contagiadas com a emoção da história... com a história do Marcinelo né... com a história daquele bonequinho que se achava inferior a todos que achava que não tinha valor... então a nossa sociedade ela julga muito... ela nos coloca tantos rótulos... que eu acho que é importante que você trabalhar também esses valores... quando você é contador né... de história... você sempre trabalhar histórias que que trazem um sentimento... que trazem uma bagagem... um ensinamento e eu/ essa história que eu mais gosto... desde que eu ouvi a primeira vez... há mais de dez anos atrás... eu gosto de contar e ela tá aqui... faz parte do meu repertório já fiz várias estratégias... já usei cartolina... já usei fantoche para contar... já contei com um chamex né... eu fazia o bonequinho... e como eu falei... eu gosto de desenhar também... então muitas vezes eu ia contando história e eu desenho essa vila... onde eles moravam... a (...) então eu desenhava a vila enquanto contava essa história... fazia um painel ilustrado... eu já contei essa história de várias formas... e toda vez que eu conto sempre surge algo diferente... a história muda um pouquinho... ela nunca se torna igual... eu até peço perdão né... para o autor da história... mas a gente sempre coloca um pouquinho da nossa personalidade nas histórias que a gente conta e reconta né...

ENTREVISTADORA: é verdade... Karine... e você assim... me conta um pouco sobre a sua experiência... assim... ééé:: que livros que você tem lido... como é que você faz para escolher as suas histórias e quem é que você mais lê... quem são esses autores que você procura ler pra contar essas histórias.. e como/ e como é que você escolhe essas histórias... né?

ENTREVISTADA: eu gosto muito... Verônica... do Varal de histórias... eu não sei se você já viu o canal... assim... hoje em dia a gente tem disponível... né? então assim... o YouTube é uma ferramenta que todo mundo tem nas mãos... então eu gosto de acompanhar/ eu sigo a Jussara (...) né... (...) ela é dona do canal Varal de histórias... e muitas das histórias que eu já contei e que eu ainda conto... eu conto... porque eu conheci esse canal... e ela também tem um site... onde ela disponibiliza né... muitos materiais para quem é contador de história né... então assim... apesar de que eu gosto de desenhar... gosto de criar né... o material às vezes para contar história... mas ela disponibiliza muitas ferramentas para quem gosta de contar histórias... na/ no Facebook dela... no Pinterest... em alguns lugares onde ela divulga... sabe... eu também gosto

de ler fábulas... por ter filho pequeno... então a gente sempre tá adquirindo livros... e outros livros também... hoje mesmo eu tava aqui com esse na mão... com o Davi... que é uma releitura da Branca de Neve... olha... Maria de Fátima Gonçalves Lima... é um livro... assim... que não é tão conhecido sabe Verônica... mas é um livro/ e são vários... eu sempre tenho/ tem um outro livro nas mãos de criança... por ter filho pequeno e também porque ajuda né... a gente criar uma inspiração... então esse livro aqui é uma releitura do clássico... então eu não gosto de ficar só nos que as crianças já conhecem... eu gosto de releitura...

ENTREVISTADORA: como é o nome dele?

ENTREVISTADA: esse aqui é O castelo de Branca de Neve...

ENTREVISTADORA: é da Maria de Fátima o que?

ENTREVISTADA: Maria de Fátima Gonçalves Lima... as ilustrações dele são/ são maravilhosas... são feitas por crianças... sabe... são feitas por crianças sabe... eu acho lindo... livros assim onde você vê que tem/ tem um sentido... ele foi feito para criança mesmo... até os desenhos são de criança... então ele é perfeito... olha aqui os personagens como que são... não sei se dá para você enxergar... mas são desenhos que a criança mesmo faz...

ENTREVISTADORA: que lindo... muito perfeito esse livro... eu vou comprar esse livro...

ENTREVISTADA: ele é lindo... e assim tem várias/ tem várias histórias... tem/ também tem uma que eu gosto/ já contei muitas vezes... porque é a releitura... também... de uma história conhecida... que é a verdadeira história/ a verdadeira história dos três porquinhos... eu não sei se vocês já teve acesso...

ENTREVISTADORA: não... ()... não...

ENTREVISTADA: menina... eu já contei essa história em tantos lugares... deixa eu ver aqui se não tenho acesso ao nome do autor... porque eu esqueci o nome do autor... esse aqui eu vou ficar devendo... já li tantas vezes... os meus filhos [

ENTREVISTADORA: [é uma... é uma história diferente... sobre os três porquinhos?

ENTREVISTADA: isso... aham ((afirmação))... ela é totalmente/ é uma releitura do clássico contando a versão do lobo mau... que nunca ninguém perguntou a versão dele... eu já fiz essa contação de histórias com o Heitor vestido de lobinho... ele tinha acho que uns quatro aninhos... e ele/ ele ensaiou junto comigo... então muitas vezes que eu já contei história eu coloquei o Heitor no meio... e nessa época ele contou essa história comigo... deixa eu ver se eu acho ele aqui... para te passar a referência dele... eu esqueci... ele tá ali no meio das histórias... deixa eu ver se eu acho ele aqui... nossa... eu/ é um livro assim muito bom de ler... gostoso... divertido... aí... eu não vou saber falar o nome... ele não é do Brasil... e o nome dele é John ()... e ele foi traduzido pelo Pedro Maia Soares... mas ele é/ ele não é do Brasil... ele é um livro de fora... que foi adaptado... mas é ótimo...

ENTREVISTADORA: vou ler também...

ENTREVISTADA: o lobo se chama Alex... incrível... o lobo se chama Alex... viu....

ENTREVISTADORA: ((risos)) muito legal eu já eu já ouvi falar sobre essa história do/ [

ENTREVISTADA: [conta ela... é muito divertido contar essa história... porque as crianças elas escutam as fábulas de jeito normal... onde as coisas acontecem e você fica se perguntando... como adulto... "mas isso é normal mesmo?" as fábulas sempre tem um sentido assim... "mas gente... isso foi injusto"... né... é bom... eu gosto dessas releituras que trazem a outra a outra versão... o outro lado... para aguçar na criança esse lado também... mas será que... podia ser diferente...

ENTREVISTADORA: faz a criança pensar... né... porque a gente precisa... realmente... contar história também né... eu penso... e deixar... deixar a criança pensar sobre a história... o que que ela vai sentir sobre a história né... esses dias eu contei uma história numa festa aniversário... as crianças eram de quatro a cinco anos... crianças pequenas né... e eu levei o Pinóquio... fui contar a história do Pinóquio... e aí contei de uma forma rápida... porque a concentração deles é rapidinha né... eu sei que naquele momento que o Pinóquio vai para escola... e que ele ao invés

de voltar para casa... ele vai para o circo assistir né... o espetáculo no circo... o pai dele passa a procurá-lo né... e eu comecei... falei para as crianças "vamos chamar... gente... o Pinóquio... vamos ajudar o pai do Pinóquio a encontrá-lo... vamos?" aí eu comecei... "Pinó:::quio... Pinó:::quio..." e eu acho que eu coloquei muito drama nisso tudo... e as crianças também começaram e eu... "gente.. tá muito baixo... vamos chamar mais alto para ver se ele escuta e volta para o pai dele... Pinó:::quio.. Pinó:::quio... Karine... quando eu vi... tinha uma criança chorando... chorando tanto... tanto... tanto... e a Vitória... minha filha... tava tocando violão né... me ajudando fazendo ali no fundo musical... aí a Vitória agachou e perguntou para ela... "o que você está sentindo? o que foi? o que você está sentindo?" aí ela apontou para o livro né... ()... mostrou assim para o livro... né... aí depois eu fui peguei e acolhi essa criança... né... mas assim... ela se emocionou com a história... e a história ela tem isso de emocionar a gente né... aí quando a mãe dessa criança chegou eu contei né... aí ela falou assim... "Verônica... sempre que eu conto histórias para ela, ela chora... ela fica muito emocionada"... então a contação de histórias... ela tem né... ela tem esse efeito... [

ENTREVISTADA: [de transportador...

ENTREVISTADORA: de tocar no nosso () ... não tem como... até o adulto né... todo mundo fica muito emocionado... () se sente feliz... tem emoção explodindo no peito da pessoa... quando se escuta uma história... e aí eu pensando aqui Karine... é::: antes de contar história... a gente sabe que as vezes é um desafio para nós essa questão assim de... como é que esses meninos vão se comportar... principalmente se são maiores... e também quando são menores... de todas as idades... (não tem isso) o que você utiliza assim... para iniciar contação de histórias? você faz algum ritual? tem algum costume que você adota para concentrar e para acolher as crianças... o seu público? Me conta um pouquinho sobre isso...

ENTREVISTADA: Verônica... eu/ eu vejo muita gente tentando ou cantar... ou fazer uma dinâmica no início... eu acho que se eu fizesse isso eu agitava eles pouco mais... eu geralmente... eu começo a falar baixinho aí eu digo assim... "vou contar um segredo..." ((sussurro)) aí eles vão/ eles vão assim... "o que ... tia... que a senhora vai contar?" aí eu falo... "não... mas eu só vou contar se todo mundo tiver em silêncio..." e aí eu começo contar devagarinho... bem baixinho... pra conseguir chamar a atenção deles... se eu não fizer dessa forma... todas as vezes eu não consigo ... eu começo tentando sempre fazer com que eles percebam que é importante ou que tem alguma coisa diferente a ser contada ... eu acho que também depende do dia né... do público onde você vai contar... eu já contei já para os maiorzinhos... onde eles já iniciam debochando... "ah... historinha de criança..." eu falo " não... que história de criança como assim?? "aí eu debocho deles também... "meu filho... eu não te contei... eu vou te contar o que aconteceu..." então vocês entra na onda deles muitas vezes quando alguém revida né... ou que não quer não quer participar da história... chama ele pra contar história junto com você... e aí você coloca ele no meio... então eu acho que é artimanha de pedagogo também... que isso não me desestabiliza... quando a criança levanta e tal... aí eu continuo ou mundo a voz... ou conto mais baixo... o tom da minha voz vai levando a história... é o que começa e o que faz terminar... eu geralmente eu faço isso... eu acho que por tem problema nas cordas vocais... Verônica... eu não podia pesar muito na voz... e não posso então assim... eu sempre eu gosto de ter um tom de voz bem baixinho... mesmo que seja sem microfone... aí eu vou andando no meio das crianças... eu dou um jeito de botar alguma coisa no cenário no meio deles... que aí eu posso está transitando... sabe... mas é interessante isso sabe... porque eu não tenho uma/ uma coisa específica... depende do dia... depende das crianças... da idade... de como elas estão... se elas estão apesar a receber se estão agitadas a gente vai dar um jeitinho de dar uma acalmada... tem também uma viagem que a gente faz né... quando elas estão muito agitadas... eu já peguei criança muito agitada... aí a gente faz uma viagem antes com elas... para viajar na comigo né... então essa viagem a gente começa pegando um carro... aí a gente tem que imitar... a gente passa por um quebra-mola tem que frear junto... eles vão no meu comando... ao meu comando...

então... já contei histórias para duzentas crianças... que todo mundo dirigia... fazia junto... virava pra direita... virava pra esquerda... aí você vai levando as crianças... e quando você termina a viagem tá todo mundo cansado... todo mundo morto de cansado... aí eles... "ahh" aí eu falei... "agora vou contar história para vocês agora... agora senta que lá vem história..." ((risos)) () ... tanto jeito que eu já contei a história que não tem assim como dizer...

ENTREVISTADORA: que legal ... heim... que/ que história bonita a sua... Karine... das histórias que seu avô contava... você lembra que histórias eram essas... que você me falou que muitas eram que/ muitas ele contava das coisas ali... mas você lembra de alguma história?

ENTREVISTADA: mais eram as coisas... Verônica... assim histórias que se passavam lá na fazenda né... então assim o meu vô ele contava essas histórias assim algumas até pesadas para criança sabe ((risos)) algumas até não apropriadas... porque ele contava na roda de adultos... ele contava na roda de adultos e as crianças queriam ouvir... então assim casos de todo tipo que você pensar... de morte... de assalto... de gente que invadiu a terra... e aí ele contava com tanto detalhe... que a história até demorava... ficava assim uma hora contando a história... e todo mundo lá assim ó... esperando... e eu sei que tinha muita coisa que ele inventava no meio... porque ele se empolgava... é igual meu pai... meu pai é meu vô piorado... porque meu pai já é mais palhaço... meu pai também é assim... se ele ver você Verônica... ele vê um (trejeito) em você ele começa a te imitar... e aí ele começa a fazer também uma história em cima do que você falou... da Covid... ele fez uma história em cima dessa covid... aí ele conta para todo mundo... o dia que ele sentiu que tava com covid... e aí tudo vira história... então é como eu falei eu acho que eu peguei um pouco assim desse lado da espontaneidade deles... de pegar as coisas que acontecem no dia a dia para virar história...

ENTREVISTADORA: que bom...

ENTREVISTADA: eu não lembro especificamente de uma história... mas tinham tantas... porque a memória da gente é vaga... e meu vô já morreu já tem quinze anos... então assim eu era bem pequena mesmo na época...

ENTREVISTADORA: falando... éé:: Karine... e assim... falando no covid-19 né... nesse momento que nós estamos vivendo... bem difícil né... éé:: bem desafiador né... o que nós estamos vivendo... como que tem sido o compartilhamento das suas histórias nesse momento de pandemia?

ENTREVISTADA: não tem acontecido Verônica... inclusive até o motivo assim de tristeza né... porque a igreja né/ que era o palco assim onde eu gostava de tá sempre usando as/ as histórias como um lazer para mim... um hobby né... onde a gente contava história para as crianças aos domingos na escola bíblica... eu não pude mais ir né... então assim/ por causa do Davi... por causa do problema dele de asma né... então assim a gente teve que realmente deixar o presencial e acabou esse momento que eles tinham inclusive... os meus/ os meninos sentem muita falta... desse momento que eles tinham na igreja na/ sala de socialização... junto com as crianças... com outras crianças... então assim... tem sido bastante difícil... eles têm a mim aqui em casa... tenho contado histórias só para os meus pequenos... só para eles... só os pequenininhos que tem aqui em casa... e todo dia... e meu Deus são trezentos e sessenta e cinco dias do ano... então haja história... todo dia... a Bíblia... a Bíblia infantil... trezentos e sessenta e cinco histórias já se foi há muito tempo... e vai e dá-lhe história... aí você compra um livro você compra um livro assim grosso... e aí rapidinho já tá destruído... por que os meninos gostam mesmo... o Davi adora livro... Verônica... olha aqui ó... hoje mesmo ele trouxe esses aqui... que ele passou a manhã carregando esses aqui para cima e para baixo... esse aqui... esses assim a gente compra nas bancas... onde vai eles ficam querendo pegar... o flautista de Hamelin... clássicos né... só que esse aqui é contado pelo Cebolinha... aí tem esse aqui Pedro vira porco-espinho... é uma que dá lição também de moral na criança... ensina né... que a criança não pode ser zangada... tem esse aqui esse aqui... o Davi adora... ele é um livrinho para alfabetização... ele é da Sônia Junqueira... só que ele/ ele a gente conta por meio de imagens né... o Davi reconta ele todinho... se você

pedir para o Davi contar a história da foca famosa... ele conta todinho... e ele só tem três aninhos... e ele conhece esses livros aqui tudinho Verônica... esse aqui ele adora...

ENTREVISTADORA: que bom... ((inaudível))

ENTREVISTADA: olha aqui ó... ele adora esse...

ENTREVISTADORA: esse é lindo também...

ENTREVISTADA: tá vendo olha... princesa que não gostava/ A princesa que não queria aprender a ler... ele fala que precisa ler sim... que precisa ler... não... é da Heloisa Prieto... é ótimo esse livro aqui ó... bom demais para contar história para criança... Verônica... muito bom esse aqui... ()... esse aqui ele fala essa história para todo mundo... ele conta os mínimos detalhes... eu queria que você tivesse a oportunidade do Davi te contar essa história...

ENTREVISTADORA: eu quero... eu quero... inclusive... ler essas histórias aí...

ENTREVISTADA: o Heitor cresceu eu contando essas histórias para ele... e ele passou para o Davi... esse livro... então assim o Davi já conhece ele conta ela todinha... e ele lembra até assim... e ninguém "e aí ele levou a xícara né... mamãe e aí ninguém deu não foi mamãe..." e aí ele vai lembra das coisas que eu esqueço... "mãe... a xícara... e a xícara de açúcar..." é muito interessante...

ENTREVISTADORA: que interessante... que você tem esse repertório todo de leitura junto com os filhos... e das leituras que você também depois vai fazendo na contação de história...

ENTREVISTADA: eu queria poder investir mais sabe... Verônica em livros... mas hoje em dia é tão caro assim... aí eu peço assim... se alguém já leu... eu peço para as minhas primas... seu filho já leu... se você quiser doar... pode doar para mim... doar para os meus pequenos... que eu quero... e aí eu vivo pedindo livros...

ENTREVISTADORA: e é bacana por quê você tá () uma biblioteca né... para eles... isso é muito bom ter esse contato com livros... faz toda a diferença...

ENTREVISTADA: é:: aqui em casa livro fica espalhada... o tempo todinho assim ó... onde ele vai ele vai deixando uns... e aí ele vai deixando... aqui em cima tem uns de adulto... aqui assim no canto no nosso escritório e tem alguns... ali no outro lado tem outros... mas os meninos é jogado... é o tempo todinho rodando... eu prefiro assim... eu prefiro que o livro desapareça... mas que tenha sido bem usado...

ENTREVISTADORA: justamente... então a infância dessa né... recheada de leitura de livros interessantes né... realmente contribui né... () uma criança consciente né... leitora... amante da leitura... é muito bom mesmo... você tá de parabéns viu... parabéns mesmo... como professora... como mãe... por isso que eu te falei você é uma ()... (voz) incrível...

ENTREVISTADA: eu queria ser mais... eu acho que assim... como você tava falando da pandemia... Verônica... eu acho que as crianças estão precisando sabe... serem acolhidas novamente... agora nesse retorno... principalmente nesse retorno... as escolas precisam dedicar tempo e para isso sabe... porque foi um ano bem difícil... eu sei que não são todos os pais que tem tempo... e não tem às vezes a condição né... não tem instrução que eu tive relação a importância da leitura... porque eu sei que eu repito... e faço isso com meus filhos e com os meus alunos... eu sempre fiz... porque eu tive isso né... veio da minha mãe... da minha família... eu sei que eu cresci em escolas que também me estimulava a leitura... sempre as escolas que eu passei Verônica... eu tive muita sorte... a biblioteca era recheada de livros... e tinha um projeto de leitura... por isso que é tão importante que a escola não deixe isso morrer... não deixe projetos de leitura em segundo plano ou terceiro... somente para constar no PPP... sabe... isso eu defendo demais... a leitura ela precisa ser vivenciada todo dia... e precisa-se de estímulos... né... o estudante sabe que o professor gosta de ler... que o professor inclui nas aulas dele essas histórias que são tão lindas e causa curiosidade... eu vou te dar um exemplo... eu falei dos pequenininhos... mas quando eu dava aula no quinto ano, meus alunos não gostavam de ler... quando eu cheguei no quinto ano... e era ano de IDEB... e foi meu maior desafio da vida... foi fazer uma turminha de quinto ano gostar de ler... porque sem ler não desenvolve nada... você

não desenvolve a compreensão... a interpretação... nem a produção textual... e foi meu desafio com eles... então eu investi... a mesma dinâmica que eu desenvolvi com os pequenininhos... eu tive que fazer com o quinto ano... porque eu sabia que eu não tinha tanto tempo... porque os conteúdos eram mais corridos né... uma proposta bem maior de ensino... e era ano IDEB... mas eu tive que investir pesado na leitura... tive que resgatar um projeto de leitura nessa escola... e a frequência na biblioteca era diária... a menina da biblioteca... professora Marilene... ela dizia "meu Deus você tá me dando muito trabalho..." ela dizia desse jeito "meu Deus seus alunos não saem da biblioteca..." eu falei assim... "é essa a intenção..." aí tinha competição... porque tinha uns livros que eu li... e eles queriam ler... que era Mil e uma noite... não sei se você já ouviu falar desse livro? ele é mais para esse público maiorzinho... e ele a Sherazade conta inúmeras histórias e é fantasia... é uma história muito gostosa de ler... e aí eu lia uma... e aí eu ia pela metade... deixava o gostinho de quero mais... e aí eles tinham que correr atrás... eu ligo então eles ficavam lá fazendo campanha dentro da biblioteca... pra esses livros chegarem... para os outros alunos devolvessem... eles queriam... e eles ficavam já de olho em quem já tinha lido... e quem leu ficava aguçando nos outros alunos... "ah, mas foi bom... ôô livro maravilhoso..." eu sei que eu/ esse ano... o meu trabalho... foi assim/ eu gostei demais... porque algo que eu percebi... que não vai para frente... seja em qual turma for... de alfabetização anos finais... ensino fundamental anos finais... não vai para frente Verônica... se nós professores não investirmos na leitura... e eles precisam querer ler... precisam ser estimulados pelo professor... Porque de casa não se vem esse estímulo... A maior parte das famílias não investem em leitura...

ENTREVISTADORA: verdade... e nós como professores... professoras né... enquanto escola também... pensar que essa competência leitora dentro da escola não é uma competência só do professor do magistério né... do pedagogo como do professor da Letras... pelo contrário, é uma () de toda a escola...

ENTREVISTADA: toda a escola...

ENTREVISTADORA: e esse projeto de leitura... ele precisa nascer dentro da escola... esse projeto da leitura que você mencionou aqui e todos os dias né... todas as áreas envolvidas na leitura... nós precisamos realmente desenvolver essa competência dentro da escola né...

ENTREVISTADA: pois é... isso Verônica... assim é:: é importante mesmo... como você falou que todos participem... e se todos vissem né... o quão importante é a leitura na vida do estudante... na vida das pessoas... eu tenho certeza que as outras habilidades iam sendo desenvolvidas com mais fluidez... com mais facilidade... porque para geografia você precisa de um bom leitor... não adianta você colocar um texto de duas páginas... que o aluno não vai ter prazer... não vai compreender o que está escrito... se ele não tiver vontade... e interesse em ler... se ele for preguiçoso para leitura... se ele já não gosta... então não vai ter aprendizagem... então precisa mesmo...

ENTREVISTADORA: ()... Karine... e lá nesse/ no quinto ano então... você viu... assim uma diferença né... na aprendizagem dos alunos... como foi essa experiência então... na prática... como é que você/ como é que você percebeu o que que aconteceu na vida dos alunos... a partir dessa contação de histórias que você fez no quinto ano?

ENTREVISTADA: Verônica... foi incrível... minha turma... eu percebi a diferença numa gincana... por incrível que pareça... assim eu não vou falar tanto de IDEB... porque o IDEB... ele não reflete... para mim... tudo que os alunos sabem... por exemplo as competências socioemocionais... não são expressas em uma/ em uma prova externa... por exemplo... mas eu/ eu tiro por base a evolução deles e tenho certeza que... isso para me representou muito... nós fizemos uma gincana na escola... e uma das provas... olha só... e eles foram divididos em equipes né... amarelo... vermelho... azul... verde... e minha turma eram três quintos anos... o meu quinto ano ficou na equipe amarela... os outros quintos anos ficaram em equipes diferentes né... e o quinto ano... olha só... para você ter uma ideia... o quinto ano... o meu quinto ano... no dia da reunião do grupo... que teve lá da gincana... eles tinham uma prova e a prova era reproduzir

uma história... fazer um teatro... baseado numa história... e a história podia ser um clássico e tal... e eles pegaram aquele livro que eu te falei das Mil e uma noites... eles pegaram uma das histórias que tem dentro desse livro... e eles pegaram... que foi a roupa/ ou foi O bufão do rei... não sei se você já ouviu essa história do bufão do rei....

ENTREVISTADORA: já... eu acho que eu tenho esse livro aqui..

ENTREVISTADA: menina... eles pegaram esse daí... por eles... eles mesmo... eles que quiseram... e eles gostavam tanto do livro... e cativou tanto eles essa história... que eles reproduziram um teatro... perfeitamente... ilustraram a história do bufão do rei... os personagens... as falas... e eu só ajudei... é lógico que eu tive eles tiveram minha ajuda... eu ajudei a confeccionar os trajes deles... porque é tudo da Índia... aqueles turbante... aquelas coisas e tal... menina... no dia da gincana... gente... a quadra delirou com essa história... e eles reproduzindo parecia um teatro profissional... e eles contam com tanta facilidade aquelas histórias... com tanta/ as falas saíam... sem precisar/ sem dificuldades... porque eles leram... eles entenderam... eles vivenciaram a história... então... fez toda a diferença no placar... e eles ganharam viu... eles ganharam... eles ganharam essa prova... e no final... fez toda a diferença no placar e eles venceram... a equipe deles... então assim... fez toda a diferença na vida deles... eu tenho certeza... esse momento... e para mim... principalmente... como professora... e uma pessoa que gosta de ver meus estudantes evoluindo... nem que fosse assim um centímetro a mais de diferença assim... se eu causei alguma coisa/ algum impacto positivo já tá bom para mim... já fico feliz... e foi assim algo maravilhoso para mim... até hoje eu carrego esses meninos comigo... no coração... foi minha última turma... foi minha última turma de sala de aula que eu tive... depois eu passei para coordenação... eu acho que eles/ as meninas da escola elas viam assim em mim... um pouco diferente da/ das outras turmas sabe... Verônica... eles viam que o trabalho era um pouco diferente... eram três quintos anos... um quinto ano tinha alguma coisa diferente... os meninos eram mais envolvidos... eles eram mais espontâneos... eles estavam em tudo... envolvido nas coisas da escola... e eu dava essa autonomia para eles... eu gosto de fazer isso... e eu acho que tudo parte lá daquele momento inicial... que eu nunca deixei... e que é a parte da contação de histórias... que você começar o dia falando com eles... dando oportunidade para eles contarem histórias deles também... então assim você cria vínculo... de fato uma estudante... quando você trabalha a leitura... você trabalha... a contação de história espontânea sabe...

ENTREVISTADORA: muito legal... éé:: Karine você que lembranças você tem do lugar que você viveu quando era menina... quando era criança? lá nesse lugar o que que você fazia nesse lugar? onde era esse lugar? conta um pouquinho para nós?

ENTREVISTADA: Verônica... eu... fui... assim... muito cedo a gente foi morar em Goiânia né... a gente tinha/ eu acho que eu não tinha um ano de idade não... então assim... a gente cresceu muito preso... lá em Goiânia era/ era um lugar onde a gente não tinha muitos parentes... a gente só tinha um tio... e também era caminhoneiro... como meu pai... então a gente não tinha muito contato... então lá em Goiânia a gente vivia preso... a gente vivia dentro de casa cercado só de nós mesmos... minha mãe... meus irmãos... então nosso mundo sempre foi assim... muito particular... muito nosso... muito fechado... e eu cresci assim até os sete anos né... igual bichinho do mato... que se alguém falasse comigo... eu tinha falar no ouvido da minha mãe... perguntava... falava a resposta para minha mãe... para minha mãe dar a resposta... porque eu tinha medo das pessoas... a gente/ tinha muito sequestro de crianças naquela época lá em Goiânia... sumia né... a gente tinha muito medo... e quando a gente veio embora pro Tocantins... de volta... eu já tinha oito anos... sete para oito anos... eu nunca tinha visto tanta família junta né... meu pai tem doze irmãos... então aqui todo mundo tava no Tocantins... então eu nunca tinha visto tanto primo na minha vida... roça... nem pensar... eu nunca tinha entrado na roça... e a partir dos sete anos... aí que a gente adquiriu a liberdade de conversar... de dialogar... com primos... com tios... com o vô... com vó... a partir dessa idade que eu tive vivência dos dois lados né... dos meus avós paterno e materno... e foi assim... daí que eu comecei a ter o contato

com a roça mesmo... com as pessoas... minha família né... que tanto o lado do meu pai... como o da minha mãe... mexia com roça... que... sempre muito humilde... lutador mesmo... meu vô... minha vó... esse lado raiz da família... se juntar lá no meio do nada... e todo mundo ficar junto... montando suas redes e debaixo de área... casa de tábuas... nunca teve luxo para nós... e isso foi muito bom para a gente... porque a gente teve esse tempo de vivência com meus avós... porque né... se nós tivéssemos ficado em Goiânia... eu nunca teria tido a oportunidade de ser quem eu sou hoje... de ter crescido ouvindo essas histórias dos meus tios... dos meus avós... do meu pai no meio da família... que o meu pai era outro pai lá em Goiânia... fez toda a diferença ele ter vindo de volta para cá... porque no meio da família ele se soltava... ele conta as coisas... então ele passou até ter mais liberdade... para ser quem ele... e eu nem conhecia até essa idade... de sete anos eu não via meu pai assim né... não vi ele ser tão feliz... e aqui quando a gente veio para o Tocantins... fez toda a diferença na nossa vida... toda a diferença... e aqui a gente/ eu digo que... foi assim de Deus... a gente ter vindo para cá... porque se hoje eu sou quem eu sou... minha irmã... meu irmão... nós tivemos a oportunidade de estudar... o meu pai sempre dizia que não tinha condições de pagar uma faculdade para gente... Verônica... o que o meu pai ganhava dava mal para gente se manter... então ele dizia... “se vocês quiserem estudar... crescer... vocês precisam ler... vocês precisam estudar...” ele sempre colocou nas melhores escolas públicas... lutam por vaga... meu Deus... minha mãe madrugava nas escolas que tinham renome sabe... Verônica... porque eu sou dessa época ainda... que as escolas eram disputadas... e que as mães passavam madrugadas... porque queriam colocar naquela escola... porque mesmo sendo pública... era melhor escola pública... até melhor do que muitas particulares... então assim... eu estudei na Escola Luiz Augusto... estudei no cem Paulo Freire... e eles fizeram toda a diferença na minha vida... essas escolas... fui aluna de ProUni... ganhei bolsa... e minha vida foi sempre assim... eu correndo atrás... a gente correndo atrás para ter algo melhor... mesmo meu pai sendo alfabetizado direito... assim... meu pai foi até o segundo ano só... então meu pai... ele é muito inteligente... e ele sempre valorizou muito... e eu sabia que ele não conhecia muito do que tava no nosso caderno... mas ele fazia questão de chegar a cada viagem... e pegar os cadernos e fazer vistoria... ele dizia isso... “vou fazer a vistoria no caderno de vocês...” então toda semana quando ele chegava de viagem... ele olhava o nosso caderno... eu sabia que ele não/ nessa época eu não tinha essa consciência... mas eu achava que ele tava vendo tudo... e eu tinha maior medo do meu pai pegar lá uma observação do professor... no meu caderno... meu Deus... e ele disse para gente que ele fazia... e não entendia muito não... do que tava lá não... mas ele fazia para dar certeza para gente que a gente ia ter aquele compromisso com a escola... com as tarefas né... olha o tanto que faz diferença né... esse acompanhamento da família...

ENTREVISTADORA: verdade...

ENTREVISTADA: eu tenho um irmão advogado... e tenho uma irmã que ela gerencia e grupos... em várias regiões... minha irmã é líder de recursos humanos em vários estados... minha irmã... sabe... uma pessoa assim ... que eu também tenho muito orgulho dela... de ter chegado até onde ela chegou sabe me inspira muito...

ENTREVISTADORA: qual o nome dos seus irmãos?

ENTREVISTADA: meu pai é Álvaro Moreira Melo..

ENTREVISTADORA: e seus irmãos?

ENTREVISTADA: Aline Moreira e o teu irmão Salatiel Moreira...

ENTREVISTADORA: e a sua mãe... você não falou...

ENTREVISTADA: Maria... Maria Jesus...

ENTREVISTADORA: Maria Jesus... é verdade... Karine... como você tem uma história bonita hein... que maravilha...

ENTREVISTADA: e eu quero que os meus filhos têm histórias para contar assim também... se um dia perguntarem isso para eles... eu quero que eles digam... porque o Davi é contador de história viu... eu acho que eu passei o verme para o Davi... o Heitor é mais de ficar... sabe... nos

bastidores... o Heitor é mais tímido... ele ficava só nas fantasias... e tal... mas o Davi... gosta de contar ... e ele segura seu rosto e diz assim "eu vou contar uma história..." e quer que você olhe... e quer que você olhe... e ele vai contando a história... ele não quer que você desvie o olhar... se você desviar "olha para mim tô contando..." e aí ele continua contando adora contar...

ENTREVISTADORA: que gracinha... mas que bom... não é... que bom que você tem aí no ambiente da sua casa essa experiência com as crianças né... muito interessante... Karine... e sobre os recursos... né... os artefatos que você usa para contar história... quais são como é que você faz com isso você utiliza alguns recursos?

ENTREVISTADA: Verônica... geralmente... assim... fantasia eu não gosto eu/ eu usava mais assim... quando tinha algum evento da escola... então eu tinha saia rodadinha né... para lembrar um pouco mais lado infantil... então sempre tive algumas alguns apetrechos assim... de fantasia né... roupinha de bailarina... mas de uns tempos para cá eu comecei contar mesmo com o avental... sabe? eu comecei ficar com vergonha... na escola... tudo bem... mas quando era para sair da escola... então assim eu comecei a ficar mais tímida... mas aí eu utilizo o avental... utilizo fantoches... utilizo bonequinhos... hoje eu tô quase sem nada... porque vai entender né... Verônica... hoje eu não tenho mais os recursos que eu tinha... e eu parei de investir também... a verdade é que assim... a gente tem que parar um pouco... depois que eu fui mãe... aí eu doeje muita coisa... ()... para outra colega minha que tava na escola... e ela precisava desse recurso... então fiz essa doação para ela... eu deixei fantoches meus nessa escola... deixei meus livros de histórias lá... para as meninas continuarem trabalhando leitura com eles... e hoje eu não tenho mais recursos... mas se eu precisar eu tenho que adquirir novamente... além dos livros eu tenho o que... a minha mão... que é o que eu gosto de fazer desenhar... desenhar... pintar... eu gosto de criar personagens também... então muitas vezes eu desenho a história... desenho ela em cartolina... desenho em papéis... colo nos palitinhos... e vou contando... ou então eu utilizo lençol... eu conto com o anel... às vezes tem história que você conta com um lençol... um chapéu... um anel... e uma bacia... então são recursos assim que não me custa nada... e que aquilo ali faz toda a diferença no momento da contação de história... que você tá criando ali um movimento... a criança tá te olhando... tá visualizando... imaginando junto com você... uma bacia vira um barco... um chapéu vira uma coroa... então assim... inúmero coisas... você vai adaptando... e ajustado né... as condições... eu costuro também... eu costurando na mão... eu compro velcro... por exemplo... já teve vezes que eu ia contar história amanhã... e eu vou lá na papelaria compro o velcro... confecciono os fantochezinhos... faço ali rapidão... faço... então assim... essas habilidades assim eu acho que eu já herdei eu não sei nem de quem foi... minha mãe odeia costura... mas eu/ acho que foi a questão mesmo de ter que criar... o E.V.A... sabe... as meninas aí na DREA sempre falavam... "Karine... como é que você dá conta de mexer?" eu falei... "gente... isso aqui é porque tem que fazer... a gente faz... a gente aprende... quando você precisa... você dá seus pulsos..." eu faço também os bonequinhos no E.V.A. eu crio né... no E.V.A. também... quando precisa...

ENTREVISTADORA: que bom... que bom Karine... Karine que mais que a gente pode conversar né... você/ você é incrível para gente ouvir... então alegria toda... mas me conta uma/ uma coisa é...

ENTREVISTADA: travou...

ENTREVISTADORA: você tava me ouvindo?

ENTREVISTADA: travou...

ENTREVISTADORA: deu uma travada... né? Karine qual é a história... das que você conta... a que mais te marcou? não precisa contar... mas só me dizer/ a história toda não... mas assim... a história que mais te marcou? foi essa que você falou do/ do Alex?

ENTREVISTADA: não foi/ foi a do Max Lucado mesmo... a história Você é especial... porque eu fui/ eu fui contagiada...[

ENTREVISTADORA: [é Max Melo o nome do menino?

ENTREVISTADA: não... Max Lucado... o nome dele...

ENTREVISTADORA: não... do personagem... do personagem...

ENTREVISTADA: isso... o nome dele é (Marcinelo)... é o (Marcinelo)... aquela história ali... ela me cativou... no dia que contaram e eu ouvi... eu estava na plateia aí... e aí eu decidi contar ela... já contei em alguns lugares né... sempre fui muito bem recepcionada... e eu levava só o bonequinho né... que eu desenhava... e às vezes as estrelinhas e as bolinhas e eu saí esparramando bolinha em todo mundo... "bolinha cinza... você ganha dourado..." e aí no final da história a plateia tava toda pintada de dourado e cinza...

ENTREVISTADORA: eu já ouvi você contando essa história ela realmente é encantadora... encantadora...

ENTREVISTADA: é... eu gosto muito dela...

ENTREVISTADORA: Karine... muito bom ouvir você... esse é o nosso primeiro contato... a gente vai conversando em outros momentos né... e hoje foi muito bom conversar com você... eu queria ler o início da nossa conversa... mas ela começou de um modo muito bonito... que foi você já contando a sua história... e eu então passo a fazer a leitura inicial né... aqui da apresentação desse trabalho... tá bom? então o nome da minha pesquisa é Memórias... contação de história e poética da oralidade... pesquisa participante... com contadora e contadores do norte e nordeste... hoje são quatro de setembro de dois mil e vinte e um... e tivemos o prazer né... de ouvir... de conversar... e de entrevistar Karine Moreira... com o objetivo de registrar a sua trajetória de vida... enquanto contadora de histórias... enquanto professora né... além da Karine... que reside em Araguaína... o nosso objetivo é conversar com outros contadores... no caso com recorte em Imperatriz ... Maranhão... e Marabá... no Pará... e no caso Araguaína... Tocantins... essa pesquisa nasce de estudos sobre a memória... no decorrer do Seminário de semiótica e ensino... e discussões no âmbito do Grupo de estudos do sentido... que é o GESTO... e do coletivas Raimundas... que é um grupo de mulheres... professoras e pesquisadores... e escritores... e está ligado também as experiências docentes da atuação... enquanto sujeita da contação de história... então para esse trabalho serão entrevistadas dez pessoas... entre homens e mulheres... maiores de trinta e cinco anos... sendo seis destes... pessoas residentes em Araguaína... Estado do Tocantins... duas residentes em Imperatriz... Estado do Maranhão... e duas residentes em Marabá... Estado do Pará... essa entrevista foi organizada três blocos né... primeiro seria a identificação do entrevistado... mas nós já começamos conversando sobre a sua história de vida... e logo em seguida conversamos um pouco sobre quem é você... como você nasceu... e a sua identificação... e a terceira parte é uma contação de histórias... e conforme nós conversamos... inicialmente... está prevista para dezembro... e a gente pretende fazer um sarau... eu até já tinha conversado isso com você... né... Karine... para a gente organizar o sarau... e em dezembro a gente reúne todos esses contadores de história... e aí nós vamos ter um público aí de umas quinhentas pessoas na plateia... para ouvir as nossas histórias... aí eu vou contar para vocês antes... para todo mundo ensaiar... organizar e estudar suas histórias... para essa apresentação tá... éé:: eu... até conversei com você também que depois eu vou mandar o documento... o termo de consentimento... e também essa entrevista... essa conversa ela vai ser transcrita... e eu vou encaminhar para você dar uma lida... dar uma observada para ver se é isso mesmo... se em algum momento você perceber que quer contar mais alguma coisa... que faltou alguma coisa interessante que você quer dizer... que você quer que conte... que faça parte da sua história aqui... você me mande um áudio... me manda por escrito... do jeito que você quiser... tá bom... e o objetivo dessa pesquisa é realmente dar visibilidade né... desde os contadores e contadores de história... quem são essas mulheres... quem são esses homens... e que história eles contam... que narrativa de vida eles têm...e aí eu vou analisar... tanto a história de vida de vocês... como também trabalhar com essas histórias que vocês vão contar... no sarau... é um trabalho bem gostoso... é uma brincadeira incrível... fazer e escrever esse projeto... tem me dado muitas alegrias... e eu agradeço muito pela sua disponibilidade... e agradeço muito por você

confiar a mim a sua história... que é uma história linda e que é uma história perfeita... e que é uma história agora que já tinha/ uma história... que vai ser disponibilizada depois... publicada... não é? para muitas e muitas pessoas se inspirarem em você... muito obrigada... e eu queria deixar esse espaço livre para você dizer alguma coisa que você queira dizer... dizer algo que você de repente né... ainda gostaria de dizer e/ e a palavra está com você tá...

ENTREVISTADA: só agradecer... Verônica... por esse incentivo que você sempre deu a mim... eu te conheci também num momento assim... onde eu era plateia sua... antes de trabalhar com você... eu já tinha participado de uma festinha onde você foi contadora de histórias... e você é encantadora... então você inspira... me inspira todos os dias... me inspira como/ como ser humano... como contadora de história... como profissional... você sempre me inspirou... como mãe também... e você é parceira... se hoje eu estou ainda na DREA é graças a você... porque eu já tive os momentos em que eu quase desisti né... e quase eu retornei para escola e tudo... então assim você me segurou falou assim... "vamos que eu vou te ajudar né..." e realmente você foi e tem sido essa pessoa que acolhe... que abraça e esse seu jeito de ser... de ser contadora de histórias... é que faz toda a diferença... porque você acolhe todos nós... independente do nosso conteúdo... de quem somos... da nossa carga emocional... das nossas dificuldades... você está sempre pronta para nos ensinar... então assim... só tenho que te agradecer por você sempre me motivar... me colocar para cima... me carregar com você... sempre que você precisar eu tô aqui... eu sei que tá difícil né... de ter eventos assim... hoje em dia para contação de história... porque as crianças... tá/ tá mais restrito né... Verônica... assim... mas no dia que você quiser... a gente junta... reúne... conta história... faz uma roda né... e eu tô aqui à sua disposição... tenho certeza que vai ser maravilhoso... essa roda... vou ficar encantada... e vou fazer questão de levar meus pequenos... junto comigo...

ENTREVISTADORA: vamos fazer sim... Karine... com certeza... antes de dezembro... combinado?

ENTREVISTADA: combinado...

ENTREVISTADORA: eu quero te oferecer um poema...

ENTREVISTADA: ôô:: meu ...

ENTREVISTADORA: é do Raul Boop... "há estrelas brancas... azuis... verdes... vermelhas... há estrelas-peixes... estrelas-pianos... estrelas-meninas... estrelas-voadoras... estrelas-flores... estrelas-sabiás... há estrelas que veem... que ouvem... outras surdas e outras cegas... há muito mais estrelas que máquinas..."

((falha na conexão))

ENTREVISTADORA: oi Karine... é que caiu um pouquinho... né? deu pra ouvir o final? não tô te ouvindo...

ENTREVISTADA: você ficou lá nas "estrelas que são cegas..."

ENTREVISTADORA: ah... então tá... eu dizia né... "há estrelas que veem... que ouvem... outras surdas e outras cegas... há muito mais estrelas que máquinas... burgueses e operários... quase que só há estrelas..." um beijo pra você... estrela...

ENTREVISTADA: ((risos)) você que é... ((risos)) estrela Verônica...

ENTREVISTADORA: Karine... muito obrigada viu... obrigada por me permitir ouvir a sua voz... e a sua história de vida... muito obrigada mesmo tá bom...

ENTREVISTADA: serviu como terapia para mim viu... essa tarde foi uma terapia... ((risos)) foi ótimo... não precisei nem pagar...

ENTREVISTADORA: que bom... ((risos)) que ótimo...

ENTREVISTADA: () ... esse momento de fala sem pagar nada...

ENTREVISTADORA: pois é... que bom... e eu também para mim foi assim... ééé:: foi... como é que eu diria? como um frescor... como um frescor... suave demais ouvir você e encantador... também... eu consegui assim... entrar nas suas histórias e ficar pensando em você lá na sala de aula como você/ o modo como você utiliza a contação de histórias né... na educação... na sala

de aula... no processo de leitura... então eu fui assim entrando na sua vida na sua história né... enquanto você contava... então que contadora de histórias incrível é você né... obrigada querida... um beijo tudo de bom...

ENTREVISTADA: se cuida...

ENTREVISTADORA: bom final de semana viu...

ENTREVISTADA: obrigada viu pela oportunidade... Jesus te abençoe Verônica... por tudo que você é... viu... vai dar tudo certo... seu projeto já é um sucesso viu...

ENTREVISTADORA: muito obrigada... muito obrigada... muito obrigada mesmo...

ENTREVISTADA: amo você... viu?

ENTREVISTADORA: beijo... eu também te amo muito... muito... muito... muito... você é uma pessoa incrível...

ENTREVISTADA: eu vou interromper a gravação... tá?

ENTREVISTADORA: por gentileza... obrigada querida...

ENTREVISTADA: beijo...

Entrevista com Symone Elias

VERÔNICA: Por mim começou a gravação.

SYMONE: Olha só [riso]!

VERÔNICA: Ah, que bom né?!

SYMONE: Tá gravando [riso]!

VERÔNICA: SYMONE, seja muito bem-vinda, nesse dia muito especial!

SYMONE: Obrigada! Estou me sentindo a vontade.

VERÔNICA: Que alegria te receber aqui né, para essa conversa, pra esse bate-papo. E eu quero te receber na minha casa, com esse café que tá uma delícia.

SYMONE: Olha, que linda [riso]!

VERÔNICA: É mágico, ele vira café e vira água também [riso].

SYMONE: Hum, delícia!

VERÔNICA: E quero te acolher com dois (2) ... [vozes sobrepostas]

SYMONE: Quero te receber com o meu colar vermelho, com meu batom vermelho e a minha tiara de lacinho, pra você isso!

VERÔNICA: Muito obrigada! [riso]

SYMONE: [riso]

VERÔNICA: Muito obrigada, eu vou ler uma poesia pra você, pra te recepcionar também tá?

SYMONE: Obrigada!

VERÔNICA: As borboletas- Brancas, azuis, amarelas e pretas, brincam na luz, as belas borboletas. Borboletas brancas, tão alegres e francas. Borboletas azuis, gostam muito de luz. As amarelinhas, são tão bonitinhas. E as pretas então, óh que escuridão!

SYMONE: [riso]

VERÔNICA: [riso] Vinícius de Moraes pra você.

SYMONE: Que linda, linda demais essa poesia. Ela é linda [riso].

VERÔNICA: Essa antologia de poesias, éh... eu dei para meus filhos quando eles eram crianças. Ai hoje eu saio por ai contando para outras crianças, para adultos, para todo mundo que gosta de uma boa poesia, como você!

SYMONE: Ai que linda, adorei!

VERÔNICA: Então assim, e eu quero te agradecer pelo convite, muito obrigada por fazer parte da minha pesquisa, você é uma pessoa muito especial, é do meu coração, é uma amiga do peito, que você sabe, eu te amo muito, muito, muito, muito! E eu estou transbordando de alegria, por tê-la nessa noite né. Que está aqui comigo para essa conversa e participar da minha pesquisa

que agora é nossa, né, você é uma participante dessa pesquisa! Bem, então o nome dessa... da minha pesquisa é ‘Memória, Contação de Histórias & Poética da Oralidade: uma pesquisa participante com contadores e contadoras do Norte e Nordeste’. Ahm, então boa noite né, hoje é dia dois do nove (02.09) e daremos início a entrevista com SYMONE Elias, com o objetivo de registrar a trajetória de sua vida, como contadora de histórias. E também vou entrevistar outros contadores de histórias, éh... para ouvir a sua...a narrativa das suas vidas, né, e que histórias esses narradores contam. Essa pesquisa ela nasce do estudo sobre memória no decorrer do seminário de ‘Semiótica e Ensino’ e discussões no âmbito do ‘grupo de estudos do sentido’ que é o GESTO e do coletivo RAIMUNDAS, que é um grupo de mulheres professoras, pesquisadoras e escritoras, que está ligado também as experiências docentes da atuação enquanto sujeita né, da contação de história. Então pra essa pesquisa serão entrevistadas dez (10) pessoas, entre homens e mulheres, maiores de trinta e cinco (35) anos, sendo seis (6) desses residentes em Araguaína, estado do Tocantins, dois residentes em Imperatriz, Maranhão e dois (2) residentes em Marabá, estado do Pará.

SYMONE: Que legal [riso]!

VERÔNICA: A entrevista está organizada em três (3) momentos, sendo o primeiro bem técnico né, apenas pra compor a identificação né, do entrevistado, a sua identificação. E depois nos dedicaremos a sua história de vida, desde a sua infância. E encerraremos no caso, com a contação de histórias, que como eu lhe falei vai ser só previsto pro dia dez (10), um sarau que nós vamos organizar.

SYMONE: Ok!

VERÔNICA: Deixar claro que depois eu estarei lhe enviando um documento chamado ‘termo de consentimento’ né, que é termo que você consente eu te fazer essa entrevista né, e conversar com você e depois publicar o seu... essa nossa conversa né, é fazer parte da minha pesquisa. E depois ela vai ser transcrita e eu vou enviar para você apreciar, pra você olhar se tá tudo bem, quando você disser que está, aí eu começo então a fazer a análise desse... dessa entrevista na minha dissertação. Tá bom?

SYMONE: Tá certo!

VERÔNICA: Sobre o sarau ele está previsto né, para acontecer em dezembro, e nesse evento nós queremos reunir esses dez (10) contadores de histórias, para eles conhecer a sua história, que história você vai contar nesse dia e eles também vão contar um pouco da sua história e vão contar uma história também nesse dia. Então vai ser um sarau bem, bem divertido.

SYMONE: Legal!

VERÔNICA: Isso! Então, éh, SYMONE, seja muito bem-vinda! Muito bem-vinda, é um prazer estar com você!

SYMONE: Bom!

VERÔNICA: Quero que você fique à vontade, que esse lugar aqui é nosso [riso]!

SYMONE: Ok [riso]. Posso começar?

VERÔNICA: SYMONE, me conta um pouquinho... éh... pode! Vamos, me conta um pouquinho como é seu nome completo, quantos anos você tem, que dia, mês e ano você nasceu e onde você vive hoje?

SYMONE: Bom, boa noite senhora VERÔNICA, minha amiga querida, preciosa! Eu que agradeço pelo convite, por acreditar que a minha história de contadora de histórias é algo importante, interessante e especial pra sua pesquisa. Isso me deixa muito feliz, lisonjeada, você sabe quanto eu a admiro, o quanto eu a quero bem, a considero como se fosse uma irmã. Nós temos muitos anos de trabalho juntos, de vida juntos, de brincadeira juntos, né, de festas juntos. [riso]

VERÔNICA: [riso]

SYMONE: Tudo isso marcou a nossa vida e ficou éh... registrado né, no coração, tá?

VERÔNICA: Obrigada, muito obrigada!

SYMONE: Eu fico muito feliz de poder contribuir, espero que a minha história seja bem interessante pra sua pesquisa. É o seguinte, eu sou SYMONE Elias Souza Vieira, hoje, depois de casada, mas a vida inteira eu fui uma SYMONE Elias, apenas [ruído de algo que caiu]. Então, éh... nasci no dia onze (11) de janeiro de setenta e sete (77). Hoje eu tenho quarenta e quatro (44) anos completos né, nascida aqui em Araguaína, sou tocantinense [riso]! Antes eu [vozes sobrepostas]... mas ai partiam o estado, eu fiquei do lado de Tocantins [riso].

VERÔNICA: Eita, que coisa boa! Então você nasceu aqui em Araguaína?

SYMONE: Isso, araguaínense!

VERÔNICA: Perfeito. SYMONE, que memórias você tem aqui de Araguaína, que memórias você tem da sua... do bairro em que você viveu, onde é esse lugar que você vive? Como é? Como é que... que lembranças você tem? Que memórias você guarda com você desse lugar?

SYMONE: [ruído de garganta] Bom VERÔNICA, eu nasci em Araguaína, só que eu cresci no Pará, em Xinguara, e todas as memórias que eu tenho de infância são de lá, dessa cidade, Xinguara. Porque meu pai tinha uma terra e nessa fazenda morava minha tia com éh... seis (6) primos meus, que hoje eu considero como meus irmãos, porque eu cresci com eles lá. Então, a minha memória mais forte é de beira rio, atravessando pinguela, subindo pinguela, atirando de ponta, nadando, subindo em pés de fruta para pegar fruta lá no pé, para comer lá encima, ficar de cabeça para baixo pendurada pelas pernas, pular corda, andar de cavalo com aquele monte de primos tudo encima do cavalo, então é isso que eu tenho de memória de infância, mais forte. Lá atrás com sete (7) anos, éh, essa fazenda marcou muito minha vida porque a gente tinha uma vida muito simples, muito tranquila, porém extremamente divertida, porque se teve uma pessoa que teve infância fui eu! É, brincava de tudo que você pensar, a gente brincava o dia inteiro, só parava para comer ou quando a mãe dizia assim: ‘óh, quando escurecer vem para casa’ [riso].

VERÔNICA: [riso]

SYMONE: Ai a gente parava e ia né. Mas fora isso, as minhas memórias são dessa fazenda que a gente ia mais no fim de semana. Na cidade, lá em Xinguara, eu morava em uma... em uma madeireira. Meu pai era funcionário da madeireira. E lá na madeireira ele era o mecânico chefe, então antigamente as madeireiras tinham várias casas, todos os funcionários moravam nessas casas, éh... éh... para ficar já ali, né, então a gente morava dentro dessa madeireira e nessa madeireira tinha um, um... como é que eu vou dizer? Igual trem de ferro que tem a linha, tem a linha onde passa o trenzinho de ferro, só que eram vagões abertos, caçambas, que você ia bombando ela, bombando ela, e ela ia andando no trilho. Então, quando eu tava em casa [riso], era isso que eu fazia com meus irmãos. A gente brincava o dia inteiro nesses trilhos da madeireira, seguindo esses carrinhos que carregavam a madeira, entende? E o lugar era assim, bem cara de chácara, de sítio.

VERÔNICA: Hum!

SYMONE: Então se tem uma apaixonada, é pela natureza por isso, porque eu cresci dentro dela, ao lado dela, com ela, aprendendo com ela, com a natureza. E, onde a gente morava, de longe eu via uma serra, no final da madeireira, e eu falava assim pro meu pai que ‘meu sonho era tocar naquela lua’, porque ela se punha atrás da serra, e era como se ela encostasse, eu achava que ela tava ali pertinho. Ai ele sempre dizia ‘um dia eu vou buscar ela para você’, eu acho que é outro poder que a lua tem sobre mim, porque eu sou apaixonada por lua, eu sou encantada pelo nascer do sol, pelo pôr do sol, são coisas que eu posso estar fazendo o que eu tiver, eu vi eu paro! E hoje a minha família já acostumou, mas antes eles criticavam: ‘mas meu Deus, SYMONE, você vai tirar foto do pôr do sol todo dia?’, ‘tu vai tirar foto dessa lua todo dia, se é a mesma lua?’, ‘não, não é!’. O pôr do sol nunca se põe do mesmo jeito, nem com as mesmas cores, nem com a mesma paleta, é sempre diferente! Se eu tirar...

VERÔNICA: [riso]

SYMONE: A foto [riso] do pôr do sol o ano inteiro, e eu postar as pessoas vão perceber que eles são diferentes, todos são diferentes, todo dia tem uma obra de arte diferente, no nascer e no

pôr do sol. E o sol é tão educado, tão bacana, que ele se põe para a lua aparecer, ela é mais atrevida, as vezes você pode ver, que antes do sol de pôr ela já tá na apontando né.

VERÔNICA: Sim!

SYMONE: Mas é porque ela é feminina e o feminino é mais atrevido, né.

VERÔNICA: [riso]

SYMONE: [riso] Então, ela já tá lá prateada, empoderada, se exibindo. Pedindo ‘ei, dá licença que agora é minha vez’ né, e é outra coisa que me encanta. Então eu fico vendo, toda essa conversa. Eu sei que é um papo reto entre A e B, sol e lua, mas eu fico lá no meio, catando essa conversa, pegando pedaços dessa história [riso], e isso me envolve de alguma forma! Eu acho que é meio viagem, mas eu gosto dessa viagem. Hoje mesmo eu tava conversando com uma pessoa pelo facebook, pelo messenger, que ele me manda mensagem todo dia pela manhã, aí ele disse que eu sou uma fada, que ele diz que acredita em fadas, duendes e bruxas. Ele disse: ‘eu tenho certeza que você é uma fada’, aí eu falei ‘meu deus, não me fala isso não, que meu sonho de criança era ser aquela fadinha que veste de verde, a sininho’, era meu sonho ser aquela sininho. Aí ele vem, depois de quarenta e quatro (44) anos e me diz que eu sou fada! Ah, mas eu sou mesmo, agora acreditei!

VERÔNICA: [riso] Pronto! Agora é fada mesmo. SYMONE, então dessa sua infância o que mais assim te marcou? O que foi mais marcante para você na sua infância?

SYMONE: O que foi mais marcante foi depois que eu sai de Xinguara e eu fui pra Rondônia. Meu pai decidiu ir pra Rondônia, morar lá porque disse que lá tinha muito trabalho pro caminhão, que ele era caminhoneiro. Então éh a gente se mudou pra lá, eu, meu pai e meus irmãos. Nós fomos para Rondônia, de mudança, em cima da carroceria do caminhão. Meu pai construiu uma cabana em cima da carroceria e nós quatro (4) íamos deitados num colchão, em cima. Antigamente podia andar em cima de carro, não tinha problema. Então ele construiu uma cabaninha e a gente viajou, atrás do carro a mudança e um pedaço reservado pra gente. Aquilo foi a maior aventura da minha vida, de Aragua... de Xinguara pra Rondônia, do outro lado do país, em cima de um caminhão! Aí ele parava nas beira de rio, que a gente já tinha mania de beira rio, onde ele via um rio bacana, ele parava a gente tomava banho. Éh... ele abria a cozinha do caminhão, que fica embaixo da carroceria. A gente cozinhava ali naquela natureza. Não, uma viagem sensacional! Aí fui morar lá... em Rondo... em Cacoal- Rondônia. Cacoal porque é a cidade... é a capital do cacau e do café! Aí fomos morar lá, quando chegou lá [ruído]... éh descobrimos uma escola chamada Fundação Bradesco. A minha mãe dormiu da noite pro dia amanhecendo, do domingo pra segunda ela dormiu na porta da escola pra ser a primeira da fila pra conseguir as quatro (4) vagas pros filhos, que era eu, a minha irmã e dois (2) homens, né. Então ela dormiu na fila, na frente da escola, quando amanheceu o dia ela era uma das primeiras da fila, e consegui a vaga pra gente, porque era muito difícil conseguir vaga na escola. Foi lá que eu aprendi tudo que eu sou, lá foi que desenvolveu todas as minhas habilidades, as minhas competências, eu fui descoberta na escola. Por isso eu acho tão importante as pessoas éh... compreenderem que o aluno precisa ser instigado a mostrar as habilidades dele. Mas as vezes o professor fica muito acomodado no que ele escreve, copia, copia, escreve, e ele não dá a chance do aluno mostrar que ele sabe cantar, desenhar, declamar poesia, escrever algo diferente! Porque antigamente o professor fazia pergunta e o aluno tinha que responder do jeito que o professor quer a resposta, se o aluno fugir um pouquinho da resposta, tá errado. Ele não vê aquilo como uma criatividade, uma coisa diferente! E lá onde eu estudei já era assim, lá no passado né. Então aí eu fiz de tudo, lá eu fiz técnicas domésticas, aprendi as coisas de casa, costurar, bordar, pintar pano, aprendi tudo lá. Eu aprendi técnicas agrícolas, tudo isso eram disciplinas, técnicas domésticas.

VERÔNICA: Sim!

SYMONE: Técnicas agrícolas, a gente implantava a horta, cultivava, colhia pra comer o lanche. Então aprendi também, técnicas agrícolas, técnicas domésticas. Esporte, o esporte da Fundação

Bradesco é como as olímpias hoje, tinha tudo isso, tinha salto com vara, trampolim, aquelas mulheres que fazem aquelas acrobacias no cavalo, tudo aquilo eu já fiz, tudo aquilo. Então tudo que você imaginar de habilidade. Lá tinha uma pista pra gente fazer atletismo né, revezamento com bastão. Eu jogava basquete, handebol, é futebol, vôlei, natação, tudo isso tinha na escola, VERÔNICA. Tudo que você pensar!

VERÔNICA: Que lindo!

SYMONE: Cada vez que você ia, você ia pra escola pela manhã e você estudava. No contraturno você ia para desenvolver todas essas habilidades. Então num dia era para cuidar da horta, no outro dia era para fazer aula de teatro, no outro era aula de datilografia naquela época. Outro dia era técnicas domésticas, eu fui baliza, eu desfilei todos os anos que eu estive lá, eu fui baliza, eu era ginasta da escola! Então, tudo que você pensar que eu sei hoje, foi a escola que me deu, foi ela que me ofereceu! Todas as oportunidades!

VERÔNICA: Que bacana!

SYMONE: E o teatro, foi lá que eu aprendi o teatro. Porque eu era, VERÔNICA, uma pessoa tão tímida, tão tímida, tão tímida, que quando alguém dizia que alguém ia visitar a nossa casa, aquilo me tirava do sério. Eu ficava desesperada, porque eu achava do que nada que eu tinha pra contar, ou o que eu tinha pra falar não era interessante. Ai quando as pessoas chegam eu me escondia atrás da porta e lá eu ficava, até minha mãe me tirar de lá na marra né. E ai foi isso, eu cresci em Cacoal, eu aprendi tudo lá na Fundação Bradesco, e a marca mais forte da minha vida é a fundação Bradesco, entendeu? [vozes sobrepostas] E o teatro me promoveu, a... a minha timidez acabou no teatro lá, porque eu era a Emília da escola, então a Emília... você sabe o tanto que a Emília é tagarela e falante. Então eu tive que aprender a ser a Emília e deixar a SYMONE de lado e me transformar num personagem. Aquilo acabou com a minha timidez!

VERÔNICA: Que bonita a sua história! SYMONE, éh... com relação a sua tia né, com os primos e na fazenda, éh... éh uma história parecida com a minha, porque eu também morei em fazenda né, com meus pais, e também tive essa relação com meus primos, com a minha tia né, e a gente fazia tudo, tudo juntos né. As brincadeiras eram junto, na hora de almoçar era junto, então essa memória é uma memória assim, que eu compartilho com você né [incompreensível].

SYMONE: É lindo!

VERÔNICA: A minha memória também foi assim. E essa relação sua também com a natureza, né. Que você fez banho de rio, as brincadeiras né, a... a questão das arvores frutíferas né, que você colhia essas frutas. Isso é muito bonito!

SYMONE: É. Lindo demais!

VERÔNICA: E esse percurso seu com a... a fundação Bradesco realmente é uma história brilhante mesmo, né. E a sua formação é qual SYMONE?

SYMONE: Hoje eu sou pedagoga, pós-graduada em orientação educacional e em metodologia do ensino superior, né, eu tenho essas três (3)... esses três (3) canudos ai!

VERÔNICA: E atualmente você está na escola?

SYMONE: Isso, hoje eu estou orientadora educacional na Escola Francisco Máximo de Souza né, escola estadual.

VERÔNICA: Ah, que bom! Que ótimo! É, SYMONE, éh... me conta um pouco, você é contadora de histórias né. Me conta um pouco sobre... sobre como você começou a contar histórias, quem contou histórias para você, de quem você ouviu essas histórias, como é que foi... como você se formou né, como contadora de histórias. Quem te contou histórias né, como você se tornou essa contadora de histórias, e pra quem você conta histórias?

SYMONE: Bom, quem contava causos antigamente era o meu avô. O meu avô sentava, o meu avô paterno né. Meu avô tem o mesmo nome do meu pai né, Nicodemos. Meu avô Nicodemos ele... quando ele sentava para contar história, as pessoas iam rodeando ele, ia sentando no chão, nos galhos de arvores, onde tivesse qualquer coisa, e ai aquilo me encantava. Até os cachorros vinham pra perto e deitavam pra ouvir, era impressionante aquilo que ele fazia.

VERÔNICA: [riso]

SYMONE: Então, eu não tive muito contato com meu avô, mas do contato que eu tive com ele, isso me marcou né, porque ele tinha histórias pra contar, que ele ia contando e contando... e aquelas histórias não tinham fim, quanto mais ele contava, mais a gente queria ouvir. Então eu creio que a minha veia de contadora vem dele. Mas eu desenvolvi a contação de histórias porque no teatro da Fundação Bradesco, foi criado éh... uma peça teatral que ela tinha que acontecer, de quinze (15) em quinze (15) dias na escola, e era o sítio do pica-pau amarelo. Então a gente precisava de uma história a cada quinze (15) dias gravada e filmada né, prontinha para poder apresentar. Então, toda semana, a gente ensaiava, mais aquela história do sítio. E aquilo sempre me encantou, porque quando a gente ia apresentar, as crianças da escola ficavam apaixonadas. Eles sentavam, abriam a boca, abriam os olhinhos, os olhos brilhavam e a gente começava a contar aquela história e você via a felicidade deles estampada no rosto. Então aquilo ali, me fez acreditar o quanto é importante você contar uma história para alguém. E aí eu cresci, né, com quatorze (14) anos eu voltei para Araguaína, cresci, estudei, me casei, conheci a VERÔNICA lá na escola, minha casinha.

VERÔNICA: Há dezessete (17) anos!

SYMONE: [riso]

VERÔNICA: Aos dezessete (17) anos!

SYMONE: Pois é, aí fui parar no colégio Santa Cruz, aonde eu fui chamada para trabalhar com o teatro. Então o colégio Santa Cruz de Araguaína, me proporcionou depois de casada, eu já tinha minha primeira filha né. Éh, eu fui trabalhar no colégio Santa Cruz e lá, tudo que eu precisava para fazer uma mala de leitura, que você sabe bem o que é uma mala de leitura.

VERÔNICA: [riso] Sim!

SYMONE: Eles me ajudavam né, eles bancavam tudo aquilo. Então foi lá que eu éh... dei o ponta pé inicial na minha história de contadora de histórias. Porque lá tem crianças mesmo do... do berçário, né, à faculdade. E aí lá que eu comecei a contar histórias, porque eu encontrei uma amiga lá, que era professora de música, a Jurema Lúcia, ela nem gosta de chamar ela de Jurema, a gente chamava ela de Ju Lúcia, porque ela não gosta muito do nome. Hoje ela mora no Rio de Janeiro, mas ela é uma maestrina que eu conheci na escola! Então eu trabalhava teatro e ela trabalhava aulas de música. E ela era contadora de histórias. Então nós nos juntamos e fizemos um projeto pra toda semana a gente contar histórias na escola. E aí eu construí uma cobra gigante, eu construí um menino azul e eu fui fazendo fantoches, nós fomos confeccionando coisas, fomos juntando éh... chapéus, éh... perucas, fantasias, e a gente foi fazendo uma mala tão cheias de coisas que quando a gente sentava para contar histórias, até os professores paravam para assistir, os pais. Ficava todo mundo boquiaberto, todo mundo encantado! E aí nós descobrimos que a história ela não agrada só a criança, ela agrada a criança que existe dentro de todos nós, porque você pode ter a idade que for. A criança só pode estar adormecida, mas existe lá dentro de cada uma das pessoas né, todo mundo tem uma criança. Você pode ver que quando tem um palhaço fazendo alguma graça na rua ou em algum lugar, a criança já chega e se entrega e diz que tá fascinada, o adulto não. As vezes ele fica ali restrito, olhando de longe, mas o sorriso tá aqui, no canto da boca, né, querendo se entregar para rir, mas fica segurando, como quem diz 'já sou adulto, eu não preciso agir assim'. Então eu, eu...eu gosto de contar histórias pelo fascínio que eu vejo no olhar das pessoas, é isso que me atrai no contar histórias.

VERÔNICA: SYMONE, essas histórias que o seu avô contava, você lembra de alguma que você mais gostava de ouvir? Tinha aquela que você ficava mais vidrada, que você ficava assim... éh... tipo assim que você vibrava quando ele contava a história. Você tem essa lembrança de alguma?

SYMONE: Não, que ele contava era coisas que ele inventava assim misturando com a realidade da vida dele. Ele contava de coisas quando ele era criança né. Ele contava a infância dele, só que a gente percebia que ele emendava coisas pra dar uma energia pra história.

VERÔNICA: Ele criava!

SYMONE: É, ele inventava coisas, dava pra perceber. Mas só para aquela história ficar mais interessante, sabe?

VERÔNICA: Sim!

SYMONE: [riso] Me deixava muito encantada porque....

VERÔNICA: Era história de vida, era os causos.

SYMONE: Aquele poder de segurar você, pra te prender na história então ele inventava algumas coisas. Isso eu lembro bem!

VERÔNICA: Que gracinha. Éh... e que histórias você conta?

SYMONE: Ah, eu gosto de contar histórias de livros. Eu pego livros literários, porque tem uns que são mais legais né, diferentes. E aí eu seleciono esses livros que eu acho que a história é mais interessante né, e que vai prender mais a atenção das crianças. Peço é, é, é... seleciono também uma história que pode ter assim algum cunho né voltado pro... pra alguma coisa social né, o gênero ou racismo, né, alguma coisa que leve esse aluno a perceber o que ele vive pode ser transformado de alguma forma. Então eu não conto só histórias aleatórias e outra, é sempre uma história que no final ela tem uma moral pro aluno levar, a criança levar isso pra casa, né. Você lembra VERÔNICA, de uma história que eu contei de um galo que ele era um frango que perdeu as penas? Você lembra disso?

VERÔNICA: Lembro, demais! Lembro muito!

SYMONE: Pois é! A história que eu mais contei na vida foi aquela. Do galo né...

VERÔNICA: É um que tinha... que cantava rouco?

SYMONE: [riso] Ele cantava rouco, ele cantava feio, tudo isso. E ele não tinha penas, porque ele era um frango. E aí eu fiz esse frango, eu fiz esse galo. Eu fiz toda passagem que ele foi fazer para poder voltar bonito, a superação. Então foi a história que eu mais contei na escola. Em segundo lugar foi a história do lobo Alex, onde eu me vestia de lobo, eu pintava meu rosto de lobo, fiz as orelhas e tudo, e eu contava a história do lobo, porque eu queria dizer que o lobo só é mau porque ninguém parou pra ouvir ele, só ouviram o lado dos três (3) porquinhos, entendeu? Só ouviram um lado da história. Então, eu sempre quis dizer isso, que a história sempre tem dois lados, né. Então foi a história... foi a segunda história que eu mais contei na escola foi essa, a do lobo Alex que ele... o lobo só é mau porque ninguém parou pra ouvir ele, só escutaram a versão dos três (3) porquinhos [riso]!

VERÔNICA: Você falou na escola... você conta a história? Você vai a escola... como é essa receptividade da escola com a contadora de história? Como é esse clima quando você chega para contar história? E que... que efeito você percebe assim, do clima da escola, dos alunos?

SYMONE: Ah, é muito mágico! Porque é como se a gente chegasse e a gente fosse a estrela que todo mundo tá esperando. Porque quando você chega lá, os alunos já estão todos sentados, com aquele olhar assim, de que vai entrar alguém. Ai quando você 'ahh', eles tão esperando por mim. E fica todo mundo encantado quando te vê fantasiada, já no ponto né, com a sua mala de leitura. Então eu tenho muitas lembranças de... de cada rostinho, de quando eu chegava na escola: 'chegou, ela chegou, ela chegou', aí todo mundo se virava junto pra olhar e aquilo ali me dava um impacto assim tão grande que eu já chegava e me transformava naquele personagem, aí que o negócio fluía mesmo, porque a recepção deles, a receptividade, a energia que eles colocam naquela espera né, aquilo ali que faz você contar histórias e mais histórias, e eles pedem mais uma, e outra e outra. Se deixar você nem para de contar por que eles querem uma e mais uma e mais uma. Gostam demais, eles gostam demais, as crianças amam. Porque hoje em dia ninguém conta histórias né, tá muito só no celular, na tv lá com não sei com quantos canais, nos jogos que as crianças instalam nos celulares. Então é uma judiação as vezes ver que as crianças não leem mais, não visitam as bibliotecas que estão abandonadas, os livros estão lá nas prateleiras pedindo 'me pega, me lê, me abre', né, 'me absorve' e ninguém quer esses livros. É até triste, você tem que pegar o livro e ir até o aluno, ir até a criança né, porque a criança não

vem até ele né, infelizmente né. É uma realidade que a gente tá vivendo. Hoje eu praticamente não conto mais histórias porque para você contar história tem que tem uma roda de leitura e não pode fazer essa roda, não pode aglomerar! Então é complicado, já tem um tempo que eu tive que parar pra dar um tempo, pra essa pandemia. Mas, vai passar e vai chegar a hora de voltar, né?!

VERÔNICA: SYMONE e... éh... a questão que você falou da biblioteca, da contação de histórias... Você, o que que você pensa com relação a contação de histórias? Ela, ela... que efeito ela tem dentro da escola? Você sente... você tem percebido na sua trajetória? O que que você percebe dessa questão da relação da contação de história, com o processo de leitura, a formação do leitor?

SYMONE: Eu acho que as crianças precisam ler mais... éh histórias de fantasias, porque até as crianças estão vivendo uma realidade nua e crua e que a criança não precisa viver ela agora. Toda criança precisa viajar, imaginar, ter um amigo invisível. Toda criança precisa viver um mundo diferente! Deixa a fase adulta pra fase adulta, mas não, eles tão tendo que ter tanta responsabilidade, e principalmente no momento que a gente tá vivendo. Pega atividade, leva para casa, estuda, devolve a atividade. Eles tão assim numa vida tão cheia de horário, que não tem tempo pra ler. Então se você vai e leva esse momento pra eles, isso tira eles um pouco desse mundo real e devolve eles um pouco pro mundo da imaginação que é onde a maioria das crianças tem o direito de estar. Eu já vivi a minha infância no mundo da imaginação e eu hoje sou uma pessoa completamente normal, eu posso dizer, isso não me afetou em nada de negativo. Então no momento que a gente tá vivendo isso vai ser muito bom para as crianças, né. Então levar histórias, tirar um momento para levar gibis para sala de aula, contar história para esses alunos, deixar que ele conte a melhor parte da história. Contar uma história e deixar que ele termine a história: ‘que fim você daria para essa história?’, ‘vem aqui na frente, me diga, o que que você gostaria que esse personagem no final vivesse, no que que ele poderia se transformar?’. Então a gente precisa desses momentos, de prazer para essas crianças. E isso eu ainda faço na escola, né? Graças a Deus! [riso]

VERÔNICA: Que bom! SYMONE, eu me lembro muito da Ju, da sua amiga né.

SYMONE: Ah, ce lembra?

VERÔNICA: Lembro muito de vocês, contando. Fazendo trabalho também, nos, éh... nos movimentos né, de desfile, vocês apresentando.

SYMONE: Menino vestido de Emília!

VERÔNICA: Sim! E... e eu lembro né, dessa parceria de vocês, que é muito interessante mesmo. Tem... e do seu avô, quando você fala no seu avô né? Éh... que memória bonita né lembrar desse avô que sempre...

SYMONE: É! Muito forte essa memória.

VERÔNICA: Na soleira da casa, na soleira da porta, pra contar histórias né, para os netos, para os sobrinhos, para as pessoas que estão ali!

SYMONE: Os vizinhos, os cachorros deitavam assim!

VERÔNICA: [riso]

SYMONE: Não, é impressionante os cachorros deitavam e colocavam a mãozinha e ficavam olhando para ele! E ele contando as histórias, era demais, era incrível!

VERÔNICA: É muito encanto. Muito encantador né [riso]!

SYMONE: [riso] Verdade!

VERÔNICA: SYMONE, éh... [segundos de silêncio] você contou histórias como professora ou você teve... tava... você teve esse ofício de contadora de histórias... você ganhava dinheiro contando histórias? Você faz esse trabalho?

SYMONE: Não. Eu comecei a contar histórias como professora de teatro, mas enquanto eu era professora de teatro, eu também em outro período do dia, em outro turno eu era professora de quartos... de quarto ano né, quinto ano. Então, no final do dia eu sempre dizia para meus alunos:

‘olha, se todo mundo se comportar, fizer a tarefa direito, se todo mundo colaborar, no final da aula vocês vão escolher um livro, eu vou contar história’. Ai o que que eu fazia? Eu construí um tapete cheio de retalhos, vários quadrados, igual uma cerâmica, só que cada pedaço tinha um retalho, e eu construí ele exatamente na mesma quantidade de alunos que eu tinha no quinto ano, lá na escola paroquial, lembra?

VERÔNICA: Sim, lembro muito!

SYMONE: Ai o que que eu fazia? Gente, terminou aula, faltava meia hora para terminar. Eles já estavam ansiosos. Ai eu abria a mala e tirava aquele pano e eu estendia: ‘agora eu vou estender o tapete mágico no meio da sala, para eu contar história todos vocês tem que caber encima desse tapete’. Então cada criança ia e sentava num quadradinho, e eu dizia para ele: ‘não pode cair desse tapete porque ele tá voando’ [riso]. VERÔNICA, era fantástico! Fantástico! Eles entravam e iam sentando, sentando e se organizando, e ficava lá sentadinho, todo mundo sentadinho, tudo espremidinho encima daquele tapete, mas vidrado no que eu estava contando, né. Ai é por isso que eu te falo, não pode aglomerar e aquilo era aglomeração pura, nua e crua, aglomeração total né. Tudo grudadinho um no outro, não dava nem pra se mexer, não dava nem pra sair do... do lugar. E ficava ali até terminar a história, quando terminava a história eu dizia ‘agora pode levantar porque o tapete pousou’, ai eles levantavam, se espichavam [riso] e ai pronto, batia o sinal e era hora de ir embora! [uma palma] Então, essa... essa memória eu tenho guardada e até hoje VERÔNICA, os meus alunos de quarto e quinto ano falam: ‘tia, a senhora foi a melhor professor que nós já tivemos, porque professor nenhum contava história pra gente’. Então, esse contar histórias marca a vida das pessoas! Hoje eu tenho alunos com vinte (20) anos, que eu dei aula lá no quinto ano, e eles passam por mim, e me reconhecem. Eles vêm no facebook e me encontram, eles... a mãe dos meninos falam ‘SYMONE, a minha filha até hoje fala em você’. Então isso é gratificante demais, demais né! A contação de histórias tem uma marca na minha vida! E marcou a vida de muitas crianças, sabe? Muitas mesmo! É... é demais isso!

VERÔNICA: Fantástico hein, SYMONE?! Realmente a contação de história não tem como encantar as crianças né.

SYMONE: Huhum!

VERÔNICA: E...e esse encanto vem pra nós também, como você disse né. Foi um momento acho que mais marcante que você falou né, da sua vida, essa questão da contação de histórias né. Porque esses momentos eles ficam mesmo, né.

SYMONE: Marcam!

VERÔNICA: Fazem parte da nossa história e para sempre!

SYMONE: Certo!

VERÔNICA: SYMONE, éh... me conte uma coisa, você lembra de algum livro que você leu... ou de algum escritor dessas histórias que você conta? Você lembra... o nome do livro ou então de quem era essa história?

SYMONE: Não, o nome do livro eu não... o nome do autor eu não lembro agora, eu me fixei nessa história ai do... do... a história do galo, né, do frango que queria ser galo e do lobo Alex, são as duas histórias que me marcaram porque onde eu chegava as crianças pediam para eu repetir a história. Eu chegava para contar outra história, ai eu contava a história e de repente eles falam: ‘tia, conta a história do lobo Alex’, ‘peraí, mas eu já contei’. ‘ não mas conta de novo e conta a história do frango pelado né’. Não, ai os meninos riam dessa história desse frango pelado e eles queriam que eu contasse só para eles sorrirem mesmo né. Agora eu tenho uma história também, eu não lembro bem dela! VERÔNICA, a covid infelizmente roubou muitas das minhas memórias! Hoje a minha mente funciona mais lento, eu tento puxar algumas coisas lá atrás e eu não consigo. Eu tinha um livro que eu preciso encontrá-lo para eu poder rever a história porque eu só lembro o nome do livro, éh... ‘princesas também soltam pum’ [riso].

VERÔNICA: É da Ruth Rocha eu acho, esse livro.

SYMONE: Pois é, eu só lembro... eu só lembro do nome, mas eu não sei mais contar a história e eu não sabia de quem era. Mas o nome da história não me sai da mente.

VERÔNICA: Eu acho que eu tenho esse livro aqui. Qualquer coisa eu vou te emprestar, eu acho que eu tenho ele! Qualquer coisa eu te empresto. Tinha uma história que você contou uma vez... lá no Jul... no... na Delmar Vicente Ferreira, na escola Delmar Vicente Ferreira lembra?

SYMONE: Foi, foi no JK.

VERÔNICA: É, uma história muito bonita também! Você lembra dela?

SYMONE: Não, não lembro da história, qual é que você está falando. Mas eu sei que eu contei. E eu tava te falando agorinha, quando eu disse assim 'eu chego e os meninos estão lá' foi aquela lembrança que você tava também lá, né.

VERÔNICA: Sim!

SYMONE: É dessa memória que eu tô falando, mas eu não lembro o que que eu contei lá. Por que que eu não lembro? Porque quando eu cheguei lá, eu pedi pro menino escolher um livro. E eu cheguei lá e contei a história desse livro. Só que eu não contei só uma, eu acho que eu contei umas cinco (5) histórias lá.

VERÔNICA: Foi!

SYMONE: Por isso que eu não lembro bem qual é.

VERÔNICA: Mas SYMONE, mas essa questão do covid realmente né, a gente... nós fomos afetados né.

SYMONE: É uma sequela [vozes sobrepostas].

VERÔNICA: É muito lamentável então que... logo logo né, essa doença desapareça né, que as vacinas... que logo logo todos nós estejamos vacinados ai, com as três (3) doses né, imunizados [vozes sobrepostas].

SYMONE: É né, a minha segunda dose é agora, segunda-feira. Eu VERÔNICA, antes eu lia um texto, se eu lesse ele ali quatro (4), cinco (5) vezes, num dia eu conseguia memorizar ele né. Por exemplo, aquele do William Shakespeare, 'um dia você aprende', ele tem sete (7) páginas, e eu memorizei. Hoje eu tento memorizar alguma coisa para fazer um vídeo, eu tenho muita dificuldade. Agora, depois de fevereiro, depois que eu tive covid, entendeu? Então eu percebo a grande diferença, do antes da doença e depois. Então essa sequela infelizmente... eu não posso reclamar porque é a única sequela que eu tenho. Eu tive 50% dos pulmões né, atingidos, e eu podia ter outras, outros problemas. Eu não tenho, só esse, então eu não reclamo sabe, é só a memória.

VERÔNICA: É! Que bom que você tá aqui, né, que está bem e a sua memória vai ser novamente devolvida pra você, logo logo, questão de tempo né. Você vai... eu vou levar esse livro pra você, para você ler, você vai lembrando, relembando as suas histórias, né, para depois sair por aí contando histórias né, SYMONE. Então você gosta também, muito, de fazer né. E é uma contadora de histórias maravilhosa, não tem quem não se encante, que não pare para te ouvir né. Todo mundo fica assim babando para ouvir a sua história!

SYMONE: [riso] É, eu acho que... você tá falando de mim mas eu posso dizer o mesmo de você, viu dona!

VERÔNICA: [riso]

SYMONE: [riso]

VERÔNICA: Eu gosto também de contar histórias, gosto muito de contar histórias! [vozes sobrepostas] eu gosto de contar histórias, tenho contado umas histórias agora, tenho feito algumas festas, não é?! Animado algumas festas com poucas crianças. E tenho... como é um público menor né, então tá mais fácil para contar histórias, na festa né, daí tenho contado algumas histórias e... SYMONE me conta uma coisa, que recursos que você... quando você vai contar histórias você usa alguns recursos né, você já até falou que... que né... construiu a cobra né, eu até usei essa cobra sua uma vez né.

SYMONE: Ah, foi mesmo!

VERÔNICA: A gente sempre trocava os elementos né, os instrumentos né. Eu usei essa cobra pra contação da história Gil, da cobra Gil, é uma cobra da Amazônia [vozes sobrepostas] e que ela vivia no rio, enfim, é uma história muito bonita.

SYMONE: Verdade!

VERÔNICA: Você me emprestou. Então éh... Então atualmente éh... como você tem compartilhado essas histórias? Nesse tempo de pandemia como que você tem compartilhado suas histórias? Como é que tá essa a questão da contação de histórias nesse momento da pandemia?

SYMONE: Bom, eu não... no momento eu não estou contando histórias assim, quando eu estou na escola, eu levo os alunos para biblioteca né, quando eles têm uma aula vaga. É... as vezes um professor naquele dia não pode ir então eu levo eles pra biblioteca, eu... deixo eles pegarem gibis né. Deixo as crianças lerem, aí eles colocam a parte que eles mais gostam, a gente discute sobre isso. Mas, eu tenho investido mais no canal da Acalanto, que a gente tem uma página no youtube, onde uma vez por semana eu posto alguma coisa em vídeo né. Então lá na página da Acalanto nós estamos fazendo em vídeo. Éh... os... os membros né, da Acalanto, eles escolhem uma poesia deles, um texto deles e pedem para que eu declame aquele texto e poste no canal né, no canal do youtube da Acalanto. Então é assim que eu tô compartilhando. E todos os dias pela manhã, é um hábito, nem que eu não queira vira hábito, porque no dia que eu não faço me perguntam por que que não chegou aquela mensagem no face, no insta, no zap: ‘por que que você não mandou a mensagem hoje de bom dia?’, porque eu comecei a enviar mensagens de otimismo, de autoestima, de coragem, de força né, mensagens de ânimo, eu comecei a postá-las no facebook, e aí as pessoas foram gostando, foram curtindo, e foi só aumentando a visualização, o compartilhamento e a curtidão. Então eu percebi que aquilo tinha um fundamento. Éh... teve uma época que eu... no setembro amarelo, eu postei uma mensagem e eu descobri três (3) pessoas que estavam prestes a se suicidar né, e quando eles viram a minha mensagem eles vieram no messenger, no facebook e disseram: ‘a sua mensagem surtiu um efeito tão grande em mim e hoje eu não fiz uma besteira’, então eu consegui ajudar três(3) pessoas na primeira vez. Então toda vez que acontece no setembro, eu começo a falar de novo do setembro amarelo e do suicídio, éh... acontece de eu descobrir pessoas, então eu vou conversando com aquelas pessoas e aquilo ajuda. Aí na época eu gravei um vídeo que se chama ‘não desista’, e ele foi assistido e ele foi compartilhado, ele já tava com muita visualização. Quando eu vi o vídeo já tinha ido parar lá na Suíça e aí eu vi que aquilo fazia efeito. Aí eu peguei e comecei a montar também no PV das pessoas né, só que eu não faço linha de transmissão, eu envio para aquela pessoa que eu me lembro ali na hora, que eu gosto de mandar para aquela pessoa que me dá retorno. Porque tem gente também que se eu mandar uma semana, envio uma semana a mensagem, ele não responde nada, então eu percebo que ele não curte, aí eu paro né. Mas tem pessoas que a mais de anos a gente se dá bom dia através de uma mensagem, né, pessoa que eu nem conheço fisicamente, nunca nem estivemos ao vivo, é só virtual né, e isso aumentou no período da pandemia. Então hoje eu sou uma contadora de história virtual, através de uma mensagem que eu crio, eu já amanheço inspirada, eu tento as vezes escrever aquela mensagem a noite e não sai nada, tem que ser de manhã! Eu acordo muito cedo né, e aí na hora que eu acordo eu vou procurar uma imagem, na hora que eu acho aquela imagem, o texto vem na hora, ‘tan tan tan tan tan’, vem na hora, parece que ele já tá digitado ali. Então é isso que acontece todos os dias. Eu envio mensagens de ânimo, de otimismo através de uma... de um vídeo, de uma ilustração né, um vídeo postado no youtube, no face, no insta, então hoje eu conto histórias dessa forma.

VERÔNICA: Que bom, então você é membro também da Acalanto né?

SYMONE: Isso, membro da Acalanto, foi um presente que eu ganhei esse ano graças a Deus. Eu, eu fui convidada pelo presidente, o Alexandre Borges né, pra participar. Aí eu disse pra ele que eu não tinha muito tempo, ele disse ‘não, mas pode ficar tranquila, você vai ajudar demais’,

e ai eu enviei né, hoje eu sou capista de livro, sou ilustradora também de livro literário, de livro de poesias e tudo isso veio na pandemia. Se eu disser que a pandemia me trouxe muitas coisas ruins eu estou mentindo. Eu perdi alguns parentes, é a parte mais dolorida, mas eu também ganhei coisas novas. Eu hoje também sou membro da Associação Brasileira de Membros Spinaistas, que é a nova forma poética, o meu livro vai sair agora em outubro, o meu livro solo né, com sessenta (60) spinas que é uma nova forma de poesia e hoje além de eu ser membro dessa academia de Letras eu sou membro também da Associação Brasileira de Membros Spinaistas, onde a gente faz a nova forma poética, uma nova forma de escrever poesia né, que são presentes que eu ganhei agora, de dois mil e vinte para dois mil e vinte um (2020-2021). Em outubro está ai meu livro que se chama ‘desabrochando em versos’. Você vai amar, VERÔNICA!

VERÔNICA: [riso] Que delícia! Eu fiquei curiosa para saber essa nova forma de fazer poesia. Da... fala só um pouquinho!

SYMONE: É assim... ele se chama spina, o spina é um tipo de poema onde ele só tem oito (8) linhas, mas ele é cheio de regras. Então ele começa com a primeira estrofe e só tem três (3) linhas. A segunda estrofe tem cinco (5) linhas. Só que, a última frase das três (3) linhas de cima, a última frase... a última palavrinha tem que combinar com a outra frase lá da parte de baixo. Então tem algumas palavras que você não pode usar né, e ele tem que seguir as regras direitinho, tudo metrificado, é pequenininho, mas você tem que seguir as regras direitinho. Dai você faz um spina, envia para um grupo no facebook, um administrador do grupo visualiza se está dentro das regras, se estiver ai é aprovado e vai para aquele grupo que tem mais de quinhentas (500) pessoas e eles curtem, curtem e falam e elogiam e ai essa é a melhor parte né. Então daqui a pouco vai sair esse livro de spinas!

VERÔNICA: Que bom, parabéns SYMONE! Que coisa linda a sua história de vida! Que trabalho bonito, que mulher incrível você é! Ahm professora, uma contadora de histórias... [vozes sobrepostas]

SYMONE: Meus netos... tem que falar dos meus netos! [riso]

VERÔNICA: Ah, sim, me conte dos seus netos!

SYMONE: Mulher, eu tenho duas filhas, a Maisa que tem vinte e sete (27) anos, a Natália vai fazer vinte e dois (22) anos. E a Maisa tem o Henry Bento e a Elisa Elias, né. O Henry Bento é moreno jambo, e a Elisa Elias é ruiva, branquela, linda [riso]! E são a minha fonte de energia, de inspiração, meu oásis, é a minha juventude que está dentro deles, eu sugo toda energia e a juventude deles para mim!

VERÔNICA: [riso]

SYMONE: [riso]

VERÔNICA: Nossa, eles vão amar essa vó, contadora de histórias [riso]!

SYMONE: Gostam, o Henry gosta! Eu sento com ele e a gente fica horas, e ele acha o máximo, ele adora!

VERÔNICA: Eu vi vocês brincando também, né.

SYMONE: É, pois é! Toda sexta-feira a gente brinca. Porque toda sexta-feira na escola é sanitização, então a gente trabalha de home office né, então eu deixo o celular de lado, ai ele diz: ‘vó, senta aqui’, ai eu sento no chão, a gente faz bolinho e a gente brinca de tanta coisa: de fazer bolha de sabão, tomar banho de mangueira, a gente vai pra praça e ele tem... ele tem coleção de bolinhas de...

VERÔNICA: De gude?

SYMONE: Que pula. Não, aquelas bolinhas que pula.

VERÔNICA: Ah, eu sei.

SYMONE: Borrachas!

VERÔNICA: É tipo silicone, né assim ela.

SYMONE: Silicone, todas coloridas. Tem inúmeras, inúmeras! Aí tem uma rampa da igreja né.

Ele vai lá pra cima da rampa e ele solta todas as bolinhas, aí depois a gente vai juntas e procurar essas bolinhas, a melhor brincadeira que a gente tem é essa [riso].

VERÔNICA: Que legal!

SYMONE: Ele adora, nossa senhora!

VERÔNICA: Que legal, que maravilha! SYMONE, então, éh... acho que conversamos bastante né. Foi tão bom te ouvir! Foi tão bom éh... Eu já sabia da sua história né, mas tantas coisas que eu não sabia éh...

SYMONE: Detalhes, né.

VERÔNICA: É, tem tanto detalhe, tem tanta riqueza de detalhes né! Então muito obrigada por essa história linda, pela narrativa de sua história e pelas histórias que você conta né. Eu quero te agradecer muito. Éh... nós, esse é nosso primeiro contato, a gente vai conversando outras vezes. E a... o sarau está previsto pra dezembro e aí, vai preparando essa história, aquela que você mais gosta, para arrasar no dia, vai ser um dia muito festivo [vozes sobrepostas].

SYMONE: Você só precisa me dizer o dia depois. Sabe por quê? Porque vai ter a posse em dezembro também, da... dos novos membros da Acalanto, ai não pode chocar. Dia onze (11) de dezembro.

VERÔNICA: Tá, não, vai ser mais pra frente então, vamos escolher um dia de lua cheia, vamos fazer um sarau!

SYMONE: Ahhh!

VERÔNICA: Regado de muitas alegrias e de muitas histórias boas para se ouvir, né, para contar e para se ouvir. Então eu... éh... você tem mais alguma coisa que você queira dizer, que você está lembrando e quer falar? Quer contar?

SYMONE: Não, eu queria só lembrar que esses dias, éh... me chamaram para contar história lá na Drê, tem, acho que uma ou duas semanas sabe, só que eu não pude ir, infelizmente. Ai eu fiquei com pena sabe, de quem falou 'SYMONE, você com aquele livrão gigante', você lembra daquele meu livro verde gigante?

VERÔNICA: O que?

SYMONE: Um livro verde, gigante, com a capa brilhante, você lembra?

VERÔNICA: Lembro, lembro!

SYMONE: Pois é, me pediram para ir lá e ai não deu para ir!

VERÔNICA: É um livro... é um livro enorme, eu ainda usei esse livro também!

SYMONE: Pois é, um livrão gigante, pediram pra eu ir... quem pediu? Adultos né, pessoas adultas, então eu vi o quanto aquilo é bacana. Mas no mais, eu só quero te agradecer, é um prazer estar sempre com você. Você sabe o quanto em gosto de ti, o quanto a tua energia é grande! Eu gosto de gente que passa energia para mim, você sempre tem de sobra, pra irradiar né. É uma luz que ofusca os olhos da gente! Mas ofusca não é deixando a gente cego, é acordando a gente para a vida!

VERÔNICA: [riso]

SYMONE: E eu lembro muito de ti, muito! E eu falo para todo mundo o que eu vivi na Drê, um laboratório. E você foi uma das pessoas que mais ensinou. As vezes eu tô numa situação assim, ai eu penso assim 'não, para, age como a VERÔNICA', ai eu ajo como a VERÔNICA e dá tudo certo, entendeu?

VERÔNICA: [riso]

SYMONE: Então... é como diz a minha madrinha, ela diz que a gente é como uma colcha de retalhos, que a gente sai pegando pedacinhos de outras, e de outras, e de outras gentes e costurando em nós. E de repente, no final de tudo, há um imenso bordado de retalhos!

VERÔNICA: Teu áudio tá um pouquinho ruim só [vozes sobrepostas].

SYMONE: Cheio de retalhos!

VERÔNICA: Você falou como? Essa última parte eu não entendi, que você falou que... que é um pouquinho... ficou ruim o áudio, eu não ouvi!

SYMONE: Não, é porque... o que que eu falei? Eu não sei nem mais o que que eu falei. Eu criei aqui, deixa eu ver se eu lembro! Que nós somos, pedacinhos e pedacinhos de outras, e de outras, e de outras gentes, que passam pela nossa vida! E esses pedacinhos a gente vai juntando, juntando, juntando e no final há um imenso bordado né, em nós né. Pedacos de várias pessoas, a gente sai pegando o que é melhor de cada uma e vai costurando na alma, né? É assim, e viramos uma imensa colcha de retalhos! Como dizia Cora Coralina.

VERÔNICA: A sua madrinha? [riso]

SYMONE: A minha madrinha [riso]!

VERÔNICA: Que história linda, que história linda, cheia de afeto, né, cheia de amor. Foi muito bom conversar com você, muito obrigada!

SYMONE: Foi um prazer! Prazer!

VERÔNICA: E que você tenha uma noite brilhante, um sono tranquilo.

SYMONE: Amém!

VERÔNICA: Muito obrigada por ter aceitado esse convite e eu vou então transcrever esse documento e... essa entrevista. Depois enviar pra você, pra você apreciar, tá bom? E te agradecer muito SYMONE. Muito obrigada, viu!

SYMONE: Eu que agradeço.

VERÔNICA: Um beijo no seu coração, tá?

SYMONE: Um beijo para você e para quem estiver ali do lado também, viu! Beijo [ruído de beijo].

VERÔNICA: Um beijo!

SYMONE: Até mais!

VERÔNICA: É, saíram daqui, estamos só nós duas! [riso]

SYMONE: Tá bom, beijo pra elas, cheiro!

VERÔNICA: Cheiro! Brigada! Eu vou...eu encerrar aqui a gravação, interromper né. Bem, não sei se interrompeu, mas é isso. Vou chamar a Vitória aqui para ela dar uma olhadinha, se tá tudo certinho.

SYMONE: Mas finalizou, né. Posso fechar né?!

VERÔNICA: Pode. Muito obrigada, tudo de bom! Espera só um pouquinho SYMONE, deixa eu chamar aqui a Vick, para ela ver se tá tudo certo. Mas eu acho que não tem problema você sair.

SYMONE: Eu acho que não, vai continuar gravando ai!

VERÔNICA: É! Então tá, fica com Deus, um abraço grande, tudo de bom e muito obrigada, viu.

SYMONE: Amém, boa noite, beijo! Beijo!

VERÔNICA: Beijo, tchau tchau! Tchau querida!

[cachorro latindo] [sussurros]

ANEXO A - PARECER CONSUBSTANCIADO DO COMITÊ DE ÉTICA E PESQUISA

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO TOCANTINS



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: Memória, contação de história e poética da oralidade: Uma pesquisa participante com contadores e contadoras do Norte e Nordeste

Pesquisador: FRANCISCA VERONICA FEITOSA ANDRADE

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 50707821.8.0000.5519

Instituição Proponente: Fundação Universidade Federal do Tocantins - Campus de Araguaína

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.161.485

Apresentação do Projeto:

O projeto é bem estruturado e apresenta quase as principais informações da pesquisa, após correções feitas na primeira versão.

Objetivo da Pesquisa:

Conhecer a história de vida dos contadores e contadoras de histórias com recorte no Norte e Nordeste.

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Acerca dos riscos, segundo a pesquisadora: É certo que toda pesquisa que envolve pessoas dispõem riscos tanto de caráter psicológico como físico, nesse caso, será possível que o participante da pesquisa fique muito emocionado, pois a narrativa oral de história de vida ativa a memória do sujeito, que poderá sentir-se comovido por lembrar-se do passado, o que poderá causar-lhes algum desconforto emocional.

No que se refere aos benefícios, segundo a pesquisadora: vislumbra-se como benefício, que a partir dessa pesquisa haja um aumento considerável de pessoas interessadas nessa arte, seja como contador ou pesquisador, interessados por manter a tradição oral, valorizar a narração dos contos da tradição oral.

Endereço: Avenida NS 15, 109 Norte Prédio do Almoarifado
Bairro: Plano Diretor Norte **CEP:** 77.001-090
UF: TO **Município:** PALMAS
Telefone: (63)3232-8023 **E-mail:** cep_uft@uft.edu.br

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO TOCANTINS



Continuação do Parecer: 5.161.485

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

A pesquisa é relevante para a área de conhecimento.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Folha de rosto: Todos os campos foram preenchidos e assinados.

Cronograma: O cronograma descreve as etapas e meses de execução da pesquisa, após correções feitas a partir da primeira versão.

TCLE: É elaborado em forma de convite, e apresenta as principais informações da pesquisa, após correções feitas a partir da primeira versão.

Declaração de compromisso do pesquisador responsável: Descreve o compromisso do pesquisador, datado e assinado.

Projeto de pesquisa: Após correções feitas a partir da primeira versão, está organizado e descreve todas as informações da pesquisa.

Recomendações:

Não há.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há pendências. A pesquisadora acatou as correções solicitadas na primeira versão. Nesse sentido, o projeto de pesquisa atende, nesta segunda versão, os procedimentos éticos para a pesquisa com seres humanos, segundo a norma operacional 001/2013 e as resoluções 466/12 e/ou 510/16.

Considerações Finais a critério do CEP:

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICAS_DO_PROJETO_1744720.pdf	24/11/2021 17:33:43		Aceito
Outros	CARTA_RESPOSTA_DO_PARECER_modificada.docx	24/11/2021 17:32:39	FRANCISCA VERONICA FEITOSA ANDRADE	Aceito
Cronograma	cronograma_modificado_da_pesquisa.docx	24/11/2021 17:32:19	FRANCISCA VERONICA FEITOSA ANDRADE	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_modificado_veronica.docx	24/11/2021 17:32:05	FRANCISCA VERONICA FEITOSA ANDRADE	Aceito

Endereço: Avenida NS 15, 109 Norte Prédio do Almojarifado

Bairro: Plano Diretor Norte **CEP:** 77.001-090

UF: TO **Município:** PALMAS

Telefone: (63)3232-8023

E-mail: cep_uft@uft.edu.br

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO TOCANTINS



Continuação do Parecer: 5.161.485

TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_modificado_veronica.doc	24/11/2021 17:31:39	FRANCISCA VERONICA FEITOSA ANDRADE	Aceito
Outros	CARTA_RESPOSTA_DO_PARECER.docx	02/11/2021 16:19:59	FRANCISCA VERONICA FEITOSA ANDRADE	Aceito
Folha de Rosto	Folha_de_rosto_assinado.pdf	09/08/2021 17:22:47	FRANCISCA VERONICA FEITOSA ANDRADE	Aceito
Declaração de Pesquisadores	Declaracao_da_Pesquisadora.docx	04/08/2021 15:06:16	FRANCISCA VERONICA FEITOSA ANDRADE	Aceito
Orçamento	orcamento_financeiro.docx	04/08/2021 15:05:23	FRANCISCA VERONICA FEITOSA ANDRADE	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE_veronica.doc	04/08/2021 15:04:24	FRANCISCA VERONICA FEITOSA ANDRADE	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	projeto_veronica.docx	04/08/2021 15:03:19	FRANCISCA VERONICA FEITOSA ANDRADE	Aceito
Cronograma	cronograma_da_pesquisa.docx	04/08/2021 15:00:22	FRANCISCA VERONICA FEITOSA ANDRADE	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PALMAS, 14 de Dezembro de 2021

Assinado por:
PEDRO YSMAEL CORNEJO MUJICA
(Coordenador(a))

Endereço: Avenida NS 15, 109 Norte Prédio do Almojarifado

Bairro: Plano Diretor Norte

CEP: 77.001-090

UF: TO

Município: PALMAS

Telefone: (63)3232-8023

E-mail: cep_uft@uft.edu.br

ANEXO B - TERMOS DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Página 1 de 3

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TÍTULO DA PESQUISA: CONTAÇÃO DE HISTÓRIA, MEMÓRIA E POÉTICA DA ORALIDADE: SOBRE CONTADORES E CONTADORAS DO NORTE E NORDESTE

Nome do (a) Pesquisador (a): **Francisca Veronica Feitosa Andrade**

Nome do (a) Orientador (a): **Luiza Helena Oliveira da Silva**

Você está sendo convidado (a) a participar desta pesquisa que tem como finalidade investigar a trajetória de vida de contadores e contadoras de histórias que residem nas cidades de Araguaína (TO), Marabá (PA) e Imperatriz (MA), com vistas a registrar suas histórias de vida e experiências com narrativas orais. Ao participar desta pesquisa, você permitirá que a pesquisadora Francisca Veronica Feitosa Andrade o (a) entreviste com o objetivo de conhecer sua trajetória como contador (a) de histórias. Fica aqui garantida a sua plena liberdade de em qualquer momento recusar a participação e que sua decisão não acarretará penalização por parte dos pesquisadores. Afirmando, ainda, que em qualquer fase da pesquisa você poderá retirar seu consentimento sem qualquer prejuízo, ainda garantindo a manutenção do sigilo e da privacidade dos dados e dos participantes durante todo o processo da pesquisa e caso você sofra algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, terá direito à indenização. Aos participantes fica garantido o acesso aos resultados da pesquisa. Igualmente, ainda afirmo que você sempre que achar necessário poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone da pesquisadora do projeto: celular (63) 99975-3432 e se necessário através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa, (63) 3232-8023. As entrevistas serão transcritas, e posteriormente devolvidas aos participantes da pesquisa, para apreciação e anuência ou possíveis mudanças. É certo que toda pesquisa que envolve pessoas dispõe de riscos tanto de caráter psicológico como físico, nesse caso, será possível que o participante da pesquisa fique muito emocionado, pois a narrativa oral de história de vida ativa a memória do sujeito, que poderá sentir-se comovido por lembrar-se do passado, o que poderá causar-lhes algum desconforto emocional. Contudo, para este trabalho de pesquisa não utilizaremos procedimentos desagradáveis, invasivos, mas adotaremos uma postura ética que zelará sempre pela segurança, confiança, respeito e pela escuta sensível. Ademais, almejamos que tudo transcorra tranquilamente e em caso de algum risco que seja moderado. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. As informações coletadas nesta pesquisa são estritamente confidenciais. Somente a orientadora da pesquisa e eu, como

pesquisadora teremos conhecimento de sua identidade e nos comprometemos em mantê-la em sigilo ao publicar os resultados dessa pesquisa. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo, pois a referência ao mesmo será feita através de nome fictício indicado pelos próprios voluntários ou criados pela pesquisadora, exceto se o participante da pesquisa autorizar o uso do seu nome nos dados. Uma cópia deste termo de consentimento será arquivada no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura da Universidade Federal do Norte Tocantins (UFNT), *Campus* de Araguaína, e a outra será fornecida a você, participante desta pesquisa. Nesta pesquisa, nos dedicaremos em ouvir história de vida de contadores e contadoras de histórias que residem nas cidades de Araguaína (TO), Marabá (PA) e Imperatriz (MA), com vistas a registrar as suas experiências como contadores e contadoras de histórias que poderão revelar a importância de recuperar a qualidade genuína de contadores e contadoras de histórias da tradição oral. Portanto, vislumbra-se como benefício, que a partir dessa pesquisa haja um aumento considerável de pessoas interessadas nessa arte, seja como contador ou pesquisador, interessados por manter a tradição oral, valorizar a narração do conto da tradição oral. Você não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

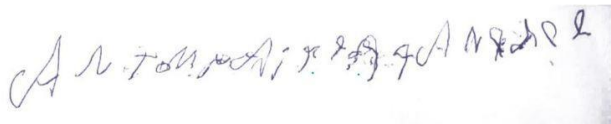
Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa, cabendo o preenchimento dos itens que se seguem

Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, **Antônio Aires de Andrade**, fui informada dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão, se assim o desejar. A professora orientadora **Luiza Helena Oliveira da Silva** juntamente com a pesquisadora **Francisca Veronica Feitosa Andrade** certificou-me de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais. Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa.

Autorizo a minha identificação real nessa pesquisa como “Antônio Aires”.

SIM NÃO



Assinatura do (a) Participante da Pesquisa



Assinatura da Pesquisadora



Assinatura da Orientadora

CEP- Comitê de Ética em Pesquisa - UFT/TO.

Endereço: **109: Norte, AV. NS 15, ALCNO 14, Prédio do Almoarifado**

Fone: **(63) 3232-8023 E-mail: cep-uft@uft.edu.br**

CEP: **77001-090 Palmas/TO.**

Pesquisadora Responsável: Francisca Veronica Feitosa Andrade

Endereço: **Avenida B, Quadra 97, Lote 393 Bairro: Jardim Santa Mônica, Araguaína/TO**

Fone: **(63) 9 9975-3432**

E-mail: **franciscaveronicafeitosa@gmail.com**

Orientadora: Luíza Helena Oliveira da Silva

Endereço: **Rua Mato Grosso, Araguaína/TO**

Fones: **(63) 9 8151 2095**

E-mail: **luiza.to@uft.edu.br**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA USO DE
IMAGEM**

**TÍTULO DA PESQUISA: CONTAÇÃO DE HISTÓRIA, MEMÓRIA E POÉTICA DA
ORALIDADE: SOBRE CONTADORES E CONTADORAS DO NORTE E NORDESTE**

Nome do (a) Pesquisador (a): **Francisca Veronica Feitosa Andrade**

Nome do (a) Orientador (a): **Luiza Helena Oliveira da Silva**

Eu, **ANTONIO AIRES DE ANDRADE**, autorizo a utilização da imagem abaixo, do acervo pessoal da autora, para sua dissertação intitulada “Contaçon de história, memória e poética da oralidade: Sobre contadores e contadoras do norte e nordeste.”



Antonio Aires de Andrade

Assinatura do (a) Participante da Pesquisa

Francisca Veronica F. Andrade

Assinatura da Pesquisadora

Luiza Helena Oliveira da Silva

Assinatura da Orientadora

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TÍTULO DA PESQUISA: CONTAÇÃO DE HISTÓRIA, MEMÓRIA E POÉTICA DA ORALIDADE: SOBRE CONTADORES E CONTADORAS DO NORTE E NORDESTE

Nome do (a) Pesquisador (a): **Francisca Veronica Feitosa Andrade**

Nome do (a) Orientador (a): **Luiza Helena Oliveira da Silva**

Você está sendo convidado (a) a participar desta pesquisa que tem como finalidade investigar a trajetória de vida de contadores e contadoras de histórias que residem nas cidades de Araguaína (TO), Marabá (PA) e Imperatriz (MA), com vistas a registrar suas histórias de vida e experiências com narrativas orais. Ao participar desta pesquisa, você permitirá que a pesquisadora Francisca Veronica Feitosa Andrade o (a) entreviste com o objetivo de conhecer sua trajetória como contador (a) de histórias. Fica aqui garantida a sua plena liberdade de em qualquer momento recusar a participação e que sua decisão não acarretará penalização por parte dos pesquisadores. Afirmo, ainda, que em qualquer fase da pesquisa você poderá retirar seu consentimento sem qualquer prejuízo, ainda garantindo a manutenção do sigilo e da privacidade dos dados e dos participantes durante todo processo da pesquisa e caso você sofra algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, terá direito à indenização. Aos participantes fica garantido o acesso aos resultados da pesquisa. Igualmente, ainda afirmo que você sempre que achar necessário poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone da pesquisadora do projeto: celular (63) 99975-3432 e se necessário através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa, (63) 3232-8023. As entrevistas serão transcritas, e posteriormente devolvidos aos participantes da pesquisa, para apreciação e anuência ou possíveis mudanças. É certo que toda pesquisa que envolve pessoas dispõem riscos tanto de caráter psicológico como físico, nesse caso, será possível que o participante da pesquisa fique muito emocionado, pois a narrativa oral de história de vida ativa a memória do sujeito, que poderá sentir-se comovido por lembrar-se do passado, o que poderá causar-lhes algum desconforto emocional. Contudo, para este trabalho de pesquisa não utilizaremos procedimentos desagradáveis, invasivos, mas adotaremos uma postura ética que zelará sempre pela segurança, confiança, respeito e pela escuta sensível. Ademais, almejamos que tudo transcorra tranquilamente e em caso de algum risco que seja moderado. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. As informações coletadas nesta pesquisa são estritamente confidenciais. Somente a orientadora da pesquisa e eu, como

pesquisadora teremos conhecimento de sua identidade e nos comprometemos em mantê-la em sigilo ao publicar os resultados dessa pesquisa. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo, pois a referência ao mesmo será feita através de nome fictício indicado pelos próprios voluntários ou criados pela pesquisadora, exceto se o participante da pesquisa autorizar o uso do seu nome nos dados. Uma cópia deste termo de consentimento será arquivada no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura da Universidade Federal do Norte Tocantins (UFNT), *Campus* de Araguaína, e a outra será fornecida a você, participante desta pesquisa. Nesta pesquisa, nos dedicaremos em ouvir história de vida de contadores e contadoras de histórias que residem nas cidades de Araguaína (TO), Marabá (PA) e Imperatriz (MA), com vistas a registrar as suas experiências como contadores e contadoras de histórias que poderão revelar a importância de recuperar a qualidade genuína de contadores e contadoras de histórias da tradição oral. Portanto, vislumbra-se como benefício, que a partir dessa pesquisa haja um aumento considerável de pessoas interessadas nessa arte, seja como contador ou pesquisador, interessados por manter a tradição oral, valorizar a narração do conto da tradição oral. Você não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa, cabendo o preenchimento dos itens que se seguem

Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, **Eliane Pereira Machado Soares**, fui informada dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão, se assim o desejar. A professora orientadora **Luiza Helena Oliveira da Silva** juntamente com a pesquisadora **Francisca Veronica Feitosa Andrade** certificou-me de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais. Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa.

Autorizo a minha identificação real nessa pesquisa como “Eliane Soares”.

SIM NÃO



Assinatura do (a) Participante da Pesquisa



Assinatura da Pesquisadora



Assinatura da Orientadora

CEP- Comitê de Ética em Pesquisa - UFT/TO.

Endereço: **109: Norte, AV. NS 15, ALCNO 14, Prédio do Almoarifado**

Fone: **(63) 3232-8023 E-mail: cep-uft@uft.edu.br**

CEP: **77001-090 Palmas/TO.**

Pesquisadora Responsável: Francisca Veronica Feitosa Andrade

Endereço: **Avenida B, Quadra 97, Lote 393 Bairro: Jardim Santa Mônica, Araguaína/TO**

Fone: **(63) 9 9975-3432**

E-mail: **franciscaveronicafeitosa@gmail.com**

Orientadora: Luíza Helena Oliveira da Silva

Endereço: **Rua Mato Grosso, Araguaína/TO**

Fones: **(63) 9 8151 2095**

E-mail: **luiza.to@uft.edu.br**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA USO DE
IMAGEM**

**TÍTULO DA PESQUISA: CONTAÇÃO DE HISTÓRIA, MEMÓRIA E POÉTICA DA
ORALIDADE: SOBRE CONTADORES E CONTADORAS DO NORTE E NORDESTE**

Nome do (a) Pesquisador (a): **Francisca Veronica Feitosa Andrade**

Nome do (a) Orientador (a): **Luiza Helena Oliveira da Silva**

Eu, **ELIANE PEREIRA MACHADO SOARES**, autorizo a utilização da imagem abaixo que está disponível no acervo pessoal da entrevistada para sua dissertação intitulada “Contaçon de história, memória e poética da oralidade: Sobre contadores e contadoras do norte e nordeste.”



Documento assinado digitalmente
gov.br ELIANE PEREIRA MACHADO SOARES
Data: 07/02/2023 10:56:07-0300
Verifique em <https://verificador.itl.br>

Assinatura do (a) Participante da Pesquisa

Francisca Veronica F. Andrade

Assinatura da Pesquisadora

Assinatura da Orientadora

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TÍTULO DA PESQUISA: CONTAÇÃO DE HISTÓRIA, MEMÓRIA E POÉTICA DA ORALIDADE: SOBRE CONTADORES E CONTADORAS DO NORTE E NORDESTE

Nome do (a) Pesquisador (a): **Francisca Veronica Feitosa Andrade**

Nome do (a) Orientador (a): **Luiza Helena Oliveira da Silva**

Você está sendo convidado (a) a participar desta pesquisa que tem como finalidade investigar a trajetória de vida de contadores e contadoras de histórias que residem nas cidades de Araguaína (TO), Marabá (PA) e Imperatriz (MA), com vistas a registrar suas histórias de vida e experiências com narrativas orais. Ao participar desta pesquisa, você permitirá que a pesquisadora Francisca Veronica Feitosa Andrade o (a) entreviste com o objetivo de conhecer sua trajetória como contador (a) de histórias. Fica aqui garantida a sua plena liberdade de em qualquer momento recusar a participação e que sua decisão não acarretará penalização por parte dos pesquisadores. Afirmando, ainda, que em qualquer fase da pesquisa você poderá retirar seu consentimento sem qualquer prejuízo, ainda garantindo a manutenção do sigilo e da privacidade dos dados e dos participantes durante todo processo da pesquisa e caso você sofra algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, terá direito à indenização. Aos participantes fica garantido o acesso aos resultados da pesquisa. Igualmente, ainda afirmo que você sempre que achar necessário poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone da pesquisadora do projeto: celular (63) 99975-3432 e se necessário através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa, (63) 3232-8023. As entrevistas serão transcritas, e posteriormente devolvidas aos participantes da pesquisa, para apreciação e anuência ou possíveis mudanças. É certo que toda pesquisa que envolve pessoas dispõe de riscos tanto de caráter psicológico como físico, nesse caso, será possível que o participante da pesquisa fique muito emocionado, pois a narrativa oral de história de vida ativa a memória do sujeito, que poderá sentir-se comovido por lembrar-se do passado, o que poderá causar-lhes algum desconforto emocional. Contudo, para este trabalho de pesquisa não utilizaremos procedimentos desagradáveis, invasivos, mas adotaremos uma postura ética que zelará sempre pela segurança, confiança, respeito e pela escuta sensível. Ademais, almejamos que tudo transcorra tranquilamente e em caso de algum risco que seja moderado. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. As informações coletadas nesta pesquisa são estritamente confidenciais. Somente a orientadora da pesquisa e eu, como

pesquisadora teremos conhecimento de sua identidade e nos comprometemos em mantê-la em sigilo ao publicar os resultados dessa pesquisa. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo, pois a referência ao mesmo será feita através de nome fictício indicado pelos próprios voluntários ou criados pela pesquisadora, exceto se o participante da pesquisa autorizar o uso do seu nome nos dados. Uma cópia deste termo de consentimento será arquivada no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura da Universidade Federal do Norte Tocantins (UFNT), *Campus* de Araguaína, e a outra será fornecida a você, participante desta pesquisa. Nesta pesquisa, nos dedicaremos em ouvir história de vida de contadores e contadoras de histórias que residem nas cidades de Araguaína (TO), Marabá (PA) e Imperatriz (MA), com vistas a registrar as suas experiências como contadores e contadoras de histórias que poderão revelar a importância de recuperar a qualidade genuína de contadores e contadoras de histórias da tradição oral. Portanto, vislumbra-se como benefício, que a partir dessa pesquisa haja um aumento considerável de pessoas interessadas nessa arte, seja como contador ou pesquisador, interessados por manter a tradição oral, valorizar a narração do conto da tradição oral. Você não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa, cabendo o preenchimento dos itens que se seguem

Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, **Eronilde dos Santos Cunha**, fui informada dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão, se assim o desejar. A professora orientadora **Luiza Helena Oliveira da Silva** juntamente com a pesquisadora **Francisca Veronica Feitosa Andrade** certificou-me de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais. Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa.

Autorizo a minha identificação real nessa pesquisa como “Ero Cunha”.

SIM NÃO

Eronilde dos Santos Cunha

Assinatura do (a) Participante da Pesquisa

Francisca Veronica F. Andrade

Assinatura da Pesquisadora



Assinatura da Orientadora

CEP- Comitê de Ética em Pesquisa - UFT/TO.

Endereço: 109: Norte, AV. NS 15, ALCNO 14, Prédio do Almoarifado

Fone: (63) 3232-8023 E-mail: cep-uft@uft.edu.br

CEP: 77001-090 Palmas/TO.

Pesquisadora Responsável: Francisca Veronica Feitosa Andrade

Endereço: Avenida B, Quadra 97, Lote 393 Bairro: Jardim Santa Mônica, Araguaína/TO

Fone: (63) 9 9975-3432

E-mail: franciscaveronicafeitosa@gmail.com

Orientadora: Luíza Helena Oliveira da Silva

Endereço: Rua Mato Grosso, Araguaína/TO

Fones: (63) 9 8151 2095

E-mail: luiza.to@uft.edu.br

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA USO DE
IMAGEM**

TÍTULO DA PESQUISA: **CONTAÇÃO DE HISTÓRIA, MEMÓRIA E POÉTICA DA
ORALIDADE: SOBRE CONTADORES E CONTADORAS DO NORTE E NORDESTE**

Nome do (a) Pesquisador (a): **Francisca Veronica Feitosa Andrade**

Nome do (a) Orientador (a): **Luiza Helena Oliveira da Silva**

Eu, **ERÓ CUHA**, autorizo a utilização da imagem abaixo que está disponível no *instagram* para sua dissertação intitulada “Contação de história, memória e poética da oralidade: Sobre contadores e contadoras do norte e nordeste.”



Ernilde dos Santos Cunha
Assinatura do (a) Participante da Pesquisa

Francisca Veronica F. Andrade
Assinatura da Pesquisadora

Assinatura da Orientadora

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TÍTULO DA PESQUISA: CONTAÇÃO DE HISTÓRIA, MEMÓRIA E POÉTICA DA ORALIDADE: SOBRE CONTADORES E CONTADORAS DO NORTE E NORDESTE

Nome do (a) Pesquisador (a): **Francisca Veronica Feitosa Andrade**

Nome do (a) Orientador (a): **Luiza Helena Oliveira da Silva**

Você está sendo convidado (a) a participar desta pesquisa que tem como finalidade investigar a trajetória de vida de contadores e contadoras de histórias que residem nas cidades de Araguaína (TO), Marabá (PA) e Imperatriz (MA), com vistas a registrar suas histórias de vida e experiências com narrativas orais. Ao participar desta pesquisa, você permitirá que a pesquisadora Francisca Veronica Feitosa Andrade o (a) entreviste com o objetivo de conhecer sua trajetória como contador (a) de histórias. Fica aqui garantida a sua plena liberdade de em qualquer momento recusar a participação e que sua decisão não acarretará penalização por parte dos pesquisadores. Afirmando, ainda, que em qualquer fase da pesquisa você poderá retirar seu consentimento sem qualquer prejuízo, ainda garantindo a manutenção do sigilo e da privacidade dos dados e dos participantes durante todo processo da pesquisa e caso você sofra algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, terá direito à indenização. Aos participantes fica garantido o acesso aos resultados da pesquisa. Igualmente, ainda afirmo que você sempre que achar necessário poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone da pesquisadora do projeto: celular (63) 99975-3432 e se necessário através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa, (63) 3232-8023. As entrevistas serão transcritas, e posteriormente devolvidas aos participantes da pesquisa, para apreciação e anuência ou possíveis mudanças. É certo que toda pesquisa que envolve pessoas dispõem riscos tanto de caráter psicológico como físico, nesse caso, será possível que o participante da pesquisa fique muito emocionado, pois a narrativa oral de história de vida ativa a memória do sujeito, que poderá sentir-se comovido por lembrar-se do passado, o que poderá causar-lhes algum desconforto emocional. Contudo, para este trabalho de pesquisa não utilizaremos procedimentos desagradáveis, invasivos, mas adotaremos uma postura ética que zelará sempre pela segurança, confiança, respeito e pela escuta sensível. Ademais, almejamos que tudo transcorra tranquilamente e em caso de algum risco que seja moderado. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. As informações coletadas nesta pesquisa são estritamente confidenciais. Somente a orientadora da pesquisa e eu, como

pesquisadora teremos conhecimento de sua identidade e nos comprometemos em mantê-la em sigilo ao publicar os resultados dessa pesquisa. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo, pois a referência ao mesmo será feita através de nome fictício indicado pelos próprios voluntários ou criados pela pesquisadora, exceto se o participante da pesquisa autorizar o uso do seu nome nos dados. Uma cópia deste termo de consentimento será arquivada no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura da Universidade Federal do Norte Tocantins (UFNT), *Campus* de Araguaína, e a outra será fornecida a você, participante desta pesquisa. Nesta pesquisa, nos dedicaremos em ouvir história de vida de contadores e contadoras de histórias que residem nas cidades de Araguaína (TO), Marabá (PA) e Imperatriz (MA), com vistas a registrar as suas experiências como contadores e contadoras de histórias que poderão revelar a importância de recuperar a qualidade genuína de contadores e contadoras de histórias da tradição oral. Portanto, vislumbra-se como benefício, que a partir dessa pesquisa haja um aumento considerável de pessoas interessadas nessa arte, seja como contador ou pesquisador, interessados por manter a tradição oral, valorizar a narração do conto da tradição oral. Você não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa, cabendo o preenchimento dos itens que se seguem

Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, **Joanires Maria dos Santos Souza**, fui informada dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão, se assim o desejar. A professora orientadora **Luiza Helena Oliveira da Silva** juntamente com a pesquisadora **Francisca Veronica Feitosa Andrade** certificou-me de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais. Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa.

Autorizo a minha identificação real nessa pesquisa como “Jô Santos”.

SIM NÃO

Jo Santos.

Assinatura do (a) Participante da Pesquisa

Francisca Veronica F. Andrade

Assinatura da Pesquisadora



Assinatura da Orientadora

CEP- Comitê de Ética em Pesquisa - UFT/TO.
Endereço: 109: Norte, AV. NS 15, ALCNO 14, Prédio do Almojarifado
Fone: (63) 3232-8023 E-mail: cep-uft@uft.edu.br
CEP: 77001-090 Palmas/TO.

Pesquisadora Responsável: **Francisca Veronica Feitosa Andrade**
Endereço: **Avenida B, Quadra 97, Lote 393 Bairro: Jardim Santa Mônica, Araguaína/TO**
Fone: (63) 9 9975-3432
E-mail: franciscaveronicafeitosa@gmail.com

Orientadora: **Luíza Helena Oliveira da Silva**
Endereço: **Rua Mato Grosso, Araguaína/TO**
Fones: (63) 9 8151 2095
E-mail: luiza.to@uft.edu.br

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA USO DE
IMAGEM**

**TÍTULO DA PESQUISA: CONTAÇÃO DE HISTÓRIA, MEMÓRIA E POÉTICA DA
ORALIDADE: SOBRE CONTADORES E CONTADORAS DO NORTE E NORDESTE**

Nome do (a) Pesquisador (a): **Francisca Veronica Feitosa Andrade**

Nome do (a) Orientador (a): **Luiza Helena Oliveira da Silva**

Eu, **JÓ SANTOS**, autorizo a utilização da imagem abaixo que está disponível no *instagram* para sua dissertação intitulada “Contaçon de história, memória e poética da oralidade: Sobre contadores e contadoras do norte e nordeste.”



Jó Santos

Assinatura do (a) Participante da Pesquisa

Francisca Veronica F. Andrade

Assinatura da Pesquisadora

[Handwritten signature]

Assinatura da Orientadora

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TÍTULO DA PESQUISA: CONTAÇÃO DE HISTÓRIA, MEMÓRIA E POÉTICA DA ORALIDADE: SOBRE CONTADORES E CONTADORAS DO NORTE E NORDESTE

Nome do (a) Pesquisador (a): **Francisca Veronica Feitosa Andrade**

Nome do (a) Orientador (a): **Luiza Helena Oliveira da Silva**

Você está sendo convidado (a) a participar desta pesquisa que tem como finalidade investigar a trajetória de vida de contadores e contadoras de histórias que residem nas cidades de Araguaína (TO), Marabá (PA) e Imperatriz (MA), com vistas a registrar suas histórias de vida e experiências com narrativas orais. Ao participar desta pesquisa, você permitirá que a pesquisadora Francisca Veronica Feitosa Andrade o (a) entreviste com o objetivo de conhecer sua trajetória como contador (a) de histórias. Fica aqui garantida a sua plena liberdade de em qualquer momento recusar a participação e que sua decisão não acarretará penalização por parte dos pesquisadores. Afirmando, ainda, que em qualquer fase da pesquisa você poderá retirar seu consentimento sem qualquer prejuízo, ainda garantindo a manutenção do sigilo e da privacidade dos dados e dos participantes durante todo processo da pesquisa e caso você sofra algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, terá direito à indenização. Aos participantes fica garantido o acesso aos resultados da pesquisa. Igualmente, ainda afirmo que você sempre que achar necessário poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone da pesquisadora do projeto: celular (63) 99975-3432 e se necessário através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa, (63) 3232-8023. As entrevistas serão transcritas, e posteriormente devolvidas aos participantes da pesquisa, para apreciação e anuência ou possíveis mudanças. É certo que toda pesquisa que envolve pessoas dispõem riscos tanto de caráter psicológico como físico, nesse caso, será possível que o participante da pesquisa fique muito emocionado, pois a narrativa oral de história de vida ativa a memória do sujeito, que poderá sentir-se comovido por lembrar-se do passado, o que poderá causar-lhes algum desconforto emocional. Contudo, para este trabalho de pesquisa não utilizaremos procedimentos desagradáveis, invasivos, mas adotaremos uma postura ética que zelará sempre pela segurança, confiança, respeito e pela escuta sensível. Ademais, almejamos que tudo transcorra tranquilamente e em caso de algum risco que seja moderado. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. As informações coletadas nesta pesquisa são estritamente confidenciais. Somente a orientadora da pesquisa e eu, como

pesquisadora teremos conhecimento de sua identidade e nos comprometemos em mantê-la em sigilo ao publicar os resultados dessa pesquisa. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo, pois a referência ao mesmo será feita através de nome fictício indicado pelos próprios voluntários ou criados pela pesquisadora, exceto se o participante da pesquisa autorizar o uso do seu nome nos dados. Uma cópia deste termo de consentimento será arquivada no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura da Universidade Federal do Norte Tocantins (UFNT), *Campus* de Araguaína, e a outra será fornecida a você, participante desta pesquisa. Nesta pesquisa, nos dedicaremos em ouvir história de vida de contadores e contadoras de histórias que residem nas cidades de Araguaína (TO), Marabá (PA) e Imperatriz (MA), com vistas a registrar as suas experiências como contadores e contadoras de histórias que poderão revelar a importância de recuperar a qualidade genuína de contadores e contadoras de histórias da tradição oral. Portanto, vislumbra-se como benefício, que a partir dessa pesquisa haja um aumento considerável de pessoas interessadas nessa arte, seja como contador ou pesquisador, interessados por manter a tradição oral, valorizar a narração do conto da tradição oral. Você não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa, cabendo o preenchimento dos itens que se seguem

Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, **Karine Moreira Melo Souza**, fui informada dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão, se assim o desejar. A professora orientadora **Luiza Helena Oliveira da Silva** juntamente com a pesquisadora **Francisca Veronica Feitosa Andrade** certificou-me de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais. Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa.

Autorizo a minha identificação real nessa pesquisa como “Karine Melo”.

SIM NÃO

Karine Melo

Assinatura do (a) Participante da Pesquisa

Francisca Veronica F. Andrade

Assinatura da Pesquisadora



Assinatura da Orientadora

CEP- Comitê de Ética em Pesquisa - UFT/TO.

Endereço: 109: Norte, AV. NS 15, ALCNO 14, Prédio do Almoarifado

Fone: (63) 3232-8023 E-mail: cep-uft@uft.edu.br

CEP: 77001-090 Palmas/TO.

Pesquisadora Responsável: Francisca Veronica Feitosa Andrade

Endereço: Avenida B, Quadra 97, Lote 393 Bairro: Jardim Santa Mônica, Araguaína/TO

Fone: (63) 9 9975-3432

E-mail: franciscaveronicafeitosa@gmail.com

Orientadora: Luíza Helena Oliveira da Silva

Endereço: Rua Mato Grosso, Araguaína/TO

Fones: (63) 9 8151 2095

E-mail: luiza.to@uft.edu.br

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA USO DE
IMAGEM**

**TÍTULO DA PESQUISA: CONTAÇÃO DE HISTÓRIA, MEMÓRIA E POÉTICA DA
ORALIDADE: SOBRE CONTADORES E CONTADORAS DO NORTE E NORDESTE**

Nome do (a) Pesquisador (a): **Francisca Veronica Feitosa Andrade**

Nome do (a) Orientador (a): **Luiza Helena Oliveira da Silva**

Eu, **KARINE MELO**, autorizo a utilização da imagem abaixo que está disponível no acervo pessoal da entrevistada para sua dissertação intitulada "Contaçon de história, memória e poética da oralidade: Sobre contadores e contadoras do norte e nordeste."



Karine Moura Melo Souza
Assinatura do (a) Participante da Pesquisa

Francisca Veronica F. Andrade
Assinatura da Pesquisadora



Assinatura da Orientadora

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TÍTULO DA PESQUISA: CONTAÇÃO DE HISTÓRIA, MEMÓRIA E POÉTICA DA ORALIDADE: SOBRE CONTADORES E CONTADORAS DO NORTE E NORDESTE

Nome do (a) Pesquisador (a): **Francisca Veronica Feitosa Andrade**

Nome do (a) Orientador (a): **Luiza Helena Oliveira da Silva**

Você está sendo convidado (a) a participar desta pesquisa que tem como finalidade investigar a trajetória de vida de contadores e contadoras de histórias que residem nas cidades de Araguaína (TO), Marabá (PA) e Imperatriz (MA), com vistas a registrar suas histórias de vida e experiências com narrativas orais. Ao participar desta pesquisa, você permitirá que a pesquisadora Francisca Veronica Feitosa Andrade o (a) entreviste com o objetivo de conhecer sua trajetória como contador (a) de histórias. Fica aqui garantida a sua plena liberdade de em qualquer momento recusar a participação e que sua decisão não acarretará penalização por parte dos pesquisadores. Afirmando, ainda, que em qualquer fase da pesquisa você poderá retirar seu consentimento sem qualquer prejuízo, ainda garantindo a manutenção do sigilo e da privacidade dos dados e dos participantes durante todo processo da pesquisa e caso você sofra algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, terá direito à indenização. Aos participantes fica garantido o acesso aos resultados da pesquisa. Igualmente, ainda afirmo que você sempre que achar necessário poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone da pesquisadora do projeto: celular (63) 99975-3432 e se necessário através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa, (63) 3232-8023. As entrevistas serão transcritas, e posteriormente devolvidas aos participantes da pesquisa, para apreciação e anuência ou possíveis mudanças. É certo que toda pesquisa que envolve pessoas dispõe de riscos tanto de caráter psicológico como físico, nesse caso, será possível que o participante da pesquisa fique muito emocionado, pois a narrativa oral de história de vida ativa a memória do sujeito, que poderá sentir-se comovido por lembrar-se do passado, o que poderá causar-lhes algum desconforto emocional. Contudo, para este trabalho de pesquisa não utilizaremos procedimentos desagradáveis, invasivos, mas adotaremos uma postura ética que zelará sempre pela segurança, confiança, respeito e pela escuta sensível. Ademais, almejamos que tudo transcorra tranquilamente e em caso de algum risco que seja moderado. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. As informações coletadas nesta pesquisa são estritamente confidenciais. Somente a orientadora da pesquisa e eu, como

pesquisadora teremos conhecimento de sua identidade e nos comprometemos em mantê-la em sigilo ao publicar os resultados dessa pesquisa. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo, pois a referência ao mesmo será feita através de nome fictício indicado pelos próprios voluntários ou criados pela pesquisadora, exceto se o participante da pesquisa autorizar o uso do seu nome nos dados. Uma cópia deste termo de consentimento será arquivada no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura da Universidade Federal do Norte Tocantins (UFNT), *Campus* de Araguaína, e a outra será fornecida a você, participante desta pesquisa. Nesta pesquisa, nos dedicaremos em ouvir história de vida de contadores e contadoras de histórias que residem nas cidades de Araguaína (TO), Marabá (PA) e Imperatriz (MA), com vistas a registrar as suas experiências como contadores e contadoras de histórias que poderão revelar a importância de recuperar a qualidade genuína de contadores e contadoras de histórias da tradição oral. Portanto, vislumbra-se como benefício, que a partir dessa pesquisa haja um aumento considerável de pessoas interessadas nessa arte, seja como contador ou pesquisador, interessados por manter a tradição oral, valorizar a narração do conto da tradição oral. Você não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa, cabendo o preenchimento dos itens que se seguem

Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, **Simone Elias Souza Vieira**, fui informada dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão, se assim o desejar. A professora orientadora **Luiza Helena Oliveira da Silva** juntamente com a pesquisadora **Francisca Veronica Feitosa Andrade** certificou-me de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais. Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa.

Autorizo a minha identificação real nessa pesquisa como “Symone Elias”.

SIM NÃO



Assinatura do (a) Participante da Pesquisa



Assinatura da Pesquisadora



Assinatura da Orientadora

CEP- Comitê de Ética em Pesquisa - UFT/TO.
Endereço: **109: Norte, AV. NS 15, ALCNO 14, Prédio do Almojarifado**
Fone: **(63) 3232-8023** E-mail: **cep-uft@uft.edu.br**
CEP: **77001-090 Palmas/TO.**

Pesquisadora Responsável: **Francisca Veronica Feitosa Andrade**
Endereço: **Avenida B, Quadra 97, Lote 393 Bairro: Jardim Santa Mônica, Araguaína/TO**
Fone: **(63) 9 9975-3432**
E-mail: **franciscaveronicafeitosa@gmail.com**

Orientadora: **Luíza Helena Oliveira da Silva**
Endereço: **Rua Mato Grosso, Araguaína/TO**
Fones: **(63) 9 8151 2095**
E-mail: **luiza.to@uft.edu.br**

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA USO DE
IMAGEM**

**TÍTULO DA PESQUISA: CONTAÇÃO DE HISTÓRIA, MEMÓRIA E POÉTICA DA
ORALIDADE: SOBRE CONTADORES E CONTADORAS DO NORTE E NORDESTE**

Nome do (a) Pesquisador (a): **Francisca Veronica Feitosa Andrade**

Nome do (a) Orientador (a): **Luiza Helena Oliveira da Silva**

Eu, **SYMONE ELIAS**, autorizo a utilização da imagem abaixo que está disponível no *facebook* para sua dissertação intitulada "Contaçon de história, memória e poética da oralidade: Sobre contadores e contadoras do norte e nordeste."



Simone Elias D. Vieira
Assinatura do (a) Participante da Pesquisa

Francisca Veronica F. Andrade
Assinatura da Pesquisadora

[Handwritten Signature]
Assinatura da Orientadora

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TÍTULO DA PESQUISA: CONTAÇÃO DE HISTÓRIA, MEMÓRIA E POÉTICA DA ORALIDADE: SOBRE CONTADORES E CONTADORAS DO NORTE E NORDESTE

Nome do (a) Pesquisador (a): **Francisca Veronica Feitosa Andrade**

Nome do (a) Orientador (a): **Luiza Helena Oliveira da Silva**

Você está sendo convidado (a) a participar desta pesquisa que tem como finalidade investigar a trajetória de vida de contadores e contadoras de histórias que residem nas cidades de Araguaína (TO), Marabá (PA) e Imperatriz (MA), com vistas a registrar suas histórias de vida e experiências com narrativas orais. Ao participar desta pesquisa, você permitirá que a pesquisadora Francisca Veronica Feitosa Andrade o (a) entreviste com o objetivo de conhecer sua trajetória como contador (a) de histórias. Fica aqui garantida a sua plena liberdade de em qualquer momento recusar a participação e que sua decisão não acarretará penalização por parte dos pesquisadores. Afirmando, ainda, que em qualquer fase da pesquisa você poderá retirar seu consentimento sem qualquer prejuízo, ainda garantindo a manutenção do sigilo e da privacidade dos dados e dos participantes durante todo o processo da pesquisa e caso você sofra algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, terá direito à indenização. Aos participantes fica garantido o acesso aos resultados da pesquisa. Igualmente, ainda afirmo que você sempre que achar necessário poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone da pesquisadora do projeto: celular (63) 99975-3432 e se necessário através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa, (63) 3232-8023. As entrevistas serão transcritas, e posteriormente devolvidas aos participantes da pesquisa, para apreciação e anuência ou possíveis mudanças. É certo que toda pesquisa que envolve pessoas dispõe de riscos tanto de caráter psicológico como físico, nesse caso, será possível que o participante da pesquisa fique muito emocionado, pois a narrativa oral de história de vida ativa a memória do sujeito, que poderá sentir-se comovido por lembrar-se do passado, o que poderá causar-lhes algum desconforto emocional. Contudo, para este trabalho de pesquisa não utilizaremos procedimentos desagradáveis, invasivos, mas adotaremos uma postura ética que zelará sempre pela segurança, confiança, respeito e pela escuta sensível. Ademais, almejamos que tudo transcorra tranquilamente e em caso de algum risco que seja moderado. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. As informações coletadas nesta pesquisa são estritamente confidenciais. Somente a orientadora da pesquisa e eu, como

pesquisadora teremos conhecimento de sua identidade e nos comprometemos em mantê-la em sigilo ao publicar os resultados dessa pesquisa. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo, pois a referência ao mesmo será feita através de nome fictício indicado pelos próprios voluntários ou criados pela pesquisadora, exceto se o participante da pesquisa autorizar o uso do seu nome nos dados. Uma cópia deste termo de consentimento será arquivada no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura da Universidade Federal do Norte Tocantins (UFNT), *Campus* de Araguaína, e a outra será fornecida a você, participante desta pesquisa. Nesta pesquisa, nos dedicaremos em ouvir história de vida de contadores e contadoras de histórias que residem nas cidades de Araguaína (TO), Marabá (PA) e Imperatriz (MA), com vistas a registrar as suas experiências como contadores e contadoras de histórias que poderão revelar a importância de recuperar a qualidade genuína de contadores e contadoras de histórias da tradição oral. Portanto, vislumbra-se como benefício, que a partir dessa pesquisa haja um aumento considerável de pessoas interessadas nessa arte, seja como contador ou pesquisador, interessados por manter a tradição oral, valorizar a narração do conto da tradição oral. Você não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

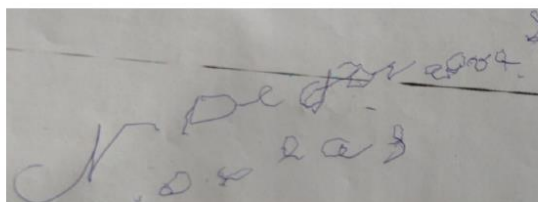
Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa, cabendo o preenchimento dos itens que se seguem

Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, **Noé Gonçalves Lessas**, fui informado dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão, se assim o desejar. A professora orientadora **Luiza Helena Oliveira da Silva** juntamente com a pesquisadora **Francisca Veronica Feitosa Andrade** certificou-me de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais. Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa.

Autorizo a minha identificação real nessa pesquisa como “Noé Lessas”.

SIM NÃO



Assinatura do (a) Participante da Pesquisa



Assinatura da Pesquisadora



Assinatura da Orientadora

CEP- Comitê de Ética em Pesquisa - UFT/TO.
Endereço: 109: Norte, AV. NS 15, ALCNO 14, Prédio do Almoarifado
Fone: (63) 3232-8023 E-mail: cep-uft@uft.edu.br
CEP: 77001-090 Palmas/TO.

Pesquisadora Responsável: **Francisca Veronica Feitosa Andrade**
Endereço: **Avenida B, Quadra 97, Lote 393 Bairro: Jardim Santa Mônica, Araguaína/TO**
Fone: (63) 9 9975-3432
E-mail: franciscaveronicafeitosa@gmail.com

Orientadora: **Luíza Helena Oliveira da Silva**
Endereço: **Rua Mato Grosso, Araguaína/TO**
Fones: (63) 9 8151 2095
E-mail: luiza.to@uft.edu.br

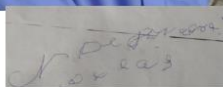
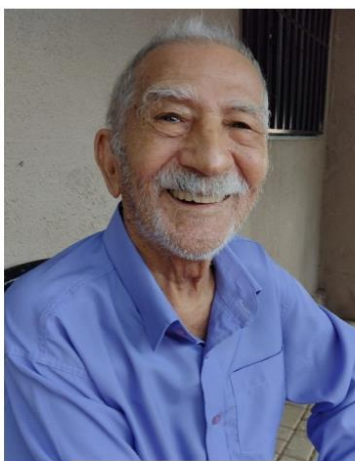
**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA USO DE
IMAGEM**

**TÍTULO DA PESQUISA: CONTAÇÃO DE HISTÓRIA, MEMÓRIA E POÉTICA DA
ORALIDADE: SOBRE CONTADORES E CONTADORAS DO NORTE E NORDESTE**

Nome do (a) Pesquisador (a): **Francisca Veronica Feitosa Andrade**

Nome do (a) Orientador (a): **Luiza Helena Oliveira da Silva**

Eu, **NOÉ LESSAS**, autorizo a utilização da imagem abaixo que está disponível no acervo pessoal da pesquisadora para sua dissertação intitulada “Contaçon de história, memória e poética da oralidade: Sobre contadores e contadoras do norte e nordeste.”



Assinatura do (a) Participante da Pesquisa



Assinatura da Pesquisadora



Assinatura da Orientadora

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TÍTULO DA PESQUISA: CONTAÇÃO DE HISTÓRIA, MEMÓRIA E POÉTICA DA ORALIDADE: SOBRE CONTADORES E CONTADORAS DO NORTE E NORDESTE

Nome do (a) Pesquisador (a): **Francisca Veronica Feitosa Andrade**

Nome do (a) Orientador (a): **Luiza Helena Oliveira da Silva**

Você está sendo convidado (a) a participar desta pesquisa que tem como finalidade investigar a trajetória de vida de contadores e contadoras de histórias que residem nas cidades de Araguaína (TO), Marabá (PA) e Imperatriz (MA), com vistas a registrar suas histórias de vida e experiências com narrativas orais. Ao participar desta pesquisa, você permitirá que a pesquisadora Francisca Veronica Feitosa Andrade o (a) entreviste com o objetivo de conhecer sua trajetória como contador (a) de histórias. Fica aqui garantida a sua plena liberdade de em qualquer momento recusar a participação e que sua decisão não acarretará penalização por parte dos pesquisadores. Afirmo, ainda, que em qualquer fase da pesquisa você poderá retirar seu consentimento sem qualquer prejuízo, ainda garantindo a manutenção do sigilo e da privacidade dos dados e dos participantes durante todo processo da pesquisa e caso você sofra algum dano comprovadamente decorrente desta pesquisa, terá direito à indenização. Aos participantes fica garantido o acesso aos resultados da pesquisa. Igualmente, ainda afirmo que você sempre que achar necessário poderá pedir mais informações sobre a pesquisa através do telefone da pesquisadora do projeto: celular (63) 99975-3432 e se necessário através do telefone do Comitê de Ética em Pesquisa, (63) 3232-8023. As entrevistas serão transcritas, e posteriormente devolvidos aos participantes da pesquisa, para apreciação e anuência ou possíveis mudanças. É certo que toda pesquisa que envolve pessoas dispõem riscos tanto de caráter psicológico como físico, nesse caso, será possível que o participante da pesquisa fique muito emocionado, pois a narrativa oral de história de vida ativa a memória do sujeito, que poderá sentir-se comovido por lembrar-se do passado, o que poderá causar-lhes algum desconforto emocional. Contudo, para este trabalho de pesquisa não utilizaremos procedimentos desagradáveis, invasivos, mas adotaremos uma postura ética que zelará sempre pela segurança, confiança, respeito e pela escuta sensível. Ademais, almejamos que tudo transcorra tranquilamente e em caso de algum risco que seja moderado. Os procedimentos adotados nesta pesquisa obedecem aos Critérios da Ética em Pesquisa com Seres Humanos conforme Resolução nº. 466/12 do Conselho Nacional de Saúde. As informações coletadas nesta pesquisa são estritamente confidenciais. Somente a orientadora da pesquisa e eu, como

pesquisadora teremos conhecimento de sua identidade e nos comprometemos em mantê-la em sigilo ao publicar os resultados dessa pesquisa. Você não será identificado (a) em nenhuma publicação que possa resultar deste estudo, pois a referência ao mesmo será feita através de nome fictício indicado pelos próprios voluntários ou criados pela pesquisadora, exceto se o participante da pesquisa autorizar o uso do seu nome nos dados. Uma cópia deste termo de consentimento será arquivada no Programa de Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura da Universidade Federal do Norte Tocantins (UFNT), *Campus* de Araguaína, e a outra será fornecida a você, participante desta pesquisa. Nesta pesquisa, nos dedicaremos em ouvir história de vida de contadores e contadoras de histórias que residem nas cidades de Araguaína (TO), Marabá (PA) e Imperatriz (MA), com vistas a registrar as suas experiências como contadores e contadoras de histórias que poderão revelar a importância de recuperar a qualidade genuína de contadores e contadoras de histórias da tradição oral. Portanto, vislumbra-se como benefício, que a partir dessa pesquisa haja um aumento considerável de pessoas interessadas nessa arte, seja como contador ou pesquisador, interessados por manter a tradição oral, valorizar a narração do conto da tradição oral. Você não terá nenhum tipo de despesa para participar desta pesquisa, bem como nada será pago por sua participação.

Após estes esclarecimentos, solicitamos o seu consentimento de forma livre para participar desta pesquisa, cabendo o preenchimento dos itens que se seguem

Consentimento Livre e Esclarecido

Eu, **Francisca Cláudia Borges Fernandes**, fui informado dos objetivos da pesquisa acima de maneira clara e detalhada e esclareci minhas dúvidas. Sei que em qualquer momento poderei solicitar novas informações e modificar minha decisão, se assim o desejar. A professora orientadora **Luiza Helena Oliveira da Silva** juntamente com a pesquisadora **Francisca Veronica Feitosa Andrade** certificou-me de que todos os dados desta pesquisa serão confidenciais. Tendo em vista os itens acima apresentados, eu, de forma livre e esclarecida, manifesto meu consentimento em participar da pesquisa.

Autorizo a minha identificação real nessa pesquisa como “Cláudia Borges”.

SIM NÃO

Francisca Cláudia Borges Fernandes

Assinatura do (a) Participante da Pesquisa

Francisca Verônica F. Andrade

Assinatura da Pesquisadora



Assinatura da Orientadora

CEP- Comitê de Ética em Pesquisa - UFT/TO.

Endereço: 109: Norte, AV. NS 15, ALCNO 14, Prédio do Almoarifado

Fone: (63) 3232-8023 E-mail: cep-uft@uft.edu.br

CEP: 77001-090 Palmas/TO.

Pesquisadora Responsável: Francisca Verônica Feitosa Andrade

Endereço: Avenida B, Quadra 97, Lote 393 Bairro: Jardim Santa Mônica, Araguaína/TO

Fone: (63) 9 9975-3432

E-mail: franciscaveronicefeitosa@gmail.com

Orientadora: Luíza Helena Oliveira da Silva

Endereço: Rua Mato Grosso, Araguaína/TO

Fones: (63) 9 8151 2095

E-mail: luiza.to@uft.edu.br

**TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA USO DE
IMAGEM**

**TÍTULO DA PESQUISA: CONTAÇÃO DE HISTÓRIA, MEMÓRIA E POÉTICA DA
ORALIDADE: SOBRE CONTADORES E CONTADORAS DO NORTE E NORDESTE**

Nome do (a) Pesquisador (a): **Francisca Veronica Feitosa Andrade**

Nome do (a) Orientador (a): **Luiza Helena Oliveira da Silva**

Eu, **CLÁUDIA BORGES**, autorizo a utilização da imagem abaixo que está disponível no *facebook* para sua dissertação intitulada “Contaçon de história, memória e poética da oralidade: Sobre contadores e contadoras do norte e nordeste.”



Francisca Cláudia Borges Fernandes

Assinatura do (a) Participante da Pesquisa

Francisca Veronica F. Andrade

Assinatura da Pesquisadora

Assinatura da Orientadora